

**João Carlos Pires Brigola**

**COLECCÇÕES, GABINETES E MUSEUS EM PORTUGAL NO  
SÉC. XVIII**

**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**2000**

João Carlos Pires Brigola

**COLECÇÕES, GABINETES E MUSEUS EM PORTUGAL NO**

**SÉC. XVIII**

*Faz parte da Biblioteca da  
Universidade de Évora.*

*Deposito do autor*

*17 Outubro 2001*



*120 814*

**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**2000**

**COLECÇÕES, GABINETES E MUSEUS EM PORTUGAL NO**

**SÉC. XVIII**

**Dissertação de Doutoramento em História**  
**apresentada à Universidade de Évora**

**Orientadores:**

**Professor Doutor Fernando Bragança Gil (Universidade de Lisboa)**

**Professora Doutora Maria de Fátima Nunes (Universidade de Évora)**

**VOLUME I**

## AGRADECIMENTOS

O texto que se apresenta à avaliação das autoridades académicas e científicas é, antes do mais, uma dissertação universitária. Concluí-la em tempo útil significa - na actual lógica da carreira do ensino superior - conseguir harmonizar actividade docente e investigação. Donde, ser absolutamente decisiva a forma como a organização universitária ajuda o candidato a lidar com um problema de solução nem sempre fácil, nem sempre feliz. Pude todavia, desde o início do percurso - depois do tema aceite em Conselho Científico, no ano de 1996 -, contar com condições humanas e materiais propícias ao trabalho de pesquisa. Antes do mais porque foi sempre possível programar as dispensas legais de serviço docente, sem qualquer obstáculo ou restrição. Depois, porque o Programa Prodep (a que a Universidade de Évora se candidatou) possibilitou o usufruto de interessante contributo financeiro. É, por isso, de plena justiça dirigir uma primeira palavra de profundo reconhecimento aos responsáveis pela instituição académica que me acolhe, com benignidade, desde 1991.

Ainda no âmbito institucional, afigura-se justo agradecer o excelente apoio logístico e científico do Centro de Estudos de História e Filosofia das Ciências da Universidade de Évora e do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa (aos quais me orgulho de pertencer); à Biblioteca Nacional, pela cedência de Gabinete de investigação que se revelou de uma utilidade inestimável; e ainda à Biblioteca do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, pelo imprescindível apoio bibliográfico especializado.

Correndo certamente o risco de não encarecer suficientemente a gratidão devida a tantas pessoas, gostaria de expressar aqui um sentido Obrigado, em primeiro lugar, aos meus orientadores científicos - Professores Fernando Bragança Gil e Maria de Fátima Nunes - pela atenta e laboriosa tarefa de acompanhamento da investigação e da redacção. Ao primeiro, devo ainda o raro privilégio de ter podido usufruir do saber e da experiência que fazem dele uma das mais marcantes personalidades da museologia portuguesa das últimas décadas. À segunda, nunca será excessivo identifica-la também como responsável primordial pela minha ligação profissional e afectiva à Universidade de Évora.

O Rui Afonso Costa, do CHC da UNL, fez o favor de ler todo o texto (tarefa decerto dolorosa, mas competente) em busca de erros e sugerindo pertinentes alterações e a Giovanna ajudou na tradução e corrigiu as citações em italiano.

A Dr.<sup>a</sup> Manuela Domingos, da BNL, manteve comigo muitos diálogos, sempre instrutivos e muito bem informados, sobre colecionadores e colecções. Também da mesma instituição, a Dr.<sup>a</sup> Lúgia de Azevedo Martins facilitou o acesso aos fundos manuscritos do Arquivo Histórico e aos resultados do tratamento arquivístico (ainda em curso) da correspondência oficial. A Sr.<sup>a</sup> D. Pilar Pereira, responsável pela Biblioteca do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, acolheu todas as minhas solicitações de consulta e requisição de obras e disponibilizou manuscritos ainda em fase de catalogação. A funcionária da mesma Biblioteca, Sr.<sup>a</sup> D. Fernanda, foi de uma paciência inexcedível durante os longos períodos da minha permanência. No Arquivo Nacional Torre do Tombo pude contar com o utilíssimo apoio técnico dos Drs. Paulo Cascalheira e Fátima Ó Ramos. No acesso a um dos fundos documentais mais importantes da pesquisa - o Arquivo Histórico do Museu Bocage - devo um agradecimento muito especial ao seu Director, Prof. Doutor Carlos Almaça, bem como ao funcionário diligente e prestante, o Sr. José Fernandes Pereira, que durante vários meses me proporcionaram as condições de trabalho indispensáveis. Nas investigações sobre os testemunhos dos viajantes estrangeiros, o Centro de Estudos de Línguas e Literaturas Comparadas, da FCSH/UNL, através da sua directora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Leonor Machado de Sousa, e da Dr.<sup>a</sup> Isabel Lousada, responsável pela Biblioteca, possibilitou a consulta de textos recolhidos em instituições inglesas. O Sr. Luís Pisani Burnay desvendou-me importantes referências bibliográficas sobre Conchiologia, matéria na qual é reconhecido erudito. A Dr.<sup>a</sup> Maria Estela Guedes, da Biblioteca do Museu Bocage, deu-me úteis informações sobre a biografia de Domingos Vandelli.

Do Brasil, pude contar com o prestimoso e simpático auxílio do Ronald Raminelli, da Universidade de S. Paulo, e da Dr.<sup>a</sup> Ana Virgínia Teixeira da Paz Pinheiro, Bibliotecária da Divisão de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

A Dr.<sup>a</sup> Teresa Viana, conservadora do Museu Nacional Soares dos Reis, e minha colega de 'militância' associativa na APOM (Associação Portuguesa de Museologia), disponibilizou informações e bibliografia sobre o coleccionismo no Porto. O João Sampaio, meu colega no Departamento de História, é um estudioso de numismática e sobre essa matéria fez o favor de servir de competente consultor. A Marta Lourenço,

investigadora do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, fez-me conhecedor de um texto fundamental do pensamento museológico contemporâneo. O Luís Jorge Gonçalves, da Faculdade de Belas Artes de Lisboa, ajudou-me a um melhor entendimento da 'anticomania' setecentista. O Miguel Faria, da Universidade Autónoma de Lisboa, foi um bem informado interlocutor em muitos diálogos sobre o 'complexo museológico da Ajuda', e pude com proveito colher o seu reconhecido 'faro' de bibliófilo.

Em Itália, o lusitanista Roberto Mulinacci excedeu-se em provas de amizade enviando-me todos os textos e informações que lhe fui solicitando; e Gabriella Gabrielli De Vignani, minha sogra, com sacrifício de outros afazeres pessoais ajudou-me na tradução de correspondência recebida por Vandelli, em Latim.

De muitos colegas do Departamento de História recebi palavras de estímulo e carinho. Gostaria, contudo, de nomear especialmente a Fernanda Olival e o Fernando Martins, pela amizade e solidariedade permanentes.

Por fim, especiais referências pessoais ao Fernando António Baptista Pereira, da Faculdade de Belas Artes de Lisboa e do Museu de Setúbal, a quem o tema desta dissertação muito deve, bem assim ao Prof. Henrique Coutinho Gouveia, da Universidade Nova de Lisboa, - certamente um dos espíritos mais bem informados da museologia portuguesa - com quem estabeleci gratificante convívio pessoal e intelectual.

Évora/Lisboa, Junho de 2000





***À Giovanna***



**ÍNDICE**

**VOLUME I**

**PRIMEIRA PARTE**

**Conceitos e Métodos**

**CAPÍTULO I - Questões disciplinares ..... 3**

**CAPÍTULO II - O tema e os problemas ..... 13**

**O quadro historiográfico**

**As fontes**

**Cultura científica e museus: o olhar dos viajantes estrangeiros**

**Conceitos controversos: o caso dos gabinetes de física**

**SEGUNDA PARTE**

**Do coleccionismo joanino aos museus pombalinos**

**(1706-1777)**

**CAPÍTULO III - O coleccionismo joanino ..... 39**

**O universo museológico no período joanino - entre o barroco e as luzes**

- *As colecções artísticas*
- *O coleccionismo numismático - das medalhas como documento histórico*

- 
- *O coleccionismo arqueológico - o Alvará sobre a conservação de monumentos antigos e o museu da academia da história*
  - *O coleccionismo naturalista - naturalia et mirabilia*
  - *Formulações museológicas nas obras dos modernos*

**CAPÍTULO IV - Sob o signo de Pombal - os museus de história natural e os jardins botânicos da Ajuda e de Coimbra ..... 83**

**O quadro cultural e o movimento das ideias - teorias e práticas museológicas**

**O Real Museu de História Natural e Jardim Botânico da Ajuda (1768-1777)**

- *A contratação do naturalista italiano Domingos Vandelli*
- *O local, as colecções, os fruidores*
- *A correspondência naturalista (ultramarina e europeia) com a Ajuda*

**O Museu de História Natural e o Jardim Botânico da Universidade (1772-1777)**

- *As colecções Vandelli*
- *A colecção Van-Deck*

## TERCEIRA PARTE

### Museus públicos e coleccionismo privado nos finais de setecentos (1777-1808)

#### CAPÍTULO V - Museus em tempo de viagem ..... 183

##### Museu e cultura científica na profissionalização do viajante-naturalista

- *Curso Filosófico e Conflito de Faculdades*

##### Museu, viagem e história natural na literatura museológica

- *As Instruções de Viagem*
- *"Methodo de fazer observaçoens e exames" e o "Compendio de observaçoens"*
- *A "Memoria sobre a utilidade, e uzo dos Muzeos d'Historia Natural" ou a 'sciencia dos muzeos'*

#### CAPÍTULO VI - Viagem, ciência, administração ..... 245

##### O Real Museu de História Natural e Jardim Botânico da Ajuda - anatomia de um complexo museológico e científico

- *A condução administrativa e científica da Ajuda na década de oitenta - o papel do jardineiro-chefe Júlio Mattiazzi*
- *O regresso de D. Vandelli e de A. R. Ferreira e a reorganização administrativa e científica da Ajuda - entre o critério ministerial e o desempenho dos profissionais*

- *Um estudo de caso - Frei José Mariano da Conceição Veloso e a colaboração dos naturalistas-amadores com a Ajuda*
- *As colecções - do inventário à exibição*
- *'Patentear os Estabelecimentos' - a abertura aos públicos; projectos de ensino; intercâmbio técnico-científico*
- *Relações com instituições científicas europeias - da permuta ao saque*

**CAPÍTULO VII - O coleccionismo privado ..... 401**

**Coleccionadores e colecções**

- *Os Gabinetes de aristocratas e de eruditos (Angeja, de Visme, Balsemão, Vasconcelos, Cáceres, Araújo, Rey, Sampaio)*
- *Os Gabinetes de eclesiásticos (Caetano do Bem, Mayne, Cenáculo)*
- *Os Gabinetes de Medalhas e Antiguidades (Vidal e Livraria Pública)*

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

..... 499

**FONTES E OBRAS DE CONSULTA**

..... 507

**I - Fontes manuscritas**

**II - Fontes impressas e obras de consulta**

## VOLUME II

ANEXOS

I - Instituições museológicas setecentistas - fichas de registo .....	3
II - Colecções, gabinetes, jardins botânicos e museus (1768-1808) - quadro de relações .....	81
III - Actividades e funções atribuídas pela coroa ao real museu e jardim botânico da Ajuda - o <i>Livro de Registo dos Decretos</i> (1791-1810) .....	83
IV - Correspondência de Domingos Vandelli com personalidades e instituições científicas europeias (1765-1811) .....	89

APÊNDICE DOCUMENTAL

I - Domingos Vandelli, <i>Saggio del Museo di Domenico Vandelli. Padova</i> (1763) .....	93
II - Domingos Vandelli, <i>Representação à Junta da Fazenda da Universidade para se construirem armários no Museu de História Natural</i> (1780) .....	101
III - Domingos Vandelli, <i>Memorias sobre a utilidade dos Jardins Botânicos, e Muzeos d'Historia Natural</i> [1785] .....	103



**IV - Relação dos manuscritos que faltarão no Cartorio do Museu de Historia Natural, e Jardim Botânico da Ajuda [16 de Novembro de 1837] ..... 111**

**V - Coleções, gabinetes, jardins botânicos e museus em Portugal - o testemunho dos viajantes estrangeiros (1700-1900) ..... 117**

**PRIMEIRA PARTE**

**CONCEITOS E MÉTODOS**



**CAPÍTULO I**  
**QUESTÕES DISCIPLINARES**



*"Museology is not a science of museums, i.e. institution-centred, (...) a new centre has to be found. We must find the central problem, a phenomenon if possible, and only then shall we start to see the logic in our otherwise chaotic number of centrifugal and centripetal forces. Without that analysis and the results it may bring, we shall continue holding endless discussions on whether museology is a science or not. To tell you the truth, I could not care less. It is simply there. And when you want it to be taught at a university, you certainly claim that it is".*

Tomislav Sola, 1992

## **QUESTÕES DISCIPLINARES**

1. A ideia de que em Portugal, ao longo do séc. XVIII, não teriam existido verdadeiras realizações museais (coleções privadas ou museus de iniciativa institucional) encontra-se mais divulgada do que se poderia supor, mesmo em alguns meios universitários ligados à história, à história da arte e à literatura. Esta ocorrência encontra expressão no facto de os raros estudos de conjunto elaborados nos últimos anos - quase exclusivamente firmados em fontes secundárias - terem revelado óbvias dificuldades heurísticas, exibindo, talvez por esta limitação documental, uma dimensão narrativa pouco ambiciosa <sup>1</sup>.

A desvalorização historiográfica do tema *museológico* é igualmente comprovável pela quase total ausência de referências nas sucessivas histórias de Portugal que, desde a monumental história 'de Barcelos' (1928-1938) até à dirigida por José Mattoso (1992-1993), se têm vindo a editar, bem como no facto de não ser matéria de publicação habitual nas revistas especializadas da

---

<sup>1</sup> Vide M. Matilde Pessoa M. Figueiredo, *Dos museus e coleções de Lisboa. Estudos-Teses. Elementos inéditos. Bibliografia*, 1980; Madalena Bráz Teixeira, *Os primeiros museus criados em Portugal*, 1985; *idem*, *Primórdios da investigação e da actividade museológica em Portugal*, 2000; e Isabel M. Martins Moreira, *Museus e monumentos em Portugal. 1772.1974*, 1989.

área das ciências humanas e sociais, sabendo-se como não tem sido possível até hoje assegurar a publicação periódica de uma revista de estudos museológicos <sup>2</sup>. As razões de tal alheamento podem ser múltiplas mas relacionam-se em grande medida com o facto de ser muito recente entre nós o estatuto universitário da museologia ou, se se preferir a designação anglo-saxónica, dos *museum studies*.

De facto, há um fundamento indiscutível nesta asserção quando se confronta a débil produção de textos originais no âmbito dos antigos cursos de conservadores de museus (leccionados no Museu Nacional de Arte Antiga) <sup>3</sup> com a qualidade metodológica e conceptual já atingida por recentes dissertações de doutoramento e de mestrado em *museologia histórica* <sup>4</sup>.

Deve ser lembrado, porém, que mesmo nas escolas de maior produção teórica nesta área (inglesa, francesa, italiana e norte-americana) os estudos modernos sobre a história das colecções <sup>5</sup> começaram a surgir aproximadamente há década e meia <sup>6</sup>, sendo significativo que a revista de

---

<sup>2</sup> Encontra-se entretanto anunciada a edição de uma revista intitulada *Museologia - an international journal of museology*, da responsabilidade do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa (1º número, Verão de 2000).

<sup>3</sup> Estes estudos são consultáveis, mediante autorização, na Biblioteca do MNAA. Um dos raros textos centrados na história das colecções que apresenta, ainda hoje, um indiscutível interesse para futuras investigações, é o de Maria Teresa Viana, *Os museus do Porto no séc. XIX*, CICM, 1972.

<sup>4</sup> Referimo-nos em particular à tese de doutoramento de Henrique Coutinho Gouveia (1997) e às teses de mestrado de Paula Leite Santos (1996) e Clara Camacho (1999) todas apresentadas à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da UNL.

<sup>5</sup> "La storia del museo è stata indagata, a partire dall'inizio del Novecento, da D. Murray (*Museums, their History, their Use*, Glasgow, 1904) e J. von Schlosser (*Die Kunst-und Wunderkammern der Spatrenaissance*, stampato a Lipsia nel 1908) e, nel dopoguerra, da alcune 'storie del collezionismo', che restano strumenti generali di inquadramento, nonostante i limiti e le forzature caratteristici di lavori molto ampi e condotti su terreni non ancora sondati in profondità. In particolare il volume di Taylor (F.H. Taylor, *The Taste of Angels: a History of Collecting from Ramses to Napoleon*, Boston, 1954), G. Bazin, *Le temps des musées*, Liegi, 1967 (....)" (A. Lugli, *Museologia*, 1992, p. 97).

<sup>6</sup> Cfr. O. Impey e A. Macgregor, *The origins of museums. The cabinet of curiosities in Sixteenth-and Seventeenth-Century Europe*, 1985; K. Pomian, *Collectionneurs, amateurs et curieux. Paris, Venise: XVIe - XVIIIe siècle*, 1987; Adalgisa Lugli, *Naturalia et mirabilia. Il collezionismo enciclopedico nelle Wunderkammern d'Europa*, 1990; Alessandra Mottola Molfino, *Il libro dei musei*, 1991; Paula Findlen, *Possessing Nature*.

referência em língua inglesa - o *Journal of the History of Collections* - tenha ganho corpo apenas na década de noventa.

Com a conhecida e honrosa exceção da Universidade checa de Brno (a primeira a institucionalizar o ensino e a investigação em museologia), a recepção universitária a estes novos conteúdos disciplinares foi conseguida muito lentamente em todo o espaço europeu, sendo relativamente recentes, por exemplo, os casos da Escandinávia <sup>7</sup> e da Espanha <sup>8</sup>, como recentes são três das reuniões científicas internacionais que mais eco obtiveram entre os investigadores da realidade museológica setecentista: *L'anticomanie. La collection d'antiquités aux 18e et 19e siècles* (Montpellier-Lattes, 1988), *Visions of Empire: voyages, botany, and representations of nature* (Los Angeles, 1991), e *Les Musées en Europe à la veille de l'ouverture du Louvre*, (Paris, 1993) <sup>9</sup>.

Também nos E. U. A., na *University of Southern California* de Los Angeles, sobrevieram sérias resistências quando ali se delineou, em 1981, um programa de post-graduação para conservadores. A sua responsável, Selma

---

*Museums, collecting and scientific culture in Early Modern Italy*, 1996; e Dominique Poulot, *Musée, Nation, Patrimoine. 1789-1815*, 1997.

<sup>7</sup> Nos inícios dos anos noventa a Universidade sueca de Umea, a propósito da introdução da Museologia nos seus planos curriculares, convocou uma reunião científica internacional para debater a oportunidade e o sentido dessa opção (Cfr. *Papers in Museology*, 1992). Para o caso italiano, em que foi pioneira a Università Internazionale dell'Arte (privada) de Florença, nos anos setenta, consulte-se A. Lugli, *ob. cit.*, 1992, pp. 107-109.

<sup>8</sup> "Realizar su presentación, conseguir que esta especialidad disciplinar sea recibida, admitida y reconocida como una de las ciencias humanas y sociales más activas de los últimos tiempos, es parte de la tarea que nos proponemos. (...) En este sentido, nos cupo la responsabilidad personal de estructurarla, programarla e impartirla como pioneros hace más de diez años en la Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Belas Artes" (Luis Alonso Fernandez, *Museología. Introducción a la teoría y práctica del museo*, 1993, pp. 13-14). No entanto, o pioneirismo é igualmente reivindicado por outro docente da mesma universidade madrilena: "El estudio que presentamos a continuación es fruto de una larga experiencia como Profesora Titular de la disciplina de Museología, adscrita al Departamento de Prehistoria de la Universidad Complutense de Madrid. Dicha disciplina tuvo, por primera vez, un reconocimiento académico en los planes de estudio que se pusieron en marcha a finales de los años setenta" (Francisca Hernández Hernández, *Manual de Museología*, 1994, p. 9).

<sup>9</sup> Esta última teve uma representação portuguesa através de F. A. Baptista Pereira que apresentou o estudo *Le rôle de l'Église dans la formation des premiers musées au Portugal à la fin du XVIII siècle*.



próprio meio universitário: "A pesar de lo atractivo y fascinante de este reto, era completamente consciente de que ni los profesionales del entorno del museo, ni los historiadores de arte, los científicos o los etnólogos comprometidos con el medio universitario estaban preparados para aceptar los estudios de la Museología como una vía legítima (y menos aún, necesaria) de especialización dentro de la Universidad" <sup>10</sup>.

Hoje, são os próprios organismos responsáveis pelos museus estatais que incentivam a colaboração com as universidades <sup>11</sup>, de acordo aliás com o percurso normal de aceitação de novos saberes em constituição que ultrapassam, como bem evidenciou Tomislav Sala, o universo físico do Museu: "museumology is not a science of museums, i.e. institution-centred" <sup>12</sup>.

2. Muito por força do paradigma de arrumação disciplinar vigente no nosso mundo académico pode-se estar, todavia, a correr o risco de 'sectarizar' a museologia que se investiga e que se ensina, tomando-a cientificamente refém do discurso dominante nos departamentos responsáveis pela sua leccionação. Cremos que seria desejável, por isso, adoptar uma perspectiva que respeitasse a transdisciplinaridade de saberes que se entrecruzam na museologia - fonte estimulante da sua abertura epistemológica tanto às tipologias museais das ciências sociais e humanas (história, arte, arqueologia,

---

<sup>10</sup> "Presentación" a Luis Alonso Fernandez, *ob. cit.*, 1993, p. 9. "After more than hundred years many workers in the museum field still reluctantly accept the idea of museumology as an autonomous academic discipline typically related to the field of museums at the one hand and the collection-related subject-matter at the other" (Peter van Mensch, *Towards a methodology of museumology*, 1992, p. 5).

<sup>11</sup> Algumas passagens da actual Lei Orgânica do Instituto Português de Museus (decreto-lei n.º 161/97, de 26 de Junho) são assaz reveladoras do que hoje se exige ao protagonismo universitário: "Para cumprir as tarefas que lhe são cometidas, deve o IPM privilegiar (...) as relações com os diversos ramos do saber, pois não só a especialização é cada vez maior, quer nos sectores científico e técnico, quer no das artes, como também o âmbito do exercício museológico se ampliou de forma evidente e irrecusável" (Introdução); "Para a prossecução das suas atribuições, compete ao IPM (...) q) fomentar o desenvolvimento da investigação, designadamente nos domínios da história, história de arte, etnologia, arqueologia, musicologia, museologia e da conservação, em articulação com as universidades e outros centros de investigação" (Artigo 3º).

<sup>12</sup> *What is museumology?* 1992, p. 14.

etnologia) quanto às das ciências exactas e da natureza (ciência e técnica, história natural) <sup>13</sup>.

Questão que importa equacionar neste novo quadro de pesquisa em museologia é o das consequências epistemológicas da crescente autonomia dos saberes que servem de suporte ao estudo das colecções, envolvendo a análise dos processos de recolha e exibição dos objectos, o seu carácter projectual e a sua 'espessura' temporal. Fenómeno que Peter van Mensch defende ser inerente à própria história da museologia enquanto ciência em formação, descrevendo-o como "an emancipation process involving the breaking away of museology from the subject-matter disciplines and the profiling of its own cognitive orientation and methodology" <sup>14</sup>.

Ou seja, de acordo com esta leitura, áreas do conhecimento como a história cultural, a história das ciências, a história da arte, a antropologia, ou as ciências da natureza ao emprestarem o seu aparelho conceptual à museologia teriam não só contribuído para a solidez científica da nova disciplina como estariam agora, elas próprias, a trilhar um novo caminho cognitivo e metodológico no interior do universo *museal*, distinto da matriz original.

Hipótese sugestiva que carece de exigente comprovação tanto mais que são conhecidos os argumentos da corrente de pensamento que se opõe à consideração *científica* da museologia e que prefere - como a italiana Adalgisa Lugli <sup>15</sup> - vê-la antes como "l'ossatura di un insieme di teorie, di norme e di esperienze che fanno della museologia un coacervo di voci, di studi e di progetti, piuttosto che una disciplina che vuole rigidamente orientare il percorso del museo" <sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> Cremos ser justo recordar aqui o combate de ideias travado desde a década de setenta pelo Professor F. Bragança Gil em defesa da institucionalização universitária dos estudos museológicos, e sobretudo da sua desejável autonomia departamental (Cfr. *Museologia: ciência ou apenas prática do Museu?*, 1993)

<sup>14</sup> *Towards a methodology of museology*, 1992, p. 5.

<sup>15</sup> Adalgisa Lugli (1948-1995), autora do fundamental estudo sobre o coleccionismo enciclopédico: *Naturalia et Mirabilia* (1990) e sobre o problema da 'plástica' em terracota: *Guido Mazzoni e la rinascita della Terracota nel Quattrocento* (1990).

<sup>16</sup> *Museologia*, 1996, p. 30. Vide igualmente os autores citados por Natália Correia Guedes, *Museologia e comunicação*, 1994, 1º vol; e os debates no âmbito do ICOFOM (International Committee for Museology) e publicados nos seus *Study Series*, n.º 4, 1995.

Contudo, corroborando a crescente especificidade das diferentes incursões disciplinares na museologia, tem-se verificado na historiografia tradicional a ausência de fontes e de métodos adaptados ao estudo da história dos museus tratando-se mesmo, para alguns, de aventura em *terra incognita*. Orfandade de instrumentos hermenêuticos - incluindo o vazio lexical do campo semântico do *museal* - que já obrigou à reinvenção de neologismos para compensar o *déficit* de linguagem <sup>17</sup>.

3. No âmbito da renovação dos estudos museológicos a que actualmente se assiste entre nós, irrompem difusas propostas de hierarquização nas prioridades de pesquisa, provenientes quase sempre de meios exteriores às universidades. Segundo esta perspectiva - que na ausência de terminologia mais adequada poderíamos apelidar de 'pragmática' e 'tecnocrática' - a história das colecções deveria ceder o passo aos estudos centrados no trabalho de museu.

O que pretendemos não é naturalmente contestar a importância - e a urgência - de tais estudos, para mais em contexto de definição de uma rede nacional de museus, de investimentos vultuosos previstos na remodelação de alguns dos museus 'de influência', e de crescente profissionalização dos seus quadros. Refuta-se sim a ideia de museu como câmara de tesouros, como templo ou laboratório, unicamente reservado a uma investigação especializada, quase um retorno anunciado à *museografia*.

Note-se que mesmo em museus de tipologia científica, como os de história natural, a interrogação sobre a historicidade das suas colecções é considerada imprescindível, atendendo por exemplo aos actuais projectos sobre a biodiversidade. É o que explica que os seus ideólogos sejam conduzidos a interrogar-se sobre o destino dos materiais etnográficos e naturalistas recolhidos por James Cook, ou o dos exemplares zoológicos colectados por Darwin durante a viagem do *Beagle*, ou ainda as grandes

---

<sup>17</sup> Cfr. María Bolaños, *Historia de los museos en España*, 1997, pp. 7-8.

coleções paleontológicas reunidas no século passado, pelos norte-americanos Cope e Marsh <sup>18</sup>.

A aceitar-se como válida a ideia de que "la museologia ha come fundamento la storia del museo. (...) La museologia si appoggia alla storia della collezione" <sup>19</sup>, então uma das linhas de orientação a seguir pelas teses e monografias académicas, catálogos de exposições e artigos especializados terá forçosamente de salientar esta dimensão, ou seja, a de entender o museu com uma instituição central da cultura. Local onde confluem ideias sobre as sensibilidades, o gosto, o saber científico de uma época, onde se surpreende as tendências colecionistas dos seus protagonistas, as suas relações com o Poder e com a Sociedade.

A história cultural - pela sua vocação em elaborar construções sincrónicas das representações e das imagens de uma 'cultura unitária' <sup>20</sup> - poderá a nosso ver constituir o instrumento de análise mais adequado para concretizar este programa científico. Alargado que seja o conceito de fonte documental a áreas mais vastas do que as tradicionais <sup>21</sup>. Mas essa é matéria que reservamos para as páginas seguintes.

---

<sup>18</sup> Giovanni Pinna, *Fondamenti teorici per un museo di storia naturale*, 1997, p. 40.

<sup>19</sup> A. Lugli, *Museologia*, 1996, pp. 34 e 40.

<sup>20</sup> Cfr. Howard Singerman, *Storia culturale*, 1996, p. 320.

<sup>21</sup> No caso de Espanha, María Bolaños elenca a seguinte tipologia documental: "crónicas sobre el destino de tal o cual colección, inventarios de legados y compras, la escueta introducción histórica que precede al folleto de un museo, el artículo de un estudioso sobre tal o cual gabinete, las alusiones perdidas en trabajos de outra índole que comentan de paso algún episodio museístico, el documento legislativo de determinada fundación, o el catálogo conmemorativo que algún establecimiento publica com motivo de su aniversario" (*ob. cit.*, 1997, p.7).



## **CAPÍTULO II**

### **O TEMA E OS PROBLEMAS**

- *O quadro historiográfico*
- *As fontes*
- *Cultura científica e museus: o olhar dos viajantes estrangeiros*
- *Conceitos controversos: o caso dos gabinetes de física*



*"La muséologie, science qui s'applique à tout ce qui concerne les musées, leur histoire, leur mission et leur organization, est née au XVIII e siècle".*

Germain Bazin, 1967

## **O TEMA E OS PROBLEMAS**

### ***O quadro historiográfico***

1. Factores vários, que a seu tempo tentaremos aclarar, têm impedido um conhecimento mais preciso da história das ideias e das realizações museológicas em Portugal no séc. XVIII, em período balizado pelo início do reinado de D. João V (1706) e pela instalação da Corte no Brasil, por força da invasão das tropas napoleónicas (1808), - tempo longo de uma época que se convencionou designar por primeira fase da Museologia portuguesa <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> "O projecto de criação do Museu Naval Português, a instituição do Panteão Nacional e das Academias de Belas-Artes (1836), juntamente com o Museu Portuense, representam os marcos do segundo período museológico, a que logo a seguir se acrescenta o Museu de Artilharia (1842). (...) Definem-se, assim, três grandes períodos da museologia em Portugal: o primeiro, das origens até à criação do Museu Portuense e à extinção das ordens religiosas; o segundo, oitocentista, até à instauração da República e à supressão dos bens da Igreja e da Coroa, que reverteram em benefício das novas instituições civis, que, no terceiro período (1910), se criam ou reestruturam" (Madalena Braz Teixeira, *Os primeiros museus criados em Portugal*, 1985, p. 186); "As preocupações sentidas na época [séc. XVIII] proporcionariam também aos museus um vasto campo de aplicação, servido por uma metodologia e técnicas próprias e com uma acentuada repercussão nos planos científico e sócio-económico. Considera-se portanto que o período museológico oitocentista corresponde, no caso português, a uma segunda fase da evolução desse sector institucional." (Henrique Coutinho Gouveia, *Museologia e etnologia em Portugal. Instituições e personalidades*, 1997, 1º vol., pp. 31 e ss.).



O tema, e o período em particular, não têm merecido - no quadro da história da cultura e da museologia histórica - senão uma atenção marginal da parte dos investigadores, razão pela qual se torna forçoso recorrer aos contributos historiográficos de outras disciplinas e de outros saberes, quase sempre inseridos na área das ciências humanas e sociais.

É o caso da história da colonização, a qual tem vindo a produzir contributos essenciais para a compreensão do papel desempenhado - no âmbito da estratégia de *naturalismo económico* definida pela Coroa na segunda metade de setecentos <sup>2</sup> - pelos museus de história natural e jardins botânicos na preparação e condução das expedições científicas aos territórios ultramarinos (M. E. Madeira Santos <sup>3</sup>; W. J. Simon <sup>4</sup>; L. Collor Jobim <sup>5</sup>; Ângela Domingues <sup>6</sup>).

Também da história da arte e das ideias estéticas têm surgido estudos sobre as colecções artísticas, que se podem já hoje considerar como clássicos, bem como - sobretudo dos autores mais recentes - pistas muito estimulantes a propósito dos *riscos* da reforma pombalina dos estudos científicos, da componente de desenho e gravura naturalistas cultivados na Casa do Risco do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda e, ainda, dos colecionadores eclesiásticos (J. Augusto-França <sup>7</sup>; M. Sousa Franco <sup>8</sup>; M. Braz Teixeira <sup>9</sup>; José Alberto Machado <sup>10</sup>; F. A. Baptista Pereira <sup>11</sup>; Miguel Faria <sup>12</sup>).

---

<sup>2</sup> Cfr. José Vicente Serrão (Introd. e dir. de), *Domingos Vandelli - Aritmética política, economia e finanças*, 1994, p. 21.

<sup>3</sup> *Viagens de exploração terrestre dos portugueses em África*, 1988, 2.<sup>a</sup> ed.

<sup>4</sup> *Scientific expeditions in the Portuguese overseas territories (1793-1808) and the role of Lisbon in the Intellectual-Scientific Community of the late Eighteen Century*, 1983.

<sup>5</sup> *Os jardins botânicos no Brasil colonial*, 1986.

<sup>6</sup> *Viagens de exploração geográfica na Amazónia em finais do século XVIII: política, ciência e aventura*, 1991; *As remessas das expedições científicas no norte brasileiro na segunda metade do século XVIII*, 1992; *Um novo conceito de ciência ao serviço da razão de estado: a viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira ao norte brasileiro*, 1992.

<sup>7</sup> *A arte em Portugal no séc. XIX*, vol. I, 1966.

<sup>8</sup> *Dos Museus e Colecções de Lisboa. Estudos - Teses. Elementos inéditos. Bibliografia*, 1980, BMNAA (Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga); *'Riscos das*

Apesar das evidentes dificuldades em lidar com a matéria histórica e da escassa abertura à cumplicidade interdisciplinar, os textos de arquitectura paisagista que se debruçam sobre os jardins botânicos revelam, mesmo assim, alguma utilidade para o nosso campo de análise (M. Azevedo Coutinho <sup>13</sup>; Ana Soares e Teresa Chambel <sup>14</sup>). Do domínio da antropologia, ao invés, provêm alguns dos estudos de maior consistência analítica e fulgor interpretativo, verdadeiramente inseridos na moderna concepção de museologia histórica (H. Coutinho Gouveia <sup>15</sup>).

No entanto, é na história das ciências - em autores com formação em ciências físicas e naturais - que devemos procurar o mais persistente e numeroso núcleo de estudos publicados nas últimas décadas. A geração mais antiga teve, aliás, o grande mérito de manter a chama acesa da memória museológica, através das biografias dos nossos mais destacados protagonistas da *philosophia natural* (Domingos Vandelli, Alexandre Rodrigues Ferreira, Abade Correia da Serra, Félix de Avelar Brotero), e das referências às instituições a eles ligadas (sobretudo os museus e jardins botânicos da Ajuda e

---

*obras da Universidade de Coimbra*. O valioso álbum da reforma pombalina, 1983. No primeiro dos textos a autora assina Maria Matilde Pessoa de Magalhães Figueiredo.

<sup>9</sup> *Os primeiros museus criados em Portugal*, 1985; *Primórdios da investigação e da actividade museológica em Portugal*, 2000.

<sup>10</sup> *Um coleccionador português do século das luzes: D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, Arcebispo de Évora*, 1985 .

<sup>11</sup> *Le rôle de l' Église dans la formation des premiers musées au Portugal à la fin du XVIII siècle*, 1995.

<sup>12</sup> *O desenho em viagem*, 1992; *Os estabelecimentos artísticos do museu de história natural do palácio real da Ajuda e a viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira*, 1992; *José Joaquim Freire (1760-1847) desenhador militar e de história natural. Arte, ciência e 'razão de estado' no final do antigo regime*, 1996.

<sup>13</sup> *O Jardim Botânico da Ajuda. História da sua evolução. Estado presente do jardim. Projecto de remodelação*, 1948.

<sup>14</sup> *Jardim Botânico da Ajuda. História/Inventariação/Proposta de Recuperação do Material Vegetal*, 1995, vol. 1.

<sup>15</sup> *Aspectos das relações entre Portugal e Angola no domínio museológico - as viagens de exploração científica setecentistas*, 1991; *A evolução dos museus nacionais portugueses. Tentativa de caracterização, Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*, 1993; *Museologia e etnologia em Portugal. Instituições e personalidades*, 1997.

da Universidade de Coimbra). Ainda que numa perspectiva positivista da história das ciências, este esforço de divulgação documental constituiu, a nosso ver, a resistência mais eficaz ao apagamento da memória prosseguido pela tradição historiográfica liberal em relação a algumas das personalidades e instituições científicas do *Ancien Régime* português (A. Pires de Lima <sup>16</sup>; Abílio Fernandes <sup>17</sup>). À geração actual ficamos a dever a bem fundamentada monografia, a tentativa de síntese global, e a inovadora problematização (Rómulo de Carvalho <sup>18</sup>; F. Bragança Gil <sup>19</sup>; Carlos Almaça <sup>20</sup>).

Confrontados com o quadro historiográfico que acabámos de sumariar, tomámos como orientação metodológica o levantamento sistemático de todos estes contributos, tentando reintegrá-los numa interpretação global e coerente -

---

<sup>16</sup> *Três cartas inéditas de Brotero a Cavanilles*, 1946; *O jardim botânico da Faculdade de Ciências*, 1949; *O doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, 1953; *Ainda o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, 1954.

<sup>17</sup> *Felix de Avelar Brotero e a sua obra*, 1944; *Desavenças e desditas de Brotero*, 1945; *Quatro cartas inéditas de Brotero para o conde da Barca*, 1945; *O conflito entre Brotero e Monteiro da Rocha*, 1949; *Novos dados sobre os conflitos de Brotero*, 1950; *Uma carta de Brotero*, 1953; *Uma carta inédita de Brotero para Correia da Serra*, 1976; *José Francisco Corrêa da Serra como naturalista*, 1976; *Carta de jubilação de Brotero na cadeira de botânica e agricultura da faculdade de filosofia da universidade de Coimbra*, 1980; *História do ensino da botânica em Portugal*, 1980; *História da botânica em Portugal até finais do séc. XIX*, 1986-1987.

<sup>18</sup> *Relações entre Portugal e a Rússia no século XVIII*, 1979; *A actividade pedagógica da academia das ciências de Lisboa*, 1996; *A história natural em Portugal no século XVIII*, 1987; *O material didáctico dos séculos XVIII e XIX do Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa*, 1993.

<sup>19</sup> *Museus de ciência - preparação do futuro, memória do passado*, 1988; *Museologia: ciência ou apenas prática do museu?*, 1993; *Museus de ciência e técnica*, 1993; *Museu de ciência da Universidade de Lisboa. Sua caracterização à luz da museologia das ciências*, 1994.

<sup>20</sup> *Museus de zoologia e investigação científica*, 1985; *A zoologia e a antropologia na escola politécnica e na faculdade de ciências da universidade de Lisboa (até 1983)*, 1987; *As colecções de conchas em gabinetes e museus de história natural portugueses*, 1989; *Alexandre Rodrigues Ferreira e a exploração histórico - natural do Brasil*, 1992; *A expedição filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira no contexto histórico-natural da sua época*, 1992; *Bosquejo histórico da Zoologia em Portugal*, 1993; *A natural history museum of the 18th century: the royal museum and botanical garden of Ajuda*, 1996.

buscando uma síntese assumidamente interdisciplinar - a partir da matriz conceptual da história da cultura <sup>21</sup>.

### **As fontes**

2. Pretendemos, igualmente, que um dos objectivos deste estudo seja o de facultar um roteiro de fontes manuscritas, dispersas sem critério aparente pelos arquivos nacionais, e de fontes impressas, normalmente fora dos circuitos de consulta dos historiadores e dos museólogos. A minuciosa listagem final de fontes (pecando, porventura, por excessiva) no caso dos arquivos e dos artigos do periodismo científico, não visa senão este propósito documental. Criou-se também em Anexo, com este desígnio, uma Ficha de Registo para cada uma das instituições museais citadas. Moldada à maneira de base de dados, cada Ficha propõe um conjunto de campos caracterizadores da realidade museológica abordada, incluindo o elenco de referências bibliográficas, manuscritas e impressas <sup>22</sup>.

Por outro lado, os testemunhos dos Viajantes estrangeiros sobre o nosso universo museológico, revelando-se de uma particular importância - tanto mais que a grande maioria permanece inédita - vão divulgados em Apêndice Documental <sup>23</sup>. De início tratava-se apenas de explorar, como que uma curiosidade, estes testemunhos. Conhecia-se, apesar de tudo, uma literatura

---

<sup>21</sup> Também numa recente síntese geral da história dos museus em Espanha, a autora considerou que " la principal aspiración há sido la de ofrecer una síntesis general que, más allá de datos y pormenores, permita una comprensión de la génesis del fenómeno museístico, de su evolución histórica a través de los siglos y de los episodios más relevantes, siempre bajo el entendimiento del museo como una institución central de la cultura, como un lugar de excelencia, donde muchas conexiones encuentran su núcleo y hacen de él un depósito de valores culturales, de ideas sobre el saber, de modelos de representación" (María Bolanos, *ob. cit.*, p. 7).

<sup>22</sup> Vide *infra* vol. II, Anexo I - "Instituições museológicas setecentistas - fichas de registo".

<sup>23</sup> Vide *infra* vol. II, Doc. V - "Coleções, gabinetes, jardins botânicos e museus em Portugal - o testemunho dos viajantes estrangeiros (1700-1900)"; e João Carlos Brigola, *Coleções, gabinetes, jardins botânicos e museus em Portugal - o testemunho dos viajantes estrangeiros (1750-1900)*, 1998.

abundante sobre as personagens e seus excêntricos olhares - juízos quase sempre preconceituosos e cruéis, por vezes judiciosos e certos - sobre as polémicas apaixonadas que desencadearam, e a instrumentalização política que deles se fez (Camilo C. Branco, O. Martins, M. Bernardes Branco, M. A. Vaz de Carvalho, C. Branco Chaves). Não se desconhecia o fascínio que continuam a exercer tanto no mundo da investigação, quanto entre o grande público: as teses académicas, bem como as reedições de originais, não param de aumentar. Até mesmo eruditos estrangeiros se têm deixado encantar com a aventura enorme, mas extenuante, de os nomear, de os classificar, de os aprisionar em listas que parecem infundáveis (F. Delbosc<sup>24</sup>, A. Farinelli<sup>25</sup>, R. Macaulay<sup>26</sup>). Outros autores têm, entretanto, alimentado a expectativa (por enquanto frustrada) de que, ultrapassado o preconceito que considerava estes textos como uma espécie de sub-género literário, se procedesse ao seu estudo de uma maneira menos episódica e fragmentária<sup>27</sup>.

Na realidade, à medida que se acumulavam descrições, opiniões, ou simples referências ao colecionismo e às actividades museais, houve que aceitar a evidência: os Viajantes estrangeiros deixaram escrito, a várias mãos, um importante capítulo do *Livro dos Museus em Portugal*. Testemunhos muito desiguais, diga-se, quer na extensão e pormenor dos registos, quer na qualidade das avaliações. Contudo, a inesperada quantidade de obras impressas que para esta matéria se podem convocar - mais de sete dezenas em século e meio (1700-1850) - parece ser, em si mesmo, um dado cultural de inestimável significado. Pelo que revelam, afinal, tanto de quem observa, quanto do objecto de observação. E a lista pode, na continuidade das sondagens, vir a descobrir-se ainda mais vasta.

Aceite como fonte, cada um destes testemunhos há-de ser lido no cruzamento de múltiplas preocupações historiográficas. A primeira das quais será a de identificar as ideias sobre o saber e sobre a cultura que o autor

---

<sup>24</sup> *Bibliographie des voyages en Espagne et en Portugal*, 1896.

<sup>25</sup> *Viajes por Espana y Portugal desde la Edad Media hasta el siglo XX*, 1942-1944.

<sup>26</sup> *They went to Portugal*, 1985; *They went to Portugal too*, 1990.

<sup>27</sup> Cfr. Maurizio Fabbri, *Literatura de viajes*, p. 408.

comunga com o seu tempo e no seu espaço - porque é nesse território, material e simbólico, que se revelam as representações do Museu. Estes textos são pois, antes do mais, produtos da cultura de origem dos Viajantes, espelhos de uma época e fonte preciosa de informações. De um certo ponto de vista, um diário de viagem adquire um carácter autobiográfico parcial já que permite revelar (quase sempre inconscientemente) opiniões e juízos, preferências e propensões de carácter ideológico, cultural e moral<sup>28</sup>. Por isso se deve, pois, invocar cada singular instituição museal e confrontar o que dela sabemos, ou julgamos saber, com as leituras estrangeiras que assim nos são propostas.

De cada autor apurou-se a nacionalidade e a ocupação profissional. Se se julgasse útil desenhar o perfil do nosso Viajante, dele se diria ser homem; quase sempre de língua inglesa ou, por vezes, francesa, ou castelhana; ocupado com as artes da guerra, da diplomacia, da erudição naturalista ou da escrita. Pode-se argumentar não caberem completamente nesta categoria algumas interessantes apreciações (Abildgaard, 1794; Link, 1798; Balbi, 1821-1822; Lichnowsky, 1842; Raczyński, 1843-1845; Dora Wordsworth, 1846). No entanto, é nela que devem ser incluídos a maioria dos testemunhos e, entre eles, as mais informadas e estimulantes avaliações da realidade museológica nacional (Bombelles, 1786-1788; Collins, 1796-1801; Neale, 1808; Tollenare, 1816; Kinsey, 1827; Kingston, 1845).

No essencial, estes testemunhos constituem um precioso *corpus* documental, ajudando a fixar, com maior nitidez, a ideia que temos vindo a construir dos nossos primeiros Museus: integração dos jardins e dos edifícios na paisagem urbana, dimensão das áreas de exposição, propriedades físicas dos espécimens, métodos de classificação e de exibição, importância das

---

<sup>28</sup> Cfr. Maurizio Fabbri, *ob. cit.*, p. 408-409. Também há que ter bem presente nalgumas narrativas a falta de rigor e até a mentira, traço denunciado no séc. XVIII por viajantes mais escrupulosos: "On peut établir comme une règle générale que sur cent voyageurs, il y en a soixante qui mentent sans intérêt et comme par imbécillité; trente qui mentent par intérêt, ou si l'on veut par malice; et enfin dix qui disent la vérité et qui sont des hommes... Dans cette foule importune de voyageurs qui se mêlent d'écrire, il s'en trouve peu qui méritent d'être lus; cela n'est pas étonnant, lorsqu'on réfléchit que ce sont ordinairement des marchands, des filibustiers, des amateurs, des aventuriers, des missionnaires, etc...; l'histoire naturelle, l'histoire politique, la géographie, la physique, la botanique sont pour la plupart d'entre eux comme les Terres Australes dont on entend toujours parler mais qu'on ne découvre jamais" (Paw, *Recherches sur les Américains*, 1770, t. III, p. 199, cit. in Numa Broca, *Voyages et géographie au XVIIIe siècle*, 1969, p. 144).

colecções e sua função didáctica, discurso científico adoptado, competência e desempenho profissional dos responsáveis (D. Vandelli; Alexandre R. Ferreira; F. Avelar Brotero), ligação entre funcionamento dos Museus, situação política do país e opções ideológicas dos governantes, repercursão das invasões francesas, comparação com outras realizações europeias.

### ***Cultura científica e museus: o olhar dos viajantes estrangeiros***

3. O período histórico que nos impusemos tratar é longo. Tempo demasiado longo para poder ser lido e interpretado à luz de condicionantes históricas unívocas. De facto, as diversas correntes de pensamento que - do Barroco ao Romantismo, passando pelas Luzes - se sucederam no decorrer desta época da Museologia portuguesa, induziram as élites à aceitação de diferentes valores culturais, incluindo o gosto <sup>29</sup> e as sensibilidades, e condicionaram igualmente as suas representações mentais e intelectuais.

As concretizações práticas de cariz museológico, bem como a sua ideação teórica e projectual foram, por isso, assumindo contornos formais e conceptuais diferenciados, de acordo com as ideias culturais predominantes. É certo que em alguns museus (como, aliás, em qualquer instituição cultural) se identificam características compósitas, porque neles vingou o ecletismo de gosto e de sensibilidade, ou porque à inovação e à moda se preferiram as rotinas. No entanto, e é isso que importa sublinhar, as tendências dominantes sempre são perceptíveis, seja na tipologia das colecções, seja na organização do discurso de exibição, seja sobretudo nos fins justificativos da sua existência.

Parece sintomático, em abono do que afirmamos, que os testemunhos dos Viajantes estrangeiros sejam um espelho fiel desta realidade. Sensíveis quase sempre ao olhar da diferença, captam bem mutações por vezes

---

<sup>29</sup> Poderíamos aqui adoptar, entre outras possíveis, a definição de *Gosto* proposta por Fabrizio Lollini: "Fenomeno sociale, definibile come la tendenza a identificare (e scegliere come migliore) un ideale stilistico o formale da parte di un certo periodo storico, o di una nazione, o di una classe sociale, o al limite di individuo singolo, ma pubblico. (...) Ogni epoca storica, ogni contesto há elaborato, più o meno esplicitamente un suo proprio gusto" (*Gusto*, 1996, pp. 126-127).

imperceptíveis aos nacionais. Seguindo, então, estes olhares de alteridade desenhe-se um percurso sumário da história que pretendemos apresentar.

Uma das marca mais impressivas da leitura das referências museais, no período que se estende de inícios de setecentos à implantação do Liberalismo, é o dilatado lugar ocupado por Gabinetes e Jardins Botânicos, de iniciativa particular. Parece ser este um traço cultural que mergulha raízes no período dos Gabinetes de Curiosidades joaninos (*Gabinetes de: D. João V, Conde de Ericeira, Cardeal da Cunha, Duque de Cadaval, Marquês de Abrantes, Academia Real da História*). Muita desta experiência do coleccionismo antiquário e naturalista - de aristocratas, de clérigos e de eruditos - acabaria por perder-se, quase sem rasto, na voragem do Terramoto.

Depois, desde o dobrar do século das Luzes até à legislação liberal de oitocentos, os Viajantes confirmam-nos a longa permanência deste gosto privado de elites, que entre si se frequentam e que entreabrem portas a selectos estrangeiros. Tão seleccionados, que nem sempre os autores nos transmitem impressões pessoais, citando/copiando em segunda mão, ou confiando apenas na informação do *Almanach de Lisboa (1787-1823)*. No entanto, a condição social do Viajante, e muitas vezes o próprio facto de ser estrangeiro, facilitava o acesso pessoal a este universo reservado do coleccionismo enciclopedista - pinacoteca, antiguidades, medalheiro, produtos dos "três reinos da Natureza" jardim botânico <sup>30</sup>. Os testemunhos directos adquirem, por isso, uma credibilidade própria, contribuindo para um mais rigoroso conhecimento de algumas realizações museais: *Gabinetes de História Natural e Jardins Botânicos de Gerad Devisme e do Marquês de Angeja; Gabinete de medalhas dos padres teatinos; Museu de Frei Manuel do Cenáculo, em Beja e em Évora*.

---

<sup>30</sup> "Se o visitante tinha algum mérito - e o facto de ser estrangeiro já o era indiscutivelmente nessa época - ser-lhe-iam feitas as honras da casa. Poderia penetrar nas salas das curiosidades, onde cada coleccionador guardava as suas peças mais queridas. Eram às vezes amplos salões cheirando a bafio e a cânfora, onde se alinhavam animais embalsamados, quadros de caçadas famosas, no meio de ninhos roídos pelos vermes e os armeiros com espingardas ou santas relíquias, ou então colecções de travessas e terrinas, objectos chineses ou indianos, de marfim e de âmbar. Se os crucifixos, as conchas, as miniaturas de barcos, as caixas de esmalte e ouro tinham os seus peritos apreciadores, a moda ia sobretudo para os relógios" (Suzanne Chantal, *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*, s/d, p. 144).



Com o modelo pombalino de Ilustração, entendido à luz da teoria política do Absolutismo Esclarecido, ganham vigor as iniciativas estatais: os *Museus de História Natural e Jardins Botânicos da Ajuda* e os da *Universidade de Coimbra*. A educação filosófica do Príncipe e a reforma da Universidade explicam a urgência do ensino e difusão das ciências físicas e naturais. A observação directa dos seres e dos objectos e o experimentalismo como metodologia educativa impõem a construção de equipamentos museológicos, tomando nova dimensão o próprio conceito de Museu. Alargam-se os públicos e abrem-se portas num dia fixo da semana; sofisticam-se os equipamentos - Livraria, Casa do Risco, Laboratório, Salas de Preparação, Armazém; contratam-se especialistas estrangeiros e funcionários permanentes; organizam-se expedições científicas aos territórios continental e ultramarinos e envolve-se a nossa diplomacia na rede internacional de aquisições. Durante mais de um século serão estes, naturalmente, os espaços museológicos preferidos pelos Viajantes; a sua descrição e avaliação obrigá-los-á a apurar sensibilidade crítica, a revelar conhecimentos científicos, a comparar realidades nacionais.

Já com a sociedade liberal, factores históricos (implantação do liberalismo, extinção dos conventos e nacionalização dos bens da Igreja) e a adopção de novos valores culturais (valorização da história nacional, gosto romântico, conceito de monumento histórico-artístico) parecem conjugar-se na emergência das novas realizações museológicas percorridas pelo Viajante. Por isso, os testemunhos recolhidos nesta época - virada uma página da História nacional - introduzem-nos, também neste domínio, um mundo novo. O próprio elenco das referências, sem julgar ainda da importância relativa das apreciações produzidas, sugerem mudanças na natureza das colecções. Isto é, de par com os objectos da história natural e dos artefactos etnográficos - ancorados nos Museus da Ajuda, da Universidade, da Academia das Ciências e, mais tarde, na Escola Politécnica de Lisboa (1858) - insinua-se agora, com autonomia museal, o objecto artístico e o arqueológico. Em rigor, ele sempre lá estivera; algumas visitas a Gabinetes e Museus do período precedente denunciam a sua presença. Mas - exceptuando talvez as iniciativas eclesiásticas dos monges de Tibães e do arcebispo Cenáculo - desempenhariam pouco mais que função decorativa, ajudando a criar cenários,

sem constituírem em si mesmo uma colecção. Nem sequer o caso do Museu Allen, no Porto <sup>31</sup>, pode ser apontado como excepcional porque, sendo justamente considerado o seu fundador um esclarecido coleccionador de pintura - tal como o avaliou Raczyński em 1844: "Lisbonne ne possède pas de collection particulière qui puisse être comparée à celle de M. Allen, négociant anglais. Les tableaux sont répartis avec ordre et avec goût dans plusieurs grandes salles" <sup>32</sup> - o objecto artístico não ocupava verdadeiramente um lugar central na narrativa do Museu, como se depreende da descrição, no ano seguinte, de um Viajante inglês: "In it is a cabinet of natural history, a fine collection of medals, as also one of shells, numerous prints, paintings, and books; besides many other interesting objects". <sup>33</sup>

### ***Conceitos controversos: o caso dos gabinetes de física***

4. No que toca concretamente à matéria histórica, julgamos útil justificar algumas opções metodológicas e conceptuais. Por razões que se prendem, por um lado, à força da tradição historiográfica e, por outro, à natural associação de fenómenos culturais e científicos semelhantes e contíguos, alguns autores têm englobado nas instituições museológicas setecentistas os Gabinetes de Física, dispensando-lhes um tratamento não diferenciado.

É indiscutível que os fundamentos epistemológicos das Luzes determinaram, por igual, a *forma mentis* tanto do coleccionador de história natural ou de antiguidades e raridades, quanto a do comprador e utilizador de "instrumentos e machinas de observação e experimentação". No entanto, estamos em crer que existe uma decisiva diferença: o primeiro adquire objectos que são, em si mesmos, referentes - materiais e simbólicos - da *mundivisão* do coleccionador. Não quaisquer objectos, mas apenas os que ganham sentido à

---

<sup>31</sup> Cfr. Paula Maria Mesquita Leite Santos, *João Allen (1781-1848) - coleccionador e fundador de um museu*, 1996.

<sup>32</sup> *Les arts en Portugal. Lettres adressées à la Société, Artistique et Scientifique de Berlin, et accompagnées de documents*, 1846, pp. 384-385.

<sup>33</sup> William H. G. Kingston, *Lusitanian sketches of the pen and pencil*, 1845, 1.º vol., p. 314.



luz de um código de interpretação e reconstrução da ordem histórica e natural. E, por isso, tendencialmente, apreendidos e sistematizados em taxonomias globalizantes e racionalizadoras. O segundo, o detentor e utilizador de Gabinetes de Física (e, poderíamos acrescentar, de Laboratórios de Química ou mesmo de Observatórios Astronómicos) lida preferentemente com fenómenos físicos, ou cosmológicos. Os objectos (os instrumentos e *machinas*) mediatizam apenas a sua curiosidade científica no afã de desvendar, e comprovar, as leis da Natureza e do Universo. Não predomina aqui a lógica de entesouramento, não se idealiza a *Colecção*. Utilizando uma terminologia cara a Krzysztof Pomian<sup>34</sup>, diríamos que nos Gabinetes de Física, ao contrário da semântica coleccionista, prevalece o valor de uso, sobre o da contemplação.

Outra interpretação não parece resultar - para citar um caso exemplar - das determinações estatutárias de 1772. Diz o texto pombalino - justificando a criação do Gabinete de História Natural, enquanto estabelecimento da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra - que: "sendo manifesto, que nenhuma cousa pôde contribuir mais para o adiantamento da Historia Natural, do que a vista contínua dos objectos, que ella comprehende (...) He necessario (...) que se faça huma Collecção dos Productos, que pertencem aos tres Reinos da mesma Natureza."<sup>35</sup>

Já no capítulo referente ao Gabinete de Física Experimental, da mesma Faculdade, os Estatutos diferenciam claramente os fundamentos, sendo ele ali construído: "para que as Lições de Fysica (...) se façam com o aproveitamento necessario dos Estudantes; os quaes não sómente devem ver executar as Experiencias, com que se demonstram as verdades até o presente conhecidas (...); mas tambem adquirir o habito de as fazer (...); haverá tambem na

---

<sup>34</sup> "Une fois intégrés dans une collection, ils [les objets] deviennent des sémiophores, car leur rôle est désormais de porter les significations dont on les investit. Aussi sont-ils désormais des objets de contemplation, de délectation, d'étude. Mais ils sont de ce fait soustraits à l'usage, si l'on entend par usage la consommation ou l'instrumentalisation qui entraîne nécessairement une usure physique." (Krysztof Pomian, in Philippe Piguet, *De la collection en général, et de l'oeil du collectionneur en particulier. Entretien avec Krysztof Pomian*, 1995, pp. 50-51).

<sup>35</sup> *Estatutos da Universidade de Coimbra feitos no anno de 1772, 1773*, Título VI, Capítulo I, p. 388.

Universidade huma collecção das Maquinas, Aparelhos, e Instrumentos necessarios para o dito fim." <sup>36</sup>

Anos antes, em 1760, António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), um dos ideólogos das reformas pombalinas, já fixara - com linear clareza - o lugar científico a ocupar por estes gabinetes na educação da mocidade. Depois de se referir aos gabinetes de "couzas Naturaes", como repositórios de recursos naturais e como fonte de conhecimentos úteis, o médico português remete os gabinetes de física para "hum lugar separado e espacioso". Entrevê-se nesta partição, física e simbólica, a percepção de que estes gabinetes ocupam, na realidade, um lugar-outro na geografia dos saberes; e de que, pela sua especificidade experimental, se distanciam do carácter contemplativo dos museus: "Entramos em hum gabinete de couzas Naturaes: (...) Neste Gabinete vemos as Aves, os Peyxes, os Animaes, os Insectos, as Arvores, e as Plantas da Affrica, da Azia e da America; e pela mesma separação vamos notando os Mineraes, as Pedras, os marmores, as Pedras preciosas, os Sais, os Bitumes, os Balsamos, e as diferentes terras e barros; esta he a *Historia Natural*, e como he tão natural saber para que servem estas produções da *Natureza*, o Mestre lhes dirá as propriedades e seu uso na Medicina e nas artes mechanicas e liberaes.

Lá em hum lugar separado e espacioso vé hua Pomba pneumática, hum Telescopio, hum Microscopio, um prisma, um modelo de hum moinho de vento, hum Relogio: mostra o Mestre o uzo destes instrumentos, e de outros mais ou menos complicados; ali adquirirá o Discipulo as primeiras idéais das propriedades dos Elementos, da *Óptica*, das *Mechanicas* e da *Statica*; a curiosidade que he tão natural á puericia dotada de boa indole, o incitará a perguntar a cauza d' aquelles effeitos que ve obrar por aquelles instrumentos, e ficará informado a não ter por milagres o que são effeitos da natureza" <sup>37</sup>.

Diga-se, ainda, que o facto de em alguns textos setecentistas se utilizar indiscriminadamente os termos Gabinete ou Museu de Física não parece retirar validade aos nossos argumentos. Vem a propósito recordar o exemplo do

---

<sup>36</sup> *Idem*, Capítulo III, p. 392.

<sup>37</sup> *Cartas sobre a educação da mocidade*, pp. 161-162.

holandês Joan Joseph Solner que chegou a Portugal em 1744, e que aqui permaneceria mais de vinte anos. Destacou-se sobretudo como divulgador de Física, mas também se dedicou à venda de material experimental, fornecendo-o nomeadamente à Academia Real das Ciências. Publicitando as suas actividades na *Gazeta de Lisboa*, Solner informava o público que "Segunda - Feira 28 do corrente mez ás 4 horas da tarde, nas casas do Museo ao largo do Carmo defronte do Chafariz, principiaráõ as recreações fysicas, que há algum tempo foram annunciadas por editaes" <sup>38</sup>.

Este Museu Lisbonense <sup>39</sup> seria assim constituído por um conjunto de máquinas de Física com fins didácticos, com as quais o holandês efectuava as suas experiências em sessões públicas, periodicamente noticiadas na *Gazeta* <sup>40</sup>. O que se trata aqui é de uma vulgar confusão terminológica (contaminando por vezes o nosso campo conceptual) que, aliás, reproduz o que sucede quase sempre neste período com o binómio Gabinete/Museu <sup>41</sup>.

A favor dos que vêm considerando os Gabinetes de Física como instituições museais, tem militado um outro argumento de ordem histórica: os instrumentos e as máquinas que sustentaram o aparato experimental da Física setecentista, constituem hoje (na verdade este fenómeno é já oitocentista) preciosas colecções que enriquecem o acervo dos Museus de Ciência. Ora,

---

<sup>38</sup> *Gazeta de Lisboa*, 22 de Junho de 1790.

<sup>39</sup> Designação utilizada no Aviso da *Gazeta de Lisboa*, de 29 de Outubro de 1791, 2º Suplemento.

<sup>40</sup> "No Museo de Fysica Experimental, estabelecido ao largo do Carmo, se hão de fazer Domingo 20 deste mez varias experiencias em Hydraulica com bombas, fontes, e outras máquinas; como tambem em Optica, mostrando as propriedades dos espelhos concavos, convexos, cylinfricos e outros, e dos fogos artificiaes, por meio dos ares inflammaveis (...)" (*Gazeta de Lisboa*, 18 de Fevereiro de 1791, Suplemento). Novos avisos sobre experiências no Museo aparecem insertos nas *Gazetas* dos meses de Fevereiro a Dezembro do mesmo ano, e em Julho do ano seguinte. Rómulo de Carvalho parece fazer também uma avaliação crítica da designação de Museu aplicada a espaços de divulgação científica, que incluíam tratamentos médicos com descargas de máquinas electrostáticas, além de construção e concerto de máquinas da Física e das artes mecânicas: "Admitamos que Solner aí se instalou [nas casas do Largo do Carmo], com as suas 'máquinas de Física', anunciando-as como tratando-se de um museu onde publicamente efectuava as suas experiências" (*A física experimental em Portugal no séc. XVIII*, 1982., pp. 87-88).

<sup>41</sup> Vide distinção lexical e semântica, *infra* Cap. VII.

parece-nos aqui evidente o anacronismo. Na realidade, não podemos tomar a realidade museológica contemporânea como padrão de medida para épocas muito anteriores. Vai, aliás, neste sentido a justa observação de F. Bragança Gil quando lembra que o primeiro museu português de ciência e técnica nasceu apenas em 1971, em Coimbra, e que "a notável colecção de instrumentos do século XVIII, que hoje constitui a maior parte do acervo do Museu de Física da Universidade de Coimbra não se integrava inicialmente em qualquer instituição museológica, tendo pertencido ao Gabinete de Física da Universidade (e antes dele ao do Colégio Real dos Nobres, em Lisboa) ambos criados pelo Marquês de Pombal e destinados ao ensino experimental desta disciplina"<sup>42</sup>.

O ideal coleccionista aplicado às máquinas, seja com uma função didáctica, seja como atitude de fomento rural e industrial, emerge na França da Convenção, e corporizará a instituição de um *Conservatoire des arts et métiers*, proposto em 1794 pelo Abbé Grégoire, e finalmente tornado público em 1799.<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> *Museus de Ciência e Técnica*, 1993, p. 248. A partir sobretudo dos testemunhos dos viajantes estrangeiros, das listas do *Almanach de Lisboa (1787-1823)* e dos anúncios insertos na *Gazeta de Lisboa* é possível reconstituir o universo de detentores de Gabinetes de Física, nomeadamente: Colégio jesuíta de S. Antão; Oratorianos, no Palácio das Necessidades; Cónegos regantes de S. Agostinho, em Maфра (a partir de 1792, nas Escolas de S. Vicente de Fora); Príncipe D. José, na Ajuda; Academia Real das Ciências; V. R. de Carvalho; Marquês de Tancos; Tibério le Blanc; João Diogo de Barros Leitão Carvalhosa; Luís Baden; Desanguilheres. Veja-se sempre Rómulo de Carvalho, *A Física Experimental em Portugal no séc. XVIII*, 1982 que, a propósito do Gabinete do Palácio da Ajuda, esclarece: "Depois de longas buscas nos arquivos, na esperança de encontrarmos alguma notícia respeitante ao destino do material de Física do Gabinete Real, que deveria ter sido completo e excelente, soubemo-lo por uma leitura de acaso. No *Diário do Governo*, n.º 277, de 22.XI.1836, a propósito da nomeação de Gaspar José Marques para director do Conservatório de Artes e Ofícios então criado em Lisboa, alude-se aos bons serviços já prestados por esse funcionário em que se destaca a 'satisfatória conta que deu dos trabalhos de que foi encarregado no Rio de Janeiro [...] no concerto e limpeza das Machinas do Real Gabinete de Fysica' [...]. Isto significa que o Gabinete Real de Física foi transportado para o Brasil quando, em 1807, D. João VI e a corte se transferiram para o continente americano, para onde aliás foi levado tudo quanto apressadamente se conseguiu meter nos navios ao proceder-se àquela trágica abalada." (p. 82, nota 43).

<sup>43</sup> " 'Au nom des comités d'Agriculture, des Arts et d'Instruction publique, je viens vous présenter des moyens de perfectionner l'industrie nationale.' C'est en ces termes que l'abbé Grégoire, à la séance de la Convention du 8 vendémiaire an III (29 septembre 1794), introduit sa proposition de former un conservatoire des arts et métiers. (...) Dans le local du Conservatoire, il y aura une salle d'exposition où toutes les inventions nouvelles viendront aboutir. Ce moyen, absolument semblable à ce qui se pratique au Louvre pour la peinture et la sculpture, nous a paru très propre à féconder le génie' (...) Pour entreposer et présenter ses collections, le nouvel établissement n'aura de local qu'en 1798, lorsque Grégoire obtient l'attribution de l'abbaye de Saint-Martin-des-

O primeiro eco, em língua portuguesa, desta realização museológica é o artigo do emigrado político, e futuro ministro liberal, Cândido José Xavier nas páginas dos parisienses *Annaes das Sicencias, das Artes e das Letras*, em 1819. Sintomaticamente intitulado "Do Conservatorio das Artes e Officios de Paris, e da possibilidade de hum Estabelecimento semelhante em Portugal", este texto - pioneiro de uma linha museológica inovadora - iria ter continuidade teórica e metodológica nas páginas dos *Annaes da Sociedade Promotora da Indústria Nacional* (1822-1854), em cujo Programa se anuncia que a Sociedade haveria de constituir o seu próprio Depósito de Máquinas <sup>44</sup>.

Testemunha atenta, registando factos sociais para a construção de uma Ciência do Estado, o viajante italiano Adrian Balbi dava conta desta iniciativa no seu celebrado *Essais statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*: "Il vient de se former à Lisbonne une autre société sous le titre de Sociedade Promotora da Indústria Nacional, dans le but principal de (...) former un établissement sous le titre de *Dépôt des arts*, dans lequel on rassemblera tous les plans, dessins et modèles d'instruments et machines qui seront inventés, et qui sera ouvert au public à certains jours déterminés <sup>45</sup>".

Mas, sem perder de vista a ideia que queremos sustentar - isto é, a de que os Gabinetes de Física do período das Luzes não foram, na sua origem, verdadeiras instituições museológicas, e que o aproveitamento dos seus espólios visando a criação de depósitos com objectivos museais é já criação de época posterior - tornemos ao artigo dos *Annaes* e ao argumentário de Cândido José Xavier.

Os instrumentos e as máquinas que tinham servido, inicialmente, aos objectivos da experimentação didáctica, adquiriram com o decorrer das décadas um valor simbólico, associado à memória de um período (a reforma pombalina dos estudos científicos) que importava celebrar como exemplar.

---

Champs; l'année suivante, il est ouvert au public" (Roland Schaer, *L'invention des musées*, 1993, pp. 58-62).

<sup>44</sup> Cfr. "Programma sobre a criação da Sociedade Promotora da Industria Nacional", in *Annaes da Sociedade Promotora da Industria Nacional*, Caderno n.º 1, 1822, p. 8; e *Diario do Governo*, n.º 93, 22 de Abril de 1822, pp. 650-651; n.º 116, 18 de Maio de 1822, pp. 822-823.

<sup>45</sup> 1822, t. II, p. 82.

Logo, a historicidade desses testemunhos singulares impunham-nos como de obrigatória incorporação nos novos depósitos ideados pela museologia oitocentista: "Não ha ainda muitos annos que existia em Portugal hum principio de Collecção assaz ricco, composto de instrumentos de mathematica e de physica, de modelos de fortificação, de architectura naval, de machinas pertencentes ás artes, de comportas do famoso canal do Languedoc, e de outros objectos de interesse, que o estimavel e benemerito professor Miguel Franzini tinha mandado vir de Italia e de outros paizes para instrução dos nossos Principes, de que fôra tão digno mestre; e não poucos particulares curiosos sabemos nós que possuem em differentes generos alguns objectos interessantes" <sup>46</sup>.

Menos conhecida, mas igualmente esclarecedora, é a carta de "Hum dos seus Subscriptores" escrita de Londres, em 1819, e publicada nos *Annaes*, no ano seguinte. O anónimo autor aplaude entusiasmado o "patriotico" projecto de Cândido Xavier e acrescenta: "Na Memoria que citei, em último lugar se faz menção de huma collecção de instrumentos de mathematica, de physica, etc. que mandara vir o Snr. Franzini, mas estou bem persuadido, que se acaso existe na familia d'este; o seu benemérito filho o Snr. Marino Franzini não deixará de prestar-se a depositá-la no lugar que se destinasse para Conservatório; e por esta ocasião seja-me licito expressar quanto seria para desejar que este nosso habil engenheiro (...) quizesse animar com o seu exemplo, unindo-se com alguns dos seus emulos em talento, para dar principio á formação dos projectados Estabelecimentos" <sup>47</sup>.

Anos depois, em 1831, o Guarda Mor dos estabelecimentos da Academia Real das Ciências, Alexandre António Vandelli, recordando que o *Plano de Estatutos em que convieram os primeiros sócios* assumira como um dos fins da agremiação, "consagrada á gloria e felicidade pública", contribuir para o "adiantamento da Instrucção Nacional, perfeição das Sciencias e das Artes e

---

<sup>46</sup> *Annaes das Sicencias, das Artes e das Letras*, t. VI, 1819, Parte 1.<sup>a</sup>, pp. 100-101.

<sup>47</sup> Carta escrita em Londres, de 'hum dos subscriptores' dos *Annaes...*, t. VII, 2<sup>a</sup> Parte, 1820, pp. 54-55.



augmento da Industria Popular" <sup>48</sup>, propunha que: "Seria mui conveniente para promover a Industria Nacional e proprio do Reinado do nosso Augusto Presidente [D. Miguel] que a Academia Real das Sciencias satisfazendo aos fins que se propoz, estabelecesse á imitação das outras Nações, e da vizinha Hespanha, hum Gabinete de modelos das maquinas que tem uso na Agricultura, Artes, e Manufacturas". Vandelli argumentava a favor da urgência desta realização com o facto de que ela concorreria para o "augmento e prosperidade da nossa decadente industria assim agricola, como fabril, que tanto convem promover e animar" <sup>49</sup>. Ficaria o projecto a incorporar o património de ideias museológicas oitocentistas, já que a sua realização se revelaria naturalmente inviável em conturbada época de guerra civil (1832-1834).

Seguramente identificado com estes ideais de fomento nacional, o Ministro do Reino e ex-emigrado político em França, Passos Manuel, decreta a criação do *Conservatorio de Artes e Officios*, em Lisboa (Novembro de 1836), e do *Conservatorio Portuense de Artes e Officios* (Janeiro de 1837) <sup>50</sup>. Logo no primeiro artigo desta legislação fundadora, se previa o estabelecimento de "um deposito geral de maquinas, modelos, utensilios, desenhos, descrições, e livros relativos ás diferentes Artes, e Officios".

Estas instituições, apesar dos bem intencionados propósitos legais, gozaram apenas um simulacro de existência. As razões invocadas para tão efémera e fruste experiência museológica vão desde a inadequação para os cargos directivos dos homens escolhidos pelo ministro setembrista até à incompreensão da real importância, cultural e científica, dos *Conservatórios* manifestada pelos governantes que se sucederam a Passos Manuel: "O que faltou ao fundador do Conservatorio foi o encontrar um homem de prestígio,

---

<sup>48</sup> *Plano de Estatutos em que convieram os primeiros sócios da Academia das Sciencias de Lisboa*, 1780, p. 3.

<sup>49</sup> *Propostas do Socio Alexandre Antonio Vandelli (13 de Janeiro de 1831)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 353, "Papéis da Academia Real das Ciências", cit. in Cristóvão Aires, *Para a história da Academia das Ciências de Lisboa*, 1927, p. 414.

<sup>50</sup> Cfr. José Silvestre Ribeiro, *Historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarchia*, 1876, t. VI, pp. 380-386; 391-392.

---

dotado de energia bastante para vencer a inconstancia e a impaciencia dos seus compatriotas, e capaz de tornar em realidade um pensamento civilizador"<sup>51</sup>. Certo é que, logo em 1844, o Conservatorio Portuense das Artes e Officios seria incorporado na Academia Polythecnica daquela cidade, e o seu congénere lisboeta, com pretexto na reforma do ensino industrial de 1855, - "fica extinto (...).[e] todos os objectos ahi existentes serão entregues ao Instituto Industrial"<sup>52</sup>.

Com esta incursão procurámos fundamentar uma interpretação, naturalmente discutível, sobre a genealogia de uma ideia e de uma prática museológicas justificando, assim, a opção conceptual de - traçando-se uma nítida distinção com os oitocentistas depósitos de máquinas - não incluir os gabinetes de física na categoria de estabelecimento museológico setecentista.

---

<sup>51</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>52</sup> Cfr. Mário Augusto da Silva, *Apontamento histórico sobre museus tecnológicos em Portugal*, 1971, p. 51.



**SEGUNDA PARTE**

**DO COLECCIONISMO JOANINO AOS MUSEUS**

**POMBALINOS**

**(1706-1777)**



## CAPÍTULO III

### O COLECCIONISMO JOANINO

O universo museológico no período joanino - entre o barroco e as luzes

- *As colecções artísticas*
- *O coleccionismo numismático - das medalhas como documento histórico*
- *O coleccionismo arqueológico - o Alvará sobre a conservação de monumentos antigos e o museu da academia da história*
- *O coleccionismo naturalista - naturalia et mirabilia*
- *Formulações museológicas nas obras dos modernos*



*Museo. Nos contornos do monte Olympo na Macedónia, é um lugar consagrado às Musas. Na vida de Apollonio Thianco, escreve Philostrato, que Museo era hum lugar onde os antigos consultavam as Musas, e elas davam as respostas. Destes lugares chamados Museos, derão o nome de Museo a todo o lugar destinado ao estudo das letras humanas, como também a casas de curiosidades scientificas, como o Museo do P. Athanasio Kircher em Roma; e a livros como o Museo de Moscardo, impresso em Padua, e o Museo Historico e Fisico de João Imperial, em que o dito author dá noticias da ciencia e vida de varões illustres"*

Rafael Bluteau, 1716

## **O COLECCIONISMO JOANINO**

### ***O universo museológico no período joanino: entre o barroco e as luzes***

1. O reinado de D. João V (1706-1750) - numa tradição historiográfica moldada pela própria apologética pombalina - tem sido geralmente avaliado em termos muito críticos, sendo apodado de culturalmente frívolo e de mentalmente retrógrado. Alguns textos fundadores da moderna História da Cultura em Portugal, com especial destaque para as obras pioneiras de Joaquim de Carvalho e de J. S. da Silva Dias, têm ajudado a recentrar a avaliação do Barroco em Portugal no contexto da cultura peninsular e europeia. Estes autores destacaram sobretudo as condições de recepção e de divulgação, entre nós, das correntes de pensamento mais inovadoras, pondo em evidência que durante o período joanino - para lá, e apesar, do discurso oficial - se pôde sempre inventar e reproduzir, à margem do escolasticismo dos antigos, um pensamento moderno e cosmopolita.

Também no campo museológico, e não obstante a escassez das fontes, é possível comprovar que as iniciativas da Coroa, e de eruditos, de aristocratas e de clérigos, marcaram presença no quotidiano cultural joanino. Aqui, como noutros domínios da cultura e da ciência do séc. XVIII, a tentativa de acerto com o passo europeu não foi contribuição exclusivamente imputável à



intervenção redentora do pombalismo no sistema de ensino oficial, na metodologia pedagógica ou na edificação de novos espaços científicos.

De acordo com as características dominantes no colecionismo barroco, os principais esforços dirigiam-se, neste período, quer para obras de arte em geral, e para as pinturas em particular, quer sobretudo para a medalhística e para a arqueologia. Também é possível documentar, por um lado, o interesse crescente pela aquisição de objectos da Natureza e, por outro lado, a permanência da cultura da curiosidade, o acumular desordenado de objectos maravilhosos: a *naturalia et mirabilia*.

Destes objectos assim armazenados em gabinetes de erudição curiosa e em galerias de arte, quase mais nada restaram senão os raros testemunhos de quem os conheceu ou a, ainda pouco estudada, memória arquivística<sup>1</sup>. O caso da completa devastação do Paços da Ribeira e o dos Duques de Bragança e das colecções reais aí entesouradas parece paradigmático, ainda que não isolado no contexto da destruição de palácios na Lisboa do Terramoto<sup>2</sup>. Na verdade, o efeito conjunto do sismo e dos incêndios subsequentes mostrou-se catastrófico. No que se refere aos palácios dos Grandes do reino, incluindo os das casas da família real, José-Augusto França contabilizou trinta e três palácios destruídos<sup>3</sup>. Entretanto, em recente investigação divulga-se uma lista elaborada a partir de crítica documental mais cuidada, cuja extensão é bem ilustrativa da dimensão atingida pela catástrofe.

Assim, de acordo com o referido estudo, foram destruídos pelo terramoto e/ou pelo incêndio os palácios pertencentes às casas dos Duques de Aveiro e de Lafões, Marquesses de Alegrete, de Angeja, de Fronteira, de Louriçal, de Marialva, de Niza, de Távora, e de Valença, Condes de Atouguia, de Aveiras,

---

<sup>1</sup> "Data deste período a formação de muitas colecções e Galerias de Pintura, infelizmente perdidas na voragem dos cataclismos, e hoje apenas reconhecíveis em raros inventários" (A. Ayres de Carvalho, *Documentário artístico do primeiro quartel de setecentos, exarado nas notas dos tabeliães de Lisboa*, 1973, p. 5).

<sup>2</sup> "Depois do terremoto de 1755 ficou o paço dos duques, e o seu arredor, quasi todo destruido. (...) O que mais que tudo contrista os cultores de antigualhas portuguezas é a perda irreparavel do riquissimo cartorio ducal, que desde pouco tempo se achava reorganizado pelo prestante mestre de campo general Manuel da Maia, guarda-mór do dito archivo, e que ali (como no da Torre do Tombo) tão bom serviço soubera prestar" (Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga*, t. V, 1887, p. 93).

<sup>3</sup> Cfr. *Lisboa pombalina e o iluminismo*, 1965, p. 25.

de Castelo Melhor, de Coculim, de Lumiares, de S. Vicente, de Santiago, de Unhão, de Val de Reis, de Valadares, de Vila Flor, e de Vimieiro. Mais duvidosos ou menos repetidamente mencionados são os casos dos Marqueses de Alorna e de Cascais, Condes de Arcos, de Resende, de S. Lourenço, de S. Miguel e Condessa de Alva, além dos Viscondes de Barbacena e dos futuros Condes da Cunha, de Peniche e de Alva, senhores de Alcáçovas, de S. Cosmado, de Pancas e do Morgado de Paio Pires, entre outros da primeira nobreza. Apenas parcialmente atingidos terão sido os dos duques de Cadaval, Marqueses de Lavradio, Condes da Ponte e de Povolide, e Viscondes de Asseca e de Vila Nova da Cerveira. Escaparam seguramente à destruição os dos Condes da Ribeira Grande, de Vila Nova e do Redondo, e pode supor-se que o mesmo se tenha verificado com os dos Marqueses de Minas e de Tancos e dos Condes de Óbidos, de Oriola (Alvito), de Pombeiro e de Soure <sup>4</sup>.

Face a tão óbvios efeitos sobre a reconstituição da memória colecionista do período joanino, os acervos documentais estão hoje imbuídos de uma dupla função - "plus encore que leur fonction habituelle d'information, ces archives assument une fonction de *mémoire*, puisqu'elles tiennent lieu et place des objects, pour la plupart disparus dans le *terramoto* de 1755, dont elles constituent une sorte de 'Musée Imaginaire', la seule réalité aujourd'hui tangible d'une tentative effrénée d'imitation, voire d'assimilation de la culture européenne" <sup>5</sup>.

## **2. As colecções artísticas**

No caso das colecções artísticas, os inventários constituiriam o melhor corpo de informação para uma caracterização dos principais proprietários e das

---

<sup>4</sup> Cfr. Nuno Gonçalo Monteiro, *A casa e o património dos grandes portugueses (1750-1832)*, 1995, p. 564-565.

<sup>5</sup> M.-T. Mandroux-França, *La politique artistique européenne du roi Jean V de Portugal en direction de Paris. Sources raisonnées*, 1987, p. 112.

peças por eles adquiridas <sup>6</sup>. Contudo, a necessidade de utilização desta fonte (inventários post-mortem, mas também simples sentenças de partilhas) confronta-se, quase sempre, com a sua escassez física. "Na realidade, os inventários dos bens dos Grandes e de suas mulheres podiam defrontar-se com enormes dificuldades quando era complicado determinar a natureza dos bens envolvidos. Além disso, podiam culminar com o leilão dos recheios das casas, o que aconteceu não poucas vezes. Acresce que, embora recebessem com frequência o privilégio de juiz privativo de inventário, é certo que muitos processos se arrastaram anos a fio" <sup>7</sup>.

Apesar disso, e em relação aos raros inventários disponíveis e que contêm elencos de bens artísticos, os especialistas poderiam - depois de estudados com maior pormenor e rigor - proceder a uma análise de conjunto que contemplasse aspectos tão relevantes quanto os princípios do gosto, as motivações e interesses, as condições de mercado, os preços, os restauros efectuados, etc. <sup>8</sup>.

O universo de proprietários é, ainda assim, extenso englobando o próprio soberano, D. João V, alguns paços episcopais (Braga, Porto, Lisboa, Lamego,

---

<sup>6</sup> "Il destino della collezione è legato alla posterità del collezionista e per questo altri strumenti, come gli inventari o il testamento, risultano preziose testimonianze. Il testamento in particolare esprime, nella forma di conservazione prescelta, un ulteriore progetto che riguarda proprio l'uso pubblico o semipubblico della raccolta" (A. Lugli, *Museologia*, 1996, p. 71).

<sup>7</sup> Nuno Gonçalo Monteiro, *ob. cit.*, p. 457-458.

<sup>8</sup> Veja-se, por exemplo, Luís de Bivar Guerra, *Inventário e sequestro da casa de Aveiro em 1759*, 1952, com o acervo de pinturas elencado a pp. 99-105; *idem*, *Inventários e sequestros das casas de Távora e Atouguia em 1759*, 1954; e Francisco Vieira Lusitano, *Inventário das pinturas, que em 1758 possuía a casa dos marqueses de Penalva*, 1945, englobando 229 pinturas e 20 retratos. Veja-se também o levantamento das colecções particulares da 1ª metade de setecentos feito por M. Matilde Pessoa M. Figueiredo, *Dos museus e colecções de Lisboa. Estudos-Teses. Elementos inéditos. Bibliografia*, 1980, pp. 20-24, BMNAA (Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga). "Deverão ainda citar-se as colecções particulares dos duques de Aveiro, Marqueses de Penalva, as casas de Távora e Atouguia, dos Marqueses de Fronteira, Condes de Mangualde, Marqueses de Pombal, de Borba, Lavradio, Tancos e Alegrete bem como a de D. Diogo de Mendonça, dos quais se conhecem os inventários com indicação dos *autores*, dos *temas*, das *dimensões* e do seu *valor pecuniário*, o que constitui uma importante achega no tocante ao conhecimento das colecções e da sua mais-valia" (M. Braz Teixeira, *Primórdios da investigação e da actividade museológica em Portugal*, 2000, p. 9).

Viseu, Leiria, Miranda do Douro, Portalegre, Castelo Branco, Guarda, Funchal, Angra do Heroísmo e Coimbra), conventos, mosteiros (Santa Cruz de Coimbra e Santa Maria de Alcobaça) <sup>9</sup> e as principais casas nobres - Meneses, Abrantes, Cadaval, Tarouca-Penalva, Alegrete, Lafões, Marialva, Povolide, Atalaia, Alorna, e Aveiro - alargando-se à classe burguesa - António Varela, Francisco Mendonça, Borba e José da Silva - e a altos funcionários régios como D. Luís da Cunha <sup>10</sup>.

A colecção particular deste diplomata seria, de resto, adquirida pelo próprio rei em 1725. O contacto com o meio artístico e com os *marchands* europeus tinha-lhe proporcionado uma concepção de gosto diversa da que era habitualmente cultivada na Corte portuguesa, bem como um conhecimento apurado das regras do mercado de Arte, patente nas palavras em que evoca a compra régia <sup>11</sup>: "Para a collecção dos paineis ser mais perfeita converia

---

<sup>9</sup> "No tocante aos Mosteiros e Conventos são de destacar o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e a Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça. Nesta casa de Cister deve-se salientar uma das sacristias, inteiramente decorada, no séc. XVII, com relíquias de santos, distribuídas com gosto barroco e *legendadas* numa atitude para-museológica, o que representa uma inovação do ponto de vista do conhecimento das colecções religiosas. Além de estarem expostas acrescentou-se-lhe a *informação museográfica*. Esta câmara representa, sem dúvida, um dos mais antigos testemunhos da museologia sacra no nosso país. Depredadas pelas tropas francesas (...) abrangiam ainda a numismática, bem como algumas antiquilhas. (...) Todavia no domínio da museologia sacra, a mais importante Capela das Relíquias pode encontrar-se ainda intacta no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Erigida junto do Claustro em finais do séc. XVIII, é constituída por inúmeras relíquias, numa encenação *rocaille* de pendor classizante. Todas as peças se encontram *legendadas*, encaixadas e com vidros formando singulares vitrines. Esta sala resistiu a todas as vicissitudes do tempo, mantendo-se incólume até aos dias de hoje. Revela, no âmbito religioso, as mais avançadas técnicas de apresentação de objectos numa atitude verdadeiramente museológica" (M. B. Teixeira, *ob. cit.*, 2000, p. 11).

<sup>10</sup> "A colecção Ericeira desapareceu no terramoto, outras sobreviveram-lhe, como a Abrantes (...), como a Tarouca (que se confundiria por aliança de família com a dos Alegretes, e da qual temos um inventário de 1758, estabelecido por Vieira Lusitano, antes de se dispersarem pelos anos 30). (...) O terramoto e a Invasões Francesas são dois factos de importância certa na depredação do património artístico português - mas não nos fiemos em demasia nestas desgraças. Nem o terramoto podia destruir, nem os Franceses roubar aquilo que não existia, neste domínio de colecções de pintura que tentámos explorar. E já Raczyński nos pôs de sobreaviso, quanto à facilidade de tal desculpa perante uma real penúria nacional". (José-Augusto França, *A arte em Portugal no séc. XIX*, 1966, pp.187 e ss.

<sup>11</sup> "As pinturas e gravuras introduzidas pela sua mão, reflectem a adesão a novas temáticas de que foram exemplos as naturezas-mortas, as paisagens, e onde avultam os nomes dos pintores flamengos como rubens, Van Dyck, Paulo Bril, Brueghel, ou dos holandeses como Rembrandt, Van der Werff, etc. Paralelamente, as

comprar alguns certos mestres que me faltão e são raros. Na Haya vi hum de Vander Werve, em caza de hum Pintor que chamão Van Dyck, que representa o Descimento da Cruz. Eu não vi couza que mais satisfizesse neste genero, pelo que não pude deixar de o apressar ainda que sem esperança de o comprar; elle me pediu 4 500 florins, pode o Sr. Diogo de Mendonça, entrar em preço porque tem bom genio e paciencia para comprar mais barato, principalmente entrando sem aptetite curiozo, porque eu, se tivera dinheiro, não sei se sahiria de caza do Pintor sem o tal painel. Em Amesterdam há outro Pintor de Flores, que excede todos os que ate hoje as pintarão, elle tinha hum so acabado e como conhece o seu merecimento e não faz mais de dous em hum Verão, me pediu por elle 2000 florins. Emfim (...) de Paineis como devem ser, he so para Prinsipes, o que não obstante vi em Anvers a Galeria de Paineis de gabinete de Madame de Wait mulher que foi de hum taverneiro em grosso de vinho de Rhin que enjeitou ao eleitor Palatino 20 000 dobroes que elle offereseu por que faz gosto em os conservar" <sup>12</sup>.

Desta actividade de D. Luís como coleccionador e encomendador de obras de arte com destino aos palácios régios e aristocráticos - de que a sua correspondência é assídua testemunha - restam alguns esparsos vestígios materiais, tais como as tapeçarias flamengas encomendadas em Bruxelas a partir de 1727 e incorporadas hoje nos acervos do Palácio da Ajuda e da Embaixada de Portugal em Londres, existindo também no Museu Nacional de Arte Antiga peças de uma tapeçaria intitulada *Funções Militares* <sup>13</sup>.

---

considerações que acompanhavam as suas remessas para Lisboa denotam um conhecimento sobre o uso generalizado das cópias, bem como do mercado de Arte. Ora todas estas informações levam-nos a crer que D. Luís não só se interessou directamente pelas encomendas reais, como se considerava ele próprio um conhecedor de arte visto ter-se encarregado das encomendas e ajuizado do seu valor e preço" (Isabel C. Summavielle, *D. Luís da Cunha e a ideia de diplomacia em Portugal*, 1996, p. 147).

<sup>12</sup> Carta de 11 de Outubro de 1726, ANTT, MNE, Livro 794, apud Isabel C. Summavielle, *ob. cit.*, 1996, pp. 147-148.

<sup>13</sup> Vide Isabel C. Summavielle, *ob.cit.*, p. 153 e Anexo II, Apêndice I "A lista das encomendas existentes na documentação do Arquivo da Universidade de Coimbra e também indicada no catálogo apresentado por Zacarias d' Aça sobre fundo documental existente na família Cunha - D. Joana da Cunha em 1894 e adquiridos pelo Estado".

Quanto às colecções reais a melhor fonte coeva continua a ser a *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa* que traça um retrato panegírico da sensibilidade e do gosto do soberano, comprovados pela quantidade e, sobretudo, qualidade dos objectos artísticos adquiridos para o Paço <sup>14</sup>: "Assim não fazendo menção das tapeçarias mais finas, e de excellentes debuxos com que augmentou o grande numero das antigas de Rafael, Ticiano, Rubens, e outros insignes inventores, e debuxadores, com que se adornaõ as paredes dos seus Reaes Palacios; nem dos preciosos moveis das proçolanas exquisitas da China, de baixellas de prata fabricadas pelos mais peritos artifices, a excessiva copia de ouro, e de grandes, e brilhantes diamantes, as pinturas dos mais famosos Mestres, que celebra o Mundo; entre taõ excessiva abundancia de cousas preciosas, admiraveis, e raras, escolhidas pelo seu bom gosto, a tudo excede, como sabio, o genio dos livros, de que faz mayor estimaçaõ, do que dos grandes tributos dos diamantes, e ouro das Minas. Assim tem huma numerosa, e admiravel Livraria <sup>15</sup>, em que se vem as ediçoens mais raras, grande numero de manuscritos, Instrumentos Mathematicos, admiraveis Relogios, e outras muitas cousas raras, que occupaõ muitas Casas e Gabinetes" <sup>16</sup>

Referência muito curiosa aos projectos museológicos do monarca é a que deixou, em forma de verso, o pintor régio Francisco Vieira Lusitano. Por ela somos informados de que D. João V terá ideado a construção de um edificio

---

<sup>14</sup> "Comprovando o entusiasmo de Dom João V pelas artes e letras, Mr. de Montagnac narra à sua côrte, em officio de 1 de Dezembro de 1722, que o rei português, acompanhado de artistas e peritos, visitara a casa de campo do falecido cônsul francês Duverger, grande coleccionador de pinturas, e ali fizera aquisição de quarenta e um painéis, além do retrato que o embaixador, abade de Mornay, havia deixado em poder do referido cônsul. Sabe-se também que foram enviados ao nosso monarca, de 1725 a 1727, pelo erudito João Mariette, seu comissário em Paris, cento e seis volumes 'in folio' contendo estampas dos melhores abridores e setenta quadros originais, acompanhada tal remessa com as biografias dos artistas respectivos" (Luís Xavier da Costa, *As belas-artes plásticas em Portugal durante o séc. XVIII. Resumo histórico*, 1935, 39-40).

<sup>15</sup> "Dans le troisiême étage est la Bibliothèque du Roi, enrichie d'un très-grand nombre de bons livres, rangez dans des cabinets de noyer" (Juan Alvarez de Colmenar, *Les delices de l'Espagne et du Portugal*, 1715, p. 753)

<sup>16</sup> D. António Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, t. VIII, 1741, pp. 272-273.

que albergasse as suas colecções artísticas: "Na mente Real dispunha / O Magno Rei digno Templo, / Onde a pintura expozesse / Daquele tal graõ desenho / E de que maquina grande / Seria, julgar podemos, / Segundo entaõ indicaraõ / Seus mysteriosos verbos / (...)" <sup>17</sup>.

No campo específico da História da Arte e das Ideias Estéticas tem-se avaliado esta tendência colecionista da primeira metade do século XVIII <sup>18</sup>, como um "importante movimento que em muito [contribuiu], não só para a divulgação e conhecimento de obras, temáticas e pintores, como pelo fomento de um importante mercado, de uma nova classe de especialistas, da crítica e, paralelamente, do interesse e desenvolvimento do restauro" <sup>19</sup>.

### **3. O coleccionismo numismático - das medalhas como documento histórico**

Não se pode desligar o culto dos Monetários de uma interpretação da História aceite e divulgada predominantemente pela elite erudita: tecida por heróis individuais, e cuja geografia e cronologia de actos políticos e militares se procura estabelecer com obsessivo rigor. As moedas e as medalhas antigas são neste período, pelas suas características documentais, consideradas como

---

<sup>17</sup> *O insigne pintor e leal esposo*, 1780, p. 4.

<sup>18</sup> "Para fazermos ideia aproximada das galerias então existentes em Lisboa e das principais obras de pintura nelas contidas, assim como para ajuizarmos das que haveria nas igrejas, conventos, palaácios e habitações deve ser consultada a edição de 1753 do *Abecedario Pittorico* de Pedro Guariente, conservador do Museu de Dresde, restaurador de quadros, que residiu em Portugal nos anos de 1733 a 1736, e, havendo examinado as nossas riquezas artísticas, compôs a lista que publicou na citada edição do livro" (Luís Xavier da Costa, *ob. cit.*, 1935, p. 40).

<sup>19</sup> Nuno Saldanha, *Poéticas da imagem. A pintura nas ideias estéticas da Idade Moderna*, 1995, p. 285. Confronte-se, todavia, esta apreciação com a produzida por José Alberto Machado: "A segunda metade do século XVIII não terá provocado, em Portugal, alterações significativas, quer ao nível da apreciação relativa de autores e escolas, quer ao nível dos respectivos preços. Aliás, mal pode falar-se em evolução do mercado artístico, num país em que o coleccionismo permanecia uma actividade excepcional. Nem sequer o período áureo do fausto joanino foi assinalado pela formação de colecções esclarecidas e significativas" (*Um coleccionador português do século das luzes: D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, Arcebispo de Évora*, 1985, pp. 32-33).

fonte primordial na construção do discurso histórico<sup>20</sup>. Outros valores andavam naturalmente associados ao coleccionismo medalhístico, já que o seu exercício representava muitas vezes riqueza pessoal, e prestígio social, transmitindo uma imagem de saber e erudição. O paradigma desta atitude foi corporizada pelos monarcas absolutos europeus que entenderam os numofilácios como um recurso de propaganda política, em razão das metafóricas associações ao tema da glorificação do César, aos feitos heróicos do Príncipe, verdadeiro artífice da história do seu reino<sup>21</sup>.

O monarca português instituiu, pelo decreto real de 8 de Dezembro de 1720, a Academia Real da História Portuguesa. A ideia inicial fora a de que se escrevesse no seu seio uma "História Eclesiástica dos Reinos de Portugal" (a *Lusitania Sacra*), cuja narrativa seria sempre informada por uma Moral que os Estatutos inequivocamente enunciavam deste modo: "[Perpetuar] a memoria das acções pias, generosas, e uteis ao culto da Religiaõ, ao serviço Real, e ao bem commum de seus Vassalos"<sup>22</sup>. Os académicos joaninos lograram, todavia, alargar o âmbito do projecto original, nele incluindo a História secular e profana, mantendo assim mesmo o respeito pela verdade histórica, a qual seria estabelecida pelo critério da autenticidade documental - os "irrefragáveis testemunhos da verdade", conforme à determinação estatutária. "Mas os documentos autênticos ou 'dados' da História que invocava a Academia como critério da verdade não se cingiam aos documentos escritos; também entravam na classe dos documentos históricos os testemunhos epigráficos,

---

<sup>20</sup> "He pois medalha hum bocado de metal batido, ou cunhado, em que se vê a effigie de alguma pessoa illustre , & no revez della alguma figura, ou emblema. (...) A observação, & noticia das medalhas tem occupado a curiosidade de grandes engenhos, & com grande razão, porque nenhua cousa conserva tanto as memorias da Antiguidade, como as medalhas" (Rafael Bluteau, *Vocabulario portuguez & latino*, t. V, 1716, pp. 382-383).

<sup>21</sup> "In Europa le maggiori istituzioni in campo numismatico sono generalmente derivate dalle collezioni dei sovrani e incrementate in seguito com acquisti e donazioni di privati. In esse si conservano collezioni di monete, medaglie, pesi monetali, matrici, insegni, nonché materiale bibliografico" (Elisabetta Chino, *Musei Numismatici*, 1996, p. 217). Vide, igualmente, José Leite de Vasconcelos, *Moedas de ouro de D. João V celebradas em poesia*, 1924, pp. 14-20; e María Bolaños, *Historia de los museos en España...*, p. 108.

<sup>22</sup> "Estatutos da Academia Real da Historia Portuguesa", in *Collecçam dos documentos, estatutos, e memorias da Academia Real da Historia Portugueza*, t. I, 1721, p. 18



arquitectónicos, escultóricos, medalhísticos, numismáticos, etc." <sup>23</sup>. A numismática adquire, assim, uma relevância disciplinar que haveria de perdurar em épocas posteriores à que estamos a tratar, mantendo algum significado museológico ao longo de todo o séc. XIX <sup>24</sup>.

D. António Caetano de Sousa (1674-1759), cónego teatino e académico do número, dedicou a D. João V uma monumental *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa* <sup>25</sup>, que ficaria como uma das obras de referência na prolixa actividade editorial da Academia da História. Importa aqui lembrá-la porque nela se acham reflexões que ilustram bem os propósitos historiográficos deste académico - na linha de uma interpretação da História que acima identificámos - <sup>26</sup> e evidenciam, ao mesmo tempo, o papel que as moedas (e os selos reais, acrescentaríamos) ocupam na sua arquitectura narrativa. "Entre os venerados monumentos da antiguidade, são os Sellos huma das provas, em que funda a Historia, e a Genealogia, como em verdadeiros, e indubitaveis documentos coetanos, que mudamente representaõ a soberania, e a nobreza, assim nos Principes, como nos grandes Vassallos; a conhecer em huns o

---

<sup>23</sup> Norberto Cunha, *A desdivinização do mundo histórico no século XVIII. A Academia Real da História Portuguesa (1720-1737)*, 1991, pp. 275-276.

<sup>24</sup> "(...) les monnaies: non pas aimées, mais collectionnées et étudiées - et accessibles à tous. La vogue étonnante, et si peu analysée, de la recherche numismatique qui (pour des raisons encore insondables) commença soudain à se répandre à travers l'Italie, la France, les Pays-Bas et les provinces germanophones de l' Empire, au cours des années 1550, constitue une des vagues d' Anticomanie les plus productives de toutes celles qui, de manière récurrente, se sont abattues sur l' Europe. (...) En fait l' étude des monnaies antiques, dans les décennies qui suivirent, ne fut surpassée que par celle des textes anciens; et une bonne part de l' esprit de pénétration déployé à ce sujet - aussi bien stylistique que technique - ne fut appliqué que des siècles plus tard à d' autres domaines de la recherche antiquaire et artistique" (Francis Haskell, "Introduction", in *L' anticomanie. La collection d' antiquités aux XVIIIe et XIXe siècles*, 1992, pp. 11-12). Veja-se, também, Elisabetta Chino, *ob. cit.*, 1996).

<sup>25</sup> 1735-1748, 13 volumes, com mais 6 de *Provas*.

<sup>26</sup> Sobre esta temática consulte-se o excelente artigo de Norberto Cunha, *A desdivinização do mundo histórico no século XVIII*.....1991, e ainda Fernando Castelo-Branco, *Subsídios para a história da Academia Real da História Portuguesa*, 1971; e J. Veríssimo Serrão, *A historiografia portuguesa*, 1974, III ° vol., pp. 62-131.

illustre, e o antigo das familias, e em os outros a elevaçãõ, e a magnificencia da Magestade" <sup>27</sup>.

Depois de assim teorizar sobre a importância da Sigilografia e de revelar, com impressionante clareza, o seu conceito de história pátria, refere-se deste modo à Numismática: "São as Moedas huns documentos, com que igualmente se authorisaõ as Historias, porque por ellas se entra no conhecimento da grandeza, e poder dos soberanos, pela riqueza dos metaes, e pela diversidade dos cunhos; justificando-se tambem na antiguidade o modo, com que se ornavaõ os Escudos Reaes, e a fôrma indubitavel das Armas, que usaraõ os Reys antigos" <sup>28</sup>.

Ao historiador teatino revelara-se entretanto impossível reunir toda a colecção de moedas necessárias para ilustrar a sua *Historia genealogica*, tanto mais que se mantinham ainda as razões da depredação do nosso património cultural móvel, já apontadas no *Alvará* de 1721 sobre os monumentos antigos <sup>29</sup>: "(...) porque não só faltou a curiosidade de se conservarem as Moedas, mas tambem porque neste particular os nossos naturaes não só são descuidados, mas inadvertidos; porque achando-se em repetidas occasioens no nosso Reyno muitas Moedas, assim Romanas, como Portuguezas, e não cuidando os inventores mais, que no valor, que podiaõ tirar do ouro, ou da prata, as levaõ aos Artifices, que as compraõ para as fundirem: Assim se tem entregado ao fogo preciosas Moedas antigas, como quem não pertendia outra memoria mais, que o valor, que dellas tiraõ para satisfazer a cobiça, ou a necessidade, não bastando todos os prudentes meynos, que se tem applicado contra esta irremediavel extracção; sendo esta a causa, porque são hoje taõ raras as Moedas antigas neste Reyno" <sup>30</sup>.

O académico - em tão imperiosas circunstâncias - converte-se, também ele, num coleccionador de moedas. Com a mais elevada das motivações, ou seja a de salvaguardar e conservar testemunhos da memória colectiva, únicos

---

<sup>27</sup> D. António Caetano de Sousa, *Historia genealogica...*, 1738, vol. IV, pp. 1-2.

<sup>28</sup> D. António Caetano de Sousa, *ob. cit.*, vol. IV, p. 100.

<sup>29</sup> Cfr. *Alvará em fôrma de Ley (20 de Agosto de 1721)*, BPE (Biblioteca Pública de Évora), CXVI/2-20, fis. 161 v.º-164.

<sup>30</sup> D. António Caetano de Sousa, *ob. cit.*, vol. IV, p. 102.

e insubstituíveis, divulgando-os na sua *Historia* - "E porque o tempo não as venha de todo a acabar com o mesmo fado, que tiveraõ as que se extinguiraõ, pertendi livrar do commum estrago todas aquellas, que a minha diligencia pode conseguir, e offereço na presente Collecção das Moedas Portuguezas antigas, e modernas, à qual ajuntamos tambem todas as Medalhas, que soubemos se lavraraõ em varias occasioens para perpetuarem na posteridade as acções, que ellas representaõ(....)" <sup>31</sup>.

Caetano de Sousa não foi, todavia, o primeiro (nem o único) dos coleccionadores numismáticos na primeira metade do século XVIII. No seio da própria Academia da História, Rodrigo Anes de Sá, 1º Marquês de Abrantes (1676-1733) tinha trabalhado na especialidade de *Historia Metallica* <sup>32</sup> chegando a juntar "diversas Collecções de raras Medalhas Romanas, e outras muitas exquisitas" <sup>33</sup>. Depois da morte de Anes de Sá, o teatino conseguiu recuperar junto do 2º Marquês algumas das medalhas, bem como o Catálogo que aquele estivera a organizar como "cousa que pertencia à Academia Real" <sup>34</sup>.

<sup>31</sup> D. António Caetano de Sousa, *ob. cit.*, vol. IV, pp. 102-103.

<sup>32</sup> "Da sessão da Academia da História, de 4 de janeiro de 1725, consta que o Marquês de Abrantes, D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Meneses, se oferecera para reduzir a dois volumes, juntamente com as inscrições notaveis, as moedas e medalhas dos nossos principes. A este propósito diz o seguinte: «...das medalhas... tenho feito estampar mais de cento e vinte especies, batidas nos tres metais que significavam os Romanos, repetindo tres vezes a primeira letra do alfabeto; e em podendo continuar esta deligência, até copiar todas as moedas que ainda tenho dos nossos Reis, oferecerei a Vossas Excellencias hum como Catalogo destas especies, para que Vossas Excellencias servindo-se de o comunicar a toda a Academia, lhe possam os senhores Academicos accrescentar as moedas, ou medalhas, de que eu não tiver noticia; e d'este modo se chegue a fazer a obra competente, e perfeita». (...) (Leite de Vasconcelos, *Da numismática em Portugal*, 1923, pp. 100-101). No entanto, alguns anos antes (na Conferência de 18 de Março de 1721) já ele anunciava à Academia que se encarregava de "reduzir a dous volumes a descripção de todas as medalhas, e moedas, que se tem publicado neste reyno, depois da sua introdução no mundo; e a collecção das mais dignas das inscripçoens antigas e modernas, que pertencem a este Reyno" (*Gazeta de Lisboa*, 8 de Maio de 1721, p. 151).

<sup>33</sup> D. António Caetano de Sousa, *ob. cit.*, vol. IV, p. 104. Veja-se também o muito bem informado texto sobre a origem do "estudo methodico da Medalhistica em Portugal" de Artur Lamas, *Medalha commemorativa da instituição da Academia Real da Historia Portuguesa*, 1907.

<sup>34</sup> "Quanto à numismática baste por ora recordar a colecção preciosíssima do M. de Abrantes, que esteve empenhada em trinta e seis mil cruzados, a qual seu filho

Foi com base neste núcleo inicial que Caetano de Sousa partiu à descoberta de outros colecionadores, para com eles estabelecer uma rede de colaboração erudita. "E desejando a este precioso thesouro, de que estava de posse, ajuntar com o meu trabalho algumas Moedas, pelas quaes me fizesse merecedor de alguma parte da gloria desta Collecção, entrey a indagar quaes seriaõ nesta Corte os applicados, e curiosos desta admiravel parte da Historia, e me favoreceo tanto a fortuna, que em pouco tempo ajuntey huma grande copia de Moedas das antigas Portuguezas" <sup>35</sup>. Os numismatas contactados revelaram, por isso, generosidade e desinteresse material ao disponibilizarem moedas de grande raridade, valor mais importante - na lógica do coleccionismo - do que o preço dos metais nobres de que eram feitas - "pois estima quasi sempre hum curioso mais huma Moeda de cobre exquisita, do que hum marco de ouro. A tanto chega o valor do gosto, e da estimação" <sup>36</sup>.

Caetano de Sousa querendo deixar bem vincado o seu reconhecimento e gratidão aos prestantes colectores, divulga uma lista de colecionadores de moedas e de medalhas antigas permitindo-nos, assim, uma aproximação histórica a este universo museológico, através do cruzamento de referências biográficas, e de motivações sociais e culturais: D. Luís de Menezes (5º conde de Ericeira); D. Francisco de Almeida (da Casa de Assumar, sócio da

---

resgatou. (...) A colecção preciosa e mais rara foi a do M. de Abrantes" (Frei Manuel do Cenáculo, *As artes, as letras, e as ciências em tempo de el-rei D. João V*, 1843, pp. 266-278); "(...) Escreve a seu respeito o Conde da Ericeira «As medalhas antigas, as moedas modernas, as inscripçoens gregas e romanas, e as outras venerandas reliquias dos tempos mais escuros, tudo ficaria illustrado, se a vida lhe durasse tanto, como há-de durar a lembrança da sua vastissima erudição" Como outros eruditos do seu tempo, o Marquês formou em sua casa "com louvável profusão" um museu de raridades, entre as quais se contavam moedas e medalhas. Diz Aragão que este museu se dispersou após a morte do Marquês, mas isto não é inteiramente exacto, pois ainda em 1742, isto é, passados nove anos, o menciona Bento Morganti, chamando-lhe "grande colecção". D'ele parece que ainda existia um resto em 1865, em poder de um sucessor" (Leite de Vasconcelos, *ob. cit.*, 1923, pp. 100-101). A notícia necrológica da *Gazeta de Lisboa* termina da seguinte forma: "Director, e Academico da Academia Real da Historia, com a incumbencia de escrever a historia das medalhas, e moedas do reyno. Cavalheiro de alta capacidade, e vasta erudição" (7 de Maio de 1733, p. 152).

<sup>35</sup> D. António Caetano de Sousa, *ob. cit.*, vol. IV, pp. 105-106.

<sup>36</sup> *Idem, ibidem*, p. 106.

Academia da História)<sup>37</sup>; Dr. Nicolau Francisco Xavier da Silva (Doutor em Cânones, sócio da Academia da História)<sup>38</sup>; D. Jaime de Melo (3º Duque do Cadaval)<sup>39</sup>; Bacharel Manuel António de Lemos (Corregedor do Crime)<sup>40</sup>; José Freire Montarroyo Mascarenhas (director da *Gazeta de Lisboa*)<sup>41</sup>; Lourenço Morganti (bibliotecário do Patriarca de Lisboa)<sup>42</sup>; Padre Bento Morganti (licenciado em Cânones)<sup>43</sup>; Padre José Caetano de Almeida (licenciado em Cânones); Padre Manuel Caetano de Sousa (regular teatino, sócio da Academia da História).

Bento Morganti, um dos colecionadores mais celebrados por Caetano de Sousa, publicou em 1742 uma *Dissertação histórica e crítica* na qual, além de carrear novos dados sobre a lista do autor da *Historia genealogica*, divulga outros nomes de curiosos numismatas e proprietários de monetários, tais como

<sup>37</sup> Licenciado em Cânones pela Universidade de Coimbra, arcediogo da Sé de Viseu e depois principal da Igreja Patriarcal de Lisboa (Cfr. Teixeira de Aragão, *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, 1.º vol., 1966, 2ª ed., p. 104).

<sup>38</sup> "Bibliothecario do Serenissimo Senhor Infante Dom Antonio, engenho dos mayores que hoje conhece a Corte" (Bento Morganti, *Dissertação histórica e crítica*, 1742, pp.36-37); Cfr. Teixeira de Aragão, *ob. cit.*, p. 118.

<sup>39</sup> "Estribeiro môr de Sua Magestade, e do seu Conselho de Estado (...) lhe sou obrigado pelos copiosos socorros da sua excelente Livraria dos Manuscritos (...) tambem no seu Museo, em que conserva admiraveis cousas, tem diversas Moedas antigas, Romanas, e Portuguesas, em que se conserva huma bem rara, que vay nesta Collecçaõ" (D. António Caetano de Sousa, *ob. cit.*, vol. IV, pp. 106-107).

<sup>40</sup> "tem huma boa Collecçaõ com algumas Moedas estimaveis, e raras" (D. António Caetano de Sousa, *ob. cit.*, vol. IV, p. 107).

<sup>41</sup> "tem muitas, e tambem nellas algumas, que não saõ commuas" (D. António Caetano de Sousa, *ob. cit.*, vol. IV, p. 107). Sobre este personagem veja-se também J. S. da Silva Dias, *Portugal e a cultura europeia*, 1952, p. 329.

<sup>42</sup> "A mayor Collecçaõ, que vi, he a de Lourenço Morganti, o qual tem feito hum grande estudo nas Romanas, e as conhece com particular genio" (D. António Caetano de Sousa, *ob. cit.*, vol. IV, p. 107); cfr. Teixeira de Aragão, *ob. cit.*, p. 115.

<sup>43</sup> "excede muito a seu pay na diligencia, porque além do bem, que se tem instruido nesta utilissima curiosidade, tem feito hum grande estudo e applicaçã, como se vê do livro, que imprimio neste anno de 1737, e se verá nos que se lhe seguem: e o que he mais, que a sua habilidade executa com perfeiçaõ passar as Medalhas ao debuxo, e algumas vezes ao buril, de sorte, que devi à sua curiosidade não só ajudarme com muitas Moedas, mas com debuxar todas as que alcancey de novo, com tanta perfeiçaõ, como se vemabertas" ((D. António Caetano de Sousa, *ob. cit.*, vol. IV, p. 107).

o de Guilherme Good, escocês, assistente em casas de Alexandre de Gusmão "hum dos mais curiosos sujeitos que Lisboa tem conhecido, e o mais applicado à curiosidade das moedas e pedras antigas que hoje conhece Portugal (ou o não conhece, para fallar com mais propriedade), aonde acharia as copias em enxofre, e chumbo de quasi todo o Museo do Serenissimo Duque de Parma" <sup>44</sup>. Referências, ainda, às "pequenas Collecçoens do Desembargador Manoel Antonio de Lemos e Castro" <sup>45</sup>, e a Diogo Rangel de Macedo, Cavaleiro do Hábito de Cristo" <sup>46</sup>.

É possível consultar duas outras listas de coleccionadores numismatas elaboradas em épocas mais recentes. A primeira foi editada em 1875, na monumental *Descrição geral e história das moedas cunhadas em nome dos reis e governadores de Portugal*, de Teixeira de Aragão <sup>47</sup>. Apesar de exaustiva para a segunda metade de setecentos e centúria seguinte, limita-se a acrescentar - para a primeira metade do século XVIII - novos dados sobre alguns dos numofilácios já identificados por Caetano de Sousa e por Bento Morganti.

O autor da lista publicada em 1923, José Leite de Vasconcelos, socorrendo-se sobretudo de códices depositados na Biblioteca Nacional, identifica diferentes medalheiros. Em primeiro lugar, e seguindo uma ordenação cronológica, o que pertencia ao Padre José de Matos Ferreira, dando-o como composto de muitas moedas romanas achadas em Trás-os-Montes <sup>48</sup>. A partir de manuscrito de 1737, fica a saber-se que "o Sr. D. Antonio de Almeyda juntou em Lamego hum bom peculio de moedinhas antigas". Também um manuscrito de 1738, fala das "moedas de ouro ou medalhas

---

<sup>44</sup> Bento Morganti, *Dissertação historica, e critica*, 1742, p.35.

<sup>45</sup> *Idem, ibidem*, p. 37.

<sup>46</sup> *Idem, ibidem*, p. 38.

<sup>47</sup> A.H. de Oliveira Marques (Prefácio a Maria José Pimenta Ferro, *Catálogo de moedas portuguesas do Gabinete de Numismática da Biblioteca Nacional de Lisboa*, 1978, p. 5) afirma desta obra que: "permanece o único e grande original tratado de Numismática portuguesa em que se pode fazer fé e o alicerce, até hoje indestrutível, da pouca história monetária existente entre nós".

<sup>48</sup> Cfr. José Leite de Vasconcelos, *Da numismática em Portugal*, 1923, p. 178.

romanas que tem Valerio Pinto de Sá no seu museu natural da cidade de Braga". Este numofilácio, cujo proprietário era sócio da Academia da História, seria composto por moedas romanas, tanto do tempo da república, como do dos imperadores; moedas visigóticas; moedas das chamadas suevo-lusitanas; moedas árabes; moedas portuguesas; moedas estrangeiras, "a maior parte, ou quasi tudo foi achado nos suburbios da cidade de Braga, principalmente as medalhas romanas" <sup>49</sup>.

Julgamos detectar nestas listagens um padrão sócio-cultural, permitindo-nos traçar um pano de fundo interpretativo dos interesses e motivações destes coleccionadores. Trata-se de uma elite culta, de extracção aristocrática (Ericeira, Abrantes, Cadaval, Assumar), ou ocupando altos cargos burocráticos (desembargador, corregedor do crime, bibliotecário do Patriarca, director do jornal oficial) ou, ainda, membros destacados do Clero com formação universitária.

Apesar da maior parte dos numofilácios citados se localizarem seguramente em Lisboa, alguns sabemos-los pertença de eruditos locais, nomeadamente de Trás-os-Montes, de Lamego ou de Braga, onde muitas das peças que os constituíam eram recolhidas. A condição (quase geral) de associados da Academia Real da História Portuguesa, assegurava-lhes a sociabilidade científica - significando respeitabilidade e reputação - e transmitia-lhes a consciência de pertença comum a uma instância de consagração social apadrinhada pelo próprio soberano <sup>50</sup>. Por outro lado, o entesouramento de

---

<sup>49</sup> Cfr. J. Leite de Vasconcelos, *ob. cit.*, pp. 178-179. "Esta cidade de Braga parece, que foy Seminario de thesouros, e nos tempos antigos a mais opulenta da Europa. Há pouco tempo, que se descobriu hum do tempo dos Romanos, ainda mayor do que se publicou; agora (...) hum cantarinho de barro grosso vermelho (...) e com este misturadas mil e tantas moedas do tempo dos Godos, de ouro franco de 23 quilates, todas do tamanho da moeda de 800 reis (...). Entre elas se conheceu huma de Recaredo, na mesma forma, da que traz estampada o Chantre Severim nas suas noticias de Portugal (...). Sabemos desta porque se acha na mam do grande antiquario desta cidade Valerio Pinto de Sá que tem huma prodigiosa colecçam de moedas antigas Romanas, Gothicas, Mouriscas, e Nacionaes" (*Gazeta de Lisboa*, 17 de Novembro de 1750).

<sup>50</sup> "Principiarei por falar da Academia da História (1720), pois que todas as colecções do séc. XVIII, ainda as que já talvez provinham do séc. XVII, só as conhecemos, ou pelo menos só as conheço eu, como posteriores á fundação d'aquele instituto científico. Era tenção dos Académicos irem pouco a pouco reunindo moedas na sede da sua associação (...) de facto, ali houve moedas romanas de ouro de Trajano, Teodosio, Honorio, Justiniano (...)" (J. Leite de Vasconcelos, *ob. cit.*, p.175).

moedas e de medalhas inseria-se bem na cultura ostentatória do Barroco (partilhada pelo monarca absoluto e pelas élites), quer pelo seu valor intrínseco e comercial (pelos metais nobres utilizados, e pela raridade de algumas peças), quer simbólico (como instrumentos visuais da retórica do Poder, e como documentos indispensáveis à construção da memória edificante dos príncipes e dos grandes do reino) <sup>51</sup>.

#### **4. O coleccionismo arqueológico - o Alvará sobre a conservação de monumentos antigos e o museu da academia da história**

José Leite de Vasconcelos não teve dúvidas em atribuir ao projecto de conservação *ex-situ* de monumentos antigos, protagonizado pela Academia da História - de acordo com as determinações do Alvará real de 20 de Agosto de 1721 - a designação de "primeiro museu nacional de arqueologia" <sup>52</sup>. De facto, a importância histórica daquele diploma joanino, porque criador de doutrina ao teorizar sobre princípios de salvaguarda do património edificado e, sobretudo, de bens culturais móveis, é ainda hoje largamente enaltecida no âmbito das Ciências do Património.

O preâmbulo do *Alvará em forma de Ley* justificava a oportunidade do diploma como resposta régia à representação da Academia, cujos historiadores se viam permanentemente confrontados com a míngua de documentos antigos, facto que atribuíam à ignara acção das populações <sup>53</sup>. Na verdade, "procurando

---

<sup>51</sup> Parece significativo, neste contexto cultural, o relato inserto na *Gazeta de Lisboa* a propósito de uma medalha mandada cunhar pela Academia para servir de celebração do aniversário real: "(...) no mesmo dia offereceo a Academia ao mesmo Senhor huma medalha, semelhante à que fez o Senado de Roma em obsequio do Emperador Vespasiano, vendo-se nella esculpida de hua parte o retrato de Sua Magestade (....) E no reverso a imagem da mesma Magestade em pé, revestida do manto Real, tendo hum Sceptro na maõ esquerda, e dando a direita à Historia para que se levante (....)." (27 de Novembro de 1721, p. 384). Vide um estudo pormenorizado sobre esta medalha em Artur Lamas, *Medalha commemorativa da instituição da Academia Real da Historia Portuguesa*, 1907, pp. 57-66.

<sup>52</sup> Cfr. *Da numismática em Portugal*, pp. 96-97.

<sup>53</sup> A questão do acesso às fontes documentais foi sempre um aspecto de muita sensibilidade na actividade editorial da Academia, de tal forma que se reforçou o



examinar (...) os Monumentos antigos, que havia, e se podião descobrir no reyno, dos tempos, em que nelle domináraõ os Phenices, Gregos, Persos, Romanos, Godos, e Arabios, se achava que muitos, que pudéraõ exhibir nos edificios, estatuas, marmores, cippos, laminas, chapas, medalhas, moédas, e outros artefactos, por incuria, e ignorancia do vulgo se tinhaõ consumido, perdendo-se por este modo hum meyo muy proprio, e adequado, para verificar muitas noticias da veneravel antiguidade, assi sagrada, como Politica (...)"<sup>54</sup>.

A lei joanina dispunha, em seguida, a criminalização de comportamentos e atitudes que, activa ou passivamente, contribuíssem para a destruição dos monumentos antigos, tais como "dasattençaõ, negligencia, ou malicia". Deve ser aqui sublinhado (pela sua actualidade) o facto de o conceito de *conservação* presente no *Alvará* consignar o respeito pela ruína, já que ordena que ninguém "desfaça, ou destrúa em todo, nem em parte, qualquer edificio, que mostre ser daquelles tempos, ainda que em parte esteja arruinado"<sup>55</sup>.

Quanto à pragmatização das disposições legais, a tutela das antiguidades encontradas no território nacional passava a ser atribuição da Academia da História, sendo as Câmaras Municipais responsabilizadas pela sua

---

numero de funcionários da Torre do Tombo capazes de auxiliarem os académicos nas suas pesquisas. Das abundantes referências da *Gazeta de Lisboa* a este propósito, cite-se a de 6 de Março de 1721 pelo seu interesse: "(...) Tem-se impresso varios actos da Academia, e entre outros o Systema, que se deve observar em huma e outra historia. Os Academicos vaõ compondo varias dissertaçoes para a perfeyçaõ della, e vaõ chegando das Provincias muytos documentos, e noticias".

<sup>54</sup> *Alvará em fôrma de Ley (20 de Agosto de 1721)*, BPE (Biblioteca Pública de Évora), CXVI/2-20, fls. 161 v.º-164. Poder-se-ia proceder à hermenêutica do texto do *Alvará* buscando a presença de uma Filosofia da História tributária da concepção de antiguidades proposta por Krystof Pomian: "C'est ce que font en effet, de l'extrême Nord à l'extrême Sud de l'Europe et du XVIe jusqu'au XIXe siècle, tous ces antiquaires qui, passionés par les origines des peuples européens, étudient tout ce qu'ils croient susceptible d'en résoudre l'énigme: les langues, les usages et les coutumes, les anciens témoignages écrits, les vestiges matériels du passé, monuments et objets mobiliers. Or la question des origines ne se laissait énoncer au XVIIe siècle autrement qu'en termes de filiation, de famille et de sang car c'est en ces termes qu'on appréhendait tous les rapports sociaux. La formation d'un peuple nouveau étant quasi inconcevable (...) la réponse prenait nécessairement la forme d'un arbre généalogique. (...) c'est à la même époque que l'histoire vit le passage à la connaissance médiante: codification des règles de la critique, constitution de premières 'sciences auxiliaires' (diplomatique, numismatique, paléographie, cronologie), formulation de l'exigence de la vérificabilité des propositions portant sur le passé et de l'objectivité de l'historien" (*Les deux pôles de la curiosité antique*, 1992, p. 66-67).

<sup>55</sup> *Idem, ibidem*.

salvaguada: "encarrego ás Camaras das Cidades, e Villas deste Reyno tenhaõ muito particular cuidado em conservar, e guardar todas as antiguidades sobreditas, e de semelhante qualidade, que houver ao presente, ou ao diante se descobrirem nos limites do seu districto" <sup>56</sup>.

Dispondo de autonomia financeira que lhe provinha da subvenção real, a Academia poderia decidir-se - depois de alertada pelas autoridades locais para a descoberta de novas antiguidades - pela sua aquisição. No caso de bens mais sensíveis à depredação (lâminas de metal, chapas, ou medalhas, ou moedas de ouro, prata ou cobre), o legislador impunha a compra imediata aos particulares a fim de se evitar o seu destino mais comum, ou seja, a fusão. Exemplo curioso e ilustrativo da acção benéfica do *Alvará* na salvaguarda destes bens é noticiado no jornal oficial: "Na freguezia de Santa Christina, huma legoa distante da cidade de Braga, e duas da Villa de Guimaraens, querendo hum Camponez, chamado Antonio Rodrigues, plantar hum bacello perto de huma casa, que fez, deu com huma lagem, e levantada esta, com duas panellas cheas de medalhas Romanas dos Emperadores Dioclesiano, Maximiano, Constantino, Constancio, e dos Tyrannos Licencio, e Maxencio, todas muy bem conservadas, as quaes livrou de serem fundidas por hum ourives, a quem se tinham vendido, Thadeo Luiz Antonio Lopes de Carvalho, Senhor de Abadim, e Negrellos, Academico da Academia Real, que as participou á mesma Academia ao Excellentissimo Conde da Ericeira, e a outras pessoas curiosas da Corte, fazendo-lhes presente de algumas" <sup>57</sup>.

---

<sup>56</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>57</sup> *Gazeta de Lisboa*, 22 de Maio de 1738, p. 252. Outro exemplo noticiado pela *Gazeta de Lisboa*: "No sitio das Baralhas, limite do lugar das lapas, entre esta povoação, e a vila de Torres novas, andando huns trabalhadores cavando huma terra para meter bacêlo, se descobriram muitas moédas de metal com as efigies dos Imperadores Honorio, e Teodosio; e continuando na cava se descobriram canos, que mostravam ser de algum aqueducto, e muitos cunhaes de pedra lavrada; e finalmente se desenterráram 60 carradas de pedra, que haviam servido em hum edificio antigo, de que infere Francisco Xavier de Arez de Vasconcelos, pessoa nobre da vila de Torres novas, e das mais curiosas, e antiquarias da comarca de Santarém (que nos participou esta noticia com algumas das moédas, que se acharam) haver estado naquele sitio a Cidade de Concordia, que foy huma das Colónias, que os antigos romanos tinham na Lusitania" (16 de Abril de 1748). Vide, também, a *Gazeta de Lisboa*, 27 de Junho de 1748, sobre o achado de moedas do Imperador Constantino Magno e de D. João I, no Minho.

Este quadro legal pressupunha, naturalmente, o depósito dos bens colectados por todo o país em edifício próprio, onde se pudesse proceder à sua conveniente musealização<sup>58</sup>. Criada no ano anterior, a Academia da História via-se, deste modo, na posse de instrumentos legais capazes de evitar a contínua degradação dos testemunhos materiais da memória (escultóricos, epigráficos, numismáticos) indispensáveis ao magno empreendimento académico de narrativa histórica. A sua eficácia legislativa transparece não só das "Noticias das conferencias" constantes dos vários volumes das *Memorias*, mas também do "Livro 2.º da correspondência expedida e recebida", com farta alusões a moedas, inscrições, monumentos, etc.<sup>59</sup>.

Por outro lado, permitiu em várias regiões do país conhecer um grande número de documentos que vieram a servir de base para estudos de história local, e possibilitou ainda encontrar restos arqueológicos que, em muitos casos, puderam ser salvos da destruição, constituindo a decisão régia um estímulo para se erguer o primeiro inventário artístico do Reino<sup>60</sup>.

Diga-se, no entanto, que antes de Agosto de 1721 outras determinações legais em benefício das actividades da Academia no âmbito da salvaguarda do património cultural já tinham obtido, aparentemente, efeitos muito positivos: "Com as novas ordens, que S. Mag. passou a favor da Academia Real, se tem descubierto em varias partes do Reyno muytas inscripçoens, columnas, e vestigios de edificios antigos, de que até agora se não tinha noticia, e de que se mandaõ copias, e debuxos; e nos Cartorios muytos documentos curiosos, e importantes, de que vaõ chegando os treslasdos"<sup>61</sup>.

Daqui terá resultado, nos vinte e nove anos restantes do reinado de D. João V, a musealização de grande número de objectos arqueológicos em

---

<sup>58</sup> Ao anunciar a fundação da Academia da História, o jornal oficial indica expressamente que o soberano "nomeou huma casa no Paço da Serenissima Casa de Bragança, a donde se fez a primeyra Conferencia" (*Gazeta de Lisboa*, 12 de Dezembro de 1720, p. 400).

<sup>59</sup> Cfr. *Collecçam dos documentos, estatutos, e memorias da Academia Real da Historia Portugueza, 1721-1734*; e, Afonso do Paço, *A Academia Real da História portuguesa e a sua lei de protecção a monumentos arqueológicos*, 1958, pp. 32.

<sup>60</sup> Cfr. J. Veríssimo Serrão, *A historiografia portuguesa*, 1974, IIIº vol., pp. 71-72.

<sup>61</sup> *Gazeta de Lisboa*, 29 de Maio de 1721, p. 176.

mármore e em diferentes metais, descobertos em escavações casuais em diversas partes do país, mas principalmente no Alentejo <sup>62</sup>, e "com esses objectos formou a Academia um curioso museu arqueológico nas salas do palácio dos duques de Bragança, na rua hoje chamada do Tesouro Velho [ao Chiado <sup>63</sup>], onde se achava estabelecida. Infelizmente sobrevieram o terramoto do 1º de Novembro de 1755, e o incêndio que logo se lhe seguiu, e quasi todo o palácio foi derrocado e reduzido a cinzas, sendo consumido pelo fogo o museu de envolta com muitas outras preciosidades, que ali se guardavam, pertencentes à casa real" <sup>64</sup>.

Em 1727, o Marquês de Alegrete, Manuel Teles da Silva, ao historiar os primeiros anos de actividade da Academia Real da História Portuguesa não deixou de exaltar o "Real Decreto [de Agosto de 1721] (...) que fora servido estabelecer para remédio dos danos da ignorância, e do esquecimento, com que insensivelmente se ia perturbando, e quasi perdendo a memória que dos sucessos antigos se conservava nos bronzes, nos mármorees, nas moedas, e em todo o género de monumentos, que nos deixou a antiguidade e que até

---

<sup>62</sup> *Relatorio e mappas ácerca dos edificios que devem ser classificados monumentos nacionaes apresentados ao Governo pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em conformidade da Portaria do Ministério das Obras Públicas de 24 de Outubro de 1880, 1881.*

<sup>63</sup> Cfr. Júlio de Castilho, *ob. cit.*, t. V, pp. 93-94.

<sup>64</sup> *Idem, ibidem.* A julgar pelo documento que a seguir transcrevemos (*Carta do Duque de Lafões a Frei Manuel do Cenáculo*, 1 de Janeiro de 1786, BPE, CXXVII/1-7, Carta 1428) não só se confirma que a Academia da História se encontraria a funcionar (apesar de ter notoriamente perdido o prestígio do período joanino) como a sua sede de sempre, o Palácio dos Duques de Bragança, ao Chiado, na rua depois designada por Tesouro Velho, apesar dos efeitos do sismo, ainda era projectada pelos governantes para ela ali se voltar a instalar, dividindo os espaços com a recém fundada Academia Real das Ciências de Lisboa: "Está mandado Lavrar o Decreto para que se nos de a p.te que escolhermos do Palácio do Thezoiro e nelle (bem que m.to Danificado) faremos preparar Sala p.<sup>a</sup> as confer. as para o Muzeo e Bibliotheca. Mas no meyo de tanta gloria, ficamos ameaçados novam. te da união da disparatada (...) Antiga Academia da Historia Portugueza". Alguns anos antes, o anúncio do restabelecimento da Academia da História já tinha sido motivo de preocupação para os fundadores da Academia das Ciências: "Não tenha receios por conta da nossa Academia, por que vai durando como até agora; e ainda que a de Historia Portugueza venha a restabelecer-se como dizem, não creio que disto possa provir algum damno a nossa" ("*Carta do Visconde de Barbacena para D. Vandelli*, 1 de Fevereiro de 1783", in Cristóvão Aires, *ob. cit.*, 1927, p. 90).

agora se tinham livrado da tirania do descuido e do tempo" <sup>65</sup>. Nesta linha de celebração do "Augusto Legislador", Alegrete invocava a utilidade pública que seguramente esta Lei continuaria a ter no futuro, já que os homens sempre haveriam de buscar "remédio para a brevidade da vida na duração da memória" <sup>66</sup>.

Na realidade, a utilidade e actualidade da lei seria reconhecida, já na centúria seguinte, pelo *Alvará com força de Lei* de 4 de Fevereiro de 1802. Considerando em vigor as disposições de 1721 - "o qual Alvará Mando novamente publicar para se pôr em inteira e plena observancia" <sup>67</sup> - o Príncipe Regente D. João retomava oficialmente uma nunca interrompida tradição da museologia setecentista. Só que agora, extinta a Academia da História, o testemunho seria entregue à Real Bibliotheca de Lisboa (a Livraria Pública instalada no Terreiro do Paço desde 1796), a ela cabendo a tarefa de formar "huma grande Collecção de Peças de Antiguidade e raridade" <sup>68</sup>.

### **5. O coleccionismo naturalista - *naturalia et mirabilia***

Procurando demonstrar quanto recuava no tempo o interesse dos portugueses pela *Philosophia Natural*, o naturalista Baltazar da Silva Lisboa (1761-1840) - discípulo de Domingos Vandelli na novel Faculdade pombalina - afiançava que no reinado do Senhor D. João V "haviaõ alguns particulares, que para mostrarem o seu gosto, e inclinaçaõ aos estudos da Historia Natural, tinhaõ pela continuaçaõ de alguns annos ajuntado muitas produçoens da Natureza para enriquecerem os seus Muzeus (...) como (...) o do Conde de

---

<sup>65</sup> Manuel Teles da Silva, *Historia da academia real da historia portuguesa*, 1727, p. 320.

<sup>66</sup> *Idem*, p. 323.

<sup>67</sup> *Colecção da Legislação Portuguesa. Desde a ultima compilação das ordenações (1800-1807)*, 1807 e *Gazeta de Lisboa*, 6 de Março de 1802.

<sup>68</sup> *Idem, ibidem*. Tratamos esta realização museológica com maior pormenor *infra* Cap. VII.

Ericeira, [que] continha muitas coizas pertencentes á Historia Natural com huma boa colleção de medalhas" <sup>69</sup>.

A atracção pelo universo da natureza é, de facto, detectável entre os coleccionadores joaninos, tanto quanto entre os seus contemporâneos peninsulares e europeus <sup>70</sup>, tipificando bem valores culturais e aspirações colectivas em trânsito (do barroco às luzes) e ilustrando a irrupção de interrogações científicas de tipo novo. Mas, nesta primeira metade de setecentos não estamos ainda em presença, entenda-se, da gramática museológica enciclopedista e iluminista, cujas regras a seu tempo tentaremos desvendar. Aqui, nestes pequenos gabinetes privados, impera a desordem, tão ao gosto maneirista, na exibição dos *naturalia et artificialia*. O ambiente da colecção, fruto de recolhas não especializadas, vive de uma grande ideia, de um grande e utópico desígnio - reconstituir o universo numa só sala. Microcosmos magicamente apartado da realidade, cujo centro físico imaginamos ocupado pelo próprio coleccionador, tal como é pictoricamente representado em inúmeras alegorias de origem flamenga <sup>71</sup>.

A aspiração à síntese (perseguida desde a Antiguidade), entre Arte e Natureza, conduz estes gabinetes de curiosidades (a *wunderkammer* alemã, ou a *camera di meraviglie* e o *studiolo* italianos) ao entesouramento extravagante de objectos raros e monstruosos. A cultura da curiosidade neles revia as anomalias da Natureza, explorando um efeito visual que exaltava o prodígio da Criação. Alguns julgam vislumbrar, afinal, neste olhar maravilhado um dos momentos altos do conhecimento, uma aventura intelectual na qual "il

---

<sup>69</sup> *Discurso historico, politico, e economico dos progressos, e estado actual da Filozofia Natural Portugueza, acompanhado de algumas reflexoens sobre o estado do Brazil*, 1786, pp. 15-16.

<sup>70</sup> Cfr. Maria Bolaños, *ob. cit.*, pp. 107 e ss.; Kriysztof Pomian, *Collectionneurs, amateurs et curieux. Paris, Venise: XVIe - XVIIIe siècle*, 1987, pp. 143 e ss; Paula Findlen, *Possessing Nature. Museums, collecting and scientific culture in Early Modern Italy*, 1996.

<sup>71</sup> "Au début du XVII e siècle apparaît à Anvers un genre pictural singulier, inauguré par Frans Franken le Jeune et Jan Bruegel de Velours, et cultivé ensuite par de nombreux artistes flamands: la peinture de cabinets, représentation à la fois descriptive et allégorique des lieux de collections. Ce phénomène reflète l'extraordinaire développement du collectionisme dans cette ville florissante, où il est encouragé par les Habsbourg" (Roland Schaer, *L'invention des musées*, 1993, p. 20). O Museu do Prado, Madrid, é particularmente rico neste género pictórico.

gusto della rarità e l'apprezzamento estetico convivono miracolosamente col bisogno di conoscere i grandi fenomeni della natura in un irripetibile punto di equilibrio tra arte e scienza" <sup>72</sup>.

6. Entre nós, a personalidade que melhor interpretou este coleccionismo pioneiro e experimental, antes mesmo dos investimentos de prestígio do rei Magnânimo, terá sido precisamente D. Francisco Xavier de Menezes (1673-1743), 4.º Conde da Ericeira, seguindo aliás os passos de seu pai, D. Luís de Menezes (1632-1690). Na realidade, o autor do *Portugal Restaurado*, já em meados do século XVII, tinha iniciado no Palácio da Anunciada, na Paróquia de S. José, em Lisboa, um Gabinete de curiosidades naturais, <sup>73</sup> bem como uma biblioteca que chegou a possuir mais de quinze mil volumes e que se achava ornamentada com globos e instrumentos matemáticos, e com colecções de antiguidades e de numismática.

Os Menezes possuíam ainda uma preciosa galeria de pintura, onde se viam representados Correggio, Tiziano, Rubens e Le Brun. A decoração - na qual se teriam envolvido, segundo relatos da época, os nomes de Bernini (autor da célebre fonte do Palácio) e de Le Nôtre - ostentava um gosto requintadamente barroco, de acordo com a atmosfera intelectual que ali se respirava, nomeadamente em matéria literária <sup>74</sup>.

O Padre António Carvalho da Costa, descrevendo em 1712 "as casas feytas no anno de 1530" e que seriam "humas das melhores de Lisboa",

---

<sup>72</sup> Cfr. Adalgisa Lugli, *Naturalia et mirabilia. Il collezionismo enciclopedico nelle Wunderkamern d'Europa*, 1990, p. 9.

<sup>73</sup> Fazendo em 1742 (1ª ed.) o roteiro dos mais importantes gabinetes de história natural, Desallier d'Argenville, (*La conchyologie ou Histoire Naturelle des coquilles...*, t. I, p. 320) escrevia que "On distingueit (...) à Lisbonne le cabinet du feu Comte d'Ericiera, Chef de l'Académie de cette Ville & pere du Viceroi des Indes orientales. Outre sa bibliothèque & les médalles qui étoient en gran nombre, il possédoit en histoire naturelle des choses rares & qui méritoient d'être recherchées par les amateurs". Veja-se também I. Vilhena Barbosa, *Museus criados em Portugal até ao fim do século XVIII*, 1903, pp. 26-35.

<sup>74</sup> Cfr. Ofélia Paiva Monteiro, *No alvorecer do 'Iluminismo' em Portugal: D. Francisco Xavier de Menezes, 4.º Conde da Ericeira*, 1962, p. 194.

introduz-nos sugestivamente nos espaços vivenciais dos coleccionadores. Aqui, o ambiente parece recreado em função de um ideal bem vincado de vida e de cultura; a arquitectura, a decoração, os interiores e as áreas verdes harmonizam-se num todo coerentemente informado por uma opção estética e filosófica: "Tem huma entrada magnifica, entrandose por hum claustro de columnas com huma fonte no meyo, primeyro a hum quarto bayxo, aonde há grutas, e fontes para a comodidade do Estio, e a melhor livraria de Portugal pelo numero, e selecto, adornada de Globos, e instrumentos Mathematicos, medalhas, e outras antiguidades. Por aqui se desce a hum espaçoso jardim com huma fonte feyta por Berino, que se tem pela melhor de Espanha. Fóra do jardim há huma grande rua cuberta de redes, e cheia de passaros, e da outra parte de arvores, e hortas deliciosas. No quarto alto, a que se sobe por hua sumptuosa escada, se vem quatro quartos diferentes adornados de preciosos moveis, e excellentes pinturas, e todos se terminaõ em hum bellissimo eyrado de obra Mosaica com varias fontes, e estatuas" <sup>75</sup>.

O nome dos Ericeira tem sido também associado ao movimento literário e científico das Academias eruditas - que culminaria em 1720 com a fundação da Academia da História, à qual D. Francisco de Menezes estaria intimamente ligado <sup>76</sup> - e esta dimensão não pode ser separada do incentivo ao gosto pelo coleccionismo que as comunicações dos estudiosos sempre estimulava <sup>77</sup>. Na

---

<sup>75</sup> *Corografia Portugueza, e Descricçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal*, 1712, t. III, p. 438. "A mais célebre colecção particular seiscentista é a dos Condes da Ericeira, no Palácio das Portas de Santo Antão, à Anunciada. Tinha este palácio 120 compartimentos, 10 pátios, galeria com 200 pinturas de célebres mestres espanhóis, franceses, italianos, flamengos, holandeses, entre ao quais Ticiano, Cornegio, Le Brun, Rubens; possuía magnífica livraria que, no dizer de João Baptista de Castro, se compunha de 18.000 volumes impressos, 1000 colecções de papéis vários, cartas de marear dos primeiros descobridores ds nossas conquistas, etc.; continha também uma colecção numismática, museus de curiosidades e antiguidades e talvez a mais notável colecção de armas de Lisboa de então. O terramoto arrasou-o" (M. Matilde Pessoa M. Figueiredo, *Dos museus e colecções de Lisboa. Estudos-Teses. Elementos inéditos. Bibliografia*, 1980, p. 18, BMNAA, Biblioteca do Museu Nacional de Arte Antiga).

<sup>76</sup> "(...) instituindo a Magestade do Senhor Rey D. Joaõ o V. a Princeza de todas as Academias na *Academia Real da Historia Portugueza, Ecclesiastica, e Secular*, (...) fez ao conde a grande merce de ser o primeiro, a quem deo a noticia depois de ter ideado esta maravilha literaria com o P. D. Manoel Caetano de Sousa Clerigo Regular (...) (D. José de Barbosa, *Elogio do illustrissim. e excellent. senhor D. Francisco Xavier Jozé de Menezes. IV conde da Ericeira*, 1745, pp. 30-32).

<sup>77</sup> Cfr. I. Vilhena Barbosa, *ob. cit.*, 1903, , pp. 28-29.



verdade, as novas preocupações científicas que conduziam os eruditos mais atentos aos movimentos intelectuais europeus ao combate contra a "vã especulação" encontram-se já bem representadas nas sessões da Academia Portuguesa, reunida no Palácio da Anunciada, e amplamente divulgadas nas páginas da *Gazeta de Lisboa*, pela pena de outro académico e coleccionador, José Freire Montarroyo Mascarenhas: "O Conde da Ericeira querendo fazer communicavel a sua universalidade em toda a literatura, e dirigir os corações, e os discursos às virtudes moraes, e às sciencias, tirando destas as especulaçoens inuteis, instituhio no seu palacio hum congresso de pessoas eruditas com o titulo de Academia Portugueza (....). As assembleias começãrão em 26 do mez de Mayo, e se continuaõ todas as quartas feyras de tarde. Em cada huma há sempre huma lição de Filosofia moral, outra de Filologia. Assumptos para dissertaçoens, Mathematicas, Phisicas, Moraes e Criticas, e para versos. Questoens sobre a lingua Portugueza, e hum extracto das noticias literarias da Europa. Na primeyra fez o mesmo Conde como Secretario della hum erudito discurso sobre a sua introdução, em que tambem explicou a sua fórma; (....) houve varios discursos, e versos e argumentos, e experiencias. O Emin. Senhor Cardeal da Cunha assistio em publico a ambas as assembleas, em que se achãrão tambem as pessoas mais illustres, e doutas da Corte" <sup>78</sup>.

Apesar da dificuldade em documentar com rigor todos os temas e problemas científicos tratados nesta Academia ericeriana, podemos afiançar com relativa certeza que os campos de estudo deviam estar abertos não só à matemática, à física, e à astronomia, como igualmente à zoologia. De facto, a partir do *Catalogo das Obras prontas para a impressaõ*, divulgado por D. José de Barbosa <sup>79</sup>, sabemos que D. Francisco de Menezes apresentou uma comunicação, lida numa das conferências, intitulada *Dissertação, em que se prova que, a Abbada he o verdadeiro Unicornio, com o que os Authores disseraõ, ou verdadeira, ou fabulosamente*. Ora, Rafael Bluteau identifica no

---

<sup>78</sup> *Gazeta de Lisboa*, n.º 23, 10 de Junho de 1717.

<sup>79</sup> Cfr. D. José de Barbosa, *ob. cit.*, pp. 93-102. Consulte-se, igualmente, em adenda à *Henriqueida*, pp. 156-159 das Notas, a "Bibliotheca Erikeriana, com Catalogo dos Livros Impressos, e manuscriptos que compuzeraõ os Condes da Ericeira..." que regista três volumes de *Tratados Scientificos*, da autoria do 4.º Conde.

seu *Vocabulario* a 'abâda' como um animal semelhante ao rinoceronte<sup>80</sup>, o que pode testemunhar o significativo interesse de Ericeira pelas ciências da natureza, de par com a evidente preocupação moderna em destruir lendas e mitos, como os aqui relacionados com o maravilhoso unicórnio, portador de prodigiosa felicidade<sup>81</sup>.

Os dados da formação intelectual de D. Francisco de Menezes parecem, assim, confirmar o seu genuíno interesse - mais do que erudição diletante - pela *Philosophia Natural* e pelo coleccionismo de *naturalia et mirabilia*<sup>82</sup>. Interesse que assume pose de humana vaidade quando, em inestimável nota marginal a um texto poético, o criador se deixa surpreender a divulgar a sua criação museológica: "(....) Não só esta especie de Alumen plumen, como chamaõ os Boticarios, se conservaõ em muitos gabinetes de raridades, mas nas do meu Museo tenho papel pardo, e hum pão ligeiro que não podem queimarse (....)"<sup>83</sup>.

7. Coligindo elementos que lhe permitissem comprovar a curiosidade pela história natural, entre nós, nas primeiras décadas do século XVIII, Rómulo de Carvalho<sup>84</sup> - não fazendo qualquer alusão aos textos ou ao Gabinete de D. Francisco Xavier de Menezes - detecta os primeiros traços de uma tendência

---

<sup>80</sup> *Vocabulario portugues e latino*, t. I, 1712, p. 7.

<sup>81</sup> Cfr. Ofélia Paiva Monteiro, *ob. cit.*, p. 207. Da sua biografia é significativo destacar também a condição de sócio da Royal Society de Londres, tal como é referido na notícia necrológica da *Gazeta de Lisboa*, nº 53, 31 de Dezembro de 1743, p. 1052.

<sup>82</sup> "Este titular, depois de ter venerado largos anos a arca santa da peripatética, passou-se com armas e bagagens para o campo cartesiano. É de crer que os seus ideais estéticos não tenham sido estranhos à viragem das suas concepções filosóficas. Mas seja como for, devemos ver nesta, além da evolução pessoal de um homem, a prova do desanuvamento geral de uma sociedade. O Conde aproveitou algumas vezes a consideração de que gozava no Paço, para introduzir ideias ou insinuar reformas proporcionadas à sua ilustração e tendências científicas modernizantes. Ninguém lho levou a mal, o que prova que na Corte de D. João V não havia só a boçalidade dourada descrita nas crónicas jacobinas." (J. S. da Silva Dias, *Portugal e a cultura europeia*, p. 333).

<sup>83</sup> *Henriqueida*, 1741, Nota 502, p. 92 das Notas.

<sup>84</sup> *A História Natural em Portugal no século XVIII*, 1987.

intelectual, protagonizada por naturalistas e coleccionadores europeus, que haveria de se acentuar com o decorrer do século: o interesse científico pela fauna, flora e geognose da Lusitânia e dos seus territórios coloniais. A nossa flora em particular despertara já no século anterior a atenção do médico alemão Gabriel Grisley que possuía um horto botânico em Lisboa. Tendo reconhecido a importância médica e farmacológica desta iniciativa, D. João IV, em Alvará de 8 de Maio de 1652, ordenava aos seus vedores da fazenda que passassem os despachos necessários para que o médico alemão pudesse usufruir a horta a que se referia na sua petição, para plantar nela as ervas *de que trata pella commua utilidade do Reino*. (...) <sup>85</sup>. Grisley publicaria em 1661 a obra *Viridarium Lusitanicum* que ficou a constituir a nossa primeira Flora <sup>86</sup>.

Depois desta data, os documentos permitem mencionar com segurança o médico e botânico francês, Joseph Pitton de Tournefort (1656-1708), que aqui esteve estudando a flora autóctone, ainda nos finais do século XVII, e de que resultaria o estudo *Denombrement des plantes que i'ay trouvé en Portugal en 1689* <sup>87</sup>; os celebrados naturalistas gauleses Antoine e Bernard de Jussieu, que realizaram, provavelmente em 1717, herborizações <sup>88</sup>; o médico e boticário francês Jean Vigier que em 1718 fez traduzir para português a sua *Historia das*

---

<sup>85</sup> Cfr. Sousa Viterbo, *A jardinagem em Portugal. Aportamentos para a sua história*, 1908, pp. 16-17.

<sup>86</sup> "Consta da enumeração de 1618 plantas, com as respectivas frases descritivas, por ele colhidas nas cercanias de Lisboa e além e aquém Tejo. A estas foram adicionadas 204 extraídas de outros autores que as mencionavam para Portugal, elevando-se assim o número a 1822" (Abílio Fernandes, *História da botânica em Portugal até finais do séc. XIX*, 1986, 2º vol., pp. 875-876). Este *Jardim da Lusitânia* permaneceria aliás a única (se se não considerar nesta categoria o manual didáctico de Vandelli intitulado *Florae Lusitanicae et Brasiliensis specimen*) até 1804, quando Félix de Avelar Brotero publicou a sua *Flora Lusitanica*. Por empenho de Domingos Vandelli, a obra de Grisley seria reeditada pela Academia Real das Ciências de Lisboa, em 1789.

<sup>87</sup> Cfr. Abílio Fernandes, *ob. cit.*, 1986, 2º vol. p. 876. "Tournefort est un botaniste déjà célèbre en Europe lorsqu'il entreprend, avec le dessinateur Claude Aubriet (vers 1665-1742), ce *Voyage du Levant* (1700-1702) dont il a laissé une relation remarquable à tous égards" (Y. Laissus, *Les voyageurs naturalistes du Jardin du roi et du Muséum d'histoire naturelle: essai de portrait-robot*, 1981, p. 263).

<sup>88</sup> "(...) le duc d'Orléans, régent de France, envoie Antoine de Jussieu dans la péninsule Ibérique sans préciser davantage ce qu'il y devra faire. Il lui est simplement enjoint 'd'aller, avec le nommé Aubriet, dessinateur, rechercher des plantes rares et utiles dans les Alpes, les Pyrénées, l'Espagne et le Portugal, durant un voyage [Julho de 1716- Junho de 1717] de cinq à six mois" (Y. Laissus, *ob. cit.*, 1981, p. 271).

*Plantas da Europa e das mais uzadas que vem de Asia, de Africa & da America*, confirmando o generalizado interesse pelo conhecimento das plantas que havia na época, entre nós; e, finalmente, o médico naturalista suíço Carlos Frederico de Merveilleux o qual, a convite do próprio D. João V, aqui aportou em 1723 vindo da Luisiana e que, depois de empreender uma viagem científica através do nosso território, redigiria para o soberano diversas memórias sobre História Natural<sup>89</sup>.

Este acontecimento seria aliás considerado suficientemente importante para ser divulgado, mais de uma vez, no jornal oficial da Corte de Lisboa - "Mons. Merveilleux (...) vay correr todo o Reyno de Portugal, para fazer a descripção das plantas, e de tudo o mais, que pertence à historia natural Portugueza, com hum largo ordenado, e ajudas de custo, que Sua Mag. como Protector que he das sciencias lhe assinou (...). Mon. Merveilleux examinou todas as raridades naturaes da Serra de Cintra, e a admiravel fonte, que está no alto do monte do Castelo com muitos subterrâneos antigos, onde achou uma Agata Oriental, persuadindo-se a que poderá haver minas de semelhantes pedras. Trouxe as plantas mais raras, que vay offerecendo a Sua Mag. com as suas descrições; e observou ser de mulher hum osso de extraordinaria grandeza, que se guarda na Quinta, que foy do grande D. João de Castro (...)." <sup>90</sup>

Desta experiência portuguesa resultaria, em 1738, o relato de viagens intitulado *Mémoires Instructifs*, no qual é possível compulsar algumas alusões à história natural e a personalidades que a cultivavam - como se depreende do título da obra - <sup>91</sup>, nomeadamente a que confirma a inclusão da família Menezes entre os melhores interlocutores intelectuais do autor: "D. Diogo de

---

<sup>89</sup> Cfr. Rómulo de Carvalho, *A história natural em Portugal no século XVIII*, 1987, pp. 12-20.

<sup>90</sup> *Gazeta de Lisboa*, 24 de Fevereiro e 22 de Junho de 1724, pp. 63, 200.

<sup>91</sup> *Mémoires Instructifs pour un voyageur dans les diverses États de l' Europe - Contenant des Enelectes curieuses très propres à éclairer l' Histoire du Temps, avec des Remarques sur le Commerce et l' Histoire Naturelle* - Amsterdam, Chez H. du Sauzet - 1738, 2 tomos, tradução portuguesa de Castelo Branco Chaves, *O Portugal de D. João V visto por três forasteiros*, 1989, pp. 131-257.

Mendonça<sup>92</sup> teve a bondade de me instruir na maneira que mais convinha à minha conduta em Portugal. Aconselhou-me a que me avistasse com (...) os condes da Ericeira, pai e filho (....)"<sup>93</sup>.

8. O fenómeno cultural setecentista que temos vindo a evidenciar, isto é a de os naturalistas e coleccionadores europeus encararem o nosso país e o seu vasto Império - terra ignota e inexplorada, porque geográfica e culturalmente excêntrica - como campo privilegiado para as viagens científicas, alimentou igualmente outro veio da pulsão naturalista: a aquisição de espécimens novos para as colecções dos gabinetes de *naturalia*. Ao gabinete de carácter privado, de acesso reservado a elites, (que tinha tido sempre este traço distintivo e que assim se manterá por todo o século das Luzes) associa-se agora o gabinete - de matriz distintamente inglesa<sup>94</sup> - que alarga o conceito de posse a um proprietário colectivo e institucional. Um pouco por toda a República das Letras europeia, a iniciativa museológica de organização de gabinetes fica a cargo de Institutos e Academias, lugares de ciência alternativos ao dominante conservadorismo universitário<sup>95</sup>.

As cumplicidades oficiais amplificam-se e os poderes constituídos (incluindo a diplomacia, mas também os governantes e o próprio Papa, como veremos) envolvem-se na rede comercial de trocas e de venda de produtos naturais, em nome do prestígio nacional destas instituições e do carácter público da difusão do saber.

---

<sup>92</sup> D. Diogo de Mendonça Corte Real (1657-1736), Secretário de Estado.

<sup>93</sup> *O Portugal de D. João V visto por três forasteiros*, p. 152.

<sup>94</sup> Em 1683 seria inaugurado um edifício construído propositadamente para albergar as colecções (mistura de curiosidades e de vulgarização) que Elias Ashmole, membro da Royal Society, tinha oferecido à Universidade de Oxford. À pomposa inauguração do *Musaeum Ashmolianum* presidiu o futuro rei Jaime II, acentuando o carácter tendencialmente público destes estabelecimentos. Vid. Roland Schaer, *L' invention des musées*, pp. 31-35.

<sup>95</sup> Veja-se João Carlos Brigola, *Ciência e Política. Do Pombalismo ao Liberalismo*, 1990, pp. 139-149, com referências ao divórcio, a partir do séc. XVII, entre o mundo da investigação e o ensino, e indicações bibliográficas sobre as reformas universitárias europeias no séc. XVIII.

Nada se poderia encontrar, porventura, de mais ilustrativo desta corrente museológica, iniciada ainda em finais do século XVII, do que o pedido dirigido pela Academia das Ciências de Bolonha ao governo português, através do nosso representante diplomático em Roma, Manuel Pereira de Sampaio. Os académicos italianos, contando para o efeito com os bons ofícios do Papa Bento XIV, solicitavam curiosidades naturais para o seu "museo di storia naturale" <sup>96</sup>. Coube ao jesuíta italiano Giovanni Battista Carbone (1694-1750), assistente ao despacho de assuntos régios na Corte de Lisboa e conhecido pelas suas iniciativas científicas modernas <sup>97</sup>, a resposta aos desejos da academia bolonhesa, através de uma carta datada de 17 de Setembro de 1743, dirigida ao diplomata português em Roma, e cujo conteúdo largamente transcreveremos pelo seu evidente interesse museológico e científico. De facto, será preciso aguardar pelo período pombalino para dispormos de listas tão pormenorizadas de objectos naturais (e de raridades maravilhosas), o que faz deste texto epistolar uma oportunidade única para entreabrirmos, no caso português entenda-se, a porta de um universo apenas adivinhado <sup>98</sup>.

---

<sup>96</sup> O patronato deste Papa está bem simbolizado na estátua, na biblioteca e no quadro que D. Vandelli descreve em 1758: "Nel fine del porticato in facciata sta sedente una grã statua di gesso di Papa Benedetto XIV. (...) Biblioteca abbondantissima di Libri (...) di Benedetto XIV. (...) La contigua grande sala é omata d'un quadro mosaico representante al naturale Benedetto XIV" (*Breve descrizione dell' Istituto delle Scienze di Bologna*, BACL (Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa), Ms. 1205/1, Série Azul). A Academia Clementina de Bolonha, fundada em 1709, reúne no Palácio Poggi a Academia das Ciências e a Academia das Belas-Artes. O frontão do palácio apresenta a seguinte inscrição: *Istituto bolognese delle Scienze e delle Arti, per l'uso pubblico di tutta la terra*. Cfr. Franca Varallo, *Musei scientifici*, 1996, pp.221-222, e Roland Schaer, *ob. cit.*, p. 34. Mais elementos sobre a história desta Academia (e das suas relações com Portugal) podem ser encontrados em Ayres de Carvalho, *Os três arquitectos da Ajuda*, 1979, pp. 75-77.

<sup>97</sup> "Os Padres João Baptista Carbone e Domingos Capasso desembarcaram em Lisboa no ano de 1722, entrando pouco depois no Paço onde grangearam valimento e simpatia. Deve-se à sua influência a montagem do Observatório Astronómico de Santo Antão, que está na origem do renascimento das matemática entre os jesuítas e talvez em Portugal. O menos que se pode dizer desta iniciativa é que ajudou a desenvolver a cultura científica e a orientá-la em sentido positivo. O Padre Carbone parece ter desempenhado sempre um papel favorável ao progresso cultural do nosso país, mesmo para lá da esfera restrita do Observatório de Santo Antão, que ele acompanhou aliás durante longos anos. Há indícios de que teria chegado a pensar na modernização do ensino científico na Universidade de Coimbra" (José Sebastião da Silva Dias, *Portugal e a cultura europeia (sécs. XVI a XVIII)*, 1952, p. 320).

<sup>98</sup> Veja-se, entre outras, para as colecções europeias de *naturalia et mirabilia* as seguintes obras: M. Morán e F. Checa, *El coleccionismo en España. De la camera de*

Carbone, depois de informar Sampaio já ter enviado por um navio sueco um caixote com destino a Génova (de onde pessoa de confiança o expediria para Roma, dali seguindo para o seu destino final), passa a discriminar o conteúdo da remessa, onde "(...) vão diversas curiosidades do mar, e da terra p.a o estudo da Academia de Bolonha, que V. S. me pedio, ainda que eu desejava satisfazer mais abundantemente a esta Comissão, mas apenas pude descobrir aquela porção que remeto, em tam breve tempo, havendo nesta Corte poucos curiosos de semelhantes couzas. Vão seis cocos inteiros ainda com a sua agua dentro: alguns buzios, ou mariscos estravagantes; algumas ervas petrificadas na agua do mar: alguns pedaços de Cristal Mineral; e isto vai solto dentro do dito caixote. Em duas caixinhas, que vão dentro do mesmo, achará V. S. outras coriozidades, todas da terra, menos alguma bagatella que tambem he da agua. Na mais pequena vai hum grão de ouro nascido entre pedras, de que tem ainda varios pedacinhos pegados (e melhor fora que quem achou não se empenhasse em lha tirar por força quasi toda, até com algumas pancadas de martelo, pois seria mais galante se viesse com as mesmas pedras como foi achada nas minas da Jacobina); peza 6 marcos e 5 onças. Vay também na mesma caixinha hua pedra mineral do Perú misturada com prata que foi hum acazo achala, por não ser das nossas conquistas: algus pedacinhos de pedra das nossas minas com algumas amostras de ouro nascido nelas; algus pedacinhos de espelho natural nascido nellas; algus pedacinhos de espelho natural nascido na terra; algus pedaços de cristal branco com pedacinhos de cristal verde nascido nelle; hum papelinho com hum pouco de Balsamo Tolutano verdadeiro, que me veyo logo que o encomendei a Madrid: Outro papel com hua cabacinha do mesmo balsamo, e hum pedaço de outra, que descobri na mão de hum mercador estrangeiro nesta Corte; e isto vay na dita caixinha mais pequena. Na outra maior vão diversos nascimentos de

---

*maravillas a la galeria de pinturas*, 1985; O. Impey e A. Macgregor, *The origins of museums. The cabinet of curiosities in Sixteenth-and Seventeenth-Century Europe*, Oxford, Clarendon Press, 1985; K. Pomian, *Collectioneurs, amateurs et curieux. Paris, Venise: XVIe - XVIIIe siècle*, 1987; Adalgisa Lugli, *Naturalia et mirabilia. Il collezionismo enciclopedico nelle Wunderkammern d'Europa*, 1990; Alessandra Mottola Molfino, *Il libro dei musei*, 1991; Roland Schaer, *L' invention des musées*, 1993; Paula Findlen, *Possessing Nature. Museums, collecting and scientific culture in Early Modern Italy*, 1996; María Bolaños, *Historia de los museos en España. Memoria, cultura, sociedad*, 1997.

cristaes, que bem considerados tem bastante curiosidade. Em tudo cima do dito caixote, junto as referidas caixinhas vay outra cabacinha de Balsamo Tolutano que me chegou de Madrid, quando estava p.a fechar o d.to caixote, pelo que a não pude pôr em melhor lugar. Se me tivesse vindo há mais tempo esta comissão de pedras mineraes, e outras curiosidades, me tivera prevenido de outra sorte" <sup>99</sup>.

Em carta ditada no dia seguinte, refere-se novamente ao assunto desculpando-se junto do diplomata pela escassez de objectos enviados: "Não pude descobrir outras couzas no pouco tempo, que tive: nem em Lx.a hà m. tos curiozos, que fação collecção de Raridades, p.a pedir algumas em semelhante ocazião. Não deixarei porem de pôr maiores inculcas p.a descobrir mais alguma couza" <sup>100</sup>.

Duas décadas depois da documentada contribuição portuguesa para as colecções científicas daquele instituto italiano, uma outra carta retoma este diálogo museológico. Trata-se de correspondência trocada entre o director da Academia de Bolonha, Ferdinando Bassi, e o antigo aluno da Universidade de Pádua, Domingos Vandelli (1735-1816), ao tempo a residir em Portugal contratado por Pombal para exercer cargos na área da história natural <sup>101</sup>. O naturalista paduano tinha tido, curiosamente, um contacto directo com os objectos enviados de Lisboa e chegara mesmo a descrevê-los no relatório de uma visita que ali efectuara em 1758: "La quinta camera vicina a minerali a un solo armario, nel quale vi é la matrice d'amestisti orientali, un pezzo di miniera d'oro nativo del Brasile del valore di 400 zechini che fu regalata dal Re D. Joanni V a Benedetto XIV" <sup>102</sup>.

---

<sup>99</sup> *Correspondência de Carbone para Manuel Pereira de Sampaio (1741-1743)*, BA (Biblioteca da Ajuda), 49-VIII-40.

<sup>100</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>101</sup> Conjunto de seis cartas dirigidas por Ferdinando Bassi a Domingos Vandelli, entre 1765 e 1769, e depositadas no Arquivo Histórico do Museu Bocage (AHMB). Analisamos o seu conteúdo no âmbito da história dos primeiros anos de actividade do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, Capítulo IV.

<sup>102</sup> *Breve descrizione dell' Istituto delle Scienze di Bologna (1758)*, BA CL (Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa), Ms. 1205/1, Série Azul.



A carta de Bassi é enviada de Bolonha a 6 de Maio de 1766 e refere-se explicitamente à remessa expedida na época do defunto rei, isto é D. João V, lamentando-se que nessa ocasião, não por culpa do Papa Bento XIV (que servira de patrono), mas por esquecimento dos antigos professores da Academia, não tinha sido possível obter de Portugal amostras de diamantes brasileiros. Esta grave carência nas colecções bolonhesas estaria agora prestes a ser colmatada, com o empenho deste 'embaixador' italiano em Lisboa: "Le rendo grazie delle miniere di Diamanti del Brasile osservate presso Mr. Sbrildemaster, ed è tanto nitida, che già mi pare di vederla. Il passato Pontifice doveva richiederne al defunto Re di Portogallo un conspicuo saggio di tale preziosa miniera per il nostro Istituto, e l'avrebbe ottenuta, ma non fù mancanza di Benedetto XIV; ma bensì, che non gli fù suggerito dai Professori di quel tempo. Se io ero allora nell'Istituto, come ora lo sono non avrei mancato di suggerirlo" <sup>103</sup>.

9. Baltazar da Silva Lisboa, cujo testemunho de 1786 já utilizamos a propósito do Gabinete de D. Francisco Xavier de Menezes, exalta a riqueza e raridade das colecções naturais existentes no Paço Real da Ribeira e no Paço dos Duques de Bragança, ao Chiado <sup>104</sup>. O texto deste naturalista apresenta de

---

<sup>103</sup> *Carta de Ferdinando Bassi a Domingos Vandelli (Bolonha, 6 de Maio de 1766)*, AHMB, CE/B -68.

<sup>104</sup> "El-rei D. João V, por ocasião do seu casamento, em 1708, ornamentou com mais riqueza as salas do paço da Ribeira, e augmentou e aformeseou o jardim do mesmo paço, adornando-o com grandes viveiros, que povoou de aves, que mandou vir de África e do Brasil. Passados anos, em 1726, comprou aos condes de Aveiras e da Ponte as quintas e palácios, que estes fidalgos possuíam em Belém. Reuniu em uma só as duas quintas, e entre as obras e plantações, com que as enobreceu e embelezou, mandou construir um páteo cercado de jaulas, e um jardim guarnecido de magníficos viveiros, de construção elegante e apropriada á habitação de aves, que demandam agasalho no inverno. A nossa África Ocidental forneceu as feras, com que se povoaram as jaulas; e essa mesma região e o Brasil as aves de variados tamanhos e matizes, que vieram dar animação e brilho aos viveiros. Anos depois, procedendo-se á reconstrução dos paços da Ribeira, o seu jardim, que ocupava parte do terreno, em que actualmente vemos o Arsenal da Marinha e suas dependencias, foi ornamentado com mais vastos e mais sumptuosos viveiros, que em breve se encheram de nova espécies de formosas aves exóticas. A predilecção d'el rei D. João V pelas colecções ornitológicas não só fez com que se conservassem bem povoados, renovando-se amiudadas vezes, os viveiros deste jardim, e os da real Quinta de Belem, mas tambem

resto um não negligenciável interesse para o rigor histórico da evolução das ideias e das instituições culturais setecentistas (de que são parte essencial os gabinetes e os museus), evitando-se as armadilhas da retórica pombalina e da historiografia liberal que davam a fundação das instituições científicas e museológicas do reinado de D. José como a *fénix renascida*, depois de um suposto grau zero cultural do período joanino.

O monarca português foi, na realidade, um coleccionador do seu tempo, capaz de se interessar pelos objectos museológicos da moda, mesmo que para tanto tivesse que expender pequenas fortunas na aquisição de espécies altamente cotadas pela sua raridade: "(....) referiremos o [tempo] do Reinado do Senhor D. João V no qual felizmente se anunciaram entre nós os progressos da Filozofia Natural. Conservava aquele Principe no seu Palacio hum riquissimo Muzeu composto de ricas, e maravilhozas produções entre todas as belezas, hum diamante de grandeza, e valor até então nunca visto, (....) e entre a conchilharia, além das innumeraveis variedades de Amirales, tinha o mais rico Almirante, que se conhecia, comprado pelo dito Soberano por 4000\$000 reis, o que tudo o infausto terremoto do I. de Novembro de 1755 arruinou inteiramente" <sup>105</sup>.

Anos antes, em 1742, o naturalista A. Desallier d'Argenville, na sua *Conchyliologie, ou Histoire naturelle des coquilles de mer, d'eau douce, terrestres et fossiles* (obra citada pelo naturalista português) já se referia com prestimosa minúcia a alguns dos mais célebres objectos depositados no gabinete real de história natural <sup>106</sup>: "Sa Majesté Très-fidelle possédoit dans

---

com que se difundisse aquele gosto entre as famílias nobre da sua corte " (I. Vilhena de Barbosa, *Apontamentos para a historia das colecções e dos estudos de zoologia em Portugal*, 1885, pp. XII-XIII).

<sup>105</sup> *Discurso historico, politico, e economico dos progressos, e estado actual da Filozofia Natural Portugueza, acompanhado de algumas reflexoens sobre o estado do Brazil*, 1786, pp. 9-10.

<sup>106</sup> A importância conferida na época a esta obra também poderá ser medida pelo facto de, por exemplo, ter sido adquirida pelo professor Domingos Vandelli para o Museu de História Natural da Universidade (Cfr. *Nota dos livros vendidos pela Firma Borel, Borel & C.ª ao Dr. Domingos Vandelli (1784)*, AUC, Museu da História Natural). Muito provavelmente terá sido este o exemplar que o aluno de Vandelli, Baltazar da Silva Lisboa, utiliza como referência (eventualmente a 3ª edição, póstuma, de 1780, cuja edição também utilizamos aqui). A 2ª edição, ainda em vida do autor, é de 1757.

son palais à Lisbonne, un cabinet d'histoire naturelle qui s'étendoit sur toutes les parties des trois regnes; il s'augmentoit chaque jour avant le bouleversement total arrivé à cette Ville le premier Novembre 1755: Elle y avoit rassemblé nombre de morceaux très-intéressans, entre autres des diamans & des pierres de couleurs de toute espèce; mais ce qui est sur-tout à admirer, c'est un diamant du Brésil, tiré d'une mine de l'endroit, appelé par les habitants *Cay de Merin*, près la riviere de Milhoverde, dans la province de Serrodo-Frio. Ce diamant, d'une grosseur considérable, pese seize cens quatre-vinght karats, fiasant douze onces & demi: il est estimé deux cens vingt-quatre millions de livres sterlings. Parmi les coquilles, un Amiral d'un volume considérable & d'une conservation parfaite, attiroit les regards, de même qu'un outre Cornet appelé *Cedo-nulli*, portant environ deux pouces de longueur; cette coquille fut acetée en 1733 mille vingt livres argent de France, à la vente du cabinet de feu M. de la Faille, Auditeur des États à la Haye" <sup>107</sup>.

Esta última variedade malacológica proveniente das Índias Ocidentais - o *Conus cedonulli* Linnaeus, espécie nominal que correspondia (sabemo-lo hoje) a várias espécies biológicas - era altamente apreciada na época, atingindo valores muito elevados pela sua inexcedível raridade <sup>108</sup>.

Por outro lado, e este é um dado decisivo para explicar o absoluto valor científico do exemplar adquirido por D. João V, ele "parece ter sido o representado no *Thesaurus* de Seba (vol. 3, pl. 48, fig. 8) e foi nessa figura que Linneo, explicitamente, se baseou para a descrição da espécie (Dance, 1966).

<sup>107</sup> A. Desallier d'Argenville, *Conchyologie, ou histoire naturelle des coquilles de mer, d'eau douce, terrestre et fossiles*, 1780, t. I, pp. 319-320. A credibilidade desta obra pode ser medida pelos justos critérios de referência que o autor assume na descrição das coleções: "L'auteur n'auroit jamais entrepris de décrire les plus fameux cabinets de l'Europe, si les voyages ne l'eussent mis à portée d'en connoître la plus grande partie. Quoique plusieurs de ceux dont il a parlé n'existent plus, par le décès des possesseurs, il est juste d'en conserver la description: c'est ce que l'on doit à leur mémoire. De pareils détails seront toujours très-instructifs, et porront faire découvrir ce que sont devenus certains morceaux rares, et peut-être uniques: ces pièces précieuses prouvent de plus, que pour ne les pas trouver dans d'autres cabinets distingués, leur existence n'en est pas moins réells" (t. I, p. 199).

<sup>108</sup> Um exemplar desta espécie foi exibido na exposição temporária "O fascínio das Conchas", Museu do Mar-Rei D. Carlos, Cascais, Maio-Junho de 1999.

Este facto confere a esse exemplar o valor de holotipo da espécie nominal *Conus cedonulli* <sup>109</sup>.

Por emulação dos investimentos culturais do monarca, ou por opção própria, alguns Grandes do reino e membros do alto clero engrossaram a fileira dos colecionadores de exotismos naturais e artificiais. Apesar de escassa documentação, apenas baseada em testemunhos indirectos, é possível enunciar os casos da duquesa de Cadaval, da Casa de Lorena <sup>110</sup>, que - segundo D'Argenville - conservava "quantité d'animaux de toute espèce; & (...) amassé plusieurs choses rares, entre autres une très-belle suite de Bézoards" <sup>111</sup>; o do cardeal da Cunha que, como informa Frei Manuel do Cenáculo "já recolhia em museu particular produções naturais, e nesse ano lhe fez um regalo notável de muitas curiosidades da América, Rodrigo César. Com a notícia destas poderia aumentar-se o catálogo das plantas cultivadas no jardim botânico d'el-rei de França pelo intendente Guy de la Brosse, onde traz mais de dúzias de plantas nossas, que se lhe mandaram" <sup>112</sup>; o do Conde de Assumar, cujo gabinete "n'étoit pas inférieur [ao de Ericeira] en ce qui concernoit les

<sup>109</sup> Carlos Almaça, *As colecções de conchas em gabinetes e museus de história natural portugueses*, 1989, pp. 17-24.

<sup>110</sup> "D. Margarida Armada de Lorena, 3ª esposa do 1º duque de Cadaval. Filha de Luís de Lorena, Conde de Armagnac e de Harcourt, estribeiro-mór de Luís XV, rei de França, casou em 25 de Junho de 1675 com D. Nuno Álvares Pereira de Melo, 1º Duque de Cadaval, e faleceu em Lisboa, 3 anos depois do duque, em 1730. Influenciada pela corte francesa do século XVII, desenvolveu em Lisboa uma intensa actividade cultural, formando também um gabinete de curiosidades naturais e uma biblioteca. Parte desta encontra-se ainda, ao que supomos, em poder dos actuais representantes da família, mas nada conseguimos apurar do paradeiro das colecções de História Natural" (L. P. Burney, e A. A. Monteiro, *ob. cit.*, 1988, p. 91, nt. 10).

<sup>111</sup> A. Desallier d' Argenville, *ob. cit.*, 1780, t. I, p. 320, e Baltazar da Silva Lisboa, *ob. cit.*, 1786, pp. 5-16. "Os antigos pensavam que o 'espírito lapidífico' também se exercia no interior dos animais e assim atribuíam um valor mágico a concreções sólidas - hoje chamadas cálculos - que por vezes se formam no estômago, nos intestinos, na bexiga, na vesícula e, segundo também acreditavam, na cabeça de alguns animais. A estas pedras se chamava, por altura do Renascimento, 'bezoares'. Autores clássicos, como Balce de Boot e Levin Lemne, o Grande Alberto, entre outros, escreveram muito sobre os 'bezoares', que desempenhavam, à época, um papel importante, como remédio ou amuleto. Escusado será referir a relevância de uma colecção de 'bezoares' num grande gabinete de curiosidades naturais" (L. P. Burney, e A. A. Monteiro, *ob. cit.*, 1988, p. 91, nt. 11).

<sup>112</sup> Frei Manuel do Cenáculo, *As artes, as letras, e as ciências em tempo de el-rei D. João V*, 1843, pp. 266-278.

productions naturelles. Sa collection des monnoies d'or étoit extrêmement curieuse" <sup>113</sup>; e, finalmente, o do 1º Marquês de Abrantes, D. Rodrigo Anes de Sá, já referido pelo seu celebrado numofilácio, que também possuía um gabinete de raridades, contendo copiosas colecções de mineralogia e de outros produtos naturais <sup>114</sup>.

### 10. Formulações museológicas nas obras dos modernos

A aceitarmos como adequado o modelo explicativo de Silva Dias sobre os movimentos de renovação mental da sociedade portuguesa de setecentos, alguns dos seus pressupostos conceptuais - utilmente aplicados ao campo da história da cultura - poderão ser igualmente validados, a nosso ver, na análise da evolução da ideia de *Museu*. De facto, os mais recentes e estimulantes estudos de museologia histórica têm unanimemente sublinhado a necessidade de se surpreender a essência histórica e teórica do Museu, menos na instituição considerada em si mesma (como se de realidade autónoma se tratasse), e mais no património de ideias, de considerações sobre a cultura e sobre o saber científico de uma época <sup>115</sup>.

Donde, parecer pertinente uma sondagem ao universo discursivo de alguns dos mais influentes autores modernos que, na primeira metade do século, travaram em nome do cosmopolitismo uma luta intensa contra o elemento sedentário da nação. Estes intelectuais, quase exclusivamente

---

<sup>113</sup> A. Desallier d'Argenville, *ob. cit.*, 1780, t. I, p. 320. "D. João de Almeida e Portugal, 3º Conde de Assumar, foi Governador de Minas Gerais e Embaixador de Portugal em Barcelona. Em 1704, foi nomeado Capitão da guarda de D. Pedro II e, em 1721, entrou para a Academia real da História. Para além da referência de d'Argenville, nada conseguimos apurar acerca do gabinete de curiosidades naturais desta família. Todavia, tendo em consideração as vicissitudes que a mesma sofreu, durante a administração do Marquês de Pombal, supomos que o mesmo tenha sido abandonado e posteriormente disperso" (L. P. Burney, e A. A. Monteiro, *ob. cit.*, 1988, p. 90, nt. 9).

<sup>114</sup> Cfr. I. Vilhena Barbosa, *Museus criados em Portugal até ao fim do século XVIII*, 1903, p. 30.

<sup>115</sup> Cfr. Adalgisa Lugli, *Museologia*, 1996, p. 95.

estrangeiros ou *estrangeirados*<sup>116</sup>, confrontados com as resistências ideológicas e sociais do país oficial às mudanças mentais que se operavam por toda a Europa, conceberam propostas de reformas educativas que julgavam constituir a chave do edifício iluminista sonhado para Portugal<sup>117</sup>. No seu pensamento pedagógico as inquietações da ciência moderna ganham contornos bem perceptíveis nas formulações teóricas que elaboraram sobre os novos espaços científicos (Gabinete de Física; Laboratório de Química; Observatório Astronómico; Dispensário Farmacêutico; Teatro Anatômico) e museológicos (Gabinete de História Natural; Jardim Botânico), de configuração didáctica<sup>118</sup>.

O que com muita nitidez evidenciam estes textos, e é necessário uma vez mais assinalá-lo, é a génese pré-pombalina (ao menos em embrião teórico) de soluções pedagógico-científicas - com forte ressonância no universo museológico - adoptadas pela Coroa a partir da segunda metade do século, nomeadamente a introdução do ensino de história natural nos *curricula* universitários, de par com o estabelecimento dos competentes equipamentos museológicos, e o princípio do seu financiamento pelo erário público.

O primeiro exemplo a ilustrar é o do sábio judeu, Jacob de Castro Sarmiento (1691-1762), refugiado em Inglaterra desde 1721, Sócio do Real Colégio dos Médicos, e da Sociedade Real, doutor pela Universidade de Aberdeen. Na sua obra *Materia medica. Physico-historico-mechanica. Reino mineral*, publicada em Londres em 1737, o médico português introduz no discurso científico referências a objectos da Natureza depositados em Museus (privados e institucionais), utilizando essa visibilidade como argumento de autoridade: "(...) O Elector de Saxonia, e presente Rey de Polonia, guarda no

---

<sup>116</sup> Pese embora a necessidade, já de há muito anunciada entre outros por Borges de Macedo, de se rever o conceito de *estrangeirado*, julgamos que pode ainda transmitir alguma operacionalidade à interpretação histórica se rodeado de justa contextualização ideográfica.

<sup>117</sup> Cfr. J. S. da Silva Dias, *Portugal e a cultura europeia*, 1952, p. 320, e Rogério Fernandes, *O pensamento pedagógico em Portugal*, 1978.

<sup>118</sup> Como deixámos vincado *infra* Cap. II, em nosso entender apenas estes dois últimos estabelecimentos (Gabinete de História Natural e Jardim Botânico) assumem, nesta época, um carácter verdadeiramente museológico, ainda que comungando naturalmente de comuns princípios científicos com as outras instituições.

seu *Musaeum*, huma pedra branca, semelhante a o Marmore, na qual se vé a Prata, á roda do pezo de quatro onças, sahindo como em gotas, do mesmo modo, que as gomas brotam das Arvores; e eu tenho muytas vezes visto, a mesma especie de pedra, donde tambem apparece, como gotteando, a Prata, no celebre *Musaeum* do Cavalheiro, e Baronet *Hans Sloane*, Prezidente do nosso Real Collegio dos Medicos, e tambem Prezidente de nossa Real Sociedade, Medico de S. Magestade *Britanica*, o mayor Virtuoso que conhece a *Europa*, e cujo *Musaeum* de raridades, não hà Principe, que o exceda, nella<sup>119</sup>(....) No *Musaeum* da Real Sociedade de *Londres* temos hum pedaço de penhasco, donde, como em sua cama nativa, ou original *Ve*a estam crescendo, ou sahindo *Diamantes*"<sup>120</sup>.

Identificamos no texto de Sarmiento, se não erramos, uma atitude intelectual seguramente nova para os hábitos da escrita e do pensamento nacionais: incorpora-se no aparato tradicional da alegação erudita a exibição física do objecto no Museu, para que assim se comprove a sua entidade gnoseológica<sup>121</sup>. Às palavras e à iconografia dos livros, amassados em bibliotecas (fonte tradicional do conhecimento), juntava-se agora a exposição cénica das espécies, inventariadas e reconstituídas, sem lacunas, na grande cadeia dos seres. Utilizar, pois, a visibilidade de um objecto integrado numa colecção como prova científica da sua existência e das suas propriedades naturais, tornar-se-ia rotina, a tal ponto que já não surpreende a ênfase

<sup>119</sup> A colecção do doutor Hans Sloane (1660-1753) era composta, à data da sua morte, por 79 575 peças. Nesse mesmo ano, o Parlamento britânico aceitou adquirir a colecção e a biblioteca, respondendo assim positivamente ao apelo de Sloane que pretendia legá-las "à nação, para manifestar a glória de Deus, a refutação do ateísmo e das suas consequências, o uso e progressos da Medicina, e o benefício da humanidade". Seis anos depois, abria ao público o British Museum que incorporava esta grande colecção. A importância da colecção de H. Sloane, sublinhada por Jacob de Castro Sarmiento, pode também ser medida pelas personalidades que a visitaram: B. Franklin (1725), Voltaire (1727), C. Lineu (1736), Haendel (1740). (Cfr. Roland Schaer, *ob. cit.*, pp. 35-37).

<sup>120</sup> Jacob de Castro Sarmiento, *Materia medica. Physico-historico-mechanica. Reino mineral*, 1737, pp. 45-46; 148.

<sup>121</sup> Poucos anos após o texto de Sarmiento, em 1741, um moderno como o 4.º conde da Ericeira invocava alguns gabinetes de raridades e o seu próprio "Museo" para comprovar as propriedades de incombustão do amianto e de outros materiais. Cfr. *supra*, nota 83.

colocada por um naturalista da geração seguinte - o Padre João de Loureiro (1710-1791) - ao invocá-lo como argumento decisivo.

Neste texto, publicado pelas *Memorias* da Academia das Ciências de Lisboa, vai-se mesmo mais longe ao justificar-se a atitude de incredulidade total face à narrativa livresca de um fenómeno avulso da Natureza, não porque se creia numa impossibilidade ontológica, mas apenas porque não se encontra materialmente documentado no *Museu*: "Os Gabinetes dos curiosos, e amantes da Sciencia Nacional se achão hoje providos d'estas maravilhas, ou raridades que por taes se fazem estimaveis; mas que já se não pode duvidar, que são effeitos da Natureza. No que toca ao reino Vegetal, se veem allí troncos, folhas, espigas de flores, e fructos de diversas arvores, principalmente de diversos Filices inteiros, e outros generos pertencentes á Cryptogamia: dando a todos estes o nome generico de *Phytolithos*. No que pertence ao Reino animal, se veem nos mesmos Muséos muitos petrificados de insectos, de vermes, de peixes, de amphibios, de aves, de animaes quadrupedes, e ainda de homens. (...) Porém eu duvido muito de taõ memoravel successo [a suposta petrificação de uma tribo inteira de Tártaros e de todos os seus apetrechos materiais], não porque o tenha por impossivel; pois os mesmos agentes naturaes, que tem força para petreficar hum vivente, a tem da mesma sorte para muitos, em que achem as mesmas disposições: mas como se pode crer, que se ache huma tal raridade nos dominios da Russia há mais de quatro Seculos, sem que ao menos parte d'ella se tenha conduzido para o Muséo de Petersburgo?"<sup>122</sup>.

A Jacob de Castro Sarmiento cabe ainda uma intervenção demiúrgica na tentativa, lamentavelmente frustrada, de influenciar duas instituições científicas lusitanas a estabelecerem um jardim botânico. Este episódio parece autorizar a ideia de uma interrupção, durante o reinado de D. João V, na tradição renascentista de criar e manter hortos com objectivos médicos e farmacológicos cuja criação em Portugal, segundo Sousa Viterbo, datava do segundo quartel do século XVI.

---

<sup>122</sup> Pde. João de Loureiro, *Memoria sobre huma especie de petrificação animal*, 1799, t. II, pp. 47-48.



O seu primeiro instituidor terá sido Tomé Rodrigues da Veiga, lente de medicina na Universidade de Coimbra e um dos professores mais conceituados do seu tempo, o qual cultivava um horto onde seguia a evolução das plantas, de acordo com o seu especial ponto de vista. Também o célebre médico Garcia da Orta, autor dos *Colóquios dos simples e das drogas da Índia*, imitava em Goa o exemplo de Rodrigues da Veiga, dentro do costume europeu de cultivar nestes jardins os *simples*, quer dizer as plantas medicinais, e neles aclimatar os vegetais exóticos. "Não tinham, já se vê, o carácter de generalização e de rigor científico a que hoje obedecem; não serviam para o estudo comparado de todas as plantas, já sob o ponto de vista fisiológico, já sob o ponto de vista das suas relações de família; serviam apenas para o estudo das plantas nos seus usos terapêuticos. Eram, pois, jardins medicinais de preferência a jardins botânicos" <sup>123</sup>.

Durante a primeira metade de setecentos sabe-se que, pouco depois da fundação da Academia da História, a Royal Society por intermédio do seu sócio português se oferecia para ajudar a novel agremiação de Lisboa com todo o género de sementes e de plantas existentes no seu próprio jardim londrino, caso a Academia se dispusesse a criar um horto botânico. Reunidos em assembleia, os eruditos agradeceram polidamente mas, invocando incompatibilidade de tal iniciativa naturalista com os Estatutos, recusaram a oferta.

Julgando obter melhor acolhimento junto da Faculdade de Medicina (que ele próprio frequentara) Jacob de Castro Sarmiento dirigiu-se em 1731 ao Reitor da Universidade de Coimbra, Francisco Carneiro de Figueiroa, com a mesma proposta, desta vez acompanhada de um plano meticuloso para a edificação de um Jardim Botânico, justificando-o como um complemento didáctico imprescindível aos estudos médicos <sup>124</sup>. Apesar de ter tentado cativar

---

<sup>123</sup> Sousa Viterbo, *A jardinagem em Portugal. Apontamentos para a sua história*, 1908, p. 16.

<sup>124</sup> Na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra encontra-se arquivado o Projecto de Sarmiento, contendo uma Planta de Jardim Botânico com uma "Bibliotheca Botanica", (provavelmente inspirada no jardim londrino de Chelsea) desenhada pelo Arquitecto E. Oakley. Ostenta a seguinte dedicatória: "Illustrissimo DD. Francisco Carneyro de Figueyroa, Universitatis Conimbricensis Rectori, vigilantissimo que Reformatori, nec non dignissimis ejusdem Academiae Professoribus, Ichonographiam hanc, ad Hortum Botanicum erigendum in Scientiae Naturalis, et Medicinae Facultatis

os interlocutores coimbrãos com a oferta de um microscópio construído por Culpeper de Londres, para uso dos professores de medicina nas observações botânicas e anatómicas, não logrou obter melhor sorte <sup>125</sup>.

No ocaso do joanismo, a obra moderna e estrangeirada por excelência, o *Verdadeiro Método de Estudar* - com as suas polémicas e escandalosas propostas filosóficas e pedagógico-científicas - caiu em Portugal como uma bomba. Mas, aglutinou igualmente opiniões, deu resposta a anseios, conceitos e problemas já anteriormente sentidos, e produziu o choque psicológico das élites cultas, trazendo para a praça pública ideias e questões dantes confinadas ao murmúrio dos cenáculos ou à meia voz dos livros <sup>126</sup>. Também aqui, uma vez mais, é possível colher uma abordagem explícita à adopção do estudo das ciências da natureza e à construção de equipamentos didácticos e museológicos, quer em academias científicas, quer no ensino universitário da medicina.

Para Luís António Verney (1713-1792), no entanto, o figurino institucional a perfilhar para a "utilidade da Republica" só poderia ser aquele em que o dinheiro e a protecção régias assegurassem a oficialização dos novos saberes, isto é, em que - a exemplo de outros governos europeus - fosse possível a consagração do novo paradigma das Luzes (o experimentalismo, o racionalismo e a aceitação do progresso como realidade primordial do espírito

---

augmentum, humilime dicat, dedicat que Dr. Jacob a Castro Sarmento, Medicus Lusitanus, Collegii Regalis Medicorum Londinensium Collega, Regiae que Societatis Socius Anno MDCCXXXI" (Ms. 3180, Planta n.º 30 ). Domingos Vandelli menciona o Projecto, em 1771, no Catálogo do Real Museu de História Natural e Jardim Botânico da Ajuda, o *Hortus Olisiponensis Exhibens Plantas Exoticas Horti Regii Specimenque Historie Naturalis Lusitaniae Cum Novis Generibus et Specibus*, BN (Biblioteca Nacional) Cod. 3750: "Jacobus a Castro Sarmento Conibricensi Universitati illud proposuit eiusque ichonographiam typis commisit".

<sup>125</sup> Cfr. H. Amorim Ferreira, *Relações científicas entre Portugal e a Grã-Bretanha*, 1943, p. 13-14; e J. S. da Silva Dias, *ob. cit.*, p. 326-327.

<sup>126</sup> Cfr. J. S. da Silva Dias, *ob. cit.*, pp. 386 e ss. O poder político haveria de reconhecer oficialmente o contributo pedagógico da obra de Verney, pouco tempo antes da sua morte: "S.M. tendo em attenção ao bem que a tem servido, e servio ao Senhor Rei D. José, seu Augusto Pai, Luiz Antonio Verney, em muitos negocios particulares da maior importancia, e ao zelo com que procurou promover os bons Estudos nestes Reinos por meio dos seus Escritos: houve por bem, por decreto de 11 de Setembro de 1790, condecorallo, e honrallo, nomeando-o Deputado Honorario da Meza da Consciencia e Ordens" (*Gazeta de Lisboa*, 28 de Setembro de 1790).

humano) conquistando-se o domínio político para os projectos de renovação da cultura portuguesa: "Nam foi senam despois que se abrio, a Academia de Londres no ano de 1662 ou 63, e a de Pariz no 1666, que as Ciencias naturais se continuaram, com empenho: assitindo-lhe os Reis, com o dinheiro e protesám. Dilatou-se ainda mais este costume, porque o Imperador Leopoldo no ano 1670, movido do bom suceso das duas Academias; fundou tambem, ou, melhor direi, protegeo uma Academia já comesada, com o nome de *Academia dos Curiozos da Natureza*. (...) [Quanto ao ensino na faculdade de medicina] na terceira hora da tarde, deve haver outro leitor de Historia Natural, que explique, nam digo todas as particularidades da Fizica; mas os Simples Exoticos, que podem servir para a Medicina: divididos nos trez reinos, Animal, Vegetal, e Mineral (...). Deve alem disto haver leitor de Botanica, como já disse: o qual só explica, dois mezes do ano, na segunda ora de tarde: o que faz no horto Medico, que deve ter a Universidade. No qual seria justo ouvèse tambem, uma caza vizinha, para que em tempo de chuva, ou por outra cauza, podèse nela explicar a materia, aos ouvintes; e fazer as suas disertasoens no principio, e fim de cada ano: como fazem em outros Reinos, e ainda em Roma: a cujas disertasoens vai assistir, alem dos homens doutos, muita nobreza, e cardiais. Parece-me que desta sorte, ficava tudo bem disposto, com decoro da Universidade, e utilidade da Republica" <sup>127</sup>.

---

<sup>127</sup> Luís António Verney, *Verdadeiro metodo de estudar para ser util à republica, e à igreja*, 1746, t. I, p. 388; t. II, pp. 279-280.

## CAPÍTULO IV

### SOB O SIGNO DE POMBAL: OS MUSEUS DE HISTÓRIA NATURAL E OS JARDINS BOTÂNICOS DA AJUDA E DE COIMBRA

O quadro cultural e o movimento das ideias - teorias e práticas museológicas

O Real Museu de História Natural e Jardim Botânico da Ajuda (1768-1777)

- *A contratação do naturalista italiano Domingos Vandelli*
- *O local, as colecções, os fruidores*
- *A correspondência naturalista (ultramarina e europeia) com a Ajuda*

O Museu de História Natural e o Jardim Botânico da Universidade (1772-1777)

- *As colecções Vandelli*
- *A colecção Van-Deck*



*"Comme dans l'histoire civile, on consulte les titres, on recherche les médailles, on déchiffre les inscriptions antiques (...); de même dans l'histoire naturelle, il faut fouiller les archives du monde, tirer des entrailles de la terre les vieux monuments, recueillir leurs débuts, et rassembler en un corps de preuves tous les indices des changements physiques qui peuvent nous faire remonter aux différents âges de la nature"*

George-Louis Leclerc de Buffon, 1778

*"Museu de historia natural de Lisboa, instituto que entre muitos e os mais celebres do paiz tem uma vida e merece uma biographia, quando mais não fôra, pelas vidas que n'elle em parte tem sido consumidas com proveito e gloria da nação, desde o final do seculo passado."*

J. Bettencourt Ferreira, 1892

*"Gabinete do Jardim Botânico da Ajuda, cuja importante e interessante história, e alta influência civilizadora está ainda por escrever."*

Baltazar Osório, 1918

## **Sob o signo de Pombal: os museus de história natural e os jardins botânicos da Ajuda e de Coimbra**

### ***O quadro cultural e o movimento das ideias: teorias e práticas museológicas***

1. Cremos ter deixado evidenciada a nossa adesão à tese, dificilmente refutável, que apresenta a renovação da cultura portuguesa setecentista como independente do ministro josefino, Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), e datando mesmo de época anterior ao livro de Verney (1746). Pombal terá apenas acelerado e, em parte, envenenado um movimento que vinha de longe e que, na altura das suas primeiras reformas, se tornara já incoercível. O que significa igualmente que, apesar de o iluminismo ter nascido e crescido em polémica com o barroco, entre a cerebração das duas épocas não existe,

contudo, aquele abismo ideológico sugerido, no passado, por alguns historiadores <sup>1</sup>.

Deste pressuposto decorre a opção metodológica de, em coerência com as concepções disciplinares da história da cultura que evita as rígidas barreiras cronológicas dos eventos exclusivamente políticos, apresentarmos em unidade temática a abordagem do período joanino com a do reinado de D. José (1750-1777). Na realidade, no campo que nos interessa - o das teorias e das práticas museológicas - é por demais detectável, como veremos, a abertura pragmática (mais do que doutrinal) do ministro reformador aos programas propostos, antes do dobrar do século, pelos ideólogos modernos tal como foram enunciados, entre outros, por Jacob de Castro Sarmiento e Luís António Verney <sup>2</sup>.

A ascensão de Carvalho e Melo ao poder assinala, todavia, um novo contexto de recepção das ideias na sociedade portuguesa. Com a expulsão dos jesuítas (1759) e com o triunfo da concepção jusnaturalista do poder régio, consignada na *Lei da Boa Razão* (1769) - ruíram os obstáculos eclesiástico e político a um programa de absolutismo esclarecido. A Coroa abriu-se aos novos interesses económicos e sociais, e a penetração da ciência moderna, cuja pedra de toque foi a aproximação às ciências exactas e naturais, selou o compromisso entre intelectuais ilustrados e políticos absolutistas. Deste modo, obtida a colagem do domínio político aos novos paradigmas científicos, o obstáculo epistemológico, que impedira a 'oficialização' das Luzes, foi igualmente superado <sup>3</sup>.

Assim, por exemplo, os Estatutos do Colégio dos Nobres, publicados em 1761, incluem programas e métodos científicos propostos por Ribeiro Sanches nas *Cartas sobre a educação da mocidade* <sup>4</sup> e, com vista à sua leccionação,

---

<sup>1</sup> Cfr. J. S. da Silva Dias, *Portugal e a cultura europeia*, 1952, p. 461.

<sup>2</sup> Vide *supra*, Capítulo III, *Formulações museológicas nas obras dos modernos*.

<sup>3</sup> Cfr. J. S. da Silva Dias, *Pombalismo e teoria política*, 1982, pp. 45 e ss.; e *Cultura e obstáculo epistemológico. Do Renascimento ao Iluminismo em Portugal*, 1987, pp. 41 e ss.

<sup>4</sup> Os Estatutos do Colégio dos Nobres foram publicados em 7 de Março de 1761 e incluíam disciplinas como a Física Experimental e a Astronomia. Em 10 de Novembro de 1772 foi nele abolido o ensino das disciplinas científicas que já não se praticam e

recrutam-se universitários italianos cujo papel na história das instituições científicas e museológicas setecentistas se revelará decisivo <sup>5</sup>. É nesta mesma década de sessenta que - pretextando-se a educação filosófica dos príncipes D. José e D. João - se dá início à construção do Museu de História Natural e se traça o Jardim Botânico, junto ao Paço de Madeira no Alto da Ajuda <sup>6</sup>. Na génese da iniciativa encontram-se envolvidos o matemático veneziano Miguel Franzini <sup>7</sup> e o naturalista paduano Domingos Vandelli <sup>8</sup>.

No início da década seguinte, em Dezembro de 1770, é instituída a Junta de Providência Literária <sup>9</sup> com as funções de examinar as causas da

---

com as quais se acabou de vez; todo o material didáctico foi transportado para Coimbra a fim de, com ele, se organizar o Gabinete de Física Experimental (Cfr. Rómulo de Carvalho, *História da fundação do Colégio Real dos Nobres (1761-1772)*, 1959).

<sup>5</sup> Veja-se, por exemplo, uma boa síntese e uma lista dos 'insegnanti italiani in Potogallo sulla fine del sec. XVIII', em Pierandrea Saccardo, *Della parte ch'ebbe la scienza italiana nella riforma dell'istruzione superiore del Portogallo nel Settecento*, Pádua, 1900. "(...) Da tutto quanto sono venuto esponendo (...) appare manifestissimo che una vera pleiade di scienziati italiani e particolarmente veneti fu nella seconda metà del settecento chiamata dal governo portoghese a impartire nuovi insegnamenti, a migliorare i già esistenti, a fondare gabinetti, musei, orti botanici, a restaurare e riorganizzare insomma tutta l'altra istruzione di quel regno. Come questi dotti italiani abbiano corrisposto all'onorevole invito dovrebbe dimostrarsi con un attento esame dei progressi conseguiti successivamente da quella nazione nella civiltà e nella scienza (...)" p. 45.

<sup>6</sup> "Ao notável architecto e cenógrafo italiano [de Bolonha] João Carlos Bibiena (fal. 1760), em Portugal desde o ano de 1753 ao serviço do rei D. José, se deve a planta e o risco do novo Paço da Ajuda, assim como da Capela real, "tudo abarracado" como informa o cronista e pintor Cirilo Wolkmar Machado. (...) A "Real Barraca", ricamente decorada com tapeçarias e pinturas, com os seus jardins e capela, um museu e uma biblioteca, foi teatro de festivos ou trágicos acontecimentos durante quatro décadas, até que numa noite de Inverno de 1794 um pavoroso incêndio a transformou num monte de escombros" (Ayres de Carvalho, *Palácio da Ajuda*, 1973). Vide, igualmente, do mesmo autor *Os três architectos da Ajuda. Do 'Rocaille' ao Neoclássico*, 1979, pp. 13-35).

<sup>7</sup> Michele Franzini, natural de Veneza, veio para Portugal ensinar no Colégio dos Nobres. Professor da Faculdade de Matemática, desde 1772. Foi, juntamente com frei Manuel do Cenáculo, perceptor do príncipe D. José, filho primogénito de D. Maria I. Morreu em Lisboa, em 1810.

<sup>8</sup> Domenico Agostino Vandelli (Pádua, 1735 - Lisboa, 1816). Os seus traços biográficos mais relevantes irão sendo divulgados ao longo do texto.

<sup>9</sup> A Junta de Providência Literária funcionava sob a inspecção do cardeal da Cunha e do marquês de Pombal, com os conselheiros: Bispo de Beja e Presidente da Real Mesa Censória, D. frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas; Drs. José Ricaldo Pereira de Castro e José de Seabra da Silva, desembargadores do Paço; Dr. Francisco António



decadência dos estudos superiores e apontar quais os cursos e os métodos que se deviam estabelecer para a sua reorganização. Do labor da Junta, presidida pelo próprio Pombal, resultaria a publicação de dois textos fundamentais para a materialização da reforma universitária, o *Compêndio histórico do estado da Universidade* (1770)<sup>10</sup> e os *Estatutos da Universidade de Coimbra* (1772)<sup>11</sup>.

A refundação da Universidade (expressão significativamente utilizada por Pombal) representou a consagração de uma nova cultura europeia em Portugal, cujos sinais mais visíveis foram a completa secularização do ensino ministrado, a revisão curricular ("o restabelecimento dos estudos")<sup>12</sup> da Faculdade de Medicina e a criação de duas novas Faculdades Naturais, a de Matemática e a de Filosofia Natural<sup>13</sup>. Seria, aliás, no âmbito da introdução dos

---

Marques Giraldes, Deputado da Mesa da Consciência e Ordens; D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Reitor da Universidade; Dr. Manuel Pereira da Silva, Desembargador dos Agravos da Casa da Suplicação e Dr. João Pereira Ramos de Azeredo, também Desembargador da Casa da Suplicação (Cfr. Teófilo Braga, *Historia da Universidade de Coimbra nas suas relações com a instrução publica portugueza*, 1898, t. III, pp. 396-397).

<sup>10</sup> Título completo da obra, entregue ao Rei a 28 de Agosto de 1771, *Compêndio historico do Estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados jesuitas e dos estragos feitos nas sciencias e nos professores, e directores que a regiam pelas maquinações, e publicações dos novos estatutos por elles fabricados*.

<sup>11</sup> Os *Estatutos* eram compostos de três volumes. O primeiro, de 374 páginas, dedicado à Faculdade de Teologia; o segundo com 584 páginas, diz respeito aos estudos juridicos, Cânones e Leis; e o último abarca, em 339 páginas, um total de três faculdades: Medicina, Matemática e Filosofia Natural (o Curso das Sciencias Naturaes e Philosophicas). O original dos *Estatutos* foi entregue pessoalmente por Carvalho e Melo à academia coimbrã quando ali permaneceu entre 22 de Setembro e 24 de Outubro de 1772 a fim de dirigir as primeiras medidas da reforma dos estudos universitários. Para uma análise mais circunstanciada da introdução dos estudos científicos na Universidade, com abundantes referências bibliográficas, veja-se João Carlos Brigola, *Ciência e Política. Do Pombalismo ao Liberalismo*, 1990, pp. 107 e ss.

<sup>12</sup> Expressão utilizada por Pombal em carta de Dezembro de 1773, para Coimbra, in AUC (Arquivo da Universidade de Coimbra), *Jardim Botânico. Docs. Avulsos. 3.<sup>a</sup> Secção. Plantas e Desenhos*, transc. por Lúcia Cruz, *Domingos Vandelli. Alguns aspectos da sua actividade em Coimbra*, 1976, p. 81. As cotas do AUC utilizadas pela autora foram entretanto alteradas.

<sup>13</sup> "Na universidade de Coimbra, o Marquês de Pombal através do seu projecto reformador terá de alguma maneira tentado conjugar o progresso científico com o ensino e por isso pensamos que a reforma de 1772, posta em prática pela letra dos novos estatutos da Universidade, representou a mais importante tentativa europeia no

estudos naturais que se fundariam dois estabelecimentos museológicos universitários, o Museu de História Natural e o Jardim Botânico.

Esta interessada e pragmática colaboração entre intelectuais ilustrados e poder político, consegue aglutinar em torno de objectivos muito concretos duas linguagens em mútua complementaridade: a da estratégia política global, fundamentada na utilidade social dos novos conhecimentos, e a do discurso científico, interior à própria comunidade de sábios. Significa isto que, se por um lado os *Estatutos* decorriam da responsabilidade institucional de um aparelho estatal - a Junta de Previdência Literária - a legitimação científica avalizava-se na empenhada participação de profissionais de cada área do saber, influenciando as determinações de ordem normativa, conceptual, metodológica, e até bibliográfica. É possível entrever também aqui, uma vez mais, a decisiva intervenção de estrangeiros e de estrangeirados, marcando os rumos intelectuais da nossa República das Letras, na produção de correntes de opinião, na ideação de projectos, na aceitação social das ideias.

Sirva de exemplo o caso da Matemática, testemunhando um dos mais esclarecidos e influentes membros da Junta que durante a estruturação do novo Curso foram "conferidos" isto é, concertados, os interesses governamentais com os preceitos epistémicos dos matemáticos "Ciera <sup>14</sup>, Franzini, Daly <sup>15</sup>, professor de grego, que é bom matemático e Monteiro <sup>16</sup>, que

---

sentido de inculcar na Universidade, o novo espírito científico" (Isabel Nobre Vargues, *A 'Ode a Fileno' e a reforma da universidade de 1772*, 1982, p. 258, *apud* João Carlos Brigola, *ob. cit.*, p. 150); "Em vez de ser um fruto extemporâneo, como alguns a viram, a reforma é, pelo contrário, o retrato de uma época. Ela é, provavelmente, a imagem mais avançada, mais europeia que Portugal poderia ter dado na altura, sem que por isso deixem de reflectir nela realidades de sinal contrário, no que não se afasta do que caracteriza as estruturas de outras monarquias absolutas do Ocidente da Europa." (Maria Eduarda Cruzeiro, *A reforma pombalina na história da universidade*, 1988, p.190, *apud* João Carlos Brigola, *ob. cit.*, p. 150).

<sup>14</sup> Michele Antonio Ciera, natural de Pádua, foi encarregado de uma demarcação dos limites nas possessões portuguesas da América meridional; veio, em seguida, ocupar o lugar de prefeito de estudos no Colégio dos Nobres. Professor na faculdade de Matemática, desde 1772. Morreu em 1782.

<sup>15</sup> Miguel Daly, irlandês, professor de Língua Grega no Colégio dos Nobres.

<sup>16</sup> José Monteiro da Rocha, professor e director da Faculdade de Matemática e do Observatório Astronómico. Vice-reitor da Universidade, a partir de 1786.

foi jesuíta e já o tem preparado no conceito do marquês para ser despachado [lente da nova Faculdade]"<sup>17</sup>.

Na Faculdade de Medicina a autoria dos estatutos é unanimemente atribuída ao médico português, então residente em Paris, António Nunes Ribeiro Sanches<sup>18</sup>, e percebe-se porquê. Anos antes, em 1763, deixara expressas com inexcedível minúcia as ideias que sustentava a propósito do *Metodo para aprender e estudar a medicina, illustrado com os apontamentos para estabelecerse huma universidade real na qual deviam aprender-se as sciencias humanas de que necessita o estado civil e politico*. Muito embora Ribeiro Sanches fosse visivelmente defensor da subalternidade disciplinar dos estudos naturalistas face à medicina e encarasse, por isso, os museus de história natural e os jardins botânicos como estabelecimentos museológicos a integrar naquela faculdade (destinados exclusivamente à didáctica médica)<sup>19</sup>,

<sup>17</sup> Frei Manuel do Cenáculo, *Noticias secretissimas da Junta reformadora da Universidade*, 1869, apud João Carlos Brigola, *ob. cit.*, p. 125. Noutro passo dirá ainda que: "(...) quanto às Matemáticas, mandou o Marquês ao dr. Ciera, Prefeito do Colégio dos Nobres, que lhe mandasse apontamentos e instruções, que mandou" (J. P. Ferreira, *Enxertos do 'Diário' de D. Frei Manuel do Cenáculo*, 1982, p. 25).

<sup>18</sup> Acusado pela Inquisição de práticas judaizantes, Ribeiro Sanches (1699 -1782) saíu de Portugal em 1726 e, apesar de ter sempre mantido intensos contactos pessoais e epistolares com vários portugueses, nunca mais voltaria à pátria. Apadrinhado por Boerhaave, de quem fora discípulo na Holanda, exerceu medicina na Rússia, ao serviço do exército e da coroa. Ali permaneceu entre 1731 e 1747, adquirindo imenso prestígio científico. Depois daquela data, passou a residir em Paris. A autoria dos estatutos da Faculdade de Medicina, ou pelo menos o cunho das suas ideias, é-lhe atribuída por vários autores como, por exemplo, Simão José da Luz Soriano, *Revelações da minha vida e memorias de alguns factos, e homens meus contemporâneos*, 1860, p. 245, apud João Carlos Brigola, *ob. cit.*, p. 125.

<sup>19</sup> Esta foi uma linha dominante no pensamento científico europeu, desde o séc. XVI: "Il legame com la medicine, insieme com la maggiore facilità di osservazione, raccolta e conservazione, favorisce il maggiore sviluppo della botanica rispetto alla zoologia: non a caso molti orti botanici sorgono presso scuole di medicina" (Antonello La Vergata, *La storia naturale e le classificazioni*, 1988, p. 781). Aliás, o próprio Pombal ao justificar a necessidade de terrenos para edificar o horto botânico universitário se expressa nestes termos: "(...) Faço saber aos que esta Provisão virem: Que havendo o mesmo Senhor considerado, que os Estudos da Faculdade de Medicina, antes escurecidos, e infrutuozos na mesma Universidade; nem poderiam ser inteiramente restabelecidos, nem prometeriam os úteis, e necessarios progressos, a que, em beneficio da Conservação da Saude humana devem dirigir-se; sem que por meyo de solidos Estabelecimentos se instituíssem todos os outros Estudos, que preparam, auxiliam, e conduzem ao perfeito conhecimento das Disciplinas da sobredita Universidade: Que sendo entre aqueles conducentes Estudos, hum dos mais necessarios ao sobredito fim, o do Estabelecimento de hum Horto Botanico, Onde pelo Exame das Plantas e sério estudo das suas qualidades, se preparem os Estudantes

certo é que o pragmatismo pombalino dele aproveitaria o essencial da doutrina, ou seja a imprescindibilidade da sua edificação com vista à utilização pelas três faculdades do Curso de Sciencias Naturaes e Philosophicas: "Já tratei em outro lugar do metodo de ensinar esta sciencia [a Medicina]: e que devia ser em hum collegio onde estivessem os estabelecimentos seguintes: (...) Hum Jardim de plantas com edificio para conservar a Historia Natural, e estufas para conservar as plantas estrangeiras" <sup>20</sup>.

Importa sublinhar neste texto, igualmente, uma ideia já então praticada noutros países europeus e que haveria de ser incorporada, sobremaneira no post-pombalismo, na estratégia governamental de articulação entre naturalismo económico, comércio ultramarino, conhecimento científico e equipamentos museológicos; referimo-nos às viagens *philosophicas* que Sanches coloca na esfera de responsabilização profissional dos médicos naturalistas: "Quando tratarmos das viagens que devem fazer os que tivessem acabado, os seus estudos, por ordem desta Universidade, e com quem se corresponderiaõ, então proporemos a necessidade que tem o Reyno de Medicos versados na Historia Natural para indagarem o que tem as nossas conquistas e colonias de util para a Medicina, para as Artes, e para o Comercio: metodo que tem uzado todas as Naçoens da Europa com tanto augmento das sciencias, e dos seus Estados. O que seria da incumbência da Universidade, e especialmente do Collegio de Medicina, sollicitar e promover esta sorte de viagens" <sup>21</sup>.

Noutro passo da mesma obra, alicerçado nas experiências museológicas europeias de matriz enciclopedista e iluminista - "Em Londres por ordem do Estado se vé estabelecido o Gabinete que foi de Sir Hans-Sloane; em Paris aquelle do Jardim Real; em Copenhagen e nas mais cortes de Alemanha, sendo o principal o de S. Magestade Imperial, Francisco Primeiro" <sup>22</sup> - Ribeiro

---

de Medicina para adquirirem novas idéias, e novos conhecimentos Theoricos, e Practicos da sua respectiva Faculdade (...)" (*Provisão de 2 de Março de 1773*, AUC, IV - 1ª D-2-2-4).

<sup>20</sup> A. N. Ribeiro Sanches, *Metodo para aprender e estudar a medicina ...*, 1763, pp. 139-140.

<sup>21</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>22</sup> *Idem*, pp. 97-98.

Sanches revela um lúcido entendimento dos novos problemas colocados à instituição museal quer pelo acelerado avanço dos conhecimentos científicos, quer pela necessidade económico-social do seu ensino e difusão. De facto, se comparado com o ideário de outros modernos (Jacob Sarmiento e Verney) - cuja principal contribuição fora, lembremo-lo, a defesa do modelo institucional na criação de museus de história natural e de jardins botânicos devendo, sempre, a Coroa patrociná-los no âmbito do ensino universitário ou do academismo científico - o seu pensamento representa-se mais complexo e, por isso, mais marcante a sua influência no delinear do modelo museológico da segunda metade de setecentos.

Evidenciando uma clara percepção da mudança fundamental que, por aqueles anos, se assistia na história do *museu*, isto é, o conceito de iniciativa pública contraposto ao de coleccionismo privado<sup>23</sup>, Ribeiro Sanches insiste no tradicional carácter educativo da instituição, só que alargado agora aos não especialistas. Mas a expressão pública da divulgação da ciência impunha, em coerência, a formação e o recrutamento de profissionais (os "mestres" e "guardas" no léxico do nosso autor) que pudessem assegurar a conservação, a investigação e a exibição dos espécimens: "A Historia natural comprehende o conhecimento, e o uso dos tres reynos chamados *Vegetal, Animal, e Mineral*. Nos reynos onde florescem as Sciencias, os seos Governos tem tomado a providencia de estabelecerem repositorios, ou armazens de particulas destes tres reynos da ditta Historia, com Mestres e Guardas para conservarem e mostrarem o que està confiado ao seu cuidado a todos aquelles que se querem instruir nesta sciencia. (...)"<sup>24</sup>.

É igualmente perceptível o seu entendimento das alterações de ordem epistemológica verificadas no estudo da Natureza (a aspiração à descrição e classificação das espécies dos três reinos, à luz de uma taxonomia

---

<sup>23</sup> "El tránsito del coleccionismo privado al museo público constituye un momento decisivo en la evolución de la institución, por encima de cualquier aspecto (...). Los avatares de fortuna de las colecciones, las variaciones en los gustos de las diversas épocas, las concepciones epistemológicas que inspiran su creación no modifican el principal carácter de los museos hasta ahora estudiados: ser una propiedad privada celosamente protegida por su dueño y pensada para su exclusivo disfrute" (María Bolaños, *Historia de los museos en España ...*, 1997, p. 117).

<sup>24</sup> António Nunes Ribeiro Sanches, *ob. cit.*, pp. 97-98.

racionalizadora e totalizante como a de Linneo) e das repercussões assim impostas ao discurso museológico, nomeadamente ao nível da sistematização das colecções e nos modos de apresentação (exibir exaustivamente os objectos da normalidade, racionalmente expostos, por oposição às raridades extravagantes da cultura da curiosidade): "Todas as Sciencias, e todas as Artes necessitão do conhecimento da Historia Natural; nella se contem os materiais de todas ellas. Como o objecto da Chimica Universal, he de indagar as intimas propriedades dos tres reynos acima mencionados, assim a Historia Natural tem por ultimo fim conhecer todos os productos da Terra, do Mar, e do Ar, e guardar delles certas partes ou no total, para vir no seu conhecimento. O melhor systema que se deu ate agora desta Sciencia he o de Carolous Linnaeus, com este titulo: *Systema Naturae*, Stocholm, 1760"<sup>25</sup>.

Deixámos para o fim a referência obrigatória ao nome de Domingos Vandelli (1735-1816) cuja ligação, durante mais de quatro décadas, à fundação, instalação e direcção dos museus de história natural e jardins botânicos da Ajuda (1768-1810) e de Coimbra (1772-1791) faz dele, indiscutivelmente, o mais importante museólogo setecentista do nosso país. A ele se devem, por exemplo, a rede internacional de contactos científicos dos nossos museus públicos com personalidades e instituições museológicas de toda a Europa; a colaboração especializada com o coleccionismo privado obtendo, de alguns proprietários, a doação de gabinetes para incorporação nas colecções públicas; a autoria da parte dos *Estatutos* da faculdade de Filosofia Natural dedicada ao ensino da Química e da História Natural, incluindo a criação dos respectivos equipamentos museais; a formação académica, em Coimbra, e a preparação profissional, na Ajuda, dos naturalistas com missões ultramarinas; a autoria de compêndios universitários, de instruções aos viajantes naturalistas, e de dezenas de alvitres, memórias e relatórios, além de numerosa correspondência oficial, donde é possível extrair, se não um pensamento museológico teoricamente inovador, ao menos uma persistente

---

<sup>25</sup> *Idem, ibidem*

reflexão, de carácter utilitarista, sobre os objectivos, as estratégias e as condicionantes da *praxis*, bem como propostas para a sua superação<sup>26</sup>.

***O real museu de história natural e jardim botânico da Ajuda  
(1768-1777)***

2. Um dos principais desafios que se coloca à lógica narrativa presente na história do *museu*, é o da procura de um justo equilíbrio entre a conceptualização e a descrição sequencial evitando-se, ao mesmo tempo, uma dupla tentação: a da cronologia positivista (lista fastidiosa de factos institucionais) e a do ahistoricismo museográfico (padronização de práticas e de técnicas sem contextualização temporal)<sup>27</sup>. É forçoso aceitar, por outro lado, a ideia (fundante da Museologia enquanto discurso disciplinar) de que na origem do museu e da colecção se encontra um projecto - a vontade de escolher e de reunir uma determinada tipologia de objectos e não outra. Todas as colecções vivem, pois, de um projecto através do qual o coleccionador (ou o fundador institucional) pretende expressar a sua visão do mundo e, no caso das colecções de história natural, o sentido da investigação que perfilha<sup>28</sup>.

<sup>26</sup> Para uma aproximação à sua biografia consulte-se: Pierandrea Saccardo, *Di Domenico Vandelli e della parte che ebbe lo Studio Padovano nella riforma dell'Istruzione Superiore nel Portogallo*, 1900; Guido Battelli, *Domenico Vandelli e il Giardino Botanico di Coimbra*, 1929; Biagio Longo, *Domenico Vandelli e la fondazione del primo orto botanico nel Portogallo*, 1940; Ruy Telles Palhinha, *Domingos Vandelli*, 1945; Gianna Melli, *Un italiano in Portogallo - Domenico Vandelli*, 1966; Lígia Cruz, *Domingos Vandelli - alguns aspectos da sua actividade em Coimbra*, 1976; António Rosa Mendes, *O naturalista Domingos Vandelli. Novos elementos para a sua biografia*, 1984-85; Marco Meriggi, *Domenico Vandelli. Vita ed opere*, 1989. Sobre os textos económicos vandellianos vejam-se os excelentes estudos de: José Luís Cardoso, *Os escritos económicos e financeiros de Domingos Vandelli*, 1988; *Idem*, *O pensamento económico em Portugal nos finais do século XVIII. 1780-1808*, 1989; e José Vicente Serrão, *Domingos Vandelli - Aritmética política, economia e finanças*, 1994.

<sup>27</sup> Cfr. María Bolaños, *Historia de los museos en España*, p. 8.

<sup>28</sup> Cfr. Adalgisa Lugli, *Museologia*, p. 71.

### ***A génese do projecto: as influências***

Procurando-se esclarecer melhor o sentido do projecto josefino de construir um museu de história natural e um jardim botânico junto ao paço real da Ajuda, têm-se apontado como pessoalmente influentes na resolução régia os nomes de Miguel Franzini, e o do 3.º marquês de Angeja, Pedro José de Noronha (1716-1788). Muito embora a este respeito não seja possível recolher mais do que testemunhos indirectos não parece contestável o acerto da injunção, por se tratarem de duas personalidades particularmente bem situadas para inculcarem a pertinência dos seus conselhos junto do poder político<sup>29</sup>.

O matemático italiano porque, sendo preceptor do príncipe D. José (1761-1788) sobre quem pendia a maior das expectativas ilustradas e porque, em razão da sua própria formação científica, estaria naturalmente empenhado em proporcionar ao neto do Rei uma educação essencialmente prática e experimental; socorreu-se até de equipamentos didácticos que, pelo inovador valor educativo, viriam a ser objecto de esclarecedora descrição no diário de um viajante-diplomata: "Nous désirions depuis longtemps voir l'intérieur des appartements du prince du Brésil. M. Franzini, son maître de mathématique, d'histoire, de géographie, est vénitien; ci-devant médecin, aujourd'hui rusé courtisan, il s'est acquis le plus grand crédit sur l'esprit de l'héritier présomptif de la couronne (...). Nous sommes rendus à une heure après midi au palais d'Ajuda. Nous y avons trouvé, des gens du prince qui nous ont fait voir son

---

<sup>29</sup> Vide referências à influência de M. Franzini, em Marquês de Bombelles, *Journal d'un Ambassadeur de France au Portugal. 1786-1788*, 1979, pp. 271-272; Cândido José Xavier, *Do Conservatório das Artes e Offícios de Paris, e da possibilidade de hum Estabelecimento semelhante em Portugal*, 1819, p. 100-101; Inácio de Vilhena Barbosa, *Museus criados em Portugal até ao fim do século XVIII*, 1903, pp. 26-35; e Alfredo Augusto de Oliveira Machado e Costa, *Mestres italianos em Portugal. O início vestigiário dos museus portugueses de história natural*, 1949, pp. 8-9 ("A acção educativa de Miguel Franzini prolongou-se sem dúvida, até à morte do príncipe [D. José] em 11 de Setembro de 1788 (...) a sua preparação em que se relecte sem dúvida, a influência sugestiva do mestre italiano que procurava desenvolver-lhe a cultura em novos moldes traduz-se pela formação do Jardim Botânico, dum gabinete de física e dum Museu de História Natural(...). A influência franziniana na obra científica pombalina reflecte-se ainda na criação coeva, em data imprecisa, do Museu de História Natural da Ajuda); referências à interferência do Marquês de Angeja, em "Historia da Botanica em Portugal", *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, 1884, p. 9; e Ruy Telles Palhinha, *Domingos Vandelli*, 1945, p. 9.



cabinet de physique. Les machines moins nombreuses qu'à Coimbra y sont également bien rangées et faites avec le plus grand soin. Au dessus de ce cabinet est une salle dont la vue sur le Tage rend l'habitation fort agréable, à l'exception de petits passages, elle est remplie de reliefs de fortifications et des représentations également en relief des procédés relatifs à tous les arts et métiers. Les modèles de fortifications son tous venus de Turin. (...) Le prince a dans un autre cabinet tous les modèles des instruments d'artillerie, plus loin on voit encadrée la suite des uniformes de toutes les principales puissances de l'Europe. (...) Après avoir vu tous ces objets, on nous a menés dans une salle basse où sont déposées, en attendant un emplacement plus convenable, toutes les parties des reliefs propes à montrer au prince dans leurs détails et sur une très grande écelle diverses parties de l'art hydraulique comme canaux, écluses de toutes formes, ponts avec des portes de flots, retenues d'eaux, écluses de chasse, etc... Ces modèles sont également venus de Turin et ne souffriraient aucune comparaison avec ceux qui se voient aux Ponts et Chaussées de Paris (...). Tels que sont les reliefs du prince du Brésil, ils serviront cependant à lui donner des idées justes des travaux qu'il faudrait exécuter dans le pays qu'il gouvernera un jour. Les Portugais devraient être reconnaissants de ce que M. Franzini tourne vers des choses utiles les goûts du prince destiné à porter leur couronne. A quelque distance du palais et dans une situation agréable est le cabinet d'histoire naturelle de Son Altesse Royale (...)"<sup>30</sup>.

A origem piemontesa de alguns dos 'modelos' depositados no Gabinete do Príncipe, na Ajuda, é em parte atribuída à iniciativa de D. Rodrigo de Sousa Coutinho nosso embaixador em Turim, a fazer fé no *panegírico* do seu mais antigo biógrafo: "Procurou que o acreditado Micholoti se encarregasse do modelo de hum canal de todos os Engenhos d'agua, que havia no Piemonte, sem prejudicar as regas dos campos, e ensinar este principal ramo da agricultura, cujo modelo veio para o Gabinete de Historia Natural do Principe o Senhor D. José, que ornou com o modelo de todas as Praças da Europa,

---

<sup>30</sup> Marquês de Bombelles, *Journal d'un Ambassadeur de France au Portugal. 1786-1788*, pp. 271-272. Vide referências à sua chegada à Corte portuguesa na *Gazeta de Lisboa*, 3 de Novembro de 1786, Suplemento.

d'artes, e máquinas novas, que os seus profundos conhecimentos poderão compreender, e os seus incessantes cuidados alcançar"<sup>31</sup>.

No caso do aristocrata português, a influência directa no projecto museal da Ajuda ter-se-á consubstanciado na decisão régia de mandar traçar, a partir de 1768, o Jardim Botânico. Não sendo o 3.º Marquês de Angeja um indefectível sequaz de Sebastião José (muito pelo contrário) conseguiu, todavia, manter incólume a amizade que o ligava ao soberano, sempre atento às suas opiniões de erudito naturalista. De facto, são unânimes os testemunhos que fazem dele um dos coleccionadores privados mais importantes do panorama museológico da segunda metade de setecentos. O pioneirismo de Angeja (as origens dos seus gabinete de história natural e jardim botânico são provavelmente anteriores às iniciativas oficiais pombalinas) e a autoridade científica assim granjeada estão bem patentes nos elogios de alguns naturalistas coevos<sup>32</sup>.

### **3. A contratação do naturalista italiano Domingos Vandelli**

Aceitando-se como historicamente correcta a atribuição de influências a Franzini e a Angeja (o que significa dizer que a ideia original não terá pertencido ao conde de Oeiras), então ele não terá sido mais, neste particular, do que executante da vontade régia e terá adoptado, a contragosto, um projecto cortesão que não tinha pessoalmente delineado e que, originariamente, não contemplara no seu programa de reformas educativas. A

---

<sup>31</sup> José Firmino da Silva Giraldes, *Panegyrico historico ao illustrissimo, e excellentissimo senhor D. Rodrigo de Sousa Coutinho, conde de Linhares*, 1812, p. 14. Dos documentos levados por Saint-Hilaire para Paris, em 1808, fazia parte um relatório que se referia, provavelmente, a este 'modelos': "(...) Aux cinq notes précédentes, s'en trouve jointe une sixième rédigée en français et intitulée: 'Etat des instruments de Physique expérimentale, Modèles de Fortifications et des Arts et Métiers, qui se trouvent placés dans les six sales de la Galerie en face du Jardin Botanique, sous l'administration de Tibère Blanc (dressé par Tibère Blanc à Lisbonne le 28 juillet 1808)'" (Jacques Daget e Luiz Saldanha, *Histoires naturelles franco-portugaises du XIX e siècle*, 1989).

<sup>32</sup> *Infra* Cap. VII (O coleccionismo privado), fazemos um relato mais extenso da personalidade e obra do marquês de Angeja enquanto coleccionador naturalista.

ser assim, talvez se possa compreender melhor, por um lado, o distanciamento crítico do ministro face a uma lógica de despesas que visivelmente não controlava (justamente o oposto do que sucederá com o museu e o jardim universitários) e, por outro, o limitado alcance institucional e funcional destes equipamentos durante todo o período pombalino, para além de meros espaços de aprendizagem e recreação privada da família real, longe ainda da ampla utilidade pública que assumirão no período mariano.

Vista a esta luz - controlar em Coimbra um processo que, na Ajuda, lhe escapara - a surpreendente observação de Pombal contida em carta de 1773 para o Reformador-Reitor ganha, em nosso entender, novos significados: "D' aqui veyo, que ideando elles [os mestres italianos] nesta Côrte, junto ao Palacio Real de Nossa S.ra da Ajuda, em pequeno espaço de terra hum Jardim de Plantas para a curiosidade; quando Eu menos o esperava, achei mais de cem mil cruzados de Despeza taõ exorbitante, como inutil" <sup>33</sup>.

Neste contexto, o passo seguinte na cadeia de raciocínio que estamos expondo é o de tentar desvendar as circunstâncias da contratação de Domingos Vandelli em 1764, aparentemente destinado à docência no Colégio dos Nobres mas, na realidade, sem exercício de funções oficiais até 1768, data em que aparece finalmente nomeado para dirigir as obras do Jardim Botânico da Ajuda. Essas circunstâncias deverão ser associadas às vicissitudes do projecto de introdução dos estudos científicos tanto no Colégio de Lisboa, como na Universidade. Quanto à instituição coimbrã, Carvalho e Melo, sabemos-lo bem, alimentava desde a expulsão dos jesuítas o intento de a reformar (ou refundar) profundamente <sup>34</sup>. Isso mesmo o assume explicitamente

---

<sup>33</sup> "Carta do Marquez de Pombal ao Bispo de Coimbra Reitor da Universidade, D. Francisco de Lemos, em resposta sôbre o plano do Jardim Botanico da Universidade, offerecido, e traçado pelos Lentes de Philosophia Italianos [5 de Outubro de 1773]", *Jornal de Coimbra*, 1820 (Transcrita por M. Lopes de Almeida, *Documentos da reforma pombalina*, 1937, p. 105).

<sup>34</sup> Deve-se contudo afirmar que a expulsão dos jesuítas, deixando um vazio difícil de colmatar, terá apressado, mas não determinado, o reformismo pedagógico de inspiração secularizante. Um estudo aprofundado e rigoroso sobre o ideário iluminista e suas ligações com o fenómeno europeu da secularização ("uma interpretação do Iluminismo é, por essência, uma leitura da Secularização") foi efectuado por Miguel Baptista Pereira, *Iluminismo e secularização*, 1982, apud João Carlos Brigola, *Ciência e política ...*, p. 148.

em carta de 1761 dirigida ao padre e erudito italiano Jacopo Facciolati (1682-1769), professor de Lógica e reitor na Universidade de Pádua, pedindo-lhe um exemplar dos Estatutos daquela universidade, bem como sugestões para a reforma que tinha "in animo" para a de Coimbra: "(...) mi sarebbe poi a grado di avere (...) gli statuti della stessa Università, perchè ho in animo di riformare questa di Coimbra. S'Ella ha qualche cosa da suggerirmi a questo proposito attribuirò le di Lei insinuazioni a particolare favore e saprò valermene a tempo"<sup>35</sup>

Decorreria ainda um longo interregno de onze anos até à promulgação dos *Estatutos* universitários, enquanto no horizonte imediato o esforço ministerial continuava a ser canalizado para a abertura do Colégio dos Nobres. Aqui, o principal problema continuava a ser o do recrutamento de docentes capazes de pôr em prática o ambicioso plano de estudos já impresso desde Março de 1761. No excelente estudo de Rómulo de Carvalho sobre os primeiros anos do Colégio, o autor acentua o moroso processo de negociações com os professores italianos - as aulas só viriam a abrir cinco anos depois - considerando que, em contrapartida, terá havido uma desordenada pressa na organização regulamentar e curricular de um sistema pedagógico que, pelas suas revolucionárias características, teria exigido uma preparação minuciosa, serena e demorada. Segundo o mesmo autor, explicar-se-á assim o total malogro do ensino das matérias científicas, Matemática e Física, transferidas em 1772 para as novas faculdades naturais<sup>36</sup>.

Entretanto, o nome de Domingos Vandelli aparece associado ao dos universitários indicados por Facciolati para a docência no Colégio dos Nobres, em razão da sua própria recusa em vir para Portugal onde lhe fora oferecida a direcção dos estudos. No entanto, não deixa de causar estranheza a contratação de um médico naturalista, especialista com provas dadas no campo da química e da história e do coleccionismo naturalistas<sup>37</sup> -

---

<sup>35</sup> *Carta do Conde Oeiras a Jacopo Facciolati (12 de Março de 1761)*, Biblioteca do Seminário de Pádua, Manuscrito 244, cit. in Rómulo de Carvalho, *História da fundação do colégio real dos nobres de Lisboa (1761-1772)*, p. 58.

<sup>36</sup> Cfr. Rómulo de Carvalho, *ob. cit.*, pp. 59-60.

<sup>37</sup> Sobre a actividade de naturalista em Itália e lista de obras impressas e inéditas até 1764, veja-se Pierandrea Saccardo, *Di Domenico Vandelli e della parte ch' ebbe lo*

precisamente uma área que se sabia, desde 1761, não fazer parte da estrutura curricular do Colégio<sup>38</sup>; além do mais, a acreditar-se na afirmação do nosso cônsul em Génova, Nicolao Piaggio, o convite decorrerá do empenhamento pessoal do Prefeito dos Estudos, Miguel Ciera, a pedido do Conde de Oeiras: "O Presentador desta sará (...) o Dr. fisico Domingos Vandelli, que vem hai aos Pes de Vossa Ex.<sup>a</sup>, em vigor das Ordens que da esse Dr. Miguel Cera [sic] por parte de Vossa Ex.<sup>a</sup> lhe forão dadas, para ter á honra de se empregar por hum dos Professores nesse Real Collegio, à teor das Cartas do dito Dr. Cera, que me apresentou. Como o referido D.r Vandelli à Lem de Ser Pessoa m.to Civil, filho do Celebre Fran.co Vandelli Professor na universidade de Padova, he m.to Erudito, e Capaz, estas suas prerogativas, me fez tomar à Confiança de suplicar à Vossa Ex.<sup>a</sup> de lhe accordar á sua Alta Protecção"<sup>39</sup>.

A intrigante contratação de um naturalista, no ano de 1764, deixa em aberto diversas interpretações sobre os verdadeiros desígnios governamentais. A documentação disponível conduz-nos em três direcções: face à dificuldade em contratar o número de docentes inicialmente pretendidos - sucedendo até o regresso de alguns deles a Itália desalentados com a demora na abertura das aulas - o ministro poderá ter instruído Ciera para apressar a contratação de professores com formação científica, independentemente da vocação específica para a docência desta ou daquela área disciplinar<sup>40</sup>. Dalla Bella, por

---

*Studio Padovano nella riforma dell'Istruzione Superiore nel Portogallo nel Settecento*, 1900; Guido Battelli, *Domenico Vandelli e il giardino botanico di Coimbra*, 1929; Marco Meriggi, *Domenico Vandelli. Vita ed opere*, 1989; e a correspondência trocada com Carl Linneo in Domingos Vandelli, *Florae Lusitanicae et Brasiliensis Specimen et Epistolae ab Eruditis Viris Carolo A. Linné, Antonio de Haen ad Dominicum Vandelli*, 1788.

<sup>38</sup> Cfr. Rómulo de Carvalho, *ob. cit.*, p. 81, que apresenta um elucidativo quadro comparativo entre os diferentes planos de ensino propostos por Ribeiro Sanches e o plano consignado nos Estatutos do Colégio.

<sup>39</sup> *Carta de Nicolao Piaggio para o Conde de Oeiras (Génova, 16 de Maio de 1764)*, ANTT, Ministério dos Negócios Eclesiásticos e Justiça, Caixa 66, Maço 77, 1.º Macete; N. Piaggio era cônsul geral de Portugal na República de Génova, desde 1 de Março de 1753 (Cfr. ANTT, *Chancelaria de D. José*. L.º 65, p. 115).

<sup>40</sup> Rómulo de Carvalho, *A História Natural...*, 1987, p. 48, chega mesmo a supor que inicialmente se terá admitido a inclusão das disciplinas de História Natural e de Química no Colégio.

exemplo, que viria a desempenhar papel de tanto relevo no ensino da física experimental <sup>41</sup>, só chegaria a Portugal em finais de 1766.

De resto, sabemos que em Março desse mesmo ano, na abertura oficial do Colégio dos Nobres, o corpo docente se encontrava ainda muito incompleto <sup>42</sup>. Assim se explicaria o facto de Vandelli, já depois da abertura oficial das aulas, alimentar ainda a esperança de tornar-se docente do Colégio, tal como é referido em cartas que lhe são dirigidas de Itália.

A segunda hipótese prende-se com o papel que lhe estaria já nesta data destinado na introdução dos estudos de história natural em Coimbra. De facto, as alusões, na mesma correspondência, à iminente construção de um jardim botânico universitário e à sua designação para o dirigir permitem supor que, para o Conde Oeiras, seria uma questão de tempo a associação de Domingos Vandelli aos projectos pedagógicos e científicos para a Universidade de Coimbra. Por último, a previsão de uma viagem *philosophica* ao Brasil é uma possibilidade que o incentivo de Linneo torna verosímil, mas não podemos comprovar que alguma vez tivesse sido equacionada pela Coroa: " (....) O utinam posses ipse adire Brasiliam, Terram, quam nemo calcavit, excepto *Marcgravia* (....); sed in tempore quo nondum fax erat accensa in Historia Naturali, adeoque debent omnia e novo describi ad lucem. Tu fores prae reliquis aptus, qui in *Re Naturali* solidissimus es. In inquirendo indefessus, in pulcherrime depingendo dexterrimus. Sed forte nullus in Lusitania agnoseit finem Creationis esse Gloriam Dei ex opere; nos vero agnoscimus D.T.O. scriptisse duos libros & Naturam & Revelationem" <sup>43</sup>.

<sup>41</sup> Giannantonio Dalla Bella (1730-1823), natural de Pádua, professor de Física Experimental na Universidade de Pádua; entre 1766 e 1772, professor no Colégio dos Nobres; depois desta data e até 1790, na Universidade de Coimbra; fundador dos gabinetes de Física de ambas as instituições portuguesas.

<sup>42</sup> Cfr. Rómulo de Carvalho, *ob. cit.*, p. 128.

<sup>43</sup> "(....) Oxalá possas ir ao Brasil, terra onde nunca ninguém andou, excepto Marcgrave (....) mas num tempo em que não estava acessa nenhuma luz de História Natural: agora tudo deve ser de novo descrito à luz. Tu estás apto para isso, és solidíssimo nas coisas da Natureza, infatigável na inquirição, habilíssimo nos belos desenhos. Porventura em Portugal ninguém reconhece que o fim da obra da Criação é para a Glória de Deus; nós verdadeiramente reconhecemos ter Deus Todo Poderoso escrito dois livros, Natureza e Revelação" (Carta VIII de Linneo, Upsala, 12 de Fevereiro de 1765, in Domingos Vandelli, *Florae Lusitanicae et Brasiliensis Specimen et Epistolae ab Eruditissimis Viris Carolo A. Linné, Antonio de Haen ad Dominicum Vandelli,*



Qualquer que tenha sido a razão inicial que mais tenha pesado na vinda de Vandelli (e não se exclua a presença de mais de uma das apontadas, ou de todas elas, na decisão governamental) o que importa reter como historicamente relevante é facto de o país ter podido dispor de um naturalista-coleccionador-professor de reconhecido prestígio, no exacto momento em que a decisão política foi accionada, primeiro na Ajuda, depois em Coimbra.

Dispomos de esclarecedora documentação sobre as vivências lusitanas de Domingos Vandelli nesses longos quatro anos, sem cargo formal, sem destino oficialmente traçado, apenas vagas promessas de ocupação, apesar de cumprido o compromisso financeiro do Estado: "O meu ordenado, q. S. Mag. de o Snr. Rei D. Jozé me determinou no anno de 1764, e que se pagava na Caza da Moeda" <sup>44</sup>.

De longe, os amigos que lhe recebiam as confidências epistolares acompanhavam a par e passo o desenrolar dos dramas pessoais e, é isso que torna estes testemunhos verdadeiramente preciosos, o filme dos acontecimentos que haveriam de conduzir, em Portugal, à institucionalização dos estudos de história natural e à fundação dos primeiros equipamentos museológicos sustentados pelo erário público.

Da Academia de Bolonha, Ferdinando Bassi (1710-1774), um "istorico naturale", de quem recebe a primeira carta logo em Abril de 1765, confessa

---

1788, pp. 80-81). Vandelli durante a sua longa permanência entre nós nunca se deslocaria à América portuguesa, constituindo essa, porventura, a sua maior frustração profissional: "Desejava eu não estar tão cansado, nem tão debilitado na minha saude, para podêr ir descobrir ao novo mundo as immensas riquezas que ignorâmos, e que são invejadas pelos estrangeiros" (*Cartas ao Marquês de Angeja e ao Visconde de Vila Nova de Cerveira, 3 de Novembro de 1777*).

<sup>44</sup> [Domingos Vandelli], *Relação da origem, e estado prezente do Real Jardim Botânico, Laboratorio Chymico, Museo de Historia Natural, e Caza do Risco, [1795]* ANTT, Ministério do Reino, Maço 444. Sabemos por uma carta de Linneo que Vandelli não permaneceu inactivo durante este período, já que envia ao sueco um trabalho sobre a flora de Lisboa: "Accepi pridie Tuas V.C., & pulcherrimam Floram Ulyssiponensem, quae omnia, & singula summo me perfundebant oblectamento" (Carta IX, Upsala, 16 de Agosto de 1765, in D. Vandelli, *Florae Lusitanicae et Brasiliensis...*, p. 82). Segundo Guido Battelli, *Domenico Vandelli...*, 1929, p. 19, tratar-se-á do texto significativamente intitulado *Historia naturalis urbis et agri olisiponensis, contiens terras, lapides, petrefacta, thermas, plantas, animalia, eorumque usus in re medica, oeconomica et artibus*.

que esteve convencido, pelos avisos de Brunelli (outro italiano em Lisboa) <sup>45</sup>, de que Vandelli regressaria a Itália por se achar cansado e desiludido: "Secondo gli avvisi più volte ricevuti dal nostro Signore Brunelli, io mi aspettavo di vederla in Bologna almeno di passaggio, o almeno [...] in Modena avendomi scritto, che stanca delle [...] era in procinto d'imbarcarsi per l'Italia (...)" <sup>46</sup>. Admite compreender, no entanto, a razão porque permanecera em Lisboa: finalmente o Colégio dos Nobres fora inaugurado, abrindo-se a possibilidade de Vandelli ali poder leccionar, e o seu mérito reconhecido. Tanto mais que, comenta Ferdinando Bassi, Portugal era um país onde se poderiam fazer grandes descobertas em história natural, carente como estava de especialistas; de tal maneira que Lisboa, sublinha enfaticamente, "necessitaria mais de um naturalista do que do próprio pão para a boca".

É muito significativo que faça referência, noutro passo, à possibilidade de Vandelli poder ser empregado "com honra e utilidade" na Universidade (ou no Colégio), o que parece comprovar o que acima deixámos como hipótese: "Codesto é un Paese nel quale certamente si potranno fare grandi scoperte di storia naturale, poichè pochissimo osservano, anche lei avrà un bel campo (...)

---

<sup>45</sup> Ferdinando Bassi partilhava com um dos irmãos Brunelli, desde 1761, a direcção do Museu de História Natural da Academia de Bolonha: "Dall' anno 1761 sino al giorno d'oggi nel museo d'istoria naturale si sono fatti considerabili cambiamenti, e si é molto acresciuto com l'indefessa assitenza, e direzione del Sr. Ferdinando Bassi, e J. D. Brunelli fratello di questo Prof. Del Real Collegio de Nobili" (Domingos Vandelli, *Breve descrizione dell'Istituto delle Scienze di Bologna (1758)*, BACL, Ms. 1205/1, Série Azul). Giovanni Angelo Brunelli (irmão do anterior), provavelmente paduano, morreu em 1791. Veio, acompanhando Ciera, com a missão de demarcar os limites nas possessões portuguesas da América meridional; professor de Aritmética e Geometria no Colégio dos Nobres e, mais tarde, na Academia Real de Marinha, fundada em Lisboa em 1779. Na edição de 3 de Agosto de 1804, Suplemento, da *Gazeta de Lisboa*, anunciava-se que: "Quem quizer comprar a livraria que foi do Doutor João Angelo Brunelli, a qual se compõem de mais de 4500 volumes, (...) se lhe mostrará o catalogo respectivo".

<sup>46</sup> *Carta de Ferdinando Bassi a Domingos Vandelli (Bolonha, 6 de Maio de 1766)*, AHMB (Arquivo Histórico do Museu Bocage), CE/B -68. Rómulo de Carvalho, *ob. cit.*, 1987, p. 48, com base na existência de um passaporte passado em nome de Vandelli (Cfr. ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Livro 362, "Passaportes", 12-VIII-1765, L.º I, 1752-1779), concluiu que o paduano regressara a Itália. De facto, o passaporte anunciava uma viagem de Lisboa para Génova, a bordo do navio veneziano, 'A Sagrada Família'. No entanto, comprovamos com esta carta de F. Bassi, que tal não terá sucedido, tanto mais que o próprio Assento do M.N.E. traz escrito à margem a seguinte anotação: "Não teve effeito".



Mi dà avviso, che finalmente si è aperto il nuovo reale collegio li eg: di marzo, dunque saranno anche stabiliti i Professori, e maestri; hanno dunque riconosciuto il di lei merito (...) e perciò la prego di dirmi se finalmente si sia stabilita com onore e a utile in cotaste Università, o Collegio. Vi è più necessario in Lisbona un storico naturale, che il pane che mangiano.(...)"<sup>47</sup>.

Durante o ano de 1767, circula a notícia de que estaria para breve a edificação de um jardim botânico em Coimbra - "(...)Intendo dal Signore Brunelli, che in Coimbra sarà per erigersi un famoso Orto Botanico, e faranno assai bene avendo ora un Professore (...) "<sup>48</sup> - mas logo em Agosto, Vandelli se apressa a informar o amigo bolonhês de que os planos oficiais se dirigem agora para a construção, em Lisboa, de um jardim botânico de iniciativa régia, e nele será não só professor, como ocupará também o lugar de director<sup>49</sup>.

Por isso, Bassi pede esclarecimentos sobre o seu novo título - botânico régio, ou outro ? - para que... não faltasse no endereço da próxima carta: "(...) Ora vengo all'altra sua lettera [4 de Agosto], e mi consolo assaissimo, che finalmente si sia positivamente stabilito di creare colà un Orto botanico, e mi suppongo, che lei ne sarà il Professore, ma anche il Direttore; com sommo

<sup>47</sup> *Idem, ibidem*. Também na já citada Carta VIII de Linneo para Vandelli (12.02.1765) o naturalista sueco se refere às excelentes oportunidades de exploração científica que a Natureza em Portugal ofereceria, quer pelo exotismo das espécies, quer pela quase completa ausência de estudos; alegra-se se Portugal puder reconhecer a sua Boa Natureza, pois infelizes são os países que não possuem terras exóticas. Diz que as cartas portuguesas de Vandelli o conduzem pelos lugares amenos da Lusitânia, sonha com as suas belas plantas. Uma vez que toda a Europa já foi palmilhada pelos botânicos, falta só explorar a Índia europeia, terra felicissima que é Portugal. ("Bone Deus si Hispani, & Lusitani noscent sua Bona Naturae, quam infelices essent plerique alii, qui non possident terras exoticas! Litterae Tuae me tecum duxere per tempe Lusitanica, ubi Tecum quasi in blando somnio legi pulcherrimas plantas. Postquam tota Europa calcata est a Botanicorum pedibus, restat etiamnum sola Lusitania, quae India Europaea dicenda, & felicissima Terra", D. Vandelli, *ob. cit.*, p. 81).

<sup>48</sup> *Carta de Ferdinando Bassi a Domingos Vandelli (Bolonha, 7 de (?) de 1767)*, AHMB, CE/B -66.

<sup>49</sup> Em carta dirigida a J. Banks, a 11 de Julho de 1767, Vandelli "beseeches B.[Banks] to help to build up a new botanical 'Viridarium' in Lisbon, which needs seeds and living plants for cultivation, and for which he will meet any expenses incurred" (Warren R. Dawson (edição de), *The Banks Letters. A callandar of the manuscript correspondence of Sir Joseph Banks preserved in the British Museum*, 1958, p. 841).

piacere io contribuiró al Giardino reale. (...) P.S. mi dica se há ottenuto il titolo di Botanico regio, o altro titolo, per non mancare nella direzione"<sup>50</sup>.

A boa nova parece espalhar-se, célere, entre a comunidade de naturalistas europeus (não só italianos como veremos) e alguns apressam-se a propor venda ou intercâmbio de sementes, de plantas, de livros, de informações. Finalmente, o discípulo e estimado correspondente do autor do *Systema Naturae* fazia valer o seu trunfo lusitano - o acesso directo à recolha de plantas raras neste exótico território europeu e no seu vasto império.

Ainda não existe indigitação oficial para o cargo de director do Jardim Botânico de Lisboa, e já o naturalista piemontês Ludovico Bellardi se lhe dirige enviando-lhe sementes e implorando-lhe participação na fascinante empresa de herborizar num país de flora tão desejada quanto desconhecida para a ciência: "Avendo inteso che V. S. intraprende l'erezione d'un giardino Botanico in Lisbona, e desiderando di dimonstrarle la mia buona volontà nel servila, mi recai a sommo piacere, ed onore lo sciegliere in questa occasione alcuni semi, che riceverá in questa mia lettera inclusi. (...) Ella é in un paese, dove puó senza dubbio fare abbondanti raccolte di piante rare, e se di queste com tutto suo comodo me ne volesse far partecipe, [...] infinitamente colui, che com tutta la stima, ed ossequio ha l'onore di protestarsi di V. S"<sup>51</sup>.

#### 4. O lugar, as colecções, os fruidores

É possível reconstituir o que de mais significativo marcou os primeiros nove anos da existência do jardim botânico e do gabinete do Paço da Ajuda a partir, fundamentalmente, de dois tipos de testemunhos coevos de indiscutível valor documental: a *Relação da origem, e estado prezente do Real Jardim*

---

<sup>50</sup> Carta de Ferdinando Bassi a Domingos Vandelli (Bolonha, 14 de Setembro de 1767), AHMB, CE/B -67. Na primeira obra escrita e publicada entre nós, a *Dissertatio de arbore draconis seu dracaena* (1768), Vandelli intitula-se 'Regii Botanices Professoris'; na seguinte, *Fasciculus plantarum cum novis generibus, et speciebus* (1771), considera-se 'Horti Regii Exoticarum Plantarum Praefecti'.

<sup>51</sup> Carta de Ludovico Bellardi a Domingos Vandelli (Turim, 14 de Novembro de 1767), AHMB, CE/B -73.

*Botanico, Laboratorio Chymico, Museo de Historia Natural, e Caza do Risco*, de Domingos Vandelli <sup>52</sup>; e a correspondência de personalidades e instituições científicas e museológicas europeias com o naturalista paduano <sup>53</sup>.

Embora redigida com o objectivo imediato de fundamentar o plano de reestruturação económica dos estabelecimentos museológicos da Ajuda decretado em 1795 <sup>54</sup> e, nessa medida, mais preocupada em delinear uma estratégia para o futuro, a *Relação vandelliana* não deixa de se reportar a um quadro histórico, onde a génese e os primeiros anos da instituição são sempre referenciados como legitimadores de um percurso de ilustração de que se assume a herança. Tal como acontece em quase toda a legislação mariana que interfere nas realizações culturais do josefismo/pombalismo, também aqui se denota a preocupação em demonstrar que não se subvertem os princípios originais, que a Viradeira foi apenas, e afinal, uma viragem de superfície e de conjuntura: "(...) na contiguidade do Palacio de Nossa Senhora da Ajuda havia EIRey Meu Senhor e Pay dado hum generoso principio. E querendo que estes uteis Estabelecimentos não so subsistão, mas que progressivamente se augmentem (...)" <sup>55</sup>.

Aliás, nessa mesma circunstância de reestruturação dos serviços, até os mais rotineiros actos administrativos do Jardim e Museu são enquadrados e lidos à luz da matriz fundadora, atitude que não era impeditiva, todavia, de se

<sup>52</sup> ANTT, Ministério do Reino, Maço 444.

<sup>53</sup> Cartas dirigidas a Domingos Vandelli depositadas no AHMB (Arquivo Histórico do Museu Bocage) e que se encontram inéditas. Cartas enviadas por Vandelli a outros naturalistas, existentes na British Library, na Linnaen Society e no Arquivo do Real Jardim Botânico de Madrid. Vide vol. II, Anexo IV, *Correspondência de Domingos Vandelli com personalidades e instituições científicas europeias (1764-1811)* em que se apresenta um quadro-síntese com: origem geográfica; instituições científicas; assuntos abordados; línguas utilizadas.

<sup>54</sup> Vide "Decreto Real de 27 de Maio de 1795" e "Plano segundo o qual se hao-de escripturar, e fiscalisar methodicamente as Despezas, que se houverem de fazer pela Consignação mensal de quatrocentos mil reis, no Jardim Botanico, Laboratorio, Museo, e Casa do Risco no Real Sitio de Nossa Senhora d'Ajuda" in *Livro De Registo dos Decretos, Portarias, Avisos, e outras Regias Determinaçoens, que baixão ao Real Jardim Botanico, Laboratorio Chimico, Musêo, e Casa do Risco (1791-1810)*, MCUL (Museu de Ciência da Universidade de Lisboa), Inv. N.º 55. Vide desenvolvimento analítico *infra* Cap. VI.

<sup>55</sup> Decreto Real de 27 de Maio de 1795, *ibidem*.

criticarem os gestos de má gestão do passado, tal como decorre do relatório do Vice-Director sobre o vencimento dos empregados: "A instrucção publica, adquirida nos differentes Gabinetes de Historia Natural, e Jardins Botanicos, que se achão estabelecidos, nas Cidades mais illuminadas da Europa, de que tem rezultado efectivas utilidades ás Artes, Fabricas, e Agricultura, foy sem duvida motivo conducente por que o augusto Pay de V. Mag.e sempre solicito de felicitar os seus vassallos, mandou estabelecer o Real Muzeu, e Jardim Botanico, contiguos ao Real Palacio da Ajuda, sem delimitação em despeza, porem como desta magnimidade se abuzasse, divertindo os Dinheiros que se deviaõ despender em estabelecimentos taõ uteis, para differentes fins; obviou V. Mag.e este mau uso" <sup>56</sup>.

Esta invocação de magnanimidade nas despesas iniciais com a edificação do Jardim Botânico, que já viramos criticada pelo próprio Pombal <sup>57</sup>, é compartilhada por Vandelli que, no entanto, dela se desresponsabiliza pela razão, várias vezes argumentada ao longo da *Relação*, de ter sido obrigado a dividir-se pelas actividades universitárias a partir de 1772; além de que terá, atempadamente, alertado as autoridades para a irracionalidade do modelo administrativo adoptado na obra: "na qual (...) se despenderão sommas immensas por falta de economia, pela applicação de officiaies, e materiaes em outras obras não pertencentes a este Jardim, e por falta de fiscalização das folhas: as quaes desordens e descaminho da real Fazenda por varias vezes tentei de remediar; mas tudo o meu desejo foi inutil" <sup>58</sup>.

Independentemente da razoabilidade da crítica à componente financeira do projecto (a qual, de resto, se tornará numa sua característica estrutural) importaria, para já, tentar reconhecer quer no discurso, quer na *praxis* das

---

<sup>56</sup> [Alexandre Rodrigues Ferreira], *Relação das Pessoas occupadas no Real Gabinete de Historia Natural, e Jardim Botanico. Seus Nomes, Empregos, Ordenados, ou Jornaes que vencem, e Repartiçoens por onde os vencem. Tudo como nella se declara, (Julho de 1796)*, AHMB, ARF - 24.

<sup>57</sup> "Carta do Marquez de Pombal ao Bispo de Coimbra Reitor da Universidade, D. Francisco de Lemos, em resposta sôbre o plano do Jardim Botanico da Universidade, offerecido, e traçado pelos Lentes de Philosophia Italianos [15 de Outubro de 1773]", *Jornal de Coimbra*, 1820.

<sup>58</sup> Domingos Vandelli, *Relação da origem, e estado prezente...*[1795].

decisões, os objectivos assumidos pelo Poder na definição de funções e de actividades ou, dito de outro modo, saber que caminho foi traçado, do ponto de vista institucional, ao Real Jardim Botânico e, depois, aos restantes estabelecimentos da Ajuda, durante o período da sua fundação e instalação.

Neste tipo de pesquisa assume particular importância a identificação das variáveis do lugar, isto é, as características físicas e ambientais do espaço onde se acumulam, conservam, estudam e exibem os espécimens, já que, por definição, o lugar, a tipologia das colecções e os destinatários-fruidores constituem a essência conceptual de uma qualquer instituição museal<sup>59</sup>.

Na verdade, as especificidades do lugar condicionaram persistentemente o cabal cumprimento dos objectivos científicos e museológicos dos estabelecimentos da Ajuda. No Jardim Botânico, por exemplo, o seu traçado foi regulado pela pré-existência de um terreno de propriedade real, o que explica que se transformasse "a Quinta de fructa, e de Hortalize do Palacio velho da Ajuda em Jardim Botanico"<sup>60</sup>.

A exiguidade deste espaço conduziu, em parte, a Coroa a impor soluções prevalentemente recreativas em locais originariamente desenhados para investigação botânica e as próprias soluções técnicas, como a da minagem e

---

<sup>59</sup> "Ogni definizione di museo, anche la più concisa, deve considerare almeno tre elementi coesistenti e fondamentali: il luogo, la collezione ed il fruitore. Le caratteristiche e le interazioni di queste realtà determinano le numerose tipologie dei musei, alla cui specificità non concorrono perciò soltanto le raccolte in quanto tali, ma anche la loro collocazione e la loro destinazione." (Alessandra Rizzi, *Iconografia del Museo*, 1996, p. 132).

<sup>60</sup> Domingos Vandelli, *Relação da origem, e estado prezente...*[1795]. "O Jardim estendeu-se numa área de cerca de três hectares e meio e dividiu-se em dois planos: o primeiro e superior, encostado ao alçado sul do velho palácio constituia, na altura em que o Jardim desempenhava cabalmente a sua função, o 'quadro das classificações e escola prática de Botânica'; o segundo e inferior, destinava-se a culturas experimentais. No plano superior, três lagos de mármore, dois dos quais circulares e outro maior, central, mais trabalhado, com seus repuxos. Duas grandes estufas, encostadas à frontaria sul do palácio, marcavam os extremos nascente e poente desta parte do Jardim. No plano inferior, outros dois lagos circulares, de mármore e na parte central um grande lago, em diversos andares e ricamente ornamentado com esculturas de animais amigos da água, onde era possível cultivar e manter grande número de plantas aquáticas. A nascente e poente era este conjunto dos dois tabuleiros enquadrado por vegetação [o pequeno bosque]" (Manuel Sobral de Campos de Albuquerque de Azevedo Coutinho, *O Jardim Botânico da Ajuda. História da sua evolução. Estado presente do jardim. Projecto de remodelação*, 1948, pp. 24 e ss.) Vide, igualmente, Ayres de Carvalho, *Os três arquitectos da Ajuda*, 1979, pp. 13-35.

gestão das águas, foram prejudicadas pela implantação do Jardim numa área de densa ocupação hortícola, com uma fortíssima componente de consumo aquífero<sup>61</sup>.

Assim se explicam os conflitos amplamente documentados com os indesejáveis, mas inevitáveis, vizinhos, e a busca de alargamento do espaço vital do Jardim o que, em dado momento, conduziria à expropriação indemnizada de terrenos contíguos, como sucederá com "a extensão de terra contigua ao Jardim" pertença de João Pedro Maris<sup>62</sup>.

Nessa ocasião, chegou mesmo a encarar-se a hipótese de mudança para terrenos menos constritores ordenando-se ao Director que apurasse se haveria "na Cerca do Mosteiro de Belem extensão de terreno capaz de se adquirir para a Coroa, e onde com abundancia de agoa se possa formar o Jardim Botânico; devendo igualmente informar-me do resultado desta delligencia"<sup>63</sup>.

Vandelli referir-se-à eloquentemente, em várias dos seus escritos, a esta circunstância, procurando-lhe soluções expeditas mas nunca praticadas: "Uma semelhante colecção de plantas [do horto económico e médico] eu já tinha

---

<sup>61</sup> A partir de documento depositado no Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, ("Despeza do Thezoureiro - Contas do Mestre Armador Pedro Alexandrino Nunes" (1755 a 1776), Caixa 3), Ayres de Carvalho comenta que: "Por este documento se depreende que foi dado incremento à condução de águas para a zona da Ajuda em virtude das novas construções que se erigiam junto ao 'Paço Velho' ou do Conde de Óbidos (...) Pouco resta da grandiosa obra das minas e aquedutos que mais tarde, já no reinado de D. Maria e do Príncipe Regente, se efectuaram na zonas circunvizinhas do Palácio da Ajuda. Pela 'Noticia acerca das Aguas que abastecem os Almoxarifados das Reaes Propriedades' podemos apreciar como eram eficientes e numerosas as minas e aquedutos que abasteciam as populações de Belém e da Ajuda. (...) "Mina do Palácio ou do Penedo", "Mina dos Marcos ou do Mirante", "Mina das Sardinheiras", "Mina do Páteo das Cozinhas", "Poço das Reaes Cavalariças", "Poço Novo", "Mina do Jardim Botânico" (*ob. cit.*, p. 26). "O primeiro objecto, em que as predictas Autoridades cuidarão quanto ao estabelecimento do Real Jardim, foi fazer minar huma longa e profunda extensão de terreno para obter agua sufficiente, visto que sem ella não podem subsistir Jardins, foi esta em fim com enormes despezas felismente conseguida na abundancia quasi de huma telha, e depois toda encanada para os diversos tanques, que se fizerão nos dois planos do Jardim" (*Resposta de Félix de Avelar Brotero ao officio do Visconde de Vila Nova da Rainha (3 de Maio de 1827)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 281, Cx. 375 (1804-1827).

<sup>62</sup> Cfr. *Livro de Registo dos Decretos [1801]*, MCUL. O proprietário era "Porteiro da Camara de S. M." (Cfr. *Gazeta de Lisboa, 15 de Novembro de 1794, 2º Suplemento*).

<sup>63</sup> *Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a D. Vandelli (Mafra, 9 de Novembro de 1801)*, AHMB, CN/C-89. Esta diligência não logrará obter resultados práticos.

determinado fazer neste Real Jardim Botânico, como aparece no risco <sup>64</sup> e no prefação do catálogo do mesmo feito no ano de 1771 <sup>65</sup>; mas como nele por causa de fazer-se *passéios* mais agradáveis, se diminuiu o terreno necessário pelas ditas plantas; assim agora o dito não pode conter tantas variedades de plantas, se não estendendo-se até à igreja da Memória, ou fazendo-se este jardim económico em uma das quintas de Alcântara, ou em qualquer outra parte; pela cuja despesa poderia concorrer uma parte do subsídio literário" <sup>66</sup>.

Esta avaliação crítica do pecado original do Jardim - decorrente da dimensão curiosa e recreativa (logo, mais mundana do que científica) típica de uma dependência de Palácio Real - será aparentemente utrapassada nas últimas décadas de setecentos (no âmbito da estratégia ministerial de *naturalismo económico* <sup>67</sup>), mas retomada pelas direcções posteriores a Vandelli, dela se servindo avidamente os governos liberais como justificação para a política de progressivo desinvestimento na Ajuda <sup>68</sup>.

Sirvam de exemplo os textos de dois dos seus responsáveis, Félix de Avelar Brotero (1811-1828) e José de Sá Ferreira Santos do Vale (1834-1837): "O Jardim Botanico e igualmente o Museu contiguos ao Paço da Ajuda foram instituidos por El Rei o Snr. D. José I para instrucção e recreio dos Descendentes da Sua Real Dynastia, como bem indica a situação, em que

<sup>64</sup> Alude muito provavelmente à *Planta do Jardim Botânico da Ajuda (séc. XVIII)*, AHMOP, D 5C, que é a mais antiga que se conhece.

<sup>65</sup> Vandelli refere-se ao catálogo intitulado *Hortus Olisiponensis Exhibens Plantas Exoticas Horti Regii Specimenque Historie Naturalis Lusitaniae Cum Novis Generibus et Specibus (15 de Janeiro de 1771)*, BN, Códice n.º 3750.

<sup>66</sup> Domingos Vandelli, *Memoria sobre huma publica instrucção agraria [1788]*, AHMOP (Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas), Ministério do Reino, Maço 36/37, (1777-1794).

<sup>67</sup> Vide *infra* Cap. VI.

<sup>68</sup> Cfr. *Diario das cortes geraes, extraordinarias, e constituintes da nação portugueza*, Sessões de 23 de Fevereiro e 10 de Março de 1822; *Diario das cortes da nação portugueza. Segunda legislatura*, t. I, 1823, Sessões de 11 e 16 de Janeiro, pp. 426-427; 437-439; 490-496; *Ofício de Félix de Avelar Brotero ao ministro Joaquim Pedro Gomes de Oliveira (22 de Setembro de 1823)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555 (1821-1833); José de Sá Ferreira Santos do Vale, *Resumo Historico dos Estabelecimentos Scientificos anexos ao Real Palacio de Nossa Senhora da Ajuda. 11 de Agosto de 1834*.

forão fundados" <sup>69</sup>; "Jardim Botânico. Não sei porque se lhe tenha dado este nome. O seu fundador destinou-o unicamente p<sup>a</sup> Jardim de recreio, como se vê da sua distribuição, e desde esse tempo até hoje assim se tem conservado sem alterar a sua forma primitiva" <sup>70</sup>.

A estreiteza física do espaço fez-se notar ainda mais, se possível, nos outros estabelecimentos, e suas dependências, e essa condicionante haveria de ser lembrada cada vez que se procuraram encontrar justificações para as dificuldades de ordem profissional e científica. A localização destas edificações - a sul do tabuleiro inferior compreendendo ao centro o edifício do Museu e seus anexos, tendo a ambos os lados talhões de terreno que seriam mais tarde utilizados como viveiros - evidencia uma inicial subalternidade funcional face ao projecto maior, o Jardim Botânico, como se tudo o resto gravitasse em torno deste eixo fundante. Aliás, não deixa de ser significativo que a primeira Planta conhecida, datada do século XVIII e geralmente considerada como o seu traço projectual, não contemple senão o desenho do Jardim <sup>71</sup>.

Aliás, ainda hoje é possível avaliar a exiguidade do espaço dedicado ao Museu, Laboratório, Casa do Risco, Cartório e Livraria, e Armazém. A porta nobre de acesso a estas antigas instalações museais, pelo interior do Jardim, encontra-se em bom estado de conservação mas, lamentavelmente, o local onde funcionaram até 1836 acha-se muito degradado e, por isso, encerrado ao público <sup>72</sup>.

---

<sup>69</sup> Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro (16 de Novembro de 1822), ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555 (1821-1833).

<sup>70</sup> José de Sá Ferreira Santos do Vale, *ob. cit.*

<sup>71</sup> Cfr. *Planta do Jardim Botânico da Ajuda (séc. XVIII)*, AHMOP, D 5C. Manuel de Azevedo Coutinho, *ob. cit.*, considera que esta Planta reproduz, de facto, um projecto e não o levantamento de existências, na medida em que nela se representam construções que nunca chegaram a fazer-se no Jardim, nomeadamente os "tanques com cascatas".

<sup>72</sup> Sobre os projectos actuais de recuperação e valorização destes espaços, vide: Ana Luísa Brito dos Santos de Sousa Soares, e Teresa Maria Pires Fevereiro Chambel, *Jardim Botânico da Ajuda. História/Inventariação/Proposta de Recuperação do Material Vegetal*, 1995, vol. 1.



5. Nunca devidamente esclarecida, a data de edificação de um Gabinete de História Natural junto da 'Real Barraca' deverá ser, todavia, averbada não muito depois da criação do próprio Jardim Botânico. Na verdade, num curioso documento datado de 1802, um comerciante francês requer ao Real Museu a liquidação de dívida contraída havia mais de trinta anos - em Agosto de 1769 - pelo Director, Domingos Vandelli, na compra de duas pedras de mesa próprias para preparações naturalistas de museu: "Pedro Villiot, francês, vendeu ao Doutor Domingos Vandelli, como director do Real Muzeu, duas pedras de Meza, marchetadas em quadrados de diferentes qualidades de pedras e mármore, para servir, ao uso do mesmo real Muzeu pelo preço de 360\$000, em Agosto de 1769, para lhe serem pagas em pagamentos de 10\$000 réis cada mez" <sup>73</sup>.

Pese embora as limitações espaciais já apontadas, estamos em crer que estes estabelecimentos cedo se viram imbuídos de uma forte componente experimental intimamente ligada à estratégia ultramarina da Coroa. A vocação recreativa e instrutiva que vimos atribuída, nestes tempos iniciais, ao Jardim Botânico não é dominante, tanto quanto os documentos o permitem afirmar, nas funções e actividades do Laboratório e do Museu. De facto, aqui o grande desígnio estruturante parece ser, segundo a narrativa vandelliana, o da publicação de uma *História Natural das Colónias* <sup>74</sup>, objectivo que ganhará compreensível consistência quando, depois de 1777, os primeiros naturalistas formados em Coimbra chegarem à Ajuda para aí receberem treino profissional para as missões filosóficas ultramarinas <sup>75</sup>.

Assim se compreende que o Laboratório Químico seja prontamente associado à função utilitária de estudo e exploração dos recursos do Império, já que a destilação do Anil brasileiro permitia um retorno financeiro apreciável:

---

<sup>73</sup> *Requerimento de Pedro Villiot pedindo a liquidação de verba em dívida (1802)* AHMB, CN/C -90 A.

<sup>74</sup> "Jardim, e seus annexos estabelecimentos, porque se conservem, e augmentem, concluindo-se a Historia Natural das Colonias pelo qual principal fim o Snr. Rei D. José deo principio a esta grandiosa Obra" (Domingos Vandelli, *Relação da origem, e estado presente...*).

<sup>75</sup> Vide *infra* Cap. V.

"Por causa das analyses, e experiencias que me forão incumbidas sobre algumas produções naturaes das Colonias o Snr Rei D. Jozé mandou que se fizesse hum Laboratorio Chymico, que se construiu segundo o fim ao qual estava destinado. Nesse se fez depois a Fabrica da purificação do Anil. Porque sendome determinado examinar a pouca, e ma qualidade, e quantidade de Anil, que vinha do Brazil (...) remetti varias relações, e advertencias instrutivas para as Fabricas do Anil no Brazil ainda este genero não vinha perfeito, e capaz de servir nas Tinturarias, se fiz no mesmo laboratorio huma fabrica de purificação de muitos quintaes de Anil, que as duas Companhia do Pará, e Pernambuco compravão por conta da Real Fazenda; o qual depoés de bem purificado se vendia aos Tintureiros e Commerciantes" <sup>76</sup>.

É também deste universo que emerge o coleccionismo naturalista na Ajuda, em conexão física e funcional com o Laboratório e o seu múnus ultramarino mas museologicamente devedor, antes do mais, às actividades colectoras de Vandelli (primeiro em Pádua, 1757-1763 e, depois, em Lisboa, 1764-1772) e a alguns objectos e armários de uma colecção privada doada, em 1774, à Universidade - "Na Caza poes destinada no Laboratorio p.a conservar-se as amostras das producoes Naturaes das Colonias, e os resultados das suas Analyses, e experiencias dei principio ao Museo com algumas produçoens naturaes daquelle, q. eu tinha formado neste Real Jardim, e que dei de presente a Universidade de Coimbra, com outras daquelle, q. possuía em Padova, e que veio p.a a mesma Universidade, e com algumas, e os armarios do Museo do Cap.m Vandeck " <sup>77</sup>.

Mas esta proximidade física se, por um lado, conferiu ao Museu de História Natural o carácter inovador de instrumento científico ao serviço de uma estratégia de desenvolvimento económico, por outro lado, condicionou dramaticamente as opções metodológicas e epistemológicas presentes no novo discurso museológico, de índole iluminista, protagonizado por Domingos

---

<sup>76</sup> Domingos Vandelli, *Relação da origem, e estado presente...*

<sup>77</sup> Domingos Vandelli, *Relação da origem, e estado presente do Real Jardim Botanico, Laboratorio Chymico, Museo de Historia Natural, e Caza do Risco [1795]*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444.

Vandelli <sup>78</sup> e linearmente exposto no Prefácio ao seu *Diccionario dos termos technicos de Historia Natural*: "Neste século he a Historia Natural mais cultivada, que nos passados, o que demonstrão as grandes, e interessantes descobertas, e o avultado numero de Museos. No seculo passado, e no principio do presente havião muitos Museos de Medalhas, dos quaes agora há poucos, e preferem-se os da Historia Natural. (...) A impossibilidade de se poderem ver todas as producções da Natureza espalhadas em paizes taõ remotos, supre o Museo, no qual como em hum Amphitheatro apparece em huma vista de olhos, o que o nosso Globo contém" <sup>79</sup>.

### **6. A correspondência naturalista (ultramarina e europeia) com a Ajuda**

Durante o século das Luzes, o paradigma triunfador nas Ciências da Natureza investiu os naturalistas (verdadeiros fazedores de catálogos) com uma missão demiúrgica - a de produzirem o grande inventário da Natureza <sup>80</sup>. Ora, nesta matéria, o contributo legitimamente atendível da actividade das monarquias peninsulares, reinando sobre vastos territórios ultramarinos, seria a do enriquecimento da Morfologia e da Sistemática deste inventário através da

<sup>78</sup> Vide desenvolvimento desta ideia *infra* Cap. VI.

<sup>79</sup> *Diccionario dos termos technicos de Historia Natural e a Memoria sobre a utilidade dos jardins botanicos*, Coimbra, Na Real Officina da Universidade, 1788, pp. I-II. Esta passagem, tal como as três primeiras páginas do Prefácio a esta obra, foram retiradas integralmente por Vandelli de um outro texto que tem permanecido inédito, datado muito provavelmente de 1785, *Memoria sobre a utilidade dos Muzeos d'Historia Natural (s/d)*, BAEL (Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa), ms. 143/2, Série Vermelha (Vid. *Infra* Cap. V e Apêndice Documental III, vol. II).

<sup>80</sup> "Desenvolve-se toda uma teoria da classificação; se possível, a 'classificação natural', a verdadeira ordem da Natureza; mas se isso for impossível, contentemo-nos com uma artificial, que não sirva senão para fins práticos, isto é, para os 'fiseurs de catalogues'. Estes 'organizadores de catálogos' ocupam um lugar importante na ciência do séc. XVIII. O nome 'História Natural' adquire uma significação mais estreita: já não se trata da descrição do mundo e do que ele contém, é a descrição e a classificação de todas as espécies dos três reinos da natureza, a zoologia, a botânica e a mineralogia sistemáticas" (R. Hooykaas, *Introdução à história das ciências*, 1963, pp. 203 e ss.). Sobre as características deste paradigma, consulte-se Antonello La Vergata, *La storia naturale e le classificazioni*, 1988.

divulgação de plantas, animais e minerais do Novo Mundo. Por isso, uma fonte extraordinária de novos conhecimentos será a viagem de exploração destes territórios que, nos últimos decênios de setecentos e nos primeiros de oitocentos, conhecerá o seu período de ouro<sup>81</sup>. Nunca se sublinhará demais a importância da viagem *philosophica* no encontro do olhar europeu com a exuberância de uma natureza tropical que parecia propositadamente criada para perturbar um sistema artificial e geométrico ainda prevalente no imaginário científico<sup>82</sup>.

No entanto, entre nós, só depois do período pombalino é que a Coroa haveria de delinear uma estratégia de preparação, financiamento e coordenação de *viagens philosophicas* aos territórios ultramarinos. Por ora, as explorações far-se-ão convocando a máquina administrativa e militar colonial ao envio avulso de produtos naturais e artificiais. "Foi durante o Governo deste Rey [D. José] que se fizarão todos os edificios dos dois Estabelecimentos, sendo as suas despesas feitas com grande profusão pelo Real Erario, então assaz rico; foi tambem nesse mesmo Reinado que o Museu e Jardim forão summamente enriquecidos de toda a sorte de productos, que erão remetidos de todos os Estados Ultramarinos pelos seus respectivos Governadores por ordem do Ministro da Marinha, Martinho de Mello, então Inspector Geral dos dois Estabelecimentos<sup>83</sup>, sendo os ditos productos arranjados debaixo da direcção do Dr. Domingos Vandelli"<sup>84</sup>.

---

<sup>81</sup> Uma listagem exaustiva das mais importantes *viagens philosophicas* pode ser encontrada em Antonello La Vergata, *ob. cit.*, pp. 806-810.

<sup>82</sup> Cfr. Antonello La Vergata, *ob. cit.*, pp. 806-810.

<sup>83</sup> Melo e Castro só assumiria este cargo depois da morte de outro ministro, em 1770: "Era nesse tempo Inspector Geral do Jardim o Ministro da Marinha Francisco Xavier de Carvalho [de Mendonça Furtado], irmão do primeiro Marquez de Pombal, e era Director e Administrador o Naturalista Domingos Vandelli: (...) Por morte do sobredito Ministro succedeo-lhe na Inspeção Geral do Jardim Botanico o Ministro Martinho de Mello" (*Resposta de Félix de Avelar Brotero ao officio do Visconde de Vila Nova da Rainha (3 de Maio de 1827)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 281, Cx. 375 (1804-1827).

<sup>84</sup> *Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro (16 de Novembro de 1822)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555 (1821-1833).

Mas esta actividade pontual, mal preparada e mal conduzida, dependerá das boas vontades individuais de alguns naturalistas amadores colocados em lugares de decisão, no Brasil. Não admira pois que, de acordo com os relatos epistolares dos colectores improvisados, a maioria dos produtos não chegue ao Real Jardim e Museu de História Natural da Ajuda nas melhores condições. Ter-se-á que esperar pela década de oitenta para que as *Instruções* redigidas pelos naturalistas profissionais doutrinem e apetrechem tecnicamente as actividades de recolha, preparação, envio e conservação das remessas coloniais<sup>85</sup>.

Domingos Vandelli apenas empossado nas funções de Director dos estabelecimentos da Ajuda, inicia uma correspondência científica com a elite colonial brasileira, desejoso de enriquecer o Jardim e o Museu com produtos que, de todas as partes da Europa, lhe eram requisitados. Vale a pena passar em revista algumas das passagens mais esclarecedoras de dois dos seus correspondentes. O primeiro, Luís Pinto de Balsemão, Capitão-General de Mato Grosso, era um naturalista curioso que participava na empresa solicitada por Vandelli com verdadeiro empenho pessoal, entusiasmado com os novos projectos régios<sup>86</sup>. A carta a Vandelli introduz-nos, de forma muito viva, nos tempos heróicos da recolha naturalística nos trópicos, com os seus dramas e insucessos; mas igualmente no universo do coleccionismo privado (Gerard de Visme e José Roleen Van-Dek) - numa rede que se estende em paralelo ao coleccionismo público - e, finalmente, na actividade favorita de qualquer naturalista moderno, a organização de catálogos: "Eu tenho discontinuedo á tempos as remessas, disgostozo com os maus suceços q. tenho tido; e na

---

<sup>85</sup> As primeiras de uma longa série de *Instruções* impressas, ou manuscritas, são: *Methodo de Recolher, Preparar, Remeter, e Conservar os Productos Naturais. Segundo o Plano, que tem concebido, e publicado alguns Naturalistas, para o uzo dos Curiozos que visitaõ os Certoins, e Costas do Mar (1781)*, AHMB, Res. -17, e *Breves instruções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos productos, e noticias pertencentes à historia da natureza, para formar hum museo nacional, 1781*. Domingos Vandelli, em 1779, no âmbito da preparação académica e profissional dos futuros viajantes escreveu um manual (de 109 páginas manuscritas) que intitulou de *Viagens Filosoficas ou Dissertação Sobre as importantes regras que o Filosofo Naturalista, nas suas peregrinações deve principalmente observar, 1779*, BAFL, Ms. 405, Série Vermelha. Veja-se análise mais circunstanciada *infra* Cap. V.

<sup>86</sup> Vide *infra* Cap. VII referências mais detalhadas sobre esta personagem.

verdade as deficuldades do tranzito por Caxoeiras, em q. he percizo descarregar mais de 20 vezes, e transportar tudo às costas (...) acabo de saber que de varios caixoens de plantas q. remetia (...) para o Sr. De Wisme, tudo chegou quebrado, e destruido; e huma coleção de Serpentes, e outros Amphibios, que remetia duplicada (...) para o Sr. Van-dek; nem hum só frasco deixou de hir quebrado e vazio, e consequentemente tudo perdido, não me sendo possivel remetelas em barris, por aqui não haver tanoeiros: porem sempre avylo ainda huns caixotinhos de plantas, e algumas sementes q.e constarão da notta adjunta, que espero vmcê. repartira com o dto. Sr. Devisme, na forma q. lhe avizo. (...) Em fim para a primeira ocasião, em que me achar melhor, remeterei a vmcê. hum catalogo de todas as plantas mais famosas do Brazil; com os lugares das suas produçoins" <sup>87</sup>.

O segundo correspondente, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, exerceu o cargo (tal como Luís Pinto de Balsemão) de Governador e Capitão-General da Capitania de Mato Grosso <sup>88</sup>. Duas cartas dirigidas a Vandelli em 1773 ilustram uma vez mais as fortes limitações técnicas e burocráticas que rodearam a actividade de exploração naturalística nos territórios ultramarinos quando conduzida por não profissionais - quase sempre militares que colaboravam a título supletivo das suas tarefas específicas. Mesmo em períodos posteriores, quando a Coroa se empenhar politicamente no sucesso das viagens profissionalizadas, a questão de se definir com clareza, na estrutura administrativa colonial, a hierarquia de prioridades entre missões castrenses e tarefas naturalistas ficará sempre em aberto e quase nunca se resolverá (como veremos sobretudo em África) a contento dos *philosophos naturais* <sup>89</sup>.

Na verdade, apesar da sua comprovada boa vontade, Pereira Cáceres não deixa de argumentar, em boa consciência, que a colaboração com o Museu era prejudicada pelas suas "continuadas ocupações": "(...) e depois de segurar a V. mcê. o grande dez.º q. tenho de compraze-lo, e faço tambem certa

---

<sup>87</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>88</sup> Vide *infra* Cap. VII referências mais detalhadas sobre esta personagem.

<sup>89</sup> Vide *infra* Cap. VI.

a vont.e com q. fico de contribuir às suas coriozas, e hutilissimas ideas; para o q. aproveitarey quaesquer intervalos livres, q. me permita o desempenho das obrigações do meu incargo; afim de fazer, relativamente ao objecto proposto os pociveis exames, e averiguações; (...) No Reyno Mineral, e ainda mesmo no Vegetal, espero poder mandar a V.mcê noutras ocasioens varios objectos, q. posão servir à sua curiozidade, e a sua applicação; Mas agora menos permitem as minhas continuadas occupaões o fazer-lhe a lizonja que desejava (....)" <sup>90</sup>.

7. Ao traçar a história do Real Jardim Botânico de Madrid, colocando a botânica no quadro das relações com a política sanitária e científica da Espanha ilustrada <sup>91</sup>, o autor dedica todo um capítulo à caracterização das ligações epistolares entre o seu Primeiro Catedrático, Casimiro Gómez Ortega (1741-1818) <sup>92</sup>, e outros naturalistas europeus. Considera, justamente, que a correspondência constituiu até finais do século XVIII um privilegiado meio de intercâmbio informativo entre os cientistas, substituindo-se, de alguma maneira, ao periodismo científico <sup>93</sup>.

Tal como nas publicações periódicas, na correspondência podem encontrar-se informações sobre as bases teóricas ou epistemológicas, dados pontuais e notícias sobre aspectos institucionais, administrativos, políticos e até pessoais. Uma investigação pluridisciplinar, conduzida de forma sistemática, sobre o intercâmbio epistolar entre cientistas, bem como sobre os seus diários pessoais ou de laboratório (quando eles existam), apresentaria um interesse não só histórico como *internalista* (interior ao discurso científico), já que proporcionaria um melhor conhecimento dos processos de elaboração teórica;

<sup>90</sup> *Cartas de Luís de Albuquerque Pereira e Cáceres a Domingos Vandelli (Vila Bela, 25 de Maio e 27 de Julho de 1773)*, AHMB, CN/C-111, 112.

<sup>91</sup> Francisco Javier Puerto Sarmiento, *La ilusión quebrada. Botánica, sanidad y política científica en la España Ilustrada*, 1988.

<sup>92</sup> O cargo, que significava dirigir o Jardim e exercer as funções docentes atribuídas à instituição, foi ocupado por Ortega entre 1772 e 1801.

<sup>93</sup> Uma análise exaustiva do periodismo científico português foi levada a efeito por Maria de Fátima Nunes, *Leitura e agricultura. A imprensa periódica científica em Portugal (1772-1852)*, 1994.

mesmo em ciências como a botânica, poderia servir para determinar prioridades de nomenclatura ou para aclarar descrições ou classificações não suficientemente explicitadas<sup>94</sup>.

No caso português, uma apreciação global da correspondência científica trocada entre os naturalistas da Ajuda e os seus congéneres europeus apresenta importantes e esclarecedores pontos de contacto com a dos estabelecimentos museológico-naturalistas madrilenos, o Real Gabinete de História Natural e o Real Jardim Botânico<sup>95</sup>. Dois aspectos são especialmente evidentes: a polarização pessoal da correspondência em torno de duas personalidades fortes que simbolizaram e materializaram a história das instituições durante várias décadas (no Jardim madrileno, Casimiro Gómez Ortega e, na Ajuda, Domingos Vandelli), e a coincidência entre muitos dos nomes da rede de correspondentes dos dois naturalistas peninsulares<sup>96</sup>.

---

<sup>94</sup> Cfr. Puerto Sarmiento, *ob. cit.*, 1988, pp.139-192.

<sup>95</sup> Em Espanha, estas duas instituições nasceram e cresceram em separado. O Jardim Botânico foi criado por Fernando VI em 1755, na Huerta de Migas Calientes, arredores de Madrid. Durante o reinado de Carlos III (1759-1788), no âmbito de projectos de ordenamento urbano para a capital, decidiu-se transferi-lo (entre 1776 e 1781) para Huertas del Prado Viejo de Atocha, lugar que ocupa actualmente. O Real Gabinete de História Natural (Real Museu de Ciências Naturais, em 1815, passando a englobar institucionalmente o Jardim Botânico) foi fundado em 1771 e instalado, juntamente com a Academia de Bellas Artes de San Fernando, na Calle Alcalá, 13. Em 1785, face ao aumento das colecções, o rei mandou construir no Prado, com projecto do arquitecto Juan Villanueva, um edifício que destinava a Academia das Ciências e que reuniria o Museu, o Jardim e um Observatório. Ocupado pelos soldados franceses, durante as guerras peninsulares, e deixado quase em ruínas, seria disposto por Fernando VII (com a influência decisiva da rainha Isabel de Bragança) para Museu de Pintura e Escultura. (Cfr. F. J. Puerto Sarmiento, *ob. cit.* 1988; Juan Armada e Santiago Castroviejo, *Real Jardín Botánico de Madrid*, 1994; Agustín J. Barreiro, *El Museo Nacional de Ciencias Naturales (1771-1935)*, 1992). Sobre as questões do risco e arquitectura do Real Jardim Botânico de Madrid, em Atocha, veja-se Carmen Añón, *Real Jardín Botánico de Madrid, 1755-1781. Sus orígenes*, 1987, pp. 47-70.

<sup>96</sup> É necessário ter-se em devida conta que a maior parte da correspondência de Vandelli que aqui utilizamos é proveniente de um espólio depositado no Arquivo Histórico do Museu Bocage. Este Arquivo, fisicamente instalado no Museu Nacional de História Natural, sofreu em Março de 1978 um violento incêndio o qual, segundo os cálculos dos responsáveis, terá consumido 3/4 das existências documentais. Como dela se não possuía um inventário e como se manteve inédita, não é de excluir que esta correspondência fosse muito mais volumosa. Compare-se o Apêndice 5 'Correspondientes de Gómez Ortega en Europa' (Francisco Javier Puerto Sarmiento, *La ilusión quebrada...*, p. 277) com o nosso Anexo IV 'Correspondência de Domingos Vandelli com personalidades e instituições científicas europeias. 1764-1792', inserto no vol. II.



A própria temática epistolar não apresenta significativas diferenças, tanto mais que, no quadro da história natural europeia, os dois países ibéricos apresentavam um estatuto não muito distinto quer pelo facto de possuírem vastos territórios ultramarinos inexplorados, por se encontrarem num estado relativamente atrasado do ponto de vista dos conhecimentos científicos modernos (situação que as respectivas monarquias ilustradas tentavam esforçadamente ultrapassar), e ainda por as suas instituições museológicas, de recente fundação, se encontrarem nestas décadas finais do século numa fase de afirmação institucional.

Mas as coincidências não se ficam por aqui. A matriz de formação de ambos é italiana - Vandelli em Pádua, de onde era natural, e Ortega em Bolonha, onde cursou Filosofia, Medicina e Botânica - e são sobretudo italianos os seus mais frutuozos e fiéis correspondentes. O espanhol foi, curiosamente, aluno de Ferdinando Bassi<sup>97</sup> (amigo e confidente de Vandelli), e nunca esquecerá o seu aprendizado italiano, a ponto de responder neste idioma a uma carta enviada de Lisboa pelo paduano, uso que justificará pelas belas recordações e uma doce nostalgia: "V.S. puó ben vedere che solamente il desiderio di corrisponderle nella stessa Lingua ch'io tanto amo, m'ha costretto a scrivere in Italiano. Sono già molti e molti anni ch'io lasciai la bella Italia e con essa l'uso del suo Linguaggio"<sup>98</sup>.

---

<sup>97</sup> Ortega viveu em casa de Giusseppe Monti (1682-1760), Director do Jardim Botânico de Bolonha, e de seu filho Caetano Lorenzo Monti (1712-1797). F. Bassi (1710-1774) sucedeu áquele à frente do Jardim e, juntamente com Caetano, introduziu o aluno espanhol na sistemática linneana (Cfr. F. J. Puerto Sarmiento, *Ciencia de cámara. Casimiro Gómez Ortega (1741-1818): el científico cortesano*, 1992, pp. 34-35). Outro dado curioso: Ortega, no ano de 1761, frequentou em Pádua as lições de dois professores que Vandelli bem conheceria - o anatomista Giovanni Battista Morgani (1682-1771) e o conservador do Jardim Botânico, Giovanni Marsilli (1727-1794). Deste último, a Biblioteca do Real Museu da Ajuda possuía a obra *Fungi Carraviensis Historia* (Cfr. Alexandre Rodrigues Ferreira, *Inventário Geral e Particular de todos os Productos Naturaés, e Artificiães, Instrumentos, Livros, Utensiz e Moveis pertencentes ao Real Gabinete de História Natural, Jardim Botânico, e suas Casas annexas (...)* Tudo como nelle se declara (8 de Novembro de 1794), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Secção de Manuscritos, I-21, 10). No Jardim de Pádua trabalhava, como jardineiro-botânico, Giulio Mattiazzi que Vandelli haveria de contratar para o Jardim da Ajuda depois de 1768.

<sup>98</sup> *Carta de Casimiro Gómez Ortega a Domingos Vandelli (Madrid, 12 de Julho de 1777)*, AHMB, CE/O -3.

De um preferencial relacionamento pessoal com a Itália passar-se-ia a uma aliança prioritária na estratégia espanhola de intercâmbios; as cidades italianas mantiveram a sua fidelidade ao longo de todo o final de século e, durante alguns anos, foram mesmo o único interlocutor europeu de G. Ortega<sup>99</sup>.

Apesar de todas estas coincidências históricas, institucionais e pessoais entre os museus de história natural e jardins botânicos das capitais peninsulares não deve estranhar, contudo, a ténue sociabilidade científica praticada entre as duas comunidades de naturalistas e de museólogos. Duas décadas depois da primeira carta e das sementes enviadas por Vandelli ao antecessor de Gómez Ortega, Miguel Barnades<sup>100</sup>, o saldo é francamente decepcionante. E o *mea culpa* do espanhol, bem como as promessas de frutuoso intercâmbio só sublinham, afinal, a inexistência (ou impossibilidade ?) de uma confluente política científica na Península: "Muy S.or mio y de mi mayor estimacion. No se porq.e desgracia haya sido hasta ahora la menos frequentada la corresp.a Botánica entre Portugal y Castilla debiendo ser la mas expedita de todas si se atiende a la cercania delos dos reynos, al parentesco y alianza delos dos soberanos y a nossa antigua amistad confirmada com nuestros comunes estudios en Italia. Por mi parte voy a poner todos los medios

<sup>99</sup> "Allí [em Itália] se habán formado la mayoría de los botánicos destacados españoles y en su suelo se encontraban las alianzas más fuertes para el desarrollo de los planes españoles" (Francisco Javier Puerto Sarmiento, *ob. cit.*, 1988, p. 187)

<sup>100</sup> "Quando V. S. Ill.ma m'onoró com una lettera et sementi, probabilmente non ero ancora stato fatto Professor di questo R.I Giardino, e per conseguenza il tutto fù rimesso al mio Predecessore il Dott.e Brennades" (*Carta de Casimiro Gómez Ortega a Domingos Vandelli (Madrid, 12 de Julho de 1777)*, AHMB, CE/O -3). No ano seguinte ainda continuava o intercâmbio de sementes: "Veramente si puó dire che il regno di Portogallo é debitore a V. S. Illu.ma di tutti i progressi che costí si fanno nelle Scienze Naturali, dalle quali dipende tutta l'illustrazione umana utile in questo mondo. Io mi rallegro verso Lei, e le rendo mille e mille grazie per il suo presente. Mi prendo la libertá di mandar à V. S. alcuni semi, la maggior parte Loefflingiani, cioé delle piante che quel Botanico [discípulo de Linneo] osservó nel suo viaggio per Spagna. I semi di quelli che nascono nel Regno di Portogallo oservati criando dal Lefling mi sarebbero gratissime. (...) Col suo avio mi faró un piacere di mandargli un poco di platina. Se V.S. potesse favorirmi un tantino dei semi della Senitiva del Gange, ricevuta da Londra, gli sarei infinitamente tenuto" (*Carta de Casimiro Gomez Ortega a Domingos Vandelli (Madrid, 8 de Dezembro de 1778)*, AHMB, CE/O -4).

para rezarcir el tiempo perdido y dar a V. pruebas frequentes de la estimacion q. hago de su comunicacion" <sup>101</sup>.

8. Deixámos vincada a importância das relações epistolares como estratégia de afirmação pessoal e institucional, constituindo uma privilegiada forma de sociabilidade e de consagração na comunidade científica europeia de setecentos. Alimentar um denso epistolário científico representava um mérito que se ostentava como carta de apresentação: "Poichè tengo un vastissimo carteggio scientifico, e per mezzo di esso vengano da ogni parte delle Produzioni Naturali così le esibisco" <sup>102</sup>.

O prestígio adquirido pelo facto de se manter correspondência com um nome respeitado numa área disciplinar representava um trunfo importante que não deixava de ser utilizado quando se ambicionava, por exemplo, um cargo profissional (como Casimiro Gómez Ortega <sup>103</sup>), chegando-se a imprimir o conteúdo das cartas recebidas como ostentação de proximidade intelectual com um sábio consagrado. Foi o caso de Domingos Vandelli que, em 1788, publicaria a sua correspondência com o naturalista sueco Carl Linneo (1707-

<sup>101</sup> *Carta de Casimiro Gómez Ortega a Domingos Vandelli (Madrid, 15 de Março de 1791)*, AHMB, CE/ -5. A percentagem de sementes, provenientes de Portugal, utilizadas pelo Real Jardim Botânico de Madrid, entre 1782 e 1800, é apenas de 3%, a mais baixa entre os países citados (Itália, França, Inglaterra, Holanda e Dinamarca). Cfr. Francisco Javier Puerto Sarmiento, *ob. cit.*, 1988, p. 276, Apêndice 4 'Procedencia de las semillas utilizadas en el R. J. B. de Madrid'.

<sup>102</sup> *Carta de Filippo Fabrizzi a Domingos Vandelli (Floença, 29 de Junho de 1769)*, AHMB, CE/F -59.

<sup>103</sup> Ortega utilizou-se do facto de seu tio, Joseph Hortega, sub-director do Jardim Botânico, ter sido correspondente de Linneo, para pedir ao sueco que o recomendasse como primeiro catedrático do Jardim. A maneira como o jovem Ortega, então com 23 anos, se dirige a Linneo é considerada por F. J. Puerto Sarmiento, *ob. cit.* 1988, p. 48-49, como "soberbia, desvengonzada y hasta mal educada". Curiosamente, no ano da morte de Hortega, Vandelli é dado nalguns círculos como o naturalista a convidar como seu substituto no Jardim Botânico de Madrid. Linneo faz-se eco desta notícia não confirmada na sua Carta III ao paduano: "Audivit quod in Hispania consultatum fuerit, num me vocarent, imprimis postquam fatalis morbus *D. Ortegam* occupaverit; nec video, quomodo Hortus amplissime instituendus rite adornari potest in alla terra... Me vero non vocatorias accepisse certum est" ( Janeiro de 1761).

1778), como apêndice à obra *Florae Lusitanicae et Brasiliensis Specimen* <sup>104</sup>. A leitura destas cartas revela uma genuína amizade entre os dois homens, cimentada por um intercâmbio científico de indiscutível interesse para ambos, mas que proporcionava ao mais jovem, e também menos conhecido entre os seus pares, uma indiscutível projecção.

Se associarmos a este trunfo do italiano o facto, já anteriormente assinalado, de se encontrar a dirigir empreendimentos científicos e pedagógicos num país de clima meridional cuja jóia da Coroa, o Brasil, constituía para os naturalistas europeus um inacessível paraíso natural, compreender-se-á bem a relevância que o nome de Vandelli obteve nas mais variadas instituições museológicas europeias, facto que não deixou de militar a favor das exigências de instalação e organização dos estabelecimentos da Ajuda. São abundantes, na correspondência recebida, as referências explícitas às vantagens comparativas usufruídas pelo botânico régio de Lisboa <sup>105</sup>.

Por exemplo, o naturalista Antonio Turva - empenhado em estabelecer um jardim botânico na cidade de Vicenza, e em transformá-lo num dos mais importante de Itália - estabelece um surpreendente paralelo entre a utilidade botânica de Linneo e a de Vandelli considerando pragmaticamente que as sementes de Lisboa eram, afinal, mais interessantes (na perspectiva do Jardim

---

<sup>104</sup> Título completo: *Florae Lusitanicae et Brasiliensis Specimen et Epistolae ab Eruditis Viris Carolo A. Linné, Antonio de Haen ad Dominicum Vandelli*, 1788. Contém, entre as páginas 73 e 96, vinte cartas de Linneo (de 3 de Fevereiro de 1759 a 24 de Julho de 1773); duas do filho de Linneo (16 de Dezembro de 1777 e 12 de Outubro de 1779); e duas de António de Haen (5 de Janeiro de 1763 e 17 de Novembro de 1763). Uma boa síntese sobre a vida e a obra científica do professor de Upsala é feita por Antonello La Vergata, *La storia naturale e le classificazioni*, 1988, pp. 787-790. As cartas de Linneo a Vandelli foram reeditadas em 1796, juntamente com outros trabalhos científicos do italiano, por I.I. Romer, *Scriptores de Plantis Hispanicis, Lusitanicis, Brasiliensibus adornavit et recudi curavit*, Nuremberga. Em 1771 Vandelli fez imprimir uma carta de 1761 a Linneo, em forma de relatório científico sobre uma espécie animal existente nas colecções do seu Museu de Pádua, como anexo ao trabalho que dedicou a Joseph Banks, *Fasciculus Plantarum cum novis generibus, et speciebus*.

<sup>105</sup> "From this correspondence it can be seen that the Ajuda Palace Gardens served as a clearing house or entrepôt between Portugal, its Overseas Territories and northern Europe (especially England's Kew Gardens in London). The Vandelli papers (...) demonstrate the connections maintained with other European institutions and individuals concerned with exchanging specimens and seeds only obtained from Africa or Brazil. Lisbon was the vital intermediary for northern European naturalists who wanted to study rare specimens from tropical Brazil or Africa" (W. J. Simon, *Scientific expeditions...*, p. 51).

que dirigia) que as de Upsala: "(...) Sul nostro colle di Berga poco lungi dalla Città ora si v`a disponendo un`ampia pianura per essere ridotta ad uso d'orto Botanico (...) io fui destinato per direttore e presidente. Spero nel corso di due o tre anni ridurre un orto che per esser in collina sar`a único e che se verr`a regalato di semi daí corrispondenti lontani non avr`a invidia agl'altri d'Italia. (...) il Cavaliere Linneo mi favorisce ciò che pu`o ma non `e da paragonare il clima di Svezia com quello del Portogallo! (...)" <sup>106</sup>.

Também o reputado botânico e ictiólogo francês, Antoine Gouan (1733-1821), médico do Hospital Militar e professor do Jardim Botânico de Montpellier, ao iniciar correspondência com Vandelli justifica o gesto pela relação privilegiada que o paduano mantivera com Linneo. Desaparecido o naturalista sueco, de quem fora íntimo, Gouan gostaria de colmatar a perca enorme do amigo correspondendo-se com alguém de quem Linneo alimentava a melhor das opiniões: "Linnéus avec qui j' etois lié d'une amotié très étroite m'avoit souvent parlé de vous et m'avait inspiré avec raison la plus grande envie de vous connaitre et la plus parfaite estime. Il est mort, et je cherche a le remplacer dans mon couer par des amis celebres tels que vous promettant de faire de ma part ce que je pourrai pour meriter la votre" <sup>107</sup>.

9. Importa agora, na economia narrativa deste texto, passar em revista alguma da correspondência científica polarizada na pessoa do botânico régio Domingos Vandelli, tomando como linha condutora de selecção e interpretação documental aqueles aspectos que verdadeiramente fundamentem uma avaliação global do papel científico e museológico desempenhado pelos estabelecimentos de história natural portugueses no contexto europeu de setecentos <sup>108</sup>. E esse papel há-de ser lido, no nosso entender, não

<sup>106</sup> Carta de Antonio Turva a Domingos Vandelli (Vicenza, 16 de Novembro de 1769), AHMB, CE/I -4.

<sup>107</sup> Carta de Antoine Gouan a Domingos Vandelli (Montpellier, 14 de Outubro de 1778), AHMB, CE/G -103. A. Gouan fez parte de um núcleo de naturalistas de Montpellier e de Perpignan que colaborou de perto com o Jardim Botânico de Madrid (Cfr. F. J. Puerto Sarmiento, *ob. cit.* 1988, p. 175).

<sup>108</sup> Recorde-se que nos reportamos, no presente capítulo, apenas ao período de fundação e instalação do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda (1768-1777).

exclusivamente pelo contributos teóricos, pela investigação básica produzida de acordo com os cânones epistemológicos aceites - que sabemos não ter sido vocação particular da ciência peninsular <sup>109</sup> - mas na participação cúmplice e no protagonismo criativo em actividades socializadoras da ciência e da museologia naturalista, tais como: 1. intercâmbio de produtos naturais e artificiais, de catálogos de museus de história natural e de jardins botânicos, de livros e de outras publicações; 2. pareceres científicos sobre temas e publicações de história natural; 3. notícias sobre as actividades de museus e jardins botânicos; 4. indicação de nomes e endereços de novos correspondentes.

O intercâmbio de produtos naturais é, de longe, o tema que mais espaço ocupa na correspondência vandelliana. Na medida em que nestes primeiros anos a preocupação fundamental é a de obter para o Jardim Botânico da Ajuda uma amostra representativa da flora universal, a circulação de sementes entre os correspondentes torna-se na mais apetecida das moedas de troca. Vandelli expressa bem essa prioridade no "Prefatio" ao Catálogo de 1771, e repete-o na *Relação*: "Pela ordem, que no anno 1768 tive do Snr. Rey D. Jozé de glorioza memoria, de estabelecer hum jardim Botanico, mandei vir de Padova Julio Mattiazzi, q. tinha instruido nas minhas viagens do ducado de Milão, e que me servia no Museo, q. na sobredita Cidade possuia. Fiz vir dos maes ricos jardins Botanicos plantas vivas, e sementes" <sup>110</sup>.

---

Importa, por outro lado, sublinhar que a avaliação a que se faz alusão deverá surgir de um programa de investigação pluridisciplinar, no âmbito da História das Ciências, para o qual a nossa reflexão constituiria um contributo parcelar.

<sup>109</sup> Idêntica interpretação é apresentada no caso espanhol: "Si la política científica ilustrada no proporcionó en nuestro país ninguna figura equiparable a las europeas, sí generó un gran proyecto, el de reconocimiento, inventariado y explotación de las riquezas naturales ultramarinas, absolutamente homologable com los de las demás potencias coloniales (...) Hay una última vertiente en el utilitarismo botánico: su practicismo a ultranza y la ausencia de discusiones teóricas profundas" (F. J. Puerto Sarmiento, *ob. cit.* 1988, p. 22).

<sup>110</sup> *Relação da origem, e estado presente do Real Jardim Botanico* ...Em rigor, as primeiras alusões à contratação de um jardineiro especializado e à aquisição de sementes de outros países estão contidas no prefácio ao Catálogo de 1771, em Latim: "Plantas e variis regionibus compareavi. (...)Itaque Julium Mattiazzi e Viridario Patavino huc vocavi, cuius fidelitatem, peritiam in hujusmodi rebus jam expertus sum in itinere alpino Ducatus Mediolanensis, ut ad novi Viridarii culturam incuberet, et cujus cura et diligentia Laconica constructa fuere. Plantarum quas usque adhuc obtinere potui, et vive in hoc Viridario coluntur ecce Catalogus. (...) Plante, et Animalia

Quase se diria que o *leit motiv* de quase todo o epistolário é verdadeiramente o de obtenção de novas espécies florísticas para enriquecimento dos respectivos catálogos; não por acaso muitas cartas inventariam existências, ou listam produtos em falta, como a que recebe do dinamarquês Cristhianus Frus Rottboll, Conselheiro de Justiça, Professor de Medicina na Universidade de Copenhague e Inspector do Jardim Botânico: "1º Dezejo haver correspondencia com o Inspector do Jardim Botanico em Lisboa, porque lhe quero rogar à Merce de me mandar Sementes das Plantas, tanto das que tiver de fora como das que produz o Reyno; offrendo-me da minha parte de mandar Sementes de tudo que exigir de ca, e para esse fim mandarei hum Catalogo das Plantas do nosso Jardim. 2.º Como Portugal tem m.tas Terras em America onde se achão innumeraveis Plantas raras, por isso estou persuadido, que haverão sabios, que tenham feito grandes Collecçoens de Plantas Seccas, com as quaes tambem appetço haver Correspondencia, e que me fizessem a graça de me mandarem algumas da sua provizão: Ficando prompto reciprocamente de mandar tambem de cà as Plantas Seccas que pertenderem" <sup>111</sup>.

Tão acarinhada se torna a troca de boas sementes, que um mau Inverno, ou um mau acondicionamento em estufa, pode transtornar dramaticamente a regra de ouro do intercâmbio, a reciprocidade <sup>112</sup>. Dramatismo envergonhado que perpassa em carta de Carlo Allione, o 'Linneo piemontês', <sup>113</sup> confrontado

---

asterisco notata in Flora, et Fauna, exotica sunt." (*Hortus Olisiponensis Exhibens Plantas Exoticas Horti Regii specimenque Historie Naturalis Lusitaniae Cum novis generibus et Specibus* (15 de Janeiro de 1771), BN, Cod. 3750).

<sup>111</sup> (*Carta de Rottboll a Domingos Vandelli* (Copenhague, 24 de Outubro de 1778), AHMB, CE/R -29). Trata-se de uma "Pro Memoria vertida do Dinamarquez". Do mesmo corrspondente recebera já uma primeira carta, em Latim, a 14 de Novembro de 1770 (Cfr. AHMB, CE/R -28).

<sup>112</sup> A descoberta de eficazes métodos de transporte de espécies florísticas delicadas e frágeis, passou a permitir a sua remessa por correio, situação que incrementou o intercâmbio epistolar: "En esta disposicion me há empezado últimamente á hacer sus remesas por el correo Mr. Thouin, Jardinero mayor del Real Jardin Botánico de París (...) cuyo exemplo se há imitado en los envíos hechos desde aquí com entera felicidad" (Casimiro Gómez Ortega, *Instrucción sobre el modo más seguro y económico de transportar plantas vivas*, 1779, pp. 16-17).

<sup>113</sup> Carlo Ludovico Allione foi um dos mais célebres correspondentes de C. Linneo. Catedrático de Botânica e director do Jardim Botânico e Museu de História Natural de Turim; em 1782, por motivos de saúde, deixou a docência mas manteve os restantes

com os rigores do clima de Turim que, com frequência, impedia uma boa frutificação: "Gliene rendo ora mille ringraziamenti, e nel migliore modo che mi è possibile vi corrispondo com alquanti semi (...) rincrescendomi assai che una grandine sofferta in quest'anno abbia danneggiato il giardino in modo che non posso offrirle di piu. Accetti dunque e gradisca questi pochi, e com essi il mio buon animo di meglio un'altra volta contraccambiarla" <sup>114</sup>.

Outro caso, mais bem sucedido, é o do já citado naturalista de Vicenza, Antonio Turva, também ele responsável por um Jardim de recente constituição e que se dirige a Vandelli (em várias cartas escritas entre 1768 e 1771) sublinhando até à exaustão a prioridade das trocas de sementes, lembrando o privilégio do clima português, acentuando a proveniência ultramarina de algumas espécies, acenando com a futura troca de produtos musealizáveis dos reinos animal e mineral, tudo servindo de alegação para convencer Vandelli à fidelidade epistolar. Vale a pena a longa citação pela tipificação temática e argumentativa presente em muitas outras cartas: "Ho già ricevuto i semi ch'ella mi favori, fra i quali alcuni vi escono gratissimi (...) aggiungo anche all'involto un indice di piante parte Lusitaniche parte del Brasile ch'ella o avrà, o avrà facilità d'aver. (...)" <sup>115</sup>. "Perciò (...) a lei mi raccomando quanto sò e posso a

---

cargos museológicos; foi autor de *Rariorum Pedemontii Stirpi Specimen Primun* (1755). Assegurou entre 1781 e 1788 uma importante troca de sementes com o Jardim de Madrid (Cfr. F. J. Puerto Sarmiento, *ob. cit.* 1988, p. 187). "M. Allione, Docteur en Médecine à Turin, possède un cabinet d'histoire naturelle, dont l'oryctologie du Piémont fait la principale partie" (Desallier d' Argenville, *Conchyologie, ou histoire naturelle des coquilles de mer, d'eau douce, terrestre et fossiles*, 1780, t. I, p. 398 [1<sup>a</sup> ed. 1742]). A Biblioteca do Real Museu da Ajuda possuía a sua obra *Flora Pedemontana* (Cfr. Alexandre Rodrigues Ferreira, *Inventário Geral e Particular de todos os Productos Naturaés, e Artificiaés, Instrumentos, Livros, Utensiz e Moveis pertencentes ao Real Gabinete de História Natural, Jardim Botânico, e suas Casaz annexas (...) Tudo como nelle se declara (8 de Novembro de 1794)*, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Secção de manuscritos, I-21, 10).

<sup>114</sup> *Carta de Carlo Allione a Domingos Vandelli (Torino, 12 de Fevereiro de 1769)*, AHMB, CE/B -7. Também no relacionamento com o Jardim madrileno se detecta esta dificuldade do clima de Turim: "Turín envió semillas y dibujos de plantas alpinas y recibió al menos, 44 semillas españoles y chilenas, cuya fructificación fue imposible por el clima turinés" (F. J. Puerto Sarmiento, *ob. cit.* 1988, p. 187). Allione chegou a servir-se desta ligação excepcional com Madrid para enviar sementes para Lisboa: "Dal Signore Ortega Prof. In Madrid riceverà V. S. Iils.ma questo pacco il quale contiene semi di piante alpine raccolti in quest'anno sulle alpi" (*Carta de Carlo Allione a Domingos Vandelli (Torino, 22 de Outubro de 1773)*, AHMB, CE/A -8).

<sup>115</sup> *Carta de Antonio Turva a Domingos Vandelli (Vicenza, [1769])*, AHMB, CE/I -1.



volermi spedire ogni anno tutti quèi semi tanto indiani e d'altri esteri paesi che costà le pervengono, quanto specialmente i Portoghesi e quèi dei Pirenei (....) In tal maniera fiorirà l'orto di Lisbona, e fiorirà altresì il nostro di Berga. Se ai semi ella vorrà aggiungere o esemplari o frutti esteri, o prodotti fossili od altro che servir possa per aumento del mio piccolo Museo, io procurerò contraccambiare con tutto ciò che mi comanderà, e crescerà in tal guisa verso di Lei gli obblighi miei. Avverto però sopra tutto che si per genio, come per debito, e per far cosa grata (....) io devo coltivare la Botanica e adornare il nascente orto, per la qual cosa sopra tutto le raccomando la corrispondenza de semi (....)" <sup>116</sup>. "Quand'ella avrà terminata la piantagione del suo reale giardino ed io (....) faremmo cambi d'insetti e d'altre cose naturali. Io però la prego volermi essere amico ed amico prodigo come sarò io. S'ella che trovassi in un clima così felice ed a portata d'altri fertile paesi non m'aiuta com abbondanza di bulbi, di semi ecc. da chi potrò io sperare soccorso per le scienze naturali?" <sup>117</sup>.

O intercâmbio de sementes assumiu um lugar igualmente importante nas relações com o Jardim Botânico do Rei, o Kew Garden de Londres, criado em 1751 pela viúva princesa de Gales, Augusta, e que passaria a propriedade do rei Jorge III em 1772. Este designou para a sua direcção botânica Joseph Banks (1743-1820) - cargo que acumularia com o de secretário perpétuo da Royal Society a partir de 1778 - naturalista famoso pela participação na viagem ao Pacífico e à Oceania (1768-1771) a bordo da nave *Endeavour* comandada pelo capitão James Cook (1728-1779) <sup>118</sup>.

---

<sup>116</sup> Carta de Antonio Turva a Domingos Vandelli (Vicenza, 6 de Fevereiro de 1769), AHMB, CE/I -2.

<sup>117</sup> Carta de Antonio Turva a Domingos Vandelli (Vicenza, 16 de Novembro de 1769), AHMB, CE/I -4.

<sup>118</sup> Cfr. George A. Foote, *Joseph Banks*, 1981; e *Visions of Empire: voyages, botany, and representations of nature*, 1996. J. Banks manteve ao longo dos anos uma estreita relação com Portugal e com alguns dos seus homens de ciência, nomeadamente João Jacinto de Magalhães, o Abade José Correia da Serra e o Padre João de Loureiro. Foi a ele que Geoffroy Saint-Hilaire se dirigiu (sem resposta) para obter dos ingleses o favor de transportar para França os produtos naturais retirados do Museu da Ajuda (1808). Também manteve uma relação singular com Casimiro Ortega e o Jardim madrileno: "Banks (....) un buen aliado europeo (....) y a cambio recibe com prodigalidad semillas americanas, entre las cuales se uncluyen las de quina peruana. Las relaciones entre los dos países testimonian la capacidad de establecer comunicaciones científicas de G. Ortega y Banks, respectivos administradores y

Entre Vandelli e Banks correu alguma correspondência <sup>119</sup> (incluindo a dedicatória de um trabalho botânico do italiano ao explorador britânico <sup>120</sup>) que abriu as portas à colaboração científica entre os dois jardins botânicos e terá mesmo estabelecido uma relação de estima entre os dois homens <sup>121</sup>. Em 1766, na sua primeira viagem ao estrangeiro, o jovem Joseph Banks permanecera durante seis meses em Lisboa, tendo-o Vandelli apresentado à pequena comunidade dos homens de ciência <sup>122</sup>. Este facto seria lembrado, já

---

coordinadores de sus políticas científicas nacionales, vuelven a poner de manifiesto el papel de la flora colonial, como moneda de intercambio española, para ser aceptados en la comunidad científica internacional y el carácter personalista de las relaciones internacionales." (F. J. Puerto Sarmiento, *ob. cit.* 1988, p. 160).

<sup>119</sup> A correspondência que consultámos consta de duas cartas enviadas por J. Banks (em Latim) em 1768 e 1772 (AHMB, CE/B -75, -76) e de nove escritas por Vandelli entre 1767 e 1811, em Latim, Italiano e Francês. (British Library, Add. Ms. 8094, 8100 e 33982). W. L. Simon, *Sir Joseph Banks's Lisbon Journal of 1766: an introduction to the text*, 1997, p. 110, escreve que "Bank's letters to Vandelli are not extant". Afirmação incompreensível sabendo-se que este investigador americano fez aturada pesquisa no Arquivo Histórico do Museu Bocage (antes e depois do incêndio de 1978) onde elas ainda se encontram depositadas. Pode, contudo, ter acontecido não estarem à época devidamente inventariadas para consulta dos investigadores. Para um resumo do conteúdo das cartas enviadas a Banks, consulte-se Warren R. Dawson (edição de), *The Banks Letters. A calendar of the manuscript correspondence of Sir Joseph Banks preserved in the British Museum*, 1958, pp. 840-842.

<sup>120</sup> Vandelli dedicou-lhe o pequeno opúsculo *Fasciculus Plantarum cum novis generibus, et speciebus*, 1771, elogiando-lhe a condição de "peregrino botânico" aos "mares da Austrália" ("Perillustri et Celeberrimo Peregrinatori Botanico D. Josepho Banks, ob felicem e Mari Australi reditum, et in parennem amicitiae signicatinem sacrum voluit"). O opúsculo acompanhava a carta enviada em Outubro de 1771 (Cfr. British Library, Add. 8094).

<sup>121</sup> Em carta enviada a J. Banks em 8 de Novembro de 1768, Vandelli expressa-lhe "tanks for the rich collection of seeds received" (Warren R. Dawson (edição de), *ob. cit.*, 1958, p. 841).

<sup>122</sup> "Sir Joseph Banks's entrée into the small group of Portuguese and foreign men of science resident in Portugal was initiated through the Paduan Domingos Vandelli, who had recently arrived (1764) in Portugal (...) Six months in Lisbon provided Banks with a fine contact in Vandelli for obtaining specimens from the Portuguese colonies, a role which Vandelli fulfilled many times for other naturalists, as well as friendship and correspondence with some of the leading scientific thinkers of his day" (W. J. Simon, *ob. cit.*, 1997, pp. 13 e 15). Ao longo deste artigo, o autor comete várias imprecisões, nomeadamente quando afirma que o inglês terá visitado o Jardim Botânico da Ajuda mas que, por qualquer razão, "chooses not to say". Ora, Banks não poderia visitar um Jardim que só seria iniciado dois anos depois, em 1768. O exemplo que apresenta de outro viajante, a escocesa Janet Schaw, ter narrado com pormenor uma visita àquele espaço (*Journal of a Lady of quality...in the years 1774 to 1776*, pp. 245-248) esquece a decisiva diferença de datas.

na década de noventa, por Gerard de Visme um inglês que possuía em Lisboa um famoso jardim botânico: "Mr. de Visme s'entretient souvent avec Le Chevalier Banks parlant du Docteur Vandelli, et du Portugal. La collection du Roy, à Kew, est superbe" <sup>123</sup>.

No contexto deste relacionamento institucional, um dos naturalistas de Kew e introdutor da taxonomia de Linneo em Inglaterra, John Hill (1707-1775) <sup>124</sup>, recebe uma primeira carta de Domingos Vandelli, em 1772, à qual se apressa a responder nela frisando bem a importância do intercâmbio de sementes: "Je vous suis très obligé de l'honneur de votre correspondance (....). Voici une Liste des plantes qui seront le plus agreable au Roy à Kew, et j'ai le plaisir de Vous dire, que nous pouvons Vous trouver autant au moins de (....) que Vous souhaitez avoir. (....) Permettez moi, Monsieur de Vous faire mes Remercimens pour (....) m'envoyer les sements, que j'ai pris la Liberté de Vous demander pour le Jardin du Roy. (....) Mr. Banks est de retour, et se porte bien" <sup>125</sup>.

10. Apesar de ficar assim patenteado o lugar dominante do intercâmbio de sementes e dos respectivos inventários neste epistolário científico, abria-se muitas vezes lugar a uma troca de serviços intelectuais relacionados com a divulgação das obras impressas dos interlocutores junto dos especialistas nacionais, sabido quão importante era ser lido, comentado, citado, pela

---

<sup>123</sup> Carta de Gerard de Visme a Domingos Vandelli (Londres, 8 de Maio de 1792), AHMB, CE/V -43. Sobre Gerard de Visme veja-se o Capítulo VII (O colecionismo privado). No seu exílio londrino, (1811-1815) depois de preso durante a Setembrizada de 1810, Domingos Vandelli dirigiu-se a J. Banks solicitando-lhe apoio junto do príncipe regente, D. João, então no Brasil, para poder regressar a Portugal. (Cfr. British Library, Add. Mss. 33982, 9.7.1811). Sobre este assunto vide Marco Meriggi, *Domenico Vandelli. Vita ed opere*, 1989, pp. 13 e ss.

<sup>124</sup> A biografia científica de J. Hill é traçada por Patsy A. Gerstner, in *Dictionary of Scientific Biography*, vol. 5, pp. 400-401.

<sup>125</sup> Cartas de J. Hill a Domingos Vandelli (Londres, 12 de Outubro de 1772 e 27 de Fevereiro de 1773), AHMB, CE/H -28 e 28 a. A viagem a que faz referência no final da carta ("Mr. Banks est de retour") é a que fez à Islândia em 1772, e que veio a ser a sua última exploração naturalista fora de Inglaterra. (Cfr. George A. Foot, *ob. cit.*, p. 435).

comunidade científica. Tão arraigado estava este hábito que parece ser aceite com normalidade o facto de se utilizar frequentemente a rede de conhecimentos pessoais como substituta de um ainda incipiente mercado livreiro europeu, panorama agravado pela ausência neste final de século de um periodismo científico de projecção internacional <sup>126</sup>: "Permettez moi de Vous faire une paquette sur un autre sujet. Je joins ici une Liste des Livres anglais que j' ai obtenu de nos Libraires en Echange contre mon *Systeme Vegetable*, et que je souhaiterai de vendre. Ils sont d'excellent Livres. Permettez moi de Vous prier de communiquer cette Liste à quelques Personnes de Rang. Et si Vous pouvez obtenir quelque ordre pour moi, ayez la bonté de me les communiquer et Vous me ferez une grande faveur. (...) J'ai l'honneur de Vous envoyer (...) mon Catalogue de Livres " <sup>127</sup>.

Por vezes acontece que as obras ainda não estão publicadas, ou sequer escritas, são projectos literários, narrativas científicas acarinhadas pelo poder político, como a de uma *História Natural de Portugal* que Vandelli anuncia aos seus correspondentes <sup>128</sup>; nesse caso, compõem-se e expedem-se pequenas brochuras que publicitam a grande obra a editar, numa estratégia comercial em que se conta com o empenho e o prestígio pessoal de amigos bem colocados em instituições científicas de outros países, como o físico João Jacinto de Magalhães (1722-1790) em Londres <sup>129</sup>. Nem sempre, porém, se consegue

<sup>126</sup> "No ano de 1750 haveria 10 revistas científicas, em 1900 - 10 000 revistas científicas" (Isilda Figueiras, "Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia", in *Universidade (s). História. Memória. Perspectivas*, Coimbra, 1991, vol. 2, p. 88).

<sup>127</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>128</sup> Este projecto editorial corresponderia, muito provavelmente, ao incentivo que Linneo lhe vinha fazendo na sua correspondência, tal como lembra Júlio A. Henriques: "Exhortava-o Linneo para trabalhar a fim de conhecer bem os productos naturaes de Portugal e dar ao mundo scientifico uma Flora e Fauna d'este paiz" (*O jardim botânico da universidade de Coimbra* 1876, p. 20). São as seguintes as passagens das cartas do sueco: "Avidissime jam scire opto quomodo tu valeas et tua Flora, omnes curiosi, qui ad me scripsere, avidè expectant scire quod Lusitania tua"; "Avidissime exoptarem srire quo usque penetrasti cum Flora, Fauna Lusitanica; cum tu unus et primus sis, qui umquam apertis oculis felicissimam, fertilissimamque regionem coluisti" (Cartas de 15 de Julho de 1767 e 7 de Janeiro de 1770, in Domingos Vandelli, *Florae Lusitanicae et Brasiliensis...*, 1788, pp. 87, 89).

<sup>129</sup> "Domingos Vandelli's name was known in the highest circles of the amateur botanists among the British nobility" (W. J. Simon, *Scientific expeditions...*, 1983, p. 115). J. J. de Magalhães foi uma peça fundamental nestes contactos, indicando novos

iludir por muito tempo a ausência da obra prometida: "Dites moi si l'*Histoire Naturelle du Portugal et ses productions* etc. que vous anoncez (...) est deja publié. Pour ce que regarde des brochures que vous m'avez envoyées, elles ne sont encore toutes vendues, ni (...) le seront sans l'autre ouvrage" <sup>130</sup>.

Aproveita-se também esta informal rede livreira para se trocarem as últimas novidades literárias - enviam-se livros publicados recentemente, esperando-se que o receptor proceda da mesma forma: "(...) Ultimamente ci giunsero li seguenti libri nuovi spettanti alla Botanica ed alla insettologia: (...) Se anche V. S. avesse qualche cosa di nuovo e di letterario da comunicarmi mi farà grazia singularissima" <sup>131</sup>; ou propõe-se um trato mais sofisticado, trocando-se livros por espécies animais em desesperada carência nas colecções; no caso concreto, animais vivos destinados à *ménagerie* do Eleitor do Palatinado, o Grão-Duque da Saxónia: "Si V. Ilma. mi permetterà le manderei 30 exemplari di un'Opera pubblicata ultimamente in materia di Cavalli, ed in Idioma Francese, a Foseano, perchè si compiacesse di farmene

---

nomes a Vandelli, como se vê nesta carta, depois da morte de um dos seus correspondentes ingleses "(...) La facheuse nouvelle de la mort du respectable Vichard Mr. Miller: et vous asservois dans le même temps que, malgré cet accident, vous ne manquerez pas d'avoir toute la correspondance que vous souhaiterais de ce pays; car plusieurs de mès amis qui aiment la Botanique, seront fort aisés de vous rendre tout le service que vous souhitez, sans d'autre avantage que seulement l'exchange des sementes de ce pay et de l'Amerique Anglaise, pour celles du Portugal et du Bresil et que vous leur envoyeriez" (*Carta de J. Jacinto de Magalhães a Domingos Vandelli (Londres, 24 de Abril de 1772)*, AHMB, CE/M -40). Tratava-se do clérigo de Chelsea, Philip Miller, com quem Vandelli estabelecera intercâmbio de sementes (Cfr. *Carta de P. Miller a D. Vandelli (Chelsea, 10 de Maio de 1770)*, AHMB, CE/M -39).

<sup>130</sup> *Carta de João Jacinto de Magalhães a Domingos Vandelli (Londres, 24 de Abril de 1772)*, AHMB, CE/M -40. Sobre a figura e a obra científica do físico português consulte-se: Joaquim de Carvalho, "Correspondência científica dirigida a João Jacinto de Magalhães", *Revista da Faculdade de Ciências de Coimbra*, vol. XX, 1951, pp. 90-283; António Augusto Gonçalves Rodrigues, "Sobre o físico português João Jacinto de Magalhães. 1722-1790", *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*, T. XXVIII, 1989, pp. 7-23; Manuel Fernandes Thomaz, "João Jacinto de Magalhães e a ciência europeia do século XVIII", *Colóquio/Ciências*, nº 8, 1991, pp. 78-91; Isabel Maria Coelho de Oliveira Malaquias, *A obra de João Jacinto de Magalhães no contexto da ciência do séc. XVIII*, Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Aveiro, 1994 (dact.); e Rómulo da Carvalho, *As actividades científicas em Portugal no séc. XVIII*, Évora, Universidade de Évora, 1996, pp. 143-263.

<sup>131</sup> *Carta de Antonio Turva a Domingos Vandelli (Vicenza, 15 de Novembro de 1768)*, AHMB, CE/I -2.

procurare da qualche suo dipendente lo spaccio per valersi del danaro, nella compra degli animali vivi ò altro che non stimasse di mandarmi in contraccambio" <sup>132</sup>.

Nem sempre o interesse é exclusivamente comercial, já que os autores solicitam pareceres científicos sobre o conteúdo dos seus próprios trabalhos, sobretudo quando o relacionamento é de recíproca confiança. Divulgam-se relatórios científicos sobre espécies particularmente acarinhadas, como o famoso caso do dragoeiro de Vandelli: "Io sono molto tenuto della bella *Dissertazione de Arbore Draconia* che V.S.III.ma si degnó favorirmi, e che oltre l'esattissima descrizione di quell'albero contiene un'altra non meno utile dissertazione intorno allo studio dell'istoria naturale, il quale oggi è tanto coltivato da pertutta l' Europa" <sup>133</sup>; ou enviam-se mesmo textos em versão manuscrita, aguardando publicação: "(....) aggiungo una mala copia (....) della *Flora italica* da me publicata sotto altra forma negli atti di Siena, non però ancora stampata" <sup>134</sup>.

Citam-se os escritos do amigo (Ferdinando Bassi vangloria-se de nomear, no seu livro sobre questões termais, cinco vezes a autoridade científica de Vandelli <sup>135</sup>) e reclamam-se deles pareceres críticos que se sobreponham aos

<sup>132</sup> *Carta de Filippo Fabrizzi a Domingos Vandelli (Florença, 29 de Junho de 1769)*, AHMB, CE/F -59.

<sup>133</sup> *Carta de Gianfrancesco Seguier a Domingos Vandelli (Nîmes, 8 de Abril de 1770)*, AHMB, CE/S -63. Título da obra de Vandelli: *Dissertatio de arbore Draconis seu Dracaena*, 1768. Anexava dois outros textos, o *Disertatio de studio historiae naturalis necessario in medicina. Oeconomia, agricultura, artibus et commercio* (que Seguier também cita na carta) e o *Conspectus musei Domenici Vandelli* (Catálogo do museu que Vandelli tinha constituído em Pádua e que, como veremos, venderá à Universidade de Coimbra). Seguier era natural de Nîmes mas fizera imensas viagens filosóficas e, depois de uma longa permanência em Verona, regressou a França sendo o seu Gabinete descrito detalhadamente por um naturalista coevo: "La collection de M. Séguier, fils d'un Conseiller au Présidial de Nîmes, est le fruit de ses voyages & de son long séjour en Italie. Il possède près de deux cens empreintes de poissons trouvés sur le mont Bolca, au territoire de Vérone, dont plusieurs sont entiers, & il y en a deux pieds de long (....). Un petit jardin où il cultive des plantes rares & étrangères, orné de marbres & d'inscriptions antiques, y conduit & en forme l'avenue(....)" (Desallier d'Argenville, *Conchyologie...*, 1780, t. I, pp. 294-295 [1ª ed. 1742]).

<sup>134</sup> *Carta de Antonio Turva a Domingos Vandelli (Vicenza,[1768])*, AHMB, CE/I -1.

<sup>135</sup> O reconhecimento da autoridade de Vandelli em matéria de águas termais é também reforçada pelo médico austríaco Heinrich Crantz que enaltece a precisão e erudição das suas análises sobre as termas da região de Pádua bem como a

olhos parciais da amizade: "(....) Spero, che forse a quest'ora avrà ricevuto dal Signore Dot. Brunelli il mio libro sopra le *Terme Porrestane*, che in una cassetta d'altri libri diretta al suddeto signore Brunelli inclusi com ordine di presentarcelo in mio nome. In questo libro vedrà citata la di lei autorità per ben cinque volte, avendo procurato di autorizzare le mie osservazioni con quella d'insigni autori. Ella accetti tal libro in contrassegno di quella stima, che sempre gli ho professata, e sinceramente mi dica il suo sentimento non riguardandolo com occhio parziale, e da amico ma da aiuto ed intelligenza critica" <sup>136</sup>.

11. Notícias sobre a fundação, organização interna e actividades dos museus e jardins botânicos é outra matéria de que a correspondência constitui uma boa fonte histórica. São frequentes as referências aos catálogos que se estão a preparar ou que, já impressos, se enviam como prova da riqueza e variedade (ou de faltas por suprir) dos produtos acumulados e exibidos no *museu*, no *gabinete* privado ou, sobretudo, no *jardim botânico*: "(....)offreçendo-me da minha parte de mandar Sementes de tudo que exigir de ca, e para esse fim mandarei hum Catalogo das Plantas do nosso Jardim" <sup>137</sup>; "non si potranno determinar quali specie ci manchino in questo Giardino finché io vi corra il catalogo che V. S. mi farà sperare nel mese d'Ottobre allora ch'Ella ritornerà in Coimbra" <sup>138</sup>.

---

compilação bibliográfica de obras sobre o tema. Este correspondente pedia igualmente a Vandelli que lhe enviasse de Lisboa elementos sobre as temas ibéricas (Cfr. *Carta de Heinrich Crantz a Domingos Vandelli (Viena de Áustria, 13 de Maio de 1771)*, AHMB, CE/C -28, -29).

<sup>136</sup> *Carta de Ferdinando Bassi a Domingos Vandelli (Bolonha, 14 de Novembro de 1768)*, AHMB, CE/B -72. F. Bassi era também coleccionador e mereceu uma referência na obra de Desallier d'Argenville: "La collection de M. Ferdinando Bassi, Docteur en Médecine à Bologne, est composée de madrépores, de coraux, de coquilles & d'autres productions de la mer" (*ob. cit.*, t. I, p. 393).

<sup>137</sup> *Carta de Rottboll a Domingos Vandelli (Copenhague, 24 de Outubro de 1778)*, AHMB, CE/R -29. Versão traduzida para português anexada ao original dinamarquês. Trata-se de Cristhianus Frus Rottboll, Conselheiro de Justiça, Professor de Medicina e Botânica na Universidade de Copenhague e Inspector do seu Jardim Botânico, que escreveu uma primeira carta a D. Vandelli (em Latim) a 14 de Novembro de 1770 (Cfr. AHMB, CE/R -28).

<sup>138</sup> *Carta de Casimiro Gomez Ortega a Domingos Vandelli (Madrid, 12 de Julho de 1777)*, AHMB, CE/O -3.

Quando os estabelecimentos museológicos estão nos seus primórdios, como os de Lisboa, acompanham-se interessadamente os primeiros passos, dão-se conselhos técnicos, escrevem-se palavras de estímulo: "Mi dia (...) nuove dal regio Orto suo, che certamente avanza a gran passi"<sup>139</sup>; "essendo Ella così meritamente incaricato dalla Maestà il Suo Re alla direzione di un Museo d' storia naturale, e di formare un Giardino botanico, io spererei di potermi meritare la sua docta e pregevole corrispondenza"<sup>140</sup>.

À Ajuda chegam entretanto os testemunhos de outros projectos que, um pouco por toda a Europa, passam à categoria de iniciativas de prestígio, alimentados pelo gosto e pelo investimento material de burgueses e de aristocratas. Mesmo as pequenas soberanias (características da pulverizada paisagem política pré-napoleónica) não prescindem destes aparatos de legitimação cultural e científica, e contratam museólogos para a aquisição e direcção especializada das suas colecções. Um destes especialistas (*consiglieri*) contratados, o naturalista de Pisa, Filippo Fabrizzi, coloca-se ao serviço do Príncipe Eleitor do Palatinado<sup>141</sup> que projecta um museu de história natural, um jardim botânico e uma *ménagerie* (un serraglio d'animali<sup>142</sup>): "(....) In conseguenza all'onore che io di servire S.A.S. Elect. Palatino mio Signore in qualità dei Suo Consigliere Aulico (....) ci vado facendo al Serenissimo Electore un Museo di Produzioni Naturali, che le mando com una descrizione ragionata,

---

<sup>139</sup> *Carta de Ferdinando Bassi a Domingos Vandelli (Bolonha, 15 de Novembro de 1769)*, AHMB, CE/B -71.

<sup>140</sup> *Carta de Filippo Fabrizzi a Domingos Vandelli (Florença, 29 de Junho de 1769)*, AHMB, CE/F -59.

<sup>141</sup> O *Almanach de Lisboa para o anno de 1782*, identifica-o como sendo Carlos Theodoro, Grão Duque da Saxónia, nascido em 1724.

<sup>142</sup> "L'intérêt pour les animaux sauvages - surtout, la volonté d'en posséder quelques uns près de soi - est un sentiment répandu parmi l'aristocratie européenne du XVIe-XVIIIe siècle parce qu'elle les considère comme un élément de prestige, une forme de luxe indispensable à la vie nobiliaire, un symbole de sa condition particulière. Nombreuses sont alors les cours royales, princières, voire seigneuriales qui exhibent des bêtes sauvages, indigènes ou exotiques, dans les lieux appelés *serragli* (*serraglio*) en Italie à partir de la fin du XIVe siècle, un terme exporté ensuite en Europe, devenu *serallo* en Espagne, *serralho* au Portugal, 'serrail' pui 'sérail' en France, où l'on parle aussi d'hostel ou de 'maison des lions' " (Éric Baratay e Élisabeth Hardouin-Fugier, *Zoos. Histoire des jardins zoologiques en occident (XVI e-Xxe siècle)*, 1998, p. 15).



e provvedo il Suo nuovo, e grandioso Giardino delle Piante di qui, e della Sicilia siccome il Serraglio d'Animali com quegli di qui e della Sicilia" <sup>143</sup>.

Fabrizzi, apenas empossado nas suas novas funções (e passando a residir em Florença, onde o Eleitor possui ligações familiares com os Medicis) <sup>144</sup>, escreve ao compatriota Vandelli - também ele contratado por um soberano para dirigir estabelecimentos museológicos - propondo-lhe o intercâmbio de produtos naturais dos três reinos, numa lista onde se destacam obviamente os espécimes exóticos provenientes dos territórios ultramarinos; porque é esse, justamente, o grande serviço que se espera dos museus de Lisboa, e é por ele que a Ajuda passará a ocupar um lugar de relevo no contexto naturalista europeu: "Io poi gradirei sommamente per le grazie di V.S.II. Sma. le Produzioni Naturali non solo di cod.o Regno, come ancora dell'Indie Occidentali ed Orientali in saggi mobili e grandiosi come sono questi (...) quelli il Museo Electorele, e più di ogni altra Produzione gradirei delle pietre dure (...) come si trovano all'India, e non lavorate. Ma (...) gradirei degli animali vivi, che con il suo estesso braccio potrà conseguire, fra quali assai (...) il Fagiano dorato: in genere di Pappagale, e (...); in quanto a vegetabili gradirò delle Semente e a suo genio, e se abbia da suggerirmi qualche piante che possa mandarsi nel vaso, le daró l'indirizzo del nostro Ministro all'Haya, il quale poi mi spedirà le piante alla mia Corte" <sup>145</sup>.

12. Pese embora o carácter tendencialmente institucional dos equipamentos museológicos então em voga na Europa (régios, universitários, ou académicos), a dimensão privada do coleccionismo naturalista ocupa ainda

---

<sup>143</sup> *Carta de Filippo Fabrizzi a Domingos Vandelli (Florença, 29 de Junho de 1769)*, AHMB, CE/F -59.

<sup>144</sup> "Nel 1737 l'ultima erede dei Medici, L'Elettrice Palatina Anna Maria Lodovica, aveva lasciato i suoi beni ai Lorena a patto che le sue raccolte restassero a Firenze com una destinazione pubblica" (Alessandra Mottola Molino, *Il libro dei musei*, 1991, p. 16). Vide também Francis Haskell, *Patrons and Painters - Art and Society in Baroque Italy*, 1980, cit. in José Alberto Machado, *Um coleccionador português do século das luzes: D. frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, Arcebispo de Évora*, 1985, pp. 55-57.

<sup>145</sup> *Idem, ibidem.*

um lugar relativamente importante nesta segunda metade de setecentos, já que alguns historiadores da natureza (não só profissionais, como alguns amadores de sólida posição social) continuam a entesourar os produtos das suas recolhas pessoais, ou remetidos por correspondentes, em gabinetes privados. Vem a propósito salientar que também o jovem universitário de Pádua, Domingos Vandelli - durante os sete anos (1757-1763) em que empreendeu *viagens philosophicas* às regiões do centro e norte e aos mares da Itália e em que acumulou produções europeias e africanas colectadas por amigos - organizara o seu "museo padovano", vendido em 1772 à Universidade de Coimbra e do qual conhecemos um circunstanciado catálogo <sup>146</sup>.

Da correspondência científica de coleccionadores privados recebida na Ajuda destaca-se a do Barão Hupsch de Lontzen, de Colónia, proprietário de um dos maiores gabinetes europeus que ocupava uma área de exibição repartida por seis compartimentos. O seu primeiro correspondente português terá sido frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas (coleccionador cujas intensas relações epistolares com a intelectualidade europeia a seu tempo acentuaremos <sup>147</sup>) a quem enviou uma carta, datada de 1771, propondo-lhe intercâmbio de objectos coleccionáveis ("toutes sortes de curiosités") e solicitando-lhe contactos de outros grandes amadores: "Votre Excellence me pourroit faire une grande grace, se elle daignoit de me procurer la connoissance et la correspondance de quelques grands amateurs, comme Princes ou comtes et autres riches Seigneurs de Lisbonne, et d'autres villes en Portugal, qui commencent à rassembler des Cabinets" <sup>148</sup>.

---

<sup>146</sup> Cfr. *Saggio del Museo di Domenico Vandelli. Padova (1763)*, BACL, Ms. 1205/5, Série Azul, e *Memória sobre o Museo de Domingos Vandelli, que foi mandado vir d'Italia p.<sup>a</sup> a Universidade de Coimbra [1777]*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628 (1778-1781). A origem das produções naturais que lhe foram remetidas por correspondentes é revelada por Vandelli, no Catálogo impresso: "Incrementum dein suscepit Museum e rarioribus Naturalibus rebus, quas amicorum auxilio Vandellius obtinuit ab Egypto, Graecia, Sicilia, Gallia, Germania &c. "Domingos Vandelli, *Conspectus Musei Dominici Vandelli, Pádua, 1763 (Breve catalogo do Muséo, que veyo de Italia, e foi remettido a esta Universidade)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628 (1778-1781).

<sup>147</sup> Vide *infra* Cap. VII.

<sup>148</sup> *Carta do Barão de Hupsch a frei Manuel do Cenáculo (17 de Julho de 1771)*, BPE, CXXVII/1-4, Carta 566.

Terá sido a partir do obséquio de Cenáculo que, muito provavelmente, Hupsch obteve o contacto epistolar de Vandelli, a quem escreve em Abril de 1773 uma carta cujo conteúdo importa divulgar pelo seu singular interesse na concepção das práticas museológicas setecentistas. Membro de diversas academias e sociedades literárias e autor de um ensaio conchiológico, as *Nouvelles découvertes de quelques testacés pétrifiés rares et inconnus* (1771)<sup>149</sup>, o aristocrata alemão começa por considerar o botânico régio da Ajuda um grande amador de história natural e de curiosidades naturais, razão pela qual se lhe dirigia propondo-lhe correspondência e intercâmbio "comme est la coutume aujourd'hui entre plusieurs amateurs"<sup>150</sup>. Por isso se oferecia para lhe expedir uma colecção seleccionada de diferentes curiosidades naturais da Baixa Alemanha e de outros países, a saber: conchas; minerais (mercúrio, calamite, cobre, chumbo, ferro); corais petreficados. Passa depois a discriminar o tipo de produtos que aceitaria em troca - "en échange des Pieces Susdites j'accepterai toutes sortes de Curiosités Naturelles et Artificielles qu'un Amateur me voudra donner" - numa lista de espécies zoológicas, mineralógicas e botânicas suficientemente precisa e rigorosa para se compreender tratar-se de um coleccionador experiente e que não deixava nada ao acaso, nem sequer as questões logísticas relacionadas com o transporte e pagamento das remessas<sup>151</sup>; a relação chega a particularizar designação

---

<sup>149</sup> O frontespício desta obra, editada em 'Cologne, Francfort e Leipzieg', encontra-se anexado à citada carta dirigida a Cenáculo.

<sup>150</sup> Noutro passo da carta enfatiza o alargamento dos conhecimentos pessoais entre coleccionadores, através das relações epistolares: "(....) je vous peux nommer plusieurs grands amateurs et Naturalistes connus en Europe, qui on fait plusieurs Echanges avec moi et qui entretiennent encore cette Correspondence parce qu'ils ont reçu de moi des pieces curieuses et interessantes. En cas que vous ne faites pas Collection de Mineraux, Petrifications, et d'autres curiosités naturelles, je vous prie d'avoir la bonté particuliere de me procurer la correspondance de quelques Amateurs (qui ont des Cabinets ou Collections de Curiosités) de votre ville ou des environs et de leurs communiquer la presente fort agreable aux Curieux, qui desirent d'avoir des productions rares et interessantes de la Basse Allemagne et des Pais étrangers pour leurs Cabinets (..) Voici mon adresse pour cet effet: à Mr. le Baron de Hupsch de Lontzen, membre de Plusieurs Academies et Socitys Literaires, à son Hotel, Rue S. Jean à Cologne sur le Rhin" (*Carta do Barão de Hupsch a Domingos Vandelli (Colónia, 15 de Abril de 1773)*, AHMB, CE/B 77).

<sup>151</sup> "(....)je vous indiquera ensuite par quelle route la plus sure et par quelle voye la moins couteuse vous aurés la bonté de m'envoyer la Caisse contenant votre Collection(....) pour ne point rebater les Amateurs étrangers par une Correspondence

taxonómica e forma de conservação desejada ("dressés et empaillés d'après nature me seron par préférence fort agreable"), mas é na preocupação em apontar a origem geográfica dos espécimens que se revela o magno interesse deste coleccionador em alimentar uma correspondência científica com Portugal: "(...)oiseaux des Indes et du Bresile(...); Fruits des Indes; (...) toutes sortes de Productions du Bresil et d'autre Provinces de l'Amerique (...) coquillages, oiseaux, pierres, petrifications, plantes marines, rezoars(...)" <sup>152</sup>.

A finalizar a lista, surge a menção (muito rara na correspondência que consultámos), a produtos artificiais, o que nos remete para uma outra ocupação disciplinar do coleccionismo naturalista, a recolha etnográfica de artefactos informada por preocupações antropológicas com o outro, o indígena - "habillemens, armes, (...) figures, idoles et autres ouvrages des indiens" <sup>153</sup> - universo que veremos ocupar um lugar de extraordinário relevo no âmbito das expedições científicas ao novo mundo e a enriquecer as colecções do Real Museu da Ajuda a partir da década de oitenta <sup>154</sup>.

---

dispendieuse et pour menager des Fraix inutiles, ainsi que pour faciliter les échanges j'offre d'affranchir la caisse (qui contiendra ma Collection) jusqu'a Amsterdam." (*Idem, ibidem*).

<sup>152</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>153</sup> A descrição das colecções, feita pelo próprio proprietário, foi publicada na obra de Desallier d'Argenville, *ob. cit.*, t. I, pp. 384-386. As produções de Arte descreve-as assim: "(...)Les curiosités de l'art offrent des tableaux peints à huile, en détrempe & en émail; des dessins & des estampes; des pierres gravées, des bas-reliefs, des figures de bronze, & des médailles antiques & modernes; des médailles bractéates, jetons, monnoies des Indes, anciens sceaux en cire, &c. On voit encore dans ce cabinet des arcs, des fleches, des arbalètes, des massues & des lances, & c. tant anciennes, que des Indiens & autres peuples étrangers; des habillemens des sauvages, comme ceintures, souliers, & c.; des meubles, figures, ouvrages, écritures, & c. des Indiens, des Chinois, des Turcs & des Américains; des urnes antiques, & autres ouvrages curieux tant anciens que modernes; enfin de vieux manuscrits, anciens diplomes, & c."

<sup>154</sup> Sobre a temática do coleccionismo de artefactos dos índios americanos na Europa veja-se Christian F. Feest, *The Collecting of American Indian Artifacts in Europe, 1493-1750*, 1995. Domingos Vandelli também já possuía nas suas colecções "varias armas de Indios", tal como indica na *Breve relação do Muséu da Historia Natural, que o Doutor Domingos Vandelli tinha na Ajuda, no Real Jardim Botânico; e de que no anno de 1772, fez presente a esta Universidade, do qual se tem servido até agora, para as Lições de Historia Natural (15 de Março de 1777)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628 (1778-1781).

A carta do Barão de Hupsch termina com um intrigante *post-scriptum* de cariz político (relacionado com a reforma dos estudos científicos universitários iniciada no ano anterior?) que, se não autoriza uma interpretação segura do seu sentido e motivações, deixa todavia claro que alguns círculos intelectuais europeus faziam uma avaliação muito positiva da governação pombalina e das suas *luzes* <sup>155</sup>, bem como a leitura de que o naturalista italiano, também agora professor universitário, possuiria um fácil acesso pessoal ao ministro todo poderoso: "P.S. Je vous prie instamment d'avoir la bonté particuliere de remettre la Lettre cy jointe à S. E. Mgr. le Marquis de Pombal. J'ai pris la liberté de vous la joindre ici, sachant que vous êtes connû auprès de ce grand Ministre et que par votre canal cette lettre sera remise aux propres mains du dit Ministre, qui par la sagesse et ses grandes Lumieres merite toute veneration des étrangers" <sup>156</sup>.

A tradicional negligência com que os estudos botânicos tinham sido tratados em Portugal - medida pela escassez de publicações sobre a flora nacional, todas da autoria de eruditos estrangeiros <sup>157</sup> - era bem conhecida na Europa e o próprio Vandelli a refere no seu Catálogo de 1771: "Grisley frustra in Lusitania Viridarium Botanicum construere tentavit (...)" <sup>158</sup>.

A contratação do naturalista italiano e as suas actividades científicas e museológicas, no quadro das reformas pedagógicas pombalinas, estavam a transmitir paulatinamente um fâcies moderno ao país (de que os elogios do

---

<sup>155</sup> Sobre a avaliação das reformas pedagógicas pombalinas feita por intelectuais europeus, veja-se João Carlos Brigola, *Ciência e Política. Do Pombalismo ao Liberalismo*, 1990, pp. 156-157; e António Ferrão, *A reforma pombalina da Universidade de Coimbra e a sua apreciação por alguns eruditos espanhóis*, 1926.

<sup>156</sup> *Idem, ibidem*. Quando no Inverno de 1794-95, o *Muséum d'Histoire naturelle* parisiense envia dois Comissários à Bélgica e à região renana, em missão de estudo e confisco de bens científicos, estes tomam contacto com o barão de Hupsch "naturaliste possesseur d'une belle collection d'histoire naturelle, qui offrit 'de rendre son Cabinet public, afin d'en faire jouir ses concitoyens'" (Ferdinand Boyer, *Le Muséum d'Histoire naturelle à Paris et l'Europe des sciences sous la Convention*, 1973, p.254). Um dos comissários era André Thouin, correspondente de Vandelli (Cfr. *infra* Cap. VI).

<sup>157</sup> Cfr. Capítulo III.

<sup>158</sup> *Hortus Olisiponensis Exhibens Plantas Exoticas Horti Regii specimenque Historie Naturalis Lusitaniae Cum novis generibus et Specibus (15 de Janeiro de 1771)*, BN, Cod. 3750.

Barão de Hupsch a Pombal, e o contacto que com ele pretende estabelecer, são bem exemplificativos) o que, para alguns, envolvia Vandelli numa missão verdadeiramente salvífica: "Ella avrà il merito di averne invaghiti i Signori Portoghesi che finora l'hanno molto negletto, poichè non si vede nessuna opera che faccia conoscere i progressi che in esso hanno fatto. Dacchè il Grislei stampò quella sua operetta intorno le piante rare che fanno in quel Regno, nessuno s'è curato di fare conoscere quelle tante che in essa há nominati, e le quali fino a questo giorno sono ancora ignote" <sup>159</sup>.

### ***O museu de história natural e o jardim botânico da universidade (1772-1777)***

13. A ligação orgânica do Museu de História Natural e do Jardim Botânico de Coimbra à instituição universitária constitui o seu traço mais distintivo, quer se avaliem em relação comparativa com outros museus numa determinada época, ou se estabeleça a narrativa do seu evoluir histórico <sup>160</sup>. Esta especificidade académica ditou fragilidades quotidianas <sup>161</sup>, mas salvaguardou

---

<sup>159</sup> *Carta de Gianfrancesco Seguier a Domingos Vandelli (Nîmes, 8 de Abril de 1770), CE/S -63.*

<sup>160</sup> "O anacronismo e pobreza dos museus de história natural em Portugal marcam de forma particularmente eloquente o nosso atraso, o nosso alheamento do movimento cultural europeu. Aqueles museus que sobreviveram como fantasmas do século transacto deveram-no, sobretudo, à sua inclusão e dependência, a todos os níveis, da Universidade" (Germano F. Sacarrão, *Pedagogia da evolução e museus de história natural*, 1987, p. 17).

<sup>161</sup> O carácter *universitário* dos museus de história natural (de Lisboa e Coimbra) tem sido criticado por alguns autores, nomeadamente pelo geólogo suíço Paul Choffat (1849-1919) quando se referiu à incorporação das colecções da Academia Real das Ciências (provenientes da Ajuda) na Escola Politécnica de Lisboa, em 1858: "(....) dans les musées scientifiques adjoints à un établissement d'instruction (....) [les] professeurs qui n'ont pas un intérêt spécial pour les collections, ne voient que l'intérêt de leurs cours, et sont par conséquent disposés à porter préjudice au musée, par exemple en mettant à la disposition des élèves des pièces d'une grande valeur scientifique, qui courent le risque d'être détériorés entre leurs mains" (*Biographie des géologues portugais*, 1915-1916, p. 126). M. Telles Antunes retoma os seus argumentos defendendo que, a par das vantagens de suporte físico e institucional, os museus universitários comportam "degradação de colecções e de instalações por predações, ou por utilização abusiva, designadamente em aulas; incêndios e outros acidentes, sobretudo em épocas de contestação, facilitados pela vulnerabilidade pelo

tradições seculares: o actual Museu de História Natural (diviso nas suas secções de zoologia, botânica, mineralogia e geologia, e antropologia) <sup>162</sup> encontra-se longe de cumprir as funções exigidas a um estabelecimento museológico moderno, mas é o herdeiro de uma historicidade impossível de encontrar em qualquer outro actual museu português; o Jardim Botânico não se distingue pela particular profusão ou variedade da sua flora, mas é indiscutivelmente um Jardim de referência (marca que consolidou na segunda metade do século XIX, com Júlio Augusto Henriques) e tem hoje lugar entre os mais conceituados pela comunidade científica internacional <sup>163</sup>.

A história destes estabelecimentos encontra-se no essencial delineada (ao menos para a primeira fase da museologia portuguesa), situação que contrasta flagrantemente com o apagamento da memória - através do

---

aumento de riscos consequente da presença constante de massas estudantis; subalternização da função museológica a outros interesses e, no geral, a uma instituição com vocação muito diferente, génese, não de um verdadeiro Museu(...) mas de três museus independentes, descoordenados, relativamente pequenos, encerrados ao público durante longos anos, pouco úteis aos estudantes, não garantindo adequadamente funções museológicas tão essenciais como a conservação das colecções. Estes pequenos museus foram feudos de professores, por 'direito de conquista', e alguns até mostraram empenho na causa museológica, em contraste com gestões fortemente negativas durante a maior parte do tempo" (*Sobre a história da Paleontologia em Portugal*, 1987, p. 793).

<sup>162</sup> Para uma visão de conjunto da história do Museu, consulte-se M. Portugal Ferreira, *O Museu de História Natural da Universidade de Coimbra (Gabinete ou Secção de Mineralogia) desde a Reforma Pombalina (1772) até à República (1910)*, 1991, e M. L. Rodrigues Areias, M. A. Tavares da Rocha, e M. Arminda Miranda, *O Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra*, 1991. A referência fundamental para os primeiros cem anos de vida do Museu continua a ser Joaquim Augusto Simões de Carvalho, *Memória histórica da Faculdade de Philosophia*, 1872, pp. 207- 231.

<sup>163</sup> A história do primeiro século de existência do Jardim é sintetizada no clássico estudo do seu Director, Júlio Augusto Henriques, *O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*, 1876. Este Jardim é incluído numa lista dos mais importantes em todo o mundo elencada por Juan Armada e Santiago Castroviejo, *Real Jardín Botánico de Madrid*, 1994. A sua importância actual, em termos científicos, deve-se em grande parte à fortíssima tradição de escola taxonómica, conhecimento disciplinar que a Botânica contemporânea tem vindo a redescobrir e a revalorizar. Um dos seus mais prestigiados botânicos assegura, pois, que: "(...) é altamente conceituado a nível mundial, emparceirando cientificamente com os de Kew, Berlim e Copenhague, não só pelos seus magníficos herbários e colecções de plantas vivas (é um dos Jardins Botânicos do mundo a que foi dada a responsabilidade de cultivar um 'fóssil vivo' encontrado nas florestas da China), mas também pelo seu eficaz, rápido e correcto serviço de permuta de sementes, além da colaboração prestada noutras áreas" (Jorge Paiva, *Jardins Botânicos. Sua origem e importância*, 1981, pp. 8-9).

silenciamento historiográfico diligentemente prosseguido até aos nossos dias - sobre os congéneres da Ajuda. O abundante acervo documental divulgado e utilizado pela história do ensino e pela história das ciências nos textos que, desde os inícios do século XIX, se têm interessado pela reforma pombalina dos estudos científicos universitários <sup>164</sup>, deixando pouco espaço a uma interpretação global inédita consente, contudo, um enfoque especialmente interessado na matéria museológica presente na sua génese, mormente a que se relaciona com as colecções fundadoras do Museu.

14. Logo após a morte política de Pombal, o Reformador-Reitor D. Francisco de Lemos Faria Pereira Coutinho julgou oportuno redigir uma *Relação geral do estado da Universidade (1777)* que fosse a um tempo a justificação doutrinária da própria reforma universitária junto dos novos senhores da governação, um balanço da obra feita a partir das determinações estatutárias de 1772 e, ao mesmo tempo - no pressuposto da irreversibilidade do projecto reformista - um elenco de medidas a tomar para a sua consolidação <sup>165</sup>.

---

<sup>164</sup> Para uma introdução à bibliografia da história da reforma pombalina e suas repercussões até ao liberalismo, vide João Carlos Brigola, *Ciência e Política ...*, pp. 107-225, 308-331; e *Universidade(s). História. Memória. Perspectivas. (Congresso História da Universidade)*, Coimbra, 1991, 5 vols.

<sup>165</sup> O manuscrito da *Relação...* foi descoberto em 1894 e entregue a Teófilo Braga que o publicou, no ano seguinte, na *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, com uma nota explicativa. Tinha como complemento um volume intitulado *Riscos das obras da Universidade de Coimbra. Estabelecimentos fundados na Universidade de Coimbra por Ordem de S. Mag. e que Deos tem, para as observações, experiencias, e demonstrações das Sciencias Naturaes, e para a Tipographia Academica; restabelecimento do Collegio das Artes; e concertos, reparos, e comunicação interior dos Paços Reaes das Escolas*, publicado em 1983 por Matilde Sousa Franco. A autora considera que "(...) neste álbum (...) encontram-se creio que os mais antigos projectos arquitectónicos de museus portugueses (os projectos do museu do 3º Marquês de Angeja datarão de alguns anos mais tarde). Os projectos de museus que agora se publicam são, certamente, os mais importantes na vastidão do intuito, na racionalidade da concepção, no valor da realização e no seu sentido eminentemente pedagógico, como parte integrante da reforma da Universidade. A publicação deste álbum é, assim, também um fundamental contributo para a História da Museologia em Portugal" (*'Riscos das obras da Universidade de Coimbra'. O valioso álbum da reforma pombalina*, p. 8).



Neste texto, o braço direito de Pombal na Universidade deixa esclarecidos em definitivo o como e o porquê da construção dos estabelecimentos museológicos da Faculdade de Filosofia Natural, retomando quer a fundamentação epistemológica quer a funcionalidade didáctica expressas nos *Estatutos*<sup>166</sup>: "(....) Como as liçoens das cadeiras da *Historia Natural*, (....) não se podiam utilmente fazer sem *Demonstraçoens* oculares, e praticas; para que nada faltasse, que pudesse concorrer para o bom ensino destas Sciencias: Ordenou Sua Magestade, que na Universidade se fundassem os Estabelecimentos seguintes: Primeiro: Hum *Gabinete de Historia Natural*, para nelle se recolherem os productos naturaes dos *Tres Reynos, Animal, Vegetal, e Mineral*, que por qualquer via adquirisse a Universidade (....); Segundo: Hum *Jardim Botanico* para a cultura das plantas uteis ás Artes em geral, e em particular à medicina (....). Por ser manifesto, que nenhuma couza pode contribuir mais para o adiantamento da Historia natural, do que a vista continua dos objectos, que ella comprehende, a qual produz ideias cheias de mais força e verdade, do que todas as descripçoens as mais exactas, e as figuras as mais perfeitas "<sup>167</sup>.

Pela leitura desta *Relação* bem como dos *Estatutos* se conclui que o experimentalismo e o utilitarismo são visivelmente os temas organizadores do discurso pedagógico moderno presente na Reforma; as novas gerações de

---

<sup>166</sup> "Sendo manifesto, que nenhuma cousa póde contribuir mais para o adiantamento da Historia Natural, do que a vista contínua dos objectos, que ella comprehende (....) He necessario para fixar dignamente o Estudo da Natureza no centro da Universidade que se faça huma Collecção dos Productos, que pertencem aos tres Reinos da mesma Natureza." (*Estatutos da Universidade de Coimbra*, Livro III, Tit. VI, Cap. I, p. 388); "Ainda que no Gabinete de Historia Natural se incluem as Produções do Reino Vegetal; como porém não podem ver-se nelle as Plantas senão nos seus Cadaveres, seccos, macerados, e embalsamados; será necessario para complemento da mesma Historia o estabelecimento de hum *Jardim Botanico*, no qual se mostrem as Plantas vivas. Pelo que: No lugar que se achar mais proprio, e competente nas vizinhanças da Universidade, se estabelecerá logo o dito Jardim: Para que nelle se cultive todo o genero de Plantas; e particularmente aquellas, das quaes se conhecer ou esperar algum prestimo na Medicina e nas outras Artes; havendo o cuidado e providencia necessaria, para se ajuntarem as Plantas dos meus Dominios Ultramarinos, os quaes tem riquezas imensas no que pertence ao Reino Vegetal" (*Idem*, pp. 390-391). Rómulo de Carvalho, *A História Natural...*, 1987, p. 44, considera que os textos incluídos neste Título VI "engloba algumas das páginas mais notáveis daquele conjunto de textos, redigidos com plena consciência da importância real de tais inovações".

<sup>167</sup> D. Francisco de Lemos, *Relação geral do estado da Universidade (1777)*, 1895, pp. 56-57; 74.

mestres e de alunos, moldados pela gramática iluminista dos saberes, frequentaram os novos espaços museológicos animados pelo espírito criador e entusiasta de pioneiros, tal como se pode deparar em tantos testemunhos coevos <sup>168</sup>.

O tom exultante com que o Reitor garante ao Marquês de Pombal os primeiros resultados práticos do Curso de Philosophia ilustra bem essa concepção utilitária das ciências naturais visando o seu aproveitamento económico de acordo com o reformismo do Estado: "(...) Ponho igualmente na presença de V. Ex. o Caixote, q. leva o Portador desta, no qual vão amostras de diferentes Marmores que se descobrirão na Lagarteira, e Povia entre Penella e (...) pello espaço de meia Legua. E como p.<sup>a</sup> o d.<sup>o</sup> descobrim.to não influio pouco o gosto que por aqui se vai formando da Historia Natural creio que V. Ex.<sup>a</sup> recebera prazer com a vista dos d.os Marmores pellos fortes estímulos que elles derao logo no principio ao estudo das Sciencias Naturaes. O D.or Domingos Vandelli, que foi aos d.os lugares com o Admin.or ver, e examinar a qualid. e quantidade dos Marmores podera mais miudam.e informar a V. Ex.<sup>a</sup> sobre este particular. (...) " <sup>169</sup>.

Os Mestres (D. Vandelli, sobretudo, e Dalla Bella <sup>170</sup>) traçam os projectos para o Jardim Botânico e asseguram as primeiras plantações; acompanham o

---

<sup>168</sup> Sirva de testemunho, pela sua exemplaridade, a carta de D. Vandelli dirigida seguramente ao M. de Pombal, e que contém em anexo a lição inaugural da Cadeira de 'Chimica': "(...) ritrovai i Scolari com la mia tardanza timorosi di non poter finire il corso d'Istoria Naturale, tra i quali alcuni vi sono molto appassionati per tal Scienza, e già com le loro utili scoperte dimostrano il genio, ed abilità; (...) faccio ogni giorno tre Lezioni, del qual travaglio sono assai contento, vedendo il loro progresso" (*Carta de Domingos Vandelli ao Marquês de Pombal (17 de Maio de 1774)*, AHU, Reino, transcrita por Lígia Cruz, *ob. cit.*, 1976, p. 71)

<sup>169</sup> *Carta de D. Francisco de Lemos ao Marquês de Pombal (2 de Agosto de 1773)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 519, Cx. 645 "Negócios diversos". Vandelli tinha sido despachado "Lente da Cadeira de Historia Natural, e Chimica" a 11 de Setembro de 1772 e recebera o grau de Doutor a 9 de Outubro do mesmo ano (Cfr. M. Lopes de Almeida, *Documentos da reforma pombalina*, 1937, pp. 10 e 20).

<sup>170</sup> Vandelli e Dalla Bella, com a colaboração do jardineiro-botânico Júlio Mattiazzi, e com o desenho de G. Elsdén, elaboraram os projectos iniciais do Jardim Botânico (recusados pelo Marquês): "Devendo ahi chegar com muita brevidade o Tenente Coronel Guilherme Elsdén: Elle delinearà perfeitamente o Horto Botanico pelos Apontamentos dos professores que v. s.<sup>a</sup> me avisou que hiam em sua Companhia reconhecer o Terreno, que para elle se acha destinado" ("Carta de Pombal ao Reitor, 12 de Fevereiro de 1773", in M. L. de Almeida, *ob. cit.*, p. 69); "Através da

risco do Museu <sup>171</sup>, disponibilizam as primeiras colecções e acolhem outras, fazem o seu inventário, classificam as produções naturais e artificiais e exibem-nas metodicamente; envolvem os alunos mais dotados nas demonstrações e incentivam-nos à viagem *philosophica* e à recolha naturalista de produtos musealizáveis <sup>172</sup>.

Em conjunto recriam uma atmosfera, porventura irrepetível na história da Universidade, de imaginação e de exaltação criativa, em que os conhecimentos são directamente associados à produção de riqueza nacional (a "felicidade dos povos", da retórica das Luzes). Os próprios exames públicos, atraindo pela

---

documentação existente [Arquivo da Universidade de Coimbra, *Jardim Botânico*] pode verificar-se quanto foi notória a sua acção [de Vandelli] nos primeiros anos do Jardim, e, não só na cultura das plantas, como nas obras, superintendeu directamente, bem como no encanamento da água, pois todos os recibos nos aparecem firmados pelo seu punho, e, nas suas ausências na corte, por Dalla Bella (Lígia Cruz, *Domingos Vandelli - alguns aspectos da sua actividade em Coimbra*, 1976, p. 26).

<sup>171</sup> "No Arquivo do Instituto Botânico guardam-se dois projectos - um com o plano do Jardim, outro com o das estufas, respectivos alçados, etc. - que julgamos terem sido traçados sob a direcção dos mestres italianos, e que provocaram a reprovação irónica de Pombal. O actual traçado, que ocupa praticamente a área que lhe era destinada naquele plano, revela ainda, a despeito das alterações, influências dele. Infelizmente o projecto das estufas, etc, verdadeiramente sumptuosas pelas dimensões, profusão de estátuas, ornamentos, etc. não teve realização. A ter-se concretizado, teria sem dúvida constituído a mais notável das edificações pombalinas da Universidade. Oxalá que os referidos projectos venham a ser algum dia estudados, como merecem, e publicados." (Lígia Cruz, *ob. cit.*, 1976, p. 27). Cfr. BDBUC (Biblioteca do Departamento de Botânica da Fac. de Ciências e Tecnologia da Univ. de Coimbra), *Risco do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (séc. XVIII)*; *Risco das Estufas do Real Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (séc. XVIII)*. A situação actual dos dois riscos, em termos de estado de conservação, é diversa. Enquanto que o primeiro (analisado por Jorge Paiva e Joaquim Thomaz M. Pereira, *Um projecto (rejeitado) de Vandelli para o Jardim Botânico de Coimbra*, 1989) foi devidamente restaurado nos anos oitenta, o relativo às estufas encontra-se bastante deteriorado.

<sup>172</sup> Em carta-relatório de Vandelli para Pombal (datada provavelmente de 1775 já que se refere ao regresso de Mattiazzi a Lisboa) dá conta de viagens realizadas nas férias do Natal à Serra do Bussaco por dois alunos: "(...) In queste passato fere di Natale furono a viaggiare la Serra di Busaco il Sr. Furtado, e Sr. Veloso, ed osservarono estesi banchi d'una specie di porfido, e di granito, e pezzi di diaspro rosso, che supera l'orientale; cosi ancora una terra verde, ed altra color quasi di porpora, ricercate per la pittura. Il Sr. Manoel Joaquina di Paiva visito il monte di gois, ed osservò oltre all'oro colà si raccoglie ne' vii la superficie della medesima miniera, ed ancora la miniera di Bismuto, di piombo, e di ferro. Al di sopra di torres, presso al Mondego vi sono grandi lamine di Ardesse. In vicinanza di Soira un grande strato di turfa. Si è fatta già una copiosa raccolta delle differenti terre, e particolarmente bianche, che esperimenterò in questo Laboratorio Chimico provisionale, nel quale già ò principiato a travagliare (...).Io non tralascio fatica per comunicare il gusto di queste Scienze ai scolari, e mi

novidade professores e alunos de outras faculdades (mesmo das chamadas positivas: Teologia, Cânones e Leis), são momentos de excepcional oportunidade para a propaganda da utilidade dos novos conhecimentos: "(...) Na Historia Natural se tem igualmente feito bons Exames e nelles são perguntados os Examinandos pello resultado das Observações q. forão mandados fazer pello seu Mestre nos Montes visinhos desta Cidade (...) com grande satisfação de todos. Por efeito destas Observações na parte do Monte Rois, (...) se descobrio huma Mina de Sal q. serve excellentem.te p.<sup>a</sup> Purgantes; e q. fez desterrar do uso do Hospital os q. se usavao p.<sup>a</sup> o d.o fim, q. vinhão de fora, e se vendião por gr.e preço (...)"<sup>173</sup>.

Este envolvimento activo dos alunos na aprendizagem, incentivado como princípio metodológico decorrente do experimentalismo dos saberes, surge também em coerência com a concepção museológica definida nos *Estatutos* e glosada na *Relação* reitoral: pela primeira vez na história da Museologia em Portugal (em forma de letra e com força de lei) um Museu é apresentado como "tesouro público": "O (...) Gabinete devia ser considerado como o thezouro publico da Historia Natural, pondo-se sempre todo o cuidado no seu augmento, e riqueza para melhor servir á instrucção da mocidade que de todas as partes destes reynos e Senhorios concorre á Universidade"<sup>174</sup>.

É certo que a função didáctica destes estabelecimentos anexos à Faculdade determinaram uma utilização prevalentemente estudantil, mas sabemos também que adquiriram rapidamente um carácter patrimonial e turístico que os abriram à curiosidade de eruditos, gente de luzes e viajantes estrangeiros; e até, em dias festivos (bem entrado o séc. XIX), peregrinação obrigatória das populações da região envolvente.

D. Francisco de Lemos regista mesmo o efeito de atracção que a exibição da primeira colecção provoca no público, antes ainda de terminado o edificio

---

consolo, vendendone il profitto" (AHU, Reino, transcrita pela Biblioteca de Botânica da FCT da U. de Coimbra).

<sup>173</sup> *Carta de D. Francisco de Lemos ao Marquês de Pombal (10 de Junho de 1774)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 519, Cx. 645.

<sup>174</sup> D. Francisco de Lemos, *Relação geral do estado da Universidade de Coimbra (1777)*, 1895, p. 57.

("o Theatro da Natureza") preparado para a abrigar <sup>175</sup>: "O D.or Vandelli deixou arrumada no Theatro interino a Colecção dos factos da Historia Natural de que fez presente a V. Ex.<sup>a</sup> e já move a curiosidade das gentes a vista della" <sup>176</sup>.

A tradicional visita à Universidade pelos viajantes estrangeiros passa, doravante, a incluir como roteiro obrigatório os novos estabelecimentos científicos e museológicos pombalinos (Observatório Astronómico, Gabinete de Física Experimental, Laboratório de Química, Museu de História Natural e Jardim Botânico). Estes testemunhos, dispersos em inúmeros livros de viagem ao longo dos séculos XVIII e XIX, além de constituírem uma preciosa fonte documental (em grande parte inédita <sup>177</sup>) são, em si mesmos, prova evidente do alargamento dos interesses culturais do viajante europeu. O *Grand Tour* ilustrado, habitualmente reservado aos bens histórico-artísticos, passa a contemplar igualmente os espaços científicos <sup>178</sup>.

<sup>175</sup> O arquitecto inglês Guilherme Elsdén, responsável pela construção do Museu e do J. Botânico, enviava relatórios periódicos e pormenorizados a Pombal: "Fis os riscos das respectivas partes da Cantaria do Edificio da Historia Natural dos tres reynos, e Theatro da Phylosophy Experimental em grande, conforme o Desenho assignado pello Ill.o e Ex. mo Senhor Marquis de Pombal no dia 15 do presente Mez (...). Vai adiante com força na Obra dos Theatro da Historia Natural, e Phylosophy Experimental (...) a Frente do Edificio da Historia Natural, e Phylosophy Experimental está vencida até as Janellas, e Portas, e divizoens interiores do Andar de Baixo, e vai adiante com todo o Cuidado." (*Continuação do Jornal das Obras Publicas da Universidade de Coimbra: desde o dia 25 de Julho do presente anno de 1773 (27 de Setembro de 1773)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 519, Cx. 645 "Universidade de Coimbra"). "Este magestoso edificio está situado no largo do seu nome, proximo da Sé Nova. Principiou a sua construcção em 13 de Maio de 1773, e em 19 de Outubro de 1775 estava a obra concluída. Para esta grandiosa construcção foi demolida grande parte do antigo colégio dos jesuítas, de cujas ruínas surgiu o magnífico estabelecimento, destinado ao ensino das ciências naturais, e a todos os respeitos digno da Universidade a que pertence" (J. A. Simões de Carvalho, *ob. cit.*, 1872, p. 207).

<sup>176</sup> *Carta de D. Francisco de Lemos ao Marquês de Pombal (10 de Junho de 1774)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 519, Cx. 645. Para local do "Theatro interino" foi escolhido o Colégio das Artes.

<sup>177</sup> Razão que explica a inclusão no vol. II, Apêndice Documental - V, dos testemunhos insertos em publicações posteriores à primeira fase da Museologia portuguesa.

<sup>178</sup> "Les voyageurs du 'Grand Tour' disposaient de guides de voyage qui leurs apprenaient ce qu'il convenait de voir dans les pays à visiter. (...) certains guides insistent particulièrement sur l'authenticité des renseignements qu'ils fournissent (...). Ce souci de l'exactitude est accompagné d'un intérêt croissant porté à l'histoire naturelle et aux phénomènes physiques" (Lorelai Kury, *Les instructions de voyage dans les expéditions scientifiques françaises (1750-1830)*, 1998, p. 66).

A Universidade abrir-se-á a este modelo público e valorizará o seu novel património cultural e científico permitindo e incentivando a visita do estrangeiro; em muitas descrições se percebe que é o próprio corpo docente <sup>179</sup>, mas também o aluno orgulhoso da sua Universidade, que conduz o visitante aos museus servindo-lhe de guia <sup>180</sup>, na linha aliás do que o Reitor preconizara, no arranque da Reforma, com o assentimento de Pombal: "(...) [o Museu de História Natural] ficará muito curioso e digno assim do estudo da Natureza como da vista dos Estrangeiros" <sup>181</sup>.

Durante o curto período pombalino, pelo menos dois viajantes estrangeiros deixaram descrito o efeito que lhes causara o percurso dos museus universitários <sup>182</sup>. O primeiro testemunho deve-se ao clérigo andaluz Rafael Rodríguez Mohedano, viajando em Portugal a convite do irmão de congregação, D. frei Manuel do Cenáculo, e que surpreende a Universidade reformada em plena azáfama construtiva: "El edificio de la Universidad es muy

<sup>179</sup> "En Coimbra no pude decir a V. E., en particular el favor, los agasajos y cortesías que recibí y experimenté de aquellos Señores Profesores y Doctores(...) me acompañaron en gran número á que viesse al Gavinete, e Laboratorio, Observatorio, Bibliotheca, Huerto Botanico (...)" (*Carta de Francisco Perez Bayer a Frei Manuel do Cenáculo (10 de Julho de 1783)*, BPE, CXXVII/1-9, Carta 1775).

<sup>180</sup> "After a few minutes, he consigned me to the care of two young gentlemen, students of the university, who very politely showed me several of the most striking curiosities of the Museum" (James Murphy, *Travels in Portugal (...)* in the years 1789 and 1790. *Consisting of observations on the manners, customs, trade, public buildings, arts, antiquities, etc, of that Kingdom*, 1795, p. 25).

<sup>181</sup> *Carta de D. Francisco de Lemos ao Marquês de Pombal (2 de Novembro de 1772)*, ANTT, Ministério do Reino, *Colecção Geral das Ordens e Providências para a Nova Fundação da Universidade*, vol. 436 (Microfilme 1720).

<sup>182</sup> Em verdade, haveria que citar um testemunho anterior mas, pela absoluta ausência de verosimilhança, não merece credibilidade histórica. O autor, um aventureiro italiano, colocara-se inicialmente ao serviço de Pombal; tendo-se incompatibilizado com ele, saiu apressadamente do país e, anos depois, deixaria um relato reconhecidamente parcial da realidade nacional, apoucando a obra do ministro reformador. Donde, a descrição fantasiosa de um Museu da Universidade anterior a 1772: "O Museu da Universidade possuía, em 1766, uma soberba colecção de animais das diferentes partes do mundo. Não era menos rico em espécimes dos reinos vegetal e mineral, todos classificados pelo sistema de Lineu. A julgar pelas numerosas salas ocupadas por tais raridades, este Museu era um dos melhores da Europa, o que não custa a admitir, uma vez que se considere que durante muitos séculos foi tido como o sagrado depósito de todas as produções da natureza e da arte dos dois hemisférios" (José Gorani, *Portugal. A corte e o país nos anos de 1765-67*, p. 123).

bueno. (...) Me visito el nuevo Rector y Reformador (...) y los mas de los Profesores. Los de Mathematicas, Phisica Experimental, Historia Natural y Liturgia son muy buenos. Algunos de ellos extranjeros. Tienen una buena colección de machinas phisico-mathematicas y se va formando un gran Museo de Historia Natural. Se trabaja ya en el Theatro Anatomico, Observatorio e Laboratorio chimico y Dispensatorio pharmaceutico. Se prepara lugar para el Hospital y el Jardin botanico" <sup>183</sup>.

O segundo testemunho é de 1774 e é seu autor o militar inglês William Dalrymple que não deixa de sublinhar o facto de o arquitecto responsável pelas obras da Universidade ser um compatriota, o Tenente-Coronel do Corpo de Infantaria (com o exercício de engenheiro) Guilherme Elsdén, que estaria a produzir obra de superior bom gosto. Considera, todavia, excessivos os gastos com a construção de edificios públicos, num país tão pouco dado a satisfazer o conforto mais essencial: "There is a museum and observatory building here, under the inspection of Lieutenant Colonel Elsdén, an English gentleman, who is second in command in the corps of engineers: these works were going on with great spirit, and with superior taste: to this gentleman I was extremely obliged for his politeness and attention. Expensive public buildings, which should only arise from the superabundant wealth of an affluent state, seem to be much the passion in this country, when things more solid and essential to its welfare, are not thought of" <sup>184</sup>.

### **15. As colecções Vandelli**

Um século volvido sobre o início da Reforma, os professores de História Natural da Universidade podiam ainda surpreender-se com a grandiosidade física (e a adequação museológica às colecções que albergava) das

---

<sup>183</sup> *Carta a Fernando José de Velasco (13 de Julho de 1773)*. Mohedano era Provincial da Ordem Terceira de S. Francisco, na Andaluzia, e autor de obras históricas.

<sup>184</sup> *Travels through Spain and Portugal in 1774, 1777*, p. 131.

instalações pombalinas do Museu <sup>185</sup>, apreciando o efeito visual da sua disposição cénica capaz de excitar a curiosidade e admiração do visitante: "O interior do museu não desmente a magestade e magnificência do exterior. Os vastos e elegantes salões, as vistosas galerias, a riqueza de algumas de suas interessantes colecções, tudo concorre para excitar a maior curiosidade e admiração. O vestibulo espaçoso e formosa escada produzem logo agradável surpresa. Entra-se em primeiro lugar num vasto salão, adornado com os retratos de D. José, D. Maria II, e de D. Pedro III. (...); do lado esquerdo, a salas contendo as colecções da história natural" <sup>186</sup>.

E, no entanto, a instalação das primeiras colecções no "Theatro da Natureza" vivera um processo de incorporação e de disposição atribulado, encontrando-se longe de concluído no final do reinado josefino. Ainda em 1782 Vandelli dava conta ao Abade Correia da Serra (1750-1823) que: "Il museo di questa Università é quasi terminato, due sale sono gia ripiene, e mi manca soltanto la sala maggiore del regno Animale per pore in ordine" <sup>187</sup>.

A componente mais significativa do espólio inicial tivera origem na compra do *museo* que Vandelli formara em Pádua, entre 1757 e 1763, ajustado com Pombal por dez mil cruzados. A parte restante - constituída pelos produtos que o naturalista italiano tinha juntado em Lisboa, entre 1764 e 1772, e pela colecção particular do Capitão de Mar-e-Guerra, José Rollem Van-Deck - fora doada à Universidade em resultado do apelo, inserto nos *Estatutos*, para que os coleccionadores privados de *naturalia* e *artificialia* as oferecessem a troco de não especificadas mercês: "E porque muitas pessoas particulares por gosto, e curiosidade tem ajuntado muitas Collecções deste genero, que fechadas nos seus gabinetes privados não produzem utilidade alguma na Instrucção pública;

---

<sup>185</sup> "Em 1857 deu-se principio a obras importantes no Museu, alargando o estabelecimento para o edificio contíguo do Hospital da Conceição. A transferência dos doentes para o Colégio das Artes foi uma obra utilíssima, porque deu em resultado a fundação de um hospital muito mais vasto e higiênico, e o alargamento do Museu, tão imperiosamente exigido pelos progressos incessantes das ciências naturais e pela necessidade de mais ampla colocação de produtos, que já mal cabiam nas antigas salas do edificio" (J. A. Simões de Carvalho, *ob. cit.*, 1872, p. 207-208).

<sup>186</sup> *Idem, ibidem*, p. 207.

<sup>187</sup> Cristóvão Aires, *Para a história da Academia das Ciências de Lisboa*, 1927, p. 200 (Carta de 28 de Janeiro de 1782).



e ficam pela maior parte na mão de herdeiros destituídos do mesmo gosto; os quaes não sómente as não sabem conservar, mas também as dissipam, e destroem; poderão os ditos primeiros possuidores deixar as referidas Collecções ao Gabinete da Universidade, que deve ser o Thesouro público da Historia Natural, para Instrucção da Mocidade, que de todas as partes dos meus Reinos, e Senhorios a ella concorrem. E aos que assim o fizerem lho Haveréi por serviço para lhes fazer mercê" <sup>188</sup>.

Á medida que as colecções fundadoras iam chegando a Coimbra, Vandelli, responsável pelos equipamentos anexos à Faculdade, distribuía-as quer pelo Colégio das Artes (onde iniciou "interinamente" as aulas de "Istoria Naturale"), ou pelo "Laboratorio Chimico" <sup>189</sup> e finalmente, concluído o edifício do antigo Colégio dos Jesuítas em 1775, pelo Museu <sup>190</sup>.

Logo no mês seguinte à queda de Pombal, não tendo ainda recebido a retribuição acordada pela transacção das suas colecções, apressa-se a narrar à nova soberana os pormenores que envolveram a sua aquisição pela Coroa

<sup>188</sup> *Estatutos da Universidade de Coimbra*, Livro III, Tít. VI, Cap. I, p. 389. Esta determinação estatutária, independentemente da sua correcta formulação museológica medida pelos bons resultados práticos, parece ter sido elaborada *ad hominem*, já que se ajusta na perfeição ao próprio Vandelli, proprietário de duas colecções, sendo que ele próprio terá participado na elaboração dos *Estatutos* relativos à sua Faculdade, justamente a parte onde se encontra o texto citado: "Presumimos que os italianos João António Dala-Bella e Domingos Vandelli (...) devem ter tido uma acção preponderante na elaboração da parte dos Estatutos respeitantes ao Curso Filosófico (Abílio Fernandes, *História do ensino da Botânica em Portugal*, 1980, p. 207). Além do pagamento que recebeu pela colecção paduana, Vandelli obteve ainda como "mercê real" pela doação da colecção lisboeta o benefício por trinta anos do 'Alveo do Rio Velho', antigo leito do Mondego (Cfr. Lúcia Cruz, *Domingos Vandelli...*, 1976, pp. 10-11).

<sup>189</sup> Em carta não datada, dirigida a Pombal, Vandelli descreve assim o destino inicial das suas duas colecções: "(...) lo fece tramettere a Coimbra, dove ora occupa nel Collegio delle Arti due sale, e com esso in questo anno va facendo il corso d' Istoria Naturale. (...) Intorno al Museo venuto di Padova per ordine di V. E., e che esteso ora ritrovasi in questo Laboratorio Chimico" (*Carta de Domingos Vandelli ao Marquês de Pombal pedindo mercê pela doacção de uma colecção ao Museu da Universidade (s/d)*, AHU, Reino, Maço 2663).

<sup>190</sup> Os *Estatutos* determinavam que: "Para recolher os Productos Naturaes, que por qualquer via adquirir a Universidade, haverá huma Sala com a capacidade, que requer hum Museu, ou Gabinete digno da mesma Universidade. E estará dividida em tres Repartimentos, cada hum delles destinado aos Productos de hum dos Reinos da Natureza; procurando-se quanto for possivel, que os mesmos Productos se ordenem methodicamente pelas suas Classes, generos, e especies" (*Estatutos da Universidade de Coimbra do anno de 1772, 1773*, Livro III, Título VI, Capítulo I, pp. 389-390).

<sup>191</sup> e, em documento dirigido às autoridades universitárias, a dar conta das operações de incorporação entretanto desenvolvidas: "De todo isto tenho hum Catalogo sistematico com os nomes proprios de cada especie; porem este não está completo. Pa. fazer esta colleção gastei oito años. Estes dois Museòs, como tambem outro, que foi do Cap. Vandeck, se achaõ no Collegio das Artes, parte delles em caixas, e parte dispostos em outra caza do mesmo Collégio, e parte no novo Museò, e isto todo debaixo da minha inspeção como Lente de Hist.<sup>a</sup> Natural" <sup>192</sup>.

16. A colecção mais importante, do ponto de vista da quantidade e variedade dos espécimens, é indiscutivelmente a que foi transportada de Pádua e que constituíra o seu Gabinete particular. Durante sete anos, o jovem Vandelli empreendera viagens filosóficas às regiões centro e norte da Itália (Veneto, Lombardia, Emilia, Romagne, Toscana) e aos Mares Tirreno e Adriático, recolhendo produtos da natureza e sedimentando os conhecimentos científicos adquiridos no curso de Medicina da Universidade de Pádua. Os vinte e oito armários que foi paulatinamente ordenando (desde que em 1757 viajara pela República Veneziana) continham igualmente material museológico recolhido por correspondentes europeus (Grécia, França e Alemanha) e até mesmo pela expedição de Vitalino Donati, enviada pelo rei da Sardenha ao Oriente Médio <sup>193</sup>: "Hoc Museum originem habuit ab itineribus vario tempore a

---

<sup>191</sup> Cfr. *Requerimento para que lhe sejam pagas as colecções de História Natural que enviou para a Universidade [1777]*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628 (1778-1781).

<sup>192</sup> *Breve Relação do Museo d' Historia Natural, que o Dr. Domingos Vandelli tinha na Ajuda no Real Jardim Botanico, e de que no anno 1772 fiz presente a esta Universidade, e do qual se tem servido athe agora para as Lições de Historia Natural (15 de Março de 1777)*, AUC, Processo do Professor Domingos Vandelli, n.º 372. Existe cópia no ANTT, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628 (1778-1781).

<sup>193</sup> Cfr. Domingos Vandelli, *Memoria sobre a utilidade dos jardins botanicos (1770)*, 1788. Alexandre Rodrigues Ferreira (*Inventário Geral e Particular de todos os Productos Naturaés, e Artificiaés, Instrumentos, Livros, Utensiz e Moveis pertencentes ao Real Gabinete de História Natural, Jardim Botânico, e suas Cazas annexas (...)* Tudo como nelle se declara (8 de Novembro de 1794), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Secção de Manuscritos, I-21, 10), inclui na lista de livros do Gabinete da Bibliotheca a obra de Donati, *Della Storia Naturale Marina dell Adriatico*.

Vandellio peractis per Hetruscos, Bononienses, Mutinenses, Mediolanenses, Patavinos montes, per mare Thyrrenum, & Adriaticum. Agri Mutinensis, ac Mediolanensis Naturalem Historiam ipse Vandelius scripsit, quae novas plantas, novaque insecta continet, praeter varias admodum divites mineras. Multa adjunxit Cel. Targionii Hetruscis itineribus, novaque animalia, ignotasque plantas in Adriatico mari invenit, quae inservire possent ad Cel Donati historiam hujus maris augendam" <sup>194</sup>.

Com base em inestimável documento, do punho de Vandelli, arquivado na Academia das Ciências de Lisboa <sup>195</sup>, é possível conhecer com rigor e minúcia o conteúdo desta coleção ("valiosíssimo repositório de curiosidades" <sup>196</sup>) maioritariamente composto de espécies mineralógicas, mas contendo também exemplares zoológicos, um herbário e, evidenciando o interesse juvenil vandelliano pelo vestígio histórico, arqueológico e etnográfico, algumas antiguidades artísticas e numismáticas, e artefactos asiáticos e africanos.

Foi seguramente a partir deste manuscrito original - que o paduano trouxera consigo para Lisboa, em 1764, juntamente com outros relatórios de visitas a instituições museológicas <sup>197</sup> - que terá composto o Catálogo publicado em 1768 com o título latino de *Conspectus Musei Dominici Vandelli* <sup>198</sup>.

<sup>194</sup> Domingos Vandelli, *Conspectus Musei Dominici Vandelli, Pádua, 1763 (Breve catalogo do Muséo, que veyo de Italia, e foi remettido a esta Universidade)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628 (1778-1781).

<sup>195</sup> *Saggio del Museo di Domenico Vandelli. Padova (1763)*, BACL, Ms. 1205/5, Série Azul. Transcrevemos integralmente este texto no Apêndice Documental, vol. II.

<sup>196</sup> Rómulo de Carvalho, *A História Natural ...*, 1987, p. 49.

<sup>197</sup> Estes importantíssimos relatórios têm permanecido inéditos e, tanto quanto pudemos averiguar, nunca foram citados: *Breve descrizione dell' Istituto delle Scienze di Bologna (1758)*; *Descrizione della Galleria di Firenze (1759)*; *Museo dell' Università di Pisa (s/d)*; *Descriptio Musei Patavini Universitatis (s/d)*, BACL, Ms. 1205/1-4, Série Azul.

<sup>198</sup> Foi divulgado como anexo do estudo botânico intitulado *Dissertatio de arbore Draconis seu Dracaena*, que continha ainda o texto *Disertatio de studio historiae naturalis necessario in medicina. Oeconomia, agricultura, artibus et commercio*. Também circulou como folheto de que existe exemplar no ANTT, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628 (1778-1781). Trazia anexo o *Catalogus Operum*, lista das obras escritas por D. Vandelli entre 1756 e 1763.

Porque se trata, afinal, de segmento basilar do nosso primeiro museu universitário (e porque a sua selecção e nomenclatura espelha em última análise o estágio dos conhecimentos naturalistas de uma época e as grandes opções vandellianas no universo coleccionista) vale a pena resumir o elenco dos objectos exibidos em cada um dos armários transportados daquela cidade Veneta para Coimbra: I - Terras (argilosas, sulfurosas, arenosas, betuminosas, etc.); II - Calcários; III - Mármore; IV - Gessos, espatos, selenites, etc.; V - Xistos; VI - Calcedónias, jaspes, ágatas, etc; VII - Lápis-lazúli, rubis, safiras, topázios, esmeraldas, ametistas, etc.; VIII - Quartzos; IX - Amianto, asbesto, dendrites, etc.; X - "Pietre mescolati"; XI - Alúmen, nitro, borax, etc.; XII - Nafta, petróleo, âmbar, etc.; XIII - Minérios de mercúrio, cobalto, antimónio, bismuto, zinco, etc.; XIV - Minérios de ferro, cobre, chumbo, prata, estanho; XV - Matérias vulcânicas; XVI - Plantas fósseis; XVII - Animais marinhos; XVIII a XXIV - Conchas, corais, etc.; XXV - Insectos; XXVI - Herbário; XXVII - Resinas, bálsamos, gomas, etc.; XXVIII - Antiguidades; 3000 moedas e medalhas gregas e romanas; "manifatture particolari dell' Ásia, China e África". A categoria das antiguidades contemplava urnas, vasos lacrimais, lucernas, ídolos e votos; especial referência, pelo seu intrínseco valor histórico-artístico, para um relógio de mesa "com pittura di Raffael d' Urbino, adornato di diaspri, agate, corniole, ed onici"<sup>199</sup>.

As circunstâncias que acompanharam a aquisição desta colecção pela Coroa são bem conhecidas, porque são abundantes as memórias, requerimentos e súplicas com que o seu proprietário durante uma década, cumprindo desesperantes rituais burocráticos, inundou os canais de decisão política e administrativa, até alcançar a derradeira ordem de pagamento: "Pague-se ao Dr. Domingos Vandelli o resto do preço de dez mil cruzados em que se avaliou o Muzeo que vendeo á Un. de Coimbra. Em Junta de 29 de Novembro de 1782"<sup>200</sup>.

Fora, de resto, o próprio Reformador-Reitor que fazendo fé na excelência prometida pelo *Conspectus vandelliano* convencera expeditamente Pombal a

---

<sup>199</sup> *Saggio del Museo di Domenico Vandelli. Padova (1763)*, BACL, Ms. 1205/5, Série Azul.

<sup>200</sup> AUC, Processo do Professor Domingos Vandelli, n.º 372.

fundar o Museu universitário com esta colecção <sup>201</sup>. O valor foi ajustado, com intervenção decisiva do Doutor Girolamo Vandelli ("a persuasione di suo Padre" <sup>202</sup>) e do Secretário de Estado José Seabra da Silva, em Agosto de 1773; com base em contabilidade devidamente ponderada, viagem por viagem, num esclarecedor roteiro da geografia política dos interesse vandellianos: "O d.º preço foi estabelecido sobre o catalogo impresso do mesmo Museo; e não deve parecer exorbitante o ajuste, tendo em consideração as despesas q. eu fiz p.ª formallo, em viagens as quaes forão mais de 3230 Zechinos Venezianos (...) viagem de 1760 nos Estados do Ex.mo Sr. Duque de Modena (...) no Estado de Milão no ano de 1761-62 (...) viagem de 1759 na Toscana (...) viagem do 1758 no Bologne (...) Viagem de 1757 no Estado Veneto (...)" <sup>203</sup>.

Não sabemos datar, com precisão, a chegada a Portugal do "museo padovano". A correspondência diplomática com a República Veneziana, território que incluía a cidade de Pádua, informava que em Junho de 1773

<sup>201</sup> "O Lente Vandelli deixou-me hum Catalogo do q. contem o seu Museu q. tem na Italia; e não tem duvida de o mandar vir para fundar o desta Universida.e . Se for do agrado de V. Ex.ª que assim se execute, dentro de poucos mezes poderá haver aqui hum gd.e Theatro da Natureza; ao qual ajuntandose m.tas Couzas, que o mesmo Vandelli tem em Lx.ª e mais q. principiara logo a vir; sem duvida ficara m.to curiozo, e digno asssim do estudo da Natureza, como da vista dos Estrangeiros" (*Carta de D. Francisco de Lemos ao Marquês de Pombal, 2 de Novembro de 1772*, ANTT, Ministério do Reino, *Colecção Geral das Ordens e Providências para a Nova Fundação da Universidade*, vol. 436, Microfilme 1720).

<sup>202</sup> *Carta de Domingos Vandelli ao Marquês de Pombal pedindo mercê pela doacção de uma colecção ao Museu da Universidade (s/d)*, AHU, Reino, Maço 2663. O Dr. Girolamo Vandelli, cirurgião e professor de Medicina na Universidade de Pádua, de 1730 a 1767, era originário da cidade de Modena. Morreu, provavelmente, em 1777. (Vid. Guido Battelli, *Domenico Vandelli...*, 1929, p. 6). A *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*, vol. XXXIV, 1937, p. 969, refere-se a um Domenico Vandelli (1691-1754), natural de Modena, matemático, naturalista e cartógrafo "Di famiglia di studiosi, si applicò specialmente alle matematiche, alla geografia, alle scienze naturali, ma coltivò anche le lettere e l'archeologia. Nel 1725 intraprese un lungo viaggio nei principali centri culturali d' Europa". Trata-se do tio do nosso Vandelli, o que perfila a existência de uma verdadeira dinastia de naturalistas cujo último representante será Alexandre António Vandelli, nascido em Lisboa em 1784, sócio e guarda-mor da Academia Real das Ciências (Cfr. *supra*, Cap. I), retirado para o Brasil em 1834, aí morrendo por volta de 1858.

<sup>203</sup> *Memoria sobre o Museo de (...), que foi mandado vir d'Italia p.ª a Universidade de Coimbra [1777]*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628 (1778-1781). Rómulo de Carvalho garante que: "Foi bem pago. Dez mil cruzados equivalem a quatro contos de réis, quantia avultada no século XVIII" (*A História Natural ...*, p. 53).

ainda se aguardava o "passaporte de livre importação e exportação": Mr. Piaggio Consul à Genes m'ayant escrit a fin que je m'interpose pour obtenir un Passeport d'importation, et d'exportation libre pour le Musée de mr. le Professeur Vandelli, qui doit être acheminé pour Lisbonne, je me suis présenté au Gouvernement à cet effet, et le lendemain on m'accorda avec toute la générosité ce que j'avois demandé, en vue particulièrement de donner toujours des marques de considération à votre auguste Monarque" <sup>204</sup>. Mas, por outro lado, podemos assegurar que o Ministro-Visitador o inspeccionou e aprovou, fazendo-o conduzir a Coimbra <sup>205</sup>, onde terá chegado em data não posterior a Janeiro de 1775.

Por esses dias, em carta dirigida ao Bispo de Beja, Vandelli lamentava não ter tido oportunidade de elaborar o prometido Índice das moedas da sua coleção paduana durante as férias de Natal, ocupado como estivera pelos múltiplos afazeres académicos que incluíam o "pôr em ordem" os dois "museus" ultimamente chegados (o outro seria o de Van-Deck): "(....) Ne'momenti, che avrò liberi anderò facendo l'indici delle monete Romane e Greche, che sono inttuto tremila e lo trasmetterò á V. E.; per far cambio com le duplicate; onde poter accrescere questo Monetario dell' Università. (...) In queste ferie hò procurato di avanzare l'indice; quantunque per me non sieno affatto ferie, dovendo attendere al nuovo stabilimento del provvisionale Laboratorio Chimico, al Giardino Botanico, et a por in ordine i due musei ultimamente venuti (....) come ancora il Museo, che per mezzo di V. E. feci presente" <sup>206</sup>.

---

<sup>204</sup> *Carta do Consul em Veneza, Francisco de Cattaneo, para D. Luís da Cunha (12 de Junho de 1773)*, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Caixa 326.

<sup>205</sup> "(....) logo que chegou, e foi visto pello Marquez de Pombal o fez igualmente conduzir para a dita Universidade" (Domingos Vandelli, *Requerimento para que lhe sejam pagas as colecções de História Natural que enviou para a Universidade [1777]*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628, 1778-1781).

<sup>206</sup> *Carta de Domingos Vandelli a frei Manuel do Cenáculo (22 de Janeiro de 1775)*, BPE (Biblioteca Pública de Évora), CXXVII/1-7, Carta 1413. A carta termina com uma referência em extremo elogiosa a Pombal, comparado ao mecenas que acarinhara, na Suécia, Carl Linneo. Não saberemos distinguir, nas suas palavras, a sinceridade da lisonja: "grande Ministro Ristauratore delle Scienze e Protettore di chi le coltiva; onde io potrò dire di lui, quello che il mio amico Linnèo scrivi del suo Mecenate Conte Iepin".

A referência às antiguidades e às moedas e medalhas contidas nesta colecção (e que servem de mote às trocas epistolares com Cenáculo, desejoso de obter duplicados para o seu acervo pessoal <sup>207</sup>) remete-nos outrossim para a evolução do gosto coleccionista na segunda metade de setecentos <sup>208</sup>. Se, por um lado, o coleccionismo naturalista se afirma e prevalece como tendência dominante (de acordo com o paradigma racionalista e experimental das Luzes), permanecerá, todavia, o gosto erudito pela medalha e pelo vestígio material das civilizações clássicas, traço duradouro de uma *anticomania* que, desde o final do Renascimento ao Séc. XIX, constituirá uma das características endémicas do coleccionismo europeu <sup>209</sup>.

Em vão buscaríamos documento mais esclarecedor das linhas com que se tecia este eclectismo cultural (exibindo, em paradoxal convívio, objectos de tão diversas tipologia e natureza disciplinar) do que as excelentes *descrizioni* museológicas do jovem Vandelli em peregrinação *philosophica* por alguns dos centros urbanos italianos de maior tradição e projecção intelectuais <sup>210</sup>.

<sup>207</sup> "(...) O Dr. Vandelli me ordena dar parte a V. Ex.<sup>a</sup> que pelo Jardineiro Giulio [Mattiazzi], que vem de Coimbra remette a V. Ex.<sup>a</sup> tres Medalhas Hebraicas, e dous Talismans com as explicações do P.e D. Paolo" (*Carta de Nicolao Pagliarini a frei Manuel do Cenáculo (7 de Janeiro de 1775)*, BPE, CXXVIII/1-13, Carta 4215); "(...) agradeço a V. S.<sup>a</sup> muito affeituosamente o regalo das Medalhas, e Talismanes, que recebi com a devida estimação, e me confirmam no conceito, que eu sempre formei da probidade filosofica, e honrada de V. S.<sup>a</sup>. Espero o catalogo para conferir, e cambiarmos" (*Carta de frei Manuel do Cenáculo a Domingos Vandelli (22 de Março de 1775)*, AHMB, CN/B-94).

<sup>208</sup> Cfr. Elisabetta Chino, *Musei Numismatici*, 1996.

<sup>209</sup> "Pendant des siècles l'anticomanie fut endémique en Europe. Sous ses formes les plus virulentes elle a frappé bien des individus et bien des sociétés à des époques variées; les périodes de rémission furent rares et breves" (Francis Haskell, "Introduction", in *L'anticomanie. La collection d'antiquités aux XVIIIe et XIXe siècles*, p. 11). Veja-se igualmente o artigo de Kriysztof Pomian, *Les deux pôles de la curiosité antiquaire*, 1992. "Un des traits communs aux voyageurs du XVIIIe siècle, c'est qu'ils ne sont jamais étroitement spécialisés: ainsi Tournefort est-il un 'antiquaire', 'amateur de statues, de médailles, d'inscriptions, autant qu'un botaniste; Anquetil-Duperron s'intéresse à la fois au problème des sources du Gange et à la chronologie des souverains de l'Inde ancienne. Ces mélanges, qui peuvent aujourd'hui étonner et donnent à mainte relation de voyage l'aspect d'un incroyable 'fourre-tout', sont alors parfaitement admis et témoignent chez les auteurs, comme chez leurs lecteurs, d'un humanisme ouvert ou d'un aimable éclectisme" (Numa Broca, *Voyages et géographie au XVIIIe siècle*, 1969, p. 138).

<sup>210</sup> Se atentarmos nas datas das viagens filosóficas de D. Vandelli, facilmente se conclui que estas visitas a museus se enquadram no mesmo programa científico:

Os espaços museais visitados e descritos pelo naturalista são sobretudo dos que, pela sua vocação académica ou didáctica, albergavam predominantemente colecções científicas: o Instituto das Ciências de Bolonha, e os museus universitários de História Natural de Pisa e de Pádua. Mesmo aqui, apesar do peso hegemónico dos produtos da natureza, é possível encontrar objectos tão díspares quanto múmias egípcias, roupas e utensílios de Índios, ou pinturas renascentistas e estátuas de estética clássica<sup>211</sup>.

No entanto, é na visita a um dos lugares mais míticos do coleccionismo artístico europeu, os Uffizi de Florença, que se revela em toda a sua dimensão um modelo cultural que aglutina saberes e exhibe colecções destinados (há muito) à especialização e à separação, num espaço físico e simbólico ainda unificador<sup>212</sup>.

Ser-nos-á possível ignorar, agora, que o nosso paduano, então com vinte e quatro anos, ao mergulhar neste universo museal dele terá retirado as representações mentais com que haveria de orientar o seu coleccionismo particular? - "Fui a vedere nel mese di maggio del 1759 la Galleria del Gran Duca, che é sopra alle Loggie degli uffici (....) La camera ottava è ripiena d'Idoli, Lucerne e d'altre reliquie della antichità. (....) La camera undecima contiene un Ippopotamo ripieno, due corni di Rinoceronte, due grandi denti o arme d'elefante, due rami d'ebano (....). La camera duodecima delle medaglia, e cammei, è la più grande di tutte all intorno della quale stanno piccoli armadi

---

1758: Bolonha; 1759: Toscânia (Florença). O relatório sobre o museu de Pisa, apesar de não datado, é provável que se refira a visita efectuada também em 1759, já que se situa muito próximo de Florença.

<sup>211</sup> Cfr. *Breve descrizione dell' Istituto delle Scienze di Bologna (1758)*; *Museo dell' Università di Pisa (s/d)*; *Descriptio Musei Patavini Universitatis (s/d)*, BAEL, Ms. 1205/1, 3, 4, Série Azul. A origem das colecções naturalistas da Universidade de Pádua é explicada por Desallier d'Argenville do seguinte modo: "La ville de Padoue offre aux curieux le cabinet de M. Vallisneri, Docteur en Médecine, & fils du Professeur de ce nom, dont nous avons plusieurs bons ouvrages. Ce savant Médecin en a fait présent à l'Université de Padoue, en considération de quoi le Sénat de Venise lui a donné la chaire de Lecteur d'histoire naturelle dans la même Université" (*ob. cit.*, t.I, p. 390).

<sup>212</sup> "Em 1743, ao morrer, Ana Maria Luísa de Médicis, princesa palatina e última representante dessa ilustre família florentina, com séculos de mecenato, legou as colecções mediceias à cidade de Florença, "como ornamento do estado, para utilidade do público e para trair a curiosidade dos estrangeiros", no que veio a constituir um passo decisivo para a abertura da Galleria degli Uffizi, como museu público" (Luciano Berti, *Gli Uffizi*, 1975, cit. in José Alberto Machado, *ob. cit.*, 1985, p. 59).



ripieni di medaglie di tutte le sorte. (...) La decima terza camera é il museo del Rumfio com una copiosissima raccolta di tutte le conchiglie" <sup>213</sup>.

Neste contexto de formação intelectual, o simples enunciado dos objectos da colecção vandelliana mostra como satisfazem bem um gosto compósito; gosto que ele próprio equacionará mais tarde com palavras que alguns interpretam, hoje, como de autocrítica: "No passado Seculo, e no principio do presente havião muitos Museos de Medalhas, dos quaes agora há poucos, e se preferem os da Historia Natural" <sup>214</sup>.

O destino desta componente numismática (e de antiguidades) da colecção italiana na Universidade de Coimbra ser-nos-ia reconstituído, já no princípio do séc. XX, por Mendes dos Remédios que, todavia, ignorava a origem vandelliana de tão precioso repositório da história clássica <sup>215</sup>: "A

<sup>213</sup> *Descrizione della Galleria di Firenze (1759)*, BACL, Ms. 1205/2, Série Azul. A descrição vandelliana responde, de algum modo, ao reparo de Desallier d'Argenville que faz notar a ausência de conhecimento detalhado do gabinete de história natural do Grão Duque da Toscana, em vivo contraste com os dez volumes de inventário das colecções artísticas dos Uffizi: "Celui de Son Altesse Royale le Grand Duc de Toscane, à Florence, est dans le même palais, où les curieux vont admirer cette galerie célèbre par les chefs-d'oeuvre de l'art que les Médicis y ont rassemblés. La description de cette galerie a été donnée au public en dix volumes *in-folio* superbement exécutés [*Musaeum Florentinum, exhibens insigniora vetustatis monumenta quae Florentiae sunt in thesauro Mediceo, cum observationibus (...)*]. Florentiae, 1731, dix volumes); mais nous n'avons aucun détail sur le cabinet d'histoire naturelle, où l'ont voit, dit-on, un grand nombre de pièces rares en tout genre" (*ob. cit.* t. I, pp. 395-396).

<sup>214</sup> *Memorias sobre a utilidade dos Jardins Botanicos, e Muzeos d'Historia Natural (s/d)*, Ms. 143/2, Série Vermelha. Marco Meriggi, *Domenico Vandelli. Vita ed opere*, 1989, p. 13 e ss. defende que, ao considerar os museus de medalhas fora do seu tempo (e à margem da moda), Vandelli estaria a questionar o gosto coleccionista do seu próprio gabinete de Pádua. Contudo (acrescentamos nós) não terá deixado de cultivar a curiosidade antiquária como o demonstra uma carta dirigida, em 7 de Fevereiro de 1780, ao Abade Correia da Serra, sócio fundador da recém criada Academia Real das Ciências: "Ao Ex.mo Snr. Visconde remetto copia de todas as Inscricções q.e se achão nesta Sé Velha. Se quer algumas Romanas sepulcraes q.e tenho no Museo, q.e furtei aos Pedreiros, as posso mandar". (in Cristóvão Aires, *Para a história da Academia das Ciências de Lisboa*, 1927, p. 128).

<sup>215</sup> É, no mínimo curiosa (mas a nosso ver, muito discutível) a polémica interpretação dada por Félix de Avelar Brotero, numa época em que já substituíra Vandelli na direcção dos estabelecimentos da Ajuda, para as motivações *científicas* do coleccionismo de medalhas do italiano: "Há no Museu hua pequena collecção de Medalhas, quasi todas de cobre, que o meu antecessor Domingos Vandelli nelle tinha admittido, seguindo a opinião de alguns antigos Naturalistas de que erão Fosseis, que pertencião á classificação Mineral, e por conseguinte devia ter logar nos Museus de Historia Natural; mas esta opinião he mal fundada, porque os verdadeiros fosseis mineraes são produzidos inteiramente pela natureza sem dependencia alguma da arte,

pequena colecção de numismática pertencente à Biblioteca da U.C (...) começou a organizar-se no dia em que deu entrada na Biblioteca - 8 de Agosto de 1789. Esta colecção foi iniciada com o número relativamente avultado de 2.313 moedas que existiam, sem que se possa determinar a sua proveniência, no Museu de História Natural. Uma portaria do vice-reitor da Universidade mandou passar essas moedas para a Bibliotheca "como lugar que era mais proprio para as collecções desta ordem". O professor da Faculdade de Filosofia Domingos Vandelli, e Luís José Foucault, deputado e secretário da Junta da Fazenda, procederam com o oficial subalterno da Biblioteca, Bernardo Alexandre Leal, a um inventário ordenado e metódico de todas as espécies monetárias. Na Biblioteca entravam, conforme esse inventário, 1.182 moedas de cobre, 428 de prata e 3 de ouro, sendo destas - uma do Imperador Honório e as duas outras portuguesas, sem outra especificação, 2313 moedas, pois, que eram uma excelente contribuição inicial de monetário, embora daquele número se houvessem de descontar muitíssimas moedas impróprias de colecção por quasi inteiramente deterioradas. Desgraçadamente ninguém se preocupou com o monetário, que poderia vir de futuro a organizar-se e constituir-se de modo a servir como subsídio das ciências históricas na importância que todos os eruditos lhe atribuem" <sup>216</sup>.

---

o que não compete ás Medalhas, e por isso estas hoje com toda a razão forão julgadas so deverem pertencerem ás Bibliothecas competentes; taes são as que se conservão na Bibliotheca Publica de Lisboa, e a que se guardam no Museu devem ser remettidas à Bibliotheca de Bellas Artes do Paço da Ajuda, assim como forão para a Bibliotheca da Universidade as que se achavão no seu Museu de Historia Natural. (...) "(Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro (16 de Novembro de 1822), Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, 1821-1833).

<sup>216</sup> *Moedas romanas da Bibliotheca da Universidade de Coimbra*, 1905, pp. 45-46. O autor também se refere a antiguidades, muitas das quais percebemos que tiveram também a sua origem na colecção vandelliana. Escreve Mendes dos Remédios citando o Inventário oitocentista que : "Nesta mesma ocasião entraram na biblioteca as seguintes antiguidades: 'Dois Idolos Igipcios com seus hieroglyphicos, que se acharam em huma das Piramides do Egipto; hum Srabeo ou Scraelho, que tambem se achou em uma das Piramides do Egipto; seis lucernas sepulcraes; hum vaso lacrimal; dois Idolos de metal romanos; hum pedaço de dente de cavallo marinho antigo; a asa de um Tripo; uma pequena imagem de N. Senhora, que se achou no Castello de Coimbra; um profumador com feitio de elefante de bronze dourado com varias pedras, que veio do Japam e se achou no Colegio da Companhia de Coimbra; treze pequenas Estatuas e algumas de camafeo aniguas e modernas; frecha e faca de pederneira, que se acharam nas vizinhanças de Coimbra; quatro urnas sepulchraes, e uma d'ellas quebrada; duas inscripções antiguas portuguesas, que se acharam no Castelo de

17. As informações de que dispomos sobre a segunda colecção do professor italiano - armazenada no Real Museu da Ajuda e que acabaria por doar à Universidade ao abrigo dos *Estatutos* - também são relativamente precisas. Desde logo, a paternidade de Cenáculo (membro influentíssimo da Junta de Previdência Literária) quanto à ideia de doação, atribuição que surge, aqui e ali, em documentos assinados pelo próprio Vandelli; e o facto de Pombal, pessoalmente empenhado no cumprimento dos grandes desígnios da Reforma, ter inspeccionado a colecção antes de ser destinada ao futuro Museu de História Natural da Universidade: "Col mezzo dell' Ecc.mo e Reverd.mo Sig.r Vescovo di Beja esibì a V. E. [o Marquês] il detto Museo, e V. E. lo accettò a nome di Sua M. F.ma e lo fece trasmettere a Coimbra"<sup>217</sup>.

O projecto museológico que originaria a recolha e conservação destas produções naturais (e dos artefactos etnográficos brasileiros) deverá ser atribuído à disponibilidade intelectual de um jovem apaixonado pelos "studi naturalistici" - sem funções profissionais específicas durante quase quatro anos (1764-1768) - naturalmente motivado em prolongar aqui a conceptualização e a metodologia das *viagens filosoficas* italianas, através do reconhecimento da flora, da fauna e dos minérios de Portugal (e do seu vasto Império), tarefas científicas que se poderiam considerar, entre nós, praticamente pioneiras.

Por outro lado - e este era assumidamente um objectivo central - essas actividades permitir-lhe-iam enriquecer o seu museu particular, acrescentando ao que deixara em Itália, um novo "(...) Museo d' Istoria Naturale (...) raccolto

---

Coimbra; tres inscripções sepulchraes romanas que tambem se acharam no Castelo de Coimbra; huma tigella e huma pequena panella, e hum porco montez, tudo de barro do tempo dos Etruscos'. Quando saíram da Bibliotheca os objectos apontados? Não o pude averiguar, nem sei se existirá menção do facto" (*Idem, ibidem, nota da p. 45*).

<sup>217</sup> *Carta de Domingos Vandelli ao Marquês de Pombal pedindo mercê pela doacção de uma colecção ao Museu da Universidade (s/d)*, AHU, Reino, Maço 2663. Em documento posterior assegura igualmente que: "promettendose nos novos Estatutos da d.<sup>a</sup> Universidade (...) Huma Mercê a qualquer Pessoa, q. quizesse dar hum Muzeu de Historia Natural a mesma Universid.<sup>a</sup>, foi persuadido o sup.e pello Bispo de Béja, p.<sup>a</sup> oferecer aquelle, q. conservava no Real Jardim Botanico de V. Mag.de, o q. com effeito immediatamente fez, e foi conduzido por ordem do Marquez de Pombal a despeza da Real Fazenda" (*Requerimento para que lhe sejam pagas as colecções de História Natural que enviou para a Universidade [1777]*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628 (1778-1781).

per corso di otto anni, com molte spese, e fatiche, con l'idea di perfezionare quello di Padova" <sup>218</sup>.

O estudo, e sua ordenação em colecção, dos espécimens recolhidos (descrição física, análise de propriedades e classificação taxonómica) e a divulgação (impressa ou manuscrita) de resultados apresentaria também a motivação acrescida de contribuir para a conquista de um mérito ainda não completamente adquirido junto da Corte de Lisboa e de o aumentar perante a comunidade científica europeia. Daí, os títulos dos textos que elaborou nestes anos (1764-1772) formularem, em si mesmos, um programa de pesquisa sobre a *physis lusitana*: 1. *Dissertatio de arbore Draconis seu Dracaena*, 1768 <sup>219</sup>; 2. *Memoria sobre a utilidade dos jardins botânicos a respeito da agricultura, e principalmente da cultura das charnecas*, 1770 <sup>220</sup>; 3. *Fasciculus plantarum cum novis generibus, et speciebus*, 1771 <sup>221</sup>; 4. *Hortus Olisiponensis exhibens plantas exoticas horti regii specimenque historie naturalis lusitaniae cum novis generibus et speciebus* 1771 <sup>222</sup>; 5. *Historia naturalis urbis et agri Olisiponensis, continens terras, lapides, petrefacta, thermas, plantas, animalia, eorumque usus in re medica, economica et artibus*; 5. *Acessere nonmille plante que circa*

---

<sup>218</sup> *Carta de Domingos Vandelli ao Marquês de Pombal ...*

<sup>219</sup> Texto impresso. Anexava dois outros textos, o *Disertatio de studio historiae naturalis necessario in medicina. Oeconomia, agricultura, artibus et commercio* e o *Conspectus musei Domenici Vandelli*.

<sup>220</sup> Foi impressa anexa ao *Diccionario dos termos technicos de Historia Natural*, 1788, pp. 293-301. A data da sua efectiva elaboração (1770) fica esclarecida pelo autor na nota 7 à sua *Memória sobre a agricultura deste reino, e das suas conquistas*, 1789 (Cfr. José Vicente Serrão, *Domingos Vandelli...* 1994, pp. 135-142). Não se trata, portanto, "do mais antigo texto de Vandelli escrito em Portugal" (J.Vicente Serrão, *ob. cit.*, p. 4) mas, isso sim, em língua portuguesa. De facto, a *Dissertatio...* já tinha sido escrita e publicada em Lisboa, pelo Regii Botanices Professoris, dois anos antes.

<sup>221</sup> Texto impresso. Vandelli dedicou este pequeno opúsculo a Joseph Banks, enviando-lho com uma carta, em Outubro de 1771. Um outro correspondente inglês de Vandelli recebeu a obra e diz-se interessado em algumas das espécies ali inventariadas: "La ringrazio della sua esibizione in virtu del quale prendo la liberta d'informala che le cose che piu desidero sono alcune mostre delle piante Portuguese che sono descritte nel suo Fasciculus" (*Carta de E. W. Gray a Domingos Vandelli (Porto, 15 de Fevereiro de 1777)*, AHMB, CE/G -102).

<sup>222</sup> Texto manuscrito (BN, Códice n.º 3750).

*urbem Porto orientus; animalia exotica. Fossilia quedam Brasiliae, et minera ferri Angole* <sup>223</sup>.

Entretanto, a partir de certa altura (provavelmente em 1768, data em que passou a exercer o cargo de botânico régio) ter-se-á colocado a Vandelli a questão do armazenamento dos objectos desta colecção em local apropriado, e a solução encontrada foi - sabemos-lo pelo seu já citado testemunho - a "Caza" destinada ao Laboratório, nas instalações do Real Jardim Botânico da Ajuda <sup>224</sup>. E terá sido aí, como recorda em carta a Pombal, que exibiu a colecção (ainda nos seus inícios) perante o próprio soberano: " S. M. F.ma vidde questo Museo quasi ancora nei suoi principi, avendolo dopo considerabilmente accresciuto di animali" <sup>225</sup>.

Quando, em 1773, se decidiu transportá-la para Coimbra, o mestre paduano procedeu previamente à selecção criteriosa das produções naturais e artificiais ali entesouradas, de forma a assegurar, através de duplicados, a manutenção de um núcleo museal na Ajuda: "Ed acciochè questo Real Giardino Botanico non resti affatto privo d'un Gabinetto d'Istoria Naturale, vi lascierò in esso tutte le produzioni naturali, che duplicate saranno" <sup>226</sup>.

Se recordarmos, a propósito, que esta operação se repetiu com a colecção vandelliana proveniente de Pádua e com as produções do legado de

<sup>223</sup> Textos manuscritos. Elencados por Vandelli no final do já citado *Saggio del Museo di Domenico Vandelli. Padova (1763)*, BACL, Ms. 1205/5, Série Azul. Segundo P. A. Saccardo, *Di Domenico Vandelli...*, 1900, p. 85, o primeiro destes textos seria o que o autor enviou a Linneo e que o sueco elogiou, em carta de 16 de Agosto de 1765: "Accepi ... doctas observationes et pulcherrimam floram olissiponensem, quae omnia et singula summo me profundebant oblectamento". E, em 19 de Novembro do mesmo ano, informa-o de que o tinha lido perante a Academia das Ciências de Upsala (da qual o italiano era sócio): "Praelegi ambas tuas observationes societati scientiarum; altera enim erat Historia naturalis triplicis regni naturae per Olissiponensem tractum; altera Draconis complectabatur historia".

<sup>224</sup> Cfr. *Relação da origem, e estado presente do Real Jardim Botanico, Laboratorio Chymico, Museo de Historia Natural, e Caza do Risco, [1795]* ANTT, Ministério do Reino, Maço 444.

<sup>225</sup> *Carta de Domingos Vandelli ao Marquês de Pombal pedindo mercê pela doacção de uma colecção ao Museu da Universidade (s/d)*, AHU, Reino, Maço 2663.

<sup>226</sup> *Gabinetto d'Istoria Naturale presentato all'Illustre e Celebre Università di Coimbra dal Dr. Domenico Vandelli. 1772*, BPE, CX/2-18, fls. 191-194 v.

Van-Deck (em cujos armários se ordenou todo este acervo primacial da Ajuda) encontraremos, afinal, uma comum filiação museológica (os mesmos colecionadores, as mesmas colecções) nos nossos dois primeiros museus públicos de história natural<sup>227</sup>.

O espólio mais importante resultante desta triagem (apenas o remanescente terá permanecido na Ajuda) contemplava objectos em número suficiente para, segundo o cálculo do seu proprietário, serem transportados em 16 ou 18 caixotes. Em Coimbra, não esquecendo a utilização didáctica na Cadeira do 2º ano do "Curso de Philosophia Natural", que ele próprio regia, bem como as determinações dos *Estatutos*,<sup>228</sup> Vandelli assegurava que a sua colecção "(...)contiene di tutte e tre regni Animale, Vegetabile, e Minerale copia di produzioni sufficienti per dar principio allo studio dell'Istoria Naturale"<sup>229</sup>.

Da documentação produzida no âmbito das tarefas de incorporação da colecção destaca-se um Catálogo "sistematico com os nomes proprios de cada especie" (isto é, seguindo a nomenclatura e a taxonomia linneana de que Vandelli era um fervoroso adepto) mas incompleto porque, como explicaria mais tarde, não tinha tido tempo para completar a lista com os nomes da espécie, ficando-se na maior parte dos casos pelos nomes genéricos<sup>230</sup>.

---

<sup>227</sup> Vide Domingos Vandelli, *Relação da origem, e estado prezente...*, ANTT.

<sup>228</sup> "A Intendencia do referido Gabinete pertencerá perpetuamente ao Professor de Historia Natural, debaixo da Inspecção da Congregação. O qual terá hum Catalogo bem ordenado de tudo o que estiver no dito Gabinete, para que se possa achar com facilidade qualquer cousa que busque. Também terá cuidado de applicar todos os meios, que a Arte tem descoberto para conservar as differentes materias, e substancias, que entram no mesmo Gabinete. E o Reitor com a Congregação da Faculdade o visitará no fim do Anno Lectivo, para examinar o estado actual delle; e prover no que for necessario" (*Estatutos da Universidade de Coimbra do ano de 1772, 1773, Livro III, Título VI, Capítulo I, p. 390*).

<sup>229</sup> *Gabinetto d'Istoria Naturale presentato all'Illustre e Celebre Università di Coimbra dal Dr. Domenico Vandelli. 1772, BPE, CX/2-18, fls. 191-194 v.*

<sup>230</sup> Cfr. *Gabinetto d'Istoria Naturale...*, BPE; e, *Breve relação do Muséu da Historia Natural, que o Doutor Domingos Vandelli tinha na Ajuda, no Real Jardim Botanico; e de que no anno de 1772, fez presente a esta Universidade, do qual se tem servido até agora, para as Lições de Historia Natural (15 de Março de 1777)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628 (1778-1781). Existe outro exemplar deste último documento no AUC (Processo do Professor Domingos Vandelli, n.º 372).

Cruzando a informação contida no Catálogo de 1772 (o *Gabinetto d'Istoria Naturale*) com a *Breve relação* de 1777 (Memória post-pombalina, para obtenção da mercê prometida nos *Estatutos*) é possível reconstituir, genericamente, a natureza das produções que contribuíram para o acervo fundador do Museu de História Natural - 1. Reino Animal: abortos (com fetos monstruosos), aves (pássaros e outros animais do Brasil e de África), anfíbios, serpentes, peixes, insectos, vermes, moluscos, borboletas, tartarugas, corais e conchas; 2. Reino Vegetal: madeiras petrificadas, herbário com 2000 plantas, frutos exóticos, sementes; 3. Reino Mineral: lápides, minérios, metais, fósseis; 4. Artefactos: várias armas de Índios.

Da reunião das duas colecções vandellianas resultaria um acervo suficientemente amplo para ser distribuído por "tres Casas" do Museu e de cujo inventário se guarda, no Arquivo Histórico Ultramarino, um exemplar manuscrito o qual, apesar de não assinado nem datado, oferece indiscutível interesse já que descreve com razoável pormenor todo esse material museológico, composto de produções da Natureza e da Arte.

Contudo, nele não persiste traço das numerosas e preciosas colecções numismática e antiquária paduanas, o que nos remete, plausivelmente, para uma data posterior a 1789 <sup>231</sup> (quando estes objectos foram incorporados, recordemo-lo, na Biblioteca da Universidade <sup>232</sup>).

Apresentamos uma síntese desse material e da sua distribuição pelas "tres Casas", na convicção de estarmos penetrando (confiando na autenticidade do roteiro da exposição) no ambiente original do nosso primeiro museu universitário <sup>233</sup>. Assim, na "Casa primeira" encontravam-se uma caixa

---

<sup>231</sup> *Museo da Universidade de Coimbra, que foi de Domingos Vandelli. Se acha distribuido em tres Casas (s/d)*, AHU, Reino, Maço 2695 -A. Também o tratamento documental do Arquivo lhe atribui uma data próxima de 1800.

<sup>232</sup> Cfr. Mendes dos Remédios, *ob. cit.*, 1905.

<sup>233</sup> À vista do documento referido, seguimos de perto o resumo apresentado por Rómulo de Carvalho, *A História Natural...*, 1987, pp. 51-52, mas citamos produções que a este autor não interessaram, nomeadamente os artefactos. É possível consultar também uma descrição fidedigna, ainda que mais resumida, das colecções que compunham o Museu em 1779, no *Auto de Exame e Avaliação dos Varios Generos, e productos de que se compoem dous Gabinetes do Museu da Historia Natural, que se achão nesta Universidade (20 de Julho de 1779)*, AUC, Museu de História Natural (Gabinete de História Natural).

grande de vidros com diversas aves (pavões, faisões, urubú, garça, papagaio, periquito, andorinha do Brasil); outra com peixes (peixe voador, pargos e outros) em número de quarenta; 3 caixas com andorinha grande do Amazonas, pega e falcão; 15 caixas com pequenos pássaros entre eles o João-congo, do Brasil; fora das caixas, arara, tucano, coruja, pisco, pega, patos bravos, galinhola, tordos, milhano, garça, ema, etc., e esqueleto completo do roaz-de-bandeira (cetáceo); caixa com feto humano monstruoso com duas cabeças; e caixas de vidro com caranguejos e "outros insectos", e animais marinhos.

Na sala denominada "Casa Segunda" exibiam-se 5 caixas de vidro com borboletas do Brasil, 2 caixas com insectos da mesma origem; 7 caixas com insectos de Portugal; frascos "com aguardente" com pássaros do Brasil; abortos humanos, "em aguardente", um preto e dois brancos; um pinto e um gato com quatro pernas; um cão, em aguardente, com sete pernas; frasco com lagarto, vermes, etc.; jacarés, caranguejos, ovos de raia, ouriço cacheiro, tartarugas, ovos de ema e de pássaros do Brasil, macacos, coelho, tatu, dente de elefante, de hipopótamo e de rinoceronte, peixe espada, cobras, ouriços do mar, estrelas do mar, corais, conchas, madeiras, cristais de rocha, espatos, topázios, jacintos, crisólitos, rubis, esmeraldas, águas marinhas, ametistas, jaspes, ágatas, mármore, lápis-lazúli, pederneiras, enxofre, pedra-ume, minérios de ferro, cobre, chumbo, estanho, prata e ouro, carvão de pedra, petróleo, fósseis de plantas e de peixes, recipientes com terras, areias, resinas e bálsamos, frutos do Brasil e da Índia, madeiras da Europa, Ásia e América.

Finalmente, na "Casa terceira", guardava-se o herbário ou "Plantas secas em papel", em número de seis mil. Nesta sala situava-se igualmente o "Teatro p.<sup>a</sup> as Dimostrações". Espalhados pelas três salas, alguns artefactos em materiais exóticos: "bengala de marfim"; "varias especies de paos de Europa, Africa e America" e "Taboinhas das madeiras do Brasil". Na sala do herbário expunham-se ainda três "Inscrições antigas".



### 18. A coleção Van-Deck

Personagem de biografia assaz obscura <sup>234</sup>, José Rollem Van-Deck, "Capitão de Mar-e-Guerra das Armadas Navaes de D. José I", (de provável, mas não comprovada, ascendência holandesa) tem sido quase exclusivamente associado à doação, em testamento, de uma colecção de produtos naturais à Universidade pombalina. E este legado, especialmente citado por ter ajudado a fundar o recém criado Museu de História Natural, tem feito esquecer aspectos que, do ponto de vista da história do coleccionismo e das práticas museológicas setecentistas, mais importaria apurar - a natureza do projecto museal de Van-Deck, as suas motivações e objectivos; as estratégias de recolha e a tipologia dos produtos; a provável rede de contactos intelectuais e comerciais estabelecidos.

O que tem sido divulgado a propósito desta doação resume-se, de facto, a pouco <sup>235</sup>. Por Decreto Régio de 9 de Setembro de 1774 mandava-se entregar pelo Real Erário a José Joaquim Pallyart, e mais herdeiros e testamenteiros de Van-Deck, a quantia de "hum Conto e seis centos mil reis para pagamento das dividas que o dito (...) contrahio com a Collecção de Historia Natural que, com tudo o mais, que lhe pertence, como consta dos dous Cathalogs (...) deixou no Testamento com que falleceo á Universidade de Coimbra em beneficio, e utilidade publica da Nação Portuguesa" e determina-se também que o Marquês de Pombal "Meu Lugar Thenente na dita Universidade, faça remetter, e arrecadar nella o referido Muzeo, mandando,

---

<sup>234</sup> Por exemplo, R. de Carvalho, *A História Natural...*, 1987, p. 54, a ele se refere do seguinte modo: "Certo estrangeiro, de nome (...), certamente residente entre nós..."

<sup>235</sup> A primeira referência ao legado Van-Deck surge na *Relação...(1777)* de D. Francisco de Lemos, mas este texto só seria publicado em finais do séc. XIX. Em 1813, Jácome Ratton (1736-1820), decerto baseado no seu relacionamento pessoal com os protagonistas da reforma pombalina da Universidade, recorda nomeadamente a: "História Natural, cujo Museu se foi formando dos produtos que possuía o dito Vandelli; [e] dos que legou a S. M. o Capitão de mar e guerra Vandeck" (*Recordações sobre ocorrências do seu tempo, de Maio de 1747 a Setembro de 1810*, pp. 161 e ss.). No entanto, o primeiro autor a servir-se de documentação original, manuscrita, terá sido o professor da Faculdade de Filosofia Natural, J. A. Simões de Carvalho, *Memoria historica ...*, 1872, p. 209, que consultou os "livros de registo dos alvarás, cartas régias, etc. da Secretaria da Universidade".

que seja collocado em competentes Armarios em cuja frente se ponha a Seguinte inscripção: *Legado de José Rollem Van-Deck*".

Dirigindo-se a D. Francisco de Lemos, em provisão anexa ao decreto, Pombal ordenava-lhe que tomasse posse da colecção, mandando-a recolher "por Pessoas habéis e idoneas por Elle authorizadas debaixo da Inspecção do Doutor Domingos Vandelli; ao qual encarregará do transporte e Condução do mesmo Musêu athé que effectivamente seja collocado nos Gabinetes do Edificio, que na sobredita Universidade se acha destinado para a Historia Natural"<sup>236</sup>.

Foi entretanto possível coligir mais alguma documentação relativa a José Rollem Van-Deck, casualmente encontrada na pesquisa de elementos sobre outros coleccionadores e naturalistas. A epistolografia de carácter científico acabaria por alcançar, também neste caso, uma decisiva importância documental, fonte reveladora de inesperadas relações pessoais e intelectuais. Vejamos então alguns exemplos.

Em carta datada de Dezembro de 1766, Van-Deck dirigia-se ao jovem naturalista Joseph Banks, então em Lisboa, propondo-lhe intercâmbio de correspondência literária e de duplicados do seu Gabinete e de produtos que recebesse do Brasil e de outros domínios ultramarinos da coroa portuguesa: "Je me suis donné plusieurs fois l'honneur d'aller a votre Porte (...) pour vous reiterer des offres que je vous ai fait de ce qu'il y auroit de double dans mon Cabinet qu'y puisse vous faire plaisir (...). Si vos occupations vous permettent de venir demain au matin prendre une tasse de thé avec moy, vous choisirez ce qu'y vous fera plaisir, et nous conviendron aussi des moyens d'établir correspondance Literaire, et pour partager avec vous dans la suite, ce que je receverai des Brezils, ainsy que des autres Dhomaines d'Outre mer de cette Coronne"<sup>237</sup>.

Este dado, só por si especialmente significativo das motivações científicas do nosso coleccionador, torna-se ainda mais esclarecedor se entendido como prolongamento natural de um relacionamento pessoal apenas iniciado. Na

---

<sup>236</sup> M. Lopes de Almeida, *Documentos da reforma pombalina*, vol. I, 1937, pp. 159-161.

<sup>237</sup> *Carta do Capitão Rollem Van-Deck a J. Banks, (28 de Dezembro de 1766)*, British Library, Add. Ms. 8094, p. 3.

verdade, o futuro presidente da Royal Society estivera em Portugal nesse mesmo ano (já o sabemos pela publicação anotada do seu diário lisboeta) em missão comercial durante seis meses, e aqui fora introduzido, certamente por intermédio de Domingos Vandelli, no convívio do pequeno grupo de homens de ciência da capital, entre os quais se incluía Van-Deck <sup>238</sup>.

Esta manifestação de sociabilidade científica (que poderíamos, com propriedade, designar por triangulação relacional), polarizada pelo naturalista paduano, é igualmente detectável no conteúdo da carta que, em 1765, Vandelli remetera para Upsala. Nela, dando a conhecer a Linneo a colecção Van-Deck, descrevia-lhe com minúcia conchas e outras espécies naturais <sup>239</sup>.

Noutra carta ainda, esta datada de 1771, deparamos com uma referência explícita ao oficial de marinha e à sua condição de coleccionador. O autor é o Governador de Mato Grosso, Luís Pinto de Balsemão (já anteriormente referido como correspondente ultramarino da Ajuda), que remete produções naturais brasileiras para o botânico régio, lamentando-se, contudo, das deficientes condições de transporte, origem da deterioração de tantas espécies recolhidas <sup>240</sup>.

É nesse contexto que se revela também colector de outros naturalistas amadores, nomeadamente do negociante inglês Gerard de Visme e de Van-Deck que, do Reino, se lhe dirigiam para enriquecerem as suas colecções privadas: " e huma coleção de Serpentes, e outros Anphibios, que remetia duplicada (...) para o Sr. Van-dek; nem hum só frasco deixou de hir quebrado e

---

<sup>238</sup> Cfr. W. J. Simon, *Sir Joseph Banks's Lisbon Journal of 1766: an introduction to the text*, 1997, pp. 13 e 15.

<sup>239</sup> *Carta de Domingos Vandelli a C. Linneo, Lisboa, 3 de Setembro de 1765*, (Latim), Linnaen Society, "Linnaeus correspondence, Mss. vol. XVI, p. 65. "(...) in Lisbon, Banks met Captain Rollem Van Deck who was on active duty with the Portuguese Navy. A letter from Captain Van Deck to Banks on 28 December 1766 places Banks in Lisbon at the time. Banks returned to London in January 1767, after a voyage of about two weeks. Van Deck's letter may have followed him to London. Captain Van Deck was a friend of Vandelli's who described the former's collection of shells and other specimens in a letter to Linneaus. (...) In Van Deck's letter to Banks, he offered to exchange correspondence and specimens" (W. Simon, *Sir Joseph Banks's Lisbon Journal of 1766: an introduction to the text*, 1997, p. 13).

<sup>240</sup> Cfr. *supra*, pp. 32-34.

vazio, e consequentemente tudo perdido, não me sendo possível remetelas em barris, por aqui não haver tanoeiros" <sup>241</sup>.

Os interesses coleccionistas de Van-Deck alargavam-se assim aos territórios ultramarinos onde, até pela sua condição de oficial da marinha de guerra, lhe seria relativamente fácil estabelecer contactos com a estrutura administrativa e militar colonial. Vimo-lo no caso brasileiro e, a partir de um documento verdadeiramente excepcional depositado no Arquivo Histórico do Museu Bocage, vê-lo-emos repetir-se com os continentes asiático e africano.

A personalidade que o documento introduz na nossa narrativa é uma daquelas figuras hoje relativamente anónimas, mas que exerceram um protagonismo inestimável no âmbito das práticas museológicas setecentistas. Trata-se de Francisco Luís de Menezes e é ele o autor da *Relação das produções da natureza que (...) ajuntou de Goa, e remete para Lisboa para o Museu do Senhor Jozé Roland van Deck (12 de Fevereiro de 1771)* <sup>242</sup>.

A *Relação* é precedida por uma carta-relatório não dirigida pessoalmente a Rollem Van-Deck, mas ao seu procurador (e futuro testamenteiro), José Joaquim Pallyart, "negociante da Praça de Lisboa" <sup>243</sup>. Menezes começa por esclarecer o contexto em que iniciou a sua actividade de colector, em Goa, ao serviço do "Museu" Van-Deck: "Para satisfazer o empenho com que repetidas vezes pediu V.M. a meu Pai o Senhor Manoel de Menezes, que Deus tem, as produções da natureza destas partes da Azia, e tambem da Africa, me apliquei com a maior diligencia a fazer delas hua boa colecção. Em Abril de 1770 dei principio a esta curiozidade: fui ajuntando o que me foi possivel; tenho o gosto de oferecer para o Museu de seu grande amigo o Senhor Joze Rolland

---

<sup>241</sup> *Carta de Luís Pinto de Balsemão a Domingos Vandelli (Vila Bella, 1 de Dezembro de 1771)*, AHMB, CN/B-93.

<sup>242</sup> AHMB, Rem. -382 e 382 a. Van-Deck também se servia de outros intermediários, que viajassem até à Índia, para obter de Menezes, em Goa, novos produtos para a sua colecção: "O Sr. Luis Lopes Quaresma, me entregou aqui huns papeis de lembrança das curiozidades, e produções que o Senhor van Dek lhe tinha entregue ao tempo de ele vir para a India. O dito Senhor Luis Lopes me seguro, que não tinha tempo e comodidade para fazer esta encomenda" (*Idem, ibidem*).

<sup>243</sup> Vide *Almanach de Lisboa para o anno de 1783*.

van-Deck as produções que remeto nesta monção; e constaõ da incluza Lista delas n.º 1º " 244.

Surpreende o empenho pessoal e a minúcia técnica utilizada pelo goês em todas as complexas operações de recolha, preparação e remessa (e conselhos para uma eficaz conservação) da extensa lista de produtos naturais enviados para o Reino, evidenciando um pioneirismo notável nestas matérias, tanto mais que a formação académica e a profissionalização técnico-científica só começariam verdadeiramente a dar frutos, entre nós, a partir dos anos oitenta.

Pelo exemplo já referido das produções naturais que, nesses mesmos anos, eram recolhidas no Brasil com enormes dificuldades de carácter logístico e técnico, e com um evidente amadorismo nas operações de expedição, não pode deixar de nos espantar aqui a reflexão teórica (mais atenta, contudo, à descrição física do que à classificação taxonómica) e a visível preocupação utilitária que faz com que a lista de produtos seja precedida de um texto caracterizador de cada uma das espécies enviadas, e explicativo das condições concretas em que foram colectadas, contendo ainda referências às eventuais virtudes medicinais ou económicas <sup>245</sup>: "(....) Estimarei que o dito Senhor tenha hum grande divertimento nelas, e que dé por bem servido da minha diligencia e cuidado.(....) e para melhor intelligencia de tudo o que vai, me pareceu conveniente fazer a Relaçãõ separada, e incluza n.º 3 com as descriçoens, propriedades, observaçoens, e advertencias, respectivas às mesmas produçoens. Segui quanto me foi possivel na mesma Relaçãõ o metodo, e a disposiçaõ do papel ou lembrança, onde se me pediaõ essas curiosidades" <sup>246</sup>.

<sup>244</sup> *Relaçãõ...*, AHMB, Rem. -382 e 382 a.

<sup>245</sup> Na continuidade das suas remessas para o Reino (a partir de 1783, como veremos, destinadas à Academia das Ciências) passa a incluir também debuxos dos produtos. Trata-se, cremos, de desenho naturalista, componente enriquecedora das 'descriçoens': "(....) Na indispensavel obrigasam de querer do modo possivel satisfazer para o gabinete da Academia Real com os productos da natureza que posso ajuntar, com as minhas mal acabadas descriçoens e debuxos a ellas atinentes (....). O anno passado com grande desconsolasam minha forão os debuxos e as descriçoens incompletas." ("Carta de Francisco Luís de Menezes a Miguel Franzini (Goa, 29 de Fevereiro de 1788)", in Cristóvão Aires, *ob. cit.*, 1927, p. 257).

<sup>246</sup> *Relaçãõ...*, AHMB, Rem. -382 e 382 a.

Não se julgue, contudo, que a sua tarefa fora isenta de dificuldades e obstáculos, até porque a geografia dos lugares de recolha era bem dilatada, e os recursos humanos escassos e mal preparados. Afinal, as espécies adquiridas fora da Índia acabariam por não chegar a tempo de serem expedidas para o Reino, isto é, antes da monção: "Elas são a maior parte de Goa; e se me chegassem à mão, as que mandei vir das de fora desta terra, seria sem dúvida avultada esta remessa. Para a China, Mossambique, Ceilaõ, Dio, Surrate, e outras partes tenho feito as mais eficazes diligencias, recomendando não só a pessoas estabelecidas em todos estes continentes, mas aos que fazem viagem para aquelas partes. He preciso acertar com pessoas que tenham o genio e caracter proprio de me poderem concorrer para a referida coleção, o que he difficil. Eu faço o que posso; e dezejava certamente alcançar tudo. Se me vier alguma coisa de fora, será já depois de partirem as naus desta monção; e só lhas poderei remeter para a futura".

Um dos problemas abordados por Menezes na sua *Relação* é o das condições de conservação dos espécimes vegetais e animais depois de retirados do seu habitat natural, e preparados para serem exibidos em *museu*, situação que se agravava sobremaneira quando sujeitos a longa travessia marítima, envolvendo acentuadas mudanças climáticas. No caso dos animais a questão era particularmente sensível porque, muito embora a acção conservadora dos líquidos alcoólicos fosse conhecida e aplicada desde meados do séc. XVII (como se comprova por esta carta-relatório), as técnicas taxidérmicas divulgadas<sup>247</sup> não podiam ainda equacionar com eficácia alguns obstáculos bio-químicos, nomeadamente a instalação e desenvolvimento das larvas de insectos destruidoras das peles<sup>248</sup>.

---

<sup>247</sup> "Outre les instructions aux voyageurs, les collectionneurs d'animaux avaient à leur disposition des manuels de taxidermie, constamment mis à jour et qui demeuraient cependant imparfaits" (Lorelai Kury, *Les instructions de voyage dans les expéditions scientifiques françaises (1750-1830)*, 1998, p. 88). Veja-se, também, P. Farber, *The development of taxidermy and the history of ornithology*, 1977.

<sup>248</sup> "A descoberta fundamental no domínio da Taxidermia - arte de preparar, conservar e montar as peles dos animais de forma duradoura e conferindo-lhes a aparência de vivos - deveu-se a J.-B. Bécoeur (1718-1777), farmacêutico em Metz, que descobriu e decreveu uma técnica preservadora de grande sucesso. Baseava-se esta técnica na utilização de substâncias tóxicas, antisépticas e aromáticas que, provocando a dessecação rápida e completa da pele com o fim de evitar a queda de peles e plumas,

O colector goês enfrenta este conjunto de dificuldades, reflectindo sobre elas e procurando soluções práticas para as superar: "Alguas peles de passaros, e cobras que conservava antes do Inverno se me desfizerão, e apodrecerão no rigor dele, que aqui danifica tudo. As que apanhei fora do Inverno mandei preparar e encher huas com casca de arros oubate que aqui chamamos tusso, e outras com cinza; e depois lhe mandei botar fora tudo, para não avolumarem, e acomodarem melhor na Caixa. A cinza he boa pelo salino, mas no Inverno humedece; e V.M. me dirá como chegaraõ lá essas couzas, e as que tiveraõ prejuizo para haver dellas renovar; e me acautelar no modo de as remeter para o futuro. Para a monção futura completarei o mais que restar das mesmas produçoens desta terra, que são sem duvida muitas; e algumas delas pelo seu volume e dispozição impraticaveis de se remeterem. A agoardente de que me sirvo para remeter estas produçoens q. vaõ dos insectos e passaros, he do licor das palmeiras (...) por ser mais barato nesta terra, que a agoardente que vem de Lisboa"<sup>249</sup>.

À medida que vamos avançando na leitura do relatório museográfico-naturalista (Carta e *Relaçãõ*) de Menezes, suspensos da sua cultura profissional, da sua atenção meticulosa aos pormenores, da sua confirmada erudição, sentimo-nos seguros para nele categorizar uma figura mais próxima do naturalista-colector (o explorador de formação universitária que protagoniza a *viagem philosophica*)<sup>250</sup> do que do amador que colectasse os três reinos da natureza por pura curiosidade diletante ou, tão só, por motivação comercial<sup>251</sup>.

---

impediam a instalação e desenvolvimento das larvas destruidoras das peles" (Carlos Almaça, *Museus de Zoologia e investigação científica*, 1985, p. 19). Bécœur era também um coleccionador de história natural, sendo o seu Gabinete descrito assim por um contemporâneo: "La collection de M. Becœur, Apothicaire à Metz, ne renferme, (...), que le regne animal; la partie des oiseuax est la plus intéressante, avec une suite d'oeufs & nids d'oiseaux" (Desallier d' Argenville, *Conchyologie...*, 1780, t. I, p. 276 [1ª ed. 1742]).

<sup>249</sup> *Relaçãõ...*, AHMB, Rem. -382 e 382 a.

<sup>250</sup> Para o caso francês, com um modelo de formação naturalista no qual desempenhava papel de relevo o *Jardin du roi* (fundado em 1635), Y. Laissus assinala semelhante dificuldade na demarcação de perfis: "(...) la difficulté, démontrée par l'expérience, de tracer une frontière clairement établie entre certains voyageurs et certains collecteurs" (*Les voyageurs naturalistes du Jardin du roi et du Muséum d'histoire naturelle: essai de portrait-robot*, 1981, p. 263).

Trata-se, em todo o caso, de um homem que conhece bem o território que pisa. Nada lhe parece ser estranho no universo do colecionismo naturalista, desde a autoridade clássica citada, passando pelos aspectos exclusivamente mercantis dos valores atribuídos aos produtos mais exóticos, até ao saber (e aos sabores) quase antropológico da relação homem-natureza <sup>252</sup>, e das virtualidades farmacológicas das espécies vegetais: "Vai hum frasco com seis mangas de diferentes qualidades, metidas no dito araque para satisfazer a curiosidade do Snor. Van-Dek; e eu quizera que elas chegassem taõ frescas como as tiramos aqui das mangueiras, e com o seu natural gosto, o que he impossivel. He uma das boas, e proprias frutas desta terra. Tive este anno passado em meu poder dois cocos do mar de Maldivas, produçãõ rara, precioza, e estimavel entre os Aziaticos. Da sua virtude fala o Curvo <sup>253</sup> no seu memorial dos remedios simples; eu sei que he singular contra veneno para as mordeduras de cobra de capelo, que he muito peçonheta. Pezava hum deles 15 arr.es e outro 16 arr. es; e sei que os há de 2 t. e 26 arr.es. Vendi hum deles a 600 xerafins e naõ mando a VM. o outro, que estou para vender, por que me extranharia VM. fazer-lhe remessa de hum fruto desses, ao parecer ridiculo; e que custava tanto dinheiro. Mas se com efeito pretende VM., o senhor Van Dek esta rara e estimavel produçãõ para o seu Muzeu, com o seu avizo eu procurarei algum outro, e remeterei a VM. O seu valor he arbitrario conforme a ocaziaõ, e o pezo deles; e certa pessoa me disse que vendera hum coco que

---

<sup>251</sup> A julgar pelas suas próprias palavras, na Índia era-lhe efectivamente reconhecido este perfil de viajante-naturalista: "A ordem que recebi do Ill.mo Ex.mo S.or Governador e Capitam General deste Estado para chegar ás montanhas dos Gates vezinhos; onde estive em Fevereiro passado: no exame da arvore de Puna, propria para a mastreasam nas naus de S. Magestade: posto que me deu ocaziam de observar terrenos desconhecidos, em paizes distantes desta Capital: fez que não pudesse prontificar como dezejava, as descriçoens e debuxos que tenho reservado para o futuro" ("Carta de Francisco Luís de Menezes para o Abade Correia da Serra (Goa, 19 de Março de 1789)", in Cristóvão Aires, *ob. cit.*, 1927, p. 288)

<sup>252</sup> Bem ilustrativo desta curiosidade antropológica é a passagem da já citada carta enviada a Franzini em 1788 - "(...). As figuras dos idolos dos gentios deste paiz, occuparão me mais tempo do que eu cuidava" - o que parece também confirmar que se exercitava, com regularidade, nas actividades de desenho.

<sup>253</sup> Refere-se a João Curvo Semedo, médico ilustre dos sécs. XVII-XVIII; escreveu o *Polyanthea Medicinal*, 1ª edição de 1697, e *Observaçoes medicas doutrinaes*, editado em 1707.



pezava 24 arr.es por 800 cruzados em Mossambique, onde tem boa sahida. Tambei poderei mandar alguma pedra de porco espinho ou espinho, que he tambem outra produçãõ estimavel, e precioza; e há pedras dessas que custao até mil quatrocentos xerafins; mas no serviço de VM. heide procurar toda a comodidade e utilidade possivel em seu beneficio" <sup>254</sup>.

A finalizar o seu texto introdutório às "Listas" de remessa dos produtos expedidos de Goa com destino ao Gabinete particular de Van-Deck, Francisco de Menezes revela uma outra faceta, em coerência aliás com o perfil de cultor da *Philosophia Natural*, que é a de transpor o utilitarismo e o experimentalismo dos saberes para a prática das Artes. Manifesta-se empenhado no domínio da *Chimica* aplicada a actividades económicas manufactureiras (tal como veremos, na década seguinte, Vandelli e a sua fábrica de loiça em Coimbra) e pede apoio técnico a Lisboa para dois projectos goeses, fazendo valer os recursos minerais locais: fabrico de loiça vidrada e coloração de ouro - "Rogo a VM. o favor de me mandar a receita de vidrar louça, porque a que me mandou o nano passado hm amigo meu dessa terra, na veio bem expressada, e por isso se me malogrou a execução que por três vezes fiz desta fabrica, ou seria por uma equivocação na quantia dos materiais; vai a copia dessa receita com as duvidas que desejo satisfazer. Aqui há areia branca excelente, e vai ha pequena porção dela para VM. a mostrar a algum dos que fazem o vidrado, e saber se pode ter ela serventia nessa fabrica. Dezejo tambem mais a receita de corar o ouro por diferentes cores, como vem nos matizes de algumas caixas de relgios, e de tabaco, a qual me dizem já saber-se em Lisboa" <sup>255</sup>.

Não saberemos assegurar se todas as produções enviadas nesta *Remessa* de 1771 (e na que comprovadamente remeteu no ano seguinte) terão chegado ao seu destino em condições de conservação adequadas à exibição museológica, tanto mais que não possuímos os dois catálogos do legado referidos pelo Decreto Régio de 1774. Assim mesmo, não se afigura inútil elencar sucintamente as produções expedidas por Menezes para Van-Deck, reproduzindo a nomenclatura e a ordenação utilizadas, já que algumas delas

<sup>254</sup> *Relaçãõ...*, AHMB, Rem. -382 e 382 a.

<sup>255</sup> *Idem, ibidem.*

terão certamente incorporado o acervo inicial do Museu de História Natural da Universidade de Coimbra: "Conchas, buzios, caramujos, mexilhoens, caraguejos, lagostas e outros mariscos, peixes curiozos, coraes, arvores e frutos do mar, cobras, lagartos, passaros de diferentes especies, peles secas e esfoladas de passaros, ovos de passaros, borbuletas, moscas, vespas, abelhas, bizouros, bichos doirados chamados xandos, bichos doirados e esverdiados chamados buingui, peles do bicho vergonhozo, pacandor ou gato voador, peles de tigre, pele de chanim, pele de macaco, madeiras e seus raminhos, plantas, ervas, raizes e frutos medicinaes, calhaos de cristal e outras pedras, pedra bazar, aljofres de mormugaõ, abelhas pequenas" <sup>256</sup>.

A avaliação que propusemos das capacidades técnicas do colector indiano, podendo parecer excessivamente enfática encontra eco, todavia, em juízo produzido pela própria Academia Real das Ciências. De facto, não só a agremiação científica lisboeta (fundada no Natal de 1779) haveria de o eleger para seu sócio correspondente como - e este é um argumento de absoluta pertinência - o convidaria a remeter, periodicamente, produções naturais destinadas ao seu Museu Nacional <sup>257</sup>. Mais ainda: as remessas tomariam como padrão as *Relações* enviadas a Van-Deck, em 1771 e 1772, documento que as autoridades académicas tinham lido e sumamente apreciado porque, como conclui Menezes, "o senhor Duque Prezidente [Lafões], Secretario [Visconde de Barbacena, a partir de 1788 o Abade Correia da Serra]; e mais Ill.mos Senhores fazem a cultivaçaõ das Belas Letras e Sciencias" <sup>258</sup>.

<sup>256</sup> *Relaçã das produçoens da natureza que Francisco Luis de Menezes ajuntou de Goa, e remete para Lisboa para o Muzeu do Senhor Jozé Roland van Deck (12 de Fevereiro de 1771)*, AHMB, Rem. -382 e 382 a.

<sup>257</sup> "Tendo já disposto pela nao de viagem desta monsam uma pequena remessa dos produtos da natureza para o Museo da Academia Real das Sciencias" (*Carta de Francisco Luis de Menezes para o Abade Correia da Serra (Goa, 19 de Março de 1789, apud, Cristóvão Aires, ob. cit., pp. 287-288)*). O Museu da Academia Real das Ciências de Lisboa foi projectado logo em 1780 e, no ano seguinte, foram impressas as *Breves instrucções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos productos, e noticias pertencentes à historia da natureza, para formar hum museo nacional, 1781*. Faz-se uma análise mais circunstanciada das realizações museológicas da Academia nos Capítulos V e VI.

<sup>258</sup> *Relaçã das Produçoens da Natureza que Francisco Luis de Menezes de Goa, remete para Lisboa como socio Correspondente da Real Academia das Sciencias, para nela serem apresentadas (Fevereiro de 1783 - Abril de 1790)*, AHMB, Rem. - 383, 384, 385, 385 a, 385 b, 385 c, 385 d, 385 e.

Durante sete anos (1783-1790) o sócio correspondente haveria de se desobrigar bem da missão académica, enriquecendo o acervo naturalista do Museu lisboeta com o envio de, pelo menos, oito remessas: "Por saber que na Real Academia das Sciencias se apresentaraõ duas Relaçõens dos annos de 1771 e 1772 (...) que dirigi ao defunto Jozé Rolland Van-Deck: Tendo por obrigaçãõ de satisfazer à mesma Real Academia com as producçoens da Natureza que pude ajuntar; e que remeto na prezente ocaziaõ. Direi por aditamento o que me ocorrer de mais: reportando-me às mesmas duas relaçoens mencionadas no que não houver de se dizer de mais" <sup>259</sup>.

Concluída a incursão narrativa que nos conduziu - por força dos laços entretecidos pela pulsão coleccionista de José Rollem Van-Deck - à personalidade de Francisco Luís de Menezes, devemos introduzir uma nota mais, a derradeira, sobre a biografia do nosso coleccionador. A 30 de Setembro de 1773, empossado no cargo de ministro plenipotenciário de Portugal, o Capitão de Mar-e-Guerra parte para Marrocos acompanhado do arabista frei João de Sousa, seu secretário e intérprete <sup>260</sup>. Este erudito membro do clero, amigo e correspondente assíduo de frei Manuel do Cenáculo, nomeadamente em matéria de coleccionismo numismático, redigiria um circunstanciado diário de viagem, a *Relaçãõ da Jornada que á cidade de Marrocos fez Jozé Rolem Wan Dek*, deixando assinalada a morte súbita e

---

<sup>259</sup> *Ibidem*. Vem a propósito enfatizar a importância de Goa, no âmbito dos territórios colonias portuguesas, enquanto lugar privilegiado no circuito de produção naturalista. Isso mesmo seria vincado por Avelar Brotero ao ministro da Marinha, Sousa Coutinho, propondo-lhe a criação de um Jardim Botânico na Índia: "Eu não posso deixar de recomendar m.to a V. Rex. Cia o projecto de estabelecer em Goa hum jardim das mais interessantes plantas da India, China, e sua Olhas adjacentes, a fim de se fazerem tranplantar p.<sup>a</sup> o Brasil e outras Colonias menos remotas, sem exceptuar ainda mesmo Moçambique, aonde pelas vastas e ferteis margens do rio Sena se podem cultivar m.tas espécies de algodão e outras plantas preciosas, com que se poderá negociar com os povos vizinhos e com a mesma India; tanto mais que esta Colonia poderá algum dia vir a ser huma das mais preciosas, q.do pelo interior dos barbaros sertões da mesma latitude se puder facilitar a communicacão com os Estados de Angola" (*Carta de Brotero a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (24 de Novembro de 1800)*, apud Américo Pires de Lima, e J. R. Santos Júnior, *Cartas inéditas de e para Brotero*, 1944, p.31)

<sup>260</sup> "Frei João de Sousa, encarregado de embaixadas em Marrocos e Argel, official da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e professor de Língua Árábica em Lisboa" (Cristóvão Aires, *ob. cit.*, 1927, p. 124)

inesperada do diplomata, já no regresso à Pátria, cumprida com sucesso a missão marroquina <sup>261</sup>.

Daqui para a frente, é já crónica de há muito anunciada: aberto o testamento, desvendou-se a vontade de legado museológico à Universidade, mas também aquilo que não devia estranhar aos herdeiros e, em particular, ao testamenteiro e procurador José Joaquim Pallyart, ou seja, o seu endividamento. Situação embaraçosa que a Mercê consignada nos *Estatutos* pombalinos providencialmente resolveria, mandando-lhes generosamente entregar pelo Real Erário "hum Conto e seis centos mil reis para pagamento das dividas que o dito Van-Deck contrahio com a Collecção de Historia Natural".

\*

As fontes documentais que utilizámos, e a interpretação particular que delas retirámos, autoriza-nos a esclarecer a biografia do coleccionador Rollem Van-Deck em alguns importantes aspectos: 1. Foi seguramente um dos primeiros membros do círculo de amigos de Vandelli no nosso país, com ele mantendo privilegiados laços de convivialidade científica que lhe permitiram, por exemplo, corresponder-se com o naturalista britânico J. Banks; 2. O seu empenhamento nas actividades do coleccionismo naturalista recua, pelo menos, a meados da década de sessenta (o que faz dele um dos primeiros do período josefino) possuindo já nessa altura espécimes suficientemente interessantes para que o amigo italiano os divulgue junto de Linneo; 3. Não sendo ele próprio um naturalista-colector, com conhecimentos técnicos ou disponibilidade para empreender *viagens philosophicas*, teve que recorrer a estratégias de recolha indirecta. Através da rede de contactos intelectuais e comerciais que estabeleceu nos territórios ultramarinos, obteve remessas brasileiras de Luís Pinto de Balsemão, em Mato Grosso, e africanas e asiáticas de Francisco Luís de Menezes, na Índia - personalidades cuja erudição naturalista viria a ser reconhecida pela Academia Real das Ciências de Lisboa que os elegeu como sócios; 4. O avultado investimento financeiro na obtenção

---

<sup>261</sup> BPE, Manizola, Cód. 265. A morte de Van-Deck é assinalada a 18-12-1773.

de espécies raras, bem exemplificado na *Relação* de 1771 proveniente de Goa, obrigou-o a contrair dívidas. Provavelmente influenciado por semelhante decisão do companheiro de labor coleccionista, Domingos Vandelli, faz doação à Universidade (em legado testamentário) de todo o recheio do seu Gabinete particular; 5. Depois da sua morte, em finais de 1773, os produtos duplicados das colecções e os armários que as continham foram destinados à Ajuda, onde incorporaram o núcleo inicial do Real Museu de História Natural; o grosso das suas produções naturais ajudou a fundar o Museu universitário de História Natural, em Coimbra.

**TERCEIRA PARTE**

**MUSEUS PÚBLICOS E COLECCIONISMO PRIVADO  
NOS FINAIS DE SETECENTOS  
(1777-1808)**



---

## CAPÍTULO V

### MUSEUS EM TEMPO DE VIAGEM

Museu e cultura científica na profissionalização do viajante-naturalista

- *Curso Filosofico e Conflito de Faculdades*

Museu, viagem e história natural na literatura museológica

- *As Instruções de Viagem*
- *O "Methodo de fazer observações e exames" e o "Compendio de observações"*
- *A "Memoria sobre a utilidade, e uso dos Muzeos d'Historia Natural" ou a sciencia dos muzeos*





*"Hum muzeo he hum Livro sempre aberto, no qual o observador se instrue com prazer, e facilmente; a memoria vem ajudada pellos olhos, e se conserva a atenção pello prazer da vista.*

*Sendo o Muzeo de Historia Natural feito principalmente para instruir, e servindo tambem para divertir, devem ser dispostas as produções naturaes com gosto, e que interessem os Curiozos, e que possaõ instruir, e inspirem novas ideas aos Sabios: mas satisfazer todas estas vistas, sem apartarse muito da ordem da Natureza, isso he muito difficultozo.*

*Eu não me demorarei a enumerar quantas novas e uteis produções se descobrião em varios Reinos depois da introdução desta Sciencia dos Muzeos"*

Domingos Vandelli, [1785]

## **Museus em tempo de viagem**

### ***Museu e cultura científica na profissionalização do viajante-naturalista***

1. Os escassos seis anos que decorrem entre o fim do pombalismo e o início das viagens de exploração científica aos territórios ultramarinos (1777-1783) assinalam uma mudança decisiva na natureza institucional dos estabelecimentos museológicos da Ajuda. O Real Museu e o Jardim Botânico mantêm naturalmente os laços orgânicos à Casa Real, até pela proximidade física ao Palácio, e continuam a cumprir os objectivos cortesãos de instrução ilustrada dos príncipes e de espaço lúdico dos monarcas e do seu círculo convivial <sup>1</sup>. Contudo, alargam-se visivelmente as atribuições funcionais

---

<sup>1</sup> A memória histórica da evolução institucional da Ajuda é deste modo invocada por um dos seus directores científicos (1811-1828): "(...)O Real Jardim Botanico e Museu fundados pelo Senhor Rei D. José I para recreio e instrucção da Sua Augusta Familia, ainda que contiguos ao Seu Real Palacio, desde a sua fundação athe o presente, sempre por sucessiva Ordem Regia tem tido por Inspector hum Ministro secretario de Estado, e por Director e Administrador hum Naturalista; a conservação, e melhoramento, destes dois Reaes Estabelecimentos está encarregada a estas duas autoridades debaixo da mesma Real Ordem, e ellas são responsaveis por todos os prejuizos, que deteriorarem a sua conservação, occasionados por sua incuria" (*Resposta de Félix de Avelar Brotero ao officio do Visconde de Vila Nova da Rainha (3 de Maio de 1827)*), ANTT, Ministério do Reino, Maço 281, Cx. 375 (1804-1827).

conferidas pela Coroa no âmbito de estratégia governativa protagonizada por Martinho de Melo e Castro (1716-1795), ministro pombalino que resistira bem à renovação mariana e que continuava a assegurar a Secretaria de Estado dos Negócios Ultramarinos<sup>2</sup>. Para a Ajuda passam a ser despachadas abundantes ordens, pela normal cadeia burocrática do Estado, associando esta repartição pública, com o seu crescente quadro de funcionários, a objectivos governamentais de carácter económico e político relacionados, fundamentalmente, com as viagens de reconhecimento do *topos* e da *physis* metropolitanos e ultramarinos, com manifesta prioridade para o território brasileiro.

Há neste contexto de decisões estratégicas relativas ao papel dos estabelecimentos da Ajuda um dado que não pode ser subestimado - das Faculdades Naturais (Filosofia Natural, Medicina e Matemática) da Universidade reformada estavam a sair, por esses anos, os primeiros diplomados tecnicamente aptos a prosseguirem carreiras, já previstas e prometidas pelos *Estatutos*, entre as quais se destacava pela novidade a de *naturalista*. Os mestres tinham vindo a preparar uma elite académica, quase toda de origem brasileira, apetrechando-a com um corpo de instrumentos teóricos e práticos, sobretudo nas áreas da História Natural e da Química, que lhes garantia a legítima aspiração à profissionalização em cargos estatais:

---

<sup>2</sup> W. J. Simon, *Scientific expeditions in the Portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the Intellectual-Scientific Community of the late Eighteen Century*, 1983, p. 9, afirma que: "Although it was widely believed that (...) would succeed Pombal in 1777, he remained in the same post from 1756 until his death in 1795". No entanto, em notícia necrológica, um periódico coevo traçava a carreira política do Ministro da seguinte forma: "Na noite de 14 de Março do presente ano, faleceu (...) o Ex.mo Martinho de Mello e Castro, Ministro e Secretario d'Estado dos Negócios da Marinha, e Domínios Ultramarinos; em 1753: Embaixador nas Províncias Unidas; em 1755: Embaixador em Londres; em 1763: Embaixador em Paris, e novamente em Londres; em 1770: Secretário de Estado dos Negócios Ultramarinos; em 1786-1788: M. Negócios Estrangeiros; Após a morte do M. de Angeja [1788] acumulou a Inspeção e Negócios da Marinha" (*Mercurio historico, politico e litterario de Lisboa*, vol. 6, Maio de 1795). Melo e Castro mantinha residência oficial na Ajuda, na Quinta do Meio (Palácio do Patio das Vacas), bem perto portanto dos estabelecimentos museológicos. Veja-se ainda Francisco de Borja Garção Stokler, *Elogio de Martinho de Mello e Castro*, 1805.

Joaquim Veloso de Miranda, Manuel Galvão da Silva, Alexandre Rodrigues Ferreira, João da Silva Feijó e Joaquim José da Silva, entre outros <sup>3</sup>.

Já foi vincado quanto terá influído na decisão governamental da organização da expedição científica ao Brasil a questão conflitual das demarcações dos limites na região amazónica, confinantes com os territórios de domínio espanhol <sup>4</sup>, mas tem sido praticamente ignorada a documentação (publicada em 1818 pelo periódico científico *Jornal de Coimbra*) que, porventura pela primeira vez, teoriza o carácter naturalista da Viagem junto dos círculos do novo poder político. Na verdade, em correspondência de Novembro de 1777 - trocada entre Domingos Vandelli e os influentes ministros Marquês de Angeja, Ministro Assistente ao Despacho e Presidente do Real Erário <sup>5</sup>, e o Visconde de Vila Nova da Cerveira, novo homem forte do governo mariano <sup>6</sup> - é possível surpreender a defesa, por parte do naturalista italiano, da vantajosa associação dos seus discípulos a uma empresa de cariz político-geográfico <sup>7</sup>,

---

<sup>3</sup> Em 1777 tinham concluído os seus cursos de Filosofia Natural, Manuel Galvão da Silva e Joaquim Veloso de Miranda. No ano seguinte graduaram-se Alexandre Rodrigues Ferreira e João da Silva Feijó e também, provavelmente, Joaquim José da Silva (Cfr. W. Simon, *ob.cit.*, 1983, pp. 13 e 79).

<sup>4</sup> Cfr. Ângela Domingues, *Viagens de exploração geográfica na Amazónia em finais do século XVIII: política, ciência e aventura*, 1991. A autora, referindo-se expressamente à questão das demarcações, considera que a expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira não cumpria apenas um programa científico pois "há que ter em conta que ocorreu na "área de tensão" que era a Amazónia, e que teve subjacentes interesses relacionados com a colonização, com a economia, com a geografia" (p. 9).

<sup>5</sup> Cfr. *Decreto de nomeação do Marquês de Angeja como Presidente do Erário Régio (14 de Março de 1777)*, BA (Biblioteca da Ajuda), 54-VI-14, 10 a.

<sup>6</sup> D. Tomás Xavier de Lima, 14º. Visconde de Vila Nova da Cerveira, Secretário de Estado do Reino e Mercês (1777-1788). A partir desta data (com a morte de Angeja), já com o título de 1º. Marquês de Ponte de Lima, passa a Secretário de Estado da Fazenda e Presidente do Real Erário (1788-1800).

<sup>7</sup> Em 1819, em texto que julgamos dever ser atribuído ao director do *Jornal de Coimbra*, José Feliciano de Castilho, (1770-1827) escreve-se: "O já nomeado Dr. Vandelli, sendo ainda Lente effectivo na Universidade, solicitou, e conseguiu de Sua Magestade Mandasse, com os Mathematicos encarregados da Demarcação, Naturalistas ao Brazil, e incumbisse os Ministros e Governadores de remetter para Portugal, de tudo em que reconhecessem ou suspeitassem utilidade" (*Instrucção para os viajantes e empregados nas colonias sôbre a maneira de colher, conservar, e remeter os objectos de historia natural arranjada pela administração do R. Museu de Historia Natural de Paris.(...) Augmentada, em notas, de muitas das instrucções aos correspondentes da Academia R. das Sciencias de Lisboa, impressas em 1781; e precedida de algumas reflexões sôbre a historia natural do Brazil, e estabelecimento*

mas necessariamente imbuída de forte componente técnica e científica no campo das *sciencias filosoficas*. "Tendo-me chegado a notícia que S. Magestade pertende empregar alguns dos novos Mathematicos na Expedição que se deve fazer para o Brasil. A fim de se estabelecerem as Demarcações, me veio logo ao pensamento a grande utilidade, que se seguiria ao Estado e á Nação, se se mandarem tambem alguns Naturalistas de Profissão. Esta utilidade a tem sentido as mais Nações, mandando n'estas e outras occasiões, em companhia de Mathematicos, Naturalistas inteligentes. Assim o tem praticado a Czarina de Moscovia, os Francezes, Inglezes, e Dinamarquezes, que sabem tirar das Sciencias Naturaes todo o proveito que são capazes de produzir"<sup>8</sup>.

O passo seguinte da argumentação do professor de História Natural é o de demonstrar aos decisores políticos que a estrutura curricular do curso de Matemática não conferia aos seus graduados as competências necessárias ao cumprimento das tarefas naturalistas, já que tinham aprendido superficialmente algumas daquelas matérias como alunos *obrigados*, não tendo sequer frequentado as aulas de Química, conhecimentos considerados indispensáveis neste tipo de empresa. Está também aqui subentendida, cremos, a questão do acesso directo dos matemáticos às carreiras militar e de engenharia - privilégio assegurado pelos *Estatutos*<sup>9</sup> - o que lhes conferia um invejável estatuto de prestígio, social e remuneratório, bem como a natural liderança em projectos onde se privilegiasse, caso das missões coloniais, a confluência entre

---

*do museu e jardim botânico em a Côte do Rio de Janeiro*, p. XXIII). Sobre o papel da Geografia nas viagens do séc. XVIII, veja-se Numa Broca, *Voyages et géographie au XVIIIe siècle*, 1969; e Horacio Capel, *El público y la circulación de obras de Geografía en la España del siglo XVIII*, 1990.

<sup>8</sup> *Jornal de Coimbra*, 1818, vol. XIII, Parte I, pp. 47-50. O periódico reproduz também parte da resposta de Angeja. As duas cartas de Vandelli, escritas no mesmo dia, expressam ideias semelhantes, embora de forma diferente. Por isso, os extractos citados são retirados indistintamente de ambas.

<sup>9</sup> "Todos os (...) Estudantes que, tendo feito o Curso Matemático da Universidade, e conseguido pelos Exames abaixo declarados as Cartas de Aprovação quiserem entrar no meu serviço, serão admitidos a servir na Marinha, sem proceder outro algum Exame; e na Engenharia(...)" (*Estatutos da Universidade de Coimbra*, Livro III, Part. II, Tit. I, Cap. II, pp. 148-149). Concediam-se também privilégios especiais aos que seguissem a carreira académica, desde a concessão do Hábito de qualquer das Ordens Militares e da preferência nos lugares do Almojarifado, até à equivalência de serviço em campanha aos fidalgos da Casa Real.

treino militar e saber técnico aplicado <sup>10</sup>. Era justamente este ascendente que Vandelli tentava contrariar, defendendo antes uma complementaridade de saberes e de funções: "(...) os Mathematicos podem sim pelo maior ou menor número de léguas relatar a vantagem da Demarcação para Portugal, porém só o Naturalista é que pôde avaliar exactamente o preço intrinseco dos terrenos que nos couberem, por um mappa circunstanciado das suas producções. (...) Pela associação d'alguns Filósofos Naturalistas e d'um Desenhador, os quae tendo n' éstas Sciencias feito um curso theorico, e práctico sem se distrahirem com outras applicações (...). É preciso fazer ensaios nas terras por meio dos processos chimicos totalmente ignorados pelos Mathematicos, pois não basta que aos olhos se offereça um terreno rico na apparencia, é preciso averiguar pela Docimastica se os lucros excederão as despezas, e até que ponto, o que só podem fazer os Filósofos Naturalistas exercitados n' éstas miudas observações; não fallando já nos terrenos proprios para adiantar a Agricultura, a qual só um Chimico pela análise das terras pôde promover, e d'este modo acrescentar as povoações, pelas novas applicações de Paizes incultos" <sup>11</sup>.

Domingos Vandelli, invocando a experiência pessoal adquirida nas viagens filosóficas italianas e o programa pedagógico de envolvimento dos seus alunos no reconhecimento dos recursos naturais do Reino, declarava-se

---

<sup>10</sup> No Curso de Matemática ensinava-se: História das Ciências Matemáticas, Aritmética, Geometria Elementar, Estereotomia e Trigonometria, Cálculo Literal, Análise, Progressões, Secções Cônicas, Álgebra Infinitesimal, Cálculo Diferencial e Integral, Foronomia (Movimento dos Sólidos e Fluídos), Astronomia, Astrologia e Geografia. Simultaneamente, durante a frequência dos 1.º e 2.º anos, teriam aulas na Faculdade de Filosofia, respectivamente em História Natural e Física Experimental. Em complemento dos estudos aconselhavam-se os estudantes a frequentarem um curso de Desenho e outro de Architectura Civil e Militar, com riscos de cartas geográficas e topográficas (Cfr. *Estatutos...*, Livro III, Part. II, Tit. III, Caps. II e III, pp. 162-168; Luís de Albuquerque, *O ensino da Matemática na reforma pombalina*, pp. 4-6; e Rómulo de Carvalho, *As ciências exactas no tempo de Pombal*, p. 226).

<sup>11</sup> *Jornal de Coimbra*, 1818, vol. XIII, Parte I, pp. 47-50. Noutro passo, era ainda mais explícito sobre as limitações académicas dos matemáticos nestas matérias: "Espero que seja agradável a V. Ex<sup>a</sup> ésta minha proposta, e que do que tenho dito se persuada que para desempenhar este projecto não basta que os Mathematicos enviados tenham uma superficial notícia da Historia Natural que eu lhes ensinei, e á qual não poderão entregar-se pela incompatibilidade dos estudos abstractos a que inteiramente devião entregar-se, além da falta dos conhecimentos chimicos que não frequentarão, por lhes não serem pelos Estatutos ordenados. D'este modo em quanto estes se occupão na medição, e Mappas Geograficos, os Filósofos examinando, analysando, trabalharão nos outros Mappas Historico-Naturaes, e Mineralogicos".

apto a dirigir a profissionalização de uma equipa de viajantes-naturalistas ("sujeitos que a estas materias se tenham applicado de proposito, e por profissão") capaz de colaborar utilmente no âmbito de um trabalho pluridisciplinar mais vasto. A elaboração de *Instruções de viagem* é uma ideia aqui claramente expressa, abrindo caminho a um verdadeiro género de literatura científica (de que Vandelli foi precursor entre nós), cuja genealogia remontava às *Instruções* linneanas da década de cinquenta <sup>12</sup>: "Desejava eu não estar tão cansado, nem tão debilitado na minha saude, para podêr ir descobrir ao novo mundo as immensas riquezas que ignorâmos, e que são invejadas pelos estrangeiros. Porém ésta minha impossibilidade pôde ser suprida por alguns dos meus discipulos, que cursando há seis annos a faculdade, podem ser utilmente empregados n'esta nova expedição tão gloriosa para Portugal (...) ajudados das instrucções particulares que para este fim lhes poderei fornecer. Eu tenho trabalhado nos meus cursos, para produzir homens que possam ser aptos para semelhantes emprezas (...) proporei os sujeitos que me parecem capazes, e cuidarei em instrui-los como experimentado em viagens, pondo por escrito todo o plano pelo qual semelhante expedição se deve guiar, concorrendo tambem para tudo isto toda a minha Faculdade. Então se conhecerá a verdadeira prática das Sciencias Filosoficas entregando-lhe este novo campo para as descubertas. As Instrucções públicas que a Faculdade proporá aos seus alunos (...) farão vêr a toda a Nação as grandes vistas, e os uteis projectos de que são incumbidos, e principiarão uma feliz época para as Sciencias Naturaes" <sup>13</sup>.

Na perspectiva que temos vindo a buscar para a nossa narrativa - a caracterização, em concretas conjunturas históricas, de um pensamento museológico inscrito no movimento das ideias e na prática de projectos - esta correspondência de finais de 1777 parece assinalar a génese intelectual de um novo quadro de referência para a instituição *museu de história natural*. De facto, na arquitectura da viagem aqui doutrinada por Vandelli e aceite pelos

---

<sup>12</sup> Cfr. Lorelai Kury, *Les instructions de voyage dans les expéditions scientifiques françaises (1750-1830)*, 1998.

<sup>13</sup> *Jornal de Coimbra*, 1818, vol. XIII, Parte I, pp. 47-50.

seus interlocutores <sup>14</sup>, o *museu* ocupará um lugar central, legitimando e consolidando os laços entre viagem, ciência e administração. É esse o exaltante destino que o *conselheiro do Príncipe* profetiza para o embrionário Real Museu de História Natural da Ajuda: "Se V. Ex.<sup>a</sup> executar este meu desejo, teremos um Gabinete o mais rico e o mais precioso, e que será invejado pelos estranhos. (...) Eu excederia os limites, se entrasse na relação das infinitas utilidades que d'aqui se poderão seguir" <sup>15</sup>.

A ideia agregadora do projecto de expedição científico-militar fora a urgência em selar um acordo fronteiriço entre as potências coloniais peninsulares <sup>16</sup>, mas alargar-se-á rapidamente ao domínio da inventariação de recursos naturais pela mão do Ministro Martinho de Melo e Castro, com quem Vandelli passará a tratar dos preparativos das grandes viagens filosóficas, americana, africanas e asiática <sup>17</sup>. Doravante, será pelo complexo científico da

<sup>14</sup> O Marquês de Angeja responde, a 3 de Dezembro, ao naturalista: "Acuso a recepção da Carta de Vm. de 3 de Novembro (...) O meu collega o Sr. Visconde de Vila Nova da Cerveira está encarregado d'este negocio; e como eu desejo tanto como elle o progresso das Sciencias, farei quanto em mim estiver para o sucesso d'elle. Conhecendo que sendo a Filosofia a porta por onde se entra para as Sciencias, ou a base em que se firmão, não podem estas cultivarem-se solidamente, sem que aquella Faculdade se promova (...)" (*Jornal de Coimbra*, 1818, vol. XIII, Parte I, p. 50).

<sup>15</sup> *Jornal de Coimbra*, 1818, vol. XIII, Parte I, pp. 47-50.

<sup>16</sup> Comenta a este respeito Ângela Domingues que "(...) no entanto o que se verifica é que os esforços envidados pelos exploradores ao longo de duas décadas se revelaram frustrados. Nenhuma aplicação imediata parece ter resultado das demarcações (...) porque o tratado de Santo Idelfonso, cuja validade dependia de um acordo definitivo a celebrar posteriormente foi anulado" (*Viagens de exploração geográfica na Amazônia em finais do século XVIII: política, ciência e aventura*, 1991, p. 89).

<sup>17</sup> "Tenho feito todas as diligencias p.<sup>a</sup> completar o plano da expedição dos Naturalistas, e remettella a V. Ex.<sup>a</sup> neste correio, porem o continuo trabalho da Universid.e não me tem dado lugar a acabalo, e somente agora presento a V. Ex.<sup>a</sup> o rol dos instrumentos, e outras cousas necessarias as viagens dos naturalistas p.<sup>a</sup> executar as instruçoens q. tiverão, e assim formar com a maior diligencia possivel huma exacta Historia Natural de tão vasto Continente; e porque esta seja de maior utilidade, me pareceria conveniente, que alem daquelles Naturalistas, q. devem acompanhar os Mathematicos, ficasse Júlio [Mattiazzi] em companhia de hum Nat.<sup>a</sup> no Rio Janeiro de donde poderião examinar huma grão parte da costa internandose athe 40, ou 50 legoas, e deste modo se se descobrissem cousas uties, maes facil seria o transporte, e maior quantidade de produçoens Naturaes se poderião obter, o q. tão facilmente não se pode esperar de os interiores sertoes, donde o naturalista não se pode carregar de muitas produçoens da Natureza. (...) Os Naturalistas de q. tive a honra de escrever a V. Ex.<sup>a</sup> estão prontos p.<sup>a</sup> a q. respeita as instruçoens, o q. falta seria o exercicio de huma viagem, na qual eu os podesse acômpanhar; mas eu athe a



Ajuda (Museu, Jardim Botânico, Laboratório Químico, Casa do Risco, e Livraria) que passará, não só o estágio profissionalizante dos viajantes-naturalistas, como também todas as operações decorrentes da construção ideal do "Grande Museo, que sirva de deposito, e archivo para estas Riquezas dos seus Estados" <sup>18</sup>.

## 2. *Curso Filosófico e Conflito de Faculdades*

O programa de formação pedagógico-científica do *Curso Filosófico* - frequentado em Coimbra pelos naturalistas que, entre 1778 e 1783, se profissionalizam na Ajuda - contemplava uma componente de trabalho de campo, orientado para a observação e descrição da Natureza: "E como as especulações tranquilas do Gabinete, e os conhecimentos adquiridos pelos Livros, não podem formar hum Naturalista completo; terá o Lente grande cuidado, e atenção em formar os seus discipulos no gosto, e Arte de observar; para se fazerem verdadeiramente habéis na Historia do Mundo sensível pelo grande Livro da mesma Natureza" <sup>19</sup>.

Que esta inovadora opção metodológica não terá ficado remetida à letra morta da determinação estatutária, encontra-se amplamente documentado em aspectos da vida universitária relacionados com as "viagens filosóficas que se devem fazer dentro da Patria": decisões da Congregação da Faculdade; pagamento de ajudas de custo; transporte dos materiais coligidos para o

---

fim de Julho não posso estar livre das ocupaçoens da Universid.e (...)" (*Carta de D. Vandelli para Martinho de Melo e Castro (22 de Junho de 1778)*, AHU, Reino, Maço 2722. Esta carta tem como anexo o *Rol dos Instrumentos, Drogas, e mais utensilios pertencentes a Historia Natural, Physica, e Chimica q. são indispensaveis a hum Naturalista q. viaja*, incluindo uma lista de *Livros e Cartas Geograficas do Paiz*. Carta e anexo foram transcritos por Lúcia Cruz, *Domingos Vandelli. Alguns aspectos da sua actividade em Coimbra*, 1976, pp. 67-71.

<sup>18</sup> José António de Sá, *Dissertações philosophico-políticas sobre o trato das sedas na Comarca de Moncorvo*, 1787, "Dedicatória". O autor, amigo de Vandelli, já tinha definido, em 1783, a função dos museus de história natural como de "archivo das riquezas, e thesouros, que o Omnipotente espalhou nos seus paizes" (*Compendio de observaçoens, que fómaõ o plano da Viagem Política, e Filosofica, que deve fazer dentro da Patria*, p. 163).

Museu; referências encomiásticas, em correspondência oficial, à sua utilidade; trabalhos académicos sobre os métodos da viagem; ensaios sobre os recursos naturais observados (sendo alguns publicados ou lidos como *Memórias* pela recém criada Academia das Ciências)<sup>20</sup>.

Apesar de já serem praticadas desde o início da reforma - como se viu no período anterior - o patrocínio da estrutura académica à prática pedagógica das viagens apenas em 1779 ficaria consignado em Congregação da Faculdade de Filosofia: "Assentou-se ser necessario que assim os doutores como os estudantes se exercitassem na pratica das viagens e que o Senhor Doutor Vandelli e o Senhor Dallabella formassem hum plano pelo qual se devessem regular nas mesmas viagens relativo à Historia Natural, à Chimica e à Fizica Experimental que destas viagens sendo ellas concluidas virão dar conta na Congregação da Faculdade trazendo por escrito toda a serie da viagem e apresentando os produtos que houvessem recolhido, e que estas viagens no dia principal [princiariassem] logo neste anno (....). E por ser necessario haver notas das duas selbres serras da Estrella e do Geres, assentou-se que a ellas se derigissem os naturalistas a fazerem as observações que lhes forem indicadas no plano, e que para as despezas de tudo se concorresse dos dinheiros dos sobejos destinados para os partidos filozoficos"<sup>21</sup>.

Deste modo, os mestres italianos - verdadeiros mentores dos novos métodos de aprendizagem - responsabilizavam-se pelo plano das viagens, enquanto a Faculdade assegurava os custos com verbas destinadas a premiar os melhores alunos<sup>22</sup>. Os produtos recolhidos, destinados ao Museu, seriam

---

<sup>19</sup> *Estatutos da Universidade de Coimbra do anno de 1772*, Livro III, Tit. III, Cap. II, p. 358.

<sup>20</sup> Cfr. *Memórias económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da indústria em Portugal, e suas conquistas (1789-1815)*, 5 vols., 1990-1991; e *Memórias económicas inéditas (1780-1808)*, 1987.

<sup>21</sup> *Actas da Congregação da Faculdade de Filosofia (1772-1820)*, 2 de Junho de 1779, p. 16.

<sup>22</sup> "Diz Joze Alvares Maciel. Que foi expedido e mandado pela Congregação de Filozofia a recolher todas as produçoens naturaes da Serra da Estrella p.<sup>a</sup> o Muzeu, e Jardim Botanico desta Universidade e porque p.<sup>a</sup> continuar na jornada e Viagem se lhe faz preciso quarenta mil reis" (*Representação de José Álvares Maciel pedindo ajudas de custo para prosseguir a viagem philosophica à Serra da Estrella (Agosto de 1784)*, AUC, Museu de História Natural, sécs. XVIII-XIX). Traz anexo o parecer favorável de

apresentados previamente em Congregação, acompanhados dos respectivos diários de viagem, cumprindo assim um dos objectivos centrais da iniciativa - o enriquecimento das colecções universitárias<sup>23</sup>. Os discípulos e a nova geração de doutores treinariam as competências *philosophicas* (práticas e teóricas), podendo até alguns aspirar à aceitação de *Memorias* pela Academia, fluxo que o sócio fundador Vandelli diligentemente alimentava, ao mesmo tempo que apadrinhava a eleição dos mais aptos como sócios correspondentes<sup>24</sup>.

A qualidade e o dinamismo que estes professores imprimiam ao seu magistério (não envolvendo, para já, juízos valorativos sobre a originalidade da

---

D. Vandelli. Em Congregação da Faculdade, reunida em 27 de Julho desse mesmo ano, tinha-lhe sido atribuído um Partido de 50 mil réis (Cfr. *Actas das Congregações da Faculdade de Filosofia (1772-1820)*, 1978); "Da Serra d'Estrella espero m.tas plantas, e mineraes" (*Carta de D. Vandelli ao Abade Correia da Serra (13 de Setembro de 1784)*, apud Cristóvão Aires, *ob. cit.*, 1927, p. 224).

<sup>23</sup> "Diz Manoel Dias Bap.ta B.ell Formado nas Faculd.es de Filosofia, e Medicina que elle por direcção do Lente de Historia Natural fez huma collecção dos Produtos que achou ao redor desta Cidade até á distancia de huma legoa em circuito, os quaes entregou ao Muzeu desta Universidade com os nomes dos sitios onde se achao, por isso P. a V. Sria R.ma se digne conceder licença p.<sup>a</sup> q. o Lente de Historia N.al lhe passe isto m.<sup>o</sup> por certidaõ afim de que em Junta se lhe conceda p.<sup>a</sup> ajuda do custo, o premio que se lhe arbitrar" (*Representação de Manuel Dias Baptista (1783)*, AUC, Museu de História Natural. Sécs. XVIII-XIX). Traz anexo o Parecer assinado por Vandelli e que é do seguinte teor: "He verdade o que o Sup.te allega, e como por semelhante collecção de produções naturaes, se deraõ a outros trinta mil Reis, o Sup.te he merecedor da mesma quantia como ajuda de custo tendo accrescentado com a sua collecção abundante de minas de ferro, cobre etc. a este Museo. Coimbra, 1 de Agosto de 1783. Domingos Vandelli".

<sup>24</sup> Veja-se na correspondência de Vandelli com o Visconde de Barbacena e com o Abade Correia da Serra as inúmeras referências ao apadrinhar de novos sócios correspondentes e ao envio de Memórias escritas pelos seus alunos e destinadas a serem lidas ou publicadas pela Academia, de que é exemplo a carta de 22 de Janeiro de 1782: "Brevemente remeterei a V. Ex.<sup>a</sup> uma Memoria sobre a cultura das abelhas do bacharel Manuel Dias Baptista, o qual está também aperfeiçoando a outra da descrição de uma parte da comarca de Coimbra para concorrer ao prémio" (apud Cristóvão Aires, *Para a história da Academia das Ciências de Lisboa*, 1927, pp. 46-94; 482-542). Ganharia, de facto, o prémio da Academia no ano seguinte com a *Descrição Fysica e Economica d'huma parte da Comarca de Coimbra, com varias observações sobre o estado da Povoação, da Agricultura, das Artes Mecanicas, da Industria e do Commercio* (Cfr. *Gazeta de Lisboa*, 2 de Agosto de 1783, 2º Suplemento; e *Memórias económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da indústria em Portugal, e suas conquistas (1789-1815)*, t. I, 1990, pp. 195-224). Desta obra diz Carlos Almaça que "é o primeiro trabalho português em que se aplica a nomenclatura lineana às espécies animais" (*A zoologia e a antropologia na escola politécnica e na faculdade de ciências da universidade de Lisboa (até 1983)*, 1987, p. 294).

obra científica produzida)<sup>25</sup> está bem patente na empatia com a matéria naturalística revelada por alunos provenientes também das Faculdades Positivas<sup>26</sup>: "(...) terá a honra Joaq.m Fragoso de Sequeira B.el em Leys, e q. foi meu Discipulo presentar a V. Ex.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> o Museo huma colleção de minas, pedras e cristaes, q. recolheo na sua viagem do Alentejo; esperando eu brev.te de remetter-lhe a da Serra da Estrella. Este sogeito tem bastante estudo na H.<sup>a</sup> Natural, e paixão, e seria capaz de maiores descubertas tendo os meios necessarios"<sup>27</sup>.

---

<sup>25</sup> "Durante os quase 20 anos que permaneceu em Coimbra (1772-1791), Vandelli distinguiu-se sobretudo pela qualidade e pela inovação do seu magistério universitário, através do qual consolidou o seu prestígio no seio da elite culta portuguesa e estabeleceu laços de influência sobre parte das novas gerações saídas da Universidade reformada. Data também deste período a maior parte dos seus escritos impressos em Portugal" (J. Vicente Serrão, *ob. cit.*, 1994, p. XLV). "Confiando então nas lições aprendidas dos Filósofos que iluminaram a arte mineralógica, e de entre elles as de meu mestre o Doutor Domingos Vandelli, principiei a explorar o poço; as direcções dos veios, sua profundidade & e vim a conhecer logo no primeiro exame, que se desconhecia ainda o veio principal" (*Jornal Encyclopedico*, Outubro 1789, p. 17); "O Doutor Vandelli honra da sua Patria, e gloria da nossa Academia foi igualmente destinado pelos Reformadores da Universidade para analysar as Agoas Mineraes deste Continente. (...) munido com as douctrinas, e luzes de meu Mestre o Doutor Vandelli, tendo só em vista o zelo da utilidade pública, determinei na brevidade do tempo, que permite o curso Chymico, applicar os conhecimentos, que tenho adquirido nesta Sciencia á analyse das Agoas Mineraes nas circumvisinhas desta Cidade" (D. Francisco de Almeida Beja e Noronha, *Analyze das agoas hepithizadas marciaes do lugar de Falla*, 1789, pp. XI, XVI, XVII).

<sup>26</sup> "Distinguirão-se muitos estudantes, que supposto seguissem o objecto das outras sciencias, amavaõ com tudo as intimas rellaçoens desta; taes foraõ o Excellentissimo Visconde de Barbacena, que descobriu muitos marmores nobres, e varias minas de ferro nos contornos de Coimbra; Manoel Joaquim de Paiva, que pelas suas incansaveis applicaçoes foi creado mestre do Laboratorio Chimico; Estacio Gularte; O Doutor Joaquim Velozo; e o Doutor Alexandre Ferreira, e os companheiros das expediçoens Filozoficas, Jozé da Silva Lisboa substituto das cadeiras de Grego e Hebraico pela Universidade, e hoje Professor Regio das de Filozofia e Grego na Cidade da Bahia, sua Patria; Manoel Luis Alvares de Carvalho; o doutor Jozé Antonio de Sá; Joaõ Francisco de Oliveira; Jozé Bento Lopes; Antonio Ramos da Silva Nogueira; o doutor Joaquim Jozé Ferreira; o Doutor Joaquim de Amorim e Castro, e varios outros" (Baltazar da Silva Lisboa, *Discurso historico, politico, e economico dos progressos, e estado actual da Filozofia Natural Portuguesa, acompanhado de algumas reflexoes sobre o estado do Brazil*, 1786, pp. 10-15).

<sup>27</sup> *Carta de Domingos Vandelli (22 de Novembro de 1782)*, AHU, Reino, transcrita pela Biblioteca do Departamento de Botânica da FCT da U. de Coimbra. O interlocutor de Vandelli é provavelmente o Ministro Martinho de Melo e Castro e o Museu é o da Ajuda.

O incentivo de Vandelli à prossecução de vocações *philosophicas* passava pelo apoio docente à *graduação* <sup>28</sup> e mesmo pela animação de tertúlias científicas na sua própria residência, tão ao gosto setecentista, chegando a idear uma Sociedade Económica em Coimbra : "Em minha casa em um dia de cada semana se farão algumas conferências sobre algumas experiências, ou observações que se devem fazer, e viagens, e para tambem dispor em outras partes Sociedades; nestas conferencias somente virão os dos meus discipulos nos quais acho talento, genio, e amor patriotico. Dos resultados destas conferências com o tempo darei parte a V. Ex<sup>a</sup>." <sup>29</sup>.

Nesta referência ao envolvimento afectivo e intelectual dos alunos com as matérias dos *cursos naturaes* há que ponderar, contudo, que eles constituíam no contexto universitário uma pequena minoria. Apesar das aulas de Historia Natural e de Chimica serem frequentadas por muitos estudantes *obrigados* de outras faculdades, os que verdadeiramente se destinavam a prosseguir estudos naturalísticos (os *ordinários*) constituíam uma percentagem ínfima, o que levava Vandelli a calcular que: "Nell'Istoria Naturale ho 40 scolari, però a dieci non arriveranno i buoni; nella Chimica sono nove" <sup>30</sup>; e, mais tarde,

---

<sup>28</sup> Os *Estatutos* previam a *Graduação* dos bacharéis, a qual consistia na frequência de mais um ano, o 5º, onde repetiriam as matérias dos dois últimos anos. No final faziam os Actos Grandes, ou seja, o exame de licenciatura que dava acesso ao título consagratório de Doutor (Livro III, Tit. II, Cap. I, pp. 334-335). "Vandelli, porém, não preparou somente bacharéis em Filosofia e ministrou conhecimentos aos alunos que pretendiam seguir o curso de Medicina. Poderemos dizer que ele iniciou na Universidade os cursos de pós-graduação, que infelizmente não foram continuados, porquanto a esse professor se deve a preparação dos candidatos a Doutores escolhidos para chefiar as chamadas Missões Filosoficas que foram enviadas às Colónias com o objectivo de aí fazerem explorações nos domínios dos três reinos da Natureza" (Abílio Fernandes, *História do ensino da Botânica em Portugal*, 1980, pp. 211-212).

<sup>29</sup> *Carta de D. Vandelli para o Visconde de Barbacena (22 de Outubro de 1781)*, apud Cristóvão Aires, *ob. cit.*, 1927. A primeira sessão desta Sociedade teve lugar no mês de Dezembro de 1780 e foi noticiada com bastante pormenor na *Gazeta de Lisboa* de 21 de Abril de 1781, concluindo deste modo: "He de admirar que huns sujeitos carregados com o trabalho da Universidade se privem dos recreios, furtem o tempo ao somno, e cheguem a empregar os mesmos dias, que justamente são dados para refeição do corpo, em tão continuas applicações, chegando a contribuir com as proprias mezadas para as despesas da Sociedade".

<sup>30</sup> *Carta de D. Vandelli para o Abade Correia da Serra (28 de Janeiro de 1782)*, apud Cristóvão Aires, *ob. cit.*, 1927, p. 200.

precisará que: "Entre seiscentos, ou mais estudantes da Universidade trinta até quarenta cada ano frequentam as aulas destas ciências com pouco, ou nenhum proveito por serem obrigados como simples preparatório do curso médico. Dos ordinários muito poucos continuam os estudos da Faculdade com aproveitamento"<sup>31</sup>.

Acentuar o fraco peso dos naturalistas no universo dos graduados por Coimbra (diríamos hoje: da *massa crítica*) não é questão menor já que, ao contrário da situação generalizada nos jardins botânicos europeus, nunca se exerceria a docência nos estabelecimentos da Ajuda. A ter-se verificado, como foi repetidas vezes proposto<sup>32</sup>, teria possibilitado uma maior 'democratização' da cultura naturalista e - com o alargamento do número de 'naturalistas' com formação académica - o aumento da pressão corporativa sobre os decisores políticos, tal como resultou do ensino das ciências exactas nas academias militares lisboetas e na de Comércio portuense<sup>33</sup>.

O reduzidíssimo número de formados em 'Philosophia Natural'<sup>34</sup> ilustra bem a formulação kantiana do *Conflito de Faculdades* como explicação para o

---

<sup>31</sup> Domingos Vandelli, *Memoria sobre a Faculdade Filosofica da Universidade de Coimbra*, s/d, ANTT, Ministério do Reino, Maço 519, Cx. 646, "Universidade de Coimbra. Negócios diversos". Existe cópia na Biblioteca da Ajuda, ms. 54-V-14-10; foi transcrita por J. Vicente Serrão, *ob. cit.*, 1994, pp. 101-106.

<sup>32</sup> Vide *infra* Cap. VI. D. Vandelli, *Memoria sobre a Faculdade Filosofica...* . W. J. Simon, *ob. cit.*, 1983, p. 17, baseado em documento consultado no AHU, informa que: "In 1782 Vandelli requested permission to give a course in Natural History and another in chemistry at the Ajuda Palace Gardens in order to 'make useful to Society the Products of Nature'. Most likely these courses were given for amateurs, and it is possible that the naturalists assisted as Ferreira had been Vandelli's unpaid 'demonstrador' while still a student at the University of Coimbra". Contudo, não encontramos qualquer prova documental da sua efectiva realização.

<sup>33</sup> Com a criação das Academia Real de Marinha (1779), Academia Real dos Guardas-Marinhas (1782), Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho (1790) e Academia de Marinha e Comércio do Porto (1803) operou-se uma dupla descentração, geográfica e pedagógica, em relação à Universidade de Coimbra. A elevada frequência estudantil, de prevalência militar, democratizou o acesso à cultura matemática na sua dimensão operativa - arquitectura militar, engenharia naval e civil, pilotagem, cartografia, estatística, geodesia e meteorologia (Cfr. João Carlos Brigola, *Ciência e Política...*, 1990, pp. 111-113).

<sup>34</sup> Apesar de não termos contabilizado, com rigor, o número de formados pela Faculdade de Filosofia, da consulta que efectuámos no AUC aos *Livros de matricula* resulta que o número de inscitos é manifestamente inferior ao de qualquer outra faculdade. Podemos tomar como referência o seguinte dado: no período compreendido entre os anos lectivos de 1775/76 e 1819/20 (45 anos) a Faculdade de

domínio da mentalidade 'juridista', visível no esmagador número de estudantes que as *Leis* continuavam a atrair e nos cargos que profissionalmente lhes eram destinados. No afrontamento mental que na Universidade coimbrã opôs (de forma já amplamente documentada e analisada) os representantes dos tradicionais saberes *positivos* (Leis, Cânones e Teologia) e as faculdades científicas estavam em causa, afinal, concepções culturais, estratégias de desenvolvimento e estatutos de prestígio diferentes<sup>35</sup>.

Esta característica sócio-cultural da população universitária seria frequentemente equacionada no ideário vandelliano, plasmando tantos dos seus textos na convicção de que as resistências aos novos saberes científicos de inspiração iluminista (e aos seus intérpretes) se traduziriam, afinal, em obstáculos a uma estratégia de desenvolvimento para o país: "No espaço de dezoito anos, que eu regi as duas cadeiras de História Natural, e de Química tive discípulos de grandes talentos; mas muito poucos continuaram por gosto estes estudos. Como se pode em uma nação conservar, e aumentar a sua riqueza sem pessoas que conheçam e descubram as suas produções naturais, e que saibam por princípios promover a agricultura, as artes, e o comércio? (...) a falta que houve de pessoas hábeis nestes estudos fez entregar à inspecção das províncias, as intendências da agricultura, do ouro, dos diamantes, das casas de moeda, das fábricas, dos caminhos, dos rios, dos portos, das pescarias, a pessoas, que ordinariamente não têm outra instrução que a do Direito, às quais os tribunais costumam pedir informações de

---

Matemática formou apenas 162 bacharéis, o que dá uma média de 4 por ano (Cfr. J. C. Brigola, *ob. cit.*, 1990, p. 113 e Anexo III).

<sup>35</sup> Na obra de E. Kant, *Der Streit der Facultaten (1798)*, a ideia de Universidade apontava para um espaço de liberdade, de investigação e de debate científico, que a organização prussiana em Faculdades superiores (Teologia, Direito e Medicina) e em Faculdade inferior (Filosofia) obstaculizava. "La classe des facultés supérieures (en quelque sorte la droit du parlement de la science) défend les statuts du gouvernement; cependant, il doit y avoir aussi dans une constitution libre, comme doit l'être celle où il s'agit de la vérité, un parti d'opposition (la gauche), le banc de la Faculté de philosophie, car sans l'examen et les objections sévères de celle-ci, le gouvernement ne serait pas renseigné suffisamment sur ce qui peut lui être utile ou nuisible" (*Le conflit des Facultés*, p. 37). Alguns autores têm utilizado os desenvolvimentos teóricos desta obra em estudos sobre as universidades, casos de Mariano e José Luis Peset, *La universidad española (siglos XVIII y XIX)*, 1974, pp. 21-36; e Luís Reis Torgal, *Universidade, política, ciência e conflito de faculdades nos primórdios do Liberalismo em Portugal*, 1986, *apud* J. C. Brigola, *ob. cit.*, 1990, p. 174.

agricultura, de hidrostática, de minas, fábricas etc., o que redundava muitas vezes por falta dos necessários conhecimentos em grave prejuízo da Real Fazenda, ou do público" <sup>36</sup>.

Da fraqueza institucional do *Curso Filosófico* resultaria um facto decisivo para a compreensão das fragilidades estruturais do universo de musealização e de investigação em *sciencias naturaes* no Portugal setecentista - a voga do coleccionismo amador entre as elites, o interesse social generalizado pelo estudo da Natureza (de que é exemplo o abundante memorialismo naturalista da Academia <sup>37</sup>) e a aceitação da sua utilidade económica pelos governantes não obteve proporcional expressão nas carreiras profissionais e na ocupação de cargos na Administração para os quais os naturalistas estariam disciplinarmente vocacionados <sup>38</sup>.

<sup>36</sup> Domingos Vandelli, *Memoria sobre a Faculdade Filosofica* ... Tem-se atribuído a este manuscrito uma data posterior a 1791, ano em que se jubilou, pelo que a *Memoria* teria uma função de balanço crítico e de testamento sobre a política académica. No entanto, em carta do Visconde de Barbacena a Vandelli, escrita em 1788 (Cristóvão Aires, *ob. cit.*, p. 93) faz-se já eco deste texto ou, possivelmente, de uma outra versão: "Acabada a Assembleia tive ocasião de falar com o Snr. Visconde de Villa-Nova [da Cerveira] sobre o estado da Faculdade Filozofica, e sobre a Memoria que V. Ex.<sup>a</sup> apresentou a cerca d'ella, e me conformei no que tinha dito muitas vezes a V. Ex.<sup>a</sup>, de que elle conhece muito bem a utilidade d'essa, e quanto há mister de ser promovida, e me parece que não deixará nunca das sua parte de pôr todos os meios, que julgar conducentes para isso". Por aqui se confirma também que o memorialismo vandelliano era atentamente seguido nos meios governamentais. Outro texto elaborado pelo naturalista Baltazar da Silva Lisboa (*ob. cit.*, 1786, pp. 10-15), discípulo de Vandelli, comunga desta perspectiva crítica do *conflito de faculdades*.

<sup>37</sup> "(...) os memorialistas da Academia são possuidores de conhecimentos empíricos e teóricos no campo das ciências naturais, conhecimentos esses que, ao serem aplicados, deixam transparecer preocupações de índole inequivocamente económica" (José Luís Cardoso, *Memórias económicas inéditas*, 1987, p. 16). Outro dado significativo, lido à luz do conceito kantiano, é o que o mesmo autor revela a propósito das habilitações académicas destes memorialistas: "(...) entre os 33 autores (...) 70% são possuidores de formação académica universitária (...). A distribuição dos bacharéis e formados pelos diferentes cursos é (...) Cânones e Leis, 11 autores, 47,8%; Filosofia, 4 autores, 17,4%; Medicina, 4 autores, 17,4%; Não especificados, 4 autores, 17,4%" (*Memórias económicas da Academia...*, 1990, t. I, pp. XXIII-XXIV).

<sup>38</sup> Vai também neste sentido a avaliação produzida por H. Coutinho Gouveia: "Relativamente a este despontar da museologia portuguesa nos finais de setecentos, será ainda de sublinhar que os escassos meios que foram então disponibilizados, em particular no domínio dos recursos humanos, limitariam muito acentuadamente os resultados alcançados. Tais condicionantes tornam-se evidentes numa perspectiva de abordagem incidindo na organização e funcionamento dos museus, podendo confirmar-se igualmente caso se considerem as condições em que viria a ser concretizado o programa de exploração científica dos territórios ultramarinos, que



### ***Museu, viagem e história natural na literatura museológica***

3. Não saberemos rebater a opinião dos que, alicerçados nos conteúdos disciplinares da *Viagem Filosófica* (1783-1792) de Alexandre Rodrigues Ferreira<sup>39</sup>, vêm apontando desde o séc. XIX a insuficiência da preparação científica proporcionada pela Universidade como explicação para a pretendida debilidade teórica dos viajantes-naturalistas de setecentos<sup>40</sup>. O enfoque que procuramos introduzir na já caudalosa bibliografia dedicada às expedições científicas é, antes, o de visitar algumas das referências intelectuais dominantes no ensino-aprendizagem da História Natural, nomeadamente as relativas às práticas de "observação directa dos três reinos" e ao trabalho

---

constituiria um objectivo fundamental no contexto museológico de então" (*Museologia e etnologia em Portugal. Instituições e personalidades*, 1997, 1º vol. p. 35). As autoridades liberais tiveram consciência desta fraqueza e alguns tentaram, sem sucesso, alterar o quadro de ensino através da criação de um Instituto Superior de Ciências Físicas e Matemáticas, em Lisboa. No decreto de 7 de Novembro de 1835, assinado por Rodrigo da Fonseca Magalhães (*Diário do Governo*, n.º 267, pp. 1097-1098) considerava-se que: "As Faculdades de Matemática e de Filosofia, em Coimbra, quase que se têm limitado somente a prestar à Medicina o auxílio indispensável dalguns de seus ramos, ainda que puramente teóricos, porque se se atender ao número de estudantes matriculados nas suas diferentes aulas, ainda nos anos da maior concorrência, ver-se-á que naquelas, que não são necessárias à Medicina, raríssimas vezes tem chegado a seis, sendo que anos houve em que nem um só se matriculou". Só no ano seguinte é que se institucionalizaria o ensino superior de História Natural, em Lisboa, na Escola Politécnica. Veja-se também Maria Eduarda Cruzeiro, *A Reforma Pombalina na História da Universidade*, 1988, pp. 176).

<sup>39</sup> Cfr. *Roteiro Das Viagens, que fez Alexandre Rodrigues Ferreira Pelas Capitánias Do Pará, Rio Negro, Mato-Grosso e Cuiabá, (1783-1791)*, AHMB (Arquivo Histórico do Museu Bocage), ARF -1; A. R. Ferreira, *Viagem filosófica pelas capitánias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Iconografia. Geografia. Antropologia. Zoologia*, 2 vols., 1971; *Viagem filosófica pelas capitánias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias. Zoologia. Botânica*, 1972; e *Viagem filosófica pelas capitánias do Grão-Pará, Rio Negro e Cuiabá. Memórias. Antropologia*, 1974.

<sup>40</sup> Opinião expressa em 1895 por Emilio A. Goeldi, *Ensaio sobre o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, mormente em relação ás suas viagens na Amazonia e sua importância como naturalista*, Belém, Alfredo Silva & Cia.. O tom apologético em defesa de Ferreira, que Goeldi pretendeu contrariar, tinha sido inaugurado em 1818 por Manuel José Maria da Costa e Sá, *Elogio do Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, e seguido por V. Correa Filho, *Alexandre Rodrigues Ferreira. Vida e obra do grande naturalista brasileiro*, 1939, que por seu turno cita e critica a obra de Goeldi.

museológico, em gabinete. O que se propõe, pois, é uma leitura compreensiva das *Memorias sobre a utilidade dos jardins botânicos e dos museus de história natural*, dos *Methodos de fazer observaçoens* e das *Instruções de viagem*, género literário obrigatório na cultura profissional do naturalista e que vulgarizava uma síntese entre os universos da viagem e do museu, filiada nas linneanas *Instructio peregrinatoris* e *Instructio musaei rerum naturalium*.

A inevitável referência para as instruções de viagem da segunda metade do séc. XVIII era a *Instructio peregrinatoris* (1759), texto atribuído a C. Linneo (1707-1778) embora se tratasse, na realidade, de uma tese do seu discípulo Nordblad<sup>41</sup>. Tem já sido evidenciado que todos os autores de *Instruções* foram, em maior ou menor grau, influenciados por ele, quer na estrutura literária, quer no *corpus* conceptual proposto<sup>42</sup>.

Elaborado em jeito de guia consagrado ao trabalho de campo e ao transporte de produtos, enfatizava a exigência de qualidades pessoais ao viajante, tanto físicas como intelectuais. Estas, de acordo com a doutrina linneana, deveriam ir desde o domínio da história natural e do desenho científico, ao traçado de cartas e ao uso do latim, introduzindo um elemento de especialização difícil de cumprir pelo amador. A profissionalização do viajante-naturalista passaria, então, pela crescente utilização dos métodos próprios do campo do saber naturalista, já que a novidade e a eficácia da pesquisa impunham conhecimentos científicos aprofundados e uma formação prévia em manipulação de objectos naturais. No *diário* do viajante deveriam ser anotados todos os elementos observados sobre os elementos da natureza, terra, mar, ar e temperatura (a componente meteorológica), bem como o inventário e

---

<sup>41</sup> "Henrique Andre Nordblad tambem discipulo de Lineo nos fez ver huma bem trabalhada Dissertação, em que dá regras uteis para haver de se recolher proveito das viagens, principalmente no que respeita á Historia Natural" (Agostinho Joze Martins Vidigal, *Methodo De fazer Observaçoens, e Exames necessarios para augmento da Historia Natural, com os meios de preparar, conservar, e dispor nos Museos os diversos productos da Natureza*, [1783], BN (Biblioteca Nacional), Mss. 8520). A atribuição da redacção do texto a Linneo prende-se com o facto de ele reflectir uma evidente influência doutrinária do Mestre e por ser um hábito corrente na época. O comprovado carácter autoritário e centralizador do sábio sueco pode ter pesado nesta divisão de trabalho. (Cfr. Sten Lindroth, *Linnaeus*, 1981).

<sup>42</sup> Cfr. Sergio Moravia, *Il pensiero degli 'idéologues': scienza e filosofia in Francia (1780-1815)*, 1974, cit. in Lorelay Kury, *ob. cit.*, 1998, p. 70.



descrição dos produtos dos três reinos tendencialmente seleccionados pelo princípio da sua utilidade pública.

Linneo identificava-se com esta corrente filosófica dominante na História Natural (rotulada *economia da natureza*), insistindo obsessivamente com o viajante para que estabelecesse laços orgânicos entre a terra e o seu húmus, o homem, a fauna, a flora e o clima - numa reinvenção da Natureza em que alguns têm lido a génese da consciência ecológica <sup>43</sup>.

O espírito de missão oficial e o patriotismo inculcados pela *Instructio peregrinatoris* conduziram o viajante a cumprir um programa multidisciplinar de observação, fundado na matriz dos conhecimentos naturalísticos, mas enciclopedicamente atento aos campos da geografia, da cartografia, da meteorologia e da etnografia, entre outros saberes. O objectivo nuclear da viagem permaneceria, contudo, o de recolher objectos naturais exóticos destinados aos gabinetes, onde se concluiria o processo de apropriação científica com as operações museológicas teorizadas na *Instructio musaei rerum naturalium* (1753) <sup>44</sup>.

As *Instruções* linneanas de 1753 e 1759 articulavam-se funcional e conceptualmente através de duas ideias-chave: as viagens filosóficas, pela sua natureza profissional e pelo seu alcance económico, são um assunto público e uma tarefa de Estado; o *museu de história natural* é o local por excelência onde se desenrola o labor final do naturalista, tendo por objecto científico os produtos remetidos pelo viajante.

---

<sup>43</sup> J.-M. Drouin, *Réinventer la nature: l'écologie et son histoire*, 1991, cit. in Lorelay Kury, *ob. cit.*, 1998, p. 70.

<sup>44</sup> Tese académica dirigida por Linneo, sendo o seu provável autor David Hultman que "publicou o methodo de preparar os Animais, e Vegetais" (A. J. Martins Vidigal, *Methodo De fazer Observaçoes...*, [1783].

#### 4. As Instruções de Viagem

Domingos Vandelli - de quem já salientámos suficientemente a identificação pessoal e doutrinária com a escola naturalista de Upsala - seria o introdutor entre nós das *Instruções de viagem*, redigindo em 1779 as *Viagens Filosóficas ou Dissertação Sobre as importantes regras que o Filosofo Naturalista, nas suas peregrinações deve principalmente observar*<sup>45</sup>. Este manuscrito criou um verdadeiro género literário que importaria analisar, futuramente, numa perspectiva interdisciplinar de história da ciência, confrontando os originais latinos de Linneo (e dos seus discípulos) com as teses veiculadas nos textos portugueses de filiação vandelliana<sup>46</sup>. Cremos que a riqueza polissémica de sentidos, literária e científica, possibilitaria uma multiplicidade de abordagens certamente importantes, mas porventura descentradas das nossas preocupações temáticas.

Entretanto, lidas enquanto manual do naturalista instruído as *Instruções* deixam captar as preocupações metodológicas e disciplinares presentes na *viagem philosophica* e facilitam uma compreensão mais contextualizada do

---

<sup>45</sup> BACL (Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa), Ms. 405, Série Vermelha. Este longo manuscrito de 109 páginas foi copiado, em 1796, por Frei Vicente Salgado, e contém as seguintes matérias: 'Da Necessidade dos Diarios, e Methodo de os fazer'; 'Do conhecimento fisico, e moral dos Povos'; 'Do Ar'; 'Do que deve observar o Naturalista, principalmente nos Lugares Beira mar'; 'Da Minerologia'; 'Dos Rios, Fontes mineraes, e Lagoas'; 'Do Reino das Plantas'; 'Do Reino Animal'; 'Dos Insectos'; 'Preparação dos Animaes'.

<sup>46</sup> Este género teria uma projecção secular prolongando-se, tal como em França, até à segunda metade do séc. XIX. Sirvam de exemplo: José Mariano da Conceição Veloso, *Naturalista instruido nos diversos methodos antigos e modernos a ajuntar, preparar e conservar as produções dos tres reinos da natureza, colligidos de differentes authores*, Reino Animal I Tomo, 1800; *Instrucções para o transporte por mar de arvores, plantas vivas, sementes, e de outras diversas curiosidades naturaes*, 1805; [José Feliciano de Castilho], *Instrucção para os viajantes e empregados nas colonias sôbre a maneira de colher, conservar, e remeter os objectos de historia natural ...*, 1819; e J. V. Barbosa du Bocage, *Instrucções praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoologicos para o Museu de Lisboa*, 1862. Sabemos também que H. Coutinho Gouveia, mantendo um vivo e justificado interesse por esta produção científica, já terá elencado mais de uma dezena de *Instruções* gerais (setecentistas e oitocentistas), sem contabilizar as que apresentam um carácter parcelar, isto é, especializadas num determinado produto ou operação naturalista.

universo dos valores profissionais do *philosopho* em viagem, nomeadamente a consciência do alcance patriótico e filantrópico da sua actividade <sup>47</sup>.

A *Dissertação* de 1779 respondia aos compromissos que o naturalista italiano vinha assumindo com os poderes públicos, ao responsabilizar-se pelo programa de profissionalização dos naturalistas a enviar na grande expedição ao Brasil - "O Senhor Doutor Vandelli communicou aos Naturalistas destinados ao exame dos productos do Brazil, hum plano de Observaçoes accomodado áquelle Continente, ensinando-lhes mais a maneira e diversos methodos de os recolherem, conservarem, e remeterem para este Reyno" <sup>48</sup>. De facto, todo o texto é atravessado pela dominante preocupação de adaptar o programa de trabalho à realidade americana, invocando o autor toda a casta de objectos e de informações que entanto pudera recolher sobre aquele território ultramarino.

A correspondência naturalista com a estrutura colonial brasileira - que já entrevíamos em anos anteriores, com especial relevo para a Capitania de Mato Grosso - e as remessas de produtos exóticos para a Ajuda que daí tinham resultado, habilitavam agora Vandelli a instruir os seus discípulos pela mediação didáctica de espécimens dispostos no Gabinete e no Jardim: "Do Matto Grosso veio hum pedaço de mina de ferro com ouro: assim todas as minas de ferro do Brasil, ainda mostram particulas só de ferro (...)" <sup>49</sup>. Este conhecimento material de algumas produções naturais brasileiras já se tinha objectivado na divulgação de espécies florísticas no Catálogo do Jardim Botânico da Ajuda - o *Hortus Olisiponensis exhibens plantas exoticas horti regii*

---

<sup>47</sup> "A expressão *viagem filosófica* corresponde ao que aqui resolvemos chamar *naturalismo económico* (...). Tratava-se de proceder à observação, descrição, e eventualmente experimentação, dos recursos naturais do país (e das colónias), conquanto não como um fim em si mesmo, mas sim com o objectivo de proporcionar os meios necessários ao desenvolvimento económico. O género teve em Vandelli um dos mais importantes cultores e promotores, quer através da sua própria actividade publicista, quer através do seu magistério coimbrão, onde foi responsável pela formação de toda a geração inicial de naturalistas *filosóficos* portugueses". (J. Vicente Serrão, *ob. cit.*, 1994, p. 21, nota a ).

<sup>48</sup> Agostinho Joze Martins Vidigal, *Methodo De fazer Observaçoes...*[1783].

<sup>49</sup> Domingos Vandelli, *Viagens Filosoficas ou Dissertação Sobre as importantes regras que o Filosofo Naturalista, nas suas peregrinações deve principalmente observar* [1779], BACL, Ms. 405, Série Vermelha.

*specimenque historie naturalis lusitaniae cum novis generibus et specibus (1771)* - no capítulo apropriadamente intitulado *Nova plantarum genera*<sup>50</sup>.

A circulação de objectos entre os dois continentes dava lugar, no caso da sua comprovada carência, ao inventário de recursos a explorar com base em informação de proveniência colonial, permitindo a Vandelli elaborar, para referir apenas um dos três reinos, um exaustivo relatório mineralógico apoiado no princípio linneano da *economia da natureza*: "Ora como o verdadeiro Lugar das Minas dos diamantes do Brasil, está ainda ignoto, deve quem viaja por aquelle continente, por todo o cuidado a ver se descobrir algumas destas minas, que serão de grandes vantagens a Portugal visto que estes poucos mesmos que se encontraõ accidentalmente nos rios, trazidos aly pelas correntes das agoas, saõ de muita habilidade"<sup>51</sup>.

Há na *Dissertação* vandelliana uma inabitual abertura epistémica ao objecto de observação - a relação homem/natureza - que conduz a pesquisa do naturalista para inesperadas fronteiras do conhecimento, num enciclopedismo de interesses que ultrapassa em muito a esfera estrita da viagem *philosophica* para perscrutar também o domínio político e antropológico. Na verdade, as regras prescritas no capítulo 'Do conhecimento Fisico, e Moral dos Povos', apelando para o registo exaustivo das variáveis urbanísticas, architectónicas, religiosas, sexuais e demográficas, traduzem uma exigência de compreensão iluminista das comunidades humanas visitados pelo viajante.

Por outro lado, ao acentuar a importância dos testemunhos da cultura material mais não se está, afinal, do que a apelar para uma atitude colectora do naturalista induzindo-o a carrear artefactos do índio brasileiro para o Museu de História Natural. Este facto é tanto mais assinalável quanto se sabe que, ao longo de quase todo o séc. XVIII, raros foram os naturalistas que se não reviam nas objecções de Savérien<sup>52</sup>: "J'ai toujours été étonné de voir l'Homme dans

---

<sup>50</sup> BN, Códice n.º 3750.

<sup>51</sup> Domingos Vandelli, *Viagens Filosoficas ...*, BACL, Ms. 405, Série Vermelha.

<sup>52</sup> "Il fut un temps où le désir d'observer l'homme n'entraît pour rien dans l'exécution des voyages qu'ordonnaient les gouvernements. Rapporter des pays lointains des animaux, des végétaux et des substances minérales, voilà quel était l'unique motif de toutes les expéditions scientifiques. Quant aux expéditions commerciales, elles n'avaient pour tout but que d'aller au loin propager nos vices et déshonorer l'humanité. La fin du XVIIIe siècle a ouvert une route nouvelle (...)" (Louis-François Jauffret,

un cabinet d'histoire naturelle, il semble qu'il ne devrait pas être l'object des naturalistes (...)"<sup>53</sup>. Será preciso esperar pelo final de século para ver surgir, em França, uma *Société des observateurs de l'Homme*, e assitir à publicação de textos como a *Note instrutive sur les recherches à faire relativement aux différences anatomiques des diverses races d'hommes*, de Georges Cuvier<sup>54</sup>; a *Mémoire sur l'établissement d'un Muséum anthropologique*, de Loius-François Jaufret<sup>55</sup>; ou as *Considérations sur les diverses méthodes à suivre dans l'observation des peuples sauvages*, do 'ideólogo' Joseph-Marie de Gérando<sup>56</sup>.

É neste contexto temporal, e no quadro das suas referências intelectuais, que devem ser avaliados não só as invocadas limitações teóricas, mas também o contributo museográfico das colecções presentes no labor antropológico de A. R. Ferreira, cuja formação académica e profissional decorrerá nos parâmetros da doutrinação vandelliana<sup>57</sup>: "Logo que o

---

*Introduction aux mémoires de la société des observateurs de l'homme, lue dans la séance du 18 messidor na IX (7 juillet 1801)*, cit. in Yves Laissus, *Les voyageurs naturalistes ...* 1981, p. 281. A Antropologia só em 1860 entraria nas *Instruções impressas*, do Muséum de Paris, para os viajantes (Cfr. *idem, ibidem*, p. 283).

<sup>53</sup> *Histoire des philosophes modernes avec leurs portraits*, 1773, cit. in Yves Laissus, *Les voyageurs naturalistes ...* 1981, p. 280. Esta rejeição inseria-se, cremos, na crítica iluminista ao colecionismo de "exotic rarities" (*mirabilia*, ou *memorabilia*) do período anterior, modelo que os naturalistas queriam ver substituído pela especialização científica das colecções em museus de história natural. "Typical for pre-1750 collections was probably the definition of a 'cabinet' by Neickelius: 'But since a curious one finds his entertainment and pleasure as well in *naturalibus* as in things of art, antiquities, coins, medals, and such like, he can very well so arrange his chamber or Cabinet, that he may collect and preserve there in something of all the above said: and since there are many different things in one case next to one another, so one calls such a receptacle a Chamber of Rarities or Cabinet'" (Christian Feest, *The Collecting of American Indian Artifacts in Europe, 1493-1750*, 1995, p. 347). Neickelius, é Carl Freidrich Neickel, mercador de Hamburgo, que em 1727 escreveu a obra *Museographia* donde foi retirada a citação, traduzida do latim.

<sup>54</sup> Cfr. Franck Bourdier, *Georges Cuvier (1769-1832)*, 1981.

<sup>55</sup> Secretário perpétuo da *Société des observateurs de l'Homme* que funcionaria apenas entre 1799 e 1805.

<sup>56</sup> Cfr. Yves Laissus, *ob. cit.*, 1981, p. 273.

<sup>57</sup> Em recente trabalho, o mérito científico da obra de A. R. Ferreira neste domínio merece a seguinte avaliação: "Nas memórias de carácter etnográfico, não houve avanços do conhecimento. O naturalista, portanto, preferiu recorrer à tradição a traçar o perfil dos ameríndios a partir de suas experiências e vivências durante a longa jornada pelo território americano" (Ronald Raminelli, *Ciência e colonização - 'Viagem*

Naturalista chega a algum Paiz (....) Nas Cidades, Villas, Aldeias, e em geral em qualquer povoação deve (....) examinar os edificios publicos, e particulares, a estrutura dos Templos, das casas, a sua architectura, barbara, ou polida, as materias de que se servem para a sua construcção e as suas comodidades; a policia e costumes dos povos, o modo de fazer as suas nupcias, festas, jogos, funeraes, até as ultimas funções sepulcraes, dependente tudo da Religião dominante ou da antiga superstição dos povos. Notar o habito dos homens isto he a sua estatura, Fisionomia, e figura, a sua propagação, fazendo se for possivel nos lugares povoados o catalogo dos vivos, e mortos; se passam uma vida casta, ou dissoluta, servindo-se igualmente da Monogamia, ou Poligamia (....) se vivem da caça, se da pesca, os instrumentos proprios não só para isso, mas tambem para as canoas perigosas, barcos, ou navios (....) notando as materias de que fabricão humas, e outras coisas, como são (....) as mercadorias, as suas armas, os instrumentos musicos, ou de guerra" <sup>58</sup>.

Apesar do denso pragmatismo que, no essencial, caracteriza a *Dissertação* vandelliana, é possível identificar algumas esparsas reflexões em torno das finalidades e das opções científicas da *viagem*, bem como sobre o lugar ocupado pelo *museu* no universo filosófico. Trata-se, todavia, de incursões fugazes, sem aparente preocupação doutrinária, servindo quase sempre de intróito ou de conclusão ao tema pratico. Sirva de exemplo a passagem onde se sinalizam, com clareza, os dois objectivos últimos da expedição: o do conhecimento científico que conduziria à narrativa de uma *Historia Natural do Brasil*, e o do serviço patriótico pela descoberta de produções úteis: "O que fica dito do Reino das pedras abraça em geral todas as coisas que se deve propor o Naturalista para fazer huma historia completa dos lugares por onde passar, e hum sortimento das produções mais uteis da

---

*Filosófica'* de Alexandre Rodrigues Ferreira, 1998). Sobre a dimensão museográfica das colecções de artefactos brasileiros, veja-se Manuel Larangeira Rodrigues Areia, e Maria Arminda Pereira Miranda, *Perfil de um naturalista*, 1991 e *A philosophical journey to the Amazon, 1783-92. The story of the gathering and dispersal of a collection*, 1995; e Tekla Hartmann, *Testemunhos etnográficos*, 1991. Sobre o coleccionismo europeu de artefactos americanos desde o séc. XVI, veja-se Christian Feest, *ob. cit.*, 1995.

<sup>58</sup> Domingos Vandelli, *Viagens Filosoficas ...*, BACL, Ms. 405, Série Vermelha.



Natureza que possam servir de interesse a sua Patria, único fim a que devem tender as fadigas de hum Filosofo que viaja" <sup>59</sup>.

O conhecimento científico voltará a ser invocado a pretexto do pioneirismo exaltante da descoberta de novos mundos e do papel da experiência e da observação, na ausência de referências teóricas, aproveitando Vandelli para nomear algumas das obras publicadas sobre o continente americano: "Porem o que viaja pelo Brasil destituído de todos estes socorros [da publicação de uma *Flora*] ve-se metido no meio de hum mundo novo, ainda hoje tão desconhecido, como no primeiro dia do seu descobrimento, se exceptuarmos alguma parte da sua costa observada por Pizon <sup>60</sup> e Macgraff <sup>61</sup> e das produções, q. são comuas a outra parte da America, investigadas por Plumier, Vans Loan, [?], Jachyn, só a observação, e a experiencia podem por em estado de penetrar por este vastissimo paiz: a experiencia o confirmará nas suas tentativas, e a observação e contemplação da Natureza, lhe ensinaraõ toda a Sciencia da Historia Natural" <sup>62</sup>.

Esta metodologia experimental aconselhada no levantamento da *Flora* brasileira obrigaria o viajante-naturalista ao domínio de operações técnicas mas igualmente à aplicação de conhecimentos teóricos sobre as espécies florísticas, apreendidos nos manuais universitários de influência linneana e testados em herborizações e nas aulas práticas do Jardim Botânico. Nas operações de classificação taxonómica de produtos vegetais (que é, em si mesmo, um acto de apropriação científica de um *ente natural*) não era possível iludir o papel plenamente naturalista do viajante, compelindo-o a ocupar o território da ciência pura: "Achada alguma planta (isto se deve entender do mais rasteiro musgo até á maior arvore) deve-a recolher e por-lhe o nome da Arte, reduzindo-a pela sua classe, e ordem ao genero, e especie, se a tiver, se

---

<sup>59</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>60</sup> W. Piso (1611-1678). Traduzida em edição brasileira - Guilherme Piso, *História natural e médica da Índia Ocidental*, Rio de Janeiro, 1957.

<sup>61</sup> Georg Marcgrave (1610-1644). Obra já referida por C. Linneo na sua correspondência com D. Vandelli, traduzida em edição brasileira - Jorge Marcgrave, *História natural do Brasil*, S. Paulo, Museu Paulista, 1942. A obra original, *Historiae Naturalis Brasiliae*, fora editada em Antuérpia (1648).

<sup>62</sup> Domingos Vandelli, *Viagens Filosoficas ...*, BACL, Ms. 405, Série Vermelha.

for um genero, de huma especie nova, como hão de ser infinitas do Brasil, formará hum novo genero, ou huma especie nova, usando das prudentes cautellas indicadas por Lineo" <sup>63</sup>.

Por isso, quando (durante a Viagem ou depois dela no Gabinete) por impossibilidade logística ou por negligência o naturalista não cumprir esta essencial regra, outros - mais tarde, e noutros países mais atentos às normas do procedimento científico - poderão invocar a prioridade de nomenclatura da nova espécie e registrar a sua indisputável autoria em publicações especializadas. A repetição sistemática desta situação que pesará como um fardo, durante décadas, à nossa comunidade de naturalistas está exemplarmente presente no tom amargo e culpabilizador do Inspector do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda <sup>64</sup>: "Restituo a V. M.ce todos os Papeis, Planta, e Desenho da herva denominada Ayapana; que me enviou no seu Officio de 4 do corrente; e lhe recommendo muito particularmente que logo a faça gravar, e publicar com a Descrição que derão os Francezes, e com a nota que mostra que o Doutor Alexandre Rodriguez Ferreira a tinha mandado do Pará, e acertado com o seu Genero Eupatorium; cuja descoberta botanica pode com razão reclamar, e a teria perfeitamente contestado, se então logo ajuntasse ao Desenho, e Planta secca a sua Descrição, o que de certo lhe daria muita honra, em quanto á simples remessa, sim prova que elle a mandou, mas tambem indica a sua negligencia como Botanico" <sup>65</sup>.

A seu tempo procuraremos enunciar as razões profundas que terão impedido a nossa comunidade de naturalistas de cumprir algumas das regras

---

<sup>63</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>64</sup> *Infra* Cap. VI faz-se uma incursão mais circunstanciada desta característica do nosso meio científico.

<sup>65</sup> "Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho para D. Vandelli (8 de Junho de 1803), in *Livro De Registo dos Decretos, Portarias, Avisos, e outras Regias Determinações, que baixão ao Real Jardim Botânico, Laboratorio Chimico, Musêo, e Casa do Risco (1791-1810)*, MCUL (Museu de Ciência da Universidade de Lisboa), Inv. N.º 55. 147. Dias antes, o ministro tinha enviado ao Jardim as plantas expeditas de França e cuja descoberta botânica Ferreira reivindicará: "S. Ex. <sup>a</sup> o Senr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho manda remetter ao Real Jardim Botânico o Caixote junto de Ayapana, ou Herva milagrosa; e recommenda todo o cuidado na sua conservação, em quanto não vai o competente Aviso ao Director do mesmo Jardim. Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda o 1º de Junho de 1803."

de procedimento científico, aqui lembradas pelo ministro ilustrado Rodrigo de Sousa Coutinho. Por ora, importaria registar uma evidência textual, que é a de a *Dissertação* remeter claramente para uma concepção de ciências da natureza que pressupunha, ao menos como enunciado teórico, a divisão do trabalho científico entre o viajante-colector e o naturalista profissional sediado no Gabinete ocupado com as tarefas museográficas, ultrapassando-se por isso uma visão exclusivamente utilitarista dos recursos naturais e reforçando o papel essencial da *sciencia dos muzeos*. "O Filosofo que viaja ao Brasil não leva só o destino de conhecer lá mesmo os vegetaes, e animaes, sem dar copia delles, ou pelo debuxo, no cazo dos animaes serem feroses, e as plantas não se poderem conservar, ou pela remessa das suas pelles: humas e outras depois de preparados devem ser remetidos para poderem fazer parte do Gabinete nacional, onde se devem apresentar aos olhos de todos depois de classificados, e reduzidos ás suas ordens, generos, e especies, e variedades, ou bem descritos, no caso de serem novas" <sup>66</sup>.

5. Se as "*importantes regras que o Filosofo Naturalista, nas suas peregrinações deve principalmente observar*", (desenvolvidas na *Dissertação de 1779*) se inserem, como viemos de comprovar, num universo de saber técnico-científico e de cultura profissional exigidos aos naturalistas, o manuscrito intitulado *Instruções para os membros da Expedição Filosófica* <sup>67</sup> preenche, pelo seu lado, uma função de carácter político-administrativo que lhes era, por igual, requerida enquanto funcionários da Coroa.

Trata-se de um documento de sete páginas, dividido em vinte e sete parágrafos, elaborados à maneira de regulamento militar, condensando as directivas oficiais emanadas da Secretaria de Estado dos Negócios

---

<sup>66</sup> Domingos Vandelli, *Viagens Filosoficas ...*, BAACL, Ms. 405, Série Vermelha.

<sup>67</sup> Este texto não se encontrando datado permite todavia uma aproximação ao ano de 1783, já que na sua "Introdução" se refere a viagem "da America" (...) q ainda q á muitos annos premeditada, so agora espera o Publico o concluir-se". Ficamos a dever a sua transcrição 'ipsis litteris' e 'linha a linha' à bibliotecária da Divisão de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Ana Virgínia Teixeira da Paz Pinheiro, a quem agradecemos reconhecidamente.

Ultramarinos, da responsabilidade política do Ministro Martinho de Melo e Castro. Apesar de a sua autoria se apresentar controversa<sup>68</sup>, cremos que a atribuição a Vandelli parece ser a mais plausível resultando o seu conteúdo da bissectriz por ele traçada, e seguramente discutida com o Ministro, entre o 'primeiro Plano' (o naturalista) e o 'Plano de Economia' (o político), de acordo com a terminologia ali proposta.

Esta ambivalência discursiva traduz-se, por exemplo, no facto de coexistirem no mesmo texto preocupações museológicas lado a lado com a mais pura das imanências políticas, o segredo de Estado. Assim, não deixando de sublinhar-se o carácter museal da Viagem, o funcionário-naturalista é instruído a colocar as suas aptidões técnicas "em estado de concorrer para o Gabinete Nacional" enriquecendo-o com espécies naturais, devidamente preparadas e remetidas: "Se depois de se reduzir um peixe (...) lansa-se logo ao mar, sentem-se então dois incomodos, hum todo do Rei, outro proprio. He sem duvida q o gasto feito na preparasaõ das figas, e compra dos anzóis; Linhas, e radis, deve ser compensado com as remesas desta Classe: pertende-se estabelecer o Gabinete Real, onde os peixes naõ tem o menor lugar: e se neste naõ aparecerem preparados em obsequio da Magestade, e Reduzidos debaixo das Inscriptoins proprias em credito de seus nomes, porque outro modo satisfaraõ eles ou as despesas feitas no preparo destes Instrumentos, ou ás Sinistras concepsoins q á seo Respeito formar o publico ?"<sup>69</sup>.

Mas, a encerrar as determinações governamentais, é também recordado ao viajante-naturalista o carácter sigiloso da sua função de prospector de recursos naturais, acentuando-se o secretismo destas operações a ponto de

---

<sup>68</sup> Cfr. Ronald Raminelli, *ob. cit.*, 1998, p. 163; e João Ribeiro Mendes, "Instruções relativas a Viagem Philosophica Effectuada pelo Naturalista Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, nos anos de 1783-92", *Revista da Sociedade Brasileira de Geografia*, t. LIII, Rio de Janeiro, 1946, pp. 46-52, cit. in W. J. Simon, *ob. cit.*, 1983, p. 25.

<sup>69</sup> *Instruções para os membros da Expedição Filosófica s/d*, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Divisão de Manuscritos, 21, 2, 2, n.º 22. Tratar-se-à provavelmente do manuscrito inventariado na Livraria/Cartório do Museu da Ajuda, aquando da sua incorporação na Academia das Ciências, com a seguinte referência: "N. 37 *Instruções para viajar nas Colonias, que deu aos seus discipulos Domingos Vandelli*" (*Autos do Inventario a que procedeu a Comissão encarregada da Inspecção scientifica e economica do Jardim Botânico da Ajuda, quando foi tomar conta da Bibliotheca e Cartorio do mesmo Jardim* (2 e 16 de Dezembro de 1837), ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, "Academia Real das Ciências. Ofícios. 1837-1843").

ser desligado da hierarquia da administração colonial quando estivesse em causa o inventário de produtos cobiçados pelo comércio internacional: "Naõ são os Governadores os q devem ser informados da qualidade do producto, ou sua quantidade, lugar, uso: so á Secretaria de estado dos Negocios de Ultramar se devem revelar estes segredos. Porq. suponhamos q. se descobre a Quina. Para se naõ dezemvolver agora, o q<sup>to</sup>. esta descoberta revelada no seo principio influiria sobre as dezordens do Comercio Portuguez e Hespanhol, eles mesmos depois de serem olhados como homens de má consequencia aos Hespanhois, seriaõ as mais certas victimas das suas machinasoins" <sup>70</sup>.

Os dois Planos vandellianos (as *Viagens Filosoficas ou Dissertaçaõ (1779)* e estas *Instruções [1783]*), articulando-se funcional e conceptualmente, complementavam-se, afinal, como as duas faces de uma mesma *Instrução de viagem* destinada a profissionais: "(...) Para este fim, bem como se tem elles já provido das Instrusoins necessarias, q. sobre o methodo de recolher, preparar e conservar os produtos naturais lhes ditara em Coimbra o Primeiro Lente de Filozofia [D. Vandelli], devem igualmente sobre outro Plano, q. xamar-se há de Economia, regular tanto os primeiros, como os seus ultimos passos (...) Aquele tom desente sobre q. eles tem ouvido a primeira parte de Instrusoins (...), he o mesmo sobre q. devem ouvir esta Segunda q. tendo por objeto a sua Economia (...)" <sup>71</sup>.

6. O ano de 1781 conheceu a produção de dois textos que assinalam a emergência, na literatura científica nacional, de uma nova tipologia narrativa do género *Instruções de viagem*. Trata-se do manuscrito *Methodo de Recolher, Preparar, Remeter, e Conservar os Productos Naturais. Segundo o Plano, que tem concebido, e publicado alguns Naturalistas, para o uzo dos Curiozos que visitaõ os Certoins, e Costas do Mar* <sup>72</sup> e do texto impresso intitulado *Breves*

<sup>70</sup> *Instruções para os membros da Expedição Filosófica s/d*, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Divisão de Manuscritos, 21, 2, 2, n.º 22.

<sup>71</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>72</sup> AHMB, Res. -17. Trata-se de um caderno de 111 páginas, em 8º, adquirido há alguns anos pelo director do Museu Bocage, Carlos Almaça, a um antiquário-livreiro. Contém, além do texto da autoria muito provável de Alexandre Rodrigues Ferreira,

---

*Instrucções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos productos, e noticias pertencentes a Historia da Natureza, para formar hum Museo Nacional* <sup>73</sup>.

O que distingue, em substância, estes textos dos anteriores é o facto de se destinarem exclusivamente a amadores, procurando tornar universalmente acessíveis alguns dos procedimentos de menor complexidade técnica utilizados pelos naturalistas na manipulação de objectos da natureza. Definem-se, pois, como manuais de divulgação de conhecimentos úteis, prontos a serem aplicados tanto por diletantes, proprietários de gabinetes, ou sócios correspondentes da Academia, como por capitães de navios de tráfego ultramarino e por governadores coloniais.

O *Methodo de Recolher...* clarifica desde logo, no próprio título, ter sido concebido por naturalistas e escrito a pensar no "uzo dos Curiozos". Estruturado didacticamente em quatro partes - 'Parte 1ª Em q. se aponta o Methodo de Recolher os Animais, Plantas, e Mineraiis; Parte 2ª Que explica o modo de preparar as substancias dos 3 Reynos; Parte 3ª O Methodo de Remetter Animais, Plantas e Mineraiis; Parte 4ª que toca o methodo de Conservar' - a responsabilidade intelectual pela sua concepção deve ser seguramente atribuída a Alexandre Rodrigues Ferreira <sup>74</sup>. Este jovem doutor em História Natural, a viver na Corte desde 1778, preparava (com os colegas formados em Coimbra e seleccionados por Vandelli) as anunciadas *viagens philosophicas* aos territórios ultramarinos "examinando, reduzindo, e

---

seis estampas ("Tabelas"), as duas primeiras, que representam aparelhos de colheita e acondicionamento de animais e figuras de Testáceos e Zoófitos, da autoria do riscador Codina, e as quatro últimas representando fases da preparação de mamíferos, aves, répteis e peixes, da autoria do naturalista-desenhador Ângelo Donati, ambos da Casa do Risco do Real Museu da Ajuda. Poderá corresponder ao texto existente na Biblioteca do Museu da Ajuda e referido no Inventário de 1837: "N. 4 Breve instrucção sobre o methodo de recolher e transportar algumas producções que se achão nos sertões, e costas do mar, in 4º (Autos do Inventario..., ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, "Academia Real das Ciências. Officios. 1837-1843").

<sup>73</sup> Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1781.

<sup>74</sup> "Este manuscrito é da autoria, pelo menos parcial, de A. R. Ferreira pois as correcções e outros pormenores nele inseridos são escritos pela sua letra. Além disso, toda a parte relativa aos Vermes e sua colheita é exactamente igual à da Introdução da comunicação de Ferreira, *Abuzo da Conchiologia...*" (Carlos Almaça, *Bosquejo histórico da Zoologia em Portugal*, 1993, pp. 16 e sgs.).

descrevendo os productos naturaes do Real Museu d'Ajuda, ora occupando-se em fazer todas as experiencias Physicas e Chymicas que lhe eram ordenadas, e designadas pelo Ex.mo Snr. Martinho de Mello e Castro; o que tudo cumpriu zelosamente, e com o desinteresse mais louvavel" <sup>75</sup>.

O carácter divulgador de cartilha naturalista está presente ao longo do texto, aceitando e incentivando os profissionais a colaboração dos amadores, mas deixando bem demarcados os territórios de preparação técnica e de responsabilidade científica entre uns e outros - "Não se trata de aprofundar aqui anatomicamente esta operação porq. nem os Curiozos a aprendem em dois rasgos, nem a serem mais podem obrala sem practica" <sup>76</sup>.

Contudo - e esse foi o trilho conceptual que nos conduziu na leitura do manuscrito - o *leit-motiv* que aqui organiza a narrativa didáctica é o pressuposto de que todas as operações colectoras instruídas aos viajantes-amadores deveriam visar o enriquecimento de colecções de produtos naturais, quer sobretudo as do Real Museu da Ajuda ("trata-se neste volume de ensinar aos Curiozos de concorrerem para o Gabinete Nacional"), mas igualmente as dos gabinetes particulares. Isto significa que, apesar de se privilegiar a criação de laços museológicos com os estabelecimentos régios sustentados pelo real erário, se aceitava como socialmente útil a atitude de puro coleccionismo amador. O manuscrito encerra, aliás, com um conjunto de indicações técnicas (arquitectónicas e museográficas) para a edificação privada de gabinetes e para a correcta conservação dos seus espécimes, cujo interesse para o

<sup>75</sup> Manuel José Maria da Costa e Sá, *Elogio do Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, 1818, p. 8. De resto, o texto surge em cumprimento de uma ordem formal do Ministro tal como se explica na introdução, assinada por A. R. Ferreira: "Ao Ill. mo e Ex. mo Snr. Martinho de Mello e Castro Ministo e Secretario de Estado dos Negocios de Ultramar. Mandou-nos V. Ex.<sup>a</sup>, q. dizendo em pouco o q. se tem pensado sobre o Methodo de Recolher, Preparar, Rhemeter, e Conservar os Productos Naturais, dessemos a ler aos curiozos, o q. há nesta parte de util somente, e necessario para as provizoins, q. deles pode esperar o Gabinete Nacional. Em cumprimento das ordens de V. Ex.<sup>a</sup> o q. julgamos digno de escrever-se, he o q. pomos nas suas maons. Como distingue particularmente a alma de v. Ex.<sup>a</sup> o conhecimento das relaçoins q. tem com a felicidade pública, estes productos, quando os trata, como deve ser, a Industria Popular, digne-se V. Ex.<sup>a</sup> continuar na Protecção de huns Estudos, q. nos temos de profissaõ estudar, e V. Ex.<sup>a</sup> proteger. De v. Ex.<sup>a</sup> Humildes Criados Os Naturalistas".

<sup>76</sup> [A. R. Ferreira], *Methodo de Recolher, Preparar, Remeter, e Conservar os Productos Naturais. Segundo o Plano, que tem concebido, e publicado alguns Naturalistas, para o uzo dos Curiozos que visitaõ os Certoins, e Costas do Mar (1781)*, AHMB, Res. -17

estudo das ideias museológicas setecentistas importa registrar: "Nenhuma coisa he de tal modo duravel, que mais tarde, ou cedo não venha a perder o seu primeiro estado. São dentro da natureza tantos os agentes, que ela emprega para a decomposição dos Seres, que o escapar a eles so he obra de mão superior. (...) Como tem por objecto hum Gabinete a conservação dos productos que nele se haõ-de mostrar aos Curiozos, o lugar da sua fundação pede o primeiro cuidado. Sabe-se que a humidade tudo destroe: os lugares humidos não são por consequencia appropriados a hum tal Edificio. As situaçoens ventiladas de ar sempre novo: hum pavimento formado sobre materias alem de seccas, prezervativas da humidade; paredes nem demaziadamente grossas, nem delicadas: janellas rasgadas de alto a baixo, à maneira das que dezejamos para os Hospitais, seja qualquer que for a architectura, porque ela pende do gosto.(...) Persuadimo-nos que he quanto se deve dizer, o exposto assim: emquanto a pratica, que he para cada hum o melhor Livro, não suggere outras ideias (...)"<sup>77</sup>.

A leitura deste texto proporciona, por outro lado, um tipo de abordagem que permite identificar - a propósito do grau de utilidade presente na atitude colecionista - algumas das ideias sobre a prática científica perfilhadas pela pequena comunidade de naturalistas profissionais de finais de setecentos. Tratando-se de um documento dirigido a curiosos o naturalista defende que, nas actividades colectoras, deve prevalecer o puro espírito pedagógico. Ou seja, todos os objectos naturais são igualmente úteis para conduzir ao Gabinete, independentemente da utilização prática que deles se possa fazer, porque todos são dignos de constar do inventário exaustivo da Natureza: "A ninguem se pergunta, se ele he util, ou não. (...) Recolher com a exacção perciza os productos todos, q. se encontraõ: preparamos de modo q. representem o q. saõ: remetelos com sucesso, e conservalos o mais tempo q. for possivel, eis aqui as tarefas principais de q. depende hum Gabinete (...) Suppomos (1º) q. tudo quanto he criado he digno de observar-se; oucas de sentido por consequencia as palavras sevandija, abjecto, desprezivel, q. se applicaõ a alguns corpos naturais (...)"<sup>78</sup>.

---

<sup>77</sup> [A. R. Ferreira], *Methodo de Recolher...* (1781), AHMB, Res. -17

<sup>78</sup> *Idem, ibidem.*



Alexandre Rodrigues Ferreira (que fora entretanto aceite como correspondente da Academia Real das Ciências)<sup>79</sup> elaborará, nesse mesmo ano de 1781, um texto com o esclarecedor título de *Abuzo da Conchyologia em Lisboa. Para servir de introdução á minha Theologia dos Vermes*<sup>80</sup>. Uma atenta leitura comparativa com o *Methodo de Recolher...*, colherá dos dois textos alexandrinos uma desigual avaliação sobre as motivações dos naturalistas-amadores, aqui amplamente exemplificadas com o coleccionismo conchiológico<sup>81</sup>. Na realidade, a natureza dos documentos é diversa, porque diverso era também o público destinatário. Apresentado perante os seus confrades académicos, reunidos a 21 de Novembro<sup>82</sup>, o *Abuzo da Conchyologia...* é um texto teórico, de conteúdo científico complexo, servindo de apresentação a um estudo que o autor prometia desenvolver sobre a categoria linneana dos *Vermes*.

<sup>79</sup> "Correspondente em 22 de Maio de 1780; Sócio de 1ª Classe em 30 de Janeiro de 1789" (Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, Arquivo da Secretaria, *Pasta do Sócio*). "Quarta feira 18 do corrente a Academia das Sciencias desta Capital fez em huma Sessão pública a abertura do seu anno Academico. (...) e o Doutor Alexandre Ferreira [apresentou para ser lida] huma Memoria sobre as matas, e a sua cultura em Portugal" (*Gazeta de Lisboa, 24 de Outubro de 1780*). Trata-se seguramente do manuscrito depositado na Biblioteca do Museu da Ajuda e referido no já citado Inventário de 1837, com o título: "N. 94 *Memoria sobre as Mattas de Portugal: pelo D.or Alexandre Rodrigues Ferreira. 1780, in 4º* (*Autos do Inventario...*), ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, "Academia Real das Ciências. Ofícios. 1837-1843").

<sup>80</sup> AHMB, ARF -39 a.

<sup>81</sup> "Conforme denuncia a expressão 'produtos naturais', a actividade científica do Real Museu da Ajuda orientou-se, fundamentalmente, para os aproveitamentos que poderiam retirar-se das espécies naturais. Com esta ênfase e atitude se relaciona um curioso manuscrito de Alexandre Rodrigues Ferreira (...) Criticando os que se dedicam ao estudo da natureza sem a preocupação do útil, e por isso envolvendo na sua crítica os amadores de conchiologia, A. R. Ferreira, em estilo muito rebuscado, reconhece, no entanto, que todos os seres devem 'o espirito ao Creador' (...) O interesse no conhecimento dos 'produtos naturais' desencadeou a realização de textos destinados a orientar a formação de colecções daqueles produtos. Assim, em 1781, os naturalistas do Real Museu redigiram um manuscrito, *Methodo de Recolher...* Isso justifica que, neste manuscrito, já se não ponha tanta ênfase na utilidade, como A.R.Ferreira fez em *Abuzo da Conchyologia*. (Carlos Almaça, *ob. cit.*, 1993, pp. 16 e sgs).

<sup>82</sup> "O Dr. Alexandre [apresentou para leitura] a *Introdução á sua Theologia dos Vermes*, em que tratou do abuzo da Conchiologia..." (*Carta do Visconde de Barbacena a D. Vandelli (s/d)*, *apud* Cristóvão Aires, *ob. cit.*, 1927, p. 87).

Repugnaria sobremaneira ao jovem universitário - dirigindo-se a uma assembleia de *sábios* - não tanto a tendência do gosto dominante no coleccionismo naturalístico (animado pela emulação social da moda ou pela busca de saber ilustrado), quanto a actividade avidamente lucrativa do mercado internacional de *naturalia*, em particular o de *conchas* que chegavam a atingir cifras milionárias<sup>83</sup>. Também, é certo, o diletantismo exasperante dos que, no entender de Rodrigues Ferreira, reduziam o estudo científico da Natureza à catalogação interminável de espécies faunísticas e florísticas não ia muito de par com o pragmatismo científico dominante na doutrinação vandelliana e em contexto de preparação de expedições ultramarinas<sup>84</sup>: "(....) Penso que a não haver outro fundo de sciencia, bem pouco importa a Academia, que a certa concha pela sua figura, chame o sistema o *Martello*, *Cabo de navalha* a outra, e assim por diante o *Papel de Solfa*, os *Punhos de Neptuno*, a *Orelha do mar*. A Medicina, a Agricultura, a Economia, o Commercio, e as Artes, perdem com damno incrível o tempo q. se consome em folhearem-se estes baptistérios. He sem duvida, que o incansavel Duhamel para aperfeiçoar as Artes da França, occupou-se menos em ler estas bisarrias, do que em observar das substancias uteis as conhecidas e desconhecidas. Sabia elle q. a Economia era huma das sciencias onde o zelo patriotico precisava ler menos e manobrar mais (....)"<sup>85</sup>.

E acrescenta, ironicamente, que para alguns parece que "não he Naturalista, o que não ajunta, dispoe, nomea por genero e especie, primeiro q. tudo as suas conchas: em fascinando os olhos huma cor mais viva, cada variedade he uma nova especie, para esta comprar-se a todo o preço, basta q. ou seja, ou a fação rara; como o recreio somente absorve despesas

---

<sup>83</sup> Vide abordagem mais desenvolvida sobre o coleccionismo conchiológico *infra* Cap. VII.

<sup>84</sup> "No caso (....) de Vandelli, ele próprio um homem de ciência por formação e profissão (....) é também constante, em certo sentido quase obsessiva, a preocupação de demonstrar o interesse prático dos conhecimentos científicos. Nem os progressos da agricultura, e o progresso económico em geral, seriam possíveis sem o bom uso daqueles conhecimentos, nem eles aproveitariam se não visassem uma aplicação prática." (José Vicente Serrão, *ob. cit.*, 1994, p. XXIII).

<sup>85</sup> Alexandre Rodrigues Ferreira, *Abuzo da Conchyologia em Lisboa. Para servir de introdução á minha Theologia dos Vermes (1781)*, AHMB, ARF -39 A.

consideráveis, o necessario do Paíz defrauda-se do seu valor intrinseco (....)"

<sup>86</sup>

A profissão de fé de A. R. Ferreira numa correcta prática científica (estritamente associada às actividades museológicas) partia de um enunciado axiomático: "O Grau de applicaçõ, q. merece huma Sciencia, mede-se pela sua utilidade. Esta utilidade so entañ se apalpa (....) para adorno dos Gabinetes que tanto tem introduzido o gosto da Historia Natural por toda a Europa, como na França, Hollanda, Inglaterra, Alemanha, Suissa, Italia, Hespanha, Portugal, Suecia, Polonia, Dinamarca, Moscovia, onde saõ celebres ou os Gabinetes dos Principes ou os dos Particulares. (....)"<sup>87</sup>.

No entanto, acautelando conclusões que minorizassem apressadamente a importância de estudos teóricos acerca dos invertebrados, recentra o problema nos seus devidos termos: "(....) do que tenho dito hum protesto faço, de q. não he o meu projecto abolir esta Parte da Historia Natural. Tenho antes sustentado que he discreta a curiosidade do particular, que na intenção de completar hum Gabinete provido já das producçoens do Paiz, paga a industria dos holandeses q. as recolhem (....)"<sup>88</sup>.

7. Poucos dias após o início das actividades oficiais da Academia Real das Ciências, a *Gazeta de Lisboa* informava o público de que "(....) Os objectos, em que a nova Academia deve ocupar-se, são, as Sciências Fysicas e Mathematicas, e sobre tudo a applicação destas á Agricultura, ás Artes, e á Industria popular (....) para o que dará principio a huma Bibliotheca, e Museo nacional"<sup>89</sup>. Ficava deste modo registada, como um compromisso institucional, a propensão museológica da nova agremiação setecentista, intimamente

---

<sup>86</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>87</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>88</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>89</sup> *Gazeta de Lisboa, 1 de Fevereiro de 1780.* A primeira reunião académica efectuar-se a 16 de Janeiro, no Palácio das Necessidades, em assembleia de nove sócios presidida pelo Duque de Lafões. Na realidade, a Academia compunha-se de três classes: primeira, ciências físico-naturais; segunda, ciências matemáticas; terceira, literatura e história.

associada ao culto do inventário dos recursos naturais, metropolitanos e coloniais, e ao incentivo de memórias descritivas das *viagens politicas e philosophicas* <sup>90</sup>.

A Academia dispunha, de entre os seus sócios fundadores, da personalidade que, por esses anos, melhor encarnaria o moderno discurso da *sciencia dos muzeos* - Domingos Vandelli. Por isso, merece credibilidade o testemunho coevo de um dos seus discípulos quando lhe atribui a autoria das já citadas *Breves Instrucções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos productos, e noticias pertencentes a Historia da Natureza, para formar hum Museo Nacional (1781)* - "(...) O Senhor Doutor Vandelli communicou aos Naturalistas destinados ao exame dos productos do Brazil, hum plano de Observaçoes accomodado áquelle Continente; ensinando-lhes mais a maneira e diversos methodos de os recolherem, conservarem e remeterem para este Reyno. A Academia das Sciencias de Lisboa fez imprimir hum rezumo desta memoria instrutiva" <sup>91</sup>.

Ora, como já se sustentou acima, este *Plano de Observaçoes vandelliano*, não pode ser outro senão o que fora desenvolvido nas *Viagens Filosoficas ou Dissertação Sobre as importantes regras que o Filosofo Naturalista, nas suas peregrinações deve principalmente observar*, em 1779,

---

<sup>90</sup> "Alguns [alunos] devem hir viajar a Serra da Estrella, Geres etc. assim teremos produções e boas memorias. (*Carta de D. Vandelli para o Abade Correia da Serra (4 de Junho de 1781)*", apud Cristóvão Aires, *ob.cit.*, 1927, p. 184). "Eu dezejaria muito acompanhar V. M.ce nas suas herborizações, q. estar assentado 8, ou 10 horas a ouvir estas opposições: com tudo procuro aliviar estas minhas saudades com persuadir alguns dos meos discipulos de sahirem por estes redores. Amorim de Castro foi ao Canal, mostrou o modo de queimar a Salicomia fruticosa, e polygonum maritimum p.<sup>a</sup> obter huma boa basilha. Passou a mina de carvão de Boarcos, na qual erão poucos dias q. se tinha encontrado o veio de purissimo litantrau ou gazes etc. Examinou a mina de ferro arenata em visinhança da mesma mina de carvão, e examinou o lugar mais conveniente p.<sup>a</sup> fazer-se a fabrica de carvão fossil orisontal etc. recebi do snr. Pallas de Petersburg os seus 13 fassiculos Spicilegia Zoologica e huma caixa de todas as minas da Russia, e Liberia, entre as quaes o ferro virgem, alem de outras muitas raras e particulares pela sua mineralização e mixtura etc. E assim poderei enriquecer o gabinete da Academia (...)" (*Carta de D. Vandelli ao Abade José Correia da Serra (10 de Maio de 1787)*, apud Cristóvão Aires, *ob. cit.*, 1927, pp. 250-251).

<sup>91</sup> Agostinho Joze Martins Vidigal, *Methodo De fazer Observaçoes...*, [1783], BN, Mss. 8520.

pelo que a ideia de que dali terá retirado um resumo para ser publicado pela Academia faz todo o sentido.

Tratando-se de obra não assinada poder-se-ia até aceitar outras autorias, como a que a faz derivar do colectivo de naturalistas da Ajuda<sup>92</sup>. No entanto, a existência de correspondência, trocada entre o professor universitário de história natural e os responsáveis da novel agremiação, parece esclarecer em definitivo as circunstâncias editoriais desta *instrução de viagem* destinada a amadores. Na verdade, logo nos inícios de 1780, Domingos Vandelli interrogava o Abade José Correia da Serra sobre o destino dos originais que entregara à Academia: "Desejava saber se se publicou a Instrução p.<sup>a</sup> remetter-se as produções naturaes"<sup>93</sup>. Satisfeita a sua natural curiosidade em presença de um exemplar impresso, queixa-se de alterações ao plano original: "Ho veduto l'Istruzione per i corrispondenti; ma non é quella succinta, che io avevo lasciato"<sup>94</sup>. Ou seja, o autor não se identificava de todo com o resultado final das *Breves Instrucções* já que, inexplicavelmente, não fora envolvido na revisão do texto. Em resposta justificativa, o próprio Secretário argumentava motivos de queixa confessando-se, também ele, ultrapassado pelo processo de publicação: "Os reparos de V. Ex.<sup>a</sup> a respeito das Instrucções são justíssimas, porem eu d'ellas não soube mais do que o que V. Ex.<sup>a</sup> prezenciou, nem a Academia teve de tal couza a minima noticia, até que forão impressas"<sup>95</sup>.

---

<sup>92</sup> "It is possible that the pamphlet was the result of the work of the naturalists at the Ajuda Gardens, partially based on their experiences in collecting, observing and describing Portuguese natural history" (W. J. Simon, *ob. cit.*, 1983, p. 15); "(....) obra anónima, mas cuja autoria é, possivelmente, dos naturalistas do Real Museu da Ajuda" (Carlos Almaça, *Bosquejo histórico da Zoologia em Portugal*, 1993, pp. 16-21).

<sup>93</sup> *Carta de D. Vandelli para o Abade Correia da Serra (22 de Janeiro de 1781)*, apud Cristóvão Aires, 1927, *ob. cit.*, p. 160). Noutra carta a referência à sua autoria não deixa qualquer margem de dúvida: "Suponho que V. Ex.<sup>a</sup> se lembrará de que quando me trouxe os Cadernos, que tinha escripto para este fim [as Instrucções]..." (*Carta do Visconde de Barbacena a D. Vandelli (10 de Março de 1782)*, apud Cristóvão Aires, *ob. cit.*, 1927, p. 79).

<sup>94</sup> *Carta de D. Vandelli para o Abade Correia da Serra (5 de Março de 1781)*, apud Cristóvão Aires, *ob. cit.*, 1927, p. 172.

<sup>95</sup> *Carta do Visconde de Barbacena a D. Vandelli (6 de Dezembro de 1781)*, apud Cristóvão Aires, *ob. cit.*, 1927, p. 79.

Todavia, as reservas assim colocadas pelo naturalista italiano à cartilha académica para uso dos sócios correspondentes parecem estar exclusivamente, ou fundamentalmente, relacionadas com a sua estrutura formal já que as terá aconselhado, afinal, aos seus próprios alunos: "Eu não sei a qual Livr.<sup>o</sup> V. m.ce remetteo as copias das Instrucções, e por isso não lhe posso dizer se forão vendidas; eu proporei aos meus discipulos de compralas p.<sup>a</sup> remettelas aos seos amigos" <sup>96</sup>.

Estabelecida a autoria vandelliana do documento, importaria agora enquadrá-lo, enquanto objecto textual, no universo de referências intelectuais que temos vindo a propor para o género literário e científico das *instrucções de viagem*. Irmanadas, pela tipologia de conceitos e de propósitos didácticos, ao texto alexandrino encomendado por Martinho de Melo e Castro aos naturalistas da Ajuda <sup>97</sup>, as *Breves Instrucções* conheceriam, contudo, um destino bem mais influente e mais duradouro <sup>98</sup>. Antes do mais, pelo facto evidente de terem circulado impressas, ao contrário do *Methodo de Recolher* que, permanecendo inédito - como se de puro exercício intelectual, no âmbito do treino dos naturalista da Ajuda, se tivesse tratado - acompanhou a sorte de quase toda a obra do naturalista baiano <sup>99</sup>.

---

<sup>96</sup> Carta de D. Vandelli ao Abade Correia da Serra (16 de Abril de 1787), apud Cristóvão Aires, *ob. cit.*, 1927, p. 250.

<sup>97</sup> *Methodo de Recolher, Preparar, Remeter, e Conservar os Productos Naturais. Segundo o Plano, que tem concebido, e publicado alguns Naturalistas, para o uzo dos Curiozos que visitaõ os Certoins, e Costas do Mar* (1781).

<sup>98</sup> Atente-se, por exemplo, no título da já citada obra anónima publicada em 1819 no Rio de Janeiro e atribuída a Fr. Leadro do Sacramento ou ao Dr. José Feliciano de Castilho: *Instrucção para os viajantes e empregados nas colonias sôbre a maneira de colher, conservar, e remeter os objectos de historia natural arranjada pela administração do R. Museu de Historia Natural de Paris.(...) Augmentada, em notas, de muitas das instrucções aos correspondentes da Academia R. das Sciencias de Lisboa, impressas em 1781; e precedida de algumas reflexões sôbre a historia natural do Brazil, e estabelecimento do museu e jardim botânico em a Côrte do Rio de Janeiro*. Inclino-nos para a hipótese de autoria do médico e director do *Jornal de Coimbra*, baseados sobretudo, entre outros indícios menos relevantes, pela evidência de um conhecimento profundo dos textos publicados naquele periódico científico. Vid, igualmente, Maria Margueret Lopes, *ob. cit.*, p. 44.

<sup>99</sup> Parece relevante divulgar a avaliação produzida, sobre A. R. Ferreira, pelo director do Museu da Escola Politécnica, naturalista e museólogo oitocentista de grande nomeada, Barbosa du Bocage: "A.R. Ferreira occupa a par de Brotero e de Corrêa da Serra, um dos lugares mais distinctos na nossa bibliographia scientifica. Os numerosos escriptos que deixou, em grande parte dispersos por incuria e desacerto

A própria administração, apesar do carácter oficial de que se revestira o texto alexandrino apresentado nesse mesmo ano ao ministro, optou por adoptar as *instruções* da Academia (fazendo-as circular pelo funcionalismo colonial) de preferência a fazer publicar uma obra literariamente mais cuidada e cientificamente mais fundamentada <sup>100</sup>.

Nasce, aliás, desta circunstância a confusão estabelecida por alguma historiografia quando pretende associar a visibilidade editorial das *Breves Instrucções* a um protagonismo que a Academia das Ciências manifestamente não desempenhou na organização das *viagens philosophicas* ultramarinas iniciadas em 1783 e, bem assim, quando julga este texto, de natureza divulgadora, como se fora um *manual de procedimentos* destinado aos profissionais viajantes-naturalistas da Ajuda <sup>101</sup>.

---

do governo portuguez, attestam sobejamente a sua grandre aptidão (...) Das importantissimas colecções remetidas do Brazil durante os 10 annos da sua exploração para o Museu de Lisboa (então Gabinete da Ajuda) existem n'este estabelecimento muitas listas, em grande parte escriptas pelo Dr. Ferreira, que attestam bem a incansavel diligencia do benemérito explorador: das colecções, porém, uma parte desapareceu por incuria, o resto foi aproveitado por Saint-Hilaire durante a invasão franceza para ir enriquecer o Museu de Paris" (José Vicente Barboza du Bocage, *Informação acerca dos serviços prestados à sciencia e ao paiz por Alexandre Rodrigues Ferreira*, (17 de Maio de 1878), AHMB, ARF, - 28).

<sup>100</sup> Entre as inúmeras referências, na correspondência oficial da Secretaria de Estado dos Domínios Ultramarinos, à utilização das *Breves Instrucções* ... veja-se uma carta de Melo e Castro enviada, em 1783, ao Governador da Índia: "Para Secretario do Governo da Capitania de Moçambique vai despachado Naturalista, levando debaixo da sua inspecção a Antonio Gomes, Riscador, e a José da Costa, Jardineiro botânico (...) [Manuel Galvão da Silva] examinar e descrever tudo o que houver nella relativo á Historia Natural, e em recolher, preparar, e remetter a esta Côrte tudo o que houver de dirigir-se a ella, na conformidade dos exemplares das Instrucções, que a Academia das Sciencias de Lisboa publicou a este respeito(...). Pareceo porém a S. Magestade que os referidos, antes de se estabelecerem em Moçambique, fossem em direitura a esse Estado, para nelle fazerem todas as Observações, e recolherem todas as producções que puderem descobrir " (*Carta de Martinho de Melo e Castro a D. Frederico Guilherme de Sousa (1 de Abril de 1783)*, apud Américo Lires de Lima, *O doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, 1953). "In 1781 the Academy of Sciences of Lisbon published a pamphlet which was sent to every Royal Governor in the Overseas Territories" (W. J. Simon, *ob. cit.*, 1983, p. 15).

<sup>101</sup> "Thus it seems likely that the leadership of the Academy of Sciences of Lisbon wanted to acknowledge Ferreira's work at the Ajuda Palace Gardens from 1778-1780 and prepare him for his position as leader of the expedition destined for Pará in Brazil" (W. J. Simon, *ob. cit.*, 1983, p. 15); "Na Viagem Filosófica, os procedimentos de coleta, classificação e remessa de material obedeciam às *Breves Instrucções*..." (Ronald Raminelli, *ob. cit.*, 1998, p. 162).

---

O título da publicação indicia, só por si, todo um programa de acção - *remessas dos productos, e noticias pertencentes a Historia da Natureza, para formar hum Museo Nacional* - e é por aí que deve ser devidamente contextualizado. Ou seja, o que assumidamente estivera na origem da sua impressão fora a intenção de cumprir a estatutária vocação museológica da Academia, na tradição das sociedades científicas europeias cujo paradigma permanecia ainda a Royal Society <sup>102</sup>, contando-se para tanto com a moda colectora cultivada por sócios correspondentes espalhados por todo o Império: "As relações, por mais exactas e completas que sejam, nunca chegam a dar-nos huma idéia tão perfeita das coisas, como a sua mesma presença: por esta causa se tem occupado os Sabios, particularmente neste seculo, em ajuntar com protecção dos Principes os exemplares de varios individuos das diversas especies de Animaes, Vegetaes e Mineraes, que se encontram em diferentes paizes, para apresentarem do modo possivel á vista dos curiosos hum como compendio das principaes maravilhas da Natureza. Considerando pois a Academia da Sciencias de Lisboa, cujos trabalhos se encaminhão todos ao bem público, a grande utilidade, que de huma semelhante Collecção, sendo bem ordenada, póde resultar para o adiantamento das Artes, Commercio, Manufacturas e todos os mais ramos da Economia; propoz-se o projecto de formar nesta Capital hum Museo Nacional, onde principalmente se ajuntem e conservem os productos, ao menos os mais notaveis, que se achão dentro do Reino e das suas Colonias" <sup>103</sup>.

Da correspondência trocada entre os principais protagonistas do projecto museal, durante os primeiros anos da história da instituição académica <sup>104</sup> - Domingos Vandelli, Abade José Correia da Serra e Visconde de Barbacena - é possível caracterizar este período inicial, com a Academia instalada no Palácio

---

<sup>102</sup> Cfr. *supra* Cap. III.

<sup>103</sup> *Breves Instrucções...*, 1781, 'Advertencia', pp. 3-4.

<sup>104</sup> Do ponto de vista museológico, propomos uma primeira etapa na vida da Academia Real das Ciências como correspondendo ao período 1780-1792. Estes doze anos iniciam-se com o anúncio público do projecto de Museo Nacional e com a publicação das *Breves Instrucções...* e estendem-se até ao legado de frei José Mayne (cuja importância analisamos no Cap. VII).



das Necessidades, como correspondendo ao esforço pioneiro de incorporação de uma colecção nacional dos três reinos da natureza, recorrendo-se para tanto a ofertas de sócios-colectores <sup>105</sup> e a doações de espécimens provenientes de gabinetes particulares, ou dos museus de história natural da Ajuda <sup>106</sup> e da Universidade <sup>107</sup>.

O sucesso deste esforço ver-se-ia constantemente comprometido, apesar das boas intenções e do voluntarismo dos responsáveis, devido a duas ordens

<sup>105</sup> "O Ex.mo Snr visconde de Barbacena me escreveo, q.e V. M.ce tinha ido a fazer hua viagem no Tejo, e espero q.e terá recolhido muitas plantas aquaticas, e paludosas e a colecção de todos os Peixes p.<sup>a</sup> o Museo seria muito boa" (*Carta de D. Vandelli para o Abade Correia da Serra (14 de Maio de 1780)*, apud Cristóvão Aires, *ob. cit.*, 1927, p. 130); "Segunda Feira vou herborizar a Alenquer; e ver se trago coizas para o gabinete. Lisonjeo-me q. quando o Snr. D.or Vandelli tomar, tenha algum aumento esta parte do nosso estabelecimento" (*Carta do Abade Correia da Serra para D. Vandelli (29 de Abril de 1781)*, apud *idem ibidem*, p. 524); "Tenho comtudo em lembrança, o q. ouvi de V. Ex.<sup>a</sup> q. e a Nobre e Sabia Academia procurava recolher alguns productos p.<sup>a</sup> a construção de hum Museo: a remessa de alguns destes conheço ser da m.<sup>a</sup> obrigação; mas atendendo eu a vastidão do campo, em q. se podem elles colher, e a varied.e infinita, e ás poucas Luzes, q. me assistem, p.<sup>a</sup> em tudo obrar com discernimeto, rogo a V. Ex.ca faça avisar-me em q. dos Reinos Naturaes se acha o d.to Muzeo mais falto de Productos, p.<sup>a</sup> q. com a remessa desses ponha em pratica o meo dever com a exactidão q. me fôr possível" (*Carta de Serafim Francisco de Macedo para o Abade Correia da Serra, (B.<sup>a</sup>, 3 de Setembro de 1781)*, apud, Cristóvão Aires, *ob. cit.*, 1927, p. 192); "Tendo já disposto pela nao de viagem desta monsam uma pequena remessa dos produtos da natureza para o Museo da Academia Real das Sciencias" (*Carta de Francisco Luís de Menezes para o Abade Correia da Serra (Goa, 19 de Março de 1789)*, apud *idem ibidem*, 1927, pp. 287-288).

<sup>106</sup> "Eu não me decuidarei em aprontar todo o dobrado do Museo, e logo q. o tempo o permitir o remetterei" (*Carta de D. Vandelli para o Abade Correia da Serra (30 de Janeiro de 1780)*, apud *idem ibidem*, 1927, p. 128); "O Snr. Abade Correia me tinha escrito sobre as cousas dobradas do Museo da Ajuda p.<sup>a</sup> o da Academia; eu tão bem deste não posso dispor. E me parece q.e o Ex.mo Snr. Duque fallando sobre isso ao Ex.mo Snr. Martinho de Mello se obteria licenza de eu ou Julio dar todo o q.e he dobrado, mas em ele verdad.te não há ate agora couza de mayor consideração q.e mereça tanto trabalho" (*Carta de D. Vandelli ao Visconde de Barbacena (15 de Maio de 1780)*, apud *idem ibidem*, 1927, p. 132).

<sup>107</sup> "Respeito as produçoens naturaes, q.e muitas dobradas tenho neste muzeo da Universidade, p.a eu poder mandalas, necessito de licença do Ex. mo Sr. Principal Reformador, com tudo que a nada mais sirvam q.e p.<sup>a</sup> trocar" (*Carta de D. Vandelli para o Abade Correia da Serra (5 de Maio de 1780)*, apud, *idem ibidem*, 1927, p. 130); "A Collecção de couzas naturaes está alguma couza adiantada. Recomendo-lhe os dobrados, agora que já lá tem o Reitor novo, e que o Sr. Visconde poderá influir" (*Carta do Abade Correia da Serra para D. Vandelli (6 de Maio de 1780)*, apud *idem ibidem*, 1927, p. 65); "Já falei ao sr. Visconde de Villanova da Cerveira sobre os productos dobrados do Gabinete, e me prometeu de tratar isto com o Sr. Principal M.ça" (*Carta do Visconde de Barbacena para D. Vandelli [1780]* apud *idem ibidem*, 1927, p. 506).

de razões: por um lado, a excessiva dependência do projecto museológico na competência técnica de Domingos Vandelli (quase sempre ausente em Coimbra e já então disperso por múltiplas responsabilidades académicas <sup>108</sup> e pela actividade empresarial <sup>109</sup>) e, por outro lado, a sempre invocada estreiteza física e insegurança das instalações <sup>110</sup>.

Seja como for, as *Breves Instruções* - à margem das vicissitudes quotidianas das colecções reunidas pela Academia Real das Ciências <sup>111</sup> - adquiririam uma dimensão singular, enquanto *instrução de viagem* de ampla divulgação <sup>112</sup>, remetendo para segundo plano a sua primacial característica de texto museológico fundador. Haveria hoje que relê-lo, por isso, como tal - a

<sup>108</sup> "Queira V. S.<sup>a</sup> mandar alguãs instruções p.<sup>a</sup> as estantes do Gabinete da Academia porq. queremos q. desde o principio sejaõ boas" (*Carta do Visconde de Barbacena para D. Vandelli* [1780], *apud idem ibidem*, 1927, p. 509); "Eu estou esperando q.e este diluvio de agoas acabe p.<sup>a</sup> remetter lhe duas caixas huma de Livros, e outra de producções naturaes" (*Carta de D. Vandelli para o Abade Correia da Serra (7 de Fevereiro de 1780)*, *apud idem ibidem*, 1927, p. 128); "O Gabinete da Academia está no mesmo estado, em que V. S.<sup>a</sup> o deixou, assim como a Academia mesma" (*Carta do Visconde de Barbacena para D. Vandelli* [1783], *apud idem ibidem*, 1927, p. 90).

<sup>109</sup> Sobre esta actividade como fabricante de louça (em Coimbra e no Porto), vide Domingos Vandelli, *Reprezentação sobre o projecto de estabelecimento de huma Fabrica de porcelana (1781)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628 (1778-1781); Gianna Melli, *Un italiano in Portogallo - Domenico Vandelli*, 1966; e Lígia Cruz, *Domingos Vandelli - alguns aspectos da sua actividade em Coimbra*, 1976.

<sup>110</sup> "Me tem chegado huma riqua colleção de mineraes de Petersburg, q. me mandou mr. Pallas; eu farei parte pelo museo da Academia, quando terá caza maes segura" (*Carta de D. Vandelli para o Abade Correia da Serra (3 de Dezembro de 1781)*, *apud idem ibidem*, 1927, p. 198); "(...)E assim poderei enriquecer o gabinete da Academia; ao qual porem he necessario dar outra habitação mais segura, e longe da os q. hum dia ou outro, poderão apropriar-se os nossos trabalhos se continua o gabinete a ficar no mesmo lugar" (*Carta de D. Vandelli ao Abade José Correia da Serra (10 de Maio de 1787)*, *apud idem ibidem.*, 1927, pp. 250-251).

<sup>111</sup> Consulte-se Rómulo de Carvalho, *A actividade pedagógica da Academia das Ciências de Lisboa*, 1996, pp. 19-22.

<sup>112</sup> É bem sintomático que um autor coevo, debruçado sobre a matéria das *viagens*, faça a seguinte leitura: "(...) porque he justo que aqui ache o filosofo junto ao plano das observaçoens os methodos de preparar, e remetter. Eu não diria aliàs sobre isto huma só palavra, depois de o ter feito taõ douda, e eruditamente a Illustre, e Preclara Academia das Sciencias de Lisboa nas Instruções aos seus Correspondentes; nem eu farei agora mais que compillar as regras, e methodos, que dictou huma taõ Respeitavel Sociedade" (José António de Sá, *Compendio de observaçoens, que fórmaõ o plano da Viagem Política, e Filosofica, que deve fazer dentro da Patria*, 1783, p. 164).

expressão de um projecto museal através do qual um colectivo de sábios setecentistas revela a vontade de seleccionar e de exhibir uma colecção de objectos, reunidos de acordo com o discurso científico (no campo disciplinar da História Natural) consensualmente perfilhado.

### 8. O "*Methodo de fazer observações e exames*" e o "*Compendio de observações*"

A maioria literária e científica das *instruções de viagem*, adquirida entre nós na década de oitenta, está bem patenteada em dois textos (um deles manuscrito e o outro impresso) elaborados no próprio ano em que se iniciam as expedições científicas ultramarinas.

O primeiro, um caderno de trinta páginas manuscritas, ostenta o título de *Methodo De fazer Observações, e Exames necessarios para augmento da Historia Natural, com os meios de preparar, conservar, e dispor nos Museos os diversos productos da Natureza*<sup>113</sup>. O seu autor, Agostinho José Martins Vidigal, frequentava as disciplinas do Curso Filosofico destinado a Medicina (profissão que adoptará com aparente sucesso)<sup>114</sup> e era decerto aluno aplicado, já que a Congregação lhe atribui, por duas vezes, um prémio pecuniário<sup>115</sup>.

Domingos Vandelli, seu professor nas cadeiras de *Historia Natural e Chimica*, julgou-o com talento bastante para lhe propor a redacção de uma *Memoria*, de âmbito universitário, em que traçasse uma síntese crítica das

<sup>113</sup> BN, Mss. 8520. De entre os autores que consultámos apenas se encontra citado, e ainda assim apenas na parte relativa à construção de museus, por Natália Correia Guedes, *A múmia ptolomaica do Museu Nacional de Arqueologia, memória do Museu de História Natural do Marquês de Angeja*, 1993-1994 [1999], p. 386.

<sup>114</sup> Segundo o *Almanach de Lisboa (1787-1823)* exerceu a Medicina em Lisboa: em 1805 aparece já como médico honorário da "Camara de S. A. Real", com consultório na R. dos Prazeres; ainda em 1823 é citado como exercendo na Rua de S. Bento.

<sup>115</sup> "Agostinho Joze Martins Vidigal, natural de Lisboa, estudante do 2º ano, e para vencer no 3º, provido com hum premio de 40 mil reis" (*Actas das Congregações da Faculdade de Filosofia (1772-1820)*, "Acta de 10-VII-1781"); "Premios. A Agostinho Joze Martins Vidigal trinta mil reis" (*Ibidem*, "Acta de 31-VII-1783").

principais matérias contidas em várias *instruções de viagem*: "O Senhor Doutor Vandelli me encarregou de huma memoria cujo sugeito fossem as mencionadas materias. O conhecimento da humildade dos meus talentos, e da falta de noticias, e principios indispensaveis p.<sup>a</sup> obra de tanto pezo, me obrigou a julgar, que o propor-se hum Estudante de Historia Natural semelhante memoria, e com especialidade no tempo lectivo de duas Laboriozas Aulas [Historia Natural e Chimica], seria o mesmo que metter-se em hum pégo, a que não podesse tomar fundo, nem sondas e lastro" <sup>116</sup>.

Estamos, pois, em presença de nova tipologia narrativa distinta das anteriores por se tratar de um texto de carácter assumidamente escolar, um exercício intelectual não certamente destinado nem à formação técnico-científica de naturalistas profissionais, nem à ampla divulgação junto de amadores ou de funcionários coloniais, o que não significa dizer que (nalgum momento da sua concepção) não tenha aspirado a ser impresso <sup>117</sup>. A natureza nova do texto de Martins Vidigal é a de - enquanto dissertação de intencionalidade semântica e conceptual - evidenciar uma aproximação ensaística ao tema das *instruções*.

Deste modo, o género de literatura museológica que temos vindo a analisar adquiriria igualmente o estatuto de matéria ensinável, pela mão do

---

<sup>116</sup> Agostinho José Martins Vidigal, *Methodo De fazer Observaçoes*,..., BN, Mss. 8520. É com base na afirmação "com especialidade no tempo lectivo de duas Laboriozas Aulas", que propomos a data de 1783 para o documento, já que é neste ano que Vidigal frequenta a cadeira de Química (a segunda das aulas "laboriosas" de Vandelli, a primeira tinha sido a História Natural) no âmbito da qual o docente lhe terá proposto o tema para esta *Memoria* escolar. Os alunos de Medicina teriam sempre que frequentar previamente um triénio com cadeiras de Filosofia e de Matemática, sendo as do Curso Filosofico a Historia Natural, a Fysica Experimental e a Chimica (Cfr. *Estatutos da Universidade de Coimbra do anno de MDCCCLXXII. Livro III que contém os cursos das sciencias naturaes e filosoficas*, 1773, Curso Medico, Tit. I, Cap. II, pp. 14-15).

<sup>117</sup> "(...) por falta de conhecimentos nos sugeitos que passam áquellas partes [territórios ultramarinos], não possuímos com asáz prejuizo, o que sentem sobre maneira os muitos sugeitos instruidos profundamente nas Sciencias Naturaes que em Portugal se conhecem, e ainda outros q. tendo sido alias impossibilitados dos seus methodicos estudos as cultiva com disvelo e fervor, será de grande utilidade huma recopilação das obras mencionadas illustrada com os melhores methodos de haver, conservar, e examinar os diversos objectos da Historia Natural, e com instruçoens sobre os meios de recolher utilidade das viagens, principalmente no que respeita ás sciencias da Natureza" (Agostinho José Martins Vidigal, *Methodo De fazer Observaçoes*,..., BN, Mss. 8520).

naturalista e universitário Domingos Vandelli. De resto, as fontes textuais que terá divulgado na docência - e depois metodologicamente utilizadas na pesquisa académica de Martins Vidigal - são aqui elencadas, desvendando as coordenadas intelectuais vandellianas enquanto naturalista e museólogo *em tempo de viagem*: "O respeitavel Duhamel nos offereceu huma memoria sobre o modo de transportar por mar (...) e outras couzas pertencentes ao objecto da Historia Natural <sup>118</sup>. Outra memoria instrutiva sobre os meios de recolher (...) os differentes productos da natureza, appareceo depois cujo Author se desconhece <sup>119</sup>. M. Marvye publicou o methodo para recolher as curiozidades da Historia Natural. M. Beaumur alem de huma memoria sobre a maneira de evitar a evaporação dos licores (...) publicou outras mais tambem pertencentes á Historia Natural. David Hultman discipulo de Lineo, publicou o methodo de preparar os animaes, e vegetaes <sup>120</sup>. Henrique Andre Nordblad tambem discipulo de Lineo (...) em que dá regras uteis para haver de se recolher proveito das viagens, principalmente no que respeita á Historia Natural <sup>121</sup>. (...) huma obra intitulada o Viajante Naturalista, ou instruçoens sobre os meios de recolher, e conservar os diversos objectos da Historia Natural por Joã Coakley Lettsom <sup>122</sup>. D. Casimiro Gomes Ortega <sup>123</sup> ordenou hua instrucção sobre o

<sup>118</sup> Henri-Louis Duhamel du Monceau, *Avis pour le transport par mer des arbres, des plantes vivaces, des semences, et de diverses autres curiosités d'histoire naturelle* (1752).

<sup>119</sup> Tratar-se-á, muito provavelmente, da *Mémoire instructif sur la manière de rassembler, de préparer, de conserver et d'envoyer les diverses curiosités d'histoire naturelle* (1758), de Etienne-François Turgot (1721-1789). O autor, irmão do ministro de Luís XVI, era um antigo governador da Guiana, sócio livre da Academia das Ciências e um dos fundadores da Sociedade de Agricultura de Paris. "Son mémoire traite plutôt des animaux, puisqu'il a l'intention de fournir un complément à celui de Duhamel du Monceau. Les deux auteurs s'adressent en fait au même public - les employés des colonies et, plus largement, les personnes qui n'ont pas de formation en histoire naturelle - et ils ont tous deux des objectifs fort pragmatiques" (Lorelai Kury, *Les instructions de voyage dans les expéditions scientifiques françaises (1750-1830)*, 1998, pp. 80-81).

<sup>120</sup> *Instructio musaei rerum naturalium* (1753).

<sup>121</sup> *Instructio peregrinatoris* (1759).

<sup>122</sup> *Le Voyageur naturaliste ou instructions sur les moyens de ramasser les objets d'histoire naturelle et de les bien conserver* (Amsterdam-Paris, 1775).

<sup>123</sup> *Instruccion sobre el modo mas seguro y económico de transportar plantas vivas por mar y tierra á los paises mas distantes. Ilustrada com láminas. Añádese el metodo de*

modo de transportar plantas perennes, ou vivas por mar, e terra aos paizes mais distantes" <sup>124</sup>.

Agostinho Vidigal encerra a lista de textos europeus consultados nomeando as lusitanas *Viagens Filosoficas ou Dissertaçãõ (1779)*, de Vandelli, e as *Breves Instrucçoens (1781)*, da Academia das Ciências.

O manuscrito universitário oferece ainda um particular interesse não tanto pela absoluta novidade de conteúdos, quanto pelo tratamento didáctico de alguns temas caracterizadores do pensamento naturalista e museológico em finais de setecentos <sup>125</sup>: a necessidade da *viagem politica* (complemento indispensável da *viagem filosofica*) <sup>126</sup>; a referência a técnicas de conservação *in vivo* (ao lado dos clássicos jardins botânicos, a crítica aos *viveiros de animais*, ou *ménageries* de complexa e custosa manutenção) <sup>127</sup>; a padronização de regras arquitectónicas na edificação de museus <sup>128</sup>.

---

*desecar las plantas para formar herbarios (1779)*. O autor dá conta, em carta a Vandelli, da ordem régia para a elaboração desta *instrução*: "Il Ré m'a dato ordine acciocché serviva una Istruzione circolare per tutti li Governatori dei suoi Dominii nell' America che dovranno mandarci per l'avenire tutte le piante vive, particulamente alberi e arbusti" (*Carta de Casimiro Gomez Ortega a Domingos Vandelli (Madrid, 12 de Julho de 1777)*, AHMB (Arquivo Histórico do Museu Bocage), CE/O -3).

<sup>124</sup> Agostinho José Martins Vidigal, *Methodo De fazer Observaçõens*,..., BN, Mss. 8520.

<sup>125</sup> O texto encontra-se estruturado da seguinte forma: Parte Primeira - Cap. 1º Das observaçõens Fisico-Geograficas; Cap. 2º Das Observaçõens fizicas; Cap. 3º O que se deve observar nos trez reinos da natureza; Cap. 3º Da applicação dos productos dos trez Reynos ao uso da Vida; Cap. 5º Da Observação das Linguas, Religião, Costumes, e Obras da Antiguidade; Cap. 6º Do Comercio, Manufactura, Artes, e Agricultura; Cap. 7º Do sustento e doença dos povos. Parte Segunda - Cap. 1º Methodo de conservar vivos os diversos objectos da Historia Natural; Cap. 2º Do methodo de preparar, e dispor nos Muzeos os objectos do Reyno Animal; Cap. III Da Botanica; Cap. 4º Da Mineralogia.

<sup>126</sup> "Fará o curiozo Naturalista dezenhos, e descriçõens exactas dos Theares, Officinas, Instrumentos, Machinas, de q. se uzaõ nas Fabricas, cujo conhecimento sera de grande utilidade com especialidade, se por estes meios se poupa maior numero de braços, ou se porventura as obras ficaõ mais bellas e ellegantes" (Agostinho José Martins Vidigal, *Methodo De fazer Observaçõens*,..., BN, Mss. 8520).

<sup>127</sup> "Os quadrupedes, como Viados, Elefantes, Rhinocerontes, Camelos, Tigres, Leons etc devem conservar-se em cazas ou viveiros espaçozos: segundo a sua natureza huns será sufficiente conservarem-se emparedados sem maior prizão; outros deverão ser amarrados, outros finalmente como as feras devem estar subterradas em covas acomodadas, e proprias para este effeito. He bem certo porem, que poucas pessoas demais dos Principes poderão sustentar estes viveiros: elles requerem altas muralhas espaçozas, e dilatados campos, cuidados continuados, e em huma palavra despezas

9. O segundo texto (também de 1783) saiu do prelo, em Lisboa, com o título de *Compendio de observaçoens, que fórmaõ o plano da Viagem Política, e Filosofica, que deve fazer dentro da Patria*, sendo seu autor José António de Sá (175?-1819), personalidade de grande protagonismo público a julgar pelas constantes referências da *Gazeta de Lisboa* às suas múltiplas actividades <sup>129</sup>.

Apesar de formado em Leis, José António de Sá saberá conciliar a carreira profissional de magistrado com os interesses intelectuais no campo da *economia da natureza* <sup>130</sup>, distinguindo-se como incansável defensor e divulgador da arte de fiação das sedas, ocupando cargos directivos em

---

incríveis" (Agostinho José Martins Vidigal, *Methodo De fazer Observaçoens,...*, BN, Mss. 8520). A ideia de que, à época, as *ménageries* só poderiam ser sustentadas pelos soberanos, merecendo por isso uma apreciação crítica dos naturalistas, parece ter sido divulgada pela primeira vez no artigo da *Encyclopédie*: "Bâtiment où l'on entretient pour la curiosité un grand nombre d'animaux différents. Il n'appartient guere qu'aux souverains d'avoir des *ménageries*. Il faut détruire les *ménageries*, lorsque les peuples manquent de pain; il seroit honteux de nourri des bêtes à grands frais, lorsqu'on a autour de soi des hommes qui meurent de faim" (*Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, 1765, t. X, p. 330). Vide também Éric Baratay e Élisabeth Hardouin-Fugier, *Zoos. Histoire des jardins zoologiques en occident (XVI e-Xxe siècle)*, 1998.

<sup>128</sup> "Por Muzeo deve entender-se as colleçoens dos productos dos trez Reynos da natureza preparadas e ordenadas pelo methodo que diremos. O Edificio pois para guarda destes productos deve ser de pedra e cal, os pavimentos de lages, os tectos de aboboda, as cazas espaçozas, que tenham porem mais comprimento do que largura, as janelas, as quaes devem ser muitas, hão-de olhar para Norte de maneira, q, ficando as sallas bastantem.te claras, não estejam sujeitas ao demasiado ardor do Sol. Este o edificio proprio para Muzeo" (Agostinho José Martins Vidigal, *Methodo De fazer Observaçoens,...*, BN, Mss. 8520).

<sup>129</sup> Doutor em leis; Opositor às cadeiras de Leis da Universidade de Coimbra; Juíz de Fora da vila de Moncorvo; Desembargador da Relação do Porto; Conselheiro Honorário da Fazenda; Superintendente Geral da Decima da Corte e Reino; Sócio correspondente da Academia das Ciências, com textos publicados nas *Memórias Economicas e nas Memórias Literarias*. Morreu em 10 de Fevereiro de 1819.

<sup>130</sup> Baltazar da Silva Lisboa (ele próprio formado em Leis mas ocupando também cargos e funções relacionados com a História Natural) inclui o doutor Jozé Antonio de Sá entre os "muitos estudantes, que supposto seguissem o objecto das outras sciencias, amavaõ com tudo as intimas rellaçoens desta" (*Discurso historico, politico, e economico dos progressos, e estado actual da Filozofia Natural Portugueza, acompanhado de algumas reflexoens sobre o estado do Brazil*, 1786, pp. 10-15).

unidades manufactureiras <sup>131</sup> e deixando obra técnico-política de referência sobre a matéria <sup>132</sup>.

Não estranha, por isso, vê-lo ainda em 1810 a dirigir-se ao amigo de sempre, Domingos Vandelli, buscando a colaboração do Jardim Botânico da Ajuda com os projectos de "fomento industrial da Patria" que, do Brasil, continuava a congeminar D. Rodrigo de Sousa Coutinho <sup>133</sup>: "Remetto a V. S.<sup>a</sup> alguns exemplares dos folhetos novam.te publicados por esta Conservatoria da Real Companhia das Sedas, sobre os Viveiros de Amoreiras d'Estaca; e rogo a V. S.<sup>a</sup> por Serviço de S.A.R. se Sirva coadjuvar este Estabelecimento, mandando fazer na prezente Estação hum Viveiro das ditas Arvores nas Quintas do Musêo Real, de que V. S.<sup>a</sup> tem a Direcção; cooperando assim para o progresso de hum Ramo que o Dito Senhor tanto tem em vista, e sobre que acabo de receber as Suas Reaes Ordens, em Aviso de 14 de Outubro de 1809; que me segura ao mesmo tempo das mais fortes recomendações que S.A.R. Mandou fazer ao Snr. Governador do Reyno a este respeito" <sup>134</sup>.

<sup>131</sup> Enviado em 1802 a Trás-os-Montes, de onde era natural, para restabelecer a Fábrica de Fiação de Bragança (cfr. *Gazeta de Lisboa*, 8 de Outubro de 1802, 2º suplemento). "Em casa do Desembargador José António de Sá, Conservador da Real Companhia das Sedas, na Rua Nova d'Alegria N.º 58; e em casa de Joaquim Pereira d'Almeida, Socio Director, e Secretario da mesma Real Companhia ás Pedras Negras N. 65, se dão gratuitamente os Folhetos seguintes: 1º Sobre o methodo de se fazerem as sementeiras, e Viveiros das Amoreiras, pela pratica do Piemonte. 2º Sobre a Creação do Bicho da Seda; 3º Sobre a fórmula de extrahir as sementes dos Bichos, e assoalhar os Casulos, destinados á fiacção. 4º Sobre os Privilegios, e Premios, que S. A. R. concede aos Lavradores, e Creadores de Seda e Amoreiras" (*Gazeta de Lisboa*, 22 de Março de 1806, 2º Suplemento).

<sup>132</sup> "*Dissertações Filosofico-politicas sobre a origem, e politica das sedas, em que se demonstra a utilidade da plantação das amoreiras em Portugal, o trato com os bichos da seda, e a arte de fiar*, compostas pelo Doutor José António de Sá (...): obra de grande utilidade para a Agricultura, e commercio: hum vol. em 4º, pço 480 reis" (*Gazeta de Lisboa*, 21 de Julho de 1787, 2º Suplemento).

<sup>133</sup> Apesar de, no Brasil, ocupar a pasta dos Negócios Estrangeiros e Guerra, o nosso antigo embaixador no Piemonte mantinha intervenção política directa nos assuntos relativos ao fomento das sedas, tal como é documentado por José Acúrsio das Neves, *Noções historicas, economicas, e administrativas sobre a produção, e manufactura das sedas em Portugal, e particularmente sobre a Real Fabrica do Rato, e suas annexas*, 1827, pp. 363-376; 379-391.

<sup>134</sup> *Carta de José António de Sá a Domingos Vandelli (13 de Janeiro de 1810)*, AHMB, CN/S -53. Sobre o importante papel desempenhado por J. A. de Sá na Real Fábrica das Sedas, para a direcção da qual entrou em Setembro de 1810, consulte-se José Acúrsio das Neves, *Memoria sobre alguns acontecimentos mais notaveis da*



Alguns anos antes, José António de Sá já participara (associado igualmente ao naturalista italiano) num projecto de recorte fisiocrático: elaborara-se um inquérito, distribuído pelo mundo rural, visando obter um diagnóstico da agricultura portuguesa a partir do qual se redigiriam umas *Instruções Agrárias*, consagradas à ilustração técnica dos agricultores. As *perguntas* chegaram a ser impressas pela Academia <sup>135</sup> e Vandelli procurara até acautelar a sua boa aceitação e eficácia nos campos do Alentejo, através da cumplicidade intelectual do bispo Cenáculo: "Tendo eu juntam.te a Ant.o de Araujo <sup>136</sup>, e o Dr. Jozé Ant.o de Sá entraprendido fazer huma Obra sobre a Agricultura adaptada a este Reino, como V.Em.<sup>a</sup> poderá ver do incluso prospecto; e naõ podendo chegar a este util fim sem o auxilio de Pessoas, q.e facilitem as respostas dos Lavradores: E sabendo quanto V. Em.<sup>a</sup> estima, e considera interessante a Agricultura; espero q.e V. Em.<sup>a</sup> quererá favorecer, e contribuir a este trabalho, fazendo entregar aos milhores Lavradores do seu Bispado [de Beja] as inclusas Perguntas, e fazerme remetter as respectivas respostas" <sup>137</sup>.

A publicação do *Compendio de observaçoens* parece resultar, por isso, de persistente preocupação do seu autor com o inventário exaustivo dos recursos naturais e produtivos do país, objectivo inscrito nos desígnios fundacionais da Academia das Ciências <sup>138</sup>, da qual fora - apadrinhado por Domingos Vandelli - um dos seus primeiros correspondentes <sup>139</sup>.

---

*administração da Real Fabrica das Sedas desde o anno de 1810, e sobre os meios do seu restabelecimento*, 1821, pp. 7-28; e *ob. cit.*, 1827, pp. 360-362; 382-389.

<sup>135</sup> "*Perguntas de agricultura dirigidas aos lavradores de Portugal*. Impresso em Lisboa, na Oficina da Academia Real das Ciências, 1787. Publicado anonimamente e sob a responsabilidade directa da Academia das Ciências, este opúsculo, na sua concepção e redacção, é de facto obra de Domingos Vandelli. Ele próprio o denuncia numa passagem da sua *Memória sobre a pública instrução agrária*, onde confessa que o objectivo da publicação destas *Perguntas* era o de obter uma avaliação exacta da situação da agricultura para, em seguida, redigir uma '*Instruções Agrárias*". (José Vicente Serrão, *ob. cit.*, 1994, p. 9).

<sup>136</sup> Deve tratar-se, com bastante probabilidade, do coleccionador de produtos naturais António Jacinto de Araújo. Vide *infra* Cap.VII.

<sup>137</sup> *Carta de Domingos Vandelli a frei Manuel do Cenáculo (6 de Maio de 1787)*, BPE (Biblioteca Pública de Évora), CXXVII/1-7, Carta 1414).

<sup>138</sup> "Huma Discripção Fizica e Economica de alguma Comarca ou Territorio consideravel deste Reino com observaçoens uteis á Agricultura e á Industria" (BACL, Secretaria,

Alguns autores têm avaliado o auto-proclamado pioneirismo de Sá <sup>140</sup>, ao redigir este tipo de obra, como tratando-se de evidente injustiça para com Domingos Vandelli, incansável animador da ideia de *viagem philosophica* <sup>141</sup>. Ora, cremos que esta apreciação necessita de ser equacionada à luz das características tipológicas que temos vindo a propor para as *instruções de viagem*, lidas enquanto literatura museológica. De facto, assiste razão a José

---

'Acta da Sessão pública de 7 de Junho de 1780', *apud* W.J.Simon, *ob. cit.*, 1983, p. 16). O Abade José Correia da Serra escreverá no seu 'Discurso Preliminar' ao t. I das *Memórias económicas*, em 1789, que: "O primeiro passo de uma nação, para aproveitar suas vantagens, é conhecer perfeitamente as terras em que habita, o que em si encerram, o que de si produzem, o de que são capazes. A historia natural é a única ciência que tais luzes pode dar; e sem um conhecimento sólido nesta parte; tudo se ficará devendo aos acasos, que raras vezes bastam para fazer a fortuna, e riqueza de um povo" (1990, pp. 9-10).

<sup>139</sup> "O seu recommendado Joze Antonio de Sá foi feito correspondente (....)" (*Carta do Visconde de Barbacena a D. Vandelli (23 de Dezembro de 1780)*, *apud* Cristóvão Aires, *ob. cit.*, 1927, p. 74). J. A. de Sá apresentou vários textos *económicos* à Academia, tendo sido apenas um publicado na época ("Descrição económica da Torre de Moncorvo", in *Memórias económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da indústria em Portugal, e suas conquistas (1789-1815)*, t. III, 1991, pp. 175-200). Três permaneceram inéditos ("Memória académica sobre o modo de honrar os lavradores, e evitar a sua estupidez e ignorância com aplicação à província de Trás-os-Montes (1787)"; "Memória sobre alguns obstáculos de agricultura que conviria remover (s/d)" e "Memória sobre a necessidade de cultivar os baldios em Trás-os-Montes (1790)", in José Luís Cardoso (Int. e notas), *Memórias económicas inéditas (1780-1808)*, 1987). A British Library (Additional 20973) possui um códice da sua autoria, com o título de *Memória académica em que se dá a descrição da Província de Trás-os-Montes e se propõem os métodos para a sua reforma* (Cfr. J. L. Cardoso, *ob. cit.*, 1987, p. 90).

<sup>140</sup> "Ser eu o primeiro, entre os Portuguezes, que apresenta hum projecto de Viagem, para utilidade da Patria, não me fará tão ditoso, como achar o meu Opusculo algum lugar no Museo de V. Alteza. (...) Pareceo-me que seria utilissimo dispor nesta fórma hum projecto de Viagem, para bem da Patria, supposto não chegasse á minha noticia algum livro em que por este methodo colligisse as Observações Politicas e Filosoficas, que devem fazer-se no paiz, que se viaja, nem eu me vali mais que da minha idéia na presente composição" (*Compendio de observaçoens...*, 1783, 'Dedicatoria', 'Prefaçãõ').

<sup>141</sup> "The author priased the Prince of Brazil as a patron of the sciences and asked his 'protection' as recognition of his claim to be 'first among de Portuguese, to present a project of a Journey, for the utility of the fatherland...' There is probably no basis to Sá's claim. (...) Vandelli and Sá must have been close as colleagues at the University of Coimbra (...)" (W. J. Simon, *ob. cit.*, 1983, pp. 18-19); "O projecto (...) já vinha de Vandelli, também 'para utilidade da pátria', e é estranho que José António de Sá, tão interessado no assunto, não tivesse notícia da actividade do professor italiano na organização das viagens filosóficas. O autor do *Compendio* põe, porém, bem em destaque o seu pioneirismo no assunto" (R. de Carvalho, *A história natural em Portugal no séc. XVIII*, 1987, p. 85).

António de Sá quando invoca prioridade na publicação de livro exclusivamente dedicado à metodologia da *viagem* dentro da pátria, isto é, no continente português<sup>142</sup>.

Desde que em 1777, como vimos, fora aceite pelo poder político a ideia de expedição científica aos territórios ultramarinos, a produção textual de Vandelli (e a dos seus discípulos, Alexandre Rodrigues Ferreira e Martins Vidigal) fixara o género nas técnicas de recolha, preparação e remessa de produtos coloniais para os Gabinetes sediados no Reino. Sendo certo que, neste período, a *viagem philosophica* se ia também realizando dentro do território metropolitano - no âmbito das actividades naturalistas da Ajuda, da Universidade e da Academia das Ciências - parece indiscutível que em 1783 nada se publicara ainda com o enfoque que José António de Sá lhe quis aqui transmitir.

No *Compendio de observaçoens*, a "excellencia das viagens" efectuadas por naturalistas de outras nações nos seus territórios europeus (França, Alemanha, Suécia, Itália) ficava largamente comprovada, destacando o autor o exaltante exemplo do viajante-naturalista paduano que, antes de 1764, percorrera as regiões da *Patria italiana*: "O Senhor Doutor Vandelli, que temos a felicidade de estar entre nós, interessou com as suas viagens os Estados, e a República das Letras. Sem reparar nas asperezas de viagens dilatadas, fez as mais exactas observaçoens, com que tanto tem enriquecido a República Litteraria (...) achando novos produtos de Insectos, Minas, Plantas, etc., ainda não descobertas, lançando os alicerces a hum grande Museo, que possui a Universidade de Coimbra. Fez notaveis descobertas, e indagaçoens, merecendo por isso a estimaçaõ não só de todos os sabios; mas dos mesmos Principes da Europa"<sup>143</sup>.

---

<sup>142</sup> Há nesta obra a obsessiva clareza de um axioma: "Prescindindo ainda das nossas Americas, Portugal he hum paiz riquissimo, que esconde, no seu seyo, riquezas, e preciozidades immensas; e por isso deve ser Viajado, a fim destes bens se averiguarem exacta, e perfeitamente. Quantas cousas nos mostra a superficie, de que poderiamos usar, se as conhecessemos? A Viagem nos ministra todas estas varias noticias" (*Compendio de observaçoens...*, 1783, pp. 14-15).

<sup>143</sup> *Compendio de observaçoens...*, 1783, pp. 12-13.

Existindo uma *praxis* profissional faltava agora, porém, um instrumento de trabalho (acessível a "curiosos e instruídos") capaz de ordenar os *quesitos de averiguação* da realidade, de erigir em sistema os campos vários do *olhar político e philosophico*. Em suma, do *Compendio* exigia-se uma metodologia para a *observação* naturalista que transmitisse consistência a um "estudo muito divertido e muito útil". E nisto José António de Sá será, indiscutivelmente, pioneiro <sup>144</sup>.

Ao longo do *inquérito* as referências explícitas ao universo dos *museus* firmam este texto entre os que melhor nos permitem hoje apreender as concepções museológicas culturalmente dominantes na segunda metade de setecentos, muito em particular a que identifica Museu com colecções de história natural, num processo metonímico característico de um *tempo de viagem* e de emergência epistemológica de novos saberes: " [Da viagem Filosofica] (...) obterá tambem o Estado huma perfeita collecção dos productos do Reino, o que fará a riqueza de hum Museo Nacional. Pois parece cousa fóra de toda a razão, que o Estado se canse em colligir os productos, e raridades d'outros paizes, desprezando a colecção dos proprios (...). Huma das obrigaçõens indispensaveis, a que está sujeito o Naturalista, he juntar, e remetter para o Museo Nacional os productos, que achar nas diversas partes, por onde caminha; naõ só porque a vista dos objectos excede ás mais exactas descripçõens, mas tambem, porque he glorioso a Sociedade conter hum archivo das riquezas, e thesouros, que o Omnipotente espalhou nos seus paizes" <sup>145</sup>.

Nesta *instrução de viagem* "que se deve fazer dentro da Patria" é, pois, a própria formulação semântica do campo de observação que insinua uma concepção específica da *instituição museal*. Ou seja, José António de Sá enuncia parâmetros para a sua caracterização (os *itens do inquérito*), utilizando

---

<sup>144</sup> Também José Luís Cardoso é concorde com esta apreciação quando, em nota à tardia *Memória sobre a necessidade de uma viagem filosófica feita no reino, e depois nos seus domínios* [1796] de Domingos Vandelli, propõe: "(...)sobre este assunto v. obra pioneira de José A. de Sá, *Compendio de observações...*" (*ob. cit.*, 1987, p. 36).

<sup>145</sup> *Compendio de observaçoens...*, 1783, p. 8 e 163.

uma nomenclatura que, em si mesma, já pressupõe uma leitura pessoal da criação humana que pretende perscrutar. Mas, concretize-se.

No caso, por exemplo, dos jardins botânicos (ao contrário dos museus, tratados no capítulo 'Das Artes') eles são aqui situados como estabelecimentos da Agricultura, reduzidos a subespécie dos jardins económicos e de lazer, sem aparente tratamento diferenciador enquanto repositório de colecções vivas de objectos vegetais: "Se há Jardins, qual he a sua disposição, e formosura, a qualidade das Flores, *Murtas*, e outras ervas: qual he o seu preparo, e escolha, e a Agricultura particular. Se há Jardins Botânicos, quaes são as Plantas Exóticas, que produz, qual he a sua Agricultura, e natureza; se soffrem o nosso Clima, se precisaõ de estufas, fógos, etc. .) <sup>146</sup>.

Curioso é, a este propósito, registar aquilo que (quase duas décadas depois) parece resultar do apuramento conceptual de J. A. de Sá relativamente aos jardins botânicos. Assim é que - quando, em 1801, a Administração pública lhe destinar a redacção das *Instrucções geraes para se formar o Cadastro, ou o mappa arithmetico-politico do reino* <sup>147</sup> - o nosso autor proporá já um campo único de *averiguação* para 'Gabinetes, Jardins Botânicos, e Livrarias', conjuntamente classificados na categoria de *estabelecimentos literarios*. Os quesitos de ordem científica, na caracterização dos jardins, acentuarão então a sua índole botânica: "As Plantas Reinícolas, e Exóticas dos Jardins Botânicos, e se nestes se fazem tambem experiencias, para introduzir as que se não cultivão no Paiz, e o systema de Botanica, que se segue para as classificar" <sup>148</sup>.

Mas, de volta ao texto de 1783, comprove-se o que afirmámos sobre a ideia de *museu* aqui veiculada por José António de Sá. De facto se - a partir apenas dos termos em que se encontra redigido o questionário - quiséssemos traçar um *arquétipo* museológico idealizado, os seus contornos deveriam ser estes: Museu que, possuindo um regulamento de funcionamento interno, podia invocar um estatuto público ou particular; reuniria em armários, distribuídos por

<sup>146</sup> *Compendio de observaçoens...*, 1783, p. 61.

<sup>147</sup> Lisboa, Na Regia Officina Typographica, 1801. Em 1811 delineou também o "Plano para o alistamento geral do reino" (Cfr. Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario bibliographico portuguez*, t. IV, 1860, pp. 246-247).

<sup>148</sup> José António de Sá, *ob. cit.*, 1801, p. 19.

várias salas, colecções de objectos prevalentemente naturais, podendo expor também pequenas colecções medalhísticas ou de antiguidades; a incorporação destas colecções apresentaria duas origens bem determinadas: ou produto de colecta durante viagens filosóficas, ou de doações de outros coleccionadores; os objectos encontrar-se-iam exibidos de acordo com um dado sistema taxonómico e seriam estudados segundo critérios científicos vigentes na história natural; ao seu serviço trabalhavam vários profissionais e, finalmente, dispunha de fundo financeiro próprio para permitir a conveniente conservação e renovação das colecções <sup>149</sup>.

Tal como documentámos em relação ao conceito de *jardim botânico*, também a conceptualização de *museu* adquirirá uma maior complexidade e clareza terminológica na formulação que Sá proporá para o *Cadastro* de 1801, nomeadamente em matéria de inventário e documentação, serviço público, estudo de colecções, áreas de exibição, financiamento e administração: "Os Muzeos (....) com declaração individual dos Productos, Medalhas, Artefactos, Instrumentos (....): O seu Regulamento interior na arrumação, e preparação, e o systema de Historia Natural adoptado para a Nomenclatura das Produções. (...) Se estes Estabelecimentos são públicos, ou particulares, e a vantagem, que delles resulta ao Bem commum: O numero, grandeza, e Architectura dos Gabinetes, Estantes, Salas, etc. As diversas classes de Pessoas empregadas no ministerio, e serviço delles, o seu fundo, Receita, e Despeza ordinarias com a historia da fundação, e do que tem concorrido para se augmentarem, conservarem, etc." <sup>150</sup>.

---

<sup>149</sup> "Museos. VI. Se há Museos na Provincia públicos, ou particulares; quantos; qual he o numero das salas, e armarios, que occupa; em que genero de productos he mais estimavel, se no Animal, Vegetal, ou Mineral, e, em cada hum destes Reinos, qual he a sua maior preciosidade; se em Mamaes, Aves, Peixes, Insectos, &c. Se em Plantas, Raizes, Madeiras; &c. Se em Pedras, Saes, Enxofres, Metaes, Terras, Fossis, Minas: e as riqueza maior, se em Medalhas, e outras semelhantes preciosidades dignas de notar-se. Qual he a sua fundação, e estabelecimento; que Viagens, descobertas, dadivas tem concorrido para a sua formação; finalmente, qual he o modo, porque se dirige na preparação dos productos. Que Serventuarios occupa, e que fundo tem estabelecido para a sua renovação, e conservação" (*Compendio de observaçoens...*, 1783, pp. 75-76).

<sup>150</sup> José António de Sá, *ob. cit.*, 1801, p. 19.

## 10. A "*Memoria sobre a utilidade, e uso dos Muzeos d'Historia Natura*" ou a *sciencia dos muzeos*

Uma das obras académicas mais conceituadas de Domingos Vandelli, o *Diccionario dos termos technicos de Historia Natural e a Memoria sobre a utilidade dos jardins botanicos*, publicada pela Universidade em 1788, contém menção marginal a um texto que, pela promessa anunciada - *Memoria sobre a utilidade, e uso dos Muzeos d'Historia Natural* -, pareceria destinado a ocupar lugar de destaque na história do pensamento museológico em Portugal <sup>151</sup>.

Tal não sucederia, porém, já que as referências ao manuscrito se têm revelado tão discretas (não tendo sequer merecido inclusão em cuidada antologia do memorialismo *económico* vandelliano) <sup>152</sup> que um autor italiano dos nossos dias chega a duvidar da sua existência <sup>153</sup>.

E, no entanto, a sua leitura constitui hoje gratificante exercício de descoberta de um texto museológico em estado puro, isto é, elaborado com o único e declarado propósito de justificar a existência mesma da instituição

---

<sup>151</sup> Domingos Vandelli, *Memorias sobre a utilidade dos Jardins Botanicos, e Muzeos d'Historia Natural (s/d)*, BACL, ms. 143/2, série vermelha. O manuscrito agrupa as duas Memórias, encontrando-se o início da segunda devidamente assinalado com o título respectivo. Pela sua importância teórica e porque permanece inédita, transcrevêmo-la no Apêndice Documental, vol. II. Apesar de não se encontrar datada (a Memória sobre os jardins fora escrita em 1770) julgamos que deve ter sido redigida entre 1785 e 1788, data em que já aparece citada. A razão prende-se com o facto de o manuscrito ostentar, a seguir ao nome do autor, a sua condição de sócio 'Da Sociedade Real d'Agricultura de Paris'. Ora, sabemos da sua aceitação na agremiação parisiense por comunicação do Secretário perpétuo a Vandelli (Cfr. *Carta de A. Broussonet a Domingos Vandelli (31 de Agosto de 1785)*, AHMB, CE/B -78; e Jean Motte, *Pierre-Marie-Auguste Broussonet (1761-1807)*, 1981, vol. I, pp. 509-511).

<sup>152</sup> A única referência na bibliografia portuguesa, com identificação arquivística, deve-se a R. de Carvalho, *A história natural em Portugal no século XVIII*, 1987, pp. 55-57. Mais recentemente, é citada a partir de exemplar existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Secção de Obras Raras) por Maria Margaret Lopes, *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*, 1997, p. 15. A antologia deve-se a José Vicente Serrão (Introd. e dir. de), *Domingos Vandelli - Aritmética política, economia e finanças*, 1994, que agrupa os textos vandellianos em três categorias: 'naturalismo económico'; 'reformismo económico'; 'alvitismo político e financeiro na conjuntura de 1796-1797'.

<sup>153</sup> Cfr. Marco Meriggi, *Domenico Vandelli. Vita ed opere*, 1989, pp. 13 e sgs.

museal, tal como o seu autor a concebia, representando ao mesmo tempo um raro esforço teórico numa obra obsessivamente arreigada ao pragmatismo <sup>154</sup>.

A *Memoria* dá-se à leitura, antes do mais, como um texto de combate, um manifesto em defesa da utilidade dos museus de história natural. A estrutura formal denuncia isso mesmo, com o argumentário vandelliano ritmado em torno de um mote que vai sendo repetido e sucessivamente contestado - "Naõ faltam pessoas, que consideraõ totalmente inuteis os muzeos de Historia natural, dizendo que destes, e da mesma Sciencia alguãs Nações por tantos seculos, nem tiveram idea, e contudo foraõ, e saõ felizes, e se tem aproveitado de muitas produções naturaes" <sup>155</sup>.

O discurso de Vandelli - esgrimindo ideias com os imaginários oponentes - organiza-se então a partir de reflexão sobre as múltiplas funções sociais de um museu de história natural. E o edifício teórico que a *Memoria* assim propõe decorre da capacidade de pensar o *museu* como uma instituição científica simultaneamente envolvida nos objectivos programáticos do poder político e empenhada em compromissos de alcance social. Por isso se apresenta como um espaço de instrução e de lazer, cumprindo as funções didáctica e lúdica pela exibição das suas colecções: "Hum muzeo bem distribuido será o verdadeiro Theatro da Natureza, no qual hum Mestre poderá ensinar a Historia Natural; e donde hum observador póde tomar o gosto, e instruirse; por isso, todo deve ser distribuido na vista principal de instruir (...). Hum muzeo he hum Livro sempre aberto, no qual o observador se instrue com prazer, e facilmente; a memoria vem ajudada pellos olhos, e se conserva a atenção pello prazer da vista" <sup>156</sup>.

---

<sup>154</sup> Esta atitude intelectual de Vandelli, e comungada pelo nosso meio científico, é assim caracterizada para o caso do pensamento económico (podendo servir, em grande medida, para o campo museológico e naturalista): "Vandelli não nos legou, portanto, nenhuma obra de fundo ou de grande fôlego analítico ou teórico. (...) Em vão se procuraria neste autor, por exemplo, qualquer análise longamente fundamentada sobre a economia portuguesa ou os seus mecanismos de funcionamento, ou qualquer elaboração teórica sistemática e consistente. O que encontramos é um pensamento económico de cariz essencialmente pragmático, vocacionado para a análise, teoricamente rudimentar, de problemas concretos de natureza económica (...)" (J. V. Serrão, *ob. cit.*, 1994, p. XXI).

<sup>155</sup> Domingos Vandelli, *Memorias sobre a utilidade dos Jardins Botanicos, e Muzeos d'Historia Natural (s/d)*, BACL, ms. 143/2, série vermelha.

<sup>156</sup> *Idem, ibidem.*



Outras importantes funções desempenhadas pelo museu de história natural, como a estética e a científica, decorriam, por um lado, da beleza natural dos objectos expostos, capaz de inspirar e educar o sentimento do belo entre os artistas e, pelo outro, da indução do espírito de pesquisa que impele os sábios à compreensão da ordem e dos segredos da Natureza: "Se o Artista não tem outro guia que a mesma Natureza, por que não se dará a hum Muzeo d'história natural o nome de Escola a mais perfeita do gosto? O Gosto hé o juizo perfeito, que dá o justo valor a cada couza: O muzeo sobministra objectos innumeraveis, se aprende a estimalos, e se forma o gosto; prova evidente que tal Muzeo he de hua grande utilidade. Nelle o Filosofo admira a Ordem da Natureza descobre novos fenomenos. O Chymico tem hum vasto campo para penetrar nos Segredos da Natureza" <sup>157</sup>.

A utilidade estritamente economicista não deixará de ser invocada como um dos desígnios primordiais, já quando Vandelli identifica a instituição museológica como um instrumento de racionalidade dos recursos produtivos justificando, desse modo, os investimentos do real erário num "muzeo nacional". Esta função económica, conclui-se, apenas um museu de cariz científico poderia plenamente cumprir: "O Artista acha novas produções para fazellas entrar nos uzos economicos da Sociedade. O Agricultor pode experimentar, e multiplicar aquellas experiencias, que lhe parecem uteis para o sustento da Vida. Eu não me demorarei a enumerar quantas novas e uteis produções se descobrião em varios Reinos depois da introdução desta Sciencia dos muzeos: sirva somente de exemplo a Suecia, Alemanha, França, e Inglaterra. Antes se tirava o Ouro, ou a pratta quando estavaõ virgens, ou no seo estado, e splendor metallico; mas estando estes metaes misturados com outros, ou mineralizados, não se aproveitaõ, como ainda sucede em alguma parte. O acaso somente naquelles tempos fazia conhecer algumas produções naturaes. A Agricultura, nem muitas Artes estavaõ florescente como agora se achaõ depois de se cultivar por toda a Europa taõ interessante Sciencia, e

---

<sup>157</sup> *Idem, ibidem.*

depois de se ter estabelecido muzeos, dos quaes taõ grande utilidade consideravaõ os Inglezes, que estabeleceraõ hum muzeo nacional" <sup>158</sup>.

Numa sociedade em que a *mundivisão* das elites denotava ainda forte ressonância teológica, a própria actividade de pesquisa do mundo físico e natural se pautava por parâmetros de harmonização entre razão e religião revelada <sup>159</sup>. Por isso, a um naturalista ilustrado e católico importava não só defender a conciliação da Fé com o conhecimento científico da Natureza, como até comprovar que o universo dos museus de história natural constituía, em si mesmo, prova irrefutável da presença do Criador <sup>160</sup>: "A admiração que faz nascer tantas Produções Naturaes, não pode a menos de nos conduzir a admirar e adorar, e temer aquelle, do qual estas tem a sua existencia. Em hum Muzeo, onde a natureza, para assim dizer, esta reduzida a hum ponto, se conserva o Pyrronista, e o mais incredulo, e admirando tantas, e diferentes Couzas, que do acazo não podem ser feitas, he convencido da Omnipotencia do Creador. Nenhum, que se aplica a estudar, observar as Obras da Natureza foi conhecido Ateo, ou infiel, por que a Sciencia Natural [Nella deve o Theologo ser instruido, para a intelligencia de muitos lugares da Sagrada Escripura] está unida a Religião. Todas as propriedades pois, e uzos das Couzas, que por meio da observação e experiencia descobrimos, nos da a idêa a mais sublime, a mais magnifica do Creador infinitamente sabio, e Omnipotente. Sabendo nos não somente da Sagrada Escripura, mas da mesma natureza, que todas as Couzas são determinadas para a felecidade dos Homens" <sup>161</sup>.

A última das funções que extraímos do ideário museológico vandelliano, condensado nesta *Memoria* inédita de 1785, relaciona-se justamente com uma

---

<sup>158</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>159</sup> Sobre a problemática cultural, científica e religiosa da Ilustração Católica em Portugal, tomando como pretexto temático a *Recreação filosófica (1751-1800)*, de Teodoro de Almeida, veja-se Francisco Contente Domingues, *Ilustração e Catolicismo. Teodoro de Almeida*, Lisboa, Colibri, 1994.

<sup>160</sup> Sem adiantar qualquer prova documental, A. H. de Oliveira Marques (*Dicionário de maçonaria portuguesa*, vol. II, pp. 1467-1468) classifica D. Vandelli como "liberal e maçom". Sobre o posicionamento ideológico de Vandelli, veja-se Leopoldo Collor Jobim, *Domingos Vandelli e a revolução francesa*, 1988.

<sup>161</sup> Domingos Vandelli, *Memorias sobre a utilidade ... (s/d)*, BAFL, ms. 143/2, série vermelha.

das questões que tem ajudado a vertebrar a nossa narrativa. Referimo-nos à função de profissionalização dos viajantes-naturalistas que o museu de história natural deveria assumir como complemento indispensável da formação universitária. Aliás, Vandelli traça aqui uma distinção muito nítida entre *gabinetes* particulares e *museus* públicos a partir da existência, nos segundos, de pessoal especializado <sup>162</sup>, tecnicamente apetrechado para integrar as expedições filosóficas aos territórios metropolitano e ultramarino, conduzir o estudo científico das colecções ou proporcionar aos "curiosos" uma *viagem imaginária* pelo mundo natural: "Não duvido que alguns pequenos muzeos sejaõ feitos por este fim, e que hajaõ tambem outros copiosos de produções naturaes, que por falta de directores intelligentes ficaõ inuteis, e somente servem de pura curiosidade. Destes muzeos para particular divertimento não fallo; mas assim daquelles estabelecidos, e dirigidos por sabios naturalistas, que alem de ter dispostas com sistema, e dada a nomenclatura a todas as Produções naturaes, sabem instruir os espectadores nos segredos da mesma natureza, a sua economia, e Policia, que fazem admirar a Omnipotencia do Creador, conhecer as propriedades e os uzos sabidos e que investigaõ, sabem descobrir os desconhecidos: Que explicaõ quanto he possivel a formação, antiquidade, e revoluções do nosso Globo. Ainda que nas Universidades hajaõ Cadeiras de Historia natural, estas não podem servir mais que de preliminar ao estudo desta Sciencia; porque a maior parte do tempo se ocupa na explicaçaõ dos termos, e do sistema. Alem de que geralmente os que as frequentaõ por falta de Phyzica, e Chymica não podem nesta vasta Sciencia aperfeiçoarse. Por isso os iniciados neste estudo em hum muzeo bem disposto, e bem dirigido se podem formar excellentes naturalistas uteis ao Estado" <sup>163</sup>.

---

<sup>162</sup> Parece significativo que Vandelli defenda aqui expressamente que o naturalista generalista (como foi o seu caso e dos naturalistas que ajudou a formar) deva dar lugar a especialistas disciplinares - o 'botânico', o 'zoólogo', o 'mineralogista' - como acontecerá, já na geração seguinte, com F. A. Brotero e José Bonifácio de Andrada e Silva, entre outros: "E como tal Sciencia he taõ vasta; assim cada hum deveria cultivar aquelle rãmo, ao qual tivesse maior inclinação, por que he mais vantajoso ser simplesmente hum excellent Botânico, ou Mineralogista, que hum mediocre, e superficial enciclopedico da Sciencia, ao adiantamento da qual e a publica instrução servem os muzeos da Historia natural" (Domingos Vandelli, *Memorias sobre a utilidade ... (s/d)*, BACL, ms. 143/2, série vermelha).

<sup>163</sup> Domingos Vandelli, *Memorias sobre a utilidade ... (s/d)*, BACL, Ms. 143/2, Série Vermelha. Numa linha de raciocínio que já identificámos neste Capítulo como de

\*

No início do presente capítulo, assinalámos uma mudança na natureza institucional dos estabelecimentos museológicos da Ajuda, associada a nova estratégia governativa envolvendo a *viagem phiolosophica* aos territórios ultramarinos. Organizada a partir de 1777, com a contribuição científica de Domingos Vandelli, proporcionaria um novo quadro de referência intelectual para a instituição *museu de história natural*. Na verdade, com base em correspondência trocada com responsáveis ministeriais, identificámos a doutrina vandelliana (comungada com os seus interlocutores) assente na concepção de *museu* como lugar de legitimação e consolidação dos laços entre viagem, ciência e administração.

Ora, essa arquitectura da viagem é aqui revisitada pelo naturalista italiano num contexto temporal que, em termos museológicos, não nos parece de todo accidental <sup>164</sup>: "O Restaurador das Sciencias, Artes e do Comercio em Portugal o Snr. D. Joze I alem de Jardins Botanicos, mandou estabelecer na Universidade de Coimbra por elle reformada hum muzeo. E a sua sucessora nas virtudes a Snr<sup>a</sup> D. Maria I nossa Rainha mandou a Azia, Africa, e America naturalistas para augmentar o muzeo do Seren. Snr. Principe do Brazil. Que nação há, que mais necessite de hum muzeo nacional, para nelles conhecer as produções da natureza, e seos uzos, etc. que aquelle que possui taõ vastos dominios em Azia, Africa e America; nação que ainda pella multiplicidade dellas naõ teve tempo de conhecer todas as do seo Reino, enquanto poucas das suas conquistas (...) a tantas que ainda estão desconhecidas" <sup>165</sup>.

---

Conflito de Faculdades, escreverá ainda Vandelli: "Que utilidade o Estado pode, e o Princepe, tirar de Homens que nunca examinaraõ as produções da natureza, e que somente instruidos em Sciencias especulativas ou de Legislaçaõ, se occupaõ em prezedir as Minas, Casas de Moedas, Agricultura, e as Manufacturas" (*idem, ibidem*).

<sup>164</sup> Um raciocínio semelhante tem-se aplicado à elaboração da *Memoria sobre a utilidade dos jardins botânicos*. Atento o pragmatismo intelectual de Vandelli, compreende-se que tenha sido escrito a pensar na obra mais importante que tinha em mãos nesse ano de 1770, a edificação do Jardim Botânico da Ajuda.

<sup>165</sup> Domingos Vandelli, *Memorias sobre a utilidade...* (s/d), BACL, ms. 143/2, série vermelha.

É que, justamente nesta segunda metade da década de oitenta, estavam a ser remetidas para o Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda abundantes colecções de produtos naturais e artificiais ultramarinos - de acordo com as determinações técnicas e políticas das *instruções de viagem*<sup>166</sup> - confrontando os responsáveis com a emergência de novas funções museológicas (amplamente teorizadas na *Memoria sobre a utilidade dos muzeos*) mas, igualmente, com a exigência de reorganização institucional de espaços originariamente pensados em obediência a propósitos cortesãos.

Até que ponto o modelo teórico proposto por Domingos Vandelli, e aparentemente aceite pelo Poder, encontraria eco nas práticas museológicas naturalistas das décadas seguintes (com *terminus* na depredação traumática de 1808) eis o que tentaremos equacionar nas páginas que se seguem.

---

<sup>166</sup> "(...) Dou parte a V.mcê q. o Snr Galvão já partiu de Goa para Moçambique, e o Snr. Alexandre para o Rio Negro: Todos já tem feito suas remessas, e o Snr. Feijo continua o seu trabalho nas Ilhas de Cabo Verde" (*Carta de Júlio Mattiazzi a Joaquim José da Silva (5 de Janeiro de 1785)*, AHMB, CN/M -59).

## **CAPÍTULO VI**

### **VIAGEM, CIÊNCIA, ADMINISTRAÇÃO**

#### **O Real Museu de História Natural e Jardim Botânico da Ajuda - anatomia de um complexo museológico e científico**

- *A condução administrativa e científica da Ajuda na década de oitenta - o papel do jardineiro-chefe Júlio Mattiazzi*
- *O regresso de D. Vandelli e de A. R. Ferreira e a reorganização administrativa e científica da Ajuda - entre o critério ministerial e o desempenho dos profissionais*
- *Um estudo de caso - Frei José Mariano da Conceição Veloso e a colaboração dos naturalistas-amadores com a Ajuda*
- *As colecções - do inventário à exibição*
- *'Patentear os Estabelecimentos'- a abertura aos públicos; projectos de ensino; intercâmbio técnico-científico*
- *Relações com personalidades e instituições científicas europeias - da permuta ao saque*



*“No Museo de S. Alteza Real o Senhor Principe do Brazil, e no Real Jardim de Suas Magestades existem muitos productos não descriptos ainda por Author algum, para cuja preciosa Collecção concorre efficaçmente o Grande e Innato Zello do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Martinho de Mello e Castro, e Secretario de Estado dos Negocios de Ultramar.”*

*José António de Sá, 1783*

*“(....) Concluirei em nomear o mais famozo [museu]; qual he o Gabinete do Serenissimo Principe formado, e dirigido pelo Secretario de Estado dos Negocios Ultramarinos, o qual pelo adiante não envejará aos mais ricos da Europa pela multiplicidade, variedade, e raridade das produçoens assim naturaes, como estrangeiras, de que se vai enriquecendo, que exaltaõ igualmente o zelo daquelle sabio Ministro Patriota, em quem esta Sciencia achou sempre mui particular empenho.”*

*Baltazar da Silva Lisboa, 1786*

*“O Museu athe o periodo, em que a Real familia se ausentou para o Brasil, progredio summamente na quantidade dos seus productos naturaes, elle forneceo quasi todos aquelles, com que se fundou o Museu da Universidade de Coimbra, o da Academia de Sciencias de Lisboa, e o da Casa da Moeda.”*

*Félix de Avelar Brotero, 1822*

*“Nada é mais aristotélico do que um museu de história natural”*

*Jean Brun, 1986*

## **Viagem, ciência, administração**

### **O Real Museu de História Natural e Jardim Botânico da Ajuda - anatomia de um complexo museológico e científico**

1. Não podemos senão experimentar um sentimento ambivalente quando convocados a avaliar a importância científica, económica e museológica dos estabelecimentos da Ajuda - Real Museu de História Natural e Jardim Botânico - no período em estudo. Se, por um lado, aderimos sem resistência à opinião de que no panorama museológico setecentista nenhuma



outra criação privada ou institucional (incluindo os museus da Universidade e da Academia das Ciências) terá desempenhado papel de comparável relevo, somos todavia compelidos a usar de redobrada prudência analítica face à surpreendente massa documental reunida.

A maior dificuldade na elaboração de uma visão de conjunto, consistente e plausível, reside justamente aqui - na imperiosa tarefa de distinguir entre a determinação administrativa e a sua real praticabilidade. Ou seja, apurar se o lugar de destaque que a Coroa, no âmbito de uma estratégia de reformismo económico, conferiu ao complexo científico de história natural da Ajuda, terá assumido uma feição prática e útil, ou se terá permanecido afinal na esfera da linguagem legal e burocrática das intenções. O que se trata aqui, em suma, é de comprovar se efectivamente se cumpriu o desígnio estatal, tantas vezes perceptível na retórica do Poder, de conferir a esta instituição museológica - território de saber técnico e experimental - o estatuto de instrumento de desenvolvimento económico (metropolitano e colonial) tal como era doutrinado pela *economia da natureza*.

A dimensão mais divulgada das actividades científicas e museológicas exercidas na Ajuda tem sido a das viagens de exploração *philosophica* aos territórios ultramarinos<sup>1</sup>. Este programa implicou o compromisso entre poderes públicos e meio científico - à Coroa coube o financiamento e coordenação das expedições, ficando o seu apetrechamento técnico e a transmissão da cultura profissional aos viajantes-naturalistas a cargo do Museu e Jardim Botânico. Do ponto de vista destes estabelecimentos museais, os resultados mais visíveis do empreendimento traduziram-se no notável enriquecimento das colecções de produtos exóticos, naturais e artificiais, e na elaboração de relatórios de investigação (trabalho de campo, sob a forma de memórias e iconografia) cujos

---

<sup>1</sup> "Por 'viagem filosófica' entendiam-se as expedições científicas orientadas para a 'descrição física e económica' dos territórios, ou seja, para a inventariação dos recursos naturais e das suas aplicações económicas. Era precisamente este naturalismo aplicado à economia que preenchia o essencial do campo disciplinar então designado por *Filosofia Natural*" (J. Vicente Serrão, *Domingos Vandelli - Aritmética política, economia e finanças*, 1994, p. XXIV).

reais contributos teóricos para o avanço da História Natural constituem ainda hoje motivo de controvérsia <sup>2</sup>.

Mas, na medida em que assim se subordinava o trabalho científico aos objectivos traçados pela Administração, sendo os naturalistas considerados meros agentes do Estado, importaria ajuizar se as prioridades de pesquisa terão sido definidas exclusivamente pelo critério do interesse público e dos deveres funcionais ou se, alguma vez, foi possível no quotidiano do Real Museu de História Natural e Jardim Botânico da Ajuda o exercício especializado de métodos e de conceitos em programas puramente científicos. Responder a esta questão significa saber se foi aqui cumprido o processo de apropriação do objecto de história natural, ou seja, a transformação dos *entes naturais* - recolhidos, preparados e remetidos pelo colector - em produtos científicos através do trabalho de gabinete efectuado pelo naturalista no interior dos estabelecimentos museológicos.

Este processo, a ter sido consumado, implicaria uma divisão do labor científico baseada no princípio de que a viagem filosófica correspondia apenas a uma primeira fase, essencial mas inacabada, <sup>3</sup> e que a organização do campo do saber naturalista só seria plenamente assegurada pelas operações museológicas de estudo - com imprescindível divulgação de resultados junto da

---

<sup>2</sup> "A missão levada a cabo por Alexandre Rodrigues Ferreira ficou remetida a uma fase inicial de recolha e de testemunho. De facto, os materiais recolhidos - colecções, herbários, notas, desenhos - não foram analisados ou estudados. Enquanto que noutros locais se dava difusão aos trabalhos produzidos em viagens semelhantes e se procedia à elaboração de sínteses científicas, em Portugal nada resultou da viagem científica" (Ângela Domingues, *Viagens de exploração geográfica na Amazónia em finais do século XVIII: política, ciência e aventura*, 1991, p. 89). Para o estado da questão no Brasil, veja-se a leitura proposta por Ronald Raminelli, *Ciência e colonização - viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira*, 1998. Uma perspectiva especializada sobre os contributos das viagens africanas no campo da Botânica é apresentada por Abílio Fernandes, *A Universidade de Coimbra e o estudo da flora e da vegetação dos países africanos de língua oficial portuguesa*, 1993.

<sup>3</sup> "Sous l'Ancien Régime (...) c'est l'élément 'voyage' qui pèse le plus lourd. Le voyageur-naturaliste du XVIIIe siècle est plus voyageur que naturaliste; (...) sa formation le prépare mal, tout au moins très incomplètement, aux tâches qui l'attendent. C'est bien souvent le voyage qui fera le naturaliste (...). Le naturaliste, le vrai, attend à Paris l'arrivée du voyageur et surtout celle des collections de celui-ci pour en faire de nouveaux matériaux aux service de la science" (Y. Laissus, *Les voyageurs naturalistes du Jardin du roi et du Muséum d'histoire naturelle: essai de portrait-robot*, 1981, p. 263).

comunidade científica - conservação, e exibição cénica dos objectos tal como surge já exemplarmente enunciado em obra coeva: "Ninguem espere que de viagens de mezes ou ainda de alguns annos, e muito menos de informações sómente, resulte uma exacta notícia da Historia Natural d' ésta vasta Região [Brasil], aonde os Productos e as circumstancias são, pela maior parte, tão differentes dos do antigo Mundo. Só de Naturalistas dignos e judiciosamente empregados (....) por toda a sua vida se poderá esperar uma serie de observações sabiamente feitas, comparadas, e systematizadas, que ponhão em toda a luz a natureza inteira d' ésta Parte, e nos ensinem os modos de a converter em nosso proveito" <sup>4</sup>.

## **2. A condução administrativa e científica na década de oitenta - o papel do jardineiro-chefe Júlio Mattiazzi**

Já o afirmámos neste texto, mas importa comprová-lo por subsistirem interpretações equívocas: a direcção científica do Jardim Botânico e do Museu de História Natural esteve confiada sem interrupção a Domingos Vandelli durante mais de quarenta anos (1768-1810), mesmo quando assegurou a docência universitária coimbrã (1772-1791) <sup>5</sup>. É certo que nesse particular

<sup>4</sup> [José Feliciano de Castilho], *Instrucção para os viajantes e empregados nas colonias sôbre a maneira de colher, conservar, e remeter os objectos de historia natural arranjada pela administração do R. Museu de Historia Natural de Paris.(....) Augmentada, em notas, de muitas das instruções aos correspondentes da Academia R. das Sciencias de Lisboa, impressas em 1781; e precedida de algumas reflexões sôbre a historia natural do Brazil, e estabelecimento do museu e jardim botânico em a Côte do Rio de Janeiro, 1819, p. XXV.*

<sup>5</sup> Alguns dos textos que reproduzem dados biográficos de D. Vandelli continuam a dá-lo como Director dos estabelecimentos da Ajuda somente após a sua jubilação universitária, citando-se a reorganização administrativa da Ajuda decretada em 1795. Se outros argumentos fossem necessários para comprovar que já assegurava a direcção muito antes dessa data, bastaria citar a notícia inserta no 1.º número do *Almanach de Lisboa*: "Noticias curiosas e interessantes. Jardins Botânicos. Na Ajuda o de S. Magestade, de que he Director Domingos Vandelli, Lente de Historia Natural da Universidade de Coimbra; e custodio do mesmo Jardim Julio Mattiazzi" (*Almanach para o anno de 1787*, pp. 257-258). Também um outro facto decisivo é a forma como, nos seus textos científicos, Vandelli ostenta os títulos profissionais: em 1768 - *Regii Botanices Professoris*; em 1771 - *Horti Reggi Exoticarum Plantarum Praefecti*; 1776 - *Horti Reggi Exoticarum Plantarum Praefecti; Hist. Nat., et Chemicæ Profess. Collimbr.*; 1788 - *Director do Real Jardim Botânico, e Lente das Cadeiras de Chymica, e de*

período delegará a administração da parte económica em Júlio Mattiazzi (que passou a despachar directamente com o ministro Melo e Castro) mas, e é isso que importa fixar, Vandelli nunca deixará de assumir oficialmente a orientação museológica dos estabelecimentos ainda que, como aparentemente terá sucedido, o *custodio* paduano possa ter exorbitado das suas funções estritamente florísticas e administrativas, deixando-se seduzir pelas colecções conchiológicas e pela arquitectura do museu: "Pela ordem, que no anno 1768 tive do Snr. Rey D. Jozé de glorioza memoria, de estabelecer hum jardim Botanico, mandei vir de Padova Julio Mattiazzi, q. tinha instruido nas minhas viagens do ducado de Milão, e que me servia no Museo, q. na sobredita Cidade possuia (...). Devendo eu hir a Coimbra p.a reger as duas Cadeiras de Historia Natural, e de Chymica, e estabelecer o Museo, Laboratorio Chymico, e Jardim Botanico, entreguei a administração deste jardim ao Jardineiro, não deixando em cada anno no tempo das ferias vir huma; ou duas vezes a esta Corte, e dirigir as operaçoens maes necessarias p.a concluir este Jardim (...). O Jardineiro Administrador na minha ausencia tomando gosto ao governo independente pela protecção que tinha adquirida, chegou a pouco e pouco a não querer executar o que eu determinava em beneficio do mesmo Jardim, e Museo: e deixando-se quaze totalmente da cultivacção das plantas, a qual era destinado, tomou gosto p.a as conchas, e outros animaes do Muzeo, e a querer ser Architecto, de maneira que deixou perder a major parte das plantas" <sup>6</sup>.

---

*Historia Natural na U. de Coimbra.* Note-se como a condição de responsável pelos estabelecimentos da Ajuda nunca deixará de ser avocada em primeiro lugar, mesmo quando já docente universitário.

<sup>6</sup> Domingos Vandelli, *Relação da origem, e estado prezente do Real Jardim Botanico, Laboratorio Chymico, Museo de Historia Natural, e Caza do Risco, s/d*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444 [1795]. Noutro passo do mesmo documento especificará ainda que: "O (...) Jardim contem somente mil e duzentos especies de plantas. As Estufas tem os degraus, algumas columnas, e Janellas podres. As pyramides p.a os vasos são muito altas. Não estão feitas ainda as pequenas estufas p.a os Ananases. No plano inferior ainda se devem por os canos de chumbo p.a fazer facil a rega (...). Ainda estão sem plantas as divisões do Plano inferior, nas quaes devem cultivar-se as plantas Medicinaes, p.as Artes e Economia". Mas, a ligação de Vandelli ao Jardim (mesmo leccionando em Coimbra) era suficientemente 'visível' para merecer o seguinte comentário num periódico: "No Real Jardim Botanico de Belém vegeta esta admirável planta, que pelo cuidado do douto Professor Vandelli chegou a dar semente o ano passado, de que se reproduziu este ano, e se acha actualmente no seu vigor" (*Jornal Enciclopedico*, 1779, p. 79).

Não poderemos comprovar a justeza da apreciação vandelliana sobre as responsabilidades do compatriota no invocado *déficit* vegetalista do Jardim, mas cremos que ela deve ser entendida como crítica à deficiente componente experimental do Jardim e à sua incompleta escola botânica, em coerência, aliás, com o que já manifestara, em 1788, na *Memoria sobre huma publica instrução agraria*<sup>7</sup>.

Tanto assim que o sempre exigente testemunho do aristocrata William Beckford - baseado em impressões colhidas durante a primeira das suas três estadas em Portugal (1787-1788) - exalta, ao invés, o efeito estético das construções (balaustrada, escadaria, esculturas e lagos)<sup>8</sup>, a diversidade arbórea e o magnífico enquadramento paisagístico dos terraços, ou seja, a dimensão lúdica e cortesã do Jardim: "The Garden is pleasant enough, situated on an eminence, planted with planes, acacias, catalpas and other light-green

<sup>7</sup> AHMOP (Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas), Ministério do Reino, Maço 36/37, (1777-1794). Veja-se transcrição efectuada *supra* Cap. IV. Brotero retomará o sentido desta crítica: "O Jardim Botânico foi fundado á maneira dos antigos Jardins, e sem classificação alguma scientifica, posto que nelle hajão muitas plantas raras e uteis á Medicina, Agricultura e Artes; para o reformar e estabelecer á moderna, pelo methodo, com que formei o da Universidade de Coimbra, seria necessario arrancar todas as plantas, todos os ornatos de buxo, e caixas de lagedo do terreno superior, aonde ele se acha estabelecido; os trabalhos desta reforma durarão alguns annos, nelles se perderião muitas especies, e as despezas serião enormes: as suas Estufas forão tambem muito mal construidas, sem pilares de pedra, e sem caixilhos de ferro, mas todos elles feitos de madeira actualmente em estado podre e precisados de concertos muito dispendiosos, os quaes por ora não se poderão effectuar, e somente poderão ser huns pequenos reparos paliativos do seu ruinoso estado" (*Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro (16 de Novembro de 1822)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555 (1821-1833). Brotero assegurará oficialmente a direcção dos estabelecimentos da Ajuda entre 1811 e 1828, data da sua morte.

<sup>8</sup> "Desse conjunto setecentista, gracioso e evocador, ainda felizmente perdura o lindíssimo Jardim Botânico, com os seus lagos, de formas caprichosas e barrocas, escadarias e balaustradas, plantas raras recordando-nos naturalistas e botânicos famosos como Vandelli ou Brotero. Pensamos em artistas como um Machado de Castro e os seus discípulos e ajudantes, quando atentamos na estranha fauna e flora decorativa e escultórica semeada pelos lagos e reflectindo-se nas águas esverdeadas pelas plantas aquáticas e pelos nenúfares. (...) Será um desconhecido nos anais da Arte Portuguesa, João Gomes, prodigioso mestre canteiro, com seu filho e sucessor Leandro Gomes, quem interpretará na pedra os motivos graciosamente decorativos da História Natural, que existem no lago do Jardim Botânico. (...) Será João Gomes que durante anos e anos fará de empreitada as centenas de balustres que cercam o Jardim Botânico e as escadarias onde avulta, segundo supomos, a estátua do príncipe D. José, filho de Pedro e Maria" (Ayres de Carvalho, *Os três architectos da Ajuda*, 1979, pp. 17-18 e 32).

trees clustered with flowers. Above the tops of these airy groves rises a broad, majestic terrace, with marble balustrades of shining whiteness. They design wretchedly in this country, but execute with great neatness and precision. I never saw balustrades better hewn or chiselled than those bordering the stairs, which lead up from the wood to the terrace did. Its ample surface is laid out in oblong compartments of marble containing no very great variety of vanillas, aloes, geraniums, China roses and the commonest plants of our greenhouses. (...) The terrace has about fifteen hundred paces in length. Three large basins of clear water give it an air of coolness, much increased by the waving of planes and acacias exposed by their lofty situation to every breeze which blows from the entrance of the Tagus. The Azure of the sea and river papers to great advantage between the quivering foliage”<sup>9</sup>.

Seja como for, a prolongada ausência de Vandelli - em conjuntura de febril actividade institucional e de forte empenho político da Coroa no quotidiano do Museu e Jardim Botânico, relacionados com as *viagens philosophicas* aos territórios ultramarinos - convidaria certamente à confusão de competências. Não deixa de ser sintomático que, por exemplo, alguma da correspondência expedida pelos viajantes-naturalistas, dramaticamente condicionados pela adversidade das condições naturais e humanas dos territórios africano e indiano, se dirija preferencialmente ao jardineiro-chefe buscando-lhe a compaixão e, sobretudo, a influência política junto da Secretaria de Estado dos Negócios Ultramarinos<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> *The journal of W. B. in Portugal and Spain. 1787-1788*, 1954, p. 55. Este testemunho faz parte da carta datada de 31 de Maio de 1787 - de um conjunto epistolar traduzido por L. A. Rebelo da Silva com o título genérico de *Viagens de Beckford a Portugal* - publicada na Revista *O Panorama*, t. 12, p. 280.

<sup>10</sup> Uma avaliação mais circunstanciada das condições em que decorreram as expedições africanas setecentistas (marginal aos nossos propósitos temáticos) pode ser encontrada em W. J. Simon, *Scientific expeditions in the Portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the Intellectual-Scientific Community of the late Eighteen Century*, 1983; e Maria Emília Madeira Santos, *Viagens de exploração terrestre dos portugueses em África*, 1988, pp. 143-189. Simon, contudo, utiliza exclusivamente a correspondência dirigida ao Ministro (depositada no AHU) de conteúdo mais 'formal' e 'legal', redigida em linguagem muito cautelosa. A que se encontra no AHMB, destinada a Mattiazzi, possui um cunho mais humanizado permitindo uma maior compreensão do estado de espírito e dos problemas quotidianos dos naturalistas.

O mais esclarecedor documento do preponderante papel desempenhado por Mattiazzi nos bastidores das expedições, como confidente privilegiado dos naturalistas nos casos frequentes de conflitualidade e de intriga, é a longa carta que lhe dirige o naturalista-desenhador italiano Angelo Donati, embarcado para Angola. Trata-se de um testemunho humano de impressionante densidade psicológica, escrito pouco tempo antes de morrer, no qual tece duras críticas ao comando militar a bordo (e ao próprio líder da expedição, o naturalista Joaquim José da Silva), à inactividade científica durante os cento e dazasseis dias da travessia marítima e à generalizada insensibilidade face à importância da *viagem philosophica*, contrastando com o seu maravilhado olhar de artista mergulhado num universo natural e humano radicalmente novo: “Per Mare facei pochissime osservazioni, e qualche disegno. Ora mi ritrovo in terra in un Mondo per me totalmente nuovo: costumi, colore degli abitanti, piante, insetti, uccelli tutto differente dal nostro. Io mi ritrovo qualche volta si sorpreso che se alcuno mi riguardase in disparte, mi prenderebbe facilmente per un insensato”

11

Expedindo de S. Filipe de Benguela a derradeira missiva para a Ajuda, rodeado de “inimigos” e de “bárbaros”, fazia um apelo dramático à intervenção do compatriota, o único que lhe poderia valer em caso de desagrado oficial, já que era ouvido e respeitado pelo ministro. Parece neste contexto significativo que Donati deixe para “melhor altura” a comunicação com Vandelli: “(...) Sr. Giulio la prego ricordarsi di un suo Patriota che sta nel Congo; Lei è l'único che mi può difendere, sostenermi, in caso che la malignità, l'invidia, l'ingiusta vendetta (...) de S<sup>a</sup> Eccl<sup>ia</sup> [Melo e Castro] contro di me. Son certo che lei stesso riceverà delle insinuazioni, delle lettere, delle notizie che mi discrediteranno. (...) Lei si arricordi che sono un povero Forestiere in mezzo a nemici, e a barbari: motivo per cui merita la mia situazione un poco più di pietà. (...) Lei avrà la bontà di passare i miei rispetti al Sr. Dr. Franzini (..), al Sr. Dr. Vandelli (...) scriverò in miglior tempo”<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> *Carta de Angelo Donati a Júlio Mattiazzi (10 de Setembro de 1783)*, AHMB, CN/D-6. Mattiazzi anotarà à margem que tinha recebido a notícia da sua morte 2 de Maio de 1784.

<sup>12</sup> *Idem, ibidem.*

É notório que o interlocutor não somente administrativo mas também científico dos naturalistas em viagem e o seu mais seguro confidente passará a ser o 'amigo sr. Julio', o qual aparece assim a mediatizar uma relação mais longínqua com o Director Vandelli e com o Inspector Melo e Castro <sup>13</sup>.

Importa lembrar que estes jovens recém-formados tinham realizado o seu estágio profissional na Ajuda, durante os anos 1778-1783, convivendo de muito perto com Mattiazzi, mais velho em idade, experiente em classificações botânicas (nos Jardins de Pádua, Ajuda e Coimbra <sup>14</sup>) e em colheitas mineralógicas, e coordenando no terreno o programa científico de formação traçado por Vandelli, tal com testemunha o bem informado Baltazar da Silva Lisboa: "Não falo na infinidade de marmores nobres de Cintra, Mafra, Alcantara, Montes Claros, Minde, Estremos, Arrábida, Borba, Odivelas, Salema, Alqueidaõ da Serra, Porto Salvo, Runa, Trigaxe, Beja, Tavira, Oeyras, Mourilena, Paradela, Bajouca, Caranguejeira; e de infinidade de outros

---

<sup>13</sup> Ilustrativo desta relação é o facto, comentado por W. J. Simon, de que: "appears to have been no communication between [Joaquim José da] Silva and his former professor at the University of Coimbra, Domingos Vandelli" (*ob. cit.*, 1983, p. 104). Mattiazzi, no próprio ano da sua morte, 1794, ainda receberá as confidências amargas do naturalista enviado a Cabo Verde "Não posso deixar de ser importuno, quando lembro as milhares de obrigações que devo a V. Mcê e que neste Mundo não tenho outra Pessoa de quem me valha no total desamparo, em que me comtemplo neste desterro, onde a minha desgraça quis conduzir-me; e no centro de todos os meus infortunios só me consola a lembrança de que V.mcê será meu Protector, e Libertador e que por meio do seu vallimento tornarei a ser felix ao menos vendo-me restituído á minha pobre casa, e ao centro de sua triste Familia(...)" (Cfr. *Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazzi (26 de Janeiro de 1794)*, AHMB, CN/F -20).

<sup>14</sup> Parece seguro considerar que os futuros naturalistas, alunos do Curso de Filosofia Natural, terão travado um primeiro contacto com Mattiazzi quando este esteve em Coimbra ao serviço do Jardim: "Em 14 de Novembro do mesmo ano (1774) escrevia o Marquês ao reitor da Universidade o seguinte: 'O portador d'esta será o jardineiro do real jardim botânico, Julio Mattiazzi, que passa a essa universidade encarregado de fazer plantar no horto botanico d'ella as plantas que agora se remetem pela via do mar para o mesmo effeito. E depois de executar esta deligencia, deve voltar para esta corte, ficando para tractar das sobredictas plantas João Luiz Rodrigues, que o acompanha. O que participo a v. s.<sup>a</sup>, para que ao sobredicto fim dê as providencias que necessarias forem: fazendo pagar ao sobredicto Julio Mattiazzi a despesa que fizer na sua jornada, assim na ida como na volta" (Joaquim Augusto Simões de Carvalho, *Memoria historica da faculdade de philosophia*, 1872, p. 236). Mattiazzi estaria de regresso a Lisboa em Janeiro do ano seguinte, a julgar por carta dirigida a Cenáculo: "O Dr. Vandelli me ordena dar parte a V. Ex.<sup>a</sup> que pelo Jardineiro Giulio, que vem de Coimbra remette a V. Ex.<sup>a</sup> tres Medailhas Hebraicas, e dous Talismans com as explicações do P.e D. Paolo" (*Carta de Nicolao Pagliarini a frei Manuel do Cenáculo (7 de Janeiro de 1775)*, BPE, CXXVIII/1-13, Carta 4215).



preciosos de Vialonga, Villa Fria, Cascaes etc, coligidos por Julio Mattiazi para o Muzeu de Sua Alteza Real”<sup>15</sup>.

Não por acaso, o primeiro relatório oficial do trabalho de campo do naturalista da Ajuda Manuel Galvão da Silva, enviado à Índia e a Moçambique (com prévia passagem pela Baía onde fora enviado para explorar a mina de cobre da Caxoeira)<sup>16</sup>, bem como as remessas de produtos exóticos destinados ao Museu e ao Jardim Botânico são-lhe dirigidos: “Sr. Julio Mattiazzi. Meu amigo: Tendo chegado a sete de Dezembro a Goa, tempo tão limitado para expedições philosophicas, vi-me obrigado a andar debaixo de todo o Sol a correr estas terras, de que me não hia rezultando muito bem; pois estive por quatro dias com terriveis dores de cabeça; mas quis Deus que melhorei, e tornei ao meo exercicio, que melhor fora não fizesse pelo pouco q. pude aproveitar, não encontrando por aqui mais do q. ferro, e alguma argillas: este o motivo por que me rezolvo deixar Goa, e hir para Mossambique, onde espero achar mais productos do que por estes Payzes. Em q.to a haver tudo não tenho que dizer; pois o Governador deo todas as Providencias necessarias; em hua palavra aqui só há falta de productos, principalmente Mineraes; tudo mais havia, para se fazer as Expediçoenz, e com commodid.e. vão varios pedaços de ferro de diversas partes, vai hua pedra das que por aqui se uzão nos Altares, vão alguns saquinhos com argillas, e he toda a remessa: e hum frasco de Lata com peixes. Vão tambem cinco plantas desenhadas, e pintadas; e huas poucas em herbario que o tempo não dá para mais. Plantas sim há por aqui em abundancia, mas como poucas já se achão florecidas, não se podem conhecer. (...) Lembro-lhe que hua das Plantas pintadas, como não appareceo se não essa única flor, a não descrevi; veja se a conhece; ou o Sr. Vandelli”<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> *Discurso historico, politico, e economico dos progressos, e estado actual da Filozofia Natural Portugueza, acompanhado de algumas reflexoens sobre o estado do Brazil*, 1786, pp. 26-29.

<sup>16</sup> Termina a carta a Mattiazzi, enviada da Baía, desta forma: "(...) e faça-me o favor de dizer ao D.or Vandelli, que lhe não posso escrever por este Navio, por isso o não faço" (*Carta de Manuel Galvão da Silva a Júlio Mattiazzi (16 de Junho de 1783)*, AHMB, CN/S -26).

<sup>17</sup> *Carta de Manuel Galvão da Silva a Júlio Mattiazzi (Goa, 28 de Janeiro de 1784)*, AHMB, CN/S -27. O relatório científico referente a esta viagem seria publicado, décadas depois, devido à iniciativa de Cunha Rivara. Dele retemos algumas reveladoras referências às preocupações do naturalista com o universo museológico:

Manuel Galvão da Silva, preparado académica e profissionalmente para exercer funções de naturalista e de matemático <sup>18</sup>, e comungando certamente da cultura museológica doutrinada por Vandelli, via-se agora na contingência medíocre de assumir funções burocráticas na Secretaria do Governo colonial para assim poder justificar as verbas da sua missão *philosophica* <sup>19</sup>.

Submetido aos ditames da organização militar que lhe enquadrava as esparsas expedições colectoras ao interior, desabafa com Mattiazzi a angústia suprema de - com o quarto cheio de espécies naturais exóticas, por si

---

"Tendo estado alguns dias, para fazer a historia natural de Goa, em indagar as substancias, que pertencem ao Reino das Pedras, sem achar mais que hum ferro, composto pela maior parte de huma ochra indurecida, e de côr encarnada, ou amarella, resolvi, como me tinha sido ordenado, passar as ilhas, e lugares subordinados a Goa, a ver se tirava algum fructo das minhas fadigas, enriquecia o Real Gabinete de Historia Natural, e achava ao mesmo tempo alguma producção, que pudesse ser util á minha patria . (...) de donde me recolhi a Goa, sendo já chegado o tempo de embarcar para Moçambique, para pôr em ordem a pobre colheita que tenho feito. Em summa por todas as partes, por onde tenho viajado, não tenho visto foseis petreficados, pedras calcareas ou siliciosas, e nem se encontrão da mesma sorte betumes, saes, enxofres, nem immensas outra produções, que fazem rico o Reino Mineral. As substancias que em si contem estas collinas, tão estereis de metaes, agora as descreverei (...). Em quanto ao Reino Animal, ainda que se achão por aqui, muitos animaes, que podem servir para o Museo de Sua Magestade, como he preciso tempo para descobrir os quadrupedes, prepara-los, e encher-lhes as pelles; e os passaros necessitão de ser apanhados em redes ou laços, para se não despedaçarem, não se pode fazer delles nenhuma collecção. Conservo tão somente alguns peixes em espirito de vinho: as conchas, que não são poucas, tanto das univalves, como das bivalves, e que forão buscadas com tanto trabalho por toda a parte, estão moidas e roidas, que não merecem estimação alguma. He de saber que nenhuma dellas he daquelas, a que os homens dão preço (Manuel Galvão da Silva, *Observações sobre a historia natural de Goa, feitas no anno de 1784*, 1862).

<sup>18</sup> "Silva was more inclined towards mathematics in which he excelled. (...) Although he mentioned that he had sextants with him to measure longitude and latitude, he lacked other instruments, probably transverses, for the survey" (W. J. Simon, *ob. cit.*, 1983, pp. 59, 72). De facto, dirigindo-se a Mattiazzi, solicita-lhe que o governo envie: "Huma carta p.<sup>a</sup> João Hyacintho de Magalhaens tomar a Seo cargo o mandar-me fazer alguns Instrumentos de Mathematica, de que precizo para tirar as Cartas geographicas dos Paizes por onde viajar" (*Carta de Manuel Galvão da Silva a Júlio Mattiazzi (15 de Dezembro de 1786)*, AHMB, CN/S -30). Encontram-se ecos desta encomenda para Londres em carta dirigida ao Ministro (Cfr. *Carta de Manuel Galvão da Silva a Martinho de Melo e Castro (16 de Julho de 1787) apud Teixeira Botelho, Subsídios para a história das ciências naturais em Portugal. O naturalista Manuel Galvão da Silva e as suas excursões científicas em Moçambique nos fins do século XVIII*, 1923-1924, pp. 180-181.

<sup>19</sup> Sobre a expedição em terras de Moçambique, veja-se também: M. Galvão da Silva, *Relação da viagem feita pelas terras da Manica em 1788*, 1856; e Teixeira Botelho, *ob. cit.*, 1923-1924.

recolhidas e preparadas enquanto viajante-colector - não poder exercer as operações científicas de gabinete, como naturalista. Talvez que, na sua crueza dramática, esta carta ao jardineiro-chefe resuma bem as contradições e os limites lusitanos da *viagem* africana e asiática de setecentos: " Com effeito não há Secretaria mais pobre, nem mais trabalhoza; tem infinitos requerimentos, que preparar (...); e he embrulhada de tal sorte, que me tira o tempo, e a vida (...) Creia que vou desconfiando muito das viagens: dão-se-me, dizem oito cruzados, para me sustentar, e os rapazes, e algum soldado, e heide tratar de cozinha e de historia natural; ando por fora oito dias, e ainda não appareço o que gastei; que com tudo hade vir: Emfim meo amigo, debaixo de tudo heide vêr se descrevo, o que os Governadores mais facilmente achão, do que mil Naturalistas. Que bella remessa não vai agora p.<sup>a</sup> o Muzeo, e que pena não tenho eu, de a ter no meo quarto, e a não poder vêr " <sup>20</sup>.

A influência pessoal de Mattiazzi na definição da política científica da Ajuda parece assim alargar-se, durante esta década de oitenta, na razão directa do afastamento físico de Vandelli e do crescendo de dificuldades manifestadas pelas expedições naturalistas nos domínios africanos. De Angola o número de objectos naturais recebidos no Museu Real, durante os primeiros anos, é tão diminuto que as autoridades chegam a encarar o regresso do naturalista Joaquim José da Silva <sup>21</sup>. O aviso, quase em tom de ameaça, chega

<sup>20</sup> *Carta de Manuel Galvão da Silva a Júlio Mattiazzi (18 de Agosto de 1784)*, AHMB, CN/S- 28. Será ainda em tom de lamento que se dirigirá a Mattiazzi, seis anos volvidos: "(...) não tendo podido até agora consolar-me da perda do Desenhador [António Gomes], que me cauza a maior falta que póde ser, e vendo-me por esta forma obrigado a deixar o Reyno das Plantas, e não tratar de mais do que da Mineralogia, trabalho a que só me podia aplicar. (...) Jozé da Costa morreo a 14 ou 15 de Dezembro do anno passado, e dos tres que viemos resta este miseravel que mal póde consigo. E vai vivendo em quanto Deus assim o permite." (*Carta de Manuel Galvão da Silva a Júlio Mattiazzi (28 de Agosto de 1790)*, AHMB, CN/S- 31). "Silva sent few specimens to Lisbon. (...) During this period, Silva made two shipments of specimens to the Ajuda Palace Gardens (August and September 1791). The exact contents were not described and it is possible that the two shipments were really one" (W.J. Simon, *ob. cit.*, 1983, pp. 75-76).

<sup>21</sup> Sobre a expedição em terras de Angola, veja-se também: Alfredo de Albuquerque Felner, *Angola. Apontamentos sobre a colonização dos planaltos e litoral do sul de Angola*, 1940, ts. I e II, que transcreve correspondência oficial de Joaquim José da Silva; e a interpretação de conjunto, acentuando a dimensão museológica e divulgando bibliografia, de Henrique Coutinho Gouveia, *Aspectos das relações entre Portugal e Angola no domínio museológico - as viagens de exploração científica setecentistas*, 1991 [ed. policopiada consultável na BMCUL].

a Luanda pela pena do jardineiro-chefe, visivelmente seguro do ascendente que detinha já junto do Ministro: "(....) Meu am.<sup>o</sup> S. Ex.<sup>a</sup> [Martinho de Melo e Castro] esta m.to escandalizado de V.mcê depois de ter escrito mandando-lhe dizer q. bastava a expedição d' Angola p.<sup>a</sup> fazer hum grande Gabinete e ter passado tres annos sem q. V. mcê tenha remetido coiza algua para este Gabinete (....) Tinha o d.to Snr. resolvido mandar hum Riscador; porem vendo, q. V. mcê tarda tanto com as remessas, me parece q. pensa de fazer vir a V.mcê p.<sup>a</sup> esta Corte ficando inutil hua tão grande despeza sem proveito algum (....)"<sup>22</sup>.

A resposta do naturalista merece ser registada já que documenta bem a debilidade dos recursos humanos e financeiros investidos na viagem africana, em nítido contraste com a prioridade da *viagem* brasileira, e por constituir uma crítica muito lúcida ao modelo militarizado adoptado em África, ou seja ao enquadramento das viagens de exploração ao interior dos territórios em missões de carácter prevalentemente militar.

Joaquim José da Silva propõe aqui, ao invés, um estatuto que assegurasse aos naturalistas a autonomia profissional face à hierarquia colonial, devendo depender directamente da autoridade régia e ficando, desse modo, investidos de uma legitimidade frequentemente questionada por governadores coloniais e militares de carreira. Na verdade, a Administração local tendia a subalternizar estes novos funcionários que ostentavam uma formação universitária em campos de saber cuja utilidade dificilmente se vislumbrava no quadro das tradicionais relações entre o Reino e os seus domínios africanos<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> *Carta de Júlio Mattiazzi a Joaquim José da Silva [1786]*, AHMB, CN/M -62.

<sup>23</sup> Vai igualmente neste sentido a avaliação produzida por Maria Emília Madeira Santos: "A vida do naturalista em África era dura e muitas vezes inglória. Ainda muito pouca gente compreendia o que andavam aqueles homens a fazer perseguindo pássaros ou insectos, colhendo folhas e frutos que não davam de comer a ninguém, escavando a terra para retirar um pouco de barro ou de gesso. (....) O naturalista nem sequer beneficiava do apoio dos quadros militares. (....) O naturalista exprimia, pelo contrário, os novos interesses científicos, recebidos na Universidade. Não possuía a audiência do funcionário real nem o prestígio prático do militar. (....) ele 'aparece' em cargos administrativos, que lhe conferiam uma certa autoridade e um mínimo de estabilidade económica, mas a sua função própria nem sempre estava aí prevista. Isto, quando não tinha de lançar mão do comércio e internar-se no sertão por sua

Nesta carta a Mattiazzi, o naturalista brasileiro sublinhava ainda a importância dos estabelecimentos museológicos da Ajuda enquanto escola de formação técnico-profissional, defendendo por isso a integração de outro naturalista na expedição angolana na condição de ele ter sido preparado naquela instituição científica e no pressuposto de que ambos permaneceriam nos seus gabinetes em Luanda, onde cumpririam as tarefas de descrição e classificação das espécies, deixando a árdua e debilitante função colectora a cargo das incursões castrenses: "(...) Vai agora a remessa deste Navio da India, remessa digo do q. pude alcançar nas minhas excursões tão longas como trabalhozas. Sirva-se Vm de olhar p.a ella com olhos de amigo. Sobre o q. torno a repetir-lhe o q. Vm. sabe, que eu trabalhei só, e como só: estou certo q. se Vm. tivesse prezeceado o meo trabalho, assentaria, q. trabalhei, como dous, ou como tres; pois Vm. sabe o q. he recolher, e descrever em outro Pays em sossego, quanto mais me não custaria nas circumstancias q. todo o mundo sabe? Com a arma continuamente ao ombro, em terra inimiga, e entre bruxos? Sem fallar nas calumnias, nas mofas, nas fomes e sedes mortaes nem n'outras couzas deste genero de trabalhos; com q. pelejo há quatro annos: isto baste. (...) Amigo e Sr. emq.to ao mais toda a m<sup>a</sup>. vida lamentarei a falta q. me tem feito os desenhadores mortos [José António e A. Donati], e o preparador q. me não derão: mas S. Mag. perdeu muito nesta falta. Se o Ex.mo Sr. Martinho de Mello mandar outro Naturalista com esta Comp.<sup>a</sup> elle só poderia fazer mui grande parte do Real Muzeo, q. com esta condição he q. eu o disse a S.<sup>a</sup> Ex. <sup>a</sup>: mas este deve estar de Assento em Angolla, e mandar por autoridade Real aos diversos Capitaens mores q.lhe remetão tudo o q. faz objecto da Historia Natural. Senhor Julio Vm. não sabe quanto foi nociva a esta expedição a sugeição ao General no concernente à Historia Natural: escolhase embora com a maior exacção hum homem de procedimento irreprehensivel, como eu tenho sido, p.<sup>a</sup> Naturalista de Angolla, mas este deve vir munido da Autoridade Regia, com independencia como disse. Sr. Julio eu tenho passado à vista de todos os individuos destes Reynos coizas incriveis todas concernentes ao atrazamento da Historia Natural. (...) Vm. me pergunta p. q. razão não me declaro mais, ou

---

conta e risco, carregando herbários e mercadorias para venda. (*ob. cit.*, 1988, pp. 143 e sgs.).

o não tenho feito há mais tempo, responderei, q. tenho mais medo da tyrania do q. da fome, e desnudez, q. talvez tenho de experimentar, acabada esta deligencia”<sup>24</sup>.

3. A intervenção de Mattiazzi na condução dos assuntos administrativos e científicos da Ajuda é também perceptível através da imagem pública que vai de si construindo e que, de algum modo, se reflecte nos contactos internacionais. É certo que Vandelli nunca abdicará de administrar o pelouro do intercâmbio epistolar com personalidades e instituições científicas europeias, como bem acentuará na *Relação* assegurando que, apesar da sua ausência coimbrã, “não [deixei] porem de continuar o commercio das plantas, e sementes p.a augmento do mesmo Jardim”<sup>25</sup>.

Aliás, a viva consciência desse *poder* e desse *saber* está bem patente, por exemplo, quando o Director da Ajuda os coloca ao serviço da internacionalização da emergente Academia Real das Ciências de Lisboa: “Como V. Ex.<sup>a</sup> me tinha escrito sobre socios correspondentes estrangeiros, agora buscando as cartas dos meos correspondentes fiz huma lista delles, q.e com esta remetto a V. Ex.<sup>a</sup> e entre elles escolherá os q.e lhe parecerem milhores, os q.e tem sinal \* estes são excellentes, e uteis p.<sup>a</sup> a Academia”<sup>26</sup>.

---

<sup>24</sup> *Carta de Joaquim José da Silva a Júlio Mattiazzi (Luanda, 9 de Julho de 1787)*, AHMB, CN/S -23.

<sup>25</sup> *Relação da origem, e estado presente do Real Jardim Botânico, Laboratorio Chymico, Museo de Historia Natural, e Caza do Risco, s/d*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444 [1795].

<sup>26</sup> *Carta de D. Vandelli ao Abade Correia da Serra (12 de Julho de 1780)*, apud Cristóvão Aires, *Para a história da Academia das Ciências de Lisboa*, 1927, p. 138. O *poder* e o *saber* científicos que Vandelli acumulou, sobretudo na década de oitenta, surge em evidência num planfeto anónimo escrito para o desagrar de calúnias supostamente postas a correr por Brotero: “Sem ir com as maos á cara de seus Collegas, hia V. S. [D. Vandelli] regendo as suas duas Cadeiras de Chimica, e de Historia Natural: dirigindo as fundaçoenz dos Reaes Museos, Jardins Botânicos, e Laboratorios Chimicos de Lisboa, e de Coimbra: entretendo as correspondencias Litterarias com os Sabios do seu tempo: estimulando, e auxiliando os trabalhos scientificos da nascente Academia Real das Sciencias de Lisboa, preparando os Planos das Viagens Philosophicas dentro, e fóra d'este Reino: e manifestando-se em seus Escritos periodicos, nunca solicitou de seu nome e da sua fama: sempre alto Pregoeiro, e Sacrificador de si mesmo ate á simples curiosidade alheia” (*Dois panfletos anónimos contra Brotero (27 de Abril e 3 de Maio de 1803)*), BPE, Cod. CIX /1-18, P. 35, fls. 158 a 177).

Não obstante, pelo menos numa ocasião Mattiazzi escreverá ao Catedrático do Real Jardim Botânico de Madrid, Casimiro Gómez Ortega, em resposta a solicitação florística deste botânico. Significa isto que o espanhol atribuíra ao jardineiro-chefe da Ajuda um estatuto suficientemente importante para o considerar interlocutor autorizado e que, pelo seu lado, Mattiazzi assumia as honras da casa disponibilizando-se para aprofundar o débil intercâmbio fitológico com Madrid <sup>27</sup> e sentindo-se à vontade até para recomendar a Ortega um preparador zoólogo português: "Eu já há m.to tempo, q. devia ter feito a minha obrigação; m.to mais devendo responder a hua Carta sua, em a qual me pedia hum par de Plantas de Prumus Lusitanica; e outras mais, o q. para as quaes conservo a sua Carta, q. em a pro.a occazião lhas mandarei; porque o portador desta, não foi possivel levalas. Pelo qual lhe recomendo, porque he pessoa que trabalha na preparação dos animaes. Se quizer alguma coiza deste Jardim, e deste principio de Gabinete de Historia Natural, pelo mesmo portador poderá mandar dizer, q. promptamente o servirei como seu Criado" <sup>28</sup>.

Não pode, finalmente, deixar de se considerar expressivo da sobreposição de estatuto que temos vindo a detectar entre os dois paduanos na condução dos estabelecimentos régios da Ajuda a sintomática confusão de

---

<sup>27</sup> Cfr. *supra* Cap. IV. Pelo menos desde 1778 que Ortega utilizava Mattiazzi como mediador da correspondência que queria fazer chegar a Vandelli, em Coimbra: "Il mio trattatello dell'acqua di Trillo non merita di occupare il suo prezioso tempo colla sua lettura: tuttavia se la curiosità muove V.S.Ill.ma volerlo leggere gli manderò un esemplare coll'Ordinario, á cui consegnai un altro delle costituzioni di codesta Societá Económica di Madrid col sopraserivito al Sig.e Giulio Mattiazzi, quale non dubito l'aveva mandato a Coimbra" (*Carta de Casimiro G. Ortega a D. Vandelli (Madrid, 8 de Dezembro de 1778)* AHMB, CE/O -4).

<sup>28</sup> *Carta de Júlio Mattiazzi a Casimiro Ortega [1783]*, ARJBM (Arquivo do Real Jardim Botânico de Madrid), I, 20, 3, 16. A carta tem escrito à margem por Casimiro Ortega: "Respondida em 20 de Abril de 1783, enviando-lhe 35 sementes do Jardim e 5 do Perú". As sementes provenientes da expedição espanhola ao continente americano já tinham sido prometidas a Vandelli em mais de uma ocasião: "La spedizione Botanica che si fá per ordine del rè al Peru, io mi lusingo, mi mettrá in stato di poter corrisponder alla di Lei generositá" (*Carta de Casimiro Gomez Ortega a Domingos Vandelli (Madrid, 12 de Julho de 1777)*, AHMB, CE/O -3P); "Aspettiamo incessantemente delle belle piante dai nostri Botanici che sono arrivati felicemente al Perú, e Lei sará certamente dei primi partecipi" (*Carta de Casimiro Gomez Ortega a Domingos Vandelli (Madrid, 8 de Dezembro de 1778)*, AHMB, CE/O -4).

identidades cometida por um dos correspondentes estrangeiros, o sueco André Christoffersson - 'Medecin du Roi' e proprietário em Estocolmo de um Gabinete de história natural -, o qual encaminha para Lisboa uma carta endereçada a 'Julio Mattiazzi, Docteur en Medecine et Intendant du Cabinet de Sa Magesté très Fidelle a Lisbonne en Portugal' <sup>29</sup>.

Serão certamente episódios como este que ajudam a explicar o fosso que se foi cavando entre ambos (tipificando, porventura, a rebeldia da criatura face ao seu criador), e detectável por exemplo no indisfarçável azedume com que Vandelli, já depois da morte de Mattiazzi, ocorrida em 1794, <sup>30</sup> lhe lança a envenenada insinuação de ignorância naturalista e a suspeição de desvio de dinheiros da Ajuda: "A mudança de Bilhetes [etiquetas] nas produçoens, falta de conhecimento de toda a Historia Natural do Jardineiro, e de exame Chymico de muitos mineraes, faz q. alguns nomes são errados, e outros trocados. (...) Incumbi a Administração desta fabrica [no Laboratório Químico] que eu estabeleçi, com o consentimento do Ministro, e Secretario de Estado de Ultramar, ao Jardineiro, tendo-o antes já bem instruido de semelhante processo <sup>31</sup>; pelo qual trabalho recebia cem mil reys p.r cada arratel de Anil purificado. Dessa administração nunca se me deo conta, porque o sobredito Ministro [Martinho de Melo e Castro] tomou toda a si esta Inspeção. E não sei se se ajustaram contas com o Real Erario pelo valor do Anil recebido das companhias, e da quelle, que se vendeo: o qual no decurso de varios annos deve importar sommas consideraveis. O que som.te sei a este respeito, que na vespera da doença do Jardineiro, da qual falleceo, q. elle tinha recebido alguns mil cruzados de huma partida de Anil vendida a Raimundo Pinto" <sup>32</sup>.

<sup>29</sup> Carta de André Christoffersson a Julio Mattiazzi [D. Vandelli] (Estocolmo, 24 de Novembro de 1789), AHMB, CE/C -24.

<sup>30</sup> A morte de Mattiazzi deve ter ocorrido nos primeiros dias de Setembro, já que a ordem ministerial para que Alexandre Rodrigues Ferreira o substitua na administração e proceda ao Inventário do Museu é datada do dia 14 desse mês (Cfr. *Livro De Registo dos Decretos ...*, MCUL).

<sup>31</sup> Cfr. *Instrução para extrahir o Annil*, AHU, Reino, Papéis avulsos, s/d (séc. XVIII), transc. pela BDBUC (Biblioteca do Departamento de Botânica da Fac. de Ciências e Tecnologia da Univ. de Coimbra).

<sup>32</sup> Domingos Vandelli, *Relação da origem, e estado prezente do Real Jardim Botanico, Laboratorio Chymico, Museo de Historia Natural, e Caza do Risco*, s/d, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444 [1795].



Alguma razão deve ter assistido afinal a Vandelli quanto à existência de relações financeiras pouco claras entre o administrador-jardineiro e o Erário Régio, já que parte da herança de Júlio Mattiazzi servia, ainda em 1807, para pagar livros adquiridos pela Biblioteca do Real Museu<sup>33</sup>.

Quanto à invocada troca de "bilhetes" nos produtos do Museu, essa é matéria que virá a ser recorrentemente utilizada por alguma historiografia para - identificado um bode expiatório estrangeiro, Mattiazzi, ou o próprio Vandelli - justificar a *melancolia* e o *alcoolismo* de Alexandre Rodrigues Ferreira originados, supõe-se, no traumático confronto com as suas malbaratadas colecções amazónicas<sup>34</sup>. Mas, a nosso ver, tem servido sobretudo para desculpabilizar a Administração e os naturalistas profissionais da Ajuda por não terem podido (ou querido) completar a arquitectura da Viagem, com os operosos procedimentos requeridos pela *sciencia dos muzeus*<sup>35</sup>.

---

<sup>33</sup> "O Principe regente Nosso Senhor He Servido que V. M. ce pague a Borel Borel, e Companhia pela consignação do Real Jardim Botanico a quantia de cem mil e oitocentos reis; parte da importancia de duzentos trinta e nove mil e seiscentos reis; porque venderão varios Livros para o mesmo Jardim; devendo os sobreditos haver o restante da herança do defunto Julio Mattiazzi, por este o ter recebido da Real Fazenda, devendo averbar-se este pagamento. Deos Guarde a V. M. ce Lisboa 7 de Janeiro de 1807. Luiz de Vasconcelos e Sousa para Alexandre Rodrigues Ferreira" (*Livro De Registo dos Decretos...*, MCUL).

<sup>34</sup> "O Dr. Alexandre, subalerno de Vandelli e Inspector das Quintas do Infantado, acha-se há trez annos convulso e entrevado em huma camma, como he notorio, sem esperanças de restabelecim.to, conforme dizem os medicos, q. a pezar de todos os seus conselhos lhe não poderão já maes persuadir a sobried.e, a qual hoje parece ser impossível, visto q. o seu embotado estomago exige cada vez mais maior quantid.e de licores, p.a o estimularem" (*Carta de Brotero ao Conde de Galveias* (6 de Dezembro de 1810), AHU, *apud* A.P. de Lima e J. R. Santos Júnior, *Cartas inéditas de e para Brotero*, 1944, pp. 34-35).

<sup>35</sup> " A.R. Ferreira occupa a par de Brotero e de Corrêa da Serra, um dos lugares mais distinctos na nossa bibliographia scientifica. Os numerosos escriptos que deixou, em grande parte dispersos por incuria e desacerto do governo portuguez, attestam sobejamente a sua grande aptidão (...) Das importantissimas colecções remettidas do Brazil durante os 10 annos da sua exploração para o Museu de Lisboa (então Gabinete da Ajuda) existem n'este estabelecimento [Museu da Escola Politécnica] muitas listas, em grande parte escriptas pelo Dr. Ferreira, que attestam bem a incansavel diligencia do benemérito explorador: das colecções, porém, uma parte desapareceu por incuria, o resto foi aproveitado por Saint-Hilaire durante a invasão francesa para ir enriquecer o Museu de Paris" (José Vicente Barboza du Bocage, *Informação acerca dos serviços prestados à sciencia e ao paiz por Alexandre Rodrigues Ferreira*, (17 de Maio de 1878), AHMB, ARF, - 28). Uma bem fundamentada discordância quanto à hipótese de Vandelli ter, por inveja, trocado os 'bilhetes' e mal

Contrariar esse reducionismo interpretativo obrigaria a rever as fontes disponíveis e a procurar outras ainda inéditas para sobre elas propor um diferente modelo de análise. É o que procuraremos fundamentar nas páginas que se seguem.

#### **4. O regresso de D. Vandelli e de A. R. Ferreira e a reorganização administrativa e científica - entre a estratégia ministerial e o desempenho dos profissionais**

Captar o real vivido de uma instituição museológica e científica - dotada de tão grande complexidade funcional como a que foi atribuída pelo Poder ao Museu e Jardim Botânico da Ajuda durante os anos em que decorre a nossa análise - exige o recurso a fontes originais, capazes de estimular perspectivas historiográficas inovadoras. A necessidade de diversificarmos a tipologia documental impunha-se *a fortiori* pela ausência de produção impressa própria (catálogos, periódicos científicos, relatórios, monografias) <sup>36</sup> - característica marcante da actividade científica destes estabelecimentos museais e que

---

conservado as colecções de Ferreira foi traçada por A. P. de Lima, *Ainda o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, 1954.

<sup>36</sup> O recurso a documentação de tipo 'burocrático-institucional' (decretos, regulamentos, memórias, instruções, etc) para fixar a história de instituições museológicas com fraca produção de textos científicos impressos já foi devidamente assinalada para o caso dos museus do Brasil: "Tendo em conta ainda que o que identificamos como as propostas iniciais dos museus e seus sucessivos regulamentos foram em sua essência elaborados pelos homens de ciências a eles vinculados - se bem que sancionados pelos órgãos administrativos governamentais -, esses regulamentos serão tomados aqui não como meras determinações burocráticas, mas sim como parâmetros de análise para o que vimos considerando como o 'ideal de instituição no período'. Consideramos que as memórias, instruções, regulamentos e regimentos que organizaram ou reorganizaram os museus brasileiros ao longo do século XIX significaram a cristalização de concepções de museus vigentes em cada um desses períodos no entender de seus proponentes. Estes buscaram institucionalizar, da ótica das concepções científicas então atuais, as mediações, entendimentos e possíveis conflitos entre os que, vinculados diretamente à instituição, a sustentavam e dirigiam e as instâncias governamentais às quais os museus se subordinavam" (M. Margaret Lopes, *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*, 1997, p. 23).

poderá ajudar a explicar, em parte, o apagamento da memória a que estiveram sujeitos desde sempre.

Duas das fontes documentais aqui mais utilizadas já a elas fizemos referência, e uso, em anteriores períodos históricos: 1. testemunhos dos viajantes estrangeiros (alguns nunca divulgados)<sup>37</sup>; 2. correspondência inédita trocada entre a direcção do Museu e personalidades e instituições científicas europeias<sup>38</sup>. Mas, seria a preservação do volume intitulado *Livro De Registo dos Decretos, Portarias, Avisos, e outras Regias Determinações, que baixão ao Real Jardim Botânico, Laboratorio Chimico, Musêo, e Casa do Risco* a permitir uma surpreendente leitura da dimensão institucional do complexo científico da Ajuda. A inventariação e exibição pública deste documento enquanto objecto de colecção fica a dever-se ao zelo museográfico do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa e, antes do mais, ao seu Director que soube exemplarmente salvaguardar e valorizar um inestimável património histórico-documental<sup>39</sup>.

Trata-se de um copiador de ordens oficiais canalizadas para a Ajuda entre Julho de 1791 e Outubro de 1810 constituindo, por isso, uma peça imprescindível para esboçar o perfil funcional dos vinte anos porventura mais

---

<sup>37</sup> Vide *infra* Apêndice Documental V "Colecções, gabinetes, jardins botânicos e museus em Portugal - o testemunho dos viajantes estrangeiros (1700-1900)", vol. II.

<sup>38</sup> Vide *infra* Anexo IV "Correspondência de Domingos Vandelli com personalidades e instituições científicas europeias (1765-1811)", vol. II.

<sup>39</sup> Agradecemos penhoradamente a amabilidade do nosso orientador científico, Professor F. Bragança Gil que, não só nos alertou para a existência deste precioso espécime documental como, encontrando-se desde então exibido em Exposição sobre os espaços museológicos da Cotovia, nos autorizou a sua demorada consulta. Aparentemente o *Livro de Registo* terá acompanhado o restante espólio do Museu da Ajuda incorporado na Academia Real das Ciências, por força do Decreto de 27 de Agosto de 1836 (Cfr. *Diário do Governo*, n. ° 209, 3 de Setembro de 1836, p. 1015). Quando, em 1858, estas colecções de história natural ingressaram no Museu da Escola Politécnica (Cfr. *Cópia da representação, enviada a Sua Magestade por intermédio do Ministério da Guerra, que o Conselho da Escola fez, pedindo a incorporação na mesma Escola do Jardim Botânico e Museu de História Natural (11.12.1838) e Mudança do Museu de História Natural da Academia Real das Ciências para a Escola Polytechnica (1858)*, BMCUL, Biblioteca do Museu de Ciência da U. de Lisboa), o volume terá então sido conservado na Secretaria por se julgar conter matéria burocrática, sem interesse museológico ou científico evidentes. Já nos nossos dias, com a criação do Museu de Ciência em 1985, passaria definitivamente a integrar o seu acervo documental.

representativos (porque socialmente mais influentes) desta instituição museológica setecentista <sup>40</sup>. De facto, entre os protagonistas maiores da narrativa, entretecida em linguagem burocrático-legal, encontram-se os nomes de algumas das figuras cimeiras do universo cultural, artístico, científico e político da nossa Ilustração: Domingos Vandelli, Alexandre Rodrigues Ferreira, Júlio Mattiazzi, João da Silva Feijó, J. Mariano da C. Veloso, João de Loureiro, José Correia da Serra, José António de Sá, Hipólito J. da Costa Pereira, F. de Avelar Brotero, J. Bonifácio de Andrada e Silva, Francesco Bartolozzi, Domingos Sequeira, Manuel do Espírito Santo Limpo, Martinho de Melo e Castro e Rodrigo de Sousa Coutinho, lado a lado com a extensa galeria mais ou menos anónima de funcionários (porteiro, fiel de armazém, fiscal, preparador, riscador, gravador, escrevente, praticante de botânica, jardineiro, canteiro, etc) <sup>41</sup>.

5. A ineficácia do modelo administrativo adoptado nas décadas anteriores, o aumento exponencial dos produtos remetidos dos territórios ultramarinos, a crescente complexidade de funções atribuídas à instituição museológica e a confusão de estatuto entre administrador e director ajudam a lançar luz sobre os propósitos da reorganização *economica* dos estabelecimentos da Ajuda iniciada em 1791 (e logo corporizada na iniciativa de escriturar um *Livro De Registo dos Decretos*) data em que justamente regressa a Lisboa, já jubilado, o

---

<sup>40</sup> Uma parte ínfima desta correspondência oficial encontra-se depositada no AHMB (Arquivo Histórico do Museu Bocage) e no AHU (Arquivo Histórico Ultramarino). A. Pires de Lima trancreveu, dos dois arquivos, alguns documentos mais directamente relacionados com a expedição filosófica à Amazónia (Cfr. *O doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, 1953). No ANTT (Ministério do Reino), em documentação relativa aos estabelecimentos da Ajuda durante a direcção de Félix de Avelar Brotero (1811-1828), fazem-se referências a um *Livro de Registo de Decretos*, n.º 2, mas não foi possível localizá-lo.

<sup>41</sup> Em rigor os 'riscadores' e 'gravadores', pela dimensão técnica do seu desempenho tanto ao serviço da *viagem* como na Casa do Risco e na Casa da Gravura, têm merecido estudos particulares pelo que, é justo assinalá-lo, não se podem já considerar de todo 'anónimos'.

primeiro professor de História Natural e de Química da Universidade de Coimbra <sup>42</sup>.

Serão anos decisivos para o novo fâcies administrativo do Real Museu e Jardim Botânico os que decorrem entre o regresso de Vandelli e o Decreto de Maio de 1795 que anexa o *Plano segundo o qual se hao-de escripturar, e fiscalisar methodicamente as Despezas, que se houverem de fazer pela Consignação mensal de quatrocentos mil reis, no Jardim Botânico, Laboratorio, Museo, e Casa do Risco no Real Sitio de Nossa Senhora d'Ajuda* <sup>43</sup>. Neste período assistir-se-á, com o termo da expedição científica à Amazónia, ao ingresso de Alexandre Rodrigues Ferreira, nos inícios de 1793, no quadro profissional da Ajuda como naturalista, passando depois ele a assegurar - com o desaparecimento do jardineiro-chefe Júlio Mattiazzi em 1794 - as funções de administrador, tesoureiro do cofre e vice-director <sup>44</sup>.

A consciência de que assim se delineava um novo ciclo de gestão museal, que perdura até à deslocação da Corte para o Brasil, passará a

---

<sup>42</sup> Em Lisboa, Vandelli será agraciado com o Hábito de Cristo "Por ocasião do feliz nascimento da Serenissima Princeza da Beira, além das mercês já anunciadas, houve S. M. por bem conceder (...) as do Habito de Christo (...) aos Lentes Jubilados Domingos Vandelli, e João António Dalla Bella" (*Gazeta de Lisboa, 17 de Maio de 1793, Suplemento*). Curiosa notícia relativa a Vandelli é a que divulga este mesmo periódico: "Quem achasse hum Livro em 8º manuscrito, cozido sem capa, e que tem no principio Escritos de Vandelli, o qual se perdeo a 12 deste mez, póde entregallo ao Livreiro Manoel Antonio de Jesus, que mora ao Loreto, de quem receberá boas alviçaras" (*Gazeta de Lisboa, 29 de Março de 1793, Suplemento*).

<sup>43</sup> Encontram-se ambos integralmente transcritos no *Livro Do Registo dos Decretos...*, MCUL. Uma muito circunstanciada descrição e avaliação crítica do modelo administrativo adoptado na Ajuda, antes de 1795, pode ser encontrada em *Exposição feita por Alexandre Rodrigues Ferreira sobre a administração económica do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda (incompleta)*, [1795], AHMB, ARF - 25.

<sup>44</sup> Com a verba que era paga a Mattiazzi assegurou-se o salário de Ferreira e a contratação de um escriturário das 'despesas' (Cfr. *Livro De Registo dos Decretos...*, MCUL). "Na sua chegada a Lisboa, em Janeiro de 1793, seguiu-se ser nomeado Official da Secretaria d' Estado dos Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos. Porém logo no anno seguinte foi dispensado do exercicio deste emprego, por ter sido encarregado da administração e direcção interina do Real Gabinete de Historia Natural, e Jardim Botânico, e sua anexas, [a] Como são, Gabinete da Biblioteca, dito do Desenho, Casa do Laboratorio, dita das Preparações, Armazens da Reserva etc. (...) Foi tão boa a ordem, e economia a que o Snr. Dr. Alexandre trouxe este estabelecimento, reduzindo consideravelmente suas despesas, que mereceo que Sua Magestade, por seu Real Decreto de 11 de Setembro de 1795, o nomeasse Vice-Director do mesmo Estabelecimento" (Manuel José Maria da Costa e Sá, *Elogio do Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, 1818, p. 19).

incorporar a memória histórica da instituição. Por isso, a direcção científica que se seguirá ao tempo vandelliano e alexandrino, já na segunda década de oitocentos, assumirá em múltiplos relatórios oficiais uma avaliação globalmente positiva deste período.

Brotero, pese embora a atitude tantas vezes mordaz e de distanciamento crítico face à prestação científica do naturalista italiano e do "brasileiro Alexandre" <sup>45</sup>, bater-se-á sempre pela sobrevivência financeira da Ajuda idealizando como modelo de gestão o que fora adoptado na década de noventa e definitivamente interrompido pelas invasões francesas <sup>46</sup>: "Por morte do Snr.

---

<sup>45</sup> "Eu fui ao Jardim Real da Ajuda para sollicitar sementes ou huma estaquinha da sua Correa. Mas desgraçadamente o jardineiro me respondeo que lá não havia tal planta, que as que tinham para lá sido mandadas todas tinham morrido. Eu não me admirei disto, pois sei que neste Jardim da Ajuda não há quem entenda de cultura de plantas, nem pessoa que ao menos seja semibotanico. O brasileiro Alexandre (...) jejuia em botanica. Vandelli trata a botanica de puerilidade frivola, como há cinco annos me escreveu em huma sua carta, e cuida só hoje em dar planos politicos ao Principe e ver se assim chega a ter vinte e quatro mil cruzados, porque mais da metade desta somma já a percebe de renda annualmente" (*Carta de Brotero para o Abade Correia da Serra (20 de Fevereiro de 1801)*, apud Abilio Fernandes, *Uma carta inédita de Brotero para Corrêa da Serra*, 1976, p. 39-40). "Foy grande negligencia o deixar-se perder no real Jardim da Ajuda as especies de Rheubarbo, q. V. Ex.cia tinha mandado vir de Inglaterra: as nossas boticas estão hoje pagando o rheubarbo bastantem.te caro, e nos o podiamos ter bom e barato, se o cultivassemos " (*Carta de Brotero a Rodrigo de Sousa Coutinho (20 de Jan. de 1800)* apud Américo Pires de Lima, e J. R. Santos Júnior, *Cartas inéditas de e para Brotero*, 1944, p. 27). Veja-se também, *Dois panfletos anónimos contra Brotero (27 de Abril e 3 de Maio de 1803)*, BPE (Biblioteca Pública de Évora), Cod. CIX /1-18, P. 35, fls. 158 a 177.

<sup>46</sup> Uma das primeiras medidas de Junot será a de reduzir para metade esta Consignação: "O Director do Jardim Botanico fique na intelligencia do que se determina na Provisão, que junta se remette por copia assignada pelo Contador Geral Alberto Rodrigues Lage pela qual fara registar no Livro de Registo que existe no Archivo da sua Inspecção, fazendo averbar o registo do Titulo da creação daquelle Estabelecimento. Lisboa vinte e hum de Janeiro de 1808. Com a rubrica do Ex. mo Administrador Geral das Finanças. Cumpra-se e registese Lisboa 22 de Janeiro de 1808. Vandelli." Cópia da portaria de que faz menção o registo supra. Em Nome do Imperador dos Franceses e Rey de Italia, por Nomeação e Ordem de Sua Ex. <sup>a</sup> o Governador de Pariz Primeiro Ajudante de Campo do ditto Senhor, e General em Chefe. Francisco Antonio Herman Comissario do Governo Francez junto ao Conselho da Regencia e Administrador Geral das Finanças. Sendo muito uteis e necessarios os motivos, com que para utilidade publica se ampliou por Decreto de 17 de Maio de 1795, e Plano a elle adjunto o Jardim Botanico, o Laboratorio Chimico, o Museo, e a Casa do risco na conteguidade do Palacio de N. Senr. <sup>a</sup> d'Ajuda estabelecendo-se-lhe a Consignação, que entao pareceo competente: Espera que este Estabelecimento possa prosperar e progredir na boa Ordem, com que foi creado, e com respeito as actuaes circunstancias. Determino que os 400\$ r que pelo mesmo Decreto recebia o Director do ditto Jardim para sua manutenção, se redusão a quantia de 200\$000 r,

D. José, a Snr<sup>a</sup> D. Maria I, sua Augusta Filha promoveo o adiantamento do Museu e Jardim, como o Snr. D. Jose o havia practicado; mas sem administração bem regulada, sem consignação alguma determinada, e sem que ao Publico os dois Estabelecimentos fossem patenteados. Ultimamente sendo Regente destes Reinos o snr. D. João, hoje nosso amavel Rey Constitucional, pelos Decretos de 27 de Maio, e 3 de Junho do anno de 1795, foi estabelecida hua Consignação mensal de quatrocentos mil reis paga pelo Erario para os salarios dos empregados no serviço dos dois estabelecimentos, e para as suas respectivas despesas miudas (pertencendo as maiores ás Obra Publicas); foi nomeado hum Administrador encarregado de servir de Thesoureiro do novo Cofre da Consignação com o vencimento de hum conto de reis, como o do Director, e hum Escripturario das despezas com o ordenado de cento e oitenta mil reis; estabeleceo-se hum Plano de escripturação das ditas despezas (....). Com esta administração exercida na conformidade das Leis estabelecidas pelos dois decretos de 1795 forão muitos annos conservados e melhorados tanto o Museu como o Jardim Botânico, e com maior economia, por ser a consignação mensal de menos importância”<sup>47</sup>.

Este modelo *economico*, contemplando a autonomia financeira através da consignação de uma verba mensal fixa para salários e despesas correntes (e com os trabalhos de construção suportados pela ‘Casa das Obras, e Paços Reaes’), permitirá desde logo o alargamento do quadro de funcionários e de colaboradores eventuais, de acordo com as crescentes tarefas especializadas exigidas ao Museu de História Natural, ao Jardim Botânico e aos seus anexos - Laboratório Químico, Casa do Risco, Cartório e Biblioteca<sup>48</sup>.

---

conservando se sempre a boa Ordem e methodo decretado; e somente redusindo se as despesas, tanto na admissão dos individuos unicamente indispensaveis, como nas dos reparos precisos para a conservação do Edificio e local do Estabecimento: E por esta Provisão se leverão em despeza ao Tesoureiro Mor do Est. as quantias que nesta conformidade se quantificarem, averbando se o mesmo Decreto e Plano com o seu respectivo Assentamento; Lx<sup>a</sup> aos 21 de Janeiro de 1808. Francisco Antonio Herman. Alberto Rodrigues Lage" (*Livro de Registo dos Decretos*, MCUL).

<sup>47</sup> *Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro (16 de Novembro de 1822)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555 (1821-1833).

<sup>48</sup> Uma curiosa *folha das despesas* correntes introduz-nos, inesperadamente, na gestão quotidiana destes estabelecimentos e no universo material e *tecnológico* exigido pela multiplicidade de funções museológicas e científicas: "Museo: Canadas

Sendo certo que daqui não resultará um acréscimo de naturalistas contratados (a colaboração pontual, de índole técnico-científica, no âmbito das relações com a Academia das Ciências ou no círculo de *amadores*, será o formato preferentemente adoptado)<sup>49</sup>, o número de dependentes dos estabelecimentos da Ajuda chegará todavia a atingir as três dezenas, dimensão impossível de encontrar em qualquer outra instituição museológica setecentista.

Isso mesmo é comprovável pela extensa lista de "pessoas occupadas no R. Jardim Botânico, e Museo de S. Mag." publicitada no *Almanach de Lisboa para o anno de 1796*: "Inspector, O Marquez Mordomo Mór. Director, O Doutor Domingos Vandelli, Deputado da R. Junta do Commercio, Lente de Prima de Filosofia, Jubilado na Universidade de Coimbra. Vice-Director, e Thesoureiro, O Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, Official da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha; Inspector, e Administrador Geral das Reais Quintas de Queluz, Caxias, e Bemposta. Escrivão da Fazenda, Pedro Crysologo Ferreira de Carvalho. Escrevente dos Catalogos, e papeis Litterarios, Rodrigo José de Almeida. Jardim Botânico. Jardineiro, José Joaquim Gonçalves. Ajudante do dito, Manoel Ribeiro. Praticantes, Valentim José Martins, José Pedro Ribeiro. Caseiro, Joaõ Pereira. N. B. tem este Jardim 9 Trabalhadores effectivos, e hum

---

de azeite para o candeeiro da guarda; algodão e mexas; alfazema e assucar; papel para a caza do risco e para a caza da biblioteca; canada de tinta; cera em velas; saca de carvão; estopa; arame; miadas de barbante; cordel de pias; facas flamegas; canadas de agoardente para a pelle do Leão; vassouras; pregos; gancho de parafuso para o Lustre; grampas de ferro; concerto de hua fechadura e chave nova; frete de duas Caixas de Productos; aos Pretos q. esfolaraõ a Zebra; ao Pintor q. dourou o Pedestal de hua Camprana; ao vidraceiro por 4 vidros grandes; ao dito por assentar 4 vidros e 2 nos armarios e 5 pequenos; Jardim: Plano de Cima: Moyos de cal; frete de condução de hua redoma para Queluz; Plano de Baixo: Amolação e concerto de hua tesoura; 3 dentes novos em hum ancinho de ferro; cadeado, chave e duas argolas; pares de escopros aguçados; 2 Picaretos aguçados; 2 camartelos; 2 cabos para chumbar e hua Picadeira nova; 1 Picarete embaraçado; carradas de areia" (*Folha das Despezas do Real Jardim Botânico, e Museo, em Novembro e Dezembro do presente ano de 1798*, AHMB, Div. -567). Também no AHU (*Recibos assinados por Júlio Mattiazi relativos a 'Bilhetes para o Museo' (1787-1789)*, Reino, Maço 2701, "Jardim Botânico") se encontram referências sobre despesas: transporte das Amoreiras para o 'caes'; aluguer de casa a um dos riscadores, pano de seda para forrar o Mapa geográfico; compra de caixas de Flandres, etc.

<sup>49</sup> Como nos casos dos 'botânicos' Abade Correia da Serra, Padre João de Loureiro ou Frei José Mariano da Conceição Veloso, a quem nos referiremos em particular.



Moço do serviço de fóra. Museo. Fiel, Custodio José da Silva. Preparadores dos Productos Naturaes, que tambem servem de Continuos. João Francisco Peres. Apolinário José da Silva. Porteiro, Joaquim Henriques. Casa do Risco. Desenhadores, José Joaquim da Silva: serve de Fiscal da Casa. José Joaquim Freire, Manoel Tavares da Fonseca, Antonio José, Vicente Jorge. Discipulos de Desenho, Vito Modesto Hazolini, João Pedro Corrêa, Francisco de Paula, José Candido, José dos Anjos”<sup>50</sup>.

Sintoma de preocupação com a eficácia e a racionalidade na gestão dos recursos humanos disponíveis, é a relação oficial que documenta em pormenor a lista tornada pública, redigida nesse mesmo ano pelo novo administrador, Alexandre Rodrigues Ferreira, e intitulada *Relação das Pessoas occupadas no Real Gabinete de Historia Natural, e Jardim Botânico. Seus Nomes, Empregos, Ordenados, ou Jornaes que vencem, e Repartiçoens por onde os vencem. Tudo como nella se declara (Julho de 1796)*<sup>51</sup>.

Uma leitura dos elementos disponíveis nas duas enumerações (a do *Almanach* e a oficial) terá de sublinhar quase uma evidência, que é a de existir uma estreita relação entre os conteúdos funcionais das categorias profissionais enunciadas e os objectivos e actividades atribuídos pela Coroa a estes estabelecimentos museológicos, enquanto repartição publica. E esta articulação imporá, obviamente, um determinado perfil de organização e funcionamento administrativo (e científico), amplamente documentado no *Livro de Registo dos Decretos*.

Pelo conteúdo e pela frequência das determinações régias, decretos, portarias e avisos, é possível concluir (ou, melhor diríamos, confirmar) que a acumulação de absorventes tarefas burocráticas nas mãos de Ferreira<sup>52</sup> - o

<sup>50</sup> *Almanach de Lisboa para o anno de 1796*, pp. 121-124.

<sup>51</sup> AHMB, ARF - 24. "Gabinete de História Natural: Administrador (A.R. Ferreira); 5 desenhadores; 3 discípulos do desenho; 1 fiel do Gabinete; 3 preparadores; 1 servente; 1 servente do Laboratorio Chymico [total: 14 funcionários]; Jardim Botânico: 1 director (Domingos Vandelli); 2 jardineiros botânicos; 1 caseiro; 9 trabalhadores [total: 12 funcionários]".

<sup>52</sup> Que a faceta burocrática de Ferreira se foi acentuando em detrimento da criação científica não passou despercebido tanto aos seus detratores como a ele próprio: "O brasileiro Alexandre (...), que foi nomeado administrador das Quintas Reaes, está sempre em Caxias para promover as tosquias de alguns burros, e assim agradecer à Princeza, e cuida muito pouco no Jardim da Ajuda, nem ainda que quizesse podia

único naturalista vocacionado para o estudo das colecções<sup>53</sup> - resultará em prejuízo do trabalho científico de gabinete e que o utilitarismo e o pragmatismo impostos pela Administração às tarefas quotidianas dos funcionários condicionará fortemente a dimensão naturalista da *viagem* em favor da lógica político-económica, podendo também explicar a ausência de divulgação de resultados junto da comunidade científica europeia<sup>54</sup>.

---

cuidar delle porque jejuia em botanica" (*Carta de Brotero para o Abade Correia da Serra (20 de Fevereiro de 1801)*, apud Abílio Fernandes, *ob. cit.*, 1976, pp. 39-40); "Sirva-se V. Ex.<sup>a</sup> de mandar restituir-me o Aviso que devo registrar, para que nisso ao menos se me conserve a honra de ficar sendo oficial Papelista desta casa" (*Carta de A. R. Ferreira a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (19 de Fevereiro de 1800)*, AHU, apud D. A. Tavares da Silva, *O cientista luso-brasileiro Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (Notas para o seu estudo)*, 1947.

<sup>53</sup> Depois do regresso a Lisboa, Domingos Vandelli não se distinguirá pela produção de textos naturalistas, mas antes pelos 'alvitre' e 'memórias' político-económicas enquanto membro da Junta do Comércio e conselheiro do Príncipe Regente (Cfr. José Luís Cardoso, *Os escritos económicos....*, 1988; *Idem*, *O pensamento económico em Portugal....*, 1989; e J.V. Serrão, *Domingos Vandelli ....*, 1994). Eco desta dispersão por várias ocupações pode também ser encontrada em testemunhos de viajantes estrangeiros: "Leur directeur, le docteur Vandelli, compatriote et je crois, élève de l' école de Pontedera, est un botaniste assez distingué; mais les autres emplois qu'il occupe [il est à-la-fois député de la junte du commerce et l'un des directeurs de la fabrique royal des soies] empêchent qu'il puisse donner des soins suffisants à ce qui intéresse l'histoire naturelle et la botanique" (H. Ranque, *Lettres sur le Portugal*, 1798, pp. 64-66). Uma das memórias naturalistas, publicada pela Academia em 1797, a *Florae, et Faune Lusitanicae Specimen*, fora escrita em Coimbra em Abril de 1787. O próprio Vandelli, em correspondência trocada com o Director do Jardim Botânico de Madrid, assumirá esta circunstância: "Da Flora do Rio de Janeiro de Fr. Jozé Vellozo brevem te espero q. sahirá o pr.<sup>o</sup> tomo das figuras; toda a obra conterà mil settecentos e maes taboas. O Dr. Brotero de Avellar trabalha na Flora de Portugal. Eu porem estou ociozo nesta parte por ser bastantem.te ocupado na R. Junta do Comércio; naõ obstante isso naõ deixo a minha primeira paixãõ, q. me obrigou a vir p.ra este Reino. (...)" (*Carta de Domingos Vandelli a Casimiro Ortega (26 de Dezembro de 1792)*, ARJBM, I, 20, 7, 2).

<sup>54</sup> Vai também neste sentido a apreciação de historiadores da ciência actuais: "Se os governantes portugueses tivessem uma visão clara dos problemas das Ciências Naturais, manteriam no Museu e Jardim Botânico da Ajuda equipas de mineralogistas, botânicos e zoólogos para se ocuparem do acondicionamento, ordenamento e identificação dos espécimes que iam chegando. A esses especialistas deveria ser concedida a possibilidade de se deslocarem ao estrangeiro, para aí tomarem conhecimento da bibliografia existente e efectuarem comparações com os materiais das colecções dos grandes centros de investigação como eram já nesse tempo os de Londres, Paris, Leiden, etc." (Abílio Fernandes, *Uma carta inédita de Brotero para Correia da Serra*, 1976, pp. 49-50); "O que não se distingue em toda essa actividade é um plano de acção governamental, por mínimo que fosse, destinado a promover a investigação científica entre nós, aproveitando os valores humanos nacionais e fornecendo-lhes as necessárias condições de trabalho, ou de qualquer modo auxiliando-os e protegendo-os nesse sentido (R. de Carvalho, *A história natural em*

Descobrimo-se progressivamente divorciado das actividades intelectuais que outrora tinham dado sentido à opção profissional pela *Philosophia natural*<sup>55</sup>, Ferreira lidar mal com o seu novo estatuto de factótum burocrata não disfarçando uma incontida crispação, perceptível até em documentos oficiais. Zeloso cumpridor das obrigações administrativas<sup>56</sup> revelará, todavia, consciência da insolúvel contradição entre o ritmo instantâneo da decisão política e a proveitosa demora do processo científico: "(...) consequentemente elle q. nesta casa he o Administrador, o Escrevente, o Thesoureiro, o Jardineiro alem do q. mais he nas 3 Quintas do Infantado não podendo sobre hua, e a mesma materia, expedir quatro, e cinco respostas peremptorias, mandou a Lx.<sup>a</sup> comprar Colla da Russia; preparou as dissoluções em agoa, e espirito de vinho procedeo a experiencia de hum pouco de tafetá, ou encerado de Inglaterra; e como tudo isto se faz mas devagar do que se escreve porque depressa o q. se faz bem he fugir esperava elle ao cabo desta semana dar conta do Recado, e com ella remetter a porção, q. agora remette, deixando p.<sup>a</sup> seu tempo o resultado da sua Esperiencia "<sup>57</sup>.

---

*Portugal no séc. XVIII*, 1987, p. 99). "Não houve, pois, produção científica dos naturalistas da instituição; ao que parece, aguardavam-se os resultados das suas colheitas e observações no Ultramar para a iniciar. (...) Mas, não resultaram de toda esta actividade exploratória e científica publicações que fossem divulgadas e consagrassem os naturalistas portugueses" (Carlos Almaça, *Bosquejo histórico da Zoologia em Portugal*, 1993, pp. 16 e sgs.).

<sup>55</sup> A melhor confirmação da fraca assistência de Ferreira aos estabelecimentos da Ajuda encontra-se na necessidade da nomeação de um 'Fiscal do Trabalho' para o substituir nas suas ausências: "A Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor foi presente a Informação que deu a V. M. ce o Doutor Alexandre Rodriguez Ferreira, o mesmo tinha entendido que naqueles dias, em que elle, na forma das Reaes Ordens, era obrigado a sahir em Serviço das Reaes Quintas, não ficava no Jardim Botânico pessoa de confiança, que fiscalizasse o trabalho assim dos Operarios, como dos Officiaes das Obras mesmo Jardim: E conformando-se o Mesmo Senhor com a proposta de V. M. ce, he Servido nomear a João Rodriguez Villar para Fiscal do Trabalho de ambas as Repartiçoens do Jardim e Museo, de baixo das Ordens de V. M. ce, e do sobredito ViceDirector; vencendo mais duzentos reis por dia, alem dos que vence como Fiel do Ponto. Palacio de Queluz em 28 de Agosto de 1801. Conde de Valadares. Senr. Domingos Vandelli" (*Livro de Registo dos Decretos*, MCUL).

<sup>56</sup> O Inspector dos estabelecimentos mandará registar no *Livro de Registo dos Decretos (1801)* um elogio oficial à "actividade, zelo, e prestimo com que he administrada a Real Fazenda nessa Repartição".

<sup>57</sup> *Officio de A. R. Ferreira ao Funcionário Superior do Ministério da Marinha (14 de Novembro de 1799)*, AHU, apud A.P. de Lima, *ob. cit.*, 1953, p. 365. Parece que o azedume chegou a raiar a insolência para com os superiores, como conta o amigo e

Não pode estranhar, por esse motivo, que a *Relação* vandelliana de 1795 não iluda o destino inglório de parte das produções naturais - provenientes em grande escala do esforço humano e financeiro das viagens ultramarinas - encerradas, umas nos armazéns do Museu, sem condições de conservação, perdendo-se mesmo antes de sujeitas a classificação taxonómica, e outras nunca dantes incluídas no *Systema Naturae* linneano<sup>58</sup> e cuja descrição em publicação científica, a ter sido realizada, poderia ter proporcionado autoria de nomenclatura aos nossos naturalistas<sup>59</sup>: "A maior parte destas produções estão ainda fexadas em caixotes como vierão. Muitos animaes, e principalmente insectos se perderão por não estarem expostos a vista, p.a embaraçar a sua destruição. Existem nelle muiyssimas produçoens desconhecidas aos Naturalistas, entre as quaes muitos mineraes das Colonias

---

biógrafo"(...)... quando huma Pessoa tão respeitavel pela ordem da Nobreza, e alto emprego, como pela encyclopedia de seus conhecimentos, fallando-lhe na tentativa de climatizar o chá em nossas terras, seccamente respondeo: *Não temos pão, e tratamos de chá!* (...) (Manuel José Maria da Costa e Sá, *Elogio do Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, 1818, p.23)

<sup>58</sup> "Lineu (1707-1778) pôde aceder a um conhecimento da biodiversidade ímpar para o seu tempo. Embora permanecendo um estudioso de faunas e floras locais, mesmo que longínquas, Lineu conseguiu produzir, através dos materiais reunidos e de um espírito enciclopédico, um verdadeiro *Best-seller* do século XVIII, o *Systema naturae*. Nesta obra consignou todas as espécies animais, vegetais e minerais até então conhecidas, normalizando a sua nomenclatura e apresentando curtas diagnoses. A ampliação progressiva do material de estudo e o sucesso da obra foram de tal monta que, entre 1735 e 1766-68, foram publicadas 12 edições. A primeira constituída por 7 páginas de grande formato, a última por quatro volumes e milhares de páginas. Na 10<sup>a</sup> edição (1758) que constitui o referencial da nomenclatura biológica, pois se considera que todas as espécies aí mencionads têm autoria de Lineu, são descritas mais de 4000 espécies animais. As consequências desta inventariação, classificação e denominação da diversidade natural não se fez esperar. Os gabinetes de curiosidades mais afamados da Europa transformaram-se em Museus de História Natural, deixando de ser amontoados caóticos de objectos, muitas vezes não classificados e sempre sem denominações coerentes" (Carlos Almaça, *A expedição filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira no contexto histórico-natural da sua época*, 1992, pp. 8-9).

<sup>59</sup> Igual situação é evidenciada no Real Gabinete de Historia Natural, de Madrid: "La publicación de trabajos de investigación es el índice más cierto de producción científica. No cuenta toda la labor ni el talento del científico, si no se editan sus escritos. En esto la pobreza del Museo es grande" (Emiliano Aguirre, "Introducción" a Agustín J. Barreiro, *El Museo Nacional de Ciencias Naturales (1771-1935)*, 1992, p. 43).

e Reino, q. ainda se devem encajar. O copiosissimo Erbario das Colonias contem generos, e especies novas, e outras não bem conhecidas”<sup>60</sup>.

Parece pois de concluir que algumas das funções atribuíveis a um museu de história natural e teorizadas, como vimos, por D. Vandelli na sua *Memoria sobre a utilidade, e uso dos Muzeos d'Historia Natural*,<sup>61</sup> não terão sido aqui plenamente cumpridas, nomeadamente o múnus didáctico e o científico. Dito de outro modo, o novo modelo administrativo adoptado na Ajuda em meados da década de noventa, se resultará indiscutivelmente numa maior economia de meios para o Real Erário e num financiamento mais expedito e eficaz das actividades destes estabelecimentos não significará, no entanto, a primazia de um projecto de pesquisa no quadro das múltiplas, casuísticas e, tantas vezes, desencontradas ordens ditadas pela governação.

Para que semelhante programa de trabalho pudesse ter capitalizado os recursos disponíveis na Ajuda, teria sido exigido ao poder político um maior esforço de investimento quer no apetrechamento das instalações e equipamentos museológicos, quer na requalificação técnica do seu quadro de funcionários (através da contratação de mais naturalistas e da formalização de ensino público no interior dos estabelecimentos), o que quer dizer que a reestruturação *economica* teria de ter envolvido, por igual, uma componente *scientifica* especialmente vocacionada para o estudo das colecções<sup>62</sup>.

---

<sup>60</sup> *Relação da origem, e estado prezente do Real Jardim Botanico, Laboratorio Chymico, Museo de Historia Natural, e Caza do Risco, s/d, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444 [1795].*

<sup>61</sup> BACL (Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa), ms. 143/2, série vermelha. Vide *supra* Cap. V.

<sup>62</sup> "O nosso modo tradicional de pensar e sentir não é atraído por museus de história natural como expressões de ciência e centros de cultura, como locais de reflexão sobre a natureza, como centros activos de investigação. Como factores a agravar tal situação refira-se ainda uma demanda científica de fraca exigência, uma certa apatia pela zoologia causal e sobretudo pelo problema da evolução, constantemente mais inclinados para a prática do classificatorismo e da zoologia inventariadora. (...) temos sido fundamentalmente classificadores, a verdade é que o temos sido insuficientemente e por vezes deficientemente" (Germano F. Sacarrão, *Pedagogia da evolução e museus de história natural*, 1987, pp. 20-21); "Se si considera dunque la ricerca scientifica come una parte fondamentale del processo attraverso cui viene assegnato un significato agli oggetti e alle collezioni, questa risulta essere un'azione intrinseca all'essenza stessa del museo. A tal punto che si può affermare con sicurezza che un museo che non sia anche un istituto di ricerca scientifica, capace di elaborare culturalmente il proprio patrimonio e di dare un senso alle proprie

Por este tipo de reforma mais ampla tinha já pugnado - de resto sem sucesso - Domingos Vandelli na *Representação (...)* pedindo um regulamento para o Jardim Botânico acentuando justamente a urgência de contratação de naturalistas (com remuneração acrescida)<sup>63</sup> e a necessidade de se definir um empreendimento editorial aglutinador de procedimentos técnico-científicos e museológicos - a projectada *Historia Natural das Colonias*, agora enriquecida pela documentação memorialística e iconográfica recolhida nas expedições philosophicas: "Reprezenta a V. R. A. Domingos Vandelli. Director do Real Jardim Botanico, q.e este necessita de hum regulamento tanto pelo que respeita ao Economico, como ao Scientifico. (...) augmentando-se porem o Ordenado aquelles, q. tem maiores conhecimentos, e trabalho. (...) Conservando pois este Museo muitos generos, e especies novas de animaes, e no seu Hervario novas plantas, seria conveniente, q. se fizesse dellas e

---

esposizioni, non può essere considerato museo" (Giovanni Pinna, *Fondamenti teorici per un museo di storia naturale*, 1997, p. 32).

<sup>63</sup> É significativo que, dos naturalistas envolvidos nas viagens filosóficas, apenas Ferreira tenha sido contratado para servir na Ajuda. Manuel Galvão da Silva permanecerá em Moçambique até à sua morte; José Joaquim da Silva regressará ao Brasil; João da Silva Feijó, antes de regressar ao Brasil, tentará sem êxito retomar o serviço de naturalista oficial, tal como decorre de carta enviada a D. Vandelli: "O abaixo assignado, Naturalista que se achava encarregado, por Ordem da Sua Magestade, no exame da Historia Natural das Ilhas de Cabo Verde, e de presente nesta Corte, fâs entrega a Vossa Senhoria, de 63 diferentes especies de sementes das mais curiozas Plantas daquellas Ilhas, para serem semeadas no Real Jardim Botanico, sendo assim Vossa Senhoria servido; (...)Vossa Senhoria se servirá (para crédito do abaixo assignado, que tem a honra de se numerar entre os primeiros Discipulos de Vossa Senhoria) Dignar-se pôr na real Presença de Sua Alteza este pequeno serviço do abaixo assignado, e os desejos que tem de continuar no Real serviço do mesmo Senhor e de escrever a Historia geral, e Filosofica de suas viagens" (*Carta de João da Silva Feijó a Domingos Vandelli (23 de Setembro de 1796)*, AHMB, CN/F -21). No Brasil, na sua qualidade de militar, continuará a servir de colector: "Por Decreto do 1º de Fevereiro dito foi S. M. servida fazer mercê do Habito da Ordem de Christo a João da Silva Feijó, Naturalista no serviço da mesma Senhora, e Sargento Mór de Melícias da Capitania do Ceará, em remuneração dos seus serviços" (*Gazeta de Lisboa, 4 de Maio de 1799, 2º Suplemento*). "O Ill. mo e Ex. mo S.r Visconde de Anadia manda remetter ao S.r Domingos Vandelli hum caixote com as sementes de plantas, que constão da Relação inclusa, recolhidas na serra da Hiapaba pelo Naturalista João da Sylva Feijo, para que V. M.ce semeando, examinando as mesmas plantas, veja se ellas podem servir de alguma utilidade ao Real Jardim Botanico. Secretaria de Estado em 9 de Julho de 1806" (*Livro de Registo dos Decretos...*, MCUL).

nestas descrições, como já eu dei principio nos Reinos<sup>64</sup>, e que se publicasse tudo o q. é desconhecido dos Naturalistas, o que seria de augmento da Historia Natural, e de gloria a este feliz Reinado. E como no mesmo Museo estão muitas amostras de Papeis e Mineraes das Colonias, e do Reino, dos quaes poderá tirar muitas vantagens a Real Fazenda, e o estado conhecendo per.te as suas qualidades, e applicações, assim se devião analyzar neste Laboratorio Chymico”<sup>65</sup>.

Também os raros estrangeiros, com formação naturalista<sup>66</sup>, que por estes anos visitaram o Museu e o Jardim Botânico da Ajuda deixaram registadas apreciações críticas a propósito do desajuste entre a riqueza, a variedade e a raridade dos produtos exóticos ali depositados e a inexistência de operações

<sup>64</sup> Referir-se-á sobretudo à sua obra impressa em 1788, *Florae Lusitanicae et Brasiliensis Specimen*: "Esse volume contém as matérias que deveriam ser professadas na cadeira de Historia Natural, presumindo nós que o volume assim ordenado constituiria o compêndio que seguira nas suas lições, (...) para explicitar o sistema sexual de Lineu, visto as espécies se encontrarem aí ordenadas segundo esse sistema. Este programa estava de acordo com os Estatutos e os alunos que o aprendessem ficariam bem preparados" (Abílio Fernandes, *ob. cit.*, 1980, pp. 203 e sgs.).

<sup>65</sup> *Apud Florae Fluminensis. Documentos...*, 1961, pp. 277-278. Esta *Representação* deve ser datada, com toda a probabilidade, de 1794/95, estando portanto na origem do Decreto de Maio de 1795 e do Plano de reorganização da Ajuda. Nesse mesmo ano, o mesmo Vandelli propõe ao governo a utilização dos méritos científicos de Ferreira em funções consentâneas com as suas habilitações, libertando-o da carga burocrática: "Respeito ao Dr. Alexandre Ferreira Administrador do Jardim, Laboratorio, Muséo, e da Casa do Risco, Official da Secretaria de Ultramar, do cujo grande merecimento deo bastantes provas, alem das outras qualidades das quaes he dotado, depois de ter concluida a Historia das suas viagens do Brazil, deveria S. Mag. de aproveitalo p.<sup>a</sup> Deputado na Real Junta do Commercio, tendo vastos conhecimentos da Sciencia Economica, e Politica, das produções das Colonias, e do seu Commercio. Mas entretanto se deveria dispensar dar exercicio da Secretaria, e alem do ordenado, q. por isso tem, darlhe alguma cousa maes p.<sup>a</sup> a sua decente subsistencia. E como lhe he indispensavel a continua assistencia no Jardim; assim se lhe deveria dar Casas contiguas ao mesmo, logo, q. as houver" (*Relação da origem ...*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444 [1795]).

<sup>66</sup> Existe a consciência, em viajantes mais escrupulosos, de que opinar sobre um estabelecimento científico, como o era um museu de história natural, exigiria formação específica. Veja-se, por exemplo, o testemunho do militar inglês Francis Collins: "Adjoining the gardens is the museum containing a large and choice collection of natural curiosities;(....) The museum of natural curiosities is very interesting, but would require more time and abilities than the author possessed to do justice to the inspection" (Francis Collins, *Voyages to Portugal, Spain, Sicily, Malta, Asia Minor, Egypt, etc., from 1796 to 1801*, 1809, pp. 13-15).

de apropriação científica destes objectos enquanto *entes naturels*, daqui derivando a sua exibição museológica na vulgar condição de curiosidades, sem aparente alcance instrutivo<sup>67</sup>.

É, por isso, com compreensível enfado e desencanto que o ilustre mineralogista dinamarquês Abildgaard se refere, em 1794, à parca valia científica de um museu que, pela condição imperial do país, deveria proporcionar maiores contributos para o acréscimo do *catalogo da Natureza*: "Le Cabinet du Prince du Brasil contient beaucoup de choses rares et précieuses, en tout genre (...). La collection des oiseaux, des poissons et des coquilles est riche et contient beaucoup de choses nouvelles, qui mériteroient d'être décrites et non de rester enterrées ici sans aucune utilité. (...) Mais est inutile, que je vous fasse l'énumération des choses, qui m'ont fait plaisir de voir ici, peut être elles vous intéresseront moins, puisque à la vérité ce ne sont que des choses curieuses - et tout qui est curieux et rare n'est pas instructif pour cela"<sup>68</sup>.

6. Ainda no âmbito da enumeração de pessoas empregadas nos trabalhos da Ajuda a partir de 1795, é detectável o peso específico ali ocupado

---

<sup>67</sup> A dimensão de instituto de investigação inerente a um Museu de História Natural impõe uma específica elaboração científica dos objectos ali depositados: "Ciò significa, in definitiva, che ogni collezione che faccia il suo ingresso in un museo che sia anche un istituto di ricerca ha la possibilità di venire a far parte, prima o poi, del patrimonio storico, scientifico e culturale della società; ma significa anche che, perché questo avvenga, è sempre indispensabile un'elaborazione scientifica del materiale del museo. Da cui l'inutilità, per i musei di storia naturale, della ricerca del pezzo raro, dell'esemplare unico o del pezzo valido solo da un punto di vista estetico, se questo non ha anche una precisa valenza scientifica" (G. Pinna, *ob. cit.*, 1997, p. 31).

<sup>68</sup> Abildgaard, *Lettre d'un naturaliste danois en passage à Lisbonne au siècle dernier*, 1895-96, pp. 27-128. Publicado por Paul Choffat, a partir de carta autografa, dirigida a Francisco de Angulo, Director Geral das Minas de Espanha, datada de 10.02.1794 e existente no Arquivo de Alcalá de Henares. Abildgaard foi fundador da Sociedade de História Natural de Copenhaga e Secretário da Academia das Ciências da Dinamarca. Na sua longa viagem científica pela Europa (1790-1800), José Bonifácio de Andrada e Silva assistirá aos seus cursos (Cfr. José Maria Latino Coelho, *Elogio historico de José Bonifacio de Andrada e Silva*, 1877). Sobre o relacionamento do dinamarquês com frei Manuel do Cenáculo, vide *infra* Cap. VII.



pelos desenhadores e pelos discípulos de desenho da Casa do Risco<sup>69</sup>. Esta é, como já se sublinhou acima, uma área temática à qual os especialistas (dos campos disciplinares das ciências naturais e, sobretudo, da história da arte) têm dado contributos inestimáveis, a ponto de se poder considerar bastante documentada e analisada a actividade deste estabelecimento anexo ao Real Museu e Jardim Botânico bem como conhecida a biografia profissional de alguns dos seus mais influentes protagonistas: José Joaquim Freire, Manuel Marques de Aguillar, João Caetano Rivara<sup>70</sup>.

Importaria, por isso, passar em revista as características mais marcantes da componente artística da Ajuda (sem incursão no complexo domínio teórico e técnico do desenho naturalista)<sup>71</sup>, acentuando-se a parte que mais interessa à nossa economia narrativa, isto é o domínio profissional ocupado, afinal, por riscadores e gravadores da Casa do Risco ao longo do período em estudo, em confronto com o lugar que o Poder originariamente lhes destinara na execução de um programa museológico e científico.

---

<sup>69</sup> O primeiro registo oficial do *Livro de Registo dos Decretos* refere-se justamente à contratação de um *discípulo de desenho* para a Casa do Risco, Vito Modesto Azzolini, filho de Jacome Azzolini, antigo arquitecto do Real Teatro. Será entregue à orientação profissional de Manoel Piolti.

<sup>70</sup> Cfr. Abílio Fernandes, *Desavenças e desditas de Brotero*, 1945, pp. 88-89; Júlio Jesus, *De alguns artistas do Real Museu da Ajuda*, 1929; Ernesto Soares, *História da gravura artística em Portugal. Os artistas e as suas obras*, 1971, vol. I, pp. 50-57; vol. II, pp. 513-519, e Miguel Faria, *Os estabelecimentos artísticos do museu de história natural do palácio real da Ajuda e a viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira*, 1992; e *idem*, *José Joaquim Freire (1760-1847) desenhador militar e de história natural. Arte, ciência e 'razão de estado' no final do antigo regime*, 1996. É justo destacar o conjunto de artigos que, desde finais do séc. XIX até aos anos 40, J. Bethencourt Ferreira dedicou ao Real Museu da Ajuda fazendo já expressas referências ao papel desempenhado pelos desenhadores: "(...) em especial, pelas expressivas imagens, aguarelas e guaches impecáveis, executados sob a sua direcção [Dr. A. R. Ferreira], pelos dois artistas, aliás modestos, mas excelentes, que acompanharam na *Viagem* o nosso expedicionário, activos e conscienciosos, na sua fiel e primorosa execução, saídos da antiga e extinta Escola de debuxo e gravura, do Gabinete da Ajuda (...). Compuseram estes artistas desconhecidos, José Codina e Joaquim Freire, com claríssima visão, o documentário volumoso e colorido, a iconografia exacta e de grande valia da *Viagem Filosófica*" (*Contribuição de estudo sobre a 'Viagem Filosófica' do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira*, 1940, p. 340).

<sup>71</sup> Vide Miguel Faria, *ob. cit.*, 1996, com indicação de bibliografia especializada sobre o 'desenho científico'.

A *Relação* vandelliana de 1795 deixa entrever em diversos momentos do texto a génese, as ocupações e os projectos atribuídos à Casa do Risco: "Por ocasião de copiar-se huma colleção de riscos de plantas do Perú, e Chyli, que vierão no Gallião. Que foi tomado pelos Inghleses na ultima guerra, vierão da Fundição tres habéis Dessinadores, que unidos com dois outros, que estavam no Jardim para o risco do mesmo, e que taõbem trabalhavão em huma m.to util obra p.a facilitar o estudo da Botanica; e consistia nas figuras de todas as florificações dos generos das plantas ate ora conhecidos, derão principio com Aprendizizes a attual Caza do Risco. (...) Nesta Casa agora se riscão as plantas, e animaes, que recolheu o Dr. Alexandre nas suas viagens do Brazil. (...) Completados, que sejam todos os Riscos dos novos generos, e novas especies de plantas, e de animaes etc; experimentando-se os mesmos Dessinadores a abrir em cobre, abrirão em chapas todos os sobreditos riscos p.<sup>a</sup> unir-se a Historia Natural das Colonias, no caso, que S. Mag.de p.ra gloria do seu Reinado, utilidade publica, e augmento da Historia Natural, resolva esta Historia se imprima" <sup>72</sup>.

A interpretação desta memória histórico-institucional, conjugada com o conteúdo documental de diplomas legais <sup>73</sup>, tem conduzido à exigência de distinguir no tempo a actividade de dois estabelecimentos, ambos localizados fisicamente na Casa do Risco mas prosseguindo objectivos científicos específicos - uma Casa do Desenho e, posteriormente, uma Casa da Gravura <sup>74</sup>.

---

<sup>72</sup> Domingos Vandelli, *Relação da origem...*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444.

<sup>73</sup> "Tendo consideração aos conhecidos progressos que Manoel Marques de Aguilar, tem feito na Arte da Gravura, e as grandes próvas que tem dado da sua sciencia, e perfeição concluindo dignamente alguas obras de que tem sido encarregado: Hey por bem fazer mercê ao mesmo Manoel Marques de Aguilar do ordenado annual de quatrocentos e oitenta mil reis, que lhe serão pagos aos quarteis pelo Meu Real Erario, desde o dia da data deste em diante; com a expressa obrigação de gravar no Real Jardim Botanico os Desenhos pertencentes á Historia Natural, que Tenho mandado escrever do Estado do Gram Pará, e Rio Negro, e de formar juntamente Discipulos habéis, que possam para o futuro, por meio desta Arte, ser uteis a si, e ao Publico, exercitando-a dignamente. O Marquez Mordomo Mór, e Presidente do Meu Real Erario o tenha assim entendido, e lhe mande expedir os Despachos necessarios. Palacio de Queluz em quinze de Maio de mil e oitocentos" (*Livro de Registo dos Decretos....*, MCUL).

<sup>74</sup> "Para além dos trabalhos eventuais a que Vandelli se refere, a criação da Casa do Risco como unidade orgânica adida ao Jardim Botânico da Ajuda data de 1780 como o

A primeira - estabelecida a partir dos inícios dos anos oitenta, em conjuntura de estágio profissionalizante dos naturalistas formados em Coimbra - viveu as coordenadas científicas de um *museu em viagem* dando corpo à dimensão iconográfica dos *topos philosophico e politico* das expedições ultramarinas (através da integração dos seus desenhadores nas equipas de naturalistas da Ajuda <sup>75</sup>) e albergando por igual um projecto didáctico de escola de debuxo, com os seus mestres e os seus discípulos <sup>76</sup>.

A volumosa produção gráfica daqui resultante, sobretudo da viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira, é ainda parcialmente consultável nos arquivos portugueses e brasileiros e em publicações recentes <sup>77</sup>, e consta

---

sugere diversa documentação disponível. (...) Sem discípulos não há Escola. A Casa do Risco como estação de ensino do Desenho de História Natural parece encontrar aqui o seu termo [1796]. (...) Cumprida que fosse a primeira fase do trabalho (os 'riscos') os desenhadores deveriam ser convertidos em gravadores para que se prosseguisse o plano da obra projectada. (...) A Casa do Risco concluía a missão para a qual aparentemente havia sido criada. (...) No futuro a sua expressão devia ser reduzida ao essencial e em paralelo com o seu declínio emergia o novo estabelecimento de Belas Artes adido ao Museu da Ajuda: uma Casa da Gravura, o que satisfazia com rigor as orientações primitivas do projecto de Vandelli. A primeira informação segura da fundação da Casa da Gravura da Ajuda (...) refere um decreto lei datado de 15 de Maio de 1800 nomeando um gravador de História Natural para o gabinete da Ajuda" (Miguel Faria, *Os estabelecimentos artísticos do museu de história natural ...*, 1992, pp. 33-40). "Importão os Jomaes Comedorias, e outros recebimentos que se pagão pela consignação dos 400\$000 consignados para o Real Jardim Botânico incluídos os novos Estabelecimentos de Gravura e Imprensa (...)" (*Offício do Escrivão da Fazenda a Domingos Vandelli (29 de Dezembro de 1804)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 281, Cx. 375, 1804-1827).

<sup>75</sup> Por exemplo, a contratação de José Joaquim Freire para a Casa do Risco aparece justificada no *Livro de Registo dos Decretos* por ter feito "a expedição ao Brasil: Pará, Rio Negro, Mato Grosso, Cuyabá" (MCUL).

<sup>76</sup> "Uma escola de produção onde os artistas se deparavam com uma temática diferente da convencional, praticada pela pintura a óleo ou tempera. Nem motivos religiosos nem alegorias ou retratos, a sua actividade enquadra-se na vaga de ofícios especializados, instruídos na aplicação da Arte do Desenho ao serviço do espírito iluminista dos finais do século XVIII" (Miguel Faria, *O desenho em viagem*, 1992, pp. 65-73).

<sup>77</sup> Os originais dos desenhos de Codina, Freire, Donati e Manuel Tavares da Fonseca mantêm-se consultáveis no acervo do Arquivo Histórico do Museu Bocage (Cfr., entre outros, *Methodo de Recolher, Preparar, Remeter, e Conservar os Productos Naturais. Segundo o Plano, que tem concebido, e publicado alguns Naturalistas, para o uzo dos Curiozos que visitaõ os Certoins, e Costas do Mar (1781)*, Res. -17; *Roteiro Das Viagens, que fez Alexandre Rodrigues Ferreira Pelas Capitancias Do Pará, Rio Negro, Mato-grosso e Cuiabá, (1783-1791)*, ARF -1). No Rio de Janeiro publicaram-se, em 1971, os *Desenhos... Da Expedição Philosophica do Pará, Rio Negro, Mato Grosso, e Cuyabá Copiados No Real Jardim Botânico Em 2 Volumes*; e, mais recentemente em

genericamente de riscos das áreas da antropologia ('Gentios'), da botânica e da zoologia ('Animaes Quadrupedes, Aves, Amphibios, Peixes e Insectos'), prospectos ('Cidades, Villas, Lugares, Povoações, Fortalezas, Edificios, Rios e Cachoeiras') e de cartas geográficas <sup>78</sup>. Das expedições de Joaquim José da Silva e de Manuel Galvão da Silva são testemunhos os desenhos originais de "peixes e vermes de Angola, com o prospecto de embucadura do Rio Dande; e de vários animaes raros de Moçambique, em alguns prospectos e retratos". Das colecções depositadas no Real Museu da Ajuda existem também "riscos de alguns mammaes, aves e vermes" <sup>79</sup>.

A segunda, a Casa da Gravura, parece corresponder já a um tempo de labor naturalista de gabinete, a partir dos primeiros anos de oitocentos, com a abertura de chapas visando a gravação de ilustrações das espécies naturais recolhidas e remetidos pelo viajante, correspondendo ao sonho desde sempre acalentado na Ajuda de publicação da *Historia Natural das Colonias*.

Em 1805 - sinal evidente do empenho oficial na prossecução dos serviços destes artistas - será determinada a mudança de instalações para espaço mais amplo e adequado à empresa, a *torrinha* do Jardim: "Constando-me que a Casa, em que actualmente se trabalha em Gravura não he a mais propria para este exercicio, V. M. ce a fará logo mandar para a Torrinha do Jardim Botanico, não admittindo duvida, ou embaraço algum a respeito da mesma mudança, que deve ter prompta execução; e quando haja pessoa que a ella se opponha, V.

---

Coimbra, *Memória da Amazônia. Alexandre Rodrigues Ferreira e a Viagem Philosophica pelas Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá. 1783-1792 (Catálogo da Exposição)*, 1991, que reproduz ilustrações existentes no AHMB.

<sup>78</sup> Em finais de 1794, foi inventariada na Casa do Risco a seguinte produção: vinte e quatro estampas oriundas de Angola, 16 de Moçambique, 19 da China e 10 da Ásia, enquanto que os desenhos referentes ao Pará atingiriam o número de 1015. Destes apenas 544 tinham sido duplicados (Cfr. Alexandre Rodrigues Ferreira, *Inventário Geral e Particular de todos os Productos Naturaes, e Artificiaes, Instrumentos, Livros, Utensiz e Moveis pertencentes ao Real Gabinete de História Natural, Jardim Botânico, e suas Cazas annexas (...) Tudo como nelle se declara (8 de Novembro de 1794)*, BNRJ (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro), Secção de Manuscritos I-21,10/49-8-13).

<sup>79</sup> Cfr. *Catálogo da exposição comemorativa do 150º aniversário da escola politécnica*, 1987, p. 94.

M.ce me dará conta imediatamente, para se mandar proceder contra ella como for conveniente”<sup>80</sup>.

Sendo este o pano de fundo que dá sentido à integração profissional dos artistas nos estabelecimentos museológicos dependentes da Secretaria de Estado dos Negócios Ultramarinos e da Marinha, interessaria sobremaneira apreciar o volume, a qualidade e, sobretudo, o destino da obra produzida<sup>81</sup>, tanto mais que se não desconhece a permanente tentação da Administração em desviar este saber técnico aplicado para necessidades mais pragmáticas do que as do desenho científico, relacionadas quase sempre com o traçado de cartas geográficas. Na realidade, o *Livro de Registo dos Decretos* confirma abundantemente esta situação de utilização dos “oficiais desenhadores” em tarefas estranhas ao puro empenho científico.

As ordens dirigidas à Casa do Risco são expedidas por diversos departamentos da governação que, carentes da utilidade técnica do desenho e para justificarem celeridade na sua execução, chegam a invocar o segredo de Estado e a provocar a perplexidade dos artistas face a tão desencontradas

<sup>80</sup> *Carta do Conde de Vila Verde a D. Vandelli, 17 de Novembro de 1805, in Livro do Registo de Decretos...., MCUL. Em 1802, nomea-se João Caetano Rivara "para Abridor annexo ao Real Jardim Botânico, para executar as Obras, que lhe forem encarregadas". No mesmo decreto (25 de Janeiro) institui-se uma Escola de Gravura junto da 'Impressão Régia' com direcção do artista F. Bartolozzi. A Princesa manda, nessa data, devolver uma 'Imprensa com todos os seus pertences' na posse de A. Rodrigues Ferreira. Dois anos depois, repete-se a ordem para que a 'grande Imprensa que a Princesa comprou em Inglaterra - no Jardim à disposição de Aguillar - seja entregue ao 'Abridor' Bartolozzi. Ainda nesse ano se contratará José Manuel Leitão de Vasconcelos (discípulo de Aguillar), para trabalhar com A. R. Ferreira na gravação dos produtos de história natural do Pará e admite-se "na Sala do Risco, a Jose Maria, Rapaz preto, e educado, creado na Quinta de baixo" (Cfr. *Livro de Registo dos Decretos...., MCUL*).*

<sup>81</sup> Empenhado em justificar, perante o poder liberal, as verbas dispendidas com a Casa da Gravura e em manter ao serviço do Real Museu alguns destes profissionais, Brotero avalia assim o passado recente dos estabelecimentos artísticos da Ajuda: "Elles forão occupados pelos meus dois antecessores em desenhar alguns novos animaes, e plantas uteis, raras e novas das Provincias Ultramarinas Nacionaes, e em gravar os seus desenhos; o Dr. Domingos Vandelli publicou alguns destes objectos com as suas descrições respectivas (...)" (*Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro (16 de Novembro de 1822), ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, 1821-1833*).

exigências <sup>82</sup>: "(...) Recebido na data de hontem duas distinctas ordens de S. Ex.<sup>a</sup> o Ill.mo e Ex. mo S.or D. Rodrigo de Sousa Coutinho: a primeira para immediatamente fazer tirar com todo o segredo duas copias de varios Mappas da Ilha da Madeira, pelos off.es Desenhadores deste Jardim Botanico (...) os ditos ha hoje trez semanas, que estão trabalhando em tirar segundas copias da carta Topographica da Costa occidental de Africa, segundo ordem que receberão do Brigadeiro Luiz Candido Cordeiro, o qual para esse fim mandou chamar á sua casa o Desenhador Manuel Tavares (...)" <sup>83</sup>; "Dentro da Lata foi a copea da Carta da America que ainda não está acabada, e que por este motivo tornará a remetter ao Dr. Alexandre, mandando-lhe dizer, que eu nunca duvidei da sua exaçaõ mas que a urgencia que eu tenho de ter sempre diante dos olhos aquelle continente me obriga a recomendar-lhe com toda a efficacia o seu completo desenho, recomendando-lhe, outro sim, que o mande acabar com a mesma perfeição, tendo o maior cuidado em que não escape algum erro nos nomes quando se puzerem, e que outra qualquer encomenda deverá ceder á esta, que he da maior importancia p.<sup>a</sup> os negócios desta Repartiçaõ" <sup>84</sup>.

Um tropel de ordens suceder-se-á na Ajuda convocando os funcionários á participação empenhada nos projectos de *Ilustração* delineados pela governação. Tal como ocorrerá com os outros sectores profissionais, os artistas da Casa do Risco acham-se constantemente citados para as mais desconstradas tarefas, que se não esgotavam no desenho cartográfico <sup>85</sup>

---

<sup>82</sup> "Isto demostra que os desenhadores do Jardim Botânico, em vez de colaborar em trabalhos de Ciências Naturais, eram activamente empregados em desenhos cartográficos, certamente muito úteis e necessários, mas com uma finalidade muito diversa" (A. Pires de Lima, *O doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, 1953, p. 382).

<sup>83</sup> *Officio de A. R. Ferreira ao Funcionário Superior do Ministério da Marinha (24 de Junho de 1800) apud A. Pires de Lima, ob. cit., 1953, pp. 381-382*

<sup>84</sup> *Lembrete autógrafo do Visconde de Anadia (22 de Junho de 1802), in Livro de Registo dos Decretos...*, MCUL, Inv. nº 55.

<sup>85</sup> O *Livro de Registo dos Decretos* (MCUL), documenta o pedido de execução dos seguintes Mapas: *Carta da América (1797)*; *Carta da capitania do Pará (1799)*; *2 Cartas do Brasil (1799)*; *Pinhal de Leiria (1799)*; *2 cópias do Porto da Ilha Terceira, 1 para o Gabinete do Príncipe Regente e outra para o Arquivo da Sociedade Real Marítima (1799)*; *2 Mapas e 'relações' [de produções] da Ilha da Madeira (1800)*; *Cópia de Mapa não identificado e 2 Cópias do Mapa 'topographico da Cidade de Lisboa' (1801)*; *O curso do rio Feijó e a nova linha divisória do Pará (1802)*. Cfr. estes dados com o *Resumo dos Mappas Chartas Geográficas, e Plantas, que se tem Copiado, e*

antes se alargando a outros domínios de imediatismo utilitário como, por exemplo, o do desenho de *maquinas*: “O Ill. mo e Ex. mo Senr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho manda dizer ao Senr. Doutor Alexandre Rodriguez Ferreira queira deixar desenhar e descrever as duas Maquinas, que desta Secretaria de Estado agora se remetterão pelo nosso Henrique Guilherme de Oliveira, Architecto Engenheiro de Sua Magestade”<sup>86</sup>.

Mas, na medida em que a abertura de chapas na Casa da Gravura fora desde sempre irmanada com a publicação de resultados do estudo naturalista de gabinete - o material iconográfico servindo de suporte ilustrativo à descrição e classificação das espécies na *Historia Natural das Colonias* - a consciência de falhanço de um projecto haveria forçosamente de condicionar o destino do outro. Donde que, à luz deste modelo explicativo, faça sentido que a sua - decerto vasta - produção gráfica se tenha dispersado, fazendo contrastar ainda mais os escassos testemunhos existentes com o número considerável de artistas envolvidos<sup>87</sup>.

7. A preparação intelectual e a forte presença política de D. Rodrigo de Sousa Coutinho (1755-1812)<sup>88</sup> imprimiram um indismentível dinamismo ao

---

*Reduzido, no real Jardim Botanico, por Ordem do Ill.mo e Ex.mo senhor D. Rodrigo de Souza Coutinho, desde 26 de março, de 1797 até ao presente anno de 1803, AHM (Arquivo Histórico-Militar), Caixa 3507, "Processo individual de José Joaquim Freire", apud Miguel Faria, ob. cit., 1996.*

<sup>86</sup> Livro de Registo dos Decretos (16 de Dezembro de 1799), MCUL.

<sup>87</sup> Cfr. Miguel Faria, *Os estabelecimentos artísticos do museu de história natural do palácio real da Ajuda e a viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira*, 1992, pp. 44-45.

<sup>88</sup> Sobre a sua vida e obra (incluindo-se alguns artigos que documentam a particular ligação aos estabelecimentos da Ajuda) consultem-se: José Firmino da Silva Giraldes, *Panegyrico historico ao illustrissimo, e excellentissimo senhor D. Rodrigo de Sousa Coutinho, conde de Linhares*, 1812; Simão José da Luz Soriano, *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal*, 1.<sup>a</sup> época, t. II, 1867, pp. 180 e sgs.; 290; Marquês do Funchal, *O Conde de Linhares. D. Rodrigo de Sousa Coutinho*, 1908; A. Pires de Lima, e J. R. Santos Júnior, *Cartas inéditas de e para Brotero*, 1944; Augusto da Silva Carvalho, *O abade Correia da Serra*, 1948; A. Pires de Lima, *O jardim botânico da Faculdade de Ciências*, 1949; Abílio Fernandes, *Uma carta inédita de Brotero para Correia da Serra*, 1976; Graça e J. S. da Silva Dias, *Os primórdios da maçonaria em Portugal*, vol. I, t. II, 1980, pp. 421-568; José Luís

Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda durante o período da sua acção à frente do Ministério da Marinha (1796-1801) e na Secretaria de Estado da Fazenda e presidência do Real Erário (1801-1803)<sup>89</sup>, bem visível nos frequentes avisos oficiais de visita aos estabelecimentos, algumas das vezes acompanhando o próprio Príncipe Regente sinal de que lograria envolver a Coroa em projectos centrados na Ajuda que patenteassem evidente utilidade económica e até militar: "O Ill.mo e Ex. mo Senr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho manda participar ao Senr. D.or Alexandre Rodriguez Ferreira que sua Alteza Real o Principe Nosso Senhor tem determinado ir Sabbado ao Museo, para ver o Salitre, Canella, e mais Productos, que vierão agora no Comboy da America. Secretaria de Estado em 11 de Julho de 1799. P.S. O mesmo Ex.mo Senr. Ordena, que S. Mcê tenha no referido dia no Museo hua pouca de Polvora da melhor, para se experimentar e comparar com hua Amostra, que veio do Brasil, para o que se hade remetter do Arsenal Real da Marinha hum Provador, na conformidade do que se ordenou ao Inspector do mesmo Arsenal"<sup>90</sup>.

---

Cardoso, *O pensamento económico em Portugal nos finais do século XVIII. 1780-1808*, 1989; André Mansuy Diniz Silva (Introd. e dir. de), *D. Rodrigo de Souza Coutinho. Textos políticos, económicos e financeiros. 1783-1811*, 2 ts., 1993 [de quem se espera, em colaboração com José Luís Cardoso, uma extensa e actualizada biografia prevista para o ano 2001]; Diogo Ramada Curto, *D. Rodrigo de Sousa Coutinho e a Casa Literária do Arco do Cego*, 1999.

<sup>89</sup> Apesar de a partir de 1796, como Ministro da Marinha, já assumir responsabilidades directamente relacionadas com a Ajuda, só viria a ser empossado formalmente do cargo de Inspector em 1801: "Querendo Promover o melhoramento do Real Jardim Botânico, Laboratorio Chymico, e Museo, com aquelle auxilio e protecção, que he devido a objectos de tão grande importancia: Sou Servido Nomear para Inspector Geral destes Reaes Estabelecimentos, a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Presidente do Meu Real Erario; de quem confio justamente o progressivo adiantamento dos mesmos objectos, e que promoverá os fins da instrucção de Meus Vassallos, e do bem de Meu Real Serviço, a que os referidos Estabelecimentos são destinados: Mafra em dez de Novembro de mil oitocentos e hum" (*Livro de Registo dos Decretos...*, MCUL).

<sup>90</sup> *Livro de Registo dos Decretos*, MCUL. Outros registos, no mesmo *Livro*, sobre visitas oficiais à Ajuda: "O Ill. mo e Ex. mo Senr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Ministro e Secretario de Estado, manda dizer ao Senhor Doutor Alexandre Rodriguez Ferreira, que esta tarde vai ao Jardim Botânico, e lhe manda a discripção incluza de Plantas, e que hade precizar de hua Cópia da Memoria, que S. me tem sobre a Capitania de Minas Geraes. Secretaria de Estado em 26 de Setembro de 1799". Em 1802 Sousa Coutinho manda avisar que "á manhã pelas três horas da tarde" ali tratará com o Vice Director "cousas relativas ao Real Serviço". Existe um registo significativo, por outro lado, da permanência do gosto pelas *extravagâncias* típica da *naturalia et mirabilia*, quando se envia ao Museu 'hum pedaço da ponta de hum peixe que furou



No entanto, nunca ali transparecerá tanto como então a desadequação entre os meios humanos e técnicos disponíveis e a vontade ministerial de comprometer estes estabelecimentos em ambiciosos programas doutrinados pela *economia da natureza* e materializados, por exemplo, na plantação de árvores na estrada para Queluz<sup>91</sup> e no Pinhal de Leiria<sup>92</sup> e na emblemática arborização e ajardinamento dos Campos Grande e Pequeno, em Lisboa, bem como no projecto de aclimação de especiarias orientais, ou do tabaco norte-americano, no Brasil.

A julgar tanto pelo predominante lugar ocupado no *Livro de Registo dos Decretos*, quanto pela complexidade da escrituração contabilística e pelo número de funcionários e colaboradores sazonais envolvidos<sup>93</sup>, as actividades exercidas pela área funcional do Jardim Botânico foram, de longe, as que mereceram maior empenho político e financeiro à Coroa, não sendo estranha a esta opção o facto de a componente prática da Botânica responder bem às solicitações utilitárias dos projectos de reformismo desenvolvimentista adoptados pelo absolutismo esclarecido mariano.

---

hum Navio', que o Arsenal da Marinha recebeu, esperando ainda outro pedaço. O Príncipe Real faz questão de ver pessoalmente 'esta curiosidade' (*Livro de Registo dos Decretos* (1797), MCUL).

<sup>91</sup> D. Rodrigo de Sousa Coutinho, em carta dirigida a Vandelli, ordena que se plantem árvores nas estradas para Queluz, procedendo-se à arrematação das covas pelas forma que fez para o Campo Grande (Cfr. *Ordens régias sobre a plantação de árvores nas estradas para Queluz* (22 de Dezembro de 1802), AHMB, CN/C -97).

<sup>92</sup> "Quanto às outras Plantas que se destinão ao Pinhal, queira dizer-me quando estarão promptas, para eu cuidar no modo de se transportarem"; "por Ordem do Ill. mo. e Ex.mo. Senr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, varias sementes, que levão os seus titulos, e os seus destinos as que são miudas, e em hum paco vão vinte Pinhas do Cedro do Libano, ou Pinus Cedrus: Tudo isto são excellentes madeiras de construção; e ainda que destas Sementes se remette agora a maior porção para o Pinhal de Leiria, e para o Brasil, e Ilhas, dezeja S. Ex. <sup>a</sup> que o Senr. Doutor Alexandre as faça tambem semear no Jardim Botanico, e mais Reaes Quintas, assim como que se remettão para o Jardim da Universidade" (*Cartas de João Filipe da Fonseca para o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira* (1800), in *Livro de Registo dos Decretos....*, MCUL).

<sup>93</sup> Cfr. *Estabelecimentos do Real Museu e Jardim Botânico (1795-1823)*, ANTT, Núcleos extraídos do Conselho da Fazenda e do Real Erário, Livros 94 a 106, "Casa das Obras e Paços Reais"; e *Folha das Despezas do Real Jardim Botanico, e Museo, em Novembro e Dezembro do presente ano de 1798*, AHMB, Div. -567.

O empreendimento de aterro e florestação dos Campos Grande e Pequeno - que haveria de marcar a paisagem urbana desta parte da capital e de condicionar o próprio crescimento da malha citadina à conquista dos seus arredores campestres - constitui uma modelar medida setecentista de *Policia* já que concentra em si alguns dos ingredientes mais distintivos do pensamento político ilustrado.

Na verdade, Sousa Coutinho utilizará o Jardim Botânico da Ajuda como território de saber técnico e experimental, colocando-o ao serviço da ideia de cidade enquanto lugar de civilidade - os "passeios agradáveis" para "alívio e recreação dos estudiosos e aplicados" - mas, igualmente, de produtiva utilidade social - o "embelezamento dos arredores", as "cultivações úteis" e a "saúde dos povos"<sup>94</sup>.

Em coerência com uma linha de pensamento que em 1799 levava já D. Rodrigo de Sousa Coutinho a propor a criação de um Jardim Botânico no Porto<sup>95</sup>, as instruções técnicas endereçadas a Vandelli revelam um conhecimento ministerial preciso das virtualidades sanitárias e económicas das espécies arbóreas eleitas para plantação nos novos "passeios públicos" - espaços submetidos a um risco já previamente traçado e agora apresentado à execução prática dos profissionais do Jardim: "V. M. ce procure com todo o zelo, que costuma pelo Real Serviço informar da possibilidade, ou impossibilidade, que poderá haver de se comprarem, e de se acharem já promptas a plantar-se cinco ou seis mil pés de Arvores Silvestres, quaes Platanos, Olmeos, Robinias, Mimosas, Pinheiros, Populos, ou Chopos de toda a qualidade, e outras Arvores

---

<sup>94</sup> *Discurso de Sousa Coutinho (1802)*, apud Marquês do Funchal, *ob. cit.*, 1908, p. 134. Vide também *Decreto ordenando a formação de um plano para estabelecer passeios públicos nos Campos Grande e Pequeno, lavrado em 25-11-1801*, Livro de Registo de Decretos e Ordens do Tesouro Real n.º 420, ff. 38-39, A. H. do Tribunal de Contas, apud A.M. Diniz Silva, *ob. cit.*, 1993; José Acúrsio das Neves, *Historia geral da invasão dos francezes em Portugal, e da restauração deste reino*, 1810, t. I, pp. 36-44; S. J. Luz Soriano, *ob. cit.*, 1867, 1ª Época, t. II, pp. 282-283.

<sup>95</sup> "A primeira referência que conheço a um jardim botânico no Porto é de 12 de Dezembro de 1799, em um plano de criação de uma Academia de Marinha e Comércio, organizado por D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Infelizmente, esse belo plano malogrou-se" (Américo Pires de Lima, *O Jardim Botânico da Faculdade de Ciências*, 1949, p. 5). Vide, sobre o mesmo assunto, *idem*, "Origens da Academia Real da Marinha e Comércio do Porto", *Boletim do Douro Litoral*, n.º 4, 2.ª série, Porto, 1946.

da mesma natureza; juntamente com dois ou três mil pés de Amoreiras, o que tudo seria necessario para as Plantaçoens que Sua Alteza Real deseja fazer no Campo grande, e Campo pequeno, confiando muito que V. M.ce informe se poderia aqui achar-se estas Arvores, e quem seria mais capaz como Jardineiro para executar, e dirigir segundo o risco esta Plantação”<sup>96</sup>.

A fazer fé na narrativa do seu mais antigo biógrafo, o antigo embaixador em Turim terá reforçado as equipas de jardineiros e canteiros da Ajuda com o recurso a um expediente então em voga nas políticas sociais iluministas, coagindo a integração nos trabalhos públicos de “ociosos, vadios e mendigos, que a sua idade, saude, e córpos não os inhabilitavão de trabalhar, (...) empregados na obra do Campo grande, que sendo hum terreno maninho, e infrutifero se reduzio á cultura, e a hum formoso passeio, seguindo (...) a marcha dos Gabinetes civilizados, que nas Cidades, principalmente nas Capitaes estabelecem varios passeios públicos”<sup>97</sup>.

De resto, a grandeza do investimento humano e financeiro destas obras<sup>98</sup> obrigará o ministro-inspector a mandar orçamentar logo no ano seguinte, com carácter de urgência, a compra de árvores em Inglaterra e a nomear um funcionário do Museu - o Fiel, José António Pires - para assegurar a “Inspecção na Obra do Campo Grande” determinando que “a elle he que hão-de de ser

<sup>96</sup> *Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a D. Vandelli, (29 de Novembro de 1801), in Livro de Registo dos Decretos, MCUL. Também revela um conhecimento concreto das virtudes de cada árvore quando faz enviar para o Governador de Cabo Verde, através do Jardim, sementes ou estacas das seguintes árvores do "Reino proprias para a construção, e em geral para todo o uso: Sobro, Pereira, Cedro, Carvalho, Freixo, Nogueira" ou quando, no ano seguinte, envia ao Jardim semente da árvore de cedro com minuciosas instruções para uma correcta plantação (Livro de Registo dos Decretos (1798/1799), MCUL).*

<sup>97</sup> José Firmino da Silva Giraldes, *ob. cit.*, 1812, pp. 37-38.

<sup>98</sup> O projecto absorverá cada vez mais significativos recursos ao Erário Público, situação que levará o Parlamento vintista a questionar o seu orçamento pela voz do deputado Borges Carneiro: “Vejo mais aqui que se paga por esta repartição [das obras públicas] 1.600\$ réis para supprir as despesas do passeio do Campo Grande, além do que ele rende. Passeio já se vê que pertence á terceira classe do jucundo: por tanto nada de pôr tributos para passeios. A Quinta deste passeio póde render bons 500\$ ou 600\$ réis: quem a disfruta hoje? Não se sabe: o thesouro não: esse paga ainda em cima 1. 600\$ réis: abaixo com esta addição: este passeio sáe muito caro: em Lisboa há excellentes ruas, praças, e arrabaldes onde se póde passear de graça” (*Diário das cortes da nação portugueza. Segunda legislatura, Sessão de 14 de Janeiro de 1823, p. 472*).

entregues as estacas de Arvores Exoticas, ou Nacionaes, que hajão de servir ao Bosque”<sup>99</sup>.

Por outro lado - e este será provavelmente um dos resultados mais seguros do projecto - o Campo Grande adquirirá progressivamente o estatuto de extensão experimental do Jardim Botânico da Ajuda, fixando recursos, técnicas e tradição agro-botânica no local, facto que constituirá o maior trunfo argumentativo de Domingos Vandelli ao aconselhar, para ali, a construção de um grande viveiro de árvores de estaca e sementeira: “Em execução das Ordens de V. Ex<sup>a</sup> examinei o Lugar conveniente p.<sup>a</sup> hum grande Viveiro de Arvores tanto na Tapada da Ajuda, como no Campo grande; achei q. na Tapada da Ajuda alem da Caça, da qual difficilmente se deffenderia o Viveiro, a pouca agoa q. nelle corre no verão, vem consumida em hortas, e pela contigua fabrica de xitas: o Campo grande não tem estes inconvenientes, e já nelle existe huma boa porção de viveiro, (....) com a mesma despeza, q. actualmente se faz no d.to Campo se obterá hum grande viveiro de arvores d'estaca, e sementeira; (....) Devendo pois as Arvores d'esse viveiro servir p.<sup>a</sup> os reaes Sítios, e Quintas, e tão bem pelas estradas e caminhos, e passeios publicos (....)”<sup>100</sup>.

8. O académico e historiador galego José Cornide Y Saavedra, viajando entre nós durante os anos de 1798 e 1801, deixaria uma muito bem informada descrição física e política do *Estado de Portugal en el Ano de 1800* (inédita até 1893), obra que atrairia uma nunca provada acusação de relatório oficial de

---

<sup>99</sup> Cfr. *Livro de Registo dos Decretos (1802)*, MCUL.

<sup>100</sup> *Officio [de Domingos Vandelli] sobre o viveiro de árvores do Campo Grande, s/d, [1805-1806] ANTT, Ministério do Reino, Maço 281, Cx. 375 (1804-1827)*. O parecer de Vandelli mereceu acolhimento, sendo ali plantado um viveiro do qual foi nomeado administrador (Cfr. *Requerimento de Domingos Vandelli para obtenção de sege, s/d, [1808] ANTT, Ministério do Reino, Maço 279, Cx. 372, 1801-1818*).

espionagem, entre outros motivos por surgir associada, pela data, à peninsular *Guerra das Laranjas* <sup>101</sup>.

Certo é que o texto fica a constituir um dos mais circunstanciados e criteriosos testemunhos estrangeiros sobre a nossa realidade museológica finisecular, já que o autor logrará ser admitido em diversos gabinetes de colecionadores privados e visitará, por igual, museus e jardins botânicos de iniciativa oficial. A estimulante leitura dos relatos de Cornide pode ainda ser complementada com uma narrativa informal, povoada de pormenores preciosos, inserta nas cartas que foi enviando - ao longo do ano de 1799 - ao amigo Joseph Lòpez de La Torre Ayllón y Gallo, e publicadas já nos nossos dias por Fidelino de Figueiredo <sup>102</sup>.

Ficamos a saber - no registo que agora nos ocupa - que ao erudito da Corunha foi proporcionada uma singular visita aos estabelecimentos da Ajuda por ter sido conduzido, como revelará no epistolário, na carruagem do próprio Director, um italiano bem conhecido em Espanha: "Me condujo en su segia el Director Vandelli, condiscipulo y corresponsal de nuestro amigo Ortega" <sup>103</sup>.

Corria o dia 26 de Janeiro de 1799 e o nosso visitante não deixará de quadrar o Jardim lisboeta com o seu congénere madrileno do Prado Viejo de Atocha, produzindo a propósito uma apreciação bastante simpática do mérito dos nossos responsáveis por apresentarem um Jardim organizado segundo

---

<sup>101</sup> Cfr. Fidelino de Figueiredo, *Viajantes espanhóis em Portugal. Textos do séc. XVIII*, 1947. A justificação oficial para a deslocação do académico ao nosso país passava, contudo, por objectivos puramente intelectuais: "Para reconocer esse M.S [Códice de las *Leys de Partida*, de Afonso o Sábio, existente na Torre do Tombo] y sacar de él una fiel y exacta copia, la Academia [de la Historia] há nombrado á su benemérito y laborioso Individuo, D.n Joseph Cornide de Saavedra, quien pasa autorizado y auxiliado por el Rey á aquella Corte, no solo á este fin primario, sinó tambien á investigar y observar quantas ruinas, fragmentos, sitios y otros monumentos de la antigüedad encuentre en el camino, dignos de atencion y memoria lo qual formará un Viagem literario de la parte occidental de nuestra Peninsula (...)" (*Carta do Duque de la Roca a Frei Manuel do Cenáculo (28 de Setembro de 1798)*, BPE, CXXVII/1-7, Carta 1439). Um interessantíssimo livro de apontamentos, contendo também alguns debuxos, que terá servido a Cornide para a elaboração da obra sobre Portugal em 1800, encontra-se depositado nos Reservados da Biblioteca Nacional, em Lisboa.

<sup>102</sup> *Apud idem, ibidem.*

<sup>103</sup> *Cartas inéditas de Joseph Andrés Cornide y Saavedra a Joseph Lòpez de La Torre Ayllón y Gallo, apud Fidelino de Figueiredo, ob. cit., 1947, p. 46.*

critérios botânicos, dispendo de equipamentos e colecções vegetais adequados às funções didáctica e económica. Cornide fazia ainda especial referência à existência de “plantas americanas”, sublinhando assim a fundamental natureza colonial do Jardim: “El Jardin dudo que ocupe una quarta parte del nostro, esta bien arreglado, hay en el algunas Plantas americanas que no tenemos alla, pero tambien tenemos otras de que aqui se carece “<sup>104</sup>. “Aunque en los jardines de Queluz, del Lumiar y de otros varios particulares se cultivan varias plantas exóticas, el mérito de serlo metódicamente está reservado al Real Jardín Botánico de la Ajuda, distribuído en varias terrazas, adornado com un invernáculo, varias calles de árboles y cuadros de flores, estanques y fuentes, y particularmente com una numerosa colección de plantas crasas, cuyo cuidado y buena conservación se deben á la inteligencia y conocimientos de los ya dichos Drs. Vandelli y Sousa [sic]”<sup>105</sup>.

A insuspeita opinião de Cornide parece reforçar a ideia que temos vindo a propor sobre o lugar privilegiado ocupado pelo Jardim Botânico na estratégia ministerial de envolver a Ajuda em actividades de carácter pragmático e utilitarista. De facto, a Coroa associará a administração colonial à componente experimental de aclimação de espécies arbóreas exóticas de várias partes do império ultramarino, utilizando o Jardim metropolitano como entreposto de plantas e de sementes, incumbindo-o também da produção de memórias e instruções para o seu transporte e naturalização.

Mesmo um botânico como Heinrich Friedrich Link (1767-1851)<sup>106</sup> - tão desapiedado na avaliação científica de alguns dos nossos naturalistas<sup>107</sup> - não

---

<sup>104</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>105</sup> *Estado de Portugal en el Año de 1800, 1893, 2º vol., pp. 86-88.* Cornide trocará sempre o nome de Alexandre Rodrigues Ferreira, referindo-se a ele como 'Sousa'.

<sup>106</sup> Este naturalista alemão formou-se em medicina e história natural na Universidade de Gottingen (1789); professor de zoologia, botânica e química na Universidade de Rostock (1792); acompanhou a Portugal o conde J. C. Von Hoffmannsegg (1797-1799); professor de botânica e director do Jardim Botânico de Berlim (1815) (Cfr. H. A. Snelders, *H. F. Link*, 1981). “Costumo, agora, passar uma boa parte do meu tempo na Biblioteca Pública, principalmente na Biblioteca Real, onde, diariamente, vão muitas outras pessoas para ler ou fazer extractos. Vejo lá, de tempos a tempos, um sábio estrangeiro, o Conde de Hoffmanssegg, que se ocupa em estudos de Botânica. Com este diligente naturalista, que a principio viajava com o professor Link, não travei relações; conhecia-o apenas de vista. Mas um dos meus amigos mostrou-mo, uma

negará todavia a vocação de intercâmbio fitológico ultramarino visivelmente presente na organização do nosso Jardim Botânico, realçando o seu excepcional enquadramento urbanístico e paisagístico em colina fronteira ao Tejo <sup>108</sup> e o clima privilegiado propício à naturalização de plantas destinadas ao Brasil e a outros territórios do Império: "Ce jardin est supérieurement bien situé.

---

noite na ópera, e teve a seu respeito, este curioso dito: «que este homem», disse ele, «é sábio, vê-se claramente, mas que seja conde, é necessário dizê-lo» (Carl Israel Ruders, *Viagem em Portugal (1798-1802)*, 1981, pp. 174-175).

<sup>107</sup> O texto que a seguir se transcreve assume uma importância capital por se encontrar na origem, a nosso ver, da injusta apreciação que durante muito tempo se divulgou em Portugal sobre o Dr. Domingos Vandelli. Link, geralmente tão rigoroso e ponderado nas suas opiniões sobre Portugal e os portugueses, parece no caso concreto da Ajuda e dos seus naturalistas ter sido influenciado por opiniões preconceituosas de terceiros. Tudo aponta para Brotero que, sabemos, comungava destas reservas e com quem o alemão fez forte amizade em Coimbra: "Au reste, il ne faut pas s'attendre à rencontrer dans cet établissement une bonne indication des trésors qu'il renferme. Si vous demandez des renseignements, le professeur Vandelli vous ouvre le *Systema Vegetabilium* de Linnée, et pour peu qu'une description qui s'offre à lui, ait quelque trait à la plante en question, ce botaniste ne balance pas, un instant à lui assigner son nom. Au reste, ce docteur Domingos Vandelli, né en Italie, est connue des naturalistes, par quelques ouvrages, mais particulièrement par ses liaisons avec Linée. On ne saurait lui disputer d'avoir été, dans sa jeunesse, un homme studieux, et d'avoir entrepris beaucoup, pour acquérir de la célébrité. Pontedera a été son maître en botanique. Sous Pombal, il fut appelé, avec un autre Italien, Dalla Bella, de Padoue, pour professeur à Coimbra; de là, il est venu à Lisbonne, avec le titre d'inspecteur en chef du Muséum et du Jardin Royal de Botanique. Il a, en outre, été nommé assesseur près de l'Aula do Commercio [Junta do Comércio]. Par différens moyens, il a su se procurer un revenu annuel de plus de 800 cruzados. Au reste, il est bien arriéré pour les connaissances. A peine connaît-il les plantes qu'il a jadis décrites lui-même, il est également mauvais minéralogiste, et ses *Mémoires de Chimie*, insérés dans les *Memórias* de l'Académie, l'ont couvert de ridicule auprès des savans. On pourrait lui pardonner son ignorance, s'il ne se montrait pas, à ce qu'on prétend, envieux et intolérant envers ceux qui sont au dessus de lui par leur mérite. Le second conservateur de ce cabinet et du jardin, est Don Alexandre Rodriguez Ferreira, dont on ne peut dire autre chose, sinon qu'il a été longtemps au Brésil, et qu'il est goutteux." (H. F. Link, *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799*, 1803, t. I, pp. 297-302).

<sup>108</sup> Também por essa data outro viajante, o militar inglês Francis Collins, fará idêntica apreciação: "From hence towards the queen's gardens, and museums near Belem, are several handsome buildings, beautiful gardens, monasteries, convents, and landscapes, situated on the shore of this majestic river. I shall confine my description to the queen's gardens and museums. These gardens are situated in a beautiful level, are delightfully laid out, and form a desirable retreat during the intense heat of summer, and the shaded walks are open to the respectable public" (Francis Collins, *Voyages to Portugal, Spain, Sicily, Malta, Asia Minor, Egypt, etc., from 1796 to 1801*, 1809, pp. 13-15).

On y jouit d'une vue délicieuse, qui donne à la fois sur la rivière et sur la mer, et d'où l'on découvre, ainsi que dans le Jardin des Plantes à Paris, une grande partie de la ville. Il n'est pas vaste; les serres même y sont très peu spacieuses, mais il y a un excellent bassin pour les plantes aquatiques: sa distribution extérieure est élégante, de manière qu'il ne manque pas d'intérêt pour un botaniste. On plante dans ce jardin les végétaux qu'offre le hasard, mais on en abandonne le soin et la culture au climat, très favorable aux plantes. On y envoie aussi au Brésil, et d'autres contrées, différens objects remarquables: on y cultivait alors plusieurs arbres à épices, afin de les envoyer au Brésil, pour les y naturaliser" <sup>109</sup>.

Num valioso estudo dedicado à aclimação de plantas do Oriente no Brasil durante os séculos XVII e XVIII, Luís Ferrand de Almeida sublinha o modo como a integração daquela componente de difusão florística na política de fomento ultramarino se fica a dever ao papel desempenhado por Sousa Coutinho <sup>110</sup>. No entanto, a importância alcançada pelo régio equipamento botânico no desenho deste *sentido do Império* <sup>111</sup> não surge suficientemente encarecida (provavelmente por, no desconhecimento da correspondência oficial com a Ajuda, se ter recorrido preferentemente aos textos mais divulgados de Brotero <sup>112</sup>), dificuldade historiográfica que poderá ser para o

---

<sup>109</sup> *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799*, 1803, t. I, pp. 297 e sgs. Outro viajante, o francês H. Ranque, testemunha também que: "Le jardin botanique, assez riche en plantes de l' Afrique et du Brésil, n'a pas à beaucoup près, toutes celles du Portugal" (*Lettres sur le Portugal*, 1798, pp. 64-66).

<sup>110</sup> "(...) seria de novo o poder central a orientar o movimento, quando o ministério da Marinha e Ultramar foi entregue ao maior estadista português da época, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, futuro conde de Linhares. Com uma clara visão da unidade do mundo português e das suas implicações e vantagens no plano económico, ia D. Rodrigo integrar naturalmente na sua política de fomento do comércio ultramarino a ideia da permuta de plantas dos diversos territórios e, em especial, o projecto da aclimação das especiarias orientais no Brasil" (Luís Ferrand de Almeida, *Aclimação de plantas do Oriente no Brasil durante os séculos XVII e XVIII*, 1975, pp. 395 e sgs.). Vide, também, L. C. Jobim, *Os jardins botânicos no Brasil colonial*, 1986.

<sup>111</sup> Fazemos aqui obrigatória referência a um texto que deve ser sempre consultado para compreensão global deste tema: Valentim Alexandre, *Os sentidos do Império. Questão nacional e questão colonial na crise do antigo regime português*, 1988, 2 vols.

<sup>112</sup> Brotero tem sido o naturalista setecentista mais estudado, por isso apenas elencamos os estudos que o ligam à Ajuda e aos projectos de Sousa Coutinho. O mais



futuro ultrapassada a partir da análise especializada (no âmbito da história económica e da história da colonização) do *Livro de Registo dos Decretos*, cujo conteúdo é - já o afirmámos acima - largamente tributário desta temática <sup>113</sup>.

De facto, as remessas de material vegetal vivo (sementes e árvores) proveniente de todas as partes do Império ocupam grande parte das *relações* registadas nos estabelecimentos régios da Ajuda e algumas são consultáveis, igualmente, na correspondência oficial depositada no Arquivo Histórico do Museu Bocage <sup>114</sup>. Sirvam de bastante ilustração dois casos que, pela relevância tanto simbólica quanto económica, se apresentam como modelares do lugar ocupado pelo complexo museológico e científico da Ajuda no programa de reformismo económico delineado pelo poder absoluto em finais de setecentos - o tabaco e a canela <sup>115</sup>.

---

persistente divulgador da sua vida e obra foi o botânico coimbrão Abílio Fernandes, cujos textos 'broterianos' se estendem desde 1944 até à década de oitenta. Outras referências: Balthazar Osório, *Algumas notas inéditas e pouco conhecidas acerca da vida e obra de F. A. Brotero*, 1918; *idem*, *Um capítulo do cerco do Porto*, 1918; A. P. de Lima e J. R. Santos Júnior, *Cartas inéditas de e para Brotero*, 1944; Ruy T. Palhinha, *Obra e vida de F. A. Brotero*, 1947; A. S. Carvalho, *O abade Correia da Serra*, 1948.

<sup>113</sup> Vide *infra* Anexo III - "Actividades e funções atribuídas pela coroa ao real museu e jardim botânico da Ajuda - o *Livro de Registo dos Decretos (1791-1810)*", vol. II. Também de útil consulta alguns documentos transcritos em A. P. de Lima, *O doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, 1953. O periodismo agrarista revela-se igualmente uma fonte muito útil, apesar de mais difusa a sua relação com os projectos políticos em marcha. Sirva de exemplo o interessantíssimo texto inserto no jornal *Annuncios ruraes a favor da agricultura do reino, e colonias (1802)*: "Petição. Pede-se aos amadores do seu Paiz, que embarção para as Costas d'Africa Occidental, e Oriental, ou aos que tem nellas connexões, e correspondencias mercantís, queirão por serviço de Deos, de S. A. R. o principe regente Nosso Senhor, e bem commum da Nação, mostrar-se prestadios, em beneficio da cultura, e da abundancia, trazendo, ou mandando vir, daquellas paragens os grãos, e sementes, que neste folheto se recenseão, de plantas tão interessantes, e até agora tão pouco conhecidas, ou totalmente ignoradas, a serem connaturalizadas, e climatizadas neste Reino, e Colonias, como o tem sido pela diligencia dos Antigos, a maior parte das que fazem o objecto da sua Agricultura, e Horticultura presentemente. Será réo de apathia o que se negar, ou menoscabar, podendo, huma tão justa petição".

<sup>114</sup> Neste Arquivo existe contudo uma dificuldade documental insuperável, já que se separaram as relações das *remessas* de produtos da respectiva *correspondência* oficial, pelo que não é possível estabelecer (quase nunca) nexos entre as listas, o seu local de origem e a data da expedição.

<sup>115</sup> Um ofício relativo à árvore do sândalo é também revelador deste relacionamento privilegiado da Administração com o Museu: "Ao Senr. Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira remette seu Amigo e Venerador D. Rodrigo de Sousa a incluza Lata, que veio da India com sementes da bela Arvore odorifera de Sandalo, para que faça semear

O projecto de naturalização do tabaco americano da Virgínia e de Maryland no Jardim Botânico - para posterior plantação de sementes no Brasil - merecerá a melhor das atenções a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, tendo até enviado o bacharel, em Direito e Filosofia Natural, Hipólito José da Costa Pereira (1774-1823) a Filadélfia e ao México em sigilosa missão de espionagem comercial, cujo sugestivo relato será publicado, bastante mais tarde, com o título de *Memoria sobre a viagem aos Estados-Unidos (1798-1801)*<sup>116</sup>.

Da presença do nosso 'encarregado de negócios' na América do Norte, da sua correspondência com o Ministro e das suas remessas de produtos do reino vegetal para a Ajuda, ficaria algum rasto no *Livro de Registo dos Decretos* documentando a dupla solicitude do complexo museológico régio pelo tabaco enquanto espécie natural, e enquanto produto comercial.

Por exemplo, no ano de 1799, em duas ocasiões se regista a chegada de sementes (acompanhadas de carta de Costa Pereira) enviadas dos Estados Unidos com instruções ministeriais precisas quanto à sua finalidade brasileira. Curioso é o facto de também das Ilhas de Cabo Verde a administração colonial expedir para o Jardim uma porção de tabaco do tipo Virgínia "para que se faça examinar"<sup>117</sup>.

Por outro lado, o envolvimento da Ajuda na comercialização do produto aparece citado em dois momentos diferentes sendo o primeiro logo em 1795,

---

parte da mesma Semente, e ao outra a faça remetter para todas as Capitánias do Brasil; dando parte disso mesmo ao Doutor Vandelli Director do Jardim Botânico, a fim que se fação essas sementeiras; e as expediçoens para o Brasil com Avisos assignados por elle D. Rodrigo para todos os Governadores do Ultramar, com grandes recommendaçõens, para que tomem muito a peito a produção desta Arvore; o que tudo espera o Senr. Doutor Alexandre faça executar, e para o obzequiar, e lhe dar gosto fica muito prompto. Hoje 14 de Dezembro de 1801" (*Livro de registo dos Decretos*, MCUL)

<sup>116</sup> Cfr. *Instruções para o bacharel Hipólito José da Costa Pereira (22 e 24 de Setembro de 1798)*, AHU, Reino, Maço 2147; *Cartas de Hipólito José da Costa a D. Rodrigo de Sousa Coutinho*, AHU, Reino, Maço 2663; o conteúdo da narrativa de Hipólito foi publicado em 1858 na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* e reproduz o conteúdo da carta-relatório enviada a Sousa Coutinho em 24 de Janeiro de 1801. Dados bio-bibliográficos sobre Hipólito podem ser encontrados em João Pedro Rosa Ferreira, *O jornalismo na emigração. Ideologia e política no 'Correio Braziliense' (1808-1822)*, 1992.

<sup>117</sup> Cfr. *Livros de Registo dos Decretos (1802)*, MCUL.

quando ao Museu é permitido vender ao público tabaco ali depositado “para experiencias para rapé” <sup>118</sup>; e, já no ocaso da sua longa presença à frente da instituição, Domingos Vandelli mandará constar no *Livro* uma autorização para que o “Fiel do Real Museo” faça entregar “hua antiga porção de folha de tabaco, q. ficou daquella que estava no Armazem para as experiencias do Rapé, e se vendeo, a quem o Barão de Quintela <sup>119</sup> mandar buscar, e do qual receberá 6\$400 r., e com isto acudirá na falta de pagamentos” <sup>120</sup>.

Mas, em boa verdade, a divulgação do valor para o “Comercio, Artes, e Medicina” destas espécies botânicas norte-americanas (as linneanas *Necoliana Glutinoza* e *Fruticoza*) remontaria já ao magistério de Domingos Vandelli em Coimbra, em cujas lições de História Natural terá influenciado o discípulo brasileiro Joaquim de Amorim Castro a estudá-las numa perspectiva *philosophica* e, regressado já à Capitania da Baía para ocupar altos cargos na

<sup>118</sup> *Idem* (1795), MCUL.

<sup>119</sup> Joaquim Pedro Quintela (1748-1817) foi feito barão em Maio de 1795, era abastado capitalista e negociante da praça de Lisboa, contratador dos Contratos Reais do Tabaco, dos diamantes, do azeite de peixe e baleia, das fábricas de lanifícios da Covilhã e Fundão. “Desde pelo menos os finais do século XVIII que o exclusivo da importação, fabrico e venda de tabaco permanecia nas mãos de um número reduzido de grandes famílias burguesas, os Cruz Sobrais, os Braacamps, os Quintelas. Em geral o governo arrendava o monopólio por triênios, prorrogáveis, em troca de uma prestação anual fixa, que os 'caixas' se comprometiam a dar ao Estado” (Maria Filomena Mónica, *O tabaco e o poder*, 1992, p. 7).

<sup>120</sup> *Idem*, 10 de Janeiro de 1809, MCUL. Correia da Serra resumirá da seguinte maneira o papel desempenhado pelo Ministro na política de *naturalização* do tabaco: “Já que estou nestas materias, permita-me falar-lhe em outra importante obra, que V.Ex.<sup>a</sup> emprehendeu para aumento de riqueza dessa monarquia, a introdução do tabaco da Virginia no Brazil que, se sucede segundo o desejo de V. Ex.<sup>a</sup> e o meu, há-de mudar muito a face desse grande ramo do comércio. Poderá porem acontecer que as pessoas a quem se confiasse essa cultura, lhe não escolhão os sitios e temperaturas mais favoráveis e estes sendo a causa única que ocasionou a variedade, ela degenera e não corresponda ás vistas de V. Ex.<sup>a</sup> para o real serviço. Não entro em detalhes porque V. Ex.<sup>a</sup> bem os conhece; mas estou informado com toda a certeza de que a Virginia e Maryland são terrenos e temperatura aonde os pecegueiros introduzidos na Europa multiplicão e prosperão grandemente abandonados a si mesmos. (...) Os climas quentes do Brazil hão-de dar sempre tabaco forte e não pode haver mais certa medida de temperatura e terreno juntamente próprios, de que esta de Plantas Syntopicas” (Carta do Abade Correia da Serra a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (28 de Julho de 1800, *apud* A. da Silva Carvalho, *O abade Correia da Serra*, 1948, p. 134, trancs. do Arquivo da Casa de Linhares).

magistratura, a cultivá-las como lavrador enviando-lhe para tanto as sementes competentes <sup>121</sup>.

Será, de resto, o próprio Amorim Castro a esclarecer a origem desta paixão agrarista pelo tabaco da Virgínia em carta dirigida, em 1791, a Martinho de Melo e Castro fazendo-a acompanhar de exemplares da produção autóctone de "Folha de Tabaco", assim demonstrando à Secretaria de Estado dos Negócios do Ultramar a utilidade de um empreendimento de garantido alicerce comercial: "Ponho na respeitavel presença de V. Ex.<sup>a</sup> pelo actual Governador capitão General da Capitania da Bahia as amostras das duas especies de Tabaco da Virgínia (...) cujas sementes me enviou meo Mestre Domingos Vandelli para as fazer cultivar neste Paiz (...) E porque sobre este ramo de agricultura tenho feito todas as experiencias relativas á sua melhor perfeição sem perder de vista aquelas observaçoens que me parecem mais uteis ao estado, a fim de que merecendo approvaço de V. Ex.<sup>a</sup> se ponhão em execuçaõ qual a que ofereço no Caixote n.º 3 dos Sigarros feitos da nossa propria Folha de Tabaco, por me parecer que pode este Genero formar hum naõ pequeno ramo de commercio, como a V. Ex.<sup>a</sup> he patente. As Estampas (...) mostraõ que alguma diferença tem da nossa especie, e principalmente a especie Glutinoza. Fico concluindo hum tomo com a discripçaõ Botanica de todas as especies de Tabaco que se cultivaõ neste Continente, com as observaçoens relativas á sua Cultura, Comercio, Artes, e Medicina" <sup>122</sup>.

A sua formação académica, moldada nos parâmetros doutrinários da *economia da natureza*, ganha visível forma quer nas *Memorias Economicas* <sup>123</sup>

---

<sup>121</sup> Obteve o grau de doutor em Leis no ano de 1783. Morreu no Rio de Janeiro a 28 de Fevereiro de 1817 (Cfr. Brito Aranha, *Diccionario bibliographico portuguez*, t. XII, p. 5).

<sup>122</sup> *Carta de Joaquim de Amorim Castro a Martinho de Melo e Castro (Caxoeira, 16 de Março de 1791)*, AHMB, Rem. 588.

<sup>123</sup> Correspondente da A. R. das Ciências de Lisboa, publicou *Memoria sobre a cochilha do Brasil* (t. II) e *Memoria sobre o malvaisco da villa da Cachoeira* (t. III). Desta última existia exemplar manuscrito na Biblioteca do Museu, assim identificado no Catálogo: "N. 110 *Memoria sobre o Linho que se extrahe da planta vulgarm.te chamada Malvaisco: por Joaquim d'Amorim de Castro. 1790, in 4º*" (Cfr. *Autos do Inventario a que procedeu a Comissão encarregada da Inspecção scientifica e economica do Jardim Botanico da Ajuda, quando foi tomar conta da Bibliotheca e Cartorio do mesmo Jardim (2 e 16 de Dezembro de 1837)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, "Academia Real das Ciências. Ofícios. 1837-1843".

quer no esquema conceptual do manuscrito aqui prometido ao Ministro e entregue, no ano seguinte, na Biblioteca do Real Museu da Ajuda em cujo Catálogo surge com a denominação de *Memoria sobre as especies de Tabaco que se cultivão no Brazil* <sup>124</sup>. Aparentemente menos ambicioso no âmbito geográfico mas com semelhante estrutura na análise, o baiano tinha já elaborado alguns anos antes, em 1788, uma *Memoria sobre as especies de Tabaco que se cultivão na Vila da Caxoeira com todas as Observaçoins Relativas a Sua Cultura, fabrico e commercio, e com a breve descripção Botanica das mesmas especies* <sup>125</sup>.

Por vezes, a proveniência de novas espécies botânicas destinadas a plantação no Brasil - com aclimação prévia no Real Jardim Botânico - pode ser até europeia (reforçando as remessas orientais), como sucederá a partir de 1797 quando são enviadas de Londres pela mão de José Francisco Correia da Serra, a viver ali um segundo exílio. Chegando a Lisboa a um ritmo e com uma utilidade que merecerá a Sousa Coutinho um comentário sumamente elogioso na correspondência oficial com os naturalistas da Ajuda, visando talvez acicatar a emulação daqueles profissionais: " para que se veja o zelo, e diligencia com que se occupa [Correia da Serra] de tudo o que pode ser util à propagação dos conhecimentos" <sup>126</sup>.

O Abade manterá, na verdade, uma estreita colaboração científica com o novo Ministro da Marinha amplamente documentada no caso das remessas de

<sup>124</sup> "N. 86 *Memoria sobre as especies de Tabaco que se cultivão no Brazil: pelo D.or Joaquim d'Amorim de Castro. 1792, um volume in folio manuscripto*" (Cfr. *Autos do Inventario .... ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, "Academia Real das Ciências. Ofícios. 1837-1843"*).

<sup>125</sup> Cfr. José Roberto do Amaral Lapa, *O tabaco brasileiro no século XVIII. (Anotações aos estudos sobre o tabaco de Joaquim de Amorim Castro)*, 1970.

<sup>126</sup> *Livro de Registo dos Decretos (1800)*, MCUL. Coincidente com a presença de Correia da Serra na capital britânica é a aquisição de material científico com destino ao Real Museu da Ajuda: "O Ill. mo e Ex. mo Senr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Ministro e Secretário de Estado manda remetter ao Senr. Doutor Alexandre Rodriguez Ferreira hua Caixa com o Laboratorio Portatil, que chegou ultimamente de Londres, a que vai annexo hum Hydrometro, cuja discrição se explica no Papel incluzo, o que S. Ex.<sup>a</sup> dezeja que se concerve no Real Museo. Secretaria de Estado em 5 de Abril de 1799. Vai a chavinha da caixa" (*Livro de Registo dos Decretos*, MCUL).

árvores de fruto, ervas para pasto artificial, linho <sup>127</sup>, arroz de Bengala <sup>128</sup>, chá, louro cânfora e caneleiras, tudo genericamente designado de "Collecção de Plantas, Raizes e Sementes uteis para Portugal" e enviada em Agosto de 1798 a bordo do navio 'Lusitania' <sup>129</sup>.

<sup>127</sup> "O Ill. mo e Ex. mo Senr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho manda remetter ao Senr. Doutor Alexandre Rodriguez Ferreira a incluza Copia de hum Paragrafo da Carta do Abbade Correia, que acompanhou as sementes do novo Linho descoberto na Nova Hollanda, que ultimamente se enviou a S. Mce. Recomenda novamente S.Ex.<sup>a</sup> o maior cuidado, e cautella em semear este Linho, cuja propagação poderá ser de hum grande interesse ao Real Serviço, se acaso tiver as qualidades de que faz menção o sobredito paragrafo. Secretaria de Estado em 2 de Setembro de 1800." (*Livro de Registo dos Decretos*). A carta a que Sousa Coutinho faz referência evidencia também o relacionamento científico do Abade com J. Banks: "Aqui veio da nova Hollanda ao Governo, huma nova especie de *Linum* que cresce brava à altura de 5 pés, e mais. He mui diversa de todas as especies de linho conhecidas; a erva é groça mas para cordagens e lonas, dizem maravilhas da sua força, e flexibilidade; e athé pertendem que seja superior ao *Phormium tenax* da N. Zelandia, de que mandei algumas plantas a V. Ex.<sup>a</sup>. Vieram amostras de Cordagem de linho cortido, e hum feixe de plantas. Valime de Sir J. Banks para ter das poucas sementes, que nellas vinhão, e estimarei muito que lá se introduza, e se prove. Será bom semear estas em Lisboa, e mandar as sementes, que dellas provierem para o Sul do Brasil. Queira Deus que em Lisboa tenham boas amas" (*apud Jornal de sciencias matematicas, fisicas e naturais*, t. I, n.º 2, 1917).

<sup>128</sup> "(...) D. Rodrigo de Sousa Coutinho manda perguntar ao Dr. A. R. Ferreira se sabe que o D.or Vandelli fizesse semear o Arroz de Bengala, e qual foi a sua produção. S. Ex.<sup>a</sup> deo esta semente de Arros q. veio de Londres ao D.or Vandelli para q. a experimentasse, e informasse do seo resultado (...);" (...) neste J. Botanico se plantou com effeito hua pequena amostra de arroz, vinda de Londres, a qual entregou o D.or Domingos Vandelli; e da referida amostra o que pode dizer, he que nasceo bem, e cresceo á altura de 2 palmos, e 1/2, mas nem por isso foi vantajoza a sua producção, tendo muitas flores abortivas; e poucas sementes, que não fossem estereis"; *Lembrete* autógrafo de D. Rodrigo: "Peço lhe q. me mande copiar o paragrapho da Resposta do D.or Alexandre p.<sup>a</sup> a mandar ao Abade Correa. Peçohe tambem q. me mande dizer quando sahe o outro Paquete" (*Correspondência entre Sousa Coutinho e A. R. Ferreira (Novembro de 1800)*, *apud* A.P. Lima, *ob. cit.*, 1953, pp. 371-372).

<sup>129</sup> "O navio Lusitania leva uma bem formosa e preciosa colecção de plantas, raizes e sementes uteis para Portugal... São em tudo oito caixotes de plantas vivas e dois de sementes e raizes. Um caixote leva doze raizes de *Rhaponticum* e outros doze de *Rheum palmatum*. (...) O outro caixote leva dezassete sortes de sementes de plantas, que em Inglaterra se cultivam para pastos. Algumas delas crescem bravas em Portugal, mas vai tanta diferença das cultivadas, ás bravas, como das mais finas peras de pomares ás dos catapereiros do mato. (...) Passo agora a dar conta das plantas vivas, que são da maior perfeição e de cuja remessa estou não só vaidoso, mas soberbo. Vão cem árvores de chá, doze de Quifá, vinte caneleiras e cincoenta louros canfora. (...)" (*Carta do Abade J. Correia da Serra a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (21 de Agosto de 1798)*, *apud* A. Silva Carvalho, *ob. cit.*, 1948, p. 125 e *tranc.* in *Jornal de Sciencias Matematicas, Fisicas e Naturaes*, t. I, n.º 2, 1917).



A motivação patriótica do Secretário da Academia das Ciências de Lisboa não seria, todavia, despida de interesse pessoal enquanto cultor da história natural porquanto se especializará em estudos de Carpologia (fisiologia e anatomia do fruto), publicando diversos artigos em prestigiadas revistas científicas europeias, nas *Philosophical Transactions* e *Transactions of Linnean Society*, de Londres e nas parisienses *Bulletin de la Société Philomatique* e *Annales du Muséum d' Histoire Naturelle*. Donde, lhe merecer a melhor das atenções o registo experimental da germinação de plantas transpostas de um universo bio-climático a outro bem diverso, preocupação visível na recomendação ministerial que acompanha o envio de "uma caixinha de sementes" de proveniência londrina para os naturalistas da Ajuda: "(...) queira experimentar a sua germinação no Jardim Botânico, e participar-lhe o resultado depois, para também o transmitir ao mesmo Abade" <sup>130</sup>.

Entretanto, como Domingos Vandelli lhe tivesse encomendado um "Rol de Plantas", Correia da Serra fazia chegar à Ajuda um "presentinho" de sementes e sete caixas com setenta e quatro plantas de canela e de outras especiarias, acompanhadas de cuidadosas indicações técnicas sobre a sua conservação, transporte e plantação no Brasil: "Já V. Ex.<sup>a</sup> estará entregue das Cannelleiras, das duas espécies de Chá e do Qui-fa. As Canneleiras podem passar muito bem o Inverno nas Estufas da Ajuda, tendo o cuidado de lhe dar todo o Sol possível e de as regar com sobriedade huma vez tão somente cada semana. Pela Primavera poderão ir afoitamente para o Brasil, com outras tantas que ficaram apalavradas e que partirão de cá em Abril. Parece que Pernambuco" <sup>131</sup>

<sup>130</sup> *Livro de Registo dos Decretos (1802)*, MCUL. A julgar pela crítica explícita de Correia ao pouco zelo botânico de Vandelli haveria razão para a recomendação do Ministro: "Meu amigo e s.r do coração. Pelo ultimo paquete recebi a carta de V. Ex.<sup>a</sup> de 6 d'Abril e Deus lhe pague em gostos e felicidades a consolação que nisso recebi. Estimo saber que tudo fosse do seu gosto e aprovação e sinto a notícia de que as *Laurus camphora*, se perdessem e também sinto que as sementes que eu mando, que não são de mera curiosidade botânica, mas de utilidade para o reino e colonias, passem por taes mãos como as do Sr. Vandelli. Emquanto as Camphoeiras talvez que ainda possa achar algumas e pelo proximo comboio de algum modo remediar a perda." (*Carta do Abade Correia da Serra a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (7 de Maio de 1799) apud Silva Carvalho, ob. cit., 1948, p. 128, transc. do Arquivo da Casa Linhares*).

<sup>131</sup> Dando razão a esta opinião, chega à Ajuda uma lata com canela de Pernambuco. Manda-se guardar no Museu, informando-se que dela se retiraram amostras para se fazerem várias experiências (Cfr. *Livro de Registo dos Decretos (1798)*, MCUL).

deve ser o clima mais congenial para ellas, onde nos primeiros annos devem ser cultivadas pelo Governo para o único fim de crescer e multiplicar tanto de Semente como de Mergulhia. (...) O primeiro navio que fôr lavarás huma colecção de quantos Catalogos de Jardineiros pude alcançar e hum presentinho de sementes, que eu faço a esse Jardim Botanico. Fazia tenção de lhe escrever sobre o assumpto nesta carta, mas o que tenho que lhe dizer he muito, e hirá juntamente com as sementes, como tambem a resposta ao Rol das Plantas pedidas pelo Dr. Vandelli”<sup>132</sup>.

Do Ministério da Marinha solicita-se ao Jardim Botânico que estas caneleiras sejam recolhidas e posteriormente enviadas à colônia americana ‘para tentar se alli poderão naturalizar-se’. No officio dirigido ao vice-director Rodrigues Ferreira, manda-se que os comandantes das embarcações que as hão-de transportar sejam portadores de “Instruçoens para o tratamento das Plantas durante a viagem”, pedindo-se, por isso, que o naturalista proceda a pesquisa em livros especializados (cujos títulos se citam) sobre o modo como em Ceilão se procede à extracção da canela da árvore, e que o resultado seja remetido aos Governadores das Capitánias na forma de manual de divulgação<sup>133</sup>.

O administrador baiano desembaraçar-se-á deste fardo recorrendo aos bons officios de outro brasileiro formado em Coimbra, Manuel Jacinto Nogueira da Gama (1765-1847), também ele a exercer um cargo científico em Lisboa como lente da Academia Real de Marinha<sup>134</sup>. Apesar de limitado pela premência do pedido, Nogueira conseguirá entregar na Ajuda o manuscrito ainda a tempo de ser publicado nesse mesmo anno de 1797, com o esclarecedor título de *Memoria sobre o loureiro cinnamomo vulgo caneleira de*

---

<sup>132</sup> Carta do Abade Correia da Serra a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (31 de Outubro de 1797), AHU, apud A. Silva Carvalho, *O abade Correia da Serra*, 1948, pp. 117-119.

<sup>133</sup> Cfr. *Livro de Registo dos Decretos (1797)*, MCUL.

<sup>134</sup> Natural de Minas Gerais. Bacharel em Matemática e em Filosofia Natural. Lente na Academia Real de Marinha entre 1791 e 1801. Partiu para o Brasil em 1804, morrendo no Rio de Janeiro depois de ocupar altos cargos científicos e políticos na colônia e, mais tarde, no novo país. Autor de vários textos de história natural e de matemática (Cfr. Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario bibliographico portuguez*, t. VI, 1862, pp. 7-8).



*Ceylaõ. Para acompanhar a remessa das plantas, que pelas reaes ordens vão ser transportadas ao Brasil* <sup>135</sup>, nele se desculpando por, devido à urgência, lhe não ter sido possível elaborar obra mais profunda e alargada a outras especiarias: "E como no Jardim Real se achão já promptas algumas Caneleiras, que devem ser conduzidas para o mesmo fim. (...) a brevidade do tempo, que se me concedeo, e as minhas occupaões actuaes não permittiraõ, que a podesse fazer melhor, como desejava: e tambem tratasse d'outras preciosas especies nossas e estranhas " <sup>136</sup>.

Ainda duas breves notas relativas à aclimação das caneleiras. A primeira prende-se com o facto de se terem produzido entre nós, com curto espaço de tempo a separá-las, duas outras obras sobre o mesmo assunto. Isso mesmo é confirmado na introdução do editor Frei José Mariano da Conceição Veloso à *Memoria sobre a cultura do Loureiro Cinamono, vulgo Canelleira de Ceilão, que acompanhou a remessa das plantas da mesma feita de Goa para o Brazil pelo Illustrissimo Francisco da Cunha Menezes, então Governador, e Capitão General do Estado da India*. O naturalista franciscano pretenderia, com esta publicação, colaborar utilmente no projecto orientado pelo seu novo protector na Corte, o futuro Conde de Linhares, e dedicava-a ao Príncipe Regente, D. João, explicando que: "Esta Memoria, Senhor, he a terceira sobre este assumpto, bem que anteceda na época da sua composição às outras duas, que V. Alteza Real lhes manda distribuir" <sup>137</sup>.

<sup>135</sup> O manuscrito consta do Catálogo da Biblioteca do Museu da Ajuda com a seguinte designação: "*Memoria sobre o cinamomo, chamado Canella de Ceilão, por Manoel Jachinto Nogueira da Gama, um folheto em oitavo*" (Cfr. *Autos do Inventario...* ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, "Academia Real das Ciências. Ofícios. 1837-1843").

<sup>136</sup> Manuel Jacinto Nogueira da Gama, *Memoria sobre o loureiro cinnamomo vulgo caneleira de Ceylaõ. Para acompanhar a remessa das plantas, que pelas reaes ordens vão ser transportadas ao Brasil*, 1797, pp. 8 e 33.

<sup>137</sup> 1798, pp. 1-9. Na mesma introdução explicará as virtudes médico-económicas da canela do seguinte modo: "O objecto principal da remessa da planta da Canéla he procurar o seu estabelecimento nas Colonias da America Portuguesa, para lhe augmentar mais este ramo de comercio, tão procurado na Europa, com a brevidade da sua exportação: ou seja da Canéla fina para uso das mezas esplendidas: ou da grossa para o consummo das tintas nas manufacturas dos tecidos". Nesse mesmo ano, mas em officina tipográfica diferente, frei Veloso fará publicar também a *Memoria sobre a cultura, e preparação do Girofeyro Aromatico vulgo Cravo da India*, 1798. Nos anos seguintes, e com temática naturalista semelhante, publicará: *Naturalista instruido nos diversos methodos antigos e modemos a ajuntar, preparar e conservar as produções dos tres reinos da natureza, colligidos de differentes authores*, Reino Animal I Tomo,

Creemos que a terceira obra citada seja certamente a do médico Bernardino António Gomes (1768-1823), de que se conhece a versão manuscrita com o significativo título de *Observações sobre a Canella do Rio de Janeiro escritas a rogo do Senado da Camara da mesma cidade. Em 8 de maio de 1798* <sup>138</sup>.

A segunda nota é um comentário final que se impõe fazer ao circuito de informação e de produção naturalista que acabamos de ilustrar com os exemplos do tabaco e da canela, mas que poderia ser alargado a muitos outros casos documentados no *Livro de Registo dos Decretos* <sup>139</sup>. Ou seja, comprova-se que os estabelecimentos museológicos da Ajuda, no período em estudo, são encarados pelo Poder como um lugar de excelência botânica para onde confluem muitos dos projectos governamentais de desenvolvimento económico do Reino e suas Colónias mas que, paradoxalmente, os recursos técnicos (incluindo as limitações de espaço), financeiros e humanos disponíveis não são de molde a satisfazer plenamente a eficácia política pretendida, razão pela qual os profissionais recorrem à prestante colaboração de outros naturalistas, aqui plenamente comprovado com o decisivo protagonismo dos amadores Joaquim de Amorim Castro, José Francisco Correia da Serra, Manuel Jacinto Nogueira da Gama, Bernardino António Gomes e José Mariano da Conceição Veloso <sup>140</sup>.

---

1800 [Trata do reino animal]; e *Instrucções para o transporte por mar de arvores, plantas vivas, sementes, e de outras diversas curiosidades naturaes*, 1805.

<sup>138</sup> Inocêncio F. da Silva (*ob. cit.*, t. I, p. 361) informa que: "Affirma-se que sahira impressa no Rio de Janeiro, por ordem do Governo, uma *Memoria* por elle escripta sobre a canella, a qual não vi, nem sei mesmo onde exista algum exemplar". Existe efectivamente um exemplar manuscrito na Biblioteca do Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

<sup>139</sup> Bem ilustrativo do interesse económico colocado pelo Poder nas actividades naturalistas da Ajuda é a seguinte comunicação do ministro da Marinha, Sousa Coutinho, ao vice-director, A. Rodrigues Ferreira: "(...) o Inspector do Arsenal Real da Marinha hade remetter para o Real Museo huns Cazulos de Aranhas que vierão do Maranhão, afim de que se a porção da tal Seda for grande, que s.mce mande examinar se seria boa para fabrico de chapeos. Secretaria de Estado em 13 de Agosto de 1799" (*Livro de Registo dos Decretos*, MCUL).

<sup>140</sup> O *Livro de Registo dos Decretos* documenta igualmente a colaboração de outro naturalista amador que envia de Minas Gerais uma *Memoria* e amostras de cobalto: "Remetto a V. M.ce com esta a Memoria de Jose Vieira do Couto sobre as Minas de Cobalto, e a chave do cofre, em que vem amostras della, mandadas pelo mesmo Naturalista; e fico esperando pela Memoria; que V. M.ce me prometteo sobre o modo de tirar partido, em utilidade da Real Fazenda, e do Estado, da descoberta das

Mas, encarado de outro prisma, este fenómeno poderá também comprovar o forte poder de atracção exercido pelo Real Museu de História Natural e Jardim Botânico da Ajuda entre os cultores da moda do coleccionismo e estudo dos produtos da Natureza, matéria sobre a qual - nesta segunda metade de setecentos - se estabeleciam fáceis consensos entre Poder, Ciência e Sociedade <sup>141</sup>. O exemplo que a seguir se transcreve bem poderia servir de prova a esta asserção: "O Ill. mo e Ex. mo S.or Visconde de Anadia manda remetter ao S.or Domingos Vandelli os dois Ensaios inclusos, sobre a Quina, e sobre outras Plantas novamente descobertas no Piauhy, parte das quais forão já enviadas a S. M.ce pelo Naturalista Vicente Jorge Dias Cabral; e as Relações das madeiras, remetidas do Maranhão, e Piauhy. Secretaria de Estado em 13 de Outubro de 1802" <sup>142</sup>.

### **9. Um estudo de caso - Frei José Mariano da Conceição Veloso e a colaboração dos naturalistas-amadores com a Ajuda**

A personalidade de frei José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811) comungando de traços comuns a tantas outras que se movimentaram no universo da nossa História Natural de setecentos exhibe, contudo, uma singularidade marcada pela pulsão de divulgador de conhecimentos práticos e úteis num projecto editorial de rara coerência temática <sup>143</sup>.

---

referidas Minas. 27 de Junho de 1806. Visconde de Anadia. S.or Domingos Vandelli." José Vieira Castro (1762-1811) era formado em Matemática e foi Lente em Coimbra; autor de outra *Memorias* sobre os recursos minerais do Brasil (Cfr. Inocêncio F. da Silva, *ob. cit.*, t. V, pp. 157-158).

<sup>141</sup> Vide também infra Anexo II "Colecções, gabinetes jardins botânicos e museus (1768-1808) - quadro de relações", vol. II.

<sup>142</sup> *Livro de Registo dos Decretos....*, MCUL. Referência no Catálogo da Biblioteca do Museu: "N. 32 *Ensaio Botânico d'alguma plantas da parte inferior do Piaunhi, acrescentadas com varias madeiras finas, e de construcção para navios, por Vicente Jorge Dias Cabral. Anno de 1801*" (Cfr. *Autos do Inventario....*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, "Academia Real das Ciências. Ofícios. 1837-1843").

<sup>143</sup> Cfr. *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801). Bicentenário. 'Sem livros não já instrução'*, 1999.

Questão que se tem colocado com insistência na biografia do frade franciscano é a de aclarar o ambiente intelectual que lhe terá acarinhado a vocação naturalista. Excluída com segurança a hipótese de formação universitária na pombalina Faculdade de Filosofia Natural <sup>144</sup>, a explicação terá que encaminhar-se em duas direcções: para a escala de valores doutrinados nos planos de estudos mendicantes e para a sociabilidade académica, de cariz científica, registada na capitania do Rio de Janeiro na segunda metade de setecentos.

Como naturalista será sempre o botânico autodidacta a quem um dia o poder político libertou dos rigores conventuais e impôs o regresso ao século, destinando-o a recolher espécies exóticas para o Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda e a herborizar a flora brasileira <sup>145</sup>. Mas o facto de não ostentar um percurso académico formal e o seu afastamento dos grandes centros europeus de produção teórica haveriam de pesar na avaliação crítica que os botânicos profissionais formularam sobre a monumental *Florae Fluminensis* que permaneceria, aliás, inédita até muito depois da sua morte <sup>146</sup>.

É, por isso, significativo que tenha conseguido os favores da elite política materializados no amplo apoio financeiro às propostas de actividade editorial mas que, ao invés, a sua aceitação no meio científico lisboeta tenha ficado marcada pela exclusão da Academia das Ciências de Lisboa e pela censura científica de Brotero à sua obra fitológica <sup>147</sup>.

---

<sup>144</sup> O seu nome não consta dos *Livros de Matricula* do Arquivo da Universidade de Coimbra.

<sup>145</sup> "Fr. Veloso começou a dedicar-se ao estudo da Botânica, ciência para a qual sentia a mais forte inclinação. Não se sabe se teve algum mestre que o iniciasse no estudo das Ciências Naturais, sendo, no entanto, de presumir que tenha sido um completo autodidacta" (Abílio Fernandes, *Quatro cartas inéditas de Brotero para o Conde da Barca*, 1947, p.100).

<sup>146</sup> Sobre as circunstâncias da publicação desta obra, vide J. C. Brigola, *José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811) - um frade no universo da natureza* (em colab. com M. F. Nunes), 1999.

<sup>147</sup> "Daqui por ordem dahi expedida foy remettida a *Florae Fluminensis* (juntam. te com m.tas chapas gravadas a ella respectivas) do P. Fr. Jose Vellozo, eu não pude deixar de remetter immediatam.te huma censura sobre a dita obra, demonstrando evidentem.te, q. ella no estado actual da Botanica faria descredito à Nação se fosse publicada; porq., em poucas palavras, o titulo *Fluminensis* he equivoco, as descrições e desenhos m.to incompletos, a nomenclatura dos generos e especies m.to errada, faltão-lhe algumas familias de plantas, como as das Gramas, das cryptogamicas, & c"

Dos primeiros anos de vida de José Veloso Xavier - seu verdadeiro nome de baptismo - pouco se sabe e os dados revelados nem sempre são coincidentes entre os biógrafos, a começar pelo ano de nascimento que alguns teimam em datar de 1741 e outros, a maioria, do ano seguinte. É certo, contudo, ter sido registado pelos pais, José Veloso da Câmara e Rita de Jesus Xavier, na freguesia de Santo António, vila de S. José, comarca do Rio Grande das Mortes, bispado de Mariana <sup>148</sup>. Importa daqui reter um elemento que se revelará rico de significado premonitório para os que atribuem uma condicionante geográfica às raízes do espírito independentista brasileiro - frei José Mariano da Conceição Veloso nasce na Capitania de Minas Gerais, terra de movimentos culturais ilustrados e de inconfidências políticas.

Em 1761, então com dezanove anos, o jovem mineiro decide-se pela carreira eclesiástica vestindo o hábito dos religiosos menores reformados de S. Francisco - os Capuchos - no convento de S. Boaventura de Macucú. Depois de aí professar durante cinco anos, recebe ordens sacras no convento de S. António do Rio de Janeiro onde estuda filosofia e teologia. Apesar de em 1768 ter sido eleito pregador, não se evidenciaria como orador sacro revelando antes dotes didácticos que haveriam de conduzi-lo, dois anos depois e já com o título de confessor, à docência de geometria no convento de S. Paulo e, de volta ao seu convento fluminense, ao magistério de história natural.

Não poderemos senão conjecturar sobre as influências intelectuais que terão moldado as opções científicas de frei Veloso, mas não parece despropositado associá-las ao novo espírito das reformas dos planos de estudos conventuais cujo paradigma permaneceria o pioneiro *Plano dos estudos para a Congregação dos religiosos da Ordem terceira de São Francisco do Reino de Portugal*, concebido em 1769 pelo provincial frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas.

Embora mantivesse a dominante pedagógica nos tradicionais estudos de teologia e de filosofia racional, e no apelo ao didactismo das autoridades

---

(*Carta de Brotero ao conde da Barca (1812) apud* Abílio Fernandes, *História da botânica em Portugal até finais do séc. XIX*, 1987, vol. II, p. 886.

<sup>148</sup> Cfr. Manuel Ferreira Lagos, *Elogio historico de Frei J. M. da C. Veloso*, 1858, pp. 596-614; e José Saldanha da Gama, *Biographia do botanico brasileiro José Mariano da Conceição Velloso*, 1868, pp. 137-305.

clássicas, o *Plano* introduzia timidamente os estudos físico-matemáticos e filosófico-naturais, insinuando alguns princípios de geometria, e de ontologia e pneumatologia, matérias em que “o professor há de mostrar aos Discipulos (...) como lhe he encarregado (...) os diversos monumentos do Mundo Fysico, que houver no Museo do Convento, e instruillos com as noções precisas, para que elles no Curso Theologico saibão entender-se na Fysica Sacra”. Nas leituras nomeadas para a aula de filosofia natural, Cenáculo recomendava para comentário “algumas cousas da Historia Natural de Plinio”.

O que importa aqui acentuar é a inserção destes novos saberes, como disciplinas propedêuticas da cultura geral do frade ilustrado, num plano pedagógico que modelou e deu o tom aos demais institutos regulares para reformarem os seus estudos quando, depois de 1772, o marquês de Pombal ordenou a redacção de estatutos acomodados aos da Universidade de Coimbra <sup>149</sup>.

De todo o modo, doutrinariamente filiados na matriz franciscana, os religiosos capuchos brasileiros comungariam certamente dessa especial sensibilidade para com a Natureza que impregnava o ideário dos frades menores <sup>150</sup>, proporcionando um ambiente conventual que dava sentido e justificação às opções intelectuais do jovem professor: “Das ciências que leccionou com notável sabedoria, nenhuma lhe agradou tanto como a história natural, para que fora nomeado lente em Janeiro de 1786. Naturalista por vocação, por génio, ele achou sempre um inexplicável encanto, estudando a natureza desde os mais verdes anos. As plantas com particularidade o enlevavam; criança ainda, as contemplava cheio de curiosidade, e muitas

---

<sup>149</sup> Os beneditinos, por exemplo, aprovaram em 1789 um *Plano e Regulamento dos Estudos*, “numa comunidade onde prima o espírito quantitativo (...) o prestígio das ciências exactas e das ciências naturais assume tal relevo que (...) manda ensinar matemática durante dois semestres do curso secundário de filosofia (...) e reserva dois semestres às ciências naturais e à física, ficando apenas dois semestres para a filosofia racional e moral. Ora, a hipervalorização das ciências exactas e naturais, aqui testemunhada, quadra com o espírito científico próprio da ilustração” (Luís A. de Oliveira Ramos, *Para a história do ensino em Portugal. Frei Francisco de S. Luís, professor de matemática*, 1976).

<sup>150</sup> Cfr. Francisco da Gama Caeiro, *Fr. Manuel do Cenáculo. Aspectos da sua actuação filosófica*, 1959; J. Marcadé, *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas évêque de Beja, archevêque d'Evora (1770-1814)*, 1978; A.A. Banha de Andrade, *Contributos para a história da mentalidade pedagógica portuguesa*, 1982.

vezes deixou de ir à aula para embrenhar-se nas matas, esquecido de tudo e só preocupado na análise das flores que encontrava, já querendo devassar todos os segredos da natureza vegetal. De sua cela fizera ele um gabinete de estudos”<sup>151</sup>.

Vista por este prisma, a personalidade de frei Mariano Veloso há que ser associada a outras notáveis figuras eclesiásticas setecentistas (quase todas provenientes de congregações mendicantes) que desenvolveram actividades científicas e museológicas de carácter naturalista, no Brasil e no Reino: frei José da Costa Azevedo (1763-1822)<sup>152</sup>, padre Joaquim Veloso de Miranda (1742-1817)<sup>153</sup>, frei Leandro do Sacramento (1778-1829)<sup>154</sup>, frei José Mayne (1728-1792)<sup>155</sup>, frei Manuel do Cenáculo (1724-1814)<sup>156</sup>, padre João de Loureiro (1710-1791)<sup>157</sup>.

<sup>151</sup> Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, *Frei José Mariano da Conceição Veloso*, 1899, p. 64.

<sup>152</sup> Vide *infra* Cap. VII.

<sup>153</sup> Natural de Minas Gerais. Formou-se em Filosofia Natural, em Coimbra, no ano de 1777. Regressou ao Brasil em 1785, mas manteve correspondência científica com o seu antigo professor Domingos Vandelli, servindo de colector de produtos naturais para o Real Museu de História Natural e Jardim Botânico da Ajuda (Cfr. Carlos Stellfeld, *Os dois Vellozo: biografias de Frei José Mariano da Conceição Vellozo e Padre doutor Joaquim Vellozo de Miranda*, 1952).

<sup>154</sup> Carmelita, natural do Recife. Estudou em Coimbra onde foi aluno de Félix de Avelar Brotero. Concluiu Filosofia Natural em 1806. Lente de Botânica na Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro. Director do Jardim Botânico fluminense a partir de 1824 (Cfr. *Flora Fluminensis ...* 1961, pp. 351-361).

<sup>155</sup> Vide *infra* Cap. VII.

<sup>156</sup> Vide *infra* Cap. VII.

<sup>157</sup> Padre jesuíta. Sócio da Academia das Ciências de Lisboa. Viveu algumas décadas na China onde recolheu material botânico, com o qual constituiu um herbário, e escreveu a *Flora Cochinchinensis* e outros textos científicos publicados postumamente pela Academia. Correspondeu-se com o naturalista inglês J. Banks (Cfr. Bernardino António Gomes, *Elogio historico do P.e João de Loureiro*, Lisboa, 1865; e W. J. Simon, *ob. cit.*, 1983). "Para concluir e aperfeiçoar a sua *Flora Cochinchinensis*, o P.e João de Loureiro após o seu regresso a Portugal em 1782, deve ter trabalhado na Academia das Ciências de Lisboa e também no Museu da Ajuda. A suposição de ter prosseguido os seus estudos nesses dois locais está de acordo com o facto de terem ficado 88 (ou 87) espécimes do seu herbário no Museu e 37 na Academia" (Abílio Fernandes, *História da botânica em Portugal até finais do séc. XIX*, 1986, pp. 911-912).

10. Ao tempo em que frei Mariano Veloso, nos inícios da década de setenta, assumia funções docentes nas cidades de S. Paulo e no Rio de Janeiro o interesse pelas ciências da natureza traduzia-se na capital fluminense pela criação de uma agremiação científica e de um pequeno horto botânico. A iniciativa pertence ao vice-rei Marquês do Lavradio e congrega a pequena comunidade de profissionais ligados às actividades médicas e farmacêuticas, a que se juntam alguns naturalistas amadores dos meios castrense e eclesiástico: "Assim se formou a Academia Fluminense Médica, Cirúrgica, Botânica, Farmacêutica, por vezes designada Sociedade de História Natural do Rio de Janeiro, que se inaugurou a 18 de Fevereiro de 1772 na sala do palácio do vice-rei e na sua presença e de um numeroso concurso de pessoas de toda a qualidade recitaram os directores da mesma Academia cinco eruditas orações sobre a Medicina, Anatomia, Cirurgia, História Natural, Química e Farmácia" <sup>158</sup>.

Pelo título de uma das comunicações académicas se deduz que já anteriormente houvera a tentativa de fundar na colónia americana uma sociedade médica e de estudos botânicos. Na verdade, vinha das primeiras décadas do século a tradição das associações literárias que davam corpo às aspirações intelectuais da elite urbana brasileira, sendo particularmente significativa a actividade da efémera Academia dos Selectos que chegara a promover, na década de cinquenta, a impressão de vários folhetos <sup>159</sup>.

As sessões da Academia Fluminense, que persistiram até Abril de 1779, realizavam-se uma vez por semana para apresentação de dissertações eruditas e os sábados eram reservados para visitas ao horto botânico o qual, de acordo com os Estatutos, servia "(...) para nele se tratarem, e recolherem todas as plantas notáveis, e terá cada académico obrigação de o hir ver para

---

<sup>158</sup> Augusto da Silva Carvalho, *As academias científicas do Brasil no século XVIII*, Lisboa, 1939, p. 5.

<sup>159</sup> Cfr. Augusto da Silva Carvalho, *ob. cit.*, 1939, p. 4. "A esta sociedade deve-se a instituição da primeira typographia que houve no Brazil, segundo diz Ribeiro dos Santos. Mas pouco durou esta typographia porque, por ordem do governo da metropole, foi destruida e queimada para que se não propagassem por este meio idéias contrarias ao regimen colonial" (Moreira de Azevedo, *Sociedades fundadas no Brazil desde os tempos coloniaes até o começo do actual reinado*, 1885, p. 269).



observar a diferença e crescimento delas. Haverá alguns coletores, os quaes serão encarregados do Horto Botânico: haverá também alguns academicos dezenhadores de plantas”<sup>160</sup>.

O estabelecimento deste horto na cerca do Colégio dos Jesuítas correspondia a uma visão da Botânica como ciência auxiliar da Medicina - em razão das potencialidades farmacológicas das espécies vegetais - de acordo aliás com a linha dominante, desde o séc. XVI, no pensamento científico europeu<sup>161</sup>.

Só em 1796 será criado o primeiro Jardim Botânico, o de Belém, no Pará, o qual serviria de modelo a todos os que se estabeleceram posteriormente no Brasil, como os do Rio de Janeiro e o de Olinda<sup>162</sup>. Por isso se está longe ainda, no horto fluminense, da economia da natureza e do discurso científico que aspirava à descrição e classificação das espécies dos três reinos da Natureza, à luz de uma taxonomia como a de Linneo. No entanto, não deixa de ser curioso saber que a Academia do Rio de Janeiro prestaria homenagem ao sábio sueco, anunciado-lhe a sua fundação e conseguindo - através dos bons ofícios do médico estrangeirado António Nunes Ribeiro Sanches - que a Sociedade de Upsala lhe conferisse o diploma de fraternidade<sup>163</sup>.

Da *Relação dos Academicos de que he composta a Academia* não consta o nome do frade capucho, nem saberemos se algum vez terá participado nas suas actividades, mas o que parece indiscutível é que o ambiente cultural nas principais cidades brasileiras, com especial relevo para o Rio de Janeiro, proporcionava uma sociabilidade científica de cunho naturalista propícia à afirmação intelectual de personalidades como a do autor da *Florae Fluminensis*.

---

<sup>160</sup> *Apud* Augusto da Silva Carvalho, *ob. cit.*, 1939, p. 8.

<sup>161</sup> Cfr. Antonello La Vergata, *La storia naturale e le classificazioni*, 1988, p. 781.

<sup>162</sup> Cfr. Maria Beatriz Nizza da Silva, *A cultura*, 1986, pp. 445-498; Leopoldo Collor Jobim, *Os jardins botânicos no Brasil colonial*, 1986, pp. 53-120.

<sup>163</sup> Cfr. Augusto da Silva Carvalho, *ob. cit.*, 1939, p. 10.

11. O governo do vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa (1779-1790) marcaria uma nova etapa na vida cultural da colónia americana e revelar-se-ia decisivo no traçado de novo rumo na vida de frei Mariano da Conceição Veloso.

Pelo conteúdo de uma missiva dirigida pelo vice-rei ao ministro Martinho de Melo e Castro, podemos situar em 1783 o início das tarefas naturalistas, com carácter oficial, de frei José Mariano da Conceição Veloso <sup>164</sup>. De facto, ele é aqui apresentado como encarregado do envio de plantas cujas descrições e desenhos evidenciariam, a seu vêr, o grande talento do religioso franciscano.

Os termos e as circunstâncias em que se terá processado o encargo público de proceder ao estudo fitológico da capitania do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo que servia de colector de produtos naturais para o Real Museu da Ajuda, são esclarecidos pelo próprio Veloso em *Suplica* redigida já depois de abandonar o Brasil em 1790, nela se queixando à autoridade régia da imposição de Luís de Vasconcelos e Sousa que teria feito: "(...) cair sobre os ombros do suplicante todo o peso do exame e colecção das produções naturais desta Capitania por mais que o suplicante lhe representasse a debilidade das suas forças para este emprego" e "acrescenta que durante anos vagueara na sua exploração por terras brasileiras, sofrendo perigos e padecimentos "já despenhado de uma serra por baixo de uma besta muar, já afogado no mar por um tufão de vento que emborcou a canoa em que o suplicante navegava, já por moléstias perigosas contraídas no mesmo trabalho e particularmente uma quase cegueira de oito meses apanhada na diligência da conversão dos Ararizes, Índios bravos que infestavam as vizinhanças do Rio de Janeiro, nos matos da Paraíba" <sup>165</sup>.

---

<sup>164</sup> Cfr. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Secção de Manuscritos - *Correspondência com a Corte 1779-1790*, de Luís de Vasconcelos e Sousa, Livro 4, 4, 9, apud Gilberto Ferrez, *Colonização de Teresópolis à sombra do dedo de Deus (1700-1900)*, 1970, p. 13; e Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, *Correspondência dos Vice-Reis para a Corte, 1783-1785. Luís de Vasconcelos*, Cód. 68, vol. 6, apud Maria Margaret Lopes, *ob. cit.*, 1997, p. 26.

<sup>165</sup> *Suplica de Frei José Mariano da Conceição Veloso*, Arquivo Histórico Ultramarino, Reino, Manuscrito 2719, apud Rómulo de Carvalho, *A história natural em Portugal no século XVIII*, 1987, p. 90. Não foi possível encontrar o original deste documento no

É possível confirmar, pelos biógrafos oitocentistas, que o vice-rei terá expedido ordens ao provincial frei José dos Anjos Passos (1781-1784), para que frei Veloso fosse fazer excursões em toda a Província do Rio de Janeiro, libertando-o para tanto das habituais regras conventuais <sup>166</sup>.

Durante as *viagens philosophicas* que se prolongariam por oito anos (1783-1790) e nas quais recolheu o material botânico que viria a dar corpo à *Florae Fluminensis*, frei Veloso foi auxiliado por outros companheiros da congregação mendicante, nomeadamente por frei Francisco Solano, que ocupou as funções exigidas a um desenhador-naturalista e por frei Anastácio de Santa Inês, que registava as definições herbóreas. Terão também colaborado nestas tarefas os frades Francisco Manuel da Silva Melo, José Correia Rangel, José Aniceto Rangel, João Francisco Xavier, Joaquim de Sousa Marcos, Firmino José do Amaral, José Gonçalves e António Álvares.

Entretanto, começavam a chegar ao Real Museu de História Natural da Ajuda as remessas de espécies naturais dos três reinos devidamente acondicionadas, descritas e classificadas por frei Veloso, como a de Setembro de 1786 que continha "amostras de madeira e uma colecção de conchas e quatro viveiros contendo pássaros" <sup>167</sup>. A actividade de colector-amador não ficava, por isso, circunscrita ao domínio da flora, alargando-se à fauna e à geognose da colónia americana tal como documentam as Relações velosianas enviadas para o Reino em 1787 e 1788 - *Descriptio animalium quorundam brasiliensium (anno 1787)*; *Descriptio animalium, avium, mineraliumque quorundam brasiliensium (anno 1788, 9 de Julho)*; *Producta naturalia brasiliae (21 de Dezembro de 1788)* <sup>168</sup>.

O estatuto de colaborador do Real Museu parece ter sido desde logo muito apreciado já que, aparentemente, terá resolvido com sucesso um dos

---

AHU, por entretanto se ter procedido a operações arquivísticas que alteraram o sistema de cotas.

<sup>166</sup> José Saldanha da Gama, *ob. cit.*, 1868, p. 143.

<sup>167</sup> "Ofícios dos vice-reis do Brasil. Índice da correspondência dirigida à corte de Portugal de 1763 a 1808", *apud* Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha, *ob. cit.*, 1976, p. 17.

<sup>168</sup> AHMB, Rem. 584.

problemas que se colocavam com maior dramatismo às operações naturalísticas nos trópicos, ou seja, o da manipulação e tratamento taxidérmico das espécies naturais com vista à sua longa conservação <sup>169</sup>: “Não posso deixar de acuzar a V. Ex.<sup>a</sup> a receção dos 22 Caixões de Amostras das Madeiras de Santa Catharina e Rio Grande; e muito particularmente os 7 com colecção de Conchas feita por Fr. Jozé Mariano, as quaes não só vierão bem ordenadas, mas muitas dellas estimadissimas pela sua raridade; e se o dito religioso tem tanta curiosidade pela Mineralogia, como pelas outras partes da Historia Natural (...) sendo que o Museu de Sua Magestade se acha com grande falta ao que respeita ao Reino Mineral (...) <sup>170</sup>”.

12. Em 1790, no final do mandato governativo de Luís de Vasconcelos e Sousa no Rio de Janeiro, frei José Mariano da Conceição Veloso é convidado pelo vice-rei a empreender a viagem até ao Reino, transportando consigo os originais dos textos e gravuras fitológicas - a *Florae Fluminensis* - além de outro material museológico contido em ‘70 caixões’ e que era composto, nomeadamente, por: “(...) uma colecção de todos os peixes de água doce e salgada, feita por um novo método; por outra de insectos marinhos e terrestres; e finalmente por uma de borboletas impressas pela fécula colorante de que se cobrem as membranas das suas asas, obra tão rara e estimável que tem o suplicante notícia não haver outra em algum dos Gabinetes reais da Europa, o que tudo se acha no Museu de Sua Magestade [na Ajuda] onde foi entregue logo que aqui chegou” <sup>171</sup>.

---

<sup>169</sup> Cfr. *supra* Cap. IV.

<sup>170</sup> *Carta de Martinho de Melo e Castro para o Vice-Rei do Brasil Luís de Vasconcelos e Sousa (4 de Janeiro de 1787)*, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Secção de Manuscritos - Correspondência com a Côrte 1779-1790, Livro 4, 4, 9, pp. 3-4, *apud* Gilberto Ferrez, *ob. cit.*, 1970, p. 13.

<sup>171</sup> *Suplica de Frei José Mariano da Conceição Veloso*, AHU, *Reino*, Manuscrito 2719. Documento comprovativo do depósito, na Ajuda, dos seus materiais fitológicos, é a ordem expedida por D. Rodrigo de Sousa Coutinho a Domingos Vandelli: “Sua Magestade he servida que V. Mce entregue ao Padre Frey Joze Marianno da Conceição Vellozo aquelles volumes da sua excellente Flora do Rio de Janeiro, que elle lhe for pedindo, que actualmente se achão no Depozito do Real Jardim Botanico, e que ajude com os seus estimaveis concelhos ao mesmo sabio Religioso no trabalho que vai emprehender para a Edição da sua Obra, e que Sua Magestade dezeja

O herbário e os manuscritos dos estudos naturalísticos foram igualmente depositados nos estabelecimentos museais da Ajuda, constando estes do Catálogo da livraria e cartório com o título de *Nomes vulgares d'algumas plantas do Rio de Janeiro reduzidos aos triviais do Systema de Linneo, e da Flora Fluminense do P.de Velloso. 1790*<sup>172</sup>.

A colaboração do colector brasileiro com o projecto vandelliano de produção e edição da *Historia Natural das Colonias* podia passar agora, com a sua presença física, a outro patamar de responsabilidade científica tanto mais que seria a breve trecho associado ao meio intelectual lisboeta como membro da Academia Real das Ciências<sup>173</sup>.

Nestes primeiros anos de permanência em Lisboa ocupar-se-á, na Ajuda e na Academia, com as operações museográficas de estudo e classificação de espécies naturais, especializando-se em Ictiologia - domínio no qual, já o vimos, utilizava um método taxidérmico inovador - , sem deixar de se preocupar com a missão primordial da sua presença na Corte, o aperfeiçoamento e publicação da *Florae Fluminensis*. Por isso, em 1797, em contexto orçamental de custos de impressão da sua obra botânica, ainda lembrará humildemente à autoridade régia que "(...) O Supplicante se acha nesta Corte há sete annos, fora do sêo Convento, para onde dezeja recolher-se logo que complete ésta acção "<sup>174</sup>.

---

auxiliar, preparando assim para o futuro o publicarem-se todas as Plantas que se vão recebendo dos Seus vastos Dominios. Palácio de Queluz, 27 de Abril de 1797" (*Livro De Registo dos Decretos ...*, MCUL).

<sup>172</sup> "N. 113 - *Nomes vulgares d'algumas plantas do Rio de Janeiro reduzidos aos triviais do Systema de Linneo, e da Flora Fluminense do P.de Velloso. 1790, in fol. (Não está completo)*" (Cfr. *Autos do Inventario....*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, "Academia Real das Ciências. Ofícios. 1837-1843").

<sup>173</sup> Cfr. *Pasta do Sócio José Mariano da Conceição Veloso*, Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, Arquivo da Secretaria. Esta 'Pasta' não contém qualquer documento além da indicação: "Sócio Livre 1-4-1791; Excluído 13-1-1798". Durante este período (1791-1798), a Academia funcionou nos seguintes locais: até 1792: Palácio das Necessidades; 1792 - 1797: Palácio da Rua das Pedras Negras, à esquina do Beco do Carrasco; 1797 - 1800: Antigo Palácio do Monteiro-Mor, depois Palácio dos Condes de Castro Marim.

<sup>174</sup> *Suplica de frei José Mariano da Conceição Veloso [1797]*, AHU, Reino, Maço 2705.

A urgência de actualização científica - sobretudo no domínio da botânica, visando a revisão dos referentes taxonómicos da fitologia brasileira - deve tê-la pressentido frei Veloso no contacto com as obras teóricas europeias adquiridas pelo Museu e pela agremiação académica, razão pela qual pediu o auxílio dos seus confrades. Estes não lho regatearam, porquanto, na acta da sessão de 19 de Novembro de 1791, se lê: “ (...) que se comprem todos os livros necessários à perfeição da obra do Sr. José Mariano da Conceição Vellozo “<sup>175</sup>.

O compromisso institucional com a Academia passaria também por um projecto de co-autoria com o director dos estabelecimentos da Ajuda que previa a edição de um inventário ictiológico, decidindo-se por isso na sessão de 31 de Março de 1792 que: “ (...) se fizessem os gastos que se julgassem próprios para os desenhos e estampas da Ictiologia do Reino do Dr. Vandelli e do Brasil do Sr. José Mariano da Conceição Vellozo e algumas viagens se forem precisas”<sup>176</sup>.

Esta obrigação não deixará de lhe ser recordada quando, uma semana depois de excluído da agremiação por razões porventura relacionadas com os custos de impressão da sua *Florae*<sup>177</sup>, a direcção decide: “Que se escreva ao Sr. J. M. da C. Veloso a saber em que estado se acha a colecção de peixes que se incumbiu de fazer para o Museu da Academia “<sup>178</sup>.

No ano seguinte, visivelmente desiludido com uma comunidade de naturalistas que nunca o reconhecerá como um dos seus, deixará cair um desabafo sobre a fraca produção nacional de textos impressos (obrigando-o a traduzir e a adaptar autores estrangeiros) e lamentará, com compreensível exagero, “ (...) não termos ainda hum só escrito nosso, ácerca da Historia

---

<sup>175</sup> *Apud* Abílio Fernandes, *ob. cit.*, 1947, p. 102.

<sup>176</sup> *Idem, ibidem*, p. 102.

<sup>177</sup> Não possuímos dados suficientemente esclarecedores sobre a irradiação de frei Veloso de sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, ocorrida em 13 de Janeiro de 1798, e as próprias Actas não se referem ao episódio. É provável, contudo, que decorra do processo de impressão da sua obra botânica, que se arrastava desde o decreto real de 9 de Julho de 1792, muito mais do que de qualquer desentendimento de carácter científico.

<sup>178</sup> *Acta da Sessão da Academia de 21 de Janeiro de 1798, apud* Abílio Fernandes, *ob. cit.*, 1947, p. 103.

Natural deste reino, e ainda de suas Colonias, não por falta de pessoas de talentos (...)" <sup>179</sup>.

Decerto por fortuito acaso (mas de reveladora coincidência), o lamento é introduzido em tradução de obra de autor estrangeiro sobre a "classe sexta do reino animal (...) segundo o systema do cavalheiro Carlos Linné" - os *vermes*, ou *invertebrados*. Os mesmos seres do reino animal que dezoito anos antes um jovem naturalista recém doutorado, Rodrigues Ferreira, prometera na Academia das Ciências estudar utilmente, jurando não conceder tréguas ao diletantismo dos amadores e à especulação dos *marchands*, anunciando-o com triunfalismo de neófito no seu *Abuzo da Conchyologia em Lisboa. Para servir de introdução á minha Theologia dos Vermes (1781)* <sup>180</sup>.

Tivesse Ferreira cumprido este seu projecto de publicação científica - emblema apenas de tantos outros que faleceram aos naturalistas nacionais - e careceria, porventura, razão e espaço ao labor editorial de frei Veloso, imprimindo em tradução ou adaptação um não negligenciável número de obras de história natural <sup>181</sup>.

---

<sup>179</sup> Prefácio a *Helminthologia portugueza, em que se descrevem alguns generos das duas primeiras ordens, intestinaes, e molluscos da classe sexta do reino animal, vermes e se exemplificaõ com varias amostras de suas especies, segundo o systema do cavalheiro Carlos Linne, por Jacques Barbut*. Tradução de José M. da C. Veloso, 1799. Vide *A Casa Literária do Arco do Cego. Bicentenário (1799-1801)*, 1999, p. 202. "Como se depreende do título, este trabalho tinha um carácter de divulgação e seguia à risca a sistemática lineana não tendo, infelizmente, Velloso acrescentando nada sobre a nossa fauna" (L. P. Burnay e A. A. Monteiro, *História da malacologia em Portugal*, 1988, p. 17).

<sup>180</sup> AHMB, ARF -39 A. Vide *supra* Cap. V.

<sup>181</sup> Consulte-se o catálogo bibliográfico velosiano, do Arco do Cego e de outras tipografias, in *A Casa Literária do Arco do Cego...*, 1999, pp. 139- 243. Na mesma obra é possível encontrar a contabilização, só nas edições daquela Casa Literária, de 11% dedicadas à 'História Natural' (Miguel Faria, *Da facilitação e da ornamentação: a imagem nas edições do Arco do Cego*, p. 117). José Agostinho de Macedo (1761-1831) - que em tempos colaborara com o Arco do Cego, deixando até impressa a sua admiração pelo frade *filosofo naturalista (Contemplação da Natureza, 1801)* - comporá uma corrosiva 'visita' às obras de Veloso e ao 'Museu do Palácio': "Olha n'este recanto as obras todas/Que o gordo, traduziu, Padre das hervas;/D'agro-mania possuído a eito,/Aos lusos deu theoreticas batatas,/Planos de arroz e mel, cevada e milho,/Fazendeiros da America e mellaço,/Co' as estampinhas mil, (trabalho inutil) que a/Dom Rodrigo o bom, milhões custaram/Na abertura das chapas e matrizes/Das letras calcographicas de trampa./O tractado da *Abelha* aqui conservo,/Que ensina so despovoar colmeias/ (...) No Museu do Palacio agora entremos:/Aqui tenho o meu throno, e sou Rainha./ É este o Busto do Sandeu Vandelli,/Aquella estatua Bonifacio Andrade;/Os tres Reinos aqui classificaram,/Ordenadores Commissarios ambos./Vai

### 13. As colecções - do inventário à exibição

Nos dias imediatos à morte de Júlio Mattiazzi, Martinho de Melo e Castro - argumentando razões de segurança - incumbia Alexandre Rodrigues Ferreira de assegurar provisoriamente a administração dos estabelecimentos da Ajuda e de proceder ao inventário dos seus produtos, bens e equipamentos<sup>182</sup>. Desta operação administrativa e museográfica, realizada durante dois meses, resultaria o *Inventário Geral e Particular de todos os Productos Naturaés, e Artificiães, Instrumentos, Livros, Utensiz e Moveis pertencentes ao Real Gabinete de História Natural, Jardim Botânico, e suas Cazas annexas*<sup>183</sup>.

A importância do documento alexandrino tem sido justamente apontada por constituir o único desta natureza hoje consultável, mas igualmente por ter sido produzido num momento privilegiado da história da instituição, isto é, no contexto da sua grande reforma administrativa e científica (que já delineámos acima)<sup>184</sup> e por corresponder à fase de recepção, armazenamento e

---

vendo filho meu, sôbre os armarios/Dos subaltermos na sciencia inutil/Os Bustos, em argila, em greda, em humus,/Dos correios da morte em longo fio,/Aqui ves os retratos na direita;/Do Museu da Sandice enfeites dignos!/" (*Os burros ou o reinado da sandice; poema heroi-comico-satyrico em seis cantos*, 1827, pp. 68-70).

<sup>182</sup> O texto da ordem régia, que se pode encontrar no *Livro de Registo das Ordens* (MCUL) e no AHMB, é datado de 14 de Setembro de 1794. No entanto, o primeiro biógrafo de Ferreira afirma que: ""Foi no dia 7 de Setembro de 1794, havendo fallecido o Administrador Julio Mattiazzi, que o Snr. Martinho de Mello e Castro, por Ordem da Soberana, commetteo este inventario ao Snr. Dr. Alexandre, que aos 8 de Novembro immediato o tinha já concluido, incumbindo-se-lhe tambem inventariar todos os productos, instrumentos, livros, e utensilios ali existentes. Foi tão boa a ordem, e economia a que o Snr. Dr. Alexandre trouxe este estabelecimento, reduzindo consideravelmente suas despezas, que mereceo que Sua Magestade, por seu Real Decreto de 11 de Setembro de 1795, o nomeasse Vice-Director do mesmo Estabelecimento. (Manuel José Maria da Costa e Sá, *Elogio do Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, 1818, pp. 8 e sgs.).

<sup>183</sup> Alexandre Rodrigues Ferreira, *Inventário Geral e Particular de todos os Productos Naturaés, e Artificiães, Instrumentos, Livros, Utensiz e Moveis pertencentes ao Real Gabinete de História Natural, Jardim Botânico, e suas Cazas annexas (...)* Tudo como nelle se declara (8 de Novembro de 1794), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Divisão de Manuscritos, I-21, 10/49-8-13. Agradecemos à Biblioteca da Universidade Autónoma de Lisboa e ao Dr. Miguel Faria que amavelmente disponibilizaram, para demorada consulta, um exemplar microfilmado.

<sup>184</sup> A actividade inventariante será enquadrada no Decreto Real, de 27 de Maio de 1795, que procedeu à reestruturação administrativa: "Hum Inventario de todos os



tratamento museológico não só das remessas *extraordinárias* dos produtos naturais e artificiais provenientes das missões filosóficas ao Brasil e a África, como da normal e constante actividade colectora da máquina administrativa colonial <sup>185</sup> (incluindo a colaboração da hierarquia eclesiástica <sup>186</sup> e a dos naturalistas-amadores <sup>187</sup>), bem como da aquisição comercial de produtos naturais europeus por intermédio da rede diplomática <sup>188</sup>.

---

Instrumentos, e aprestes do mesmo Jardim: Outro Inventario em forma de Cathalogo das differentes Produccoens Naturaes, e que constituem a massa do Museo; fazendo de hum e outro Inventario carga em Receita ao Administrador do mesmo Jardim: Alem destes Livros dos Inventarios, se formarão mais todos aquelles, que se fizerem necessarios para melhor clareza da Despeza, que se houver de fazer, e todos elles serão escripturados pelo dito Escrivão, seguindo o mais que possivel for o arranjo e methodo mercantil; guardando porem, em quanto for applicavel, o que se acha disposto no Regimento da Casa das Obras, e Paços Reaes, e por elle se dirigirá na fiscalizaçõ desta incumbencia por ser privativo della" (*Livro de Registo dos Decretos*, MCUL).

<sup>185</sup> Leopoldo Collor Jobim (*Os jardins botânicos no Brasil colonial*, 1986, pp. 70-71) a partir da consulta dos *Ofícios dos Vice-Reis do Brasil; Índice da Correspondência Dirigida à Corte de Portugal* [Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1971], afirma que "entre 1763 e 1807 as remessas são constantes; entre 1781 e 1783 são 41 despachos".

<sup>186</sup> O *Livro de Registo dos Decretos* documenta a colaboração, por exemplo, dos bispos da Madeira e de Pernambuco neste esforço naturalista, ambos no ano de 1800: "O Ill. mo e Ex. mo Senr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho quer saber do Senr. Doutor Alexandre Rodriguez Ferreira se recebeu há tempo hua Caixa com sua chave, que da Ilha da Madeira remetteo o Bispo que continha algumas flores, e curiosidades daquella Ilha, da qual veio encarregado Joze Joaquim de Vasconcelos; por que Sua Alteza Real disse a Ex. <sup>a</sup> os dias passados, que a não tinha visto. Secretaria de Estado em 18 de Junho de 1800". O segundo escreve a saber se os produtos enviados para o Real Museu "já estão entregues".

<sup>187</sup> Era frequente o naturalista-amador utilizar a administração colonial como intermediária na remessa de productos colectados: "(...) Tendo-se recebido neste Real Museo em o mez de Outubro de 1798 a remessa do C.el Francisco Antonio Rabello, em 22 volumes de Productos naturaes, que entregou o cap.m João de Araujo Sylva. (...) querendo V. Ex.<sup>a</sup> continuar a encarregallo de remessas desta natureza, pode fazer-lhe certo, que de tudo q.to elle remetteo, está o Real Museo presentemente provido com abundancia, e o q. ainda lhe falta, são das differentes Minas, e Pedras preciosas daquella Cap.<sup>a</sup> amostras sufficientes" (*Carta de Alexandre R. Ferreira a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (9 de Junho de 1800)*, AHU, *apud* A. P. de Lima, *ob. cit.*, 1953, pp. 368-369).

<sup>188</sup> "Foi assim que durante o reinado de D. Maria I se procurou obter da Rússia, por intermédio do embaixador Horta Machado, certos exemplares de História Natural para virem figurar no gabinete museológico (...). A primeira nota que recolhemos sobre o assunto data de 25 de Outubro de 1785. Horta Machado, em carta de Petersburgo, escreve para Martinho de Melo e Castro, em Lisboa: 'já fiz as recomendaçõens precisas para poder mandar na Primavera proxima a V. Ex.<sup>a</sup> alguns caixotes de

A partir pois do *Inventário* é possível contabilizar o número de espécimes de cada colecção depositada, naquele particular momento, nas reduzidíssimas instalações do Gabinete régio. O quadro de arrumação temática dos objectos inventariados reproduz, por um lado, a lógica conceptual de organização taxonómica das colecções e a da sua exibição cénica e, pelo outro, a da 'arquitectura' das dependências (Gabinete do Museu, Gabinete da Biblioteca; Casa do Desenho; Casa do Laboratorio; Casa das Preparações; Armazem de Reserva).

No acervo dos produtos naturais respeita-se a tradicional divisão por reinos da Natureza (animal, vegetal e mineral) discriminando e enumerando as classes, os géneros e as espécies lineanos <sup>189</sup>: 7 732 animais, entre *mamaes* -196; *aves* -1 250; *anfíbios* - 601; *peixes* - 1 230; *insectos* 282 (englobando uma colecção oriunda da Suécia); *vermes sem concha* - 161; *com conchas* - 4 173; um sem-número de *sementes, raízes, óleos, gomas, resinas*, seis diferentes *herbários* da Ásia, África e América com 8 328 pastas; 4 396 pés de plantas, 1 382 *pedras* arranjadas, além de que "de todas as ordens e generos

---

produçoens naturaes da Russia para o Gabinete de Sua Alteza Real'. O envio da primeira remessa é anunciado pelo nosso embaixador em carta de 8 de Julho de 1786 e constou de treze grandes caixas das quais cinco com uma colecção valiosíssima de 1664 amostras de minerais, e oito com exemplares de animais (mamíferos e aves) em número de 80, entre os quais um lince oferecido pelo conde de Cheremetiev e um lobo oferecido pelo marechal-general Razoumovski. No ano seguinte, em ofício de 6 de Julho, informa o nosso embaixador de que tomou a iniciativa de enviar mais uma colecção de 'passaros empalhados' por ser pouco dispendiosa, embora não tivesse recebido ordens para novas aquisições. Assim vieram para Lisboa mais dois caixões com 50 exemplares de aves para o Gabinete de História Natural. Em 1788 Horta Machado envia mais uma vez para Lisboa outra remessa, que supomos tenha sido a última, de seis caixas com animais empalhados, em número de 27, e de 26 exemplares de minerais. Infelizmente o navio que os transportava, navio português com tripulação portuguesa, naufragou pouco depois da partida, nas costas da Finlândia, tendo-se perdido todos os exemplares que levava à excepção de sete amostras de minerais que saltaram das caixas arrombadas pela fúria do mar e se encontraram dispersos na costa marítima" (Rómulo de Carvalho, *Relações entre Portugal e a Rússia...*, 1979, pp. 165-167).

<sup>189</sup> "L'arrangement, dit M. Daubeton [garde & démonstrateur du *cabinet du Roi*] le plus favorable à l'étude de l'Histoire naturelle, seroit l'ordre méthodique qui distribue les choses qu'elle comprend, en classes, en genres, & en especes; ainsi les animaux, les végétaux, & les minéraux, seroient exactement séparés les uns des autres; chaque regne auroit un quartier à part. Le même ordre subsisteroit entre les genres & les especes; on placeroit les individus d'une même espece les uns auprès des autres, sans qu'il fût jamais permis de les éloigner. On verroit les especes dans leurs genres, & les genres dans leurs classes" (D. Diderot, *Cabinet d' Histoire naturelle*, 1751).

de Pedras e terras, que têm vindo do Brasil e de África, existem no sobredito armazém amostras ainda encaixotadas como vieram, sendo os caixões em número de 173"; 464 *cristais* arranjados; 492 "exemplares das cristalizações ou modelos em gesso das figuras dos cristais segundo a cristalização de Mr. Romé de Lisle"; amostras de *ouro* (folhetas, ouro em pó, barras) com seus valores calculados; 1 096 *metais*; 107 *petreficados*, num total de todas as amostras de *pedras, minas e fósseis*, já arranjados, de 6 552.

O Museu dispunha também no seu acervo de "artefactos da industria humana": 3412 objectos entre amostras da *etnografia africana* ("armas de tiro; de bater de perto, instrumentos musicais; marciaes; ornamentos; móveis e alfaias"), *americana* (dividida em "Dos Indios Civilizados" e "Dos Indios Selvagens") e *de Timor*. E ainda *medalhas e moedas, ídolos, ornamentos, vestuário, curiosidades industriais* (porcelana, louça da China, etc) <sup>190</sup>.

Nas "Casas Anexas", igualmente inventariadas, destaca-se uma Biblioteca contendo 307 *livros e manuscritos* ("De Historia natural Geral e Particular") <sup>191</sup> e a "Casa do Desenho" com 2 670 *desenhos*, dos quais 1 015

<sup>190</sup> Estes objectos 'da industria', de origem chinesa e timorense, podem ter chegado à Ajuda em resultado do pedido feito, através da administração colonial portuguesa naquela região, na década de oitenta: "Todos os instrumentos musicaes, q. uzaõ os Chinas. Vestidos, Sapatos, e Xapeos de seu uso segundo a sua Jeraquia. Todos os productos naturaes viraõ em caixas, e particularmente as plantas do Mar, he preciso que sejam condecionadas de modo que naõ se quebrem = o que se quer he que todos os productos que se remeterem a este Rial Gabinete se achão com os nomes nacionaes e o lugar onde foraõ achados" (*Relação dos productos naturaes, e do que se quer para o Rial Gabinete d' Ajuda dos Continente de Goa, Macao, e das Ilhas de Timor [1789]*, AHU, Reino, Maço 2701, "Jardim Botânico"). Também, em 1802, se registará no Museu a chegada de uma caixa enviada de Macau com um presente do Rei da Ilha de Borneu - "parece são Armas" (*Livro de Registo das Ordens*, MCUL).

<sup>191</sup> A Biblioteca é um dos equipamentos da Ajuda que mais elogios merecerão ao sempre exigente Brotero, por corresponder às necessidades do trabalho científico: "A Bibliotheca apenas se acha principiada, e consiste em hum pequeno Gabinete de alguns Livros classicos, antigos e modernos, de Historia natural, Zoologia, Botanica, e Mineralogia; esta instituição foi feita com muito acerto, e conforme o que geralmente se practica em semelhantes Estabelecimentos, mesmo ainda nos dos mais pequenos Reinos da Alemanha, como por minha proprias observações posso attestar. Os Naturalistas sem os Livros proprios da sua profissão não podem progredir no conhecimento do que nella há de novo; nos diferentes ramos de Historia Natural todos os dias se estão fazendo e publicando novos descobrimentos; nas grandes Bibliothecas he rarissimo achar algum Livro, que delles tracte, e as posses dos Naturalistas não são proporcionadas ás despezas de compras de taes livros; he por tanto indispensavel que haja alguma Bibliotheca privativa destinada a conter estas Obras da sua respectiva Literatura, e nenhua mais propria para isso do que a dos grandes Museus e Jardins Botanicos, a querer-se que estes Estabelecimentos

da expedição do Pará, 24 da expedição de Angola, 16 das viagens a Moçambique, além de figuras de aves da China, figuras da Ásia e de diversas procedências <sup>192</sup>.

Se é indiscutível que este tipo de fonte assume uma importância transcendente por captar a essência setecentista de um *museu em tempo de viagem* - os valores culturais do coleccionismo, a nomenclatura e a sistemática científicas, a lógica de organização do espaço e o desempenho nos projectos da Coroa <sup>193</sup> - no entanto, do estrito ponto de vista da museologia naturalista, haveria que ponderar a validade documental (ou, ao menos, os limites) do *Inventário*, tal como das inúmeras *relações* de remessas depositadas nos arquivos <sup>194</sup>.

A reflexão que importa, pois, introduzir é a de que, sendo a natureza material da maioria dos objectos inventariados extremamente perecível - de

---

subsistão no Reino, e que a Nação tenha Naturalistas bem acreditados, como tem todas as Nações da Europa" (*Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro (16 de Novembro de 1822)*, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, 1821-1833).

<sup>192</sup> Uma síntese e avaliação do conteúdo deste *Inventário* pode ser encontrada em: Ângela Domingues, *Viagens de exploração geográfica na Amazónia em finais do século XVIII: política, ciência e aventura*, 1991, pp. 67-69; e Maria Margueret Lopes, *ob. cit.*, 1997, pp. 32-34.

<sup>193</sup> "Despite Link's opinion (1805) on the relative modesty of the Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, the institution seems, from the 'Inventory' [de A. R. Ferreira], to have had a planned structure, and to have been well organised and perfectly set in the 18th century concept of natural history. The 'Inventory' is of notable interest for several reasons. Apart from providing an understanding of the way a natural history institution was organised in the 18th century, and its principal scientific influences, it constitutes a record of the collections carried out by Portuguese naturalists, especially in Amazonia, since it was prepared following Alexandre Rodrigues Ferreira's return from Brazil (...)" (Carlos Almaça, *A natural history museum of the 18th century: the royal museum and botanical garden of Ajuda*, 1996, pp. 15-16).

<sup>194</sup> A mais importante fonte seriam os dois livros de registo que existiam na Biblioteca do Museu da Ajuda e que são dados como desaparecidos em 1837: "N. 7 *Livro de Registo das relações dos productos naturaes recebidos da Ilha da Madeira*" e "N. 14 *Livro de Registo das relações dos productos naturaes recebidos da Azia e Africa*" (*Autos do Inventario ....*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, "Academia Real das Ciências. Ofícios. 1837-1843"). As fontes hoje disponíveis encontram-se nos seguintes arquivos: MCUL (Museu de Ciência da Universidade de Lisboa); AHMB (Arquivo Histórico do Museu Bocage); AHU (Arquivo Histórico Ultramarino); BNRJ (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro). Cremos também que no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro se poderá encontrar alguma desta documentação.

delicada conservação física, sobretudo os classificáveis nos reinos *orgânicos* (fauna e flora) - estas listagens não podem constituir senão uma informação volátil, datada no tempo e, assim mesmo, incompleta <sup>195</sup>.

Para mais, não existindo sequer catálogos impressos (ou até manuscritos) que, de cada momento da vida da instituição, pudessem ajudar hoje os naturalistas - empenhados na pesquisa do património bio-genético das espécies e na reconstituição das estruturas geológicas da Terra que as abrigavam <sup>196</sup> - a estabelecer quer a relação quantitativa entre existências em depósito e objectos em exibição (ostentando estes, obrigatoriamente, os competentes "bilhetes" <sup>197</sup>), quer a apurar a importância científica dos espécimens incorporados se, nos catálogos, houvesse descrição em curtas

<sup>195</sup> "Ce qu'il a de plus desagréable sont les soins que l'on est obligé de prendre pour conserver certaines pieces sujettes à un prompt dépérissement; l'on ne peut être trop attentif à tout ce qui peut contribuer à leur conservation, parce que la moindre négligence peut être préjudiciable. Les minéraux en général ne demandent que d'être tenus proprement, & de façon qu'ils ne puissent pas se choquer les uns contre les autres, il y en a seulement quelques uns qui craignent l'humidité, comme les sels qui se fondent aisément, & les pyrites qui se fleurissent, c'est-à-dire qui tombent en poussiere. Mais les animaux & les végétaux sont plus ou moins sujets à la corruption" (D. Diderot, *Cabinet d' Histoire naturelle*, 1751); "Pode calcular-se como era cousa de pouco tempo o aniquilamento completo de colecções inteiras, sabendo-se a falta de pessoal, de materiaes e de conhecimentos technicos n'essa epocha" (J. Bethencourt Ferreira, *O museu de historia natural de Lisboa*, 1892, pp. 343-344).

<sup>196</sup> "Many millions of geological specimens are contained in geological museums throughout the worl. These collections, some of which date back to the sixteenth century, constitute a rich resource for historians of the geological sciences. The utilization of this resource has been uneven, due to a number of factors, including the background of the research, and the state of the collections. In the past two decades major strides have been made in the documentation of collections in held in British museums, and compendia, including those for collections in other counstries, are now available. Geological collections provide quality primary source material, and can shed light on a range of interesting topics including the nature and scope of geological travels, the often complex relationships between geologists and collectors, and the rationale behind the formulation of geological theories by earlier geologists" (Patrick N. Wyse Jackson, *Geological Museums and their Collections: Rich Sources for Historians of Geology*, 1999, p. 417).

<sup>197</sup> "Bilhetes" são, na linguagem da época, 'etiquetas' que ostentariam a identificação do espécimen exibido. "Toute ces collections sont rangées par ordre méthodique, & distribuées de la façon la plus favorable à l'étude de l' *Histoire naturelle*. Chaque individu porte sa denomination, & le tout est placée sous des glaces avec des étiquettes, ou disposé de la maniere la plus convenable" (D. Diderot, *Cabinet d' Histoire Naturelle*, 1751). No AHU encontra-se depositado um curioso documento relativo a *Recibos assinados por Júlio Mattiazzi relativos a 'Bilhetes para o Museo' (1787-1789)*, Reino, Maço 2701, "Jardim Botânico".

diagnoses, ilustração com desenho naturalista (as “estampas”), e classificação taxonómica <sup>198</sup>. Ou seja, não é possível hoje, a partir somente do *Inventario*, apreender a real dimensão do Museu régio da Ajuda enquanto arquivo da biodiversidade e de lugar de elaboração da Sistemática do mundo natural <sup>199</sup>.

Visto nesta perspectiva, talvez se afigure mais inteligível o genuíno espanto e o entusiasmo científico (sem se validar, entenda-se, a atitude predadora ainda que em contexto de guerra) de um naturalista como E. Geoffroy Saint-Hilaire quando, em Maio de 1808, estabelecer contacto físico com as colecções da Ajuda no seu ‘estado bruto’ <sup>200</sup>: “Je viens de visiter les collections d'histoire naturelle de la Youda [Ajuda]. J'ai vu un ensemble qui a passé toutes mês espérances. ” <sup>201</sup>; “ Tous les coffres de ses magasins

---

<sup>198</sup> O criticismo de Brotero face à prestação científica global dos nossos museus de história natural (da Ajuda e da Universidade) vai neste sentido, quando em prefácio à tradução portuguesa de uma obra de Cuvier afirma que: “Naõ temos hum só Zoologista pratico em Portugal, que se possa consultar, nem escritos alguns em Portuguez, que tratem tanto dos animais do Reino, como dos das suas Colonias, ou dos paizes estrangeiros, por classificaõ e caracteres zoologicos distinctivos. Nos Muséos de Coimbra e Lisboa estabelecidos neste seculo passado só se tem cuidado até agora em obter, e accumular productos das nossas Colonias e paizes estrangeiros, em os pôr em classes, e lhes ajuntar, a alguns do modo possivel, os nomes Linneanos, saõ nelles rarissimos os nomes Portuguezes, assim como os productos de Portugal. Toda a Nomenclatura zoologica Portugueza corresponde em cento e tantos nomes, que o Dr. Vandelli publicou em huma Memoria impressa nas Actas da nossa Academia de Sciencias, nomes de especies muito sabidas, e vulgares, e mesmo assim nem todos exactos” (F. A. Brotero, *Prefacção do nomenclador portuguez*, 1815, t. I, pp. X-XI).

<sup>199</sup> “Inizialmente, dunque, il museo di storia naturale aveva come scopo principale quello di completare la descrizione del mondo naturale, di conservare nelle proprie collezioni la documentazione della sua varietà e di ordinare questa varietà in sistemi di classificazione. (...) la funzione dei musei in campo scientifico è sempre stata quella di essere un archivio della natura e quella di organizzare questo archivio in classificazioni naturali” (Cfr. G. Pinna, *Fondamenti teorici per un museo di storia naturale*, 1997, pp. 33-34).

<sup>200</sup> Verifica-se em testemunhos da época que se criara, com maior ou menor exagero, a ideia de que ali estariam depositadas riquezas naturais de valor incalculável, mas armazenadas e, por isso, longe dos olhares: “On assure qu'il existe en dépôt des richesses naturelles, immenses et inconnues, rapportées du Brésil sur les vaisseaux de l'état” (H. Ranque, *Lettres sur le Portugal*, 1798, pp. 64-66).

<sup>201</sup> *Carta de Geoffroy Saint-Hilaire aos professores-administradores do Muséum (Lisboa, 19 de Maio de 1808)*, apud E.-T. Hamy, *La mission de Geoffroy Saint-Hilaire en Espagne et en Portugal (1808). Histoire et documents*, 1908, pp. 43-44.

viennent de m'être ouverts. (...) J'ai vu plusieurs herbiers (...). Tous sont vierges, on ne s'est pas donné la peine de les ouvrir: ni une plante, ni une idée botanique n'en sont sorties. (...) Je vous ai vanté, mès chers collègues, le Cabinet et je persiste encore plus dans cette opinion, à présent que je l'ai examiné plus en détail: mais ce n'est rien, en quelque sorte, en comparaison des magasins. Des caisses en bon nombre sont pleines dans leurs différents tiroirs, les unes d'insectes, les autres d'oiseaux, celles-là d'herbiers, celles-ci de minéraux, de produits chimiques, etc... (...)" <sup>202</sup>

Aliás, a consciência de que o *Inventário* enquanto tal possuía um carácter essencialmente administrativo, não se substituindo à elaboração naturalista do Catálogo <sup>203</sup>, encontra-se explícita no Decreto de 27 de Maio de 1795 quando determina que deve existir no Real Museu "outro Inventario em forma de Cathalogo das diferentes Produçoens Naturaes, e que constituem a massa do Museo" <sup>204</sup>.

Na *Relação* vandelliana - datável desse mesmo ano - o Director assumirá mesmo que: "este Muséo não tem ainda Catalogo, e os nomes, que algumas produçoens tem, necessitão de ser novam.te examinados. Eu já fiz o Catalogo dos Peixes; os Naturalistas antes de hirem a viajar nas colonias completarão aquelle das Conchas, e das Aves, que naquelle tempo existião e o Jardineiro auxiliado das estampas foi pondo nome a maes algumas produçoens; allém dos Catalogos dos Mineraes, que vierão de Inglaterra, Alemanha, e Russia. (...) E fazer-se hum geral Catalogo revendo-se, e examinando-se tudo" <sup>205</sup>.

Não saberemos afiançar se o "geral Catalogo" do Museu aqui prometido pelo naturalista italiano terá alguma vez visto a luz do dia, já que não

<sup>202</sup> *Carta de Geoffroy Saint-Hilaire aos professores-administradores do Muséum (24 de Maio de 1808)*, apud E.-T. Hamy, *ob. cit.*, 1908, pp. 44-46).

<sup>203</sup> "Il primo segno della labilità dell'opera-collezione è nel catalogo (...). Il catalogo è un prezioso strumento attraverso il quale possiamo ritrovare il progetto della collezione, l'ordine che le è sotteso e nei casi più fortunati anche il rapporto tra gli oggetti e lo spazio, il modo di esporre la raccolta, i contenitori" (Adalgisa Lugli, *Museologia*, 1996, p. 71).

<sup>204</sup> *Livro de Registo dos Decretos*, MCUL.

<sup>205</sup> Domingos Vandelli, *Relação da origem, e estado prezente do Real Jardim Botanico, Laboratorio Chymico, Museo de Historia Natural, e Caza do Risco*, s/d, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444 [1795].

encontrámos rasto documental da sua existência, nem provar que a solicitação de Sousa Coutinho, em Julho de 1802, tenha obtido resposta material: “Manda (...) que V. M. ce me remetta com a possível brevidade o Catalogo das Plantas, que há no referido Jardim, e o das Peças de Mineralogia, que existem no Museo”<sup>206</sup>.

Apenas conseguimos apurar que, no seguimento da prisão de Vandelli - implicado na *Setembrizada* de 1810 que marcará o seu afastamento definitivo da Ajuda -, será elaborado um *Catalogo de todos os animaes, e mineraes, que se achão arrançados nos trinta e dois armarios, e quatro banquetas do Real Muzeu. Feito em Dezembro de 1810*<sup>207</sup>. Julgamos poder atribuir a autoria do manuscrito ao mineralogista José Bonifácio de Andrada e Silva (1755-1838) investido no Museu - por Real Aviso de 10 de Outubro - de uma “comissão extraordinária e diligência”, sendo na oportunidade avisado o vice-director, Alexandre R. Ferreira, para que “tudo lhe seja franqueado e posto à disposição”<sup>208</sup>.

Ora, será o próprio Bonifácio (num banal parecer administrativo) a esclarecer o verdadeiro objectivo desta ‘comissão de serviço’ relacionada, afinal, com os temores régios de nova incursão napoleónica, explicando-se assim que o prestigiado Intendente-Geral das Minas e Metais do Reino tenha procedido ali à revisão e actualização do sistema de registo<sup>209</sup>. Operação

---

<sup>206</sup> *Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a D. Vandelli (12 de Julho de 1802)*, in *Livro de Registo dos Decretos*, MCUL.

<sup>207</sup> Referência à sua existência manuscrita (com o N.1 na divisão dos *Catalogos* na Biblioteca do Museu) nos *Autos do Inventario* ..., ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, “Academia Real das Ciências. Ofícios. 1837-1843”.

<sup>208</sup> *Carta do Conde de Redondo para Alexandre Rodrigues Ferreira (10 de Outubro de 1810)*, in *Livro de Registo dos Decretos*, MCUL.

<sup>209</sup> Não deixa de ser significativo da ligação de Bonifácio ao Museu da Ajuda, na sua condição de especialista em classificações mineralógicas, a referência que lhe faz um viajante italiano (geógrafo-estatista de Florença) ao desejar que ele (ou algum dos seus dois colegas do périplo europeu) ali pudesse corrigir algumas classificações, nomeadamente a da inscrição no famoso cobre nativo da Caxoeira: “Reca veramente sorpresa che in una delle più ragguardevoli capitali europee, debba trovarsi in un museo reale una simil classazione di minerali, ma il professore Vandelli, che li distribuì poco dopo il 1770, non potè in seguito riformarla, distratto essendo da molte altre attribuzioni; ed il di lui successore Brotero, che da cinque anni trovasi alla direzione di quello stabilimento, non può, come dissi, nella sua avanzata età porsi ad un’impresa così laboriosa. Siccome però fino dal 1790 furono inviati dalla regina a proprie spese



museográfica que, na contingência histórica em que decorre a ameaçadora invasão comandada por Massena, não poderia senão assumir um carácter urgente e prioritário: "Sendo encarregado (...) de tomar Conta do Real Museo e Jardim Botânico d'Ajuda, e escolher, e recolher os Productos que se deverão por a salvo em qualquer invasão possível do inimigo, e de outros objectos desta Comissão e deligencia do Real Serviço" <sup>210</sup>.

Já no capítulo do tratamento documental do material vegetal vivo o quadro se apresenta diverso, sendo inúmeros os Catálogos parcelares e gerais que sabemos terem sido elaborados pelos responsáveis científicos, desde a criação do Real Jardim Botânico, em 1768, até à delegação da sua inspecção económica e científica à Academia Real das Ciências, em 1836 <sup>211</sup>.

De facto, logo a 11 de Janeiro de 1771, Domingos Vandelli - na sua condição de *Horti Regii Exoticarum Plantarum Praefecti* - concluía um magnífico volume, com 172 páginas manuscritas e 7 estampas de plantas, com o sugestivo título de *Hortus Olisiponensis Exhibens Plantas Exoticas Horti Regii specimenque Historie Naturalis Lusitaniae Cum novis Generibus et Specibus*

---

tre giovani naturalisti in Alemagna, in Inghilterra ed in Francia per istruirsi in mineralogia, ed i nomi di Camara, d'Andrada, Fragoso occupano ora un posto distinto in quella scienza da essi fatta fiorire in Portogallo; non è quindi improbabile che alcuno dei loro scolari venga destinato alla nuova classazione, mercè della quale può divenir quel museo uno dei più belli di Europa" (Attilio Zuccagni Orlandini, *Delle Scienze fisiche in Portogallo*, 1817, pp. 17 e sgs.).

<sup>210</sup> *Atestado de José Bonifácio de Andrada e Silva apenso a requerimento de João Francisco Peres (27 de Março de 1811)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, (1821-1833). Já durante a direcção de F. A. Brotero será elaborado o *Catalogo das Aves e peixes do Real Muzeu. Feito em 3 de Março de 1814* (Cfr. *Autos do Inventario ....*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, "Academia Real das Ciências. Ofícios. 1837-1843"). A memória desta missão de Bonifácio enquanto 'classificador' aparecerá registada em forma de sátira pela pena de José Agostinho de Macedo: "No Museu do Palacio agora entremos: Aqui tenho o meu throno, e sou Rainha. É este o Busto do Sandeu Vandelli, Aquella estatua Bonifacio Andrade; Os tres Reinos aqui classificaram, Ordenadores Commissarios ambos. Vai vendo filho meu, sôbre os armarios Dos subaltemos na sciencia inutil Os Bustos, em argila, em greda, em humus, Dos correios da morte em longo fio, Aqui ves os retratos na direita; Do Museu da Sandice enfeites dignos!" (*Os burros ou o reinado da sandice; poema heroi-comico-satyrico en seis cantos*, 1827, pp. 69-70). Vide também Maria Estela Guedes, *Domingos Vandelli & Agostinho de Macedo*, 1995.

<sup>211</sup> Cfr. "Decreto de 27 de Agosto de 1836" in *Diario do Governo*, n. ° 209, 3 de Setembro de 1836, p. 1015.

<sup>212</sup>. Este primeiro Catálogo da Ajuda - que anexava uma listagem de minerais (*Mineralogiae Specimen*) e outra de animais (*Faunae Specimen*) - elencava mais de cinco mil espécies vegetais divididas em três capítulos: - *Nova Plantarum Genera; Classis I-XXIV; Florae Lusitanicae Specimen* <sup>213</sup>.

No entanto, o período de ouro na produção de catálogos botânicos será o que corresponde à direcção de Félix de Avelar Brotero (1811-1828) compreensivelmente mais vocacionado para o estudo da flora do que para a fauna ou para a geognose <sup>214</sup>. O último Catálogo geral (o primeiro fora levantado logo em 1811), cujo manuscrito se encontrava depositado na Biblioteca do Museu juntamente com tantos outros de carácter parcelar <sup>215</sup>, viria

<sup>212</sup> BN (Biblioteca Nacional), Códice n.º 3750.

<sup>213</sup> " (...) plantas, que certamente nos primeiros annos passavão de cinco mil espécies, como aparece de hum Catalogo do Jardim, q. já apresentei não são muitos mezes ao Marquez Mordomo (Domingos Vandelli, *Relação da origem....*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444 [1795]). Também se refere a este Catálogo, por exemplo, na *Memoria sobre huma publica instrução agraria [1788]*, AHMOP (Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas), Ministério do Reino, Maço 36/37, (1777-1794). Um artigo publicado por um periódico português, nos inícios do séc. XIX, referia-se assim à biodiversidade da Flora: "Botanica he aquelle ramo de Historia Natural, que comprehende todos os habitantes do Reino vegetal, que he muito mais rico que o animal. As plantas se tem arranjado debaixo de 24 classes: as especies de plantas, que se conhecem actualmente são 50 000, e o seu numero cresce diariamente ao passo que os Botânicos examinão aquellas regiões, de que apenas temos hum conhecimento imperfeito" (*O Redactor*, 1803, pp. 29-30).

<sup>214</sup> Attilio Zuccagni Orlandini, avaliando a prestação científica de Brotero à frente dos estabelecimentos da Ajuda, escreverá que sendo ele "uno dei più grandi botanici di Europa, e reso ormai immortale per la sua *Flora Lusitanica*, passando dalla cattedra di Coimbra al posto di direttore del R. Museo ne ha da cinque la direzione, ed ha potuto così contribuir non poco alla sua floridità; le circostanze però non sono state fin qui egualmente favorevoli al museo di storia naturale annesso al R. Giardino perciò appunto che il genio del professore Brotero predominante per la botanica, e molto più la sua avanzata età unita ad una salute facilmente alterabile, l'obbligano suo malgrado a trascurarlo, non avendo neppure un aggiunto o sostituto a cui potere affidare la nuova sistemazione di cui ha necessità quello stabilimento" (*Ob. cit.*, 1817, pp. 17 e sgs.). Contudo, a partir de um estudo de Brotero publicado nesse mesmo ano de 1817, no *Jornal de Coimbra*, e intitulado *Noções historicas das phocas em geral e particular. Com as descripções das que se conservão no Real Museu do Paço de Nossa Senhora da Ajuda*, alguns autores têm chamado a atenção para os seus dotes como zoólogo. Vide Balthazar Osório, *Algumas notas inéditas e pouco conhecidas acerca da vida e obra de Félix d'Avelar Brotero*, 1918; e Carlos Almaça, *Baleias, focas e peixes-bois na história natural portuguesa*, 1998.

<sup>215</sup> "N. 2 *Catalogo das Plantas que se achavão no Real Jardim Botanico, em 1811*; N. 3 *Catalogo das Plantas que estão plantadas nos alegretres da Estufa primeira*; N. 4 *Catalogo das Plantas que estão plantadas nos alegretes da Estufa segunda*; N. 5

a ser publicado, entre 1836 e 1838, pelo *Jornal da Sociedade Pharmaceutica de Lisboa*, reproduzindo a original designação broteriana de *Catalogo Geral de todas as Plantas do Nacional e Real Jardim Botanico d'Ajuda, feito com assiduas observaçoens de muitos annos*<sup>216</sup>.

*Catalogo geral de todas as plantas do Real Jardim Botanico da Ajuda, destruidas segundo o systema de Linneo da edição do D.or Willdennow; feito com assiduas observaçoens de muitos annos athé ao presente, por Felix d'Avellar Brotero; N. 7 Catalogo das plantas mais celebres desta Ilha (da Madeira) pela maior parte conhecidas de Linneo; N. 8 Catalogo dos nomes das plantas que levarão as caixas que se prepararão no Real Jardim Botanico da Ajuda para o Real Jardim Botanico da Universidade de Coimbra, remettidas em 27 d'Abril de 1823; N. 11 Conspectus Plantorum, quarum semina desiderantur. Cur. F. de A. Brotero; N. 13 Flora Madeirensis" (Autos do Inventario ...., ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, "Academia Real das Ciências. Officios. 1837-1843"). Na Biblioteca do Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra encontra-se depositado um manuscrito de Brotero intitulado: *Horti Regi. Olisiponense ad Aulam Regiam in Ajuda siti, novarum, rariorum minus cognitarum stirpium descriptiones iconibus illustrate (s/d)*.*

<sup>216</sup> t. I, 1836, pp. 233-241; 283-289; 338-346; 445-452; 492-496; 613-620; t. II, 1838, pp. 46-52; 184-191; 257-265. O manuscrito encontra-se na BACL (Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa), *Catálogo geral de todas as plantas do Real Jardim Botânico*, Ms. 1835, Série Azul. "Tenho a honra de remetter a v. ex.<sup>a</sup> o catalogo das plantas que n'este real Jardim se cultivam, o qual acabo de concluir depois de quatro annos de observaçoens assiduas, porque, quando aqui entrei a servir, não achei catalogo algum, nem geral nem particular, mas tão sómente a memoria do jardineiro, fraca e cheia de erros, e o mesmo me succedeu proporcionalmente no Muzeu, que se podia chamar uma vasta desordem de bellas cousas. No catalogo, que remetto, segui a nomenclatura e correcçoens feitas pelo professor de Berlim, meu correspondente, por ser o melhor auctor moderno da eschola Linneana; por elle poderá o Dr. Antonio José das Neves facilmente saber as plantas que há n'este real Jardim, e as que precisa que d'aqui lhe sejam remmetidas em caixotes ou em sementes para enriquecer esse Jardim Botanico da nossa faculdade, cujo progresso v. ex.<sup>a</sup> tanto promove, e eu desejo auxiliar em tudo o que presentemente há n'este real Jardim, mas tambem o que me vier das nossas colonias ultramarinas e dos paizes estrangeiros, cujos numerosos botanicos começam actualmente por cartas a solocitar a minha correspondencia, a qual farei pela secretaria de estado dos negocios estrangeiros, como Sua Alteza Real tem determinado. (...) actualmente, por ordem do ex.mo marquez de Borba, todos os discipulos do celebre Bartolosi estão gravando os desenhos de muitas plantas raras, que devem formar o tomo 1.º da minha *Phytographia Lusitana*, que é a illustração da minha *Flora Lusitana* com estampas e extensas descripçoens latinas: n'esta obra, que espero se pricipiará n'este anno a imprimir na impressão regia, são contidos os desenhos que fez Queiroz em Coimbra, e outros mais que mandei fazer pelos desenhadores effectivos d'este real Muzeu e Jardim Botanico. No serviço deste dois reaes estabelecimentos faço há quatro annos os logares e obrigaçoens dos doutores Vandelli e Alexandre, os quaes annualmente estão percebendo um conto de réis, e eu por servir por elles tão somente percebo essa mediocridade que me dá a Universidade, porque os escassos tempos de guerra, em que fui provido, não permittiram outra cousa" (Félix de Avelar Brotero, *Carta a D. Francisco de Lemos (27 de Fevereiro de 1815)*. Vide, igualmente, "Classificação das plantas do Jardim Botanico da Ajuda", *Revista Universal Lisbonense*, n.º 29, Janeiro

14. Há, no *Livro de Registo dos Decretos*, a cópia de uma carta oficial do ministro Sousa Coutinho dirigida a Domingos Vandelli em resposta a uma *Representação* que este fizera ao Príncipe Regente, a 31 de Outubro de 1801, abordando múltiplos assuntos relativos à vida interna dos estabelecimentos museológicos da Ajuda e para os quais o Director - manifestando ainda notável vigor e empenho profissionais - pedia urgentes providências régias<sup>217</sup>. Entre a abundante correspondência daquele homem de Estado dirigida aos naturalistas, esta comunicação merece especial relevo documental por permitir fixar um conjunto de temas caracterizadores da política científica ilustrada, deixando entrever reveladores fragmentos da vida institucional de uma 'repartição publica' que - sabêmo-lo já - prosseguia objectivos simultaneamente económicos, museológicos e científicos.

As *providencias necessarias* requeridas pelo Director e, em parte, satisfeitas pela governação referem-se a matérias tão diversas quanto: 1. a necessidade de aquisição de livros técnicos para a Biblioteca: "Livros de Zoologia, Mineralogia, e de Agricultura, de que se carece"; 2. a contratação de outro Abridor para a Casa da Gravura, "não havendo outra demora, que a decisão sobre hum muito habil, que se espera de Inglaterra"<sup>218</sup>; 3. a nomeação de um 'oficial' para o Laboratório, mas apenas quando este "se ache em estado de trabalhar, querendo sua alteza Real, que esta nomeação recahia em sugeito

---

de 1853; José Maria Grande, *Passeios ao Jardim Botânico da Ajuda*, 1845; Inácio de Vilhena Barbosa, *Jardim Botânico da Ajuda*, 1862; e António Xavier Pereira Coutinho, *Plantas portuguesas dos herbários de Brotero e de Valorado existentes na Universidade de Lisboa*, 1916.

<sup>217</sup> O original da carta de D. Rodrigo (*Mafra, 9 de Novembro de 1801*) encontra-se depositado no AHMB, CN/C-89.

<sup>218</sup> Refere-se, muito provavelmente, ao italiano Francesco Bartolozzi (Florença, 1727-Lisboa, 1815) que chegaria no ano seguinte vindo de Londres e que acabaria por ser destinado à Escola de Gravura da Imprensa Régia. Sobre a contratação deste artista, veja-se Francisco Cordeiro Blanco, *Uma carta inédita de Vieira Portuense*, 1948: "Não é inverosímil que fossem as elogiosas referências de Vieira [Portuense] a Bartolozzi que levaram D. Rodrigo a reter desde logo o nome do grande abridor, em certo modo se pode dizer que se deve, em grande parte, a Vieira Portuense a vinda de Bartolozzi para Portugal" (*Idem ibidem*, p. 148); "(...) Mais famoso stampador deste Paiz" (...) stampas dos mais classicos abridores como he Bartolozzi" (*Carta de Francisco Vieira Portuense a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (Londres, 17 de Julho de 1798)*, apud *idem, ibidem*, p. 150).

idoneo"; 4. a expropriação de terreno contíguo ao Jardim Botânico, indemnizando o seu proprietário <sup>219</sup>; 5. a construção de novas Estufas para o Jardim, mas pedindo-se que Vandelli fizesse "hum orçamento da despeza em que podem importar (...) principiando pelas mais necessarias" <sup>220</sup>; 6. a limpeza das minas de água: "V. M.ce me informará quem he o encarregado dessa Administração para se lhe darem as competentes Ordens" <sup>221</sup>.

Se todos estas áreas funcionais da instituição (Biblioteca, Casa do Risco, Laboratório Químico e Jardim Botânico) contêm matéria já tratada ao longo da nossa narrativa - assumindo assim um papel de recapitulação e não constituindo, por isso, novidade temática - já o mesmo se não poderá dizer da única providência requerida por Vandelli para as instalações do Museu de História Natural, isto é, a construção de uma nova sala. E aqui o interesse reside não tanto na decisão, previsível, do Presidente do Real Erário de adiar o investimento ("quanto á Sala para o Museu, defferindo-se a sua construcção para tempo mais commodo") quanto, isso sim, na inesperada, porque rara, irrupção do tema do alargamento do espaço de exibição que será sempre, como vimos acima, uma limitação estrutural da instituição <sup>222</sup>.

Depois do incêndio da *Real Barraca*, em 1794 - que não chegou a afectar os anexos museológicos do Palácio <sup>223</sup> - ideou-se a construção, de raiz, de

<sup>219</sup> Cfr. referência a este assunto, bem como à hipótese de se adquirir terrenos na cerca dos Jerónimos para a edificação de novo Jardim, *supra* Cap. IV.

<sup>220</sup> É de supor que o orçamento requerido tivesse sido apresentado rapidamente, pois logo em Dezembro o Ministro recomendava que: "Sobre tudo (...) que veja se pode fazer semear a Semente no Jardim de Lisboa, e se pode para esse fim dar mão á Estufa, que Sua Alteza já Ordenou, e de que lhe remetto o Decreto, para se principiar a Obra. D. Rodrigo de Sousa fica muito prompto para obsequiar, e dar gosto ao Senhor Doutor Alexandre, e espera ir vello hum dia destes" (*Livro de Registo dos Decretos (Dezembro de 1801)*, MCUL).

<sup>221</sup> *Livro de Registo dos Decretos [1801]*.

<sup>222</sup> Cfr. *supra* Cap. IV.

<sup>223</sup> "Também Lisboa possui um pequeno jardim botânico, fazendo parte do palácio real de Belém [Ajuda], que ardeu em 1794; (...) Este mesmo palácio possui um gabinete de história natural que escapou ao incêndio de 1794" (J. B-F. Carrère, *Panorama de Lisboa no ano de 1796*, 1989, pp. 108-109). A *Gazeta de Lisboa*, nos números publicados depois de 7 de Novembro, noticia o evento com abundância de pormenores, transcritos por Ayres de Carvalho, *Os três architectos da Ajuda*, 1979. Também um autor de duvidoso gosto literário, assinado A.M. L., escreveu na ocasião *Ao incendio do Real Palacio de N. Senhora da Ajuda. Ode*, 1794.

novas e mais desafogadas instalações, aproveitando-se o risco do novo palácio. Facto é que o arquitecto José da Costa e Silva (1747-1819) ao fazer a crítica aos planos do seu antecessor, Manuel Caetano de Sousa (1742-1802), delineou uma *Planta Geral do Real Palacio d'Ajuda (1802)* na qual traçava e imaginava toda a implantação à volta da residência real, com Livraria, Museu, a Patriarcal, as estradas de Queluz, os arcos triunfais que seriam erguidos na calçada do Galvão e junto do 'rio seco', com a respectiva estrada em direcção a Lisboa <sup>224</sup>.

Mas (é ainda hoje bem visível) os sucessivos planos nunca serão cumpridos, pairando ali uma atmosfera de irreal transitoriedade. Já em pleno Vintismo, um Brotero alquebrado pela velhice, pela doença e pela descrença nas mudanças anunciadas, recordará às novas autoridades este sonho antigo dos naturalistas, riscado em projecto architectónico de um protegido de D. Rodrigo de Sousa Coutinho: "Os seus armarios, salas e todo o edificio erão muito constrictos, e desproporcionados para tantos productos, e não so por isso, mas tambem porque sendo o Museu destinado para instrucção da Real familia devia ficar situado menos distante do Paço do que está, foi por Ordem Regia determinado que se houvesse de construir para elle hum novo edificio pregado ao Paço, e de maior e mais adequada grandeza; delineou-se o seu respectivo Risco, o qual se acha adjuncto a outros pertencentes ao novo Paço da Ajuda" <sup>225</sup>.

---

<sup>224</sup> "O substituto de Fabri [arquitecto Francisco Xavier Fabri (1761-1817)], pela sua morte em 1817, António Francisco Rosa, em virtude de discussões com o novo Inspector o Conselheiro Joaquim da Costa e Silva, que exigia a citada planta geral, viu-se obrigado a fazer desaparecer os planos de Costa e Silva e copiando-os, deu-os como seus" (Ayres de Carvalho, *Os três architectos da Ajuda*, 1979, Legenda da Cópia da *Planta Geral...*, cap. VIII). O autor reproduz a *Planta* existente no Arquivo Histórico do Ministério das Finanças). É significativo que a *Planta* preveja a construção de acomodações específicas para o Museu, indo de encontro às ideias que sabemos serem as de Sousa Coutinho, o qual teve uma decisiva intervenção na substituição do arquitecto Caetano de Sousa pelo 'italianizado' José da Costa e Silva (Cfr. José-Augusto França, *A arte em Portugal no séc. XIX*, vol. I, 1966, pp. 95-107, e Ayres de Carvalho, *ob. cit.*, 1979, Cap.s II e VIII).

<sup>225</sup> Conclui este assunto defendendo que: "Este plano tarde se poderá pôr em execução, e o estado actual das cousas não permite mesmo que o Museu, que presentemente há, se possa augmentar agora com algumas salas e armarios, posto que deste melhoramento não deixa de precisar" (*Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro (16 de Novembro de 1822)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, 1821-1833).

Ora, a exiguidade do espaço físico inviabilizava (ou, se se quiser, dificultava) um critério de exibição sistemático dos espécimes que se baseasse na sua metódica identificação e classificação taxonómicas. Resulta claro, pois, que a reduzida área dos dois únicos compartimentos do Gabinete sempre se confrontará com a dificuldade em tornar explícito e visível a exposição material das colecções, de acordo com a ordem resultante dos novos princípios teóricos da História Natural setecentista: a colocação dos objectos em vitrinas, armários ou peanhas, a sua repartição por diversas salas, a proximidade que os reúne ou a distância que os separa não poderia ser já, como dantes, arbitrária, porque a Natureza tinha deixado de ser um mundo incompreensível e exuberante para apresentar-se, aos olhos de um século optimista, como um ente sensato nos procedimentos e disciplinado na sua actividade <sup>226</sup>.

À luz deste novo paradigma, os objectos naturais eram considerados produtos de uma vontade criadora e - pressupondo-se que esta vontade os houvesse inserido numa grande cadeia de organismos, fixa no espaço e no tempo - estes objectos eram submetidos a um processo de sacralização semelhante ao que hoje estão sujeitas as obras de arte. Ou seja, na medida em que os objectos naturais eram considerados produções directas do Criador, a ciência não podia senão limitar-se a dar conta da sua existência, procurando fazer delas uma descrição pormenorizada e descobrir, se possível, as relações que o Criador tinha entre elas estabelecido. Não supreeende, por isso, que durante todo o século XVIII e boa parte do século seguinte as exposições dos museus de história natural não pudessem ser *interpretativas*, limitando-se a exhibir inumeráveis séries de objectos visando o único fito então possível de ilustrar a variedade da Criação natural <sup>227</sup>.

---

<sup>226</sup> "Y van a ser los museos naturalistas los primeros y más adecuados para poner en marcha estos principios teóricos. Presididos por la ambiciosa idea de hacer visible la diversidad y las riquezas de la naturaleza, acumulan todos los productos posibles para tener muestras de la totalidad de las especies existentes, para, acto seguido, someterlas a una clasificación que reduce la diversidad aparente y desvelar así un orden oculto, por el que es posible hacer inteligibles los principios universales y simples que rigen su marcha." (María Bolaños, *Historia de los museos en España. Memoria, cultura, sociedad*, 1997, p. 121).

<sup>227</sup> Cfr. Giovanni Pinna, *Fondamenti teorici per un museo di storia naturale*, 1997, p. 57. "Alguém disse que não há nada de mais aristotélico do que um museu de história natural. Foi Jean Brun, que com isso queria traduzir a influência enorme do filósofo

Vandelli, em boa verdade, já equacionara à luz da *sciencia dos muzeus* esta essencial conexão entre objecto, teoria taxonómica e áreas de exibição, com a lúcida consciência de a não poder cumprir nas acanhadas instalações de um Gabinete prevalentemente usado como armazém de amostras úteis: "Como a Caza não foi feita para um grande Muséo, mas som.te p.ra conservar-se as amostras das produções das Colonias q. se analizarão, e experimentarão, p.ra conhecelas, e os seus usos, ou q. ainda se devião experimentar; assim não pode nesta caber em Armarios com distribuição sytematica tudo o que contem este riquissimo Muséo; o qual não inveja pela riqueza, e abundancia de produções naturaes os maes famosos Muséos de Europa" <sup>228</sup>.

Por isso, traçando as grandes apostas estratégicas para o futuro, não desistirá de transmitir um fundamento museológico e científico à sua instituição, defendendo que deveria "aproveitar-se, quanto he possivel, das Cazas contiguas ao Muséo, p.<sup>a</sup> nellas fazer-se armarios de pinho provisionalm.te athé a edificação do novo Palacio, para distribuir-se com systema tudo, o que está ainda fexado nos caixões" <sup>229</sup>.

15. Fixar a disposição cénica das colecções no espaço exhibicional do Real Museu de História Natural da Ajuda - ao longo das suas quase sete décadas de existência - traduz-se num exercício de improvável rigor histórico. Antes do mais devido a uma característica intrínseca a esta tipologia museal,

---

grego, para quem o conhecimento era sobretudo uma questão de classificação e exprimir um mundo de entidades estáticas, hierarquizado e fixo. De facto, os museus de história natural tradicionais reflectem uma classificação, a ordem linneana, ou outra, toda feita de hierarquias, definições e compartimentações que traduziriam a ordem natural" (Germano F. Sacarrão, *ob. cit.*, 1987, p. 24).

<sup>228</sup> *Relação da origem, e estado prezente....*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444 [1795].

<sup>229</sup> *Idem, ibidem*. Há igualmente nesta questão do espaço uma dimensão estética, cada vez mais importante e decisiva ao longo do século: "Et l'on va accorder de plus en plus d'importance à ce côté esthétique. La muséologie est en train de naître, elle s'attache à la présentation des collections et même à l'aménagement des locaux qui doivent les contenir" (Yves Laissus, *Les cabinets d'histoire naturelle*, 1986, pp. 660-661).



que vem a ser a frequente *alterabilidade* quer dos objectos expostos (retirados por razões de deterioração física ou por esbulho, como sucederá em 1803/04<sup>230</sup> e 1808) quer das relações sequenciais estabelecidas entre os objectos no interior das colecções, em caso de incorporação de novos espécimens. Esta especificidade museográfica - que condiciona fortemente o *discurso museal* adoptado (a *ordem* que subjaz à apresentação das colecções, as relações ente os objectos e o espaço, o modo de expor e de acondicionar as produções recolhidas) - tinha já sido luminosamente enunciada na *Encyclopédie*, ao dobrar do século, por Daubenton, 'guarda' e 'demonstrador' do Cabinet du Roi: "Tant qu'on augmente un cabinet d'histoire naturelle, on n'y peut maintenir l'ordre qu'en déplaçant continuellement tout ce qui y est. Par exemple, lorsqu'on veut faire entrer dans une suite une espece qui y manque, si cette espece appartient au premier genre, il faut que toute le reste de la suite soit déplacé, pour que tout le reste de la suite soit déplacé, pour que la nouvelle espece soit mise en son lieu"<sup>231</sup>.

Durante a longa gestão de Domingos Vandelli serão escassas (para não dizer inexistentes) as referências à temática da exibição museal na Ajuda, e os próprios testemunhos de viajantes estrangeiros registam apenas apreciações genéricas sobre a quantidade, variedade e disposição dos objectos, merecendo especial referência dois dos autores de maior crédito documental, o académico espanhol José Cornide y Saavedra e o naturalista alemão F.-H. Link.

O primeiro salienta a correcta conservação e exposição dos objectos de acordo com a Sistemática natural cumprindo-se assim, na Ajuda, o objectivo didáctico de instrução dos amadores apesar de dispor de um espaço mais reduzido do que o do Gabinete madrileno<sup>232</sup>: "Sea el primero de estos

<sup>230</sup> Cfr. *Relações Dos Productos naturaes que por Ordem Regia se remetterão deste Real Museu ao General Lasnes [sic], Embaixador da Republica Franceza nesta Corte, (Agosto de 1803 - Maio de 1804)*, AHMB, Geoffroy de Saint-Hilaire, Div.- 16 a., n.º 22.

<sup>231</sup> *Histoire naturelle, générale et particulière avec la description du cabinet du roi*, t. III, Paris, Imprimerie royale, 1749, pp. 1-12, *apud* D. Diderot, *Cabinet d' Histoire naturelle*, 1751.

<sup>232</sup> Um viajante português dirá, uns anos antes, do Gabinete madrileno que: "O Gabinete de História Natural de El Rey tem muita cousa lá mais preciosas que raras, em o mais está muito em principio." (*Carta de Diogo de Melo a Frei Manuel do Cenáculo (14 de Março de 1778)*, CXXVII/1-7, Carta 1371).

gabinetes el que la Corte há establecido para beneficio del público en el sitio de la Ajuda y contiguo al Jardín Botánico, que, aunque no tan extenso como el de Madrid, es suficiente para la instrucción metódica de los aficionados, pues se halla arreglado sistemáticamente, bien conservados los artículos de pelo y pluma, y abunda en los del reino mineral, entre los que sobresale un trozo de cobre nativo hallado en el Brasil que pesa más de 100 arrobas castellanas, varios diamantes, topacios y aguas marinas de aquel país, y una colección de mármoles de Portugal que contiene más de 80 variedades”<sup>233</sup>; “ He visto en estos dias el Gavinete de História natural (...). El Gavinete es pequeño pero arreglado systematicamente y tiene cosas muy preciosas, especialmente en aves, y conchas”<sup>234</sup>.

Link, compreensivelmente mais exigente na avaliação das nossas unidades museológicas, apontava criticamente a pequenez do espaço, a lamentável ausência de importantes produções naturais brasileiras e, sobretudo, o facto de nenhuma das categorias taxonómicas se apresentar totalmente representada. Concedia, contudo, que o Gabinete régio exhibia objectos suficientemente interessantes para merecer uma visita: “Toutefois, le cabinet d'histoire naturelle à Ajuda mérite d'être vu: il ne soutient pas, à la vérité, la comparaison avec celui de Paris, ni même avec celui de Madrid: il est petit, aucune partie n'y est complète; on y trouve moins d'objects relatifs au Brésil, qu'on ne devrait s'y attendre: cependant on y remarque plusieurs pièces importantes. (...). Dans le même bâtiment, est un laboratoire chimique, et derrière celui-ci le jardin botanique”<sup>235</sup>.

Paradoxalmente, os testemunhos mais circunstanciados datam do período posterior à primeira invasão napoleónica. Seremos portanto guiados, nesta visita aos espaços que ao olhar dos curiosos se deixavam mostrar, pela mão de alguns estrangeiros que os percorreram demoradamente depois da

---

<sup>233</sup> José Cornide y Saavedra, *Estado de Portugal en el Año de 1800*, 1893, 2.º vol., p. 85.

<sup>234</sup> *Idem*, *Cartas inéditas de Joseph Andrés Cornide y Saavedra a Joseph López de La Torre Ayllón y Gallo (1799)*, 1947 [Carta de 26 de Janeiro de 1799].

<sup>235</sup> Heinrich Freidrich Link, *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799*, 1803, t. I, pp. 297-302.

presença de Geoffroy Saint-Hilaire. Apesar da intervenção do comissário do *Muséum* parisiense ter depredado as colecções de maior valia científica, é provável no entanto que o difícil esforço de reconstituição levado a cabo pela direcção de Brotero, preocupado com o que ali fora encontrar em 1811 - "uma vasta desordem de bellas cousas"<sup>236</sup> -, tenha procurado manter a anterior lógica de exposição.

Entre-se, então, no Gabinete pela porta que lhe dá acesso pelo interior do Jardim Botânico, a sul do tabuleiro inferior; desçam-se os lanços de uma das escadas laterais e penetre-se no primeiro compartimento<sup>237</sup>. Aqui era o local destinado aos objectos do *reino mineral*. Saint-Hilaire nos seus relatórios aos colegas professores-administradores tinha-o classificado de "salle considérable" mas, como esta não era a sua área de especialização, pouco acrescentará sobre o acervo exposto. Dirigindo-se, aliás, ao renomado mineralogista, Hauy, pede-lhe desculpa por "n'avoit rien à lui en dire pour aujourd'huy, mais soit ignorance sur ce sujet, soit trop grand entrainement sur les obects qui sont plus directement ceux de mês études, j'ai passé légèrement sur la minéralogie; tout ce que j'en apperçu, c'est que les échantillons sont tous très petits"<sup>238</sup>.

<sup>236</sup> Félix de Avelar Brotero, *Carta a D. Francisco de Lemos (27 de Fevereiro de 1815)*. O próprio Vandelli dirá que: "Nesta geral separação das produções Naturais, e reposição das que se restituíram, ficou o Museu tão desordenado, que necessita reordenar-se e pôr as etiquetas, que se confundiram ou perderam" (*Carta de Domingos Vandelli ao Príncipe Regente D. João (17 de Setembro de 1808)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 279). Vide também *Noticia biographica do doutor Felix de Avellar Brotéro*, 1847.

<sup>237</sup> Cfr. Manuel Sobral de Campos de Albuquerque de Azevedo Coutinho, *O Jardim Botânico da Ajuda. História da sua evolução. Estado presente do jardim. Projecto de remodelação*, 1948, pp. 1-73. O exemplar dactilografado desta tese (Relatório final do curso de engenheiro agrónomo e arquitecto paisagista) pode ser consultado na BISA (Biblioteca do Instituto Superior de Agronomia), com a cota 17053. Não pode deixar-se de mencionar o facto de se tratar da primeira dissertação de licenciatura em arquitectura paisagista no nosso país. A orientação científica foi do Prof. Arquitecto Caldeira Cabral à época responsável pelo Jardim Botânico da Ajuda cujo material vegetal fora muito devastado por acção do ciclone de 1944.

<sup>238</sup> *Carta de Geoffroy Saint-Hilaire aos professores-administradores do Muséum (Lisboa, 19 de Maio de 1808)*, apud E.-T. Hamy, *La mission de Geoffroy Saint-Hilaire en Espagne et en Portugal (1808). Histoire et documents*, 1908, p. 44.

O geógrafo-estatista florentino, Attilio Zuccagni Orlandini <sup>239</sup>, vê-la-á como uma sala não muito vasta, com a configuração de um quadrado regular, cada uma das quatro paredes dispendo de uma porta. Em cada ângulo do compartimento, entre uma porta e a seguinte, distribuem-se quatro armários de mogno envidraçados - formando um total de dezasseis - contendo toda a colecção. Em verdade, não preciosa pela quantidade mas riquíssima pelo valor dos objectos, sobretudo de alguns dos fragmentos nobres das minas de metais <sup>240</sup>.

Seguindo o itinerário proposto, fique-se também com uma ideia precisa da classificação e da nomenclatura adoptadas em cada um dos armários: "Il primo scaffale del primo angolo alla sinistra di chi entra nella sala mineralogica contiene le *argille*, le *brecce*, le *ocre*, e le *arene*; il secondo è destinato alla multiplice varietà dei *marmii*; nel terzo sono distribuite le *stallattiti*; e nel quarto lo *spato*, il *gesso* ed il *fluoro*. Le sostanze *quarzose* occupano il primo scaffale dell'altro angolo, le *selciose* il secondo, le *zeoliti* i *basalti* la *magnesia* lo *schisto* il terzo, ed i *sassi* il quarto. Succedono i *sali*, gli *zolfi*, e le *piriti* che occupano il primo scaffale del terzo angolo, e gli altri quattro che vengono appresso sono destinati ai *metalli* i quali conservano tuttora i nomi delle antiche divinità, cosicchè l'*argento*, l'*oro*, lo *stagno*, il *piombo*, il *rame* ed il *ferro*, portano i corrispondenti nomi di *sole*, *luna*, *giove*, *saturno*, *venere*, *marte* ec. Restano

<sup>239</sup> Orlandini viajara por Portugal em 1816. Era sobrinho de um correspondente de Vandelli, o médico e botânico Attilio Zuccagni, de quem herdou fortuna e nome (Cfr. *Carta de Attilio Zuccagni a D. Vandelli (Florença, Fevereiro de 1792)*, AHMB, CE/L -25 [Latim]). "Il suo vero nome era Giuseppe Orlandini, ma dallo zio materno, il medico e botanico Attilio Zuccagni, ereditò com le sostanze anche il nome. Compiuti a Pisa gli studî di medicina, viaggiò a lungo nei varî paesi d'Europa interessandosi largamente delle loro istituzioni culturali, assistenziali ed economiche" (*Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*, vol. 35, 1937, p. 1031).

<sup>240</sup> Algumas décadas depois, um geólogo suíço que conhecia bem a realidade nacional afirmará que: "Au siècle dernier, la géologie faisait une triste figure dans les musées. Des minéraux et des fossiles, recueillis par les 'curieux de la nature' étaient généralement placés au-milieu des objects les plus divers. Le plus souvent, on les réunissait suivant leurs couleurs ou leurs formes, soit dans des boites vitrées, divisées et ornementées comme les reliquaires des églises, ou bien on incrustait les échantillons de taille moyenne dans des pyramides de bois dont la surface était ornementée par les petits échantillons et par des minéraux à éclat métallique, réduits en menus débris. Les anciennes collections de Lisbonne suivaient naturellement la mode de l'époque; j'ai retrouvé de ces reliquaires et ces pyramides dans les réduits de l'Académie des Sciences" (Paul Choffat, *Esquisse de la marche de l' étude géologique du Portugal*, 1892, pp. 635-636).

finalmente le *concrezioni* e le *lave*, ed in ultimo le *petrificazioni* con la classazione di Linneo " <sup>241</sup>. Em cima de duas mesas, dispostas em dois dos lados da sala, expõe-se uma colecção de cinquenta amostras de mármore portugueses, alguns de rara beleza <sup>242</sup>.

Por cima dos armários encontram-se afixados às paredes, lateralmente, seis enormes crocodilos do Brasil (o *Lacerta alligator* de Linneo), o maior dos quais ostenta um comprimento não inferior a dez braços. Também ali se vê uma morsa (*Trichechus manatus* Lin.) e, sobre a porta de ingresso, uma tartaruga gigante ('Testuggine coriacea') com quatro braços de comprimento, capturada na costa de Peniche.

Centremos, finalmente, a nossa atenção num grande pedaço de cobre nativo - um quadrado irregular com a altura de um braço e meio e a largura de um braço, extraído de uma mina brasileira, perto da vila de Caxoeira, na prefeitura da Baía - exposto no meio da sala, em cima de um pedestal <sup>243</sup>.

Passando ao compartimento seguinte para se apreciar os espécimens animais e vegetais, distribuídos segundo o método linneano, o nosso guia de ocasião justifica-se por a não descrever com igual pormenor, considerando-a menos necessitada de alterações na disposição e nas classificações do que a sala mineralógica. É que - explicava - as grandes mudanças e os progressos gigantescos verificadas na geognosia, naqueles últimos anos, não tinham tido paralelo na ciência zoológica e, além do mais, o Museu da Ajuda "è assai scarso d'insetti, di quella classe cioè che há subite le maggiore variazione" <sup>244</sup>.

<sup>241</sup> *Delle Scienze fisiche in Portogallo*, 1817, pp. 43-47.

<sup>242</sup> Cfr. Louis-François de Tollenare, *Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818*, 1971, t. 1, pp. 184-186. Alguns anos antes, Cornide assegurava que os mármore atingiam as oito dezenas (Cfr. José Cornide y Saavedra, *Estado de Portugal en el Año de 1800*, 1893, 2.º vol., p. 85).

<sup>243</sup> Trata-se do famoso *cobre nativo* a que quase todos os viajantes fazem referência. Encontra-se ainda hoje no Museu Nacional de História Natural, de Lisboa (secção de Mineralogia) tal como se pode ver em fotografia inserta em A. M. Galopim de Carvalho e César L. Lopres, *Geociências na Universidade de Lisboa - investigação científica e museologia*, 1987, p. 253. Orlandini deixa uma crítica contundente ao facto de ostentar uma inscrição *esculpida* no próprio metal com a dimensão de 30 cm de altura e 14 cm de largura.

<sup>244</sup> *Delle Scienze fisiche in Portogallo*, 1817, pp. 43 e sgs.

Também o testemunho de Geoffroy Saint-Hilaire não nos é de muita utilidade para a reconstituição das colecções dos *reinos orgânicos* expostas no segundo compartimento, definitivamente fascinado com o inesgotável acervo dos armazéns de reserva que - como lhe explicara Vandelli - "le défaut d'espace et de préparation était cause qu'on ne les produisait pas au public" <sup>245</sup>. As apreciações do zoólogo francês sobre os produtos exibidos apresentam, todavia, um não negligenciável interesse para a nossa visita, tanto mais que a sua opinião é certamente - entre todas as que recolhemos de viajantes estrangeiros - a mais cientificamente abalizada, além de produzida em contexto de obrigatória proficiência profissional, tanto pelo tempo e pelos meios de que dispôs, como pelo próprio objectivo da missão. Por ele ficamos a saber que: "La moitié de la collection est composée d'animaux brésiliens, et toute cette moitié vous manque. La principale richesse des collections (...) se forme de mammifères, d'oiseaux et d'insectes. Ce qu'il y a surtout de satisfaisant, c'est que tous ces animaux sont d'une conservation parfaite" <sup>246</sup>

Outros pelo contrário foram menos avaros em pormenores. Não são em geral testemunhos de *connaisseurs* mas, antes, impressões gravadas na memória pelo exotismo e beleza das espécies, ou até por desacordo com as soluções cénicas. É o caso, por exemplo, da avaliação produzida pelo ilustre lusitanista Robert Southey quando ali esteve em 1808, durante a segunda estada em Portugal: "Brazil has supplied the Museum with the richest collection of birds I ever saw. The collection, if well disposed, would make a much more respectable appearance" <sup>247</sup>.

Outros, como o médico militar Adam Neale, foram tocados pela raridade de certas espécies e pela imponência dos quadrúpedes africanos, bem como pelas técnicas de conservação e acondicionamento: "The specimens deposited

---

<sup>245</sup> Carta de Geoffroy Saint-Hilaire aos professores-administradores do Muséum (Lisboa, 19 de Maio de 1808), apud E.-T. Hamy, *La mission de Geoffroy Saint-Hilaire en Espagne et en Portugal (1808). Histoire et documents*, 1908, p. 44.

<sup>246</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>247</sup> *Letters written during a journey in Spain and a short residence in Portugal, 1808*, vol. II, pp. 158-159.

in the Museum are not numerous; but several are very curious, one indeed altogether unique. Among the specimens from the animal kingdom, I remarked a fine hippopotamus, a rhinoceros, and some other rare quadrupeds well preserved. Most of the articles are placed in mahogany glazed cases, and are all arranged according to the Linnaen system" <sup>248</sup>.

Para outro oficial, Peter Hawker, a enumeração de alguns animais exibidos na segunda sala serve-lhe sobretudo de pretexto para destacar o papel desempenhado pelos militares ingleses na protecção das riquezas do Museu durante as invasões: "(...) beasts, birds, insects, and fishes, in high preservation, with a beautiful collection of shells (Soon after, all these things were packed up, to be sent to the Brazils; it being thought that the British were about to evacuate the country" <sup>249</sup>.

É ainda um militar britânico - o tenente-general Henry-Thomas Cockburn, por aqui estanciando em demorado *tour* mediterrânico - a deixar uma apreciação positiva da disposição das colecções. O seu testemunho é igualmente muito curioso porque regista uma história, narrada pelo guarda do Museu, sobre o destino de parte do acervo durante as invasões francesas. Algumas das produções mais valiosas, embarcadas para o Brasil e novamente de regresso a Lisboa, estariam nessa data - 1811 - prestes a serem recebidas na Ajuda. Cockburn interrogava-se então, com algum humor, sobre a veracidade do episódio atendendo à mesquinhez do espaço ali disponível: "Adjoining is a museum, for its size, extremely well arranged;(....) The collection of butterflies is far the best preserved and most perfect, that I have seen; many of them very large, and as beautiful as can be conceived; they all came from the Brazils; the birds are also fine. The guardian told me the royal family carried away the best part of the museum, and took it back to the Brazils, lest it might be sent to Paris. He also stated that as Portugal was now safe, the articles were returned again from South America, and actually in cases at the customhouse, and would be restored in ten days to their former places. If this were true -

---

<sup>248</sup> *Letters from Portugal and Spain*, 1809, pp. 109; 112 - 114.

<sup>249</sup> *Journal of a regimental officer during the recent campaign in Portugal and Spain under Lord Viscount Wellington*, 1810, pp. 10-11.

query, are they not too sanguine? But I could not discover any vacancy of consequence in this museum; so if the guardian's story be correct, I know not where the articles in question were, or will be placed" <sup>250</sup>.

Em 1816, no mesmo ano em que o *estadista* Zuccagni Orlandini visitava Lisboa, desembarcava no Porto um homem de negócios proveniente de Nantes, economista de formação, de nome Louis-François de Tollenare, e que a si próprio impunha a disciplina de relatar, aos Domingos, os acontecimentos mais assinaláveis de cada semana da viagem comercial que empreendia rumo ao Brasil <sup>251</sup>.

Na apresentação do longo manuscrito <sup>252</sup> - que se manteve inédito durante mais de século e meio - o lusófilo Léon Bourdon sublinha com justiça as qualidades intelectuais do narrador (forjadas no meio parisiense dos *Idéologues* <sup>253</sup>), como as que revela na ilimitada curiosidade e no esforço de compreensão e de aceitação dos homens e das sociedades que visitava pela primeira vez, visível no facto de se ter familiarizado em pouco tempo com os rudimentos da língua portuguesa.

Ora, isso mesmo se comprova nas extensas referências *dominicales* aos museus e jardins botânicos de Coimbra <sup>254</sup> e da Ajuda <sup>255</sup>, evidenciando incomuns conhecimentos sobre a *árvore dos saberes* que o conduzem, mais do que a descrever, a reflectir sobre pertinentes questões de ordem teórica, relativas à formação do campo disciplinar da *Philosophia Natural* e ao papel educativo dos seus museus (questões *epistemológicas* e *museológicas*,

---

<sup>250</sup> *A voyage to Cadiz and Gibraltar up the Mediterranean to Sicily and Malta in 1810 and 1811, including a description of Sicily and the Lipari Islands and an excursion in Portugal*, [1815], 2.º vol., pp. 142-143.

<sup>251</sup> *Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818*, 1971, 3 ts.

<sup>252</sup> Bibliothèque Saint-Geneviève, *Manuscrito n.º 3434*.

<sup>253</sup> Cfr. Sergio Moravia, *Il pensiero degli 'idéologues': scienza e filosofia in Francia (1780-1815)*, 1974; e *Idem, Il tramonto dell' Illuminismo. Filosofia e politica nella società francese (1770-1810)*, 1986, pp. 370 e sgs.

<sup>254</sup> Desembarcara no Porto em Junho de 1816. Data de 5 de Agosto a *note dominicale* relativa a Coimbra.

<sup>255</sup> *Note* de 8 de Setembro de 1816.



poderíamos hoje assim designá-las com propriedade)<sup>256</sup>: "L'histoire naturelle se divise en deux branches bien distinctes: celle de la nomenclature ou de la classification dans laquelle seulement les naturalistes se font des réputations comme savants, réputation que le vulgaire estime peu parce qu'il n'y voit qu'une science de mots, et celle des applications, à laquelle ces mêmes savants attachent moins d'importance parce qu'il n'y a peut-être pas la centième partie des individus ou substances étudiés par le naturaliste qui ait une application qui nous soit immédiatement utile. (...) Les expositions publiques des cabinets d'histoire naturelle (...) dans l'état actuel, elles ne sont que des objets d'oiseuse curiosité qui ne laissent dans l'esprit des trois quarts des personnes qui les visitent que de la confusion, et de l'humeur contre les noms baroques inscrits sur les étiquetes"<sup>257</sup>.

Mas, apesar deste distanciamento crítico face ao hermetismo do *aparato didascálico* adoptado na época pela generalidade dos gabinetes de história natural<sup>258</sup>, Tollenare cumpre com gosto de genuíno *connaisseur* uma visita ao Museu e Jardim Botânico da Ajuda munido de carta de recomendação (trazida de Coimbra) para o Director, Félix de Avelar Brotero<sup>259</sup>. Onde Orlandini se

<sup>256</sup> "Mais il appartenait surtout à ce qu'on pourrait appeler le 'Siècle de Buffon'. Comme tant de ses contemporains, il se passionna pour les sciences naturelles, et surtout pour la botanique. (...) Avec un cercle d'amis (...) il herborise (...) il fréquente les professeurs du Muséum (...) et il acquiert une connaissance approfondie de la classification des plantes par Linné et celle des minéraux par Hauy" (Louis Bourdon, "Introduction" a *Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818*, 1971, t. 1, p. XIII).

<sup>257</sup> Louis-François de Tollenare, *Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818*, 1971, t. 1, pp. 184-186.

<sup>258</sup> Esta parece ser uma questão de indiscutível actualidade, com a qual se confrontam ainda os nossos museus naturalistas: Artur Ricardo Jorge, *Museus de história natural. Relatório apresentado ao 1.º congresso nacional de ciências naturais na sua VIª sessão plenária, em 11 de Junho de 1941, 1941*; *idem*, *A dupla missão - científica e cultural - dos museus de história natural, à luz da biologia e da museologia modernas*, 1952; Germano F. Sacarrão, *Museus de história natural - significado nos domínios da investigação e da cultura*, 1972; *idem*, *Pedagogia da evolução e museus de história natural*, 1987; e Giovanni Pinna, *Fondamenti teorici per un museo di storia naturale*, 1997.

<sup>259</sup> "J'ai été visiter le Muséum ou Cabinet d'histoire naturelle de Belem. J' étais porteur d'une lettre de recommandation pour le professeur Brotero, directeur de cet établissement, par qui j'ai été reçu avec cette aménité qui caractérise les savants modernes. Ce n'est que dans les livres déjà un peu anciens que je trouve les vrais savants accusés d'orgueil et de pédantisme. Le professeur Brotero a longtemps étudié

quedara na descrição circunstanciada, isto é, no segundo compartimento contendo as riquezas da *fauna* e da *flora*, o viajante francês demora-se na visita. E destaca, de entre todas, as espécies ictiológicas e os crustácios; considera pequeno o número dos quadrúpedes; na classe dos insectos apenas lhe merece referência o belo escaravelho (*Scaraboeus hercules*) do Brasil; na classe dos répteis realça as belas peles de serpentes, os sapos e as rãs disformes e, sobretudo, os diversos camaleões (dos quais em Paris existia apenas um modelo em cera), e os dragões da Índia (*Draco lineatus*).

O comerciante de Nantes terminava este *relatório museológico* da segunda sala do Museu de História Natural da Ajuda com breves incursões em dois temas caros ao coleccionismo setecentista: as *conchas* e os *fetos monstruosos*. No caso da conchiologia estimava a colecção régia ali depositada, naquele ano de 1816, não especialmente diferente das de qualquer outro gabinete particular: "Tout nombreux que soient les coquillages, ils ne forment pas un ensemble plus considérable que celui de collections particulières que j'ai vues dans vingt endroits différents. Je m'y connais trop peu pour apprécier leur qualité"<sup>260</sup>.

Por fim, ficamos também inteirados de que ali se mantinha em exposição um armário totalmente dedicado às anomalias da Natureza. Ora, a propósito das colecções vandellianas transferidas para Coimbra, já tínhamos referenciado a exibição de *monstros* que o Director italiano visivelmente valorizava no seu coleccionismo inicial<sup>261</sup>. Esta tendência - prisioneira ainda da

---

à Paris. Il est élève de Mr. De Jussieu. C'est en France qu'il a publié, en portugais, ses *Éléments de Botanique*. Il est tout naturel qu'il prenne plaisir à converser avec un Français qui l'entretient de MMrs. Richard, Desfontaines, Ventenat, de Candolle, Gouin, etc. Si j'avais eu moins d'affaires à Lisbonne, nul doute que j'aurais recueilli de mès conversations avec Mr. Brotero des renseignements précieux sur l'histoire naturelle du Portugal" (Louis-François de Tollenare, *Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818*, 1971, t. 1, pp. 184-186).

<sup>260</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>261</sup> "(...) caixa com feto humano monstruoso com duas cabeças; (...) abortos humanos, "em aguardente", um preto e dois brancos; um pinto e um gato com quatro pernas; um cão, em aguardente, com sete pernas" (*Museo da Universidade de Coimbra, que foi de Domingos Vandelli. Se acha distribuido em tres Casas (s/d)*, AHU, Reino, Maço 2695 -A). Também em 1781 o seu discípulo A. R. Ferreira dava conta que: "Outra utilidade q. consigo tras a indagação dos ninhos he o recolhimento dos partos monstruosos. No Real Jardim Botanico da Ajuda em Lisboa conserva-se huma gallinha de muntas pernas. Existe no poder de Julio Mattiazzi hum Caçaõ já grande

afeição cénica pelo *maravilhoso*, tão característica das colecções de *naturalia et mirabilia*<sup>262</sup> - não pode ser desligada, por outro lado, da sua formação médica em Pádua nos longínquos anos cinquenta. Em 1776, publicará mesmo em Coimbra um pequeno texto intitulado *Dissertatio de Monstris* descrevendo um par de gémeos humanos ligados pelo peito e chamando a atenção para a importância de se exibirem estes casos *anómalos* nos museus.

No entanto, do ponto de vista museológico, a exibição de *degenerescências* foi sendo progressivamente abandonada, acompanhando uma concepção científica menos sensível às extravagâncias e mais preocupada com a busca da normalidade, regulada pelas leis da Natureza. E será justamente desta nova visão que Tollenare se mostrará credor, demarcando-se da opção doutrinal setecentista subjacente à exibição pública de um tal armário: "Une armoire est consacrée aux produits de ces générations extraordinaires que l'on appelle si improprement contre nature, comme s'il était vraisemblable que la nature renverse ses lois pour les produire. Nous ne connessons pas ces lois, et voilà tout. Après les foetus monstrueux, les veaux à deux têtes, les poulets à quatre pattes que l'on voit partout, j'ai remarqué des poissons à deux têtes, ce qui est rare à voir sans être plus étonnant que les autres anomalies naturelles"<sup>263</sup>.

---

com duas Cabeças: Outras duas cabeças tem no Gabinete de Coimbra hum Menino" (*Methodo de Recolher, Preparar, Remeter, e Conservar os Productos Naturais. Segundo o Plano, que tem concebido, e publicado alguns Naturalistas, para o uzo dos Curiozos que visitaõ os Certoins, e Costas do Mar* (1781), AHMB, Res. -17).

<sup>262</sup> Cfr. *supra* Cap. III. A leitura da *Gazeta de Lisboa*, desde 1715 e durante todo o período joanino, é pródiga em relatos de partos humanos com fetos *anómalos* (siameses, por exemplo) e de animais *monstruosos* nascidos um pouco por todo o país. Algumas vezes chegava-se a ilustrar a notícia com desenhos enviados pelos próprios médicos ou por eruditos locais.

<sup>263</sup> Louis-François de Tollenare, *Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818*, 1971, t. 1, pp. 184-186. Existem alguns documentos sobre a disposição física dos objectos naturais nas salas do Museu que, apesar de tardios em relação ao período que estamos a tratar, julgamos relevante divulgar: "A [segunda] salla do Museu tem sete Armarios de cada lado. Á entrada da porta de cada lado está hum armario no q. está a direita entrando estão as terras, e á esquerda estão sementes (...) e em ambos nas gavetas em baixo estão os Herbarios" (*Armario LXV (s/d) [1836]*, AHMB, Rem. 436); "(....) colecção de mais de 40 madeiras petrificadas; armários de vidraças de grandes dimensões para recolher as produçoens do Reino Vegetal, construídos dentro das casas; mesa de estanho em que sempre se curtiram as peles dos animaes para se poderem preparar; pedestal de pedra da massa grande de cobre [nativo do Brasil]" (*Livro De Registo das Ordens da Academia*

## 16. "Patentear os Estabelecimentos" - a abertura aos públicos; os projectos de ensino; o intercâmbio técnico-científico

Parece indiscutível que apesar da sua condição de anexo palaciano a dimensão de serviço público foi, a partir da reorganização administrativa e científica dos anos noventa, considerada como um valor que importava criar e preservar. O facto de se ter tornado visitável - com horário fixo e cumprimento de regras de civildade regulamentados e divulgados - determinará uma natureza nova nas relações do Real Museu e Jardim Botânico com a sociedade, na medida em que a partir desse momento se estabelecia um conjunto de obrigações sujeitas a avaliação pela opinião pública<sup>264</sup>. É também à luz deste pacto paternal firmado entre o soberano e os seus súbditos - enquadrável nos parâmetros culturais e políticos do *absolutismo esclarecido* - que devem ser inseridos quer os persistentes (mas nunca cumpridos) projectos de ensino de história natural, quer a colaboração técnico-científica com as mais variadas instituições museológicas, científicas e económicas.

A estreita ligação entre a decisão de abertura das portas ao público e a utilidade social desta instituição museal de *Ancien Régime* surgirá

---

*respectivas ao Museu Nacional. Desde 6 de Outubro de 1836 em diante, AHMB, Div. - 23).*

<sup>264</sup> Documentos datados das primeiras décadas de oitocentos (da direcção de Brotero, 1811-1828, e das que se lhe sucederam até 1836) permitem-nos afirmar com segurança que a visita aos estabelecimentos da Ajuda passou a representar para muitos lisboetas, sobretudo de extracção popular, destino frequente dos seus passeios aos arredores. Havia em permanência a 'guarda ordinária' de três soldados à porta do Jardim, mas foi necessário, em certos momentos, "mais hum reforço de oito soldados e hum Cabo em todas as quintas feiras de tarde, os quaes se vião encarregados de vigiar então em tudo o que respeita á conservação dos productos naturaes do Museu e Jardim Botanico e na tranquillidade publica dentro destes Estabelecimentos, na conformidade das ordens que lhes fossem dadas para isso pelo respectivo Director". No tempo de D. Miguel, o responsável pela instituição informava as autoridades da forte contestação de pessoas de todas as condições ao decretado encerramento dos estabelecimentos, por constituir uma afronta ao uso antigo de abertura pública. (*Ofício de Félix de Avelar Brotero ao ministro Joaquim Pedro Gomes de Oliveira (22 de Setembro de 1823)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555 (1821-1833); e *Ofícios do Escrivão da Fazenda do Real Museu ao Conde de Basto (7 de Setembro de 1830 e 2 de Março de 1832)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, 1821-1833).

repetidamente defendida pelo Director Félix de Avelar Brotero quando, após a revolução liberal, for confrontado com a incompreensão da câmara dos deputados e do governo face às origens áulicas dos anexos do Palácio de Madeira: "Sem embargo de que o Museu e Jardim Botânico forão primitivamente fundados para instrucção e recreio dos Descendentes da Dynastia da Casa de Bragança, como (...) o comprova evidentemente a situação em que os dois Estabelecimentos forão erigidos; com tudo logo que elles chegarão a certo grao de augmento, o generoso e paternal amor que o snr. D. João VI consagra aos seus subditos, fez com que elle, ainda sendo Principe Regente, repartisse a sua utilidade com todos elles quanto fosse possível, e se patentearão ao Publico os dois Estabelecimentos em alguns dias na semana" <sup>265</sup>.

O horário e o regulamento de abertura ao público irão sofrendo algumas flutuações de acordo com a política, de maior ou menor restrição, perfilhada por cada 'Inspector Geral'. Contudo, talvez se possa traçar um padrão que se traduziu no livre acesso do público comum numa tarde fixa por semana (quase sempre a Quinta-Feira <sup>266</sup>) e, ainda que sujeita a permissão especial, na autorização de entrada permanente à melhor aristocracia, aos estudiosos de história natural e aos diplomatas e viajantes estrangeiros <sup>267</sup>.

<sup>265</sup> *Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro (16 de Novembro de 1822)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555 (1821-1833). Sobre o debate havido nas Cortes vintistas a propósito do orçamento e da natureza *real* ou *nacional* dos estabelecimentos da Ajuda, vide *Diário das cortes da nação portugueza. Segunda legislatura*, t. I, 1823, Sessões de 11 e 16 de Janeiro, pp. 426-427; 437-439; 490-496.

<sup>266</sup> "Pelo Director do Real Museo e Jardim Botânico se faz notorio que nas quintas feiras de todas as semanas se franquea ao Público o mesmo Real Museo e Jardim Botânico; e particularmente todos os dias ás pessoas instruidas que o quizerem frequentar, a fim de augmentarem os seus conhecimentos nesta parte" (*Gazeta de Lisboa*, 17 de Abril de 1804); "Nas quintas feiras de tarde he dia em que se pode ver o Museo, e Jardim Botânico" (*Almanach de Lisboa*, 1805, pp. 580-583).

<sup>267</sup> "Tendo o Enviado de Inglaterra pedido a Sua Alteza Real que lhe mandasse franquear a elle, e ás pessoas que fossem em sua companhia, a entrada livre do Jardim Botânico, quando alli quizessem ir. O Mesmo Senhor Houve por bem conceder-lhe faculdade para o dito fim, Determinando que a toda a hora do dia se lhe dê a referida entrada, e particularmente a hum Lord, que acaba de chegar de hua viagem ao Egypto. O que participo a V. M.ce para que assim o faça executar. Deos Guarde a V. M.ce. Paço de Queluz em 19 de Fevereiro de 1802. D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Senr. Domingos Vandelli" (*Livro de Registo dos Decretos*, MCUL). "Sendo franca a entrada no Real Musêo, e Jardim Botânico hum dia por semana, e concedida

Na definição dos horários e das condições de acesso, a questão mais sensível prendia-se com o comportamento por vezes definido como 'incivil' e 'tumultuario' de alguns frequentadores, e com a apresentação 'indecente' das suas indumentárias <sup>268</sup>. Por outro lado, não raro irrompiam conflitos de interesse entre o necesssário cumprimento das tarefas quotidianas dos estabelecimentos e a devassa a que os espaços visitáveis se viam sujeitos, tal como resulta do historial narrado por Brotero que também percorrera aqueles espaços enquanto estudioso <sup>269</sup>: "Concedeo-se em hum dia da semana a entrada ao Publico nos dois Estabelecimentos, e aos alumnos e curiosos de Historia Natural em todos os dias. (...) mas tendo a experiencia mostrado que desta grande publicidade resultavão muitos e continuos estragos, que os guardas não podião obviar, limitou-se então a dita publicidade a hum só dia na semana, ficando o director autorizado para nelles poder dar entrada em qualquer dia aos alumnos curiosos de Historia Natural, nacionaes, ou estrangeiros, e ainda a alguas outras pessoas, que se apresentassem não tumultuariamente, com toda a decencia, e fossem conhecidas ser incapazes de causar algum estrago. Este regulamento tem sido athe agora observado; elle he conforme ao que tenho visto nos paizes estrangeiros practicar em

---

em qualquer outro á Corte, Nobresa, Dyplomaticos, Naturalistas, e varios particulares" (*Ofícios do Escrivão da Fazenda do Real Museu ao Conde de Basto (7 de Setembro e 9 de Novembro de 1830; 8 de Agosto de 1831; 2 de Março e 25 de Junho de 1832)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, 1821-1833).

<sup>268</sup> "A experiencia tendo mostrado depois desta benefica permissão, que alguas pessoas mal educadas abusavão della não só no Museu, em que estragavão muitos dos seus productos naturaes, e quebravão os vidros dos armarios que os continhão, como tambem no Jardim Botanico, em que manchavão e mutilavam as estatuas, quebravão vasos, e furtavão torneiras de bronze, muitas plantas e as suas producções, e alem disso causavão discordias e desordens, sendo insufficiente para cohibir taes abusos a Guarda ordinaria de tres soldados, que costuma haver na porta da entrada para o Museu e Jardim" (*Oficio de Félix de Avelar Brotero ao ministro Joaquim Pedro Gomes de Oliveira (22 de Setembro de 1823)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555 (1821-1833).

<sup>269</sup> "Depois que tive a honra de ir com V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> ao Jardim da Ajuda (...)" (*Carta de Brotero a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (14 de Outubro de 1799)*, apud Américo Pires de Lima, e J. R. Santos Júnior, *Cartas inéditas de e para Brotero*, p. 21; "(...) se V. M.ce tivesse vindo jantar comigo antes de partir lhe teria pedido, que visse no Jardim Botânico as Plantas, que chegarão ultimamente de Minas Geres, e entre elas a Arvore que dá o Oleo de Cupaiba (...)" (*Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a Brotero (26 de Outubro de 1799)*, apud *idem, ibidem*, p. 22).

semelhantes Estabelecimentos, e principalmente no rico Museu de Paris, que muitos annos frequentei" <sup>270</sup>.

O primeiro anúncio público de abertura dos estabelecimentos da Ajuda é o aviso inserto na *Gazeta de Lisboa* de 6 de Outubro de 1798, e nele se divulgava franqueá-los ao 'Publico' todas as Segundas e Quintas-Feiras de tarde, desde que observado o respeito pelo "continuado trabalho, que exige a sua economia, arrançamento e asseyo" <sup>271</sup>. A fazer fé no testemunho do antigo Director do Gabinete de História Natural da Universidade de Perpignan, J. B- F. Carrère, antes dessa data estariam de facto encerrados ao público, "só se podendo ali entrar mediante autorização" <sup>272</sup>. Dois annos depois outro viajante francês, H. Ranque, já assegurava que o Museu e o Jardim Botânico "sont ouverts une seule fois par semaine" <sup>273</sup>.

O curto período durante o qual o Presidente do Real Erário assumiu as funções de 'Inspector Geral' (de finais de 1801 a finais de 1803) corresponde - em coerência com o protagonismo público que quis desde sempre ali imprimir - a uma política de maior abertura ao exterior, consignada nas sucessivas

<sup>270</sup> *Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro (16 de Novembro de 1822)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555 (1821-1833). Findo o Vintismo, com a abolição da Constituição de 1822, Brotero voltará a historiar este assunto: "Sem embargo de que este Real Museu e Jardim Botânico do Paço do sitio de Nossa Senhora da Ajuda, na sua primitiva instituição, fossem estabelecidos para recreio e instrução da Real Dynastia de Bragança, como he bem notório; S. Mag. e com tudo pelo paternal amor, que tem a todos os seus Vassallos, foi servido patentear-lhes tão bem estes dois Estabelecimentos para sua instrução, os quaes em todas as quintas-feiras de tarde costumão ser abertos ao Publico há muitos annos athe agora" (*Ofício de Félix de Avelar Brotero ao ministro Joaquim Pedro Gomes de Oliveira (22 de Setembro de 1823)*), ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, 1821-1833).

<sup>271</sup> Determinava ainda que "quando algum destes dias seja impedido, terá lugar no dia seguinte; sem que nisto haja mudança ou alteração alguma, por ser assim conveniente ao Real Serviço". Este 'Aviso' da *Gazeta de Lisboa* fora registado no *Livro de Registo dos Decretos*, a 28 de Setembro, na forma de ofício dirigido pelo Marquês Mordomo Mor ao Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.

<sup>272</sup> *Panorama de Lisboa no anno de 1796*, 1989, pp. 108-109 [Paris, 1797]. Sem questionar a veracidade da afirmação do refugiado francês deve, contudo, deixar-se assinalado que os relatos de Carrère não merecem em geral credibilidade, tal como fica abundantemente comprovado pelo prefácio e notas de Castelo Branco Chaves à edição portuguesa.

<sup>273</sup> *Lettres sur le Portugal*, 1798, pp. 64-66.

ordens que fará registrar oficialmente sobre esta matéria. Na verdade, é da sua mão que partirá a determinação para ser observado o horário mais dilatado da história da instituição, isto é, três manhãs e três tardes por semana: "Ordena que o Real Jardim Botânico esteja patente de manhã, e de tarde tres dias em cada semana a todas as pessoas de Luzes, e decentes, que por instrucção, ou por gosto quizerem nelle passear; declarando-se-lhes porem à entrada, que devem immediatamente sahir, quando os Senhores vierem passear" <sup>274</sup>.

Esta liberalidade alargar-se-á ainda mais nos casos especiais de pessoas empregadas no Serviço Real e dos estudiosos da Ciência a quem passava a ser permitido o permanente e livre acesso, apenas condicionado pela eventual presença das "Pessoas Reaes" <sup>275</sup>. Sirva de exemplo o caso do particular protegido do Inspector, o 'primeiro pintor da Câmara e Corte' Domingos António de Sequeira (1768-1837) <sup>276</sup>, a quem deveriam ser concedidas, além disso, "todas as Pedras, que elle (...) pedir do Real Jardim Botânico, para com as Copias das mesmas ornar o Retrato de S. A. R." <sup>277</sup>; igual tratamento de

---

<sup>274</sup> Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a Domingos Vandelli (12 de Julho de 1802), in *Livro de Registo dos Decretos*, MCUL.

<sup>275</sup> "O Principe Regente Nosso Senhor he Servido que V. M.ce dê as necessarias Ordens, para que se não ponha obstaculo a que entrem no Jardim Botânico, nas horas em que o Jardim Botânico se não achar reservado para o passeio das Pessoas Reaes, todas as pessoas conhecidas, e que se achão ao Real Serviço como o habil Pintor Domingos Antonio de Sequeira. O que participo a V. M.ce, para que assim se execute. Deos Guarde a V. M.ce. Palacio de Queluz 23 de Junho de 1802. D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Senr. Domingos Vandelli" (*Livro de Registo dos Decretos*, MCUL).

<sup>276</sup> Cfr. Francisco Cordeiro Blanco, *Álbum do Palácio de Arroios. Desenhos de Domingos António de Sequeira*, 1956. "Sequeira que D. Rodrigo de Sousa Coutinho especialmente protegia (...). A partir de 1796, data do regresso de D. Rodrigo de Sousa Coutinho da sua longa embaixada em Turim, Sequeira teve neste fidalgo um desvelado protector, para o qual fez várias obras, ao mesmo tempo que dava lições de pintura à mulher, uma nobre piemontesa. Um retrato dela no acto de retratar o marido, pintura mediocre, representa bem as relações de Sequeira com o poderoso ministro que já encontrámos em atitudes de franca protecção às artes, e que Sequeira deve ter conhecido em Itália. Um album do Palácio de Arroios, de D. Rodrigo, reunindo excelentes desenhos de 96 até 1802, por outro lado ilustra tais relações. (...) Em Julho de 1802, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, presidente do Erário, chamou-o ao mundo, fazendo-o nomear (por intervenção também, supõe-se, do marquês de Marialva) 'primeiro pintor da Câmara e Corte', situação em que emparceirava com Vieira Portuense, seu rival dos tempos de Roma, igualmente então nomeado" (José-Augusto França, *A arte em Portugal no séc. XIX*, vol. I, 1966, pp. 134-143).

<sup>277</sup> Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a D. Vandelli (3 de Novembro de 1802), in *Livro de Registo dos Decretos*, MCUL.



distinção se recomendava para com o Lente da Academia Real de Marinha, Manuel do Espírito Santo Limpo (1754-1817), sobre o qual Sousa Coutinho instruíra Domingos Vandelli para "que se lhe dê todo o auxilio, para o Estudo que queira fazer em beneficio da Sciencia". Estudo provavelmente relacionado com as suas actividades de Director do Observatório Astronómico daquela academia militar ou de membro influente da Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica - ambas, Observatório e Sociedade, criadas precisamente pelo futuro Conde de Linhares <sup>278</sup>.

Semelhante autorização de acesso especial será concedida ao médico Francisco Tavares (m.1812), "encarregado de examinar, e fazer as competentes experiencias sobre diferentes amostras de Quina vindas de Pernambuco, e actualmente existentes no Real Jardim Botanico; nestes termos V. Mcê determinará que se franqueie ao dito Físico Mor a entrada naquelle Jardim todas as vezes que lhe forem necessarias as sobreditas experiencias" <sup>279</sup>.

17. Para os visitantes estrangeiros mais críticos em relação ao funcionamento das nossas criações culturais pendiam sobre o Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda algumas graves limitações ao seu bom desempenho: horário e condições de acesso do público demasiado restritivos <sup>280</sup>, ausência

<sup>278</sup> Elementos mais pormenorizados sobre a bio-bibliografia de Espírito Santo podem ser encontrados em I. F. da Silva, *Diccionario bibliographico portuguez*, t. 5, 1860, p. 412; e J. C. Brigola, *Ciência e Política. Do Pombalismo ao Liberalismo*, 1990, pp. 132, 198 e Anexo II.

<sup>279</sup> *Ordem do Visconde de Anadia a Domingos Vandeli (9 de Agosto de 1804)*, AHMB, CNV -50. Francisco Tavares era professor na Faculdade de Medicina, primeiro médico da Câmara Real, Físico Mor do Reino, sócio da Academia das Ciências (Cfr. Inocêncio F. da Silva, *ob. cit.*, t. 3, 1859, pp. 71-72). As suas investigações sobre a quina já o tinham levado a publicar, em 1802, as *Observações e reflexões sobre o uso proveitoso e saudavel da quina na gota*.

<sup>280</sup> Ainda que relativo à fase final da existência do Museu de História Natural na Ajuda, divulgamos um documento que julgamos da maior importância para a questão da afluência de públicos: "Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.º a relação seguinte. Numero de Pessoas, que durante o anno de 1835, visitarão o Museu e Jardim Botanico. Em Janeiro = 928; Em Fevereiro = 952; Em Março = 1527; Em Abril = 1560; Em Maio = 1926; Em Junho = 1978; Em Julho = 3246; Em Agosto = 2690; Em Setembro = 2630; Em Outubro = 2405; Em Novembro = 1358; Em Dezembro = 1223.

de ensino formal, grande distância em relação ao centro urbano da capital e, a culminar este quadro desalentador, um Director disperso por múltiplas actividades 'privadas' e 'cortesãs' <sup>281</sup>.

Não se pode negar a justeza da observação sobre a ausência de empreendimentos didácticos, tanto mais que um grupo de sócios da Academia Real das Ciências, entre os quais Correia da Serra, Félix de Avelar Brotero e o próprio Vandelli (este último particularmente empenhado na reforma dos estabelecimentos, logo após o seu regresso de Coimbra) tinha proposto às autoridades, com clareza e veemência, a organização do ensino de história natural em Lisboa, como alternativa ao formalismo universitário do *Curso Philosophico* <sup>282</sup>.

Este projecto, divulgado em *Memoria vandelliana* de 1791, fazia congregar vocações didácticas (como a 'Aula Maynense' <sup>283</sup>) equipamentos

Total = 22. 423. Entrão neste numero, alem de Sua Magestade fidelissima, de Sua Magestade Imperial, e de S.S. Act. Reaes, que por vezes Honrarão com a Sua Augusta Presença estes Estabelecimentos, 1090 Estrangeiros. Museu e Jardim Botanico em 20 de Fevereiro de 1836. Ill.mo e Ex.mo Snr. Luiz da Silva Mouzinho de Albuquerque, Ministro, e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino. O Director do Museu e Jardim Botanico. Dr. José de Sá Ferreira Santos do Valle" (*Relação do Numero de Pessoas, que durante o anno de 1835, visitarão o Museu e Jardim Botanico (20 de Fevereiro de 1836)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 2122, "Academias. Jardim Botânico").

<sup>281</sup> "Ces deux établissements offrent peu d'avantages. Ils sont trop éloignés de la ville, trop rarement ouverts au public, et ne sont pas disposés pour l'étude. Leur directeur, le docteur Vandelli, compatriote et je crois, élève de l' école de Pontedera, est un botaniste assez distingué; mais les autres emplois qu'il occupe [il est à-la-fois député de la junte du commerce et l'un des directeurs de la fabrique royal des soies] empêchent qu'il puisse donner des soins suffisants à ce qui intéresse l'histoire naturelle et la botanique" (H. Ranque, *Lettres sur le Portugal*, 1798, pp. 64-66).

<sup>282</sup> "O nosso distincto sabio José Correa da Serra, o D.or Domingos Vandelli, eu e outros Socios desta Academia o participámos ao Marquez Mordomo mór [marquês de Ponte de Lima], na conjuntura em que era Presidente do Real Erario, e da Junta do Commercio e Agricultura [1788-1800]; depois disso eu o continuei a participar ainda com maior extensão ao inclyto Conde de Linhares D. Rodrigo de Sousa Coutinho" (Félix de Avelar Brotero, *Reflexões sobre a Representação que o Ex.mo Marquez de Abrantes, D. Jose, fez immediatamente a S. A. R. a bem da Agricultura e Industria nacional [1815/1820]*, BACL, Ms. 1122, Série Azul).

<sup>283</sup> "Já o Reverendo Padre Mestre Fr. Jozé Mayne além de ter formado um copioso, e rico museu de História Natural no convento de Nossa Senhora de Jesus determinou rendas para o aumento do mesmo, e do religioso inteligente de história natural a quem fica incumbida a direcção, ao qual Sua Magestade poderia determinar uma cadeira de História Natural debaixo da inspecção, que determinar. (...) A Real Academia das Ciências tem um sufficiente laboratório químico para o qual se deveria estabelecer uma

científicos e museológicos (os da Ajuda e os da Academia das Ciências) e recursos humanos (contando com o regresso e contratação dos naturalistas em missões filosóficas) disponíveis na capital: "E como é muito vantajoso, que estas ciências se espalhem mais na nação, e todos não podem fazer um curso completo destas ciências nem frequentar a universidade me pareceria útil estabelecer-se como se fez da Matemática algumas aulas nesta corte aproveitando-se dos museus, laboratórios químicos, e Jardim Botânico. (...) E havendo na Ajuda um dos mais ricos museus de História Natural, Jardim Botânico, e Laboratório Químico seria conveniente, que o público se aproveitasse destes grandiosos estabelecimentos erigindo uma cadeira de História Natural (...). O dr. Alexandre Ferreira, que está presentemente no Pará desempenhará bem tal cadeira, e a demonstração de Química, o Feijó, que está nas ilhas de Cabo Verde. Sendo suficiente duas, ou três lições, em cada semana, e não precisando exames, ou outras formalidades, que só servem para aqueles, que se querem formar na Faculdade Filosófica e um director para regular estes estudos, ou lições para que sejam úteis ao público" <sup>284</sup>.

É impossível saber até que ponto se pode atribuir o continuado fracasso, deste e de outros semelhantes projectos que se lhe seguiram, à interferência coimbrã tradicionalmente apostada em jogar toda a influência política nas antecâmaras do Poder a favor da manutenção do *status quo* do sistema de ensino <sup>285</sup>. Mas certo é que algumas farpas foram comprovadamente lançadas pelos mais altos responsáveis universitários contra os desígnios inovadores (em matéria de ensino de História Natural), de homens como Brotero e Sousa Coutinho como se depreende de correspondência trocada entre o reitor, D. Francisco de Lemos, e o vice-reitor, José Monteiro da Rocha: "(...) o da

---

cadeira de Química a qual seria bem regida pelo Bacharel Alexandre António das Neves" (Domingos Vandelli, *Memória sobre a Faculdade Filosófica da Universidade de Coimbra*, s/d [1791] ANTT, Ministério do Reino, Maço 519, Cx. 646, "Universidade de Coimbra. Negócios diversos"). Existe outro exemplar manuscrito desta *Memória* na Biblioteca da Ajuda.

<sup>284</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>285</sup> Cfr. Teófilo Braga, *História da universidade de Coimbra nas suas relações com a instrução pública portuguesa*, ts. III-IV, 1898-1902; L. Reis Torgal, *Universidade, conservadorismo e dinâmica de mudança nos primórdios do liberalismo em Portugal*, 1986; e J. C. Brigola, *ob. cit.*, 1990.

Barretina [Brotero] achou aqui apoio [na Corte] e chegou a ser proposto para criar uma cadeira de Botânica no Jardim da Ajuda. Creio que não se verificará o projecto; mas o que se proíbe por uma via, concede-se por outra [pagamento de renda de casa em Coimbra]. Não sei como possam curar-se estes, e outros males, que nos afligem" <sup>286</sup>.

O vaticínio do velho reformador-reitor veio pois a confirmar-se, tanto mais que na Ajuda as relações entre o ministro ilustrado e o Director já tinham conhecido melhores dias, situação que não propiciava naturalmente a organização de cursos públicos nos estabelecimentos <sup>287</sup>. Na verdade, a difícil e complexa convivência entre todas estas personalidades do universo político, científico e académico (Sousa Coutinho, Vandelli, Mariano Veloso, Brotero,

---

<sup>286</sup> (4 de Julho de 1802), apud Abílio Fernandes, *O conflito entre Brotero e Monteiro da Rocha*, 1949, p. 43. Sousa Coutinho interferiu no conflito que opunha Brotero às autoridades universitárias, aproveitando para fustigar a fraca prestação científica coimbrã e defendendo os estudos de história natural: "(...) remetto a v. ex.<sup>a</sup> uma copia da conta, que acabo de receber do habil botanico Brotero; e que me lastima com v. ex.<sup>a</sup>, que emquanto v. ex.<sup>a</sup> tem promovido algumas sciencias de um modo tão distincto, a botanica soffra uma tão forte depressão, quando nos é necessaria para fazer prosperar a agricultura; e que seja perseguido o único, que entre nós merece o nome de botanico, e que gosa fóra de Portugal de uma grande reputação n'esta matéria, ainda que o seu merecimento seja computado com alguma excentricidade. Digne-se v.ex.<sup>a</sup> meditar sobre este objecto, assim como sobre a frouxidão em que cahem os estudos da Universidade, negligencia dos lentes, e seu total desleixo, de maneira que a Universidade mais séria da Europa, é a que menos produz em todos os ramos das sciencias, e que só parece destinada a intrigas e a servir de carreira para procurar commodo áquellas pessoas que se dizem homens de letras, sem outro título que o dos gráus academicos" (*Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a D. Francisco de Lemos (23 de Abril de 1803) apud António José Teixeira, Apontamentos para a biographia de José Monteiro da Rocha*, 1890, p. 94).

<sup>287</sup> "É mesmo de admitir a hipótese de que a interrupção do espólio documental [*Memórias de Vandelli*] em finais de 1797 se tenha ficado a dever a um efectivo afastamento da área do poder, na sequência do malogro, então verificado, da projectada aliança luso-francesa que propunha" (José Vicente Serrão, *Domingos Vandelli - Aritmética política, economia e finanças*, 1994, p. XXXI); "Vandelli (....) cuida só hoje em dar planos politicos ao Principe. Eu não sei o que succederá daqui por diante, e se elle me intrigar com o Snr. Duque de Lafões, que he actualmente o superintendente do Real Jardim e Museu da Ajuda. Elle tem arte para tudo, e assim como me intrigou e ao Snr. D. Rodrigo com o Marques Mordomo-mor defunto, assim tambem poderá hoje intrigarme com o Snr. Duque de Lafões. Tanto peor para a botanica de Portugal!" (*Carta de Brotero para o Abade Correia da Serra (20 de Fevereiro de 1801)*, apud Abílio Fernandes, *Uma carta inédita de Brotero para Corrêa da Serra*, 1976, pp. 39-40); "Diga-me se já leo a Flora do nosso Brotero que creio nos faz honra e poem a conta ao pobre e misero Vandelli, que a pesar de tudo vae felizmente em bem" (*Carta de Sousa Coutinho ao Abade Correia da Serra (20 de Janeiro de 1805)*, apud A. Fernandes, *ibidem*, 1976, p. 42).

Rodrigues Ferreira, Francisco de Lemos, Monteiro da Rocha) - tendo a sua origem numa indestrinçável teia de relações políticas entre facções de Corte e no ódio e intriga pessoais <sup>288</sup> - resultava, na prática, em resistências conservadoras a ideias mais ousadas e em ondas de choque que (com o pano de fundo das alianças internacionais) atingirão o próprio círculo de confiança do Regente o qual se verá obrigado, em finais de 1803, a aceitar a demissão do irrequieto Presidente do Real Erário <sup>289</sup>.

Estaremos porventura - também aqui, tal como já foi decifrado na coeva Espanha de Carlos III e de Carlos IV - em presença de um dos paradoxos típicos do *absolutismo esclarecido* ou seja a convivência, nas instituições científicas, da retórica da racionalidade com a permanência de atavismos sociais e políticos, resultando em efeito desagregador de equipas e neutralizador de individualidades criativas, e numa enorme dificuldade em planificar a política científica do Estado <sup>290</sup>. Daí que se compreenda melhor a

<sup>288</sup> Vide Abílio Fernandes, *Desavenças e desditas de Brotero*, 1945; *idem*, *Quatro cartas inéditas de Brotero para o conde da Barca*, 1947; *idem*, *O conflito entre Brotero e Monteiro da Rocha*, 1949; *idem*, *Novos dados sobre os conflitos de Brotero*, 1950, *idem*, *Uma carta inédita de Brotero para Correia da Serra*, 1976; Américo Pires de Lima, e J. R. Santos Júnior, *Cartas inéditas de e para Brotero*, 1944. "Brotero (...) n' a pas été élève à Coimbra, et c'est pour cette raison que ses collègues lui causent mille désagréments; il est miné par le chagrin et la mélancolie. Vandelli l'éloigna de Lisbonne, parce qu'il avait trop de connaissances, et trouva moyen de procurer à Don Alexandre, homme sans érudition, une place qui était due au mérite de Brotero" (Heinrich Friedrich Link, *ob. cit.*, 1798, t. I, pp. 387-392)

<sup>289</sup> "Mas a figura de Sousa Coutinho não é apenas relevante pelo facto de ter exercido elevados cargos de direcção política e de governo; o que principalmente importa é que as suas funções ministeriais não foram exercidas sob o lema de uma apagada rotina, mas sim sob a égide de uma sólida formação e de uma consolidada estrutura de pensamento" (J. L. Cardoso, *O pensamento económico em Portugal nos finais do século XVIII. 1780-1808*, 1989, p. 128); "De harmonia com a mesma nota, na carta dirigida a Correia da Serra, D. Rodrigo pergunta-lhe se já leu a Flora «que creio nos faz honra e poem a conta o pobre e misero Vandelli». Refere-se depois ao sistema adoptado por Brotero, que lhe «parece supefluo e sem novidade». Esta passagem atesta o elevado grau de cultura de D. Rodrigo, o qual lhe permite julgar o mérito do sistema de classificação utilizado por Brotero. D. Rodrigo esperava certamente que o nosso naturalista seguisse um sistema natural, tal como o de Jussieu, tendo provavelmente ficado um pouco desapontado ao verificar que Brotero tinha usado um sistema que, na sua essência, pouco diferia do de Lineu" (Abílio Fernandes, *Uma carta inédita de Brotero para Correia da Serra*, 1976, pp. 45-46).

<sup>290</sup> "(...) la política científica ilustrada en España, fundamentada en un complicado juego de espejos, en el que nada es lo que parece, ni serve a la función para la que en teoría fue diseñado. (...) explicar como las utopías reformistas ilustradas (...) fueron embarracando poco a poco en la realidad burocrática, cotesana y covachuelística de la

impotência política revelada pelo Inspector Geral no remoque ao naturalista paduano, a pretexto da remessa para a Ajuda de um ramo de árvore de cravo brasileiro "para fazer classificar a referida planta convenientemente; lembrando por esta ocasião a V. M. ce a importancia de augmentar o nosso Horto Botanico; pondo-o em estado de poder servir de instrucção, e de ser util" <sup>291</sup>.

Em contexto de crispação entre Vandelli e D. Rodrigo, é mesmo provável que o Ministro tenha alimentado a empresa de trazer Brotero para Lisboa a fim de o libertar, em Coimbra, da perseguição de que ele se dizia vítima, aproveitando para dar corpo à organização de cursos de História Natural, na Ajuda <sup>292</sup>. Esta presumida intenção ministerial não passou, aliás, despercebida aos adversários do professor de Coimbra que a denunciaram em panfleto anónimo: "Para que he tanta verbiage, como esta? Se intenta pedir a demissão da Cadeira, e do Jardim de Coimbra, com o olho no de Lisboa, faz bem, que

---

Corte y en el imperativo político impuesto por el resto de los imperios europeos. (...) se analiza el paradójico efecto del poder absoluto sobre la creación científica y sobre las instituciones dedicadas a su cultivo pues, bajo una apariencia férreamente aglutinadora, se produjo un efecto claramente disgregador de equipos y neutralizador de individualidades creativas, junto a una gran dificultad para planificar la política científica estatal, por ignorancia o menosprecio de estas actividades" (F. J. Puerto Sarmiento, *Ciencia de cámara. Casimiro Gómez Ortega (1741-1818) el científico cortesano*, 1992, pp. XV-XVI).

<sup>291</sup> *Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a D. Vandelli*, in *Livro de Registo dos Decretos (1802)*, MCUL.

<sup>292</sup> "Ouvi dizer repetidas vezes ao inclyto Conde de Linhares, que elle tinha proposto a Sua Alteza Real o estabelecimento de hum Curso Filosofico na Capital, com duas Escolas additas a elle, huma de Agricultura e Economia Rural, e outra de Arte Veterinária; e que Sua Alteza Real tinha annuido á sua proposta, mas que a execução ficára delongada para tempos de menos mingoa, e de menos cuidados. Os planos destas Escolas tinham por intuito instruir a Nação nas melhores theorias e práticas actuaes de Agricultura e Economia Rural seguidas na Europa" (F. A. Brotero, *Reflexões sobre a agricultura de Portugal, sobre o seu antigo e presente estado, e se por meio de escolas ruraes praticas, ou por outros, ella pode melhorar-se, e tomar-se florente*, 1815). Com base numa declaração de uma comissão parlamentar (em 1840), A. da Silva Carvalho (*O abade Correia da Serra*, 1948, p. 41) afirma que "A verdade é que já em 1800 o doutor Ciera propunha uma reforma destes estudos e que pouco depois os célebres Brotero e Abade Correia da Serra foram encarregados de organizar um plano para a organização dum estabelecimento de ciências físicas em Lisboa e que, feito o plano e até nomeados os professores e designado o local, não veio a lume a obra, por causa da invasão dos franceses e da partida do Príncipe Regente para o Brasil" (*O abade Correia da Serra*, 1948, p. 41). Não conseguimos apurar a veracidade dos dados e se, a ser verdade, este projecto corresponderia ao que Sousa Coutinho ideou com Brotero.

isto de quem mais perto está do lume, mais depressa se aquece; porem veja q.e tambem mais depressa se queima. (...) Mas para que he condenar-se elle a si mesmo a viver em algum cantinho da terra? Não está ahi Amsterdão, ou Londres, ou Paris, que sempre forão o jardim do Eden, para os nossos Padres tristes, e descontentes?"<sup>293</sup>.

Certo é que Brotero acalentava ideias seguras a respeito do ensino naturalista na capital e já as tinha até exposto a Sousa Coutinho em carta cujo conteúdo circulará no citado panfleto contra o Lente de Botânica mas que, de algum modo, visaria igualmente o Ministro que o protegia. Neste projecto, o botânico apostava na constituição de uma equipa de especialistas de cada um dos três reinos e na contratação de outros naturalistas, aproveitando de passagem para questionar uma vez mais a credibilidade científica de Vandelli e de Rodrigues Ferreira à frente dos estabelecimentos régios: "Em quanto o Jardim da Ajuda não tiver hum bom Botanico, e o Museo hum Sabio Zoologista, e hum verdadeiro Mineralogista, taes Estabelecimentos serviraõ mais de descrédito á Nação, do que de honra, e utilidade. Estes tres Naturalistas são indispensaveis; e no cazo que em Lisboa se haja de estabelecer algum dia

<sup>293</sup> *Dois panfletos anónimos contra Brotero (27 de Abril e 3 de Maio de 1803)*, BPE, Cod. CIX /1-18, P. 35, fls. 158 a 177. Outro padre que entraria nesta categoria seria certamente Correia da Serra, com quem aliás Brotero se carteva trocando queixumes: "Escreveu [Correia da Serra] a 20 de Abril de 1806 a Brotero participando ter-lhe mandado sementes dadas por M. Thévenin e duas cartas dos botânicos Person e de Candolle, além de fazer referências a outros naturalistas. Felicitara-o pela sua *Flora* e que ele Brotero anunciara nos *Archives Littéraires, Journal de Phisique e Magazin Encyclopedique* "A sua reputação de excelente botânico está cá feita e como nesta terra (isto) é alguma coisa e lá menos que nada, pois que não há olhos para o conhecer e há-de ser proposto a todos os charlatães grandes e pequenos, aconselho-o bem deveras que em tendo a sua jubilação, que não pode tardar, venha para cá gozar de estimação, que por tantos titulos merece, e viver com os verdadeiros sabios na comunhão da paz e da sciencia. Terei então o gosto, que nunca tive de o conhecer e honrar pessoalmente (...) Receberá com esta carta uma cópia de uma memória minha sobre a família das lorangeiras, que se publicará nos *Anais do Museu de História Natural* e que será seguida de algumas outras. Muita (outra) coisa teria saído, se me não tivessem dado tão má vida e me não tivessem estragado a saúde, não os estrangeiros, porque se não fossem eles, já teria acabado meus dias, mas a gente entre os quais tive a infelicidade de nascer. (...) Uma das queixas que agravaram as borrascas portuguesas da minha vida, é uma repugnância infinita a ter nada que fazer com essa terra ou escrever para lá - em dois anos não tenho escrito seis cartas para lá, e estas com uma repugnância invencível. Parece-me que vou convalescendo" (A. da Silva Carvalho, *O abade Correia da Serra*, 1948, p. 41).

hum Curso Philosophico, como he de toda a neccessid.e, o numero dos ditos Naturalistas deverá ainda ser aumentado" <sup>294</sup>.

O que resulta de tudo isto, independentemente do complexo de justificações que aqui deixamos afloradas, é que nunca no interior do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda foi possível levar à prática o ensino público de conhecimentos técnico-científicos naturalistas, ao contrário do que era prática corrente em tantos outros congêneres estabelecimentos europeus. Deste modo se comprometeu uma componente decisiva do labor formativo que lhe competia enquanto instituição cultural, não bastando para tal a vulgar visita de um público indiferenciado em horário semanal fixo.

Fosse por incúria ministerial ao manter anos a fio um quadro de naturalistas manifestamente insuficiente, ou por incompetência e desleixo dos profissionais, ou até pela tão invocada descentração geográfica da Ajuda no espaço urbano da capital <sup>295</sup>, certo é que - até à institucionalização, em 1837, de uma estrutura curricular de História Natural na Escola Politécnica <sup>296</sup> - estes projectos servirão apenas para integrar e sedimentar um património de ideias

---

<sup>294</sup> *Carta de Brotero a D. Rodrigo de Sousa Coutinho* trans. in *Dois panfletos anónimos contra Brotero*. Para uma interpretação destes interessantes documentos, consulte-se Abílio Fernandes, *Novos dados sobre os conflitos de Brotero*, 1950. O autor considera que o autor material, ou moral, dos panfletos terá sido Domingos Vandelli, já que ali se faz uma defesa intransigente do valor humano e profissional do italiano e se utilizam cartas e documentos certamente na sua posse.

<sup>295</sup> "Tomando em consideração o estado tão incompleto como irregular em que se acha o Museu e Horto Botanico d'Ajuda, e Attendendo á necessidade de dar as providências convenientes para que estes Estabelecimentos correspondam a seus ponderosos fins, coadjuvando a instrucção publica nos diversos ramos da Historia Natural, que servem de base a todos os estudos filosoficos da Natureza: (...) Hei por bem Ordenar o seguinte: Artigo 1.º O Museu de Historia Natural existente na Ajuda, logo que se publicar o presente Decreto, será incorporado no Museu da Academia Real das Sciencias em Lisboa, não só para uso das prelecções da Aula que alli se acha estabelecida de Zoologia e Anatomia comparada, mas tambem para que patente ao publico no centro da Capital offereça aos estudiosos meios faceis de applicação" (*Diário do Governo*, 3 de Setembro de 1836). Sobre a questão do enquadramento da Ajuda na geografia urbana e política de Lisboa, vide Maria Alexandre Lousada, *Espaços de sociabilidade em Lisboa: finais do século XVIII a 1834*, 1995, pp. 98-100.

<sup>296</sup> Cfr. *Decreto de 11 de Janeiro de 1837*; Pedro José da Cunha, *A escola politécnica de Lisboa*, 1937; Carlos Almaça, *A zoologia e a antropologia na escola politécnica e na faculdade de ciências da universidade de Lisboa (até 1983)*, 1987; A. M. Galopim de Carvalho, e César Lino Lopes, *Geociências na universidade de Lisboa - investigação científica e museologia*, 1987; e Ireneia Melo, *A evolução da botânica no museu nacional de história natural*, 1987.



cujas origens mais longínquas remontam, cremos, ao serviço oferecido aos leitores da *Gazeta de Lisboa*, em 1783, por um antigo discípulo de Vandelli: "Aviso. O Doutor Manoel Joaquim Henriques de Paiva, Medico nesta cidade, tem determinado principiari hum curso gratuito de Quimica e Farmacia (...) no Laboratorio Quimico do P. Francisco José d'Aguiar, Boticario, morador no Rocio (...) e na Terça feira 2 do dito mez principiará ás mesmas horas outro curso d'Historia Natural, que comprehenderá a Mineralogia, Botanica, e Zoologia, o qual continuara todas as terças feiras, e sabbados no mesmo Laboratorio" <sup>297</sup>.

A corrente de opinião favorável a coarctar ao *Curso Philosophico* coimbrão o monopólio de ensino naturalista - à semelhança do que já se praticava com o ensino de ciências físicas e matemáticas nas academias de Lisboa e Porto - viria ainda a terreiro em dois momentos anteriores à incorporação do Museu de História Natural da Ajuda na Academia das Ciências, novamente pela mão de Félix de Avelar Brotero, primeiro, <sup>298</sup> e do médico Francisco Soares Franco (1772-1843) <sup>299</sup>, depois, em propostas que, por uma vez mais, não lograriam a adesão dos poderes constituídos.

<sup>297</sup> *Gazeta de Lisboa*, 25 de Novembro de 1783. Estes 'avisos' repetem-se ao longo de vários números do jornal. Para mais dados bio-bibliográficos deste sobrinho de Ribeiro Sanches, médico da câmara real e lente de filosofia em Coimbra, veja-se Inocêncio F. da Silva, *ob. cit.*, t. VI, pp. 12-18. Paiva era bem conhecido em Madrid, sendo sócio da Academia de Medicina daquela cidade. Casimiro Ortega refere-se a ele elogiosamente em carta enviada a Vandelli: "Io La ringrazio ed accetto volontieri la di Lei corrispondenza ed di Lettere ed di piante e semi. Il Signore Gioachino di Paiva, giovane di talento straordinario e suo degnissimo Discipolo potrà informala sulla maniera di fare reciprocamente le nostre spedizioni di piante e semi" (*Carta de Casimiro Gomez Ortega a Domingos Vandelli (Madrid, 12 de Julho de 1777)*, AHMB, CEJO -3).

<sup>298</sup> Cfr. Félix de Avelar Brotero, *Reflexões sobre a Representação que o Ex.mo Marquez de Abrantes, D. Jose, fez immediatamente a S. A. R. a bem da Agricultura e Industria nacional [1815/1820]*, BAACL, Ms. 1122, Série Azul; e Ruy T. Palhinha, *Obra e vida de Felix de Avelar Brotero*, 1947.

<sup>299</sup> *Diario das cortes geraes, extraordinarias, e constituintes da nação portugueza*, Sessões de 14 e 21 de Julho de 1821 e 7 de Outubro de 1822; e Benedita Cardoso Câmara, *Do agrarismo ao liberalismo. Francisco Soares Franco - um pensamento crítico*, 1989, pp. 216-217.

18. O complexo museológico e científico da Ajuda - tal como se encontra amplamente documentado tanto no *Livro de Registo dos Decretos* quanto na correspondência de naturalistas e de governantes - foi convocado a prestar um conjunto de serviços de índole técnico-científica com as mais variadas instituições, nomeadamente com a Universidade de Coimbra, com a Academia Real das Ciências, com hospitais e com estabelecimentos manufactureiros e, sem esquecer o seu carácter de anexo palaciano, a cooperar com as solicitações privativas da família real.

Tratou-se em geral de uma colaboração pontual, sem a persistência das políticas fundamente estruturadas, sem uma aparente articulação de esforços e de meios. Contudo, é forçoso assinalá-lo uma vez mais, o período que corresponde à presença ministerial de Sousa Coutinho (1796-1803) deixará uma forte marca de voluntarismo político (ao menos no campo legal das intenções), que pretendeu romper com as rotinas instaladas nas instituições envolvidas neste 'comércio de serviços' e nelas impor o conceito de complementaridade e de reciprocidade de funções.

Enquanto instituto museológico, a Ajuda ocupou indiscutivelmente um lugar central no quadro do coleccionismo naturalista setecentista<sup>300</sup>. Aliás, a aceitarmos a interpretação autorizada de Avelar Brotero, o Real Museu de História Natural - dotado de recursos muito superiores a qualquer outra instituição congénere - pôde mesmo cumprir um papel matricial na redistribuição do património natural acumulado: "O Museu athe o periodo, em que a Real familia se ausentou para o Brasil, progredio summamente na quantidade dos seus productos naturaes, elle forneceo quasi todos aquelles, com que se fundou o Museu da Universidade de Coimbra, o da Academia de Sciencias de Lisboa, e o da Casa da Moeda"<sup>301</sup>.

---

<sup>300</sup> Vide *infra*, Anexo II "Colecções, gabinetes, jardins botânicos e museus (1768-1808) - quadro de relações", vol. II.

<sup>301</sup> *Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro (16 de Novembro de 1822)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555 (1821-1833).

A primeira referência documental a este fluxo de produtos 'naturaes e 'industriaes' enviados de Lisboa com destino ao Jardim e ao Museu universitários é a *Relação das despesas feitas com as plantas que vieram deste Real Jardim Botânico da Ajuda p. o de Coimbra (4 de Fevereiro de 1795)*, saída do punho de Alexandre Rodrigues Ferreira. Assumindo responder a rogativa régia, o naturalista-administrador dirigia-se ao Procurador da Universidade junto da Corte avisando-o de que estariam prontos para serem embarcados "quarenta e três caixoins" contendo "duzentas e quarenta Plantas" para o Jardim Botânico dirigido pelo Lente Félix de Avelar Brotero<sup>302</sup>.

Já com Sousa Coutinho à frente da Secretaria de Estado da Marinha se assiste a novo impulso no envio de produções naturais (por enquanto limitadas a espécies fitológicas), registando o *Livro dos Decretos* duas remessas durante o ano de 1799, uma das quais juntava "hum paco com semente de Ervilhana Inglesa" e com "semente de Heracli" apenas chegadas de Londres, presumivelmente expedidas por Correia da Serra. Na mesma ocasião o ministro escrevia pessoalmente a Brotero afirmando-se seguro de que "VM.ce com o seu conhecido zelo procurará conservar, e propagar estas uteis Plantas, correspondendo assim ás beneficis intenções do Principe Regente N. S.r"<sup>303</sup>.

Em carta enviada ao Abade, dois anos depois, Brotero continuava a lamentar-se por não poder dispor no seu Jardim universitário do rico material vegetal excedente na Ajuda, invocando uma atitude de deliberada obstrução de Vandelli a disposições régias<sup>304</sup>. É muito provável, se atendermos ao respeito intelectual que por ele nutria e à estreita comunhão de pontos de vista sobre história natural, que as queixas do botânico tenham ecoado no ânimo de D.

<sup>302</sup> Alexandre Rodrigues Ferreira, *Relação das despesas feitas com as plantas que vieram deste Real Jardim Botânico da Ajuda p. o de Coimbra (4 de Fevereiro de 1795)*, AUC, Jardim Botânico, (Plantas).

<sup>303</sup> Cfr. *Livro de Registo dos Decretos (30 de Dezembro de 1799)*, MCUL; e *Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a Brotero (30 de Dezembro de 1799)*, apud Américo Pires de Lima e J. R. Santos Júnior, *Cartas inéditas de e para Brotero*, 1944, p. 26.

<sup>304</sup> "Eu bem dezejara que elle [Vandelli] fosse cada vez mais feliz, mas quizera tambem que elle não fosse tão inimigo da botanica, não querendo absolutamente mandarme nada do Jardim da Ajuda para o desta Universidade, sem embargo das ordens que Sua Alteza a meu requerimento para isso lhe tinha dado" (*Carta de Brotero para o Abade Correia da Serra (20 de Fevereiro de 1801)*, apud Abílio Fernandes, *Uma carta inédita de Brotero para Corrêa da Serra*, 1976, pp. 39-40).

Rodrigo e funcionado como pretexto para o conteúdo do *Aviso de 12 de Novembro de 1801*. Este dispositivo legal impunha a colaboração científica entre as duas instituições através da reciprocidade de tratamento, ou seja, a prática de um verdadeiro intercâmbio de objectos naturais<sup>305</sup>: "Sendo presente a Sua Alteza Real (...) a necessidade que há de estabelecer a devida correspondencia entre o Jardim Botanico da Ajuda e o da Universidade, para que se não sinta falta nos Productos, e Plantas no Museo e Jardim Botanico da Universidade, para a Instrucção Publica (...). Foi o Mesmo Senhor Servido Ordenar ao Director do Seu Real Museo e Jardim Botanico, que remetesse para a dita Universidade todos os referidos Productos e Plantas, que se achassem duplicados, e todos aquelles que não houvessem no Jardim da Universidade, donde deve estabelecer-se a mesma reciprocidade a favor do Jardim Botanico da Ajuda"<sup>306</sup>.

<sup>305</sup> "Também na data de 12 de Novembro de 1801 foi adoptada uma excelente providência, qual a de se ordenar que se estabelecesse uma correspondência regular entre os gabinetes e jardins da corte e os da Universidade de Coimbra, par o efeito de comunicarem reciprocamente os produtos diversos e as plantas" (J. Silvestre Ribeiro, *Historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarchia*, t. III, 1873, pp.344-345).

<sup>306</sup> *Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a D. Francisco de Lemos (12 de Novembro de 1801)* in *Livro de Registo dos Decretos*, MCUL. "É elevado o número de plantas que povoam o Jardim. Algumas são mandadas do Jardim Real da Ajuda por determinação superior (...) pela qual se ordena ceder para Coimbra os duplicados, estabelecendo-se a reciproca troca entre os dois estabelecimentos, para utilidade de ambos. (Júlio A. Henriques, *O jardim botânico da universidade de Coimbra*, 1876, p. 56). Esta reciprocidade passará, a partir de 1811, a um patamar superior através de um Decreto que impõe um quadro profissional único. É pelo menos o que argumenta um professor de Coimbra candidato ao lugar de Director da Ajuda, depois da morte de Brotero: "Diz Antonio José das Neves Melo doutor na Faculdade de Philosophia pela Universidade de Coimbra em 1790 que elle supp.te nove para dez annos foi Demonstrador das Cadeiras de Zoologia e Mineralogia, de Botanica e Agricultura, outo para nove foi Lente Substituto das mesmas, regendo de fora parte a Cadeira de Metalurgia novamente fundada na Universidade; e que pelo Decreto de S. Mag.de, que Deos tem em gloria, de 1811, em que Nomeou ao Dr. Felix Avellar Brotero Director do Real Museu e Jardim de N. S.<sup>a</sup> da Ajuda, ficou o supp.te proprietario das referidas Cadeiras de Botanica e de Agricultura ficando ainda reunidas na pessoa do supp.te; determinando o mesmo Decreto, que entre os dous Estabelecimentos de Coimbra e Lisboa houvesse dali ao diante huma só correspondencia, unidade e acesso" (*Requerimento de António José das Neves Melo pedindo o lugar de Director do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda [Novembro de 1828]*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, 1821-1833).

Daqui ficaria a resultar, se não uma prática persistentemente consumada ao longo dos anos, ao menos a padronização de procedimentos técnicos e administrativos entre as duas instituições, sendo possível reproduzi-los com suficiente nitidez no caso mais habitual, isto é, o sentido Ajuda-Coimbra <sup>307</sup>. Assim, caberia ao Director a escolha das plantas "agraciadas" as quais eram, em seguida, colocadas pelo Jardineiro em caixotes "com a sua competente terra", sempre durante as estações do Outono, Inverno e princípio da Primavera; todos os espécimens eram numerados e nomeclados num catálogo seguindo aquela ordenação numérica; embarcavam-se então os caixotes com destino ao porto da Figueira da Foz, dali seguindo por estrada até à Alta de Coimbra; finalmente, os gastos com o acondicionamento, transporte e remuneração do Jardineiro eram assegurados pela Fazenda da Universidade por intermédio do seu Procurador permanente na capital <sup>308</sup>.

O outro sentido previsto deste intercâmbio, Coimbra-Ajuda, tão raramente se terá praticado que quase se não deixa documentar, excepção feita a um hesitante registo de sementes enviadas de Coimbra pelo 'Lente Brotero' <sup>309</sup>. Ao invés, seria ainda dos estabelecimentos régios da capital que

---

<sup>307</sup> De todo o modo parece instalar-se um espírito novo, detectável por exemplo neste documento oficial: "Remetto a V. M.ce a Relação das Sementes, que antes de hontem forão entregues no Jardim Botanico, vindas do Pará (...) e se continuarão a remetter as que forem chegando. De todas póde V. M.ce tirar a porção que lhe parecer, para se semear no Real Jardim Botanico, e para mandar para o de Coimbra" (*Carta do Visconde de Anadia a D. Vandelli (19 de Dezembro de 1803)*, in *Livro de Registo dos Decretos*, MCUL).

<sup>308</sup> *Resposta de Félix de Avelar Brotero a um officio do Marquês de Palmela (10 de Novembro de 1824)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, (1821-1833). O enquadramento deste relato histórico de procedimentos é assim construído por Brotero: "Em cumprimento do Regio Aviso, (...) em que pede aquellas plantas vivas, que há duplicadas neste Real Jardim Botânico do Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a benefício do da dita Universidade, certifico que na verdade há neste Real Jardim alguns individuos vegetaes das mesmas especies duplicados, dos quaes S. Mag.e pode fazer donativo ao da Universidade sem que isso cause prejuizo algum ao Seu Real Jardim mencionado; e outro sim, attesto que S. Mag.e já por outras vezes tem feito hum semelhante donativo, em que forão comprehendidas algumas especies dos Seus Estados Ultramarinos cultivadas no dito Real Jardim, mostrando nisso querer conformar-se com o Beneplacito do Augusto Senhor Rey D. Jose I de gloriosa Memoria, o qual nos Estatutos, que deu á Universidade, especificou ser muito util que no Jardim Botanico da mesma Universidade se cultivassem tão bem algumas plantas dos Seus Dominios".

<sup>309</sup> Cfr. *Livro de Registo dos Decretos (1803)*, MCUL. Referência ainda para outro registo relativo ao envio, através da Mesa de Inspecção da Cidade da Bahia, de um

partiria, rumo ao Museu de História Natural da Universidade de Coimbra, a mais generosa das doações lisboetas constituída por largas centenas de exemplares dos três reinos e ainda um lote importante (mais de quatro centenas) dos designados "Productos Industriáes".

Apresentadas em recente Catálogo sobre a *Memória da Amazónia*<sup>310</sup>, as colecções elencadas na *Relação Dos Productos naturaes e industriaes que deste Real Museu se remetterão para a Universidade de Coimbra em 1806*<sup>311</sup> seriam - segundo os autores que as analisaram demoradamente - em grande parte, mas não exclusivamente, provenientes da *viagem philosophica* ao Brasil. Na realidade, a ordenação dos exemplares por grupos apresentaria semelhanças com o esquema da alexandrina *Relação Geral do Rio Negro* e em diferentes pontos seria manifesta a intervenção de Rodrigues Ferreira no doc. 26 (Zoologia e Minerologia). Quanto ao doc. 26 a (Botânica e Antropologia), seria indubitavelmente da sua autoria, apresentando correcções do seu próprio punho<sup>312</sup>.

O facto de actualmente muitos destes objectos, do lote das produções da *arte humana* (vestuário, ornatos, máscaras, armas e utensílios, etc.) incorporarem o acervo do Museu de História Natural da Universidade de Coimbra (secção de Antropologia) reveste-se de um particular interesse histórico e museológico, já que vicissitudes várias obrigaram à dispersão (Academia das Ciências de Lisboa<sup>313</sup>, Museu Nacional de História Natural de

---

frasco de semente da erva *Panicum altissimum*, "*preciosa planta, tão propria para pastos artificiaes*". Pede-se, na circunstância, que o Jardim da Ajuda faça chegar uma porção ao Jardim da Universidade (*idem*, 1803). O texto integral desta interessante carta encontra-se depositada no AHMB, *Carta da Mesa da Inspeção da Capitania da Baía ao Príncipe Regente (16 de Setembro de 1803)*, Rem. -604.

<sup>310</sup> Manuel Lorangeira Rodrigues Areia e Maria Arminda Pereira Miranda, *Perfil de um naturalista*, 1991, pp. 37-67.

<sup>311</sup> AHMB, ARF, -26 e -26a.

<sup>312</sup> Manuel L. R. Areia e M. Arminda P. Miranda, *ob. cit.*, 1991, p. 37.

<sup>313</sup> Em 1858, os produtos dos três reinos provenientes do Museu régio da Ajuda - que em 1836 tinham incorporado o Museu da Academia das Ciências - passaram a integrar o acervo do Museu da Escola Politécnica, excepção feita aos produtos 'artificiais' que se mantiveram na Academia. Daqui foram levados, em grande parte, para a Exposição de Madrid, de onde não voltariam. (Cfr. Manuel Lorangeira Rodrigues Areia, e Maria Arminda Pereira Miranda, *A philosophical journey to the Amazon, 1783-92. The story of the gathering and dispersal of a collection*, 1995).

Paris <sup>314</sup>, Exposição de Madrid <sup>315</sup>) e ao perecimento (incêndio do Museu Nacional de História Natural de Lisboa <sup>316</sup>) da maior parte das colecções do Museu da Ajuda. A sua conservação física, e exibição para estudo científico, no Museu pombalino investe hoje estes objectos da sacralidade devida a testemunhos materiais únicos da actividade *antropológica* de Alexandre Rodrigues Ferreira entre os Índios brasileiros.

Por fim, sem se sair do campo da colaboração com outras unidades museais, há que fazer menção a uma muito divulgada doacção de objectos ao Museu da Academia Real das Ciências cuidadosamente inventariados numa *Lista das Produçoens zoologicas Recebidas Por ordem de S. Mag.e Do Real Muzeu d'Ajuda Em Junho, Julho, Setembro, e Outubro de 1795 Apresentadas A Academia Real das Sciencias Dispostas conforme o Sistema de Carlos Lineu* <sup>317</sup>. Por ela nos inteiramos de que o Gabinete académico ficava assim

<sup>314</sup> Encontram-se ali produtos naturais saqueados na Ajuda, em 1808, por Geoffroy Saint-Hilaire.

<sup>315</sup> Em 1892, comemorativa do 4º centenário da descoberta da América. Sobre a participação portuguesa, veja-se A. C. Teixeira de Aragão, *Catalogo dos objectos de arte e industria dos indigenas da America que pelas festas comemorativas do 4.º Centenário da sua descoberta a Academia real das Sciencias de Lisboa envia á Exposição de Madrid, 1892*. "Os objectos de arte e industria dos indigenas americanos, que a Academia Real das Sciencias de Lisboa envia à exposição de Madrid, commemorando o quarto centenário da grande descoberta de Colombo, pertencem (fóra algumas peças da Associação dos Archeologos Portuguezes, e quatro vaso de ceramica do sr. Ramalho Ortigão, que vão designadas), ao seu museu, e foram pela maior parte adquiridas no seculo XVIII nas margens do Amazonas, ilha de Marajó, grutas de Maraca, Rio Negro, etc." (*idem, ibidem*, p. 4). Do *Catalogo* constavam os seguintes grupos de objectos: 'Armas e instrumentos'; 'Tecidos'; 'Ornatos dos gentios'; 'Mascaras'; 'Ceramica'; 'Varios artefactos'.

<sup>316</sup> "Das colecções feitas pelo Dr. Rodrigues Ferreira, ainda muitos exemplares residem nas galerias do museu, atestando a boa vontade do celebre e esquecido naturalista, em geral mal preparados e com os stigmas da vetustez mas de grande valor e importância historica, alguns conhecidos pela primeira vez por aquelle sabio, doze, quinze e vinte annos antes de decriptos scientificamente pelos classicos da Zoologia descriptiva"(J. Bettencourt Ferreira, *O museu de história natural de Lisboa*, 1892, pp. 343-344). O fogo, de origens nunca completamente apuradas, deflagrou na madrugada de 18 de Março de 1978 destruindo a quase totalidade das colecções existentes no Museu Bocage (Zoologia) e na secção de mineralogia.

<sup>317</sup> AHMB, Rem. - 435.

enriquecido com 20 exemplares da "Classe de Mamaes", 42 da "Classe de Amphibios", 65 da "Classe de Peixes" e, também, com 59 "Produçoens d'Arte".

Se recordarmos a tão requestada presença de Domingos Vandelli nos impulsos fundacionais da Academia, bem como no aconselhamento técnico e na organização do acervo inicial do Museu académico, durante a década de oitenta <sup>318</sup>, vislumbraremos aqui uma atitude de continuidade no privilegiado relacionamento do Director da Ajuda com a agremiação de que será sempre um dos mais prolixos *memorialistas*. De facto, a doacção - enfaticamente publicitada em pelo menos dois periódicos - resultaria de uma mercê régia, anunciada à Academia pelo seu Presidente, o Duque de Lafões, em sessão convenientemente aureolada com a apresentação de uma *Memoria* naturalista do sócio italiano: "No dia 12 de Maio do presente anno de 1795, celebrou a Academia Real das Sciencias a sua Sessão publica, na qual, depois de hum elegante Discurso do Presidente o Excellentissimo Duque de Lafões, em que participou a mercê que S. Mag. acabava de fazer á Academia de hum Exemplar de todos os productos da Natureza, ou da Arte, que se acharem triplicados, ou quadriplicados no seu Real Musêo, o Doutor Domingos Vandelli leo huma Memoria sobre a Quina parda da Paraiba, e sua utilidade na cura de diversas molestias" <sup>319</sup>.

19. Um dos mais singulares serviços prestados pelos régios estabelecimentos da Ajuda à comunidade terá sido porventura o que se reporta aos produtos botânicos dotados de propriedades medicinais. Espécies vegetais

---

<sup>318</sup> Vide *supra* Cap. V.

<sup>319</sup> *Mercurio historico, politico e litterario de Lisboa*, vol. 6, Maio de 1795, pp. 134-135; e *Gazeta de Lisboa*, 23 de Maio de 1795, 2º Suplemento. Do relacionamento entre as duas instituições fala também a seguinte ordem inserta no *Livro de Registo dos Decretos*: "Remetto a V. M.ce hua porção de excellente trigo da Barbaria, cuja especie será muito util propagar neste Reyno: Para este fim mandará V. M.ce semear, e tratar convenientemente, observando a producção que dá, comparada com a sementeira que deve ser feita por medida certa; e do resultado dará V. M.ce conta á Academia Real das Sciencias, por cujo Secretario me foi dirigido o mesmo trigo com a nota incluza" (*Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a D. Vandelli, 26 de Dezembro de 1801*).



com aproveitamento farmacológico como a 'quina' <sup>320</sup> e a 'goma' são abundantemente citadas na correspondência oficial e fazem parte do quotidiano de preocupações de naturalistas e governantes <sup>321</sup>, tal como se comprova pela nota oficial expedida para o Real Museu pedindo que sejam entregues ao médico do Hospital Real de São Jozé, António Mendes Franco, 'goma de Caninana', cascas e raízes medicinais <sup>322</sup>.

As tarefas solicitadas iam desde a aclimação de plantas no Jardim, até ao papel de redistribuição de produtos junto de personalidades e instituições deles necessitados, passando pelo reconhecimento taxonómico de plantas medicinais <sup>323</sup> ou pela análise química dos elementos activos, sendo a comunhão de interesses com os hospitais e com os seus profissionais por demais evidente na mútua circulação de informação comercial e científica. A administração colonial empenhava-se igualmente na colecta, preparação e

<sup>320</sup> "O investigador que primeiro isolou um dos princípios activos da quina foi o Dr. Bernardino António Gomes, formado em Medicina pela Universidade de Coimbra. (...)a investigação que lhe deu renome mundial foi o isolamento da cinchonina, o primeiro alcalóide conhecido das quinas. A origem da sua descoberta está relacionada com o desejo que dominava os portugueses no sentido de encontrarem cascas de árvores, em terras brasileiras, que substituíssem as quinas do Perú. A sua nomeação para o lugar de médico do Hospital da Marinha (Abril de 1804) e de primeiro médico do Hospital Militar da Corte (Setembro de 1805) coincidiu com a chegada de cascas de diversos vegetais de origem brasileira, que o Governo distribuía pelos hospitais de Lisboa e Coimbra com o fito de se verificar se possuíam as virtudes da quina" (Aloísio José de Carvalho Fernandes Costa, *A introdução da cultura das quinas nas nossas províncias ultramarinas e a participação dos portugueses no seu estudo químico*, 1940, p. 337).

<sup>321</sup> "Havendo-se descoberto na Capitania de Matto Grosso huma verdadeira Quina, sendo huma especie de Chinchona, e cujos effeitos tem sido aqui reconhecidos; he o Principe Regente Nosso Senhor servido, que V. M.ce procure hum Botanico capás de hir dirigir esta cultura naquella Capitania, e de nos mandar daquelle interessante Paiz os conhecimentos Botanicos necessarios, no que S.A.R. fará hum bom estabelecimento; devendo Vm.ce informar-me logo de tudo o que souber ao mesmo respeito" (*Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a Brotero (7 de Abril de 1801)*, apud Américo Pires de Lima, e J. R. Santos Júnior, *Cartas inéditas de e para Brotero*, 1944, p. 33).

<sup>322</sup> *Livro de Registo dos Decretos (1800)*, MCUL.

<sup>323</sup> "O governador e Capitão General do Pará participa (...) haver-se achado naquella Capitania a planta, cujos ramos remetto a V. M.ce, e que diz ser hum eficaz remedio para curar a lepra: V. M.ce me informar se he possivel reconhecer-se por estes ramos a familia a que pertence a dita planta, e se se pode classificar, a fim de se saber se já foi, ou não descripta" (*Carta do Visconde de Anadia a D. Vandelli (10 de Junho de 1806)*, in *Livro de Registo de Decretos*, MCUL).

expedição de 'remédios', anexando sempre que possível relatórios alicerçados em experimentação médica <sup>324</sup>.

Sirva de exemplo um ofício do Ministério da Marinha ao Director dando conta de que, "por equivocação", tinham ficado retidos no Arsenal da Marinha dois caixotes com quina e outros remédios, remetidos pelo Governador de Piauí, D. João de Amorim Pereira. Pedia-se que, depois de aproveitados pelo Museu, o que sobrasse fosse enviado a dois médicos que desejavam fazer experiências: os doutores Francisco Tavares e João Francisco [de Oliveira] <sup>325</sup> e, também, ao Hospital da Marinha <sup>326</sup>. Da mesma capitania chegava à Ajuda, no ano seguinte, o produto de demorada recolha efectuada nas matas por um

---

<sup>324</sup> "Da mesma sorte remeto huma lata com a resina, que se extrahe da Raiz de hum Arbusto, a que os do Pais chamão Caninana, e que eu julgo ser o Ceanatrus (...). Esta gresina pelos assíduos exames, q. fáz sobre todas as Plantas, Arvores e Vegetação deste continente, cura com admiração dos Professores toda a molestia Celtica, ainda q. ella esteja no seu maior Auge, e se manifeste com sintomas até agora incuráveis, como Cancerosos, Ulcerados, restituindo dentro em hum Mez aquelles, que estavam com ellas a cada momento esperando à morte e dezamparados dos Sirurgions; e outras mais molestias que vão se declarando naquella Memoria junta. Se ella fizer na Europa o mesmo officio que tem produzido nesta Cidade, aonde com ella por ordem minha, e a minha custa se tem curado mais de Duzentos enfermos, assim cada vez mais será certamente de summa utilidade para o Genero Humano. Rogo a V. Ex.<sup>a</sup> queira faze-la experimenta-la pelos Professores p. se fazer publica a sua virtude. (...) Memoria: (...) O melhor remedio até agora conhecido para curar o referido humor Celtico, fossem quais fossem os seus progressos ou sintomas; e a experiencia, que todos os dias me dá novas provas desta verdade, me fáz julgar como hum remedio infalível a rezina da dita raiz. Cortadas pois as raizes do dito arbusto em bucados e depois de bem lavadas. Alem dos usos domesticos p.<sup>a</sup> oleados, seringas, borrachas, botas, çapatos, e até archotes q. dão boa Luz" (*Carta de D. João de Amorim Pereira a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (22 de Novembro de 1798), apud Flora Fluminensis de Frei José Mariano da Conceição Vellozo. Documentos, 1961, pp. 272-273*).

<sup>325</sup> Sobre este médico madeirense, nascido no Funchal em 1761, Físico Mor do Reino, veja-se Inocêncio F. da Silva, *ob. cit.*, t. X, 1883, pp. 262-263. Em Maio de 1798 enviou a Vandelli um relatório intitulado *Apontamentos para se estabelecer na Ilha da Madeira hum viveiro de plantas e huma Inspeção sobre a Agricultura da mesma Ilha* (AHU, Madeira, Doc.s 997-998, *apud A criação do Jardim Botânico da Madeira, sep. do Boletim Distrital do Funchal*, Abril 1960, pp. 44-48). Desta exposição resultaria a criação, no ano seguinte, de um viveiro de plantas no Monte, que foi encerrado em 1828. Agradecemos estas informações ao Dr. Pedro Jorge Pires Freire.

<sup>326</sup> Cfr. *Livro de Registo dos Decretos (1799)*, MCUL. O Hospital da Marinha foi também uma realização de D. Rodrigo de Sousa Coutinho: "Um outro estabelecimento creado tambem (...) com fundos particulares, que ainda ao presente não estão inteiramente pagos, foi o do hospital da marinha, situado na encosta do campo de Santa Clara" (S. J. da Luz Soriano, *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal*, 1.<sup>a</sup> época, t. II, 1867, pp. 282-283).

sargento-mór de milícias e naturalista-amador: "Cinco qualidades de cinchona, ou quina, com os seus ramos, folhas, flores, e fructos; algum sal ammoniaco, e algum salitre, eis o que descobrio, e alcançou pelas Matas (...) depois de quatro para cinco annos de peregrinação e despeza à sua custa, e agora apresenta para o seu exame, tanto botanico, como pharmaceutico <sup>327</sup>.

20. Além deste continuado préstimo a favor da 'saude dos povos', os profissionais da Ajuda eram solicitados a prestar colaboração técnica com instituições empenhadas no universo da produção económica. É possível documentar, por exemplo, um pedido da Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação (na qual Vandelli era Deputado desde 1788) para que no Laboratório Químico fossem analisados produtos enviados do Brasil, tais como sais, argilas para porcelana e águas ardentes, entre outros <sup>328</sup>. De resto, o Laboratório viria a merecer creditação oficial para testar o desempenho técnico do sócio e mestre da Fábrica de Estamparia de Alcobaça, o qual fora obrigado a demonstrar a sua perícia no "ministério da tinturaria" e "em particular na cor vermelha" nos Laboratórios da Real Fábrica das Sedas e do Real Museu da Ajuda <sup>329</sup>.

Anos depois, em 1805, algum deste equipamento científico do complexo da Ajuda voltará a ser reclamado, desta vez a título de empréstimo, pela Fábrica das Sedas. Domingos Vandelli ordenava então ao Fiel do Museu que lhe remetesse "hua caixinha dos Reagentes, duas pequenas marmitas de

<sup>327</sup> *Carta de Inácio Pires Pereira Pinto a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (1800), apud Flora Fluminensis de Frei José Mariano da Conceição Vellozo. Documentos, 1961, p. 276. Semelhante remessa é enviada de outra capitania brasileira: "O Príncipe regente Nosso Senhor Manda remetter a V. M.ce o incluzo extracto de hua Carta dirigida pelo Conservador das Matas do Cairú (...) com dois caixotes de hua Casca que parece ser especie de Quina; os quaes se remettem ao real Jardim Botanico, e vem da Capitania dos Ilheos; e o Mesmo Senhor he Servido, que V. M.ce faça distribuir esta Quina, tanto pelos Fizicos Mores da Armada, como do Exercito; e a comunique igualmente ao D.or Francisco Tavares; a fim de se fazerem as convenientes experiencias, e observaçoens sobre este Producto" (Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a D. Vandelli (29 de Outubro de 1801), in Livro de Registo dos Decretos, MCUL).*

<sup>328</sup> *Livro de Registo dos Decretos (1794), MCUL.*

<sup>329</sup> *Idem (1795).*

Cobre, e hum almofariz de Bronze com sua competente mão, para se emprestarem ao Laboratorio Chimico da Direcção das Reais Fabricas das Sedas, e Agoas Livres, para se fazerem experiencias concernentes ao Serviço de S. A. R." <sup>330</sup>.

Enquanto *arquivo da natureza* o Real Museu também entesourava nas suas instalações algum ouro e pedras preciosas, condição que propiciaria naturalmente o estabelecimento de laços especiais com a Casa da Moeda <sup>331</sup>. De facto, o *Livro de Registo dos Decretos* regista alguns dados a este respeito, nomeadamente a ordem de D. Rodrigo que determinava, em 1802, a venda de ouro em pó à Casa da Moeda para ser fundido porque - como argumenta o presidente do Real Erário - se encontrava já muito misturado por experiências feitas no Laboratório e, além disso, o produto da venda seria aplicado "em pagamentos do Museu" <sup>332</sup>. Aliás, alguns meses antes, o mesmo governante fazia associar o Real Museu à Casa da Moeda em matéria de cedência de ouro e de apetrechos químicos, no contexto da criação de um Curso de Docimasia e de um Laboratório de Ensaios <sup>333</sup>.

Entregou-se a direcção dos estudos a José Bonifácio de Andrada e Silva, pretendendo-se assim que na Casa da Moeda se praticasse uma competente análise quantitativa dos 'minérios metálicos', "melhorando sucessivamente os métodos e manipulações de fusão, separação, e apuração em grande dos metais, particularmente do ouro e prata, e sua moedagem, que

---

<sup>330</sup> *Idem* (1 de Novembro de 1806).

<sup>331</sup> Os laços entre a Casa da Moeda e a Ajuda também aparecem documentados a propósito das actividades de Vandelli enquanto químico e industrial de cerâmica: "Tendo eu a minha custa, como he notorio nesta Universidade, pagando hum Official, e trabalhador quasi pelo espaço de dois annos, feitas varias experiencias sobre a Porcelana, Loiça, Cadilhos, Retoratas, e outros instrumentos Chymicos; e assim feitas descubertas interessantes, como consta das amostras, q. estão no Muséo de S.A.R. no Laboratorio Chimico do Real Jardim Botanico, e p.<sup>a</sup> as amostras de Cadilhos experimentadas na Fundição, e caza da Moeda com bom successo em prezencia do Secretario de Estado Martinho de Mello, e p.<sup>a</sup> as amostras de Loiça prezentadas ao Prezidente do Real Erário Marquez de Angeja" (Domingos Vandelli, *Representação sobre o projecto de estabelecimento de huma Fabrica de porcelana* (1781), ANTT, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628 (1778-1781).

<sup>332</sup> Cfr. *Livro de Registo dos Decretos* (1802), MCUL.

<sup>333</sup> Decreto de 12 de Novembro de 1801.

na dita Casa da Moeda se praticam (...) Concorrerá igualmente o Presidente do meu Real Erário com o que for necessário tirar-se do meu Real Museu, para o serviço do sobredito laboratório, e uso das lições" <sup>334</sup>.

Por vezes, a administração colonial brasileira fazia chegar - entre as inúmeras produções naturais remetidas ao cuidado da Secretaria de Estado da Marinha e Negócios Ultramarinos <sup>335</sup> - algumas amostras de ouro nativo, as quais eram invariavelmente encaminhadas para o Director da Ajuda, com a indicação de que deveria "depois de feitas as competentes analyses, e suas provas, informar sobre o conceito que faz da sua riqueza" <sup>336</sup>.

A existência de metais nobres e de pedras preciosas nas colecções dos museus de história natural, ainda que circunscritos à exibição e estudo científico enquanto espécimens mineralógicos raros, sempre aguçara cobiças alheias detectáveis nos roubos frequentemente noticiados. Contudo, quando a balança da Europa se inclinar para o lado da diplomacia agressiva e, finalmente, para a guerra e para as invasões assistiremos ao crescente fenómeno, não já do assalto individual, escondido e anónimo, mas do esbulho organizado de colecções, gabinetes, *ménageries* e museus enquanto política de Estado <sup>337</sup>.

<sup>334</sup> *Decreto de 12 de Novembro de 1801*, Arquivo Histórico do Tribunal de Contas, *Livro de Registo de Decretos e Ordens do Tesouro Real*, n.º 420, pp. 27-29, apud André Mansuy Diniz Silva, *D. Rodrigo de Souza Coutinho. Textos políticos, económicos e financeiros. 1783-1811*, 1993, t. 1, p. 218.

<sup>335</sup> "Em 25 do dito mez, e anno se receberão duas amostras de Ouro, mandadas por S. Ex.<sup>a</sup> o Ill.mo Sr. Visconde de Anadia, a quem foraõ remettidas pelo governador e Capitaõ general da Bahia em Officio de 24 de Julho do mesmo anno" (*Registo de productos naturais enviados da Capitania da Baía para o Real Museu da Ajuda (18 de Setembro de 1805 a 8 de Maio de 1806)*, AHMB, Rem. -621).

<sup>336</sup> *Livro de Registo dos Decretos (1805)*, MCUL.

<sup>337</sup> "En 1798, ce sont des oiseaux et des mammifères, dont un célèbre couple d'éléphants, qui viennent de la ménagerie du Loo, confisquée par les armées françaises au stathouder de Hollande, alors en fuite en Angleterre. La même année, les victoires militaires permettent de s'emparer des ours de Berne et de divers animaux de ménageries italiennes. Ces appropriations s'incrivent dans une politique de saisies systématiques, que les Européens considèrent vite comme du pillage. Ainsi, en 1794, la Convention dépêche des commissaires, dont deux professeurs du Muséum, auprès des armées de la rive gauche du Rhin pour rassembler des ouvres d'art, des livres, des objets de science. L'entrée aux Pays-Bas autrichiens et aux Provinces-Unies en 1795 permet de mettre la main non seulement sur des bêtes, mais sur des plantes, des graines, des outils agricoles, les spécimens des cabinets d'histoire naturelle de

Deixemos falar os documentos e por eles seremos informados de que em Novembro de 1803, o Ministro do Reino - o Visconde de Balsemão, ele próprio, já o sabemos, naturalista e coleccionador - em nome do Príncipe Regente notificava Domingos Vandelli para que entregasse ao embaixador de França, o General Jean Lannes (1769-1809), uma extensa lista de produtos, entre os quais "Collecções (...) das Minas de Ouro do Brasil, e das Pedras preciosas do mesmo" <sup>338</sup>.

Depois, ao tempo da primeira invasão napoleónica, mesmo antes da chegada a Lisboa do comissário Saint-Hilaire - mais atraído, como veremos, pelas riquezas naturais que faltavam ao *Muséum* parisiense - já o Museu da Ajuda tinha sido visitado por um cunhado de Junot em busca de preciosidades, afinal inexistentes: "O Museu escapou à pilhagem de Chuffre (...) que, tendo notícia nele haver folhetas e barras de ouro, e supondo também porção de diamantes, nos primeiros dias da sua chegada o foi visitar, mas ficou lograda a sua cobiça; porque os diamantes são pequenos e não são mais de nove, e as folhetas e barras de ouro, precavendo o saque, as entreguei a VAR em dois saquinhos, na véspera da sua partida; pelo que o Chuffre não sendo curioso das outras produções naturais, não voltou" <sup>339</sup>.

21. Na Corte, a originária condição dos estabelecimentos museológicos anexos ao Palácio - criação e propriedade da Família Real - nunca deixará de

---

l'Académie de Bruxelles et du stathouder de Hollande. La même politique est pratiquée en Italie, et de multiples oeuvres d'art, des objets de curiosité et des animaux exotiques font leur entrée à Paris le 27 juillet 1798 dans un cortège triomphal" (Éric Baratay e Élisabeth Hardouin-Fugier, *Zoos. Histoire des jardins zoologiques en occident (XVI e-Xxe siècle)*, 1998, p. 105).

<sup>338</sup> Carta do Visconde de Balsemão a D. Vandelli (17 de Novembro de 1803), in *Livro de Registo dos Decretos*, MCUL. General Jean Lannes, duque de Montebello, marechal de França. Em Lisboa desde 2 de Maio de 1802. Seria substituído em 1804, por Junot. A documentação da época sobre a acidentada passagem deste embaixador por Portugal é abundante (viajantes estrangeiros, relatórios da Intendência de Polícia, periodismo, memórias, etc.). Veja-se, para uma interpretação historiográfica da política de alianças Graça e J. S. Silva Dias, *Os primórdios da maçonaria em Portugal*, vol. I, t. II, 1980, pp. 421-568.

<sup>339</sup> (Carta de Domingos Vandelli ao Príncipe Regente D. João (17 de Setembro de 1808), ANTT, Ministério do Reino, Maço 279).

ser avocada. Na verdade, a complexa definição patrimonial de *bens da coroa*, tão recorrente no Antigo Regime, fará com que, aqui e ali, se registem paradoxais usos *privativos* de objectos e de equipamentos colocados - de acordo com a retórica do *absolutismo esclarecido* - ao serviço do 'Bem Publico'

340

É certo que parece vingar genericamente a preocupação em assegurar que os espécimens requisitados pelo Palácio disponham de duplicatas - "sempre que houver três Pedras Elasticas no Gabinete se remeta ao Príncipe a mais pequena" <sup>341</sup> - no entanto, quando tal não é possível, sobrepõe-se o conceito de 'serviço real', o que explicaria as surpreendentes ordens régias dadas aos funcionários da Ajuda pedindo-se, por exemplo, que um "grão de ouro ou um pedaço" que está no Museu seja enviado "com a maior brevidade para ser entregue a Sua Alteza" <sup>342</sup>, ou a requisição de "madeiras do Brasil para fabrico de peça de marchetaria" <sup>343</sup>, ou ainda - numa evidente utilização dos técnicos do Jardim em préstimos a particulares - para que o jardineiro-chefe "va hoje examinar os Cachoz de uvas barbatos produzidos na Quinta de

<sup>340</sup> "He necessario fazer differença entre os Bens Reaes destinados para os uzos Publicos do Imperio, e os que o são para os uzos particulares da Pessoa, Familia, e Estado do Principe. Os Bens Reaes posto que todos sejaõ Bens Publicos, com tudo naõ são todos de huma mesma ordem, e applicaçãõ" (António Ribeiro dos Santos, *Da Diferença, e diversa Natureza dos Bens Reaes Do Patrimonio da Corõa E dos Bens Reaes do Patrimonio do Principe*, BN, Cod. 4677)

<sup>341</sup> *Livro de Registo dos Decretos (1796)*, MCUL. Dentro deste espírito se insere a atitude de uma princeza real para com alguns dos objectos depositados no Museu: "Em 12 de Janeiro levou a dita Snr.<sup>a</sup> D. Anna 6 Conchas dos seguintes géneros estando presente o Director do Museu, que concordou em se dar tudo q.to a referida Senhora pedisse, sendo productos q. se achassem dobrados na sua especie. Generos das Conchas: Turbo -2 da mesma especie; Mutilus - 3 da mesma especie; Telina - 1 da mesma especie. Em 13 de Janeiro veio o Ajudante de Camara da mesma Senhora pedir huã concha cor de rosa e roxa, e deo-se-lhe outra Telina que aqui havia da dita cor e mesma especie. Em 29 do mesmo mez levou a dita Snr. <sup>a</sup> Infanta hum Roding silicioso lapidado e huã Medalha de spatho de cor azul lapidada (Spatho fluor)" (BN, *Relação dos Productos naturaes que deste Real Museu tem levado a Serenissima Snr. <sup>a</sup> Infanta D. Anna de Jesus Maria em Janeiro de 1827*, Cx. 236, n.º 159).

<sup>342</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>343</sup> *Livro de Registo dos Decretos (1802)*, MCUL.

Bernardo Luiz da Camara junto a Sete Rioz; e depois venha falar a S. A. R. a este Paço de Queluz" <sup>344</sup>.

Também devem ser inseridas neste contexto as ofertas principescas de produtos raros e valiosos do Museu a membros de famílias reais europeias, numa clara demonstração de que o valor político se podia sobrepor ao valor científico, como nos casos documentados de prendas ao Príncipe de Parma <sup>345</sup> (asperamente criticada pelo viajante Robert Southey) <sup>346</sup> ou à Princesa de Gales <sup>347</sup>.

Nem sempre estavam em causa objectos de uso sumptuário, podendo o conceito alargar-se à "Meza de Suas Altezas Reaes", em benefício da qual se convocava com regularidade o Real Museu e Jardim Botânico a fornecer iguarias de proveniência tropical <sup>348</sup>. Contudo, onde esta ambiguidade institucional é mais ostensiva é precisamente no fabrico de jóias, deixando

---

<sup>344</sup> *Ordens régias para Giulio Mattiazzi, (29 de Julho de 1792), AHMB, CN/C. 82 e 83.*

<sup>345</sup> Avisam-se os responsáveis do Museu para que preparem vários caixotes com ofertas ao Príncipe de Parma, a serem enviados por terra até Madrid. Serão entregues ao nosso embaixador naquela capital (Cfr. *Livro de Registo dos Decretos (1797)*, MCUL).

<sup>346</sup> "(...) but when the gloom of insanity and bigotry prevails at court, little can be expected of royal encouragement. Many of the most valuable articles have lately been presented to the Prince of Parma by the Prince of Brazil" (Robert Southey, *Letters written during a journey in Spain and a short residence in Portugal*, 1808, vol. II, pp. 158-159).

<sup>347</sup> Mandam-se entregar ao embaixador inglês, a título de oferta à Princesa de Gales, produtos naturais, nomeadamente sementes de plantas do Brasil e "tambem dar alguas, que sejam raras, e que possam existir no Jardim Botânico" (*Ordem do dia 19 de Novembro de 1800, apud Livro de Registo dos Decretos*, MCUL).

<sup>348</sup> Alguns exemplos: vários caixotes vindos de Cabo Verde são entregues ao cuidado do Museu, excluindo-se uma "capoeira com galinhas a enviar pessoalmente ao Príncipe Regente, em Queluz" (*Livro de Registo dos Decretos, 1798*); "O Ill. mo e Ex. mo Senr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho manda remetter ao Senr. Doutor Alexandre Rodriguez Ferreira essas Pevides de Meloens Cayena, que o Governador, e Capitão General do Pará mandou como excellentes; e lhe recommenda as faça semear, para que na Meza de Suas Altezas Reaes se possa apresentar Fructa tão precioza" (*Idem 19 de Fevereiro de 1800*); Ordem para que "duas caixas com ananases, enviadas do Pará para o Jardim Botânico devem ser remetidas para Queluz" (*Idem, ibidem*). "A Princesa Nossa Senhora Manda dizer a V. M.ce, que remetta por este Portador hum dos Passaros chamados do Paraizo, que esteja mais bem conservado, e perfeito, de forma, que possa chegar a Queluz bem acondicionado" (*Oficio do Visconde de Barbacena a A. R. Ferreira (8 de Novembro de 1801)*, in *idem*).



insinuar a ideia de que o Museu também cumpriria a função de 'cofre' de alguns dos tesouros da Coroa, tal como resulta do conteúdo de ordem expedida directamente dos serviços do Palácio para o Director do Real Museu: "O Príncipe Regente Nosso Senhor he servido que V. M. ce faça entregar ao seu Guarda Joias João Diogo Leitão e Carvalhoza <sup>349</sup> a matriz de Crystal cravada com Ouro, dois marcos de pó de Ouro em areia, e crystalizado; e tambem o mais Ouro em pó que for necessario para a Caixa de Ouro que lhe for apresentada, declarando o pezo do pó, que a mesma levar" <sup>350</sup>.

## **22. Relações com personalidades e instituições científicas europeias - da permuta ao saque**

A natureza imperial do país aliada a um tradicional desconhecimento dos seus recursos naturais, metropolitanos e coloniais, concitara - como tivemos ocasião de sublinhar noutra lugar deste texto - uma geral curiosidade e expectativa internacional face à criação e condução (a partir da década de sessenta) dos estabelecimentos museológicos lusitanos a cargo de um naturalista italiano de reconhecida craveira e com uma áurea de prestígio e respeitabilidade que lhe advinha da condição de correspondente linneano <sup>351</sup>.

Domingos Vandelli não terá frustado as expectativas alimentadas entre amadores, sábios e instituições académicas e científicas, num espectro geográfico que poderíamos com propriedade designar de *Europa das Luzes* (da Península Ibérica à Rússia), mantendo uma activa relação epistolar com mais de quarenta personalidades de onze nacionalidades diferentes <sup>352</sup>. Esta

<sup>349</sup> João Diogo de Barros Leitão de Carvalhosa (1757-1818), 1º visconde de Santarém, Guarda-Jóias da rainha D. Maria I, Tesoureiro do 'Bolsinho' e Inspector da Obra da Ajuda desde o ano de 1802. Pai do 2º visconde de Santarém (1791-1855) que se distinguirá na investigação histórica e diplomática.

<sup>350</sup> *Ofício de Bernardo José de Sousa Lobato a Domingos Vandelli (29 de Março de 1801)*, in *Livro de Registo dos Decretos*, MCUL.

<sup>351</sup> Vide *supra* Cap. IV (*A correspondência naturalista (ultramarina e europeia) com a Ajuda*).

<sup>352</sup> Cfr. *infra* Anexo IV "Correspondência de Domingos Vandelli com personalidades e instituições científicas europeias (1764-1811)", vol. II. Uma listagem discriminada de

absorvente tarefa seria socialmente merecedora de distinção e aplauso, a tal ponto que aparece explicitamente nomeada (em defesa da sua ofendida honra profissional) como tendo ele empregue o seu tempo de permanência entre nós - desde 1764 - "entretendo as correspondencias Litterarias com os Sabios do seu tempo" <sup>353</sup>, ao nível do magistério universitário, da criação e direcção de museus e jardins botânicos, da preparação de *naturalistas-viajantes*, e do apoio à fundação da Academia da Ciências.

A internacionalização das relações científicas e museológicas, institucionalmente cumprida pelo Director do complexo da Ajuda, não pode ser omitida quando avaliados os contributos nacionais para a formação do campo disciplinar da história natural setecentista <sup>354</sup>. Daí que a participação dos nossos naturalistas não possa ser reduzida à produção teórica de modelos explicativos - área em que nações periféricas, como as peninsulares, se não distinguiram - mas necessariamente alargada à circulação e divulgação quer de instrumentos intelectuais do conhecimento (informações sobre novas espécies, pareceres científicos, notícias sobre publicações e actividades de museus e jardins, etc.), quer de objectos naturais exóticos imprescindíveis à construção

---

cartas e correspondentes pode ser consultada *infra* "Fontes e Obras de Consulta". É necessário lembrar que a maior fatia documental se encontra depositada no AHMB o qual, em 1978, sofreu um incêndio que consumiu alguma desta correspondência, sobretudo a que se reportava aos anos noventa (Cfr. W. J. Simon, *Scientific expeditions in the Portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the Intellectual-Scientific Community of the late Eighteen Century*, 1983). Donde, se poder concluir que o universo de correspondentes seria ainda mais alargado.

<sup>353</sup> *Dois panfletos anónimos contra Brotero (27 de Abril e 3 de Maio de 1803)*, BPE, Cod. CIX /1-18, P. 35, fls. 158 a 177.

<sup>354</sup> Numa avaliação mais alargada deste fenómeno haveria que contemplar o papel desempenhado por personalidades como João de Loureiro, Jacinto de Magalhães, Correia da Serra, Brotero ou o próprio Sousa Coutinho. No entanto, Vandelli cumpre aqui um papel institucional, continuado e persistente, que se reveste de uma natureza muito particular. Um dado interessante para se equacionar em toda a sua extensão esta sociabilidade científica europeia, tomando os nossos produtos naturais como tema, é a troca de informações entre viajantes de diferentes nacionalidades como no caso comprovado do inglês J. Banks e do prussiano Link: "Il [Link] s'en retourna chez lui, par la voie de l'Angleterre. A Londres, il compara les plantes Portugaises avec l'herbier du Chevalier Joseph Banks" (H. F. Link, *Flore Portugaise*, t. I, p. 4).

do grande *Catálogo da Natureza* e à afirmação de novos paradigmas disciplinares <sup>355</sup>.

Deste modo se cumpria o papel desempenhado pelos estabelecimentos da Ajuda na tendência então iniciada de *mundialização da Ciência* <sup>356</sup>, como acentua um autor que sinaliza bem o lugar de Lisboa na comunidade científica de finais de setecentos: "From this correspondence it can be seen that the Ajuda Palace Gardens served as a clearing house or entrepôt between Portugal, its Overseas Territories and northern Europe. The Vandelli papers (...) demonstrate the connections maintained with other european institutions and individuals concerned with exchanging specimens and seeds only obtainable from Africa or Brazil. Lisbon was the vital intermediary for northern European naturalists who wanted to study rare specimens from tropical Brazil or Africa" <sup>357</sup>.

No decorrer do período abarcado pela nossa análise - do post-pombalismo à pilhagem perpetrada por Saint-Hilaire - mantêm-se os temas presentes na correspondência vandelliana dos anos sessenta e setenta, num pano de fundo em que prevalece a prática de reciprocidade e colaboração entre personalidades e instituições. Estes valores, exaltados como invioláveis pela comunidade de *savants* mesmo numa Europa já dilacerada pela guerra revolucionária, só serão interrompidos em 1808 (no caso português) quando a tradicional permuta se sobrepuser a estratégia do saque organizado pelo Estado napoleónico, com a interessada participação dos seus mais ilustres cientistas <sup>358</sup>.

<sup>355</sup> Cfr. *supra* Cap. IV (A correspondência naturalista (ultramarina e europeia) com a Ajuda).

<sup>356</sup> Cfr. Silvia F. de M. Figueirôa, *Mundialização da ciência e respostas locais: sobre a institucionalização das Ciências Naturais no Brasil (de fins do séc. XVIII à transição ao séc. XX)*, 1998; vide, também, alguns dos textos publicados in *Mundialización de la ciencia y cultura nacional (Actas del Congreso Internacional 'Ciencia, descubrimiento y mundo colonial)*, 1993, nomeadamente Francisco Javier Puerto Sarmiento e A. González Bueno, *Política científica y expediciones botánicas en el programa colonial español ilustrado*.

<sup>357</sup> W. J. Simon, *ob. cit.*, 1983, p. 51.

<sup>358</sup> O filho de Geoffroy Saint-Hilaire, Isidore, em obra panegírica dirá que o pai pautava o seu comportamento por uma máxima: "Il se posa pour règle de conduite cette

As vantagens de um intenso intercâmbio científico com Lisboa são incessantemente recordadas pelos mais diversos correspondentes de Vandelli. Talvez que a melhor ilustração deste espírito de curiosidade sobre os nossos recursos naturais, esteja contida em carta de Thomas Pennant (1726-1798), típico *gentleman-naturalist*, incansável organizador, popularizador e promotor do estudo da história natural nas ilhas britânicas<sup>359</sup>. Os laços de sociabilidade que o unem ao paduano devem-se seguramente à interferência de um colecionador inglês a residir em Lisboa desde o consulado pombalino, Gerard de Visme, que se prontifica a verter-lhe os pedidos ingleses para a nossa língua<sup>360</sup>: "Serei pois infinitamente obrigado ao Sr. Vandelli p. hua Lista dos Peixes que habitão os Mares ou Rios de Portugal (...) Não ficarei menos agradecido p. hua Lista das Conchas maritimas de Portugal. (...) Por fim serei igualmente seu devedor, se me mandar hua lista das arvores ou plantas das India ou do Brazil q. se naturalizão em Portugal. (...) Tenha a bondade de me dizer que mimo quer d'Inglaterra, pois me esmerarei m.to para lho procurar. Seria muito contente de receber huas amostras das pedras ou marmores do Cabo da Rocca ou do Cabo Espichel (...) Quereria o Sr. Vandelli hua Collecção dos Fosseis e mineraes Britannicus ? Dezejo saber se o *Salmo Salar* frequenta alguns rios de Portugal, e em q. e mez"<sup>361</sup>.

A análise desta abundante correspondência com personalidades e instituições - Real Jardim Botânico de Madrid; Jardim do Rei e Sociedade Real

---

maxime. Les sciences ne sont jamais en guerre" e citava o caso do General Kleber, chefe do exército no Egipto que, sabendo que Geoffroy mantinha correspondência com o inglês Joseph Banks, lhe terá dito: "Je vois cette correspondance avec satisfaction; ce commerce réciproque de lumières est important pour la science, et les guerres politiques ne doivent jamais l'interrompre" (Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, *Vie, travaux et doctrine scientifique d' Étienne Geoffroy Saint-Hilaire*, 1847, p. 171).

<sup>359</sup> Cfr. Carol Umess, *Thomas Pennant*, 1981. Era sócio da Academia de Upsala e da Royal Society.

<sup>360</sup> Sobre G. de Visme, ver *infra* Cap. VII. "Muito sinto não poder escrever a VM. no Idioma Portuguez, mas pedi ao Sr. De Visme de lhe explicar a minha precisão, e de receber de VM. as listas acima mencionadas" (*Carta de Thomas Pennant a Domingos Vandelli (Londres, 29 de Março de 1787)*, AHMB, CE/P -37).

<sup>361</sup> *Carta de Thomas Pennant a Domingos Vandelli (Londres, 29 de Março de 1787)*, AHMB, CE/P -37. Existe uma 1ª carta, em Inglês, datada de 5 de Junho de 1786, *ibidem* CE/P -36.

de Agricultura, em Paris; Jardim da Universidade de Montpellier; Jardim Real de Kew e Royal Society, em Londres; Academia das Ciências de Bolonha; Jardim Botânico de Vicenza; Jardim Botânico e Museu de História Natural de Turim; Jardim e Museu de História Natural do Eleitor do Palatinado, em Florença; Universidade de Amsterdão; Universidade de Viena de Áustria; Sociedade Económica de Saxe, em Leipzig; Universidade e Jardim Botânico de Copenhague; Museu da Universidade de Upsala; Real Sociedade Patriótica de Estocolmo; Museu do Imperador da Rússia e Academia Imperial de Petrogrado <sup>362</sup> - permite traçar um quadro de solicitações muito amplo que vai desde o pedido para que o "Jardim de Sua Magestade Fidelíssima" forneça uma espécie floral bastante rara à colecção botânica de um jardim da aristocracia inglesa <sup>363</sup> ou para que o Museu envie para a Escandinávia "toutes les differentes mines et pierres qui on tire du Portugal et de ses riches possessions [sic] dans les deux Indes" <sup>364</sup>.

Há finalmente um significativo caso de correspondência científica elevada a política de Estado, em que os protagonistas mais visíveis são governantes e

<sup>362</sup> Citamos apenas aqui a correspondência 'institucional'. O quadro completo, incluindo os correspondentes individuais (amadores, sábios e proprietários de Gabinetes), obtem-se cruzando o Anexo IV "Correspondência de Domingos Vandelli com personalidades e instituições científicas europeias (1764-1811), vol. II, com a listagem discriminada que fazemos, em "Fontes e Obras de Consulta", de todas as cartas dirigidas a Vandelli e guardadas no Arquivo Histórico do Museu Bocage.

<sup>363</sup> "Avendo raccolte molte curiosità botaniche, e sopra tutto facendo grandissima stima del merito insegne di V.S. mi manda di riverderla distintamente della sua parte, e di pregarla di favorirla com certe spezie di *Gigli e Pannerazy Braziliani* che non si puó aver che dal giardino di Sua Maestà Fedelissima del quale V. S. com tanto applauso e felicità è incaricato. In vece loro, prega a V. S. la sopradetta Signora, di voler bem aggradir alcune piante delle più rare che tiene nella sua raccolta, come la *Camellia Japonica* (...); e qualch'altre, che forse non si trovano nel giardino di sua Maestà" (*Carta de Frederic North a Domingos Vandelli (Lisboa, 4 de Junho de 1788)*, AHMB, CE/N -5). Trata-se do futuro conde de Guilford (1766-1827) falando em nome da tia Henriette North (m. 1796), mulher de Brownlow North (1741-1820), bispo de Winchester. Noutra carta, North invocará a comum amizade com J. Banks: "Votre bonté m'est trop bien connue, Monsieur, pour que je puisse me refuser à la demande que, mon respectable ami le chevalier Banks m'a fait de vous presenter Monsieur le General Roy, notre celebre ingenieur qu'il a chargé de quelque commissions physiques et botaniques, à Lisbonne" (*Carta de Frederic North a Domingos Vandelli (Londres, 6 de Fevereiro de 1790)*, AHMB, CE/N -6).

<sup>364</sup> *Carta de André Christoffersson a Júlio Mattiazzi [Domingos Vandelli] (Estocolmo, 24 de Novembro de 1789)*, AHMB, CE/C -24. Identifica-se como médico do rei da Suécia.

diplomatas. A passagem por Portugal dos naturalistas alemães Heinrich Friedrich Link e Hoffmannsegg, numa viagem filosófica que se prolongaria de 1797 a 1800<sup>365</sup>, haveria de deixar indeléveis marcas nas suas vidas e nas suas obras, aproximando-os intelectual e afectivamente de Portugal<sup>366</sup>. Link, com a aclamada parceria botânica de Brotero<sup>367</sup>, aqui recolheu material e informações vegetalistas com que haveria de desenhar a sua monumental e muito bela *Flore Portugaise (1809-1820)*<sup>368</sup>.

O Conde Jonhann-Centurius Von Hoffmannsegg (1766-1819), por seu lado, manterá uma viva ligação científica a Portugal que lhe valerá alguns excepcionais privilégios, o maior dos quais terá sido a abertura de uma porta até então interdita a estrangeiros: "Foi o primeiro Estrangeiro, a quem em

<sup>365</sup> Link, "rappelé à ses devoirs par la place qu'il occupe, ne put s'arrêter plus long-tems en Portugal" e regressa à Prússia na Primavera de 1799. Quanto ao conde de Hoffmannsegg (do reino do Saxe), "mâitre de ses loisirs", manter-se-á em Portugal até Setembro de 1800".

<sup>366</sup> Um dos mais credíveis livros de viagem a Portugal, no séc. XVIII, é precisamente o que Link escreveu, em três volumes: *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799*, 1º e 2º ts., 1803, 3º t., 1805. Existe igualmente uma versão inglesa.

<sup>367</sup> Link esclarece o modo como se terá processado esta colaboração entre os dois botânicos, criticando as insuficiências da obra que Brotero publicara em 1804 (*Flora Lusitanica*) e justificando assim a necessidade científica da sua própria obra (Cfr. *Flore Portugaise*, 1809, p. 6).

<sup>368</sup> *Flore Portugaise ou description de toutes les plantes qui croissent naturellement en Portugal avec figures coloriées, cinq planches de terminologie et une carte par J. C. de Hoffmannsegg ancien officier aux gardes du corps de Sa Magesté le Roi de Saxe*. Obra em 2 tomos. O 1º é de 1809 e apresenta Link como "Professeur de Botanique et de Chimie a l'Université de Rostok", o 2º é datado de 1820 e o autor já é dado como "Professeur de Botanique à l'Université de Berlin et Directeur du Jardin des Plantes". No Prefácio ao 1º tomo afirma que: "Le sol Lusitanien ayant été dans ces derniers tems presq'entièrement négligé par les Botanistes, ils ignoraient ses productions (...). Vandelli n'avait publié que peu d'Ouvrages, nullement libres d'erreurs. (...) C'est dans cette dernière ville [Coimbra] que nous eûmes l'avantage de faire la connaissance du célèbre Professeur de Botanique Felix Avellar Brotero, et bientôt une étroite amitié nous lia à cet aimable Savant. Il devint le compagnon de nos travaux, car ce fut lui qui guida nos recherches jusque dans les recoins les plus cachés du vallon délicieux qu'arrose le Mondego (...)" Brotero dirá desta obra, justificando a compra do 2º tomo para a Biblioteca do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda: "Flora Lusitanica = que foi adicionada sobre a minha, impressa em Alemanha com bellas estampas, e magnifica edição in folio magno" (*Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro (16 de Novembro de 1822)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, 1821-1833).

Portugal se permittio mandar ao Pará Sieber<sup>369</sup>, seu Ajudante. Este Naturalista demorou-se oito annos no Brazil, e o producto da sua Expedição fórma grande parte do Museu de História Natural da Universidade de Berlim, e da Collecção entomologica do Conde Hoffmansseg, preciosa pela sua riqueza e pelo seu arrançamento systematico"<sup>370</sup>.

É pois no rasto desta frutuosa passagem finisecular que se envolvem os nossos responsáveis políticos e diplomáticos, não espantando por uma vez mais o protagonismo demiúrgico de um Sousa Coutinho louvando e acarinhando relações privilegiadas com a comunidade científica europeia: "O Principe Regente Nosso Senhor, Desejando que os Sabios dos Seus Reynos se communicem com os dos outros Payzes, não só para augmento das Luzes Nacionaes, mas tambem para que os Estrangeiros conheção o estado de melhoramento das mesmas, Hé Servido Remetter a V. M.ce a Copia do Paragrafo do Officio do Embaixador dos Negocios desta Corte na de Berlim, a

<sup>369</sup> Franz-Wilhelm Sieber viajará igualmente pelo Egipto, Palestina, África do Sul e 'Nova-Hoanada'. O seu nome foi conservado na nomenclatura botânica, no género *Ombellifera*, designada *Sieberia*.

<sup>370</sup> [José Feliciano de Castilho], *Instrucção para os viajantes (...) e precedida de algumas reflexões sôbre a historia natural do Brazil, e estabelecimento do museu e jardim botânico em a Côrte do Rio de Janeiro*, 1819, p. XXIV. Esta autorização, contudo, impunha a doacção de parte das colecções recolhidas no Brasil ao nosso Real Museu. Houve nesta questão alguma controvérsia entre as autoridades portuguesas e o conde naturalista, que Geoffroy Saint-Hilaire pretendeu regular a favor do *Muséum*, em 1808, da maneira que narra: "J'ai employé cette journée à visiter les collections de M. le comte d'Hoffmmansegg. Il ne reste à Lisbonne que la moindre partie de ce qui a été recueilli par M. le comte (...). Cependant j'ai vu là une caisse pleine de magnifiques insectes, dont il y a 10, 30 ou 50 doubles. J'y ai aussi une douzaine d'oiseaux, que ne vous fourniront pas les collections d'Ajuda, et une cinquième espèce de coaita. J'ai craint un instant que les réclamations de M. Sieber, agent de M. de Hoffmanssegg, ne portassent sur la plupart des caisses presque entières des magasins d'Ajuda; la condition a été esquivée pour la très grande masse de ses caisses envoyées directement dans la Baltique. Deux ont été saisies à la douane et arrêtées comme cautionnement de la parole et des engagements de M. d'Hoffmanssegg, j'ai réglé que les deux caisses seraient restituées sous la condition que M. Sieber donnerait un double de ces caisses ou des six qu'il a chez lui; ces doubles me reviendront; si je ne les ai déjà pas, mais du moins M. Hoffmanssegg ne sera privé d'aucun unique et aura 49 doubles sur les 50 qu'on lui rapporte" (G. Saint-Hilaire, *Lettre aux professeurs-administrateurs du Muséum, apud E.-T. Hamy, La mission de Geoffroy Saint-Hilaire en Espagne et en Portugal (1808). Histoire et documents*, 1908, pp. 1 e sgs.

fim de que V. M.ce possa seguir hua Correspondencia scientifica com os dous Botanicos nelle contheudos" <sup>371</sup>.

Por isso se insinua aqui e ali um tratamento de privilégio à Corte de Berlim: uma *Relação de Sementes* que chega do Pará é repartida entre o Jardim da Ajuda e o de Coimbra, sendo que "o resto deve aqui ser entregue ao Ministro de Prussia (...) a fim de que elle as possa enviar para a sua Corte (...) e V. M.ce terá o cuidado de fazer acompanhar estas Sementes com as Descripções, e noticias, que servirão, para as fazer conhecer" <sup>372</sup>; um caixote de sementes vindas do Rio de Janeiro que chega à Ajuda para ser entregue ao Consul da Prússia, o "Sr. Petters que tem ordem para as enviar ao Jardim Botanico de Berlim" <sup>373</sup>; ou, finalmente, um caixote com sementes de plantas silvestres enviadas do Maranhão e do Ceará (a cargo do naturalista João da Silva Feijó) com destino ao jardim berlinense <sup>374</sup>.

Pelo seu lado, os alemães interpretarão com rigor o conceito de permuta apressando-se a pagar tamanha amabilidade naturalista enviando ao Príncipe Regente um presente excepcionalmente belo que enriquecerá as colecções ornitológicas da Ajuda: "Será entregue a V. M.ce hua caixa, que contem hua collecção completa de Passaros do Norte da Europa, offerecida de presente a S. A. R. o Principe Regente, pelo Conde de Hoffmansegh (...). Junta achará hua Cópia da Relação que me remetteo o Conde (...) com os nomes dos Passaros, e seus respectivos N.º s." <sup>375</sup>.

---

<sup>371</sup> Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a Domingos Vandelli (3 de Janeiro de 1803), AHMB, Rem -609

<sup>372</sup> Carta do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli (19 de Dezembro de 1803), in *Livro de Registo dos Decretos*, MCUL.

<sup>373</sup> *Livro de Registo dos Decretos* (1804), MCUL.

<sup>374</sup> Cfr. *Livro de Registo dos Decretos* (1803), MCUL e João da Silva Feijó, *Relação das sementes das plantas agrestes da Capitania do Ceara destinadas ao Real Jardim Botanico de Berlim recebidas em 5 de Setembro de 1803*, AHMB, Rem. -609.

<sup>375</sup> Carta do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli (1 de Outubro de 1806), in *Livro de Registo dos Decretos*, MCUL.



23. O núcleo mais numeroso e persistente dos correspondentes do Director do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda é francês (Seguier, Cusson, Gouin, Thouin, Nolin, Renault, Broussonet, Heritier, Jussieu e Gerard) e provém fundamentalmente dos seus mais prestigiados centros de investigação naturalista como os parisienses Jardim das Plantas (Muséum d'Histoire naturelle a partir de 1793) e Sociedade Real de Agricultura, ou o Jardim Botânico da Universidade de Montpellier.

Tal facto necessita de ser devidamente enfatizado como fundamento documental à ideia que deixámos acima apenas enunciada, isto é, a de que a convivência entre as duas comunidades científicas se pautou durante décadas pelo mais escrupuloso respeito das regras de respeito mútuo e pela prática do intercâmbio de informações, de serviços e de produtos.

Este quadro será radicalmente alterado quando, por iniciativa dos professores-administradores do *Muséum d'Histoire naturelle*, o ministro do Interior francês Emmanuel Crétet (1747-1809)<sup>376</sup> - depois de obtida a imediata anuência do próprio Bonaparte - enviar a Lisboa uma missão chefiada por um dos mais brilhantes naturalistas do seu tempo, e já então (noutro registo da sua biografia) com prestantes provas dadas no saque artístico e científico do Egipto<sup>377</sup>.

Investido da autoridade de 'Comissário', e acobertado pela força invasora comandada por Junot, Étienne Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1844) cumprirá com minúcia profissional o programa de que vinha cometido: seleccionar,

---

<sup>376</sup> Conde de Champmol, conselheiro de Estado depois do 18 de Brumário, governador do Banco de França (1806) e ministro do Interior (1807). Para uma informação mais circunstanciada sobre os 'motivos' franceses que envolveram esta 'missão', consulte-se: Etienne Geoffroy Saint-Hilaire, *Note sur les objects d'Histoire naturelle recuillis en Portugal*, 1808; Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, *Vie, travaux et doctrine scientifique d'Étienne Geoffroy Saint-Hilaire*, 1847; E.-T. Hamy, *La mission de Geoffroy Saint-Hilaire en Espagne et en Portugal (1808). Histoire et documents*, 1908; Y. Laissus, *Catalogue des manuscrits d'Etienne Geoffroy Saint-Hilaire*, 1972; Jacques Daget e Luiz Saldanha, *Histoires naturelles franco-portugaises du XIX e siècle*, 1989.

<sup>377</sup> Saint-Hilaire partiu de Toulon a 19 de Maio de 1798 para a expedição ao Egipto, onde chegará em Julho, regressando em Setembro de 1801. "Durant ces trois années il a fait une importante provision d'observations et des travaux scientifiques. De nombreuses publications résultent de cette expédition qui ne fut ni sans péril, ni sans gloire pour Geoffroy" (J.-L. Fischer, *Chronologie sommaire de la vie et des travaux d'Etienne Geoffroy Saint-Hilaire*, 1972, p. 294).

acondicionar e remeter para França todos os espécimens naturais (e a respectiva documentação escrita e iconográfica disponível) em falta nas colecções parisienses. Ou seja, obter numa única incursão - a partir de uma posição de domínio político e militar - um cobiçado património científico e museológico de proveniência tropical, impossível de adquirir pelos métodos normais utilizados em tempo de paz<sup>378</sup>.

Que justificações mais ou menos desculpabilizadoras se tenham depois formulado, ao longo dos anos - alegando uma atitude de generoso serviço prestado à *Ciência* e a um Museu mal organizado e pior dirigido<sup>379</sup> - não pode, todavia, esconder o essencial deste lamentável episódio: a condenável convivência da elite naturalista francesa com a depredação de recursos

---

<sup>378</sup> "Le Muséum d'Histoire naturelle ayant été jusqu'à ce jour privé de relations avec le Brésil, c'est aux productions de ce pays que M. Geoffroy devra s'attacher de préférence. En général son choix portera sur les productions en minéralux, végétaux et animaux de toutes sortes qui manquent au Muséum d'Histoire Naturelle ou qui n'y existent que dans un degré d'infériorité peu digne de ce bel établissement" (*Instructions adressées par le ministre (9 de Março de 1808)*, apud E.-T. Hamy, *ob. cit.*, 1908, p. 29).

<sup>379</sup> "Lorsqu'il quitta Lisbonne, emportant plusieurs caisses d'échantillons minéralogiques, de plantes, d'animaux brésiliens, le Musée, débarassé d'un grand nombre de doubles inutiles, bien plutôt qu'appauvri, avait pris un aspect tout nouveau: une partie des espèces était déjà scientifiquement déterminée; l'ordre méthodique avait été introduit; et la précieuse série de minéraux, apportée de Paris par Geoffroy Saint-Hilaire, avait remplacé les objets choisis par lui. Ainsi se réalisa le plan qu'il s'était tracé á son départ: il enrichit à la fois la France par le Portugal et le Portugal par la France, et mérita doublement de la science" (Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, *Vie, travaux et doctrine* ..., 1847, p. 82); "Le personnel chargé d'en assurer la conservation était insuffisant et le principal responsable, Vandelli, dénué de la compétence nécessaire. Agé, sans caractère, scientifique plus que médiocre et de surcroît mauvais administrateur, il était lui-même incapable de dresser l'inventaire des collections dont il avait la garde et à plus forte raison d'en estimer la véritable valeur scientifique. Lui qui avait été botaniste au début de sa carrière, ne s'était même pas soucié de jeter un coup d'oeil aux herbiers qu'il avait reçus. Il semblait accorder peu d'importance à tout ce qui s'accumulait dans ses magasins, sinon s'en désintéresser. En présence d'une telle incurie, on comprend l'attitude de Geoffroy Saint-Hilaire. Aurait-il pu ne pas s'indigner que tant d'objets et de spécimens rares fussent ainsi négligés et pratiquement abandonnés alors qu'ils auraient fourni matière à de remarquables travaux s'ils avaient été connus de ses collègues professeurs du Muséum de Paris?" (J. Daget e L. Saldanha, *Histoires naturelles franco-portugaises du XIX e siècle*, 1989 p.19).

nacionais alheios <sup>380</sup>, resultado de uma política internacional baseada no princípio do *droit du vainqueur* e no conceito de 'espólio universal' <sup>381</sup>.

24. A expressa deferência dos sábios franceses face ao desempenho administrativo-científico de Vandelli e à importância de Lisboa como entreposto naturalista de produtos exóticos pode ser comprovada pela correspondência iniciada logo nos inícios dos anos setenta, através de várias cartas longamente escritas em Latim pelo doutor em Medicina e professor de Botânica em Montpellier, Pierre Cusson, contendo extensas listas de espécies florísticas que esperava obter das permutas com a Ajuda, bem como o pedido de informações botânicas sobre variedades peninsulares de plantas medicinais de que era especialista (em especial as *Umbelliferae*), tendo em vista a publicação de trabalhos científicos <sup>382</sup>.

<sup>380</sup> "O papel de Vandelli em Portugal tem sido, por vezes, desfavoravelmente avaliado, sobretudo na intenção de legitimar a acção cientificamente negativa e desprezível que representou o saque das colecções histórico-naturais efectuado por Geoffroy Saint-Hilaire em 1808" (Carlos Almaça, *Alexandre Rodrigues Ferreira e a exploração histórico - natural do Brasil*, 1992, p. 54). Idênticas posições têm sido tomadas por outros naturalistas portugueses ao longo dos séc.s XIX e XX, vide: J. V. Barbosa du Bocage, *Instrucções praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoologicos para o Museu de Lisboa*, 1862; J. Bethencourt Ferreira, *Museu de historia natural. A invasão francesa e Geoffroy Saint-Hilaire. (A propósito dum artigo do professor R. Blanchard)*, 1907; *idem*, *A missão de Geoffroy Saint-Hilaire em Espanha e Portugal, durante a invasão francesa, em 1808. Documentos para a história do Museu Nacional de Lisboa*, 1923; Pedro de Azevedo, *Geoffroy Saint-Hilaire em Lisboa*, 1919-1920; Augusto da Silva Carvalho, *A vinda de Geofroy Saint-Hilaire a Lisboa*, 1930.

<sup>381</sup> "Este principio del expolio universal nunca fue cuestionado en Francia y la única regla a la que se sometió fue la de la discrecionalidad del emperador y de sus parientes o la conveniencia política - pues había lugares en los que a Napoleón no le interesaba presentarse como un vándalo. Fue más tímida en el Piamonte, Sajonia o Nápoles o más ofensiva en Alemania, Austria y, finalmente, España." (María Bolaños, *Historia de los museos en España. Memoria, cultura, sociedad*, 1997, p. 142). Vide também Dominique Poulot, *Musée, nation, patrimoine. 1789-1815*, 1997, pp. 215-227.

<sup>382</sup> *Cartas de Pierre Cusson (23 de Setembro de 1770; 5 de Fevereiro de 1772; 10 de Junho de 1776)*, AHMB, CE/C -25, -26, -27. A relação de Cusson com o Real Jardim Botânico de Madrid também se encontra documentada através de quatro cartas enviadas a C. Ortega entre 18 de Janeiro e 14 de Setembro de 1785. O Jardim de Montpellier tinha perdido o antigo esplendor que Cusson queria recuperar solicitando a ajuda dos amigos peninsulares. Ortega enviou-lhe várias sementes, apesar das querelas diplomáticas então verificadas entre naturalistas dos dois países (Cfr. F. J.

Depois, no seu encaicho segue outro docente da Escola Médica, Director do Jardim Botânico universitário e ictiólogo de renome, Antoine Gouan (1733-1821)<sup>383</sup>, que recorrerá aos préstimos de alunos brasileiros - desde sempre atraídos à cidade gaulesa pela fama dos estudos médicos - para facilitar a correspondência com a Ajuda<sup>384</sup> e que se propõe intercambiar plantas secas para enriquecer os herbários de ambos os jardins: "Je desire ardemment des plantes seches de vos environs et de tout le Portugal (...). Dailleurs si vous avés mès ouvrages botaniques vous verrés quelles sont celles que vous pouvés m'envoyer et qui me manquent. (...) Je travaille a mon second volume d'observations botaniques in folio avec estampes, et j'ose vous assurer que vous y aurés un exemplaire dés qu' il sera imprimé. Vous y aurés beaucoup de plantes pyrenéenes seches pour votre herbier. (...) Je désire surtout toutes les plantes nouvellement découvertes par vous, dans tous les genres et familles ou classes"<sup>385</sup>.

De Paris chega uma primeira carta, em 1779, assinada pelo "Abbé Nolin Directeur general des pepinières et jardins de S. M. tres chretiene". Em boa verdade não se trata propriamente de correspondência com a Ajuda, mas antes de uma resposta (de resto não de todo simpática, a roçar a arrogância) a uma iniciativa de Vandelli sobre as colecções particulares de D. Pedro José de

---

Puerto Sarmiento, *La ilusión quebrada. Botánica, sanidad y política científica en la España ilustrada*, 1988, p. 180).

<sup>383</sup> Gouan ocupará estes cargos até 1803, data em que será substituído por Broussonet, seu antigo discípulo (Cfr. Jean Motte, *Pierre-Marie-Auguste Broussonet*, 1981).

<sup>384</sup> Cfr. Manuel Xavier de Vasconcelos Pedrosa, *Estudantes brasileiros na Faculdade de Medicina de Montpellier no fim do séc. XVIII*, 1959, cit. in W. J. Simon, *ob. cit.* 1983, p. 119. "J'ay longtems désiré entrer en correspondence avec vous, je vous l'ay fait temoigner verbalement par un de mès elevés. Mr. Gomes docteur de notre université veut bien se charger de vous rappeler encore mès sentiments et je lui remet avec cette lettre un petit paquet de graines qui peutetre vous feront plaisir, dumoins je le desire. Si Mr. Gomes ne fut pas parti si prontement vous auriez reçu des plantes seches, mais vous les aurés par la premiere ocasion" (*Carta de Antoine Gouan a Domingos Vandelli (Montpellier, 14 de Outubro de 1778)*, AHMB, CE/G -103).

<sup>385</sup> *Idem, ibidem.*

Noronha, Marquês de Angeja, de que o paduano também era curador como veremos <sup>386</sup>.

Por isso, datemos com mais precisão o início das trocas epistolares com o *Jardin des Plantes* a partir da carta de G. G. Renault, expedida em Abril de 1783. Ela cumpre exactamente esse papel de iniciadora de contactos, de abertura de portas pessoais e institucionais, propondo sociabilidades sem limites de fronteiras nacionais. Apresenta, além do mais, o acrescido interesse de situar no tempo o início dos contactos com a figura que durante anos será o rosto visível da velha instituição botânica parisiense, o Jardineiro-Chefe Thouin <sup>387</sup>: "Procurant une correspondance mutuelle entre votre jardin de Botanique et celui de France: c'est avec Monsieur Thouin que je vous propose de communiquer, s'il ne vous fut connu dèjà, par plus d'un juste titre, j'aurais eu la satisfaction de vous parler de son mérite, mais comme il est au dessus de toutes éloges, il me suffit de vous prévenir, d'une grande exactitude de sa part et que c'est uniquement pour le plaisir de la chose quil travaille; J'ai donné, votre adresse en Hollande a Chevalier Stool homme fort connu, par son ouvrage sur les papillons exotiques, il a amplifié celui de Cramer et se propose d'y donner un nouvel suite, je l'ai aussi laissée a Bruxelles, a Chevalier Burtin, ancien medecin de feu le prince Charle, il donne au public des gravures fort interessantes des fossiles qui se trouvent dans les Pays Bas; l'un et l'autre sont très honnêtes personnes et je serai très satisfait, si je puis, par la, vous procurer quelques agréments" <sup>388</sup>.

Os biógrafos de André Thouin (1747-1824) traçam dele um perfil muito semelhante ao do influente Joseph Banks e apresentam-no como um homem obstinadamente dedicado às suas funções botanistas no *Jardin du Roi* <sup>389</sup>.

---

<sup>386</sup> Vide *infra* Cap. VII. *Carta do Abade Nolin a Domingos Vandelli (26 de Junho de 1779)*, AHMB, CE/N -4.

<sup>387</sup> O conde de Buffon (1707-1788) será, todavia, até morrer o seu responsável científico.

<sup>388</sup> *Carta de G. G. Renault a Domingos Vandelli (Paris, 7 de Abril de 1783)*, AHMB, CE/R -30.

<sup>389</sup> J. Jovet e M. Mallet, *André Thouin*, 1981; e Ferdinand Boyer, *Le Muséum d'Histoire naturelle à Paris et l'Europe des sciences sous la Convention*, 1973. Veja-se ainda Y. Letouzey, *Le Jardin des Plantes à la croisée des chemins avec André Thouin*

Apesar de ter sido eleito membro da Academia das Ciências e da Sociedade Real de Agricultura, a sua obra de investigação é praticamente inexistente, tendo-se distinguido sobretudo como administrador de políticas científicas do Estado francês, nomeadamente no sensível capítulo das relações externas de que é exemplo flagrante o bem conhecido caso da expedição hispano-gaulesa ao Perú e ao Chile (1777-1788) <sup>390</sup>.

É este homem, culto e amável, que em Abril de 1783 se apresenta a Domingos Vandelli oferecendo uma agradável e frutuosa "correspondance d'echanges entre le Jardin Royal de Botanique de Paris" e o da Ajuda, propondo um método prático para a sua concretização através da troca de Catálogos: "Veuillez donc je vous prie, monsieur, pour commencer m'inscrire un Catalogue de tous les objets que vous desirez, ou ce qui serait mieux, me faire passer le Catalogue de tout ce que renferme votre jardin, par-ce qu'alors il me sera aisé de voir ce que vous possédez et de vous envoyer ce qui vous manque" <sup>391</sup>. Anos depois, em 1791, agradecerá ainda a gentileza do envio de duas obras vandellianas - o *Viridarium Lusitanicum* e a *Flore Portugaise et Brasiliene* - que, confessa, "m'ont fait le plus grand plaisir" <sup>392</sup>.

Em meados dos anos oitenta, outra excepcional personalidade do meio científico francês - o Secretário Perpétuo da Sociedade Real de Agricultura de Paris, Pierre-Marie-Auguste Broussonet (1761-1807) <sup>393</sup> - dirige-se a Vandelli dando-lhe conta de ter sido feito sócio correspondente com base, como explica, nas suas 'descobertas em economia rural'. Termina com um caloroso apelo

---

(1747.1824), Paris, Muséum national d'histoire naturelle, 1989, cit. in Dominique Poulot, *ob. cit.*, 1997, p. 219.

<sup>390</sup> Cfr. F. J. Puerto Sarmiento, *ob. cit.*, 1988, pp. 161-165).

<sup>391</sup> *Carta de André Thouin a Domingos Vandelli (Paris, 8 de Abril de 1783)*, AHMB, CE/G -104.

<sup>392</sup> *Carta de André Thouin a Domingos Vandelli (Paris, 25 de Março de 1791)*, AHMB, CE/G -105.

<sup>393</sup> Vide a sua biografia científica, com referência ao conhecido episódio de se ter refugiado em Portugal (1794), sendo acolhido na Academia das Ciências pelo Abade Correia da Serra, situação que alegadamente terá ocasionado dissabores políticos ao naturalista português, podendo estar na origem do seu segundo exílio (Jean Motte, *Pierre-Marie-Auguste Broussonet*, 1981). Broussonet foi também o fundador da Sociedade Linneana, em Paris (1787-1789).

para que o italiano permita a publicação dos seus textos pela Sociedade parisiense<sup>394</sup>.

De seu nome completo Charles Louis L'Heritier de Brutelle, este outro correspondente do Director da Ajuda parece ter sido personagem apaixonante mas controversa, a ponto de ter estado na origem de um conflito diplomático-naturalista entre a França e a Espanha. Antes de se arruinar completamente, a sua imensa fortuna permitia-lhe cultivar a Botânica em dois jardins de propriedade pessoal, um em Paris e outro na Picardia. Mantinha a expensas próprias um grupo de jovens recolectores que percorriam o país a fim de saciarem o seu afã de coleccionador de plantas, incluindo até alguns desenhadores-botânicos como o afamado pintor floral Pierre Joseph Redouté<sup>395</sup>.

Duas cartas a Vandelli testemunham uma infatigável actividade de divulgador de novas espécies solicitando o envio da variedade lusitana do *Geranicum* sobre a qual preparava uma monografia. Na primeira das missivas, faz referência ao envio de uma obra sua - certamente a *Stirpes Novae (1784)*, cuja publicação deixara um halo de escândalo por utilizar informações, consideradas confidenciais, sobre a flora peruana - por intermédio de um antigo discípulo de Vandelli em Coimbra, o médico Manuel Arruda da Câmara (1752-1810)<sup>396</sup>: "(...) J'ai toujours eu le desir de vous offrir mon ouvrage (...) Je profite aujourd'hui du depart de M. da Camera docteur en Medicine de Montpellier et Correspondent de notre Societé d'Agriculture pour vous en dresser les premiers

---

<sup>394</sup> Cfr. *Carta de Broussonet a Domingos Vandelli (31 de Agosto de 1785)*, AHMB, CE/B -78.

<sup>395</sup> Cfr. F. J. Puerto Sarmiento, *ob. cit.*, 1988, pp. 165- 167.

<sup>396</sup> Aparentemente esta interferência de Heritier a favor de uma boa colocação para Câmara obterá os seus frutos, como narra Simon a partir de uma carta que existia no AHMB, antes do incêndio de 1978: "When Manuel Arruda da Câmara was a student of Domingos Vandelli at the University of Coimbra, he was already an ordained priest in the Carmelite Order, having taken the name of the Padre Manuel do Coração de Jesus Arruda. After Coimbra, he studied medicine at Montpellier, France, where he was one of the several Brazilian students at the Faculty of Medicine. At Montpellier he obtained an ecclesiastical release from the priesthood and eventually returned to his native Pernambuco. Manuel Arruda da Câmara was commissioned by D. Rodrigo de Sousa Coutinho to 'travel the entire Captaincy of Pernambuco'. In a letter of 11 December, 1797, to Vandelli, written during his travel, he thanked his former professor for having aided him in receiving the appointment" (W. J. Simon, *ob. cit.*, 1983, p. 119).

Cahiers. (...) M. Ferreira da Camara retounera (...) au Bresil sa patrie, ou il se propose de s'occuper d'histoire naturele, et de faire de son mieux pour la Botanique. Je pense qu'il deviendra un homme precieux pour son pays et a ce titre j'ose vous prier de l'accuieller et favorizer"<sup>397</sup>.

Brotero, nos anos oitenta, tinha frequentado os museus, os jardins botânicos e as universidades francesas, ali tendo obtido o doutoramento em Medicina e publicado a sua primeira obra botânica antes de ingressar na Universidade em substituição de Vandelli<sup>398</sup>. Correia da Serra nos primeiros anos de oitocentos apregoava sentir-se melhor em Paris - onde os periódicos científicos lhe acolhiam os festejados artigos de Carpologia - do que na Pátria, chegando a confessar querer passar os seus últimos anos de vida naquele paraíso terrestre: "Aqui achei o que podia desejar para os poucos dias que me restam de viver. O Jardim das Plantas, muito aumentado, o Gabinete de História Natural formosamente arranjado, pelo que toca à ciência, formosa livraria e vinte e três naturalistas e letrados vivendo dentro do novo Jardim das Plantas e edifícios pegados a ele. Conversação, lições gratuitas, objectos para examinar, luzes novas e curiosidades satisfeitas cada dia. Se houvesse cousa, que se parecesse com os Campos Elísios, é esta e por certo depois do que tenho visto seria absurdo desejar outra coisa. Me voici donc jusqu'à la mort, nas visinhanças do Faubourg S. Victor..."<sup>399</sup>.

Até que ponto este privilegiado relacionamento intelectual fundamentava bem o conhecimento da França sobre a nossa realidade *naturalista* pode ser avaliado pela cópia de pormenores insertos na carta que Antoine Laurent de Jussieu (1748-1836) - uma das maiores personagens do meio científico gaulês e membro de famosa 'dinastia' de botânicos - dirige ao ministro Sousa

---

<sup>397</sup> *Carta de Heritier a Domingos Vandelli (Paris, 21 de Junho de 1786 e 31 de Outubro de 1787)*, AHMB, CE/H 30, 31 "J'imprime en ce moment une monographie sur le Geranicum. Vous serait-il possible de me procurer des especes indigines au Portugal?" (*Carta de Heritier a Domingos Vandelli (Paris, 31 de Outubro de 1787)*, AHMB, CE/H 31).

<sup>398</sup> Cfr. *Noticia biographica do doutor Felix de Avellar Brotéro*, 1847; e Abílio Fernandes, *Felix de Avelar Brotero e a sua obra*, 1944.

<sup>399</sup> (*Carta de Correia da Serra a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (11 de Junho de 1802)*, apud A. da Silva Carvalho, *O abade Correia da Serra*, 1948).



Coutinho, em 1802, sugerindo-lhe a passagem das ligações científicas a patamar mais elevado de colaboração <sup>400</sup>.

Jussieu considerava elogiosamente D. Rodrigo como o "Protecteur en Portugal" das ciências e, como tal, favorecedor da correspondência entre os que a cultivam com o fito de que "Il en résulte une communication de lumières utiles à tous". Como consequência nefasta da ausência de mútuos contactos entre os meios científicos europeus apresentava o exemplo, então muito comentado, da publicação que se prepararia em Madrid sobre a botânica do Perú, obra onde - argumentava Jussieu - os seus autores "donnent quelque fois comme nouveaux des genres déjà connus parce qu'ils n'ont pu visiter auparavant les Herbiers des Français et des Anglois".

Para evitar que o mesmo sucedesse no caso da flora brasileira (considerada mais variada que as do Perú e do Chile) propunha ao ministro responsável pelo complexo da Ajuda "faire extraire des échantillons bien numérotés des Herbiers (...) qui doivent exister dans vos Collections d'Histoire Naturelle, avec l'attention d'attacher des numéros pareils aux individus semblables". A partir daqui seria possível estabelecer uma nomenclatura uniforme, através da comparação com as classificações adoptadas no Jardim das Plantas parisiense. Seria assim possível envolver os "Savants de Lisbonne" num programa de observações comum e "Il en resulterait un rapport exact entre les Herbiers des deux pays", ou seja a construção em parceria de um instrumento científico essencial ao campo disciplinar da Botânica.

A formação naturalista gaulesa do médico Manuel Arruda da Câmara voltava aqui a ser invocada, tanto mais que de regresso ao Brasil prometera ao seu mestre, nas aulas parisienses de Botânica, remeter-lhe produtos naturais americanos. Tal não tendo ainda sucedido - provavelmente devido à guerra - Jussieu confiava agora nos bons ofícios de Sousa Coutinho na esperança de "que le retour de la paix facilitera les communications, surtout si vous avez la bonté de les favoriser".

---

<sup>400</sup> *Carta de Antoine Laurent de Jussieu a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (17 de Julho de 1802), apud Baltasar Osório, Algumas notas inéditas e pouco conhecidas acerca da vida e obra de Félix d'Avelar Brotero, 1918, pp. 179-180. Existe também uma carta, em Latim, dirigida a Vandelli nos anos oitenta: Carta de Antoine Laurent de Jussieu a Domingos Vandelli (30 de Junho de 1786), AHMB, CE/D -22.*

A última referência deixava-a para o Director do Jardim Botânico de Coimbra o qual, pelo nosso canal diplomático na capital francesa, teria também manifestado o desejo de com ele se corresponder <sup>401</sup>. Jussieu garantia então ao ministro protector deste professor universitário que "sa Correspondance [de Brotero] j'accepte avec beaucoup de plaisir. Je serai toujours disposé à donner des plantes de divers pays en échange de celles du Brésil et de la côte de Malabar" <sup>402</sup>.

D. Rodrigo de Sousa Coutinho não ficará naturalmente indiferente a tão formal manifestação de empenho no aprofundamento das relações científicas com o nosso país - pese embora a complexa teia de relações internacionais que então se urdiam e que o há-de afastar do Poder, acusado de anglofilia - já que tal quadrava bem no seu programa de reformas *ilustradas* da sociedade portuguesa, apressando-se a enviar para a Ajuda a carta do professor do *Jardin des Plantes* acompanhada de um texto que constitui a expressão

---

<sup>401</sup> Um interessante documento da mesma época dá conta do pensamento das autoridades universitárias a propósito do intercâmbio científico com a Europa, e com a França em particular. Trata-se de instruções dadas pelo vice-reitor ao lente de Mineralogia e Hidráulica, Manuel Pedro de Melo (1765-1833) enviado em viagem de estudo aos centros de investigação europeus: "6.º Na visita de gabinetes de Historia Natural poderá achar ocasião de estabelecer uma correspondencia com o nosso para se lhes dar muitas cousas que nos hão de sobejar, e de que elles terão falta, como são os productos privativos das nossas colonias em troco de outros do norte, da Europa e do Egipto, Arabia e Persia, de que há de haver agora abundancia na França. Se tiver logar esta especie de commercio, será necessario estabelecer bem as bases d'elle, e os canaes de comunicação para se tractar da qualidade e quantidade dos productos que se houverem de permutar. E n'esta, assim como em todas as outras correspondencias, convém, muito notar e conhecer bem o character moral das pessoas com quem se ha de tractar. (...)" (*Carta de José Monteiro da Rocha a D. Francisco de Lemos (20 de Dezembro de 1801)*, apud José Monteiro da Rocha, *Apontamentos sobre a viagem litteraria do doutor Manuel Pedro de Mello*, 1889, p. 269). Em artigo publicado em 1817, este professor dá conta de ter visto no *Muséum* de Paris o espólio retirado da Ajuda por Geoffroy: "O Museu de Hist. Nat. de Paris, prodigiosamente enriquecido pelas preciosidades d'aquelles por onde passárão os Exercitos Francezes, contêm uma infinidade de presentes de Particulares, e especialmente dos Professores. Como Portuguez, não poderia deixar de notar alí com o seu competente rotulo alguns d'aquelles que o Professor Geofroi levou de Portugal: Mr. Geofroi não diz no rotulo que lh'os derão ou que os comprára em Portugal, mas tão sómente *apporté de Port.*" (Manuel Pedro de Melo, *Carta e nota do importante donativo de máchinas que fez á Universidade*, 1817, pp. 59-61).

<sup>402</sup> Todas as citações utilizadas foram transcritas da *Carta de Antoine Laurent de Jussieu a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (17 de Julho de 1802)*, apud Baltasar Osório, *Algumas notas inéditas e pouco conhecidas acerca da vida e obra de Félix d'Avelar Brotero*, 1918, pp. 179-180.

genuína do pensamento político de um notável governante setecentista: "O Príncipe Regente Nosso Senhor Manda remetter a V. M.ce a inclusa Cópia de hua Carta de Jussieu, para que aproveitando-se V. M.ce das vantagens, que desta Correspondencia devem resultar ao adiantamento da Botanica, tenha ocasião não só de augmentar a cultura do Jardim Botanico d'Ajuda e seu competente Herbario, mas tambem de segurar a exacção dos Nomes Botanicos; comparando os Nomes das Plantas, que Jussieu mandar, com os que aqui estiverem em uso, para mutuamente se fixar os que devem adoptar-se; e ficar-se usando, no que tambem muito pode utilizar o adiantamento da Sciencia" <sup>403</sup>.

É por isso indismantível que até à imposição de um relacionamento de dominação belicista existe uma tradição de permuta científica, um fluxo epistolar que circula em ambos os sentidos longamente alimentado e acarinhado na Ajuda, em Coimbra, em Paris, em Montpellier e que será, de resto, lentamente retomado depois da aventura espúria do imperialismo napoleónico <sup>404</sup>.

A primeira manifestação deste conceito de diplomacia agressiva fora eloquentemente ensaiada em Lisboa pelo embaixador Jean Lannes (1802-

<sup>403</sup> Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a Domingos Vandelli (23 de Dezembro de 1802), in *Livro de Registo dos Decretos*, MCUL. Nesse mesmo ano, mas anteriores à carta de Jussieu, registam-se notícias relativas a intercâmbio de produtos com França: "Amstras de madeiras das melhores cores enviadas para França" (*Livro de Registo dos Decretos (1802)*, MCUL); "Plantas e arbustos enviados de Tenerife, por Luís António de Araújo, para serem semeados e cultivados no J. Botânico. Dados pelo Cônsul francês naquela ilha, Senhor Brussonet" (*idem, ibidem*); "O Ill. mo e Ex. mo Sr. Visconde de Anadia manda dizer ao Sr. Alexandre Rodrigues Ferreira, que sendo necessario mandar vir de Africa, e Brasil algumas Sementes, e Cebôlas das Plantas mais raras, que se encontrarem nas nossas Colonias, a fim de serem transportadas a Paris; se faz igualmente preciso que S. M.ce remette a esta Secretaria de Estado com a possivel brevidade hua Nota sobre o modo de conduzir as mesmas Sementes, e Cebolas em forma tal que ellas não percão a sua força vegetativa. Secretaria de Estado em 11 de Outubro de 1802" (*idem, ibidem*).

<sup>404</sup> O restabelecimento de normais relações científicas entre Lisboa e Paris pode ser comprovada por fontes muito abundantes e esclarecedoras, nomeadamente pelo testemunho de viajantes franceses depois das guerras peninsulares, empenhados em repor a credibilidade, muito abalada, dos seus cientistas envolvidos nas políticas napoleónicas (Cfr. Charles-Victor d' Hautefort, *Coup-d'oeil sur Lisbonne et Madrid en 1814, 1820*; Louis-François de Tollenare, *Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818*, 1971).

1804) cuja proverbial venalidade o implicou numa política de rapacidade no Museu régio da Ajuda em proveito próprio, já que não se encontram rastros em qualquer museu francês das sucessivas requisições de produtos impostas às autoridades portuguesas <sup>405</sup>. "Relação dos passaros que se remetterão deste Real Musêo no dia 17 de Outubro de 1803 a M. Lanes [sic] (....) NB. Estes 31 Passaros acima mencionados, forão os que se tirarão dos dois Armarios grandes, que vierão do Rio de Janeiro; e se receberão no dia 17 de Junho de 1803. (...) Estes 73 Passaros erão os que se achavão em hum dos dois Armarios de vidraças com 4 arvores; em cujo dito Armario forão os referidos Passaros acondicionados juntamente com os 31 que se tirarão dos dois Armarios vindos do Rio de Janeiro (...) Remetterão-se mais ao dito Embaixador no dia 26 do mesmo mez de Outubro de 1803, cinco Passaros, que se tirarão dos armarios do Museu (...) Remetterão-se mais ao dito Embaixador no dia 21 de Dezembro do mesmo anno 15 Passaros (...) Remetterão-se mais ao referido Embaixador no dia 7 de Maio de 1804, os 2 Passaros seguintes (...) [total] 126. (...) Relação das Conchas, que deste Real Museu se remetterão ao General Lasnes (...) no dia 13 de Março de 1804 [total] 1481 (...) Remetterão-se mais ao dito Embaixador no dia 7 de Maio de 1804 as Conchas seguintes (...) [total] 2185" <sup>406</sup>.

<sup>405</sup> Mesmo uma recente obra (escrita em francês e publicada por um departamento estatal português, com a co-autoria de prestigiado cientista português entretanto falecido), apesar de lamentavelmente parcial, historicamente mal fundamentada, documentalmente muito pobre e comungando de uma inaceitável desculpabilização do saque de 1808, considera infeliz a atitude de J. Lannes influenciado, segundo os autores, pela cobiça da mulher que via nestes objectos retirados da Ajuda uma oportunidade de emular o gosto coleccionista da primeira mulher de Napoleão, Josefina (1763-1814) (Cfr. Jacques Daget e Luiz Saldanha, *Histoires naturelles franco-portugaises du XIX e siècle*, 1989). O zoólogo Carlos Almaça também discorda das interpretações históricas e científicas assumidas pelos autores a propósito do episódio Saint-Hilaire: "Com efeito, nenhum naturalista experiente deixará, pelo menos, de sorrir quando lê que o saque de centenas de exemplares, muitos dos quais pertencentes a espécies ainda não descritas, foi a compensação pelo trabalho de ordenação de parte das colecções do Real Museu e cedência de amostras de minerais já bem conhecidos, que Etienne Geoffroy teria trazido de Paris" (Carlos Almaça, *Bosquejo histórico da Zoologia em Portugal*, 1993, nota 41, pp. 45-46).

<sup>406</sup> Relações Dos Productos naturaes que por Ordem Regia se remetterão deste Real Museu ao General Lasnes [sic], Embaixador da Republica Franceza nesta Corte, (Agosto de 1803 - Maio de 1804), AHMB, Geoffroy de Saint-Hilaire, Div.- 16 a., n.º 22. "O Principe Regente Nosso Senhor He Servido Mandar ratificar a V. M.ce a Ordem para a entrega das Collecções de Sementes, de Animaes, das Minas de Ouro do Brasil, e das Pedras preciosas do mesmo; e igualmente das Conchas, e das Madeiras

Questão que se tem colocado com cíclica frequência - a propósito do esbulho das colecções naturais do Real Museu da Ajuda em 1803, 1804 e 1808 - é a de saber até que ponto terá influído decisivamente tanto na desarticulação da organização museológica (sendo responsável, em última análise, pela decadência e morte dos estabelecimentos), quanto no atraso verificado na investigação oitocentista em ciências da natureza.

Se, em relação à primeira componente do binómio, parecem não restar muitas dúvidas de que assim terá acontecido (tanto mais que essa foi a unânime leitura produzida na época, face aos efeitos globais na sociedade portuguesa das invasões francesas e da saída da Corte para o Brasil) já no respeitante a uma ligação causa-efeito entre pilhagem de produtos e ausência de trabalho científico (opinião genericamente proveniente de naturalistas <sup>407</sup>), alimentamos a maior das reservas atendendo ao que deixamos analisado - ao longo desta *anatomia* do complexo da Ajuda - a propósito das limitações administrativas impostas ao nosso acanhado meio profissional.

De facto é amplamente documentável, até em testemunhos de viajantes ingleses, a percepção de que a passagem do comissário francês conjugada com a longa ausência do Rei provocara danos irreparáveis nesta, como

---

do Brasil, que V. M.ce fez ao General Lasnes; e para sua salva, e guarda, participo a V. M.ce, de Ordem do mesmo Senhor esta ratificação. Deos Guarde a V. M.ce. Paço em 17 de Novembro de 1803. Visconde de Balsemão. Senr. Domingos Vandelli." (*Carta do Visconde de Balsemão a Domingos Vandelli (17 de Novembro de 1803)*, in *Livro de Registo dos Decretos*, MCUL).

<sup>407</sup> Apesar de ser uma opinião já enunciada por J. V. Barbosa du Bocage: "O célebre naturalista francês compreendeu a importância científica das collecções do Museu da Ajuda, compostas em grande parte de espécies que ali via pela primeira vez; escolheu portanto e fez transportar para Paris por ordem do General em chefe do exército invasor, todos ou quase todos os objectos que os compunham. As collecções que assim foram remetidas para França compreendiam perto de 1.600 exemplares zoológicos, diversos herbários muito interessantes do Brasil, Angola, Cabo Verde, Peru, Goa, Conchichina (este último do nosso célebre Loureiro); um grande número de minerais, quase todos metais preciosos e vários fósseis. Desta época data com a ruína total do nosso Museu a decadência das ciências naturais no nosso país; Brotero e Alexandre Rodrigues Ferreira não têm tido sucessor" (*Instrucções praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoologicos para o Museu de Lisboa*, 1862), nos nossos dias tem sido insistentemente assumida por Carlos Almaça (*A expedição filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira no contexto histórico-natural da sua época*, 1992; *Bosquejo histórico da Zoologia em Portugal*, 1993; *A natural history museum of the 18th century: the royal museum and botanical garden of Ajuda*, 1996).

noutras, repartições públicas <sup>408</sup>: "Adjoining the museum is a small botanical garden for exotic plants; but in this, as in every other department, the king's absence at Rio has been productive of no amelioration, and pilfering of every kind has been carried on with impunity" <sup>409</sup>; "The royal museum at Belem, although ransacked by the French sçavans, still contains a magnificent assortment of stuffed birds and beasts, minerals, fossils, and other curiosities. The most valuable of them have been packed up, under the apprehension of a second visit from those rapacious virtuosi" <sup>410</sup>.

Há, no entanto, uma dimensão que não pode ser esquecida e que cremos constituir, essa sim, uma limitação estrutural e que é de ordem humana e material. Como poderia um programa de investigação naturalista (sabendo-se que empenharia, como no *Muséum* parisiense, equipas em labor quase vitalício) ser praticado num estabelecimento dirigido por um alquebrado septuagenário e por um doente crónico entrevado, sendo depois substituídos por um botânico jubilado da Universidade, debilitado por constantes enfermidades ? <sup>411</sup>. Mais ainda: a estes dirigentes se reduzia o quadro de

---

<sup>408</sup> Também em Espanha parece terem sido muito extensos os efeitos das guerras peninsulares nos estabelecimentos museológicos e científicos: "La invasión napoleónica representa el inicio de una decadencia catastrófica de la ciencia española que afectó, en primer término, al propio *Gabinete* carolino, cuyas colecciones fueron exoliadas, com la consiguiente pérdida de piedras y productos de valor insustituible" (María Bolaños, *ob. cit.*, 1997, pp. 133-134).

<sup>409</sup> A.P.D.G. - *Sketches of portuguese life, manners, costume, and character*, 1826, p. 85. Também a mordacidade nacional deixou expressa uma contundente crítica à pilhagem dos museus da Ajuda (e do Maynense): "Seria razão enviar esta raridade [a águia napoleónica] em algum dos caixotes que estavam destinados para transportar o Museo Régio e o Mainense. (...) Mandou [Junot] que o Depósito Público, o qual se tinha mandado para bordo da nau Vasco da Gama tomasse para a sua antiga Casa ao Largo do Pelourinho; assim como o Real Museo para a Quinta de Belém donde tinha saído, havia poucos" (João Braz d' Oliveira, *Uma recordação dos tempos de Junot - a Gazeta d'Almada (1808)*, pp. 34, 35, 39).

<sup>410</sup> William Granville Eliot, *A treatise on the defence of Portugal*, 1811, p. 175.

<sup>411</sup> "Tendo tomado alguns banhos das Caldas, p.<sup>a</sup> me restabelecer dos ataques rheumaticos, q. nesses tempos da primeira invasão franceza padeci repetidas vezes (...) Alem disso conto já vinte annos de serviço de Universidade, tempo em q. os lentes della costumão ser jubilados (...) O Dr. Domingos Vandelli foy daqui expulso, como V.<sup>a</sup> Ex.cia sabe, e demais disso a sua m.to propecta idade o tem posto já em estado de inaptidão, e de ser aposentado; (...) o Dr. Alexandre, subaltemo de Vandelli e Inspector das Quintas do Infantado, acha-se há trez annos convulso e entrevado em

naturalistas profissionais com formação técnica superior; outros funcionários dispunham apenas de formação intermédia cumprindo funções de apoio (preparadores do museu, desenhadores e gravadores, jardineiros-botânicos).

Por outro lado, o contexto administrativo e financeiro durante os atribulados anos de 1808 a 1836 é de corte de despesas e de despedimento de pessoal, mantendo-se a tendência inaugurada pela administração Junot <sup>412</sup>. Como denunciarão Vandelli e Brotero, muitos empregados do Museu e do Jardim Botânico abandonarão o seu posto de trabalho buscando na incorporação castrense ou na mendicidade a dignidade perdida <sup>413</sup>. É difícil,

---

huma camma, como he notorio, sem esperanças de restabelecimento (...) por outro lado o Jardim Real da Ajuda, q. com o Museo tem custado mais de dois milhões, e algumas Quintas reaes, que custarão grandes sommas, estão em m.ta decadencia, e precisão de hum Inspector intelligente, q. vigie e cuide na sua conservação, a qual pode m.to bem effectuar-se com certa economia (...) exige o estado actual da decadencia do Jardim da Ajuda e das Quintas reaes do Infantado; q. tem estado debaixo da Inspecção dos Drs. Vandelli e Alexandre. (...) na expulsão de hum delles e na invalidez de outro" (*Carta de Brotero ao Conde de Galveias (6 de Dezembro de 1810)*, apud A. Pires de Lima e J. R. Santos Júnior, *Cartas inéditas...*, 1944, pp. 34-35, transcrita do AHU).

<sup>412</sup> Vide *supra* nota 46, a transcrição do decreto de Junot que reduz a metade a consignação mensal. O *Livro de Registo dos Decretos* documenta também outros actos administrativos de Junot, em 1808. Começa por pedir ao Director uma relação de: nomes, empregos e ordenados dos funcionários; e despesas necessárias para a conservação do estabelecimento. Nessa sequência, faz registar a seguinte ordem: "O Director do Jardim Botânico do Palacio do sitio da Ajuda fique na intelligencia; de que deverá reduzir os jornaes das pessoas nelle empregadas, assim como as despezas de maneira que não excedão a consignação estabelecida, a fim de que não hajam dividas; deferido assim o requerimento dos mesmos empregados. Lisboa 27 de Julho de 1808. Com a rubrica do Presidente do Real Erario". Depois da saída dos franceses, mantem-se todavia a política de diminuição drástica de despesas, pedindo-se que se indiquem as reduções possiveis de efectuar "sem se faltar com tudo ao que for indispensavel para a cultura, e conservação do mesmo Jardim, e Museo".

<sup>413</sup> "Obrigado a mendigar do mesmo Governo hum escasso sustento p.<sup>a</sup> aqueles, que estão empregados no referido Jardim, a fim de evitar a sua total ruína" (*Requerimento de Domingos Vandelli para obtenção de sege, s/d, [1808]* ANTT, Ministério do Reino, Maço 279, Cx. 372, 1801-1818); "Os empregados nestes serviços, tanto nos do Museu como nos do Jardim, são pobres e logo que não são pagos desertão, ou empregão o tempo em pedir esmola, como aconteceu no periodo da primeira invasão Franceza em Lisboa, e por esse motivo então os dois Estabelecimentos soffrerão grande decadencia, e chegarão quasi ao ponto de ficar de todo arruinados" (*Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro (16 de Novembro de 1822)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, 1821-1833); "(...) na última reforma, nimiamente mesquinha, iniqua e irregular, feita pelo Ex-Governo Constitucional na Administração deste Real Museu e Jardim Botânico" (*Officio de Brotero a Joaquim Pedro Gomes de Oliveira (22 de Agosto de 1823)*, ANTT, M. do Reino, Maço 444, Cx. 555); "Snr. Bispo de Viseu.

pois, imaginar que tal programa de pesquisa pudesse ter sido cumprido entre nós mesmo que as colecções que legitimamente pertenciam aos que as tinham esforçadamente colectado não tivessem sido sonegadas em proveito de outra comunidade museológica e científica que, provida de poderosos meios, as descreveu, classificou e incorporou como suas <sup>414</sup>.

\*

Contudo, apesar de acreditarmos na razoabilidade crítica da interpretação que aqui deixamos formulada, não se pode ocultar que um longo percurso terá ainda de ser percorrido na via da colaboração interdisciplinar entre historiadores e cientistas para a construção de um aparelho conceptual - no âmbito de um programa de indagação comum em história da ciência - capaz de responder com rigor a este tipo de interrogações. No quadro actual da investigação esta leitura dos factos não merecerá mais do que a condescendência devida aos enunciados provisórios e, por isso, a todo o tempo desejavelmente refutáveis.

---

Pela segunda e ultima reforma feita pelo Governo revolucionario na administração deste Real Jardim Botânico, de que sou director, sem embargo das minhas representações em contrario, foi diminuido o numero dos trabalhadores effectivos empregados no seu serviço. Como tão bem o jornal dos que ficarão conservados, e se recommendou ao Vice- Inspector das Obras do Real Palacio da Ajuda, que somente houvesse de pagar aos que pela reforma ficavão conservados, mas a nenhum outros alguns, que eu de novo admitisse, o que tudo foi pretextado com razões de economia; mas esta reputada economia não tem sido mais do que huma miseravel e excessiva mesquinheza, que presentem.te acho ser incompativel com a conservação e aceio de hum Estabelecim.to, que foi feito para instrucção e recreio da real Familia, e que alem disso não deixa de ser util ao Publico" (*Representação de Félix de Avelar Brotero ao Bispo de Viseu (17 de Março de 1827)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, 1821-1833); "Os ultimos acontecimentos derão lugar a que a maior parte dos Empregados nestes Reaes Estabelecimentos se reunissem huns aos Corpos de Voluntarios Realistas, e Companhias Urbanas, aonde tem praça, e outros forão pela Ley chamados aos corpos de primeira Linha aonde tinhão servido: nestas circunstancias ficarão estes Estabelecimentos sem os Empregados necesarios p.a a sua conservação" (*Ofício do Escrivão da Fazenda do Real Museu ao Conde de Basto (8 de Agosto de 1831)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, 1821-1833).

<sup>414</sup> É possível, nesta perspectiva, estender a Portugal a certa análise do botânico inglês David Don: "Tal vez ningún pueblo há realizado mayores sacrificios por la ciencia como la nación española. Sus expediciones y viajes de descubrimiento se llevaron a cabo com la mejor munificencia y en extensiva escala; desafortunadamente sus resultados tuvieron poca posibilidad de ser conocidos por el mundo científico" (Cit. in María Bolaños, *ob. cit.*, 1997, p. 135).



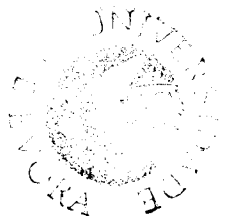


# **CAPÍTULO VII**

## **O COLECCIONISMO PRIVADO**

### **Coleccionadores e colecções**

- *Os Gabinetes de aristocratas e de eruditos (Angeja, de Visme, Balsemão, Vasconcelos, Cáceres, Araújo, Rey, Sampaio)*
- *Os Gabinetes de eclesiásticos (Caetano do Bem, Mayne, Cenáculo)*
- *Os Gabinetes de Medalhas e Antiguidades (Vidal e a Livraria Pública)*





*"Ces cabinets (...) se multiplient de jour en jour, non-seulement dans les villes capitales, mais aussi dans les provinces de tous les états de l' Europe. Le grand nombre de ces cabinets d'Histoire naturelle prouve manifestement le goût du public pour cette science; on ne peut les former que par des recherches pénibles & par une dépense considérable, car le prix des curiosités naturelles est actuellement porté à un très-haut point. Un tel emploi du temps & de l' argent suppose le desir de s' intruire en Histoire naturelle, ou au moins de montrer pour cette science un goût qui se soutient par l' exemple & par l' émulation. Dans le siecle dernier & au commencement de notre siecle, il y avoit beaucoup plus de cabinets de médailles qu'à présent; aujourd'hui on forme des cabinets d' Histoire naturelle".*

D. Diderot, 1765

*"Em fim chegou o [Jorge]Rey, elle pôde entrar na Classe dos buzios denominados buzinoa, porq. todo se emprega em fallar na Caridade, hospitalidade, e virtudes de V. Ex.º; gastamos mtas. horas (...) em observar a m.a Collecção, e hé tal a paixão q. repetimos as observações: -queria Mons. Rey hir em hua Conxa pª o jazigo; e se elle morresse lá perdia a admiravel tumba da mª. Conxa gigant. em q. cabe bem a vontade: (...) Está finalmente o nosso Rey com hua canastra de conxas q. lhe dei, em q. vieraõ 6 arrobas de prezuntos (...) e submergido no abismo quer tirar do caos sociedades dissolutas; considere V. Exª o amavel Rey em combinações, e compadeça-se delle (...)"*

*Carta de Francisco Martins Sampaio a Frei Manuel do Cenáculo, 1780*

## Coleccionadores e colecções

1. A história natural, nesta segunda metade de setecentos, afirmando-se como actividade de valor utilitário imediato e, por isso também, socialmente prestigiante, colocou-se num terreno de argumentação consensual propício ao estabelecimento de diálogo e colaboração entre *ciência* e *sociedade*.

Estes laços, já amplamente documentados no período anterior, aprofundam-se agora com a impressionante vitalidade alcançada pelo coleccionismo privado de cariz (não exclusivamente, mas predominantemente) naturalista, cimentando-se uma rede de cumplicidades pessoais baseada no intercâmbio de informações e de objectos, de que o abundante epistolário de frei Manuel do Cenáculo constitui exemplo maior.

O lugar axial reservado nesta rede aos estabelecimentos da Ajuda e ao seu Director, Domingos Vandelli, assumirá múltiplas formas incluindo a orientação técnica de jardins botânicos de iniciativa particular (Angeja e de Visme) e a doação de gabinetes privados, com todo o seu espólio, ao museu régio (Luís de Albuquerque de Melo Pereira Cáceres e António Jacinto de Araújo) <sup>1</sup>.

Quase ao dobrar do século, Desallier d'Argenville - em capítulo de obra erudita dedicada à *Conchiologia* - empenhara-se em inventariar e descrever exaustivamente gabinetes e colecções de que tinha notícia ('Des plus fameux Cabinets d'Histoire Naturelle qui sont en Europe') constituindo esse, porventura, o mais antigo e genuíno texto de museologia histórica setecentista <sup>2</sup>. Mereceria sucessivas reedições nas décadas seguintes, sinal iniludível de sucesso editorial, comprovável entre nós pela sua aquisição e utilização nos estudos universitários de história natural <sup>3</sup>.

Invocamo-lo aqui sobretudo como padrão de medida europeia do universo que vamos agora revisitar, uma viagem guiada através das tendências dominantes no gosto coleccionista, dos valores sócio-culturais em voga e das normas técnicas e estéticas do *l'arrangement* de Gabinetes (tanto o de um 'Prince amateur' como o de um 'Particulier') <sup>4</sup>. De resto, a este propósito, o

---

<sup>1</sup> Vide vol. II, Anexo II - Colecções, gabinetes, jardins botânicos e museus (1768-1808) - quadro de relações.

<sup>2</sup> "Cabinets riches & nombreux, dont la lecture de son Livre a donné parmi nous la première idée. (...) L'Ouvrage le plus complet qui ait encore paru en France sur cette matière" ('Dédicatoire' de Favanne de Montcervelle à 3ª edição de *La conchyliologie ou histoire naturelle des coquilles*, 1780, pp. ij-iii). Vide referências a esta obra *supra*, Cap. III, nota 107.

<sup>3</sup> Recorde-se (vide *supra*, Cap. III) que Vandelli adquiriu esta obra para o Museu de História Natural universitário (Cfr. *Nota dos livros vendidos pela Firma Borel, Borel & C.ª ao Dr. Domingos Vandelli (1784)*; AUC (Arquivo da Universidade de Coimbra), Museu da História Natural), e que dois anos depois já aparece citada na obra do aluno Baltazar da Silva Lisboa, *Discurso historico, politico, e economico dos progressos, e estado actual da Filozofia Natural Portugueza, acompanhado de algumas reflexoens sobre o estado do Brazil*, 1786.

<sup>4</sup> Um inteiro capítulo (pp. 187-198) é dedicado justamente à maneira de 'arranjar' o espaço de um Gabinete. Recordem-se dois textos sobre este tema: o artigo de D. Diderot "Cabinet d'Histoire Naturelle" na *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, 1751; e o manuscrito de Agostinho Joze Martins Vidigal, *Methodo De fazer Observaçoes, e Exames necessarios para augmento da*

---

autor reflecte sobre a evolução da sua própria sensibilidade, a qual nos primeiros anos do século era ainda tributária da desordem cenográfica e do hibridismo tipológico dos objectos, e que aqui aparece a anunciar a boa nova de um gosto redentor, adoptando exclusivamente as 'obras da natureza' exibidas com método sistemático numa "nouvelle scene": "L'auteur avoit donné autrefois dans le *Mercure Français* <sup>5</sup>, une dissertation sur le choix & l'arrangement d'un Cabinet curieux: tout y est employé, & tout contribue à l'embellir; les livres, les médailles, les morceaux d'antiquité, ceux de sculpture, les tableaux, les dessins des grands maîtres, les estampes, les habilemens étrangers, jusqu'aux ouvrages de tour & de mécanique: l'assortiment d'un laboratoire n'y est pas même oublié. C'est ici une nouvelle scene qui ne présente que les ouvrages de la nature; infiniment au-dessus de l'art, ils doivent effacer tous les autres: cette scene donne l'idée de l'ordre qu'on pourroit suivre dans les grandes collections" <sup>6</sup>.

Nos gabinetes portuguesas que vamos agora conhecer de perto nem sempre é reconhecível uma tão clara exclusividade de colecções naturais, aqui radicalmente recomendada por d'Argenville, parecendo mais apropriado falar-se de um coleccionismo eclético que, acompanhando embora a tendência filosófica da *sciencia dos muzeus*, mantém ligações à arte (pintura, escultura e estampa), à anticomania (numismática, epigrafia, arqueologia) e aos objectos curiosos das 'industrias humanas', em graus diferenciados conformes ao gosto (e às posses) de cada proprietário.

Há ainda uma outra diferença assinalável entre a realidade francesa e a portuguesa, e essa tem que ver com o facto de a nossa escala de grandeza ser infinitamente menor, quer quanto ao número de gabinetes, quer no respeitante

---

*Historia Natural, com os meios de preparar, conservar, e dispor nos Museos os diversos productos da Natureza, s/d, [1783], BN (Biblioteca Nacional), Mss. 8520.*

<sup>5</sup> "Lettre sur le choix et l'arrangement d'un cabinet curieux...", Junho de 1727, tome II, p. 1323.

<sup>6</sup> A. Desallier d'Argenville, *Conchyologie, ou histoire naturelle des coquilles de mer, d'eau douce, terrestre et fossiles*, 1780, t. I, p. 187 [1ª ed. 1742, 2ª ed. 1757] O autor era membro da Société Royale des Sciences de Montpellier. A 3ª ed. foi publicada, depois da morte do autor, actualizada pelos Favanne (pai e filho).

à sua distribuição pelo território. Em França, a capital possui ricos e incontáveis gabinetes mas é possível situar coleccionadores em todas as regiões do país<sup>7</sup>; em Portugal a realidade é claramente macrocéfala porque, com a distinta excepção das iniciativas de Cenáculo (em Beja e Évora), Lisboa concentra todos os restantes proprietários amadores.

Ao lado do coleccionismo dos particulares abrir-se-á uma porta para um espaço museológico - o Gabinete de Medalhas e Antiguidades da Livraria Pública - que, apesar de *institucional* pelos objectivos didácticos e culturais e pelo suporte financeiro, mantém todavia um envolvimento privilegiado com o universo dos coleccionadores eruditos - tanto pelas doações que fundam o seu acervo inicial (Tomás Caetano do Bem, Manuel do Cenáculo), quanto pela curadoria técnica que eles lhe asseguram (António Ribeiro dos Santos, João Vidal da Costa e Sousa) - e na relação orgânica com as autoridades e os colectores locais de 'antiguidades' de acordo com o *Alvará* de 4 de Fevereiro de 1802.

Notar-se-á também que, na abordagem do fenómeno privado do coleccionismo, passamos a utilizar preferentemente o termo 'Gabinete' e, com exclusão do caso Cenáculo, deixamos cair o de 'Museu'. Ora, a diferenciação lexical mais não faz aqui do que traduzir a realidade que é, tanto quanto pudemos apurar, de contrastante evolução semântica nas duas categorias museais. Isto é, num primeiro momento a documentação revela-nos um uso indiferenciado dos termos, tal como é sistematicamente praticado nos textos que se referem aos estabelecimentos régios da Ajuda. Noutros casos, pode até dar-se que 'Museu' corresponda ao *conteúdo* (como que identificado com 'Colecção') e 'Gabinete' se refira ao *continente*, ao edifício que o alberga, como comumente aparece nos textos pombalinos relativos aos estabelecimentos universitários.

Já para os finais do século, parece instalar-se a consciência de que a designação de 'Museu' se deve reservar para iniciativas que envolvam uma dimensão - e uma ambição - que superem a realidade mais chã do vulgar

---

<sup>7</sup> Yves Laissus apurou em Paris, a existência de 45 gabinetes de história natural, 29 de pinturas, 12 de antiguidades, 9 de física e 9 de estampas (Cfr. *Les cabinets d'histoire naturelle*, 1986, pp. 679-712)

coleccionismo privado de amadores e eruditos. A 'Museu' passa-se a associar um espaço de exibição fisicamente mais vasto, dotado de um quadro de profissionais, e assumindo obrigações permanentes para com o público<sup>8</sup>.

Donde, a opção mais apropriada pela designação 'Gabinete', que julgamos reflectir melhor a realidade de um coleccionismo de particulares que não cumpre, genericamente, o triplo alcance *público, permanente e profissional* das colecções suportadas pelo Real Erário ou - como nos casos excepcionais do padre mestre Mayne e do arcebispo Cenáculo - libertas das contingências desagregadoras dos patrimónios familiares<sup>9</sup>.

Questão que faz sentido colocar é a de saber que terá resultado da existência de todos estes gabinetes de história natural (dos mais e dos menos conhecidos) para o avanço da Ciência neste último século de *Ancien Régime*. Reflectindo sobre o caso francês - mas que de algum modo funcionava como modelo para o coleccionismo europeu -, o naturalista Jean-Baptiste-Pierre de

---

<sup>8</sup> Semelhante interpretação apresenta o zoólogo Carlos Almaça: "Os mais importantes gabinetes de História Natural - versão especializada dos 'gabinetes de curiosidades', orientada para as colecções de produtos da natureza - constituídos durante o século XVII, evoluíram gradualmente, originando, em certos casos, museus. É, por exemplo, o que se passou com o *Cabinet du roi*, embrião do *Muséum de Paris*, ou com o gabinete da *Royal Society*, que iniciou o *British Museum*. Dada a gradualidade da transformação, é difícil precisar em que ponto um gabinete passa a constituir um museu de História Natural. No entanto, um certo número de características relacionadas com a propriedade, a dimensão, a existência ou não de quadro de investigadores, os deveres para com o público, etc. permitem geralmente distinguir os dois tipos de instituições" (*As colecções de conchas em gabinetes e museus de história natural portugueses*, 1989, pp. 17 e sgs.).

<sup>9</sup> Também no caso das colecções privadas na França do séc. XVIII, quando se verificou o seu legado a instituições públicas foi possível preservar até aos nossos dias este património museológico. É o que se documenta aqui com o mais antigo Gabinete de história natural francês: "Ce surprenant ensemble, ouvert maintenant au public, est constitué par les collections de coquilles et d'oiseaux composant 'le bel amas de M. de La Faille', dont parle d'Argenville.(....). La Faille fut plus collectionneur que chercheur, plus amateur que savant, ce qui arriva souvent à son époque. Son Cabinet était, en tout cas, parmi les plus fameux d'Europe touchant l'Histoire naturelle. (...) La faille est mort (...) le 4 juin 1782 (...). Il léguait à l'Académie de La Rochelle les 940 volumes de sa bibliothèque. Les 4 000 coquilles rangées dans des armoires, la collection d'oiseaux préparée par lui (...). Le Cabinet serait ouvert au public une ou deux fois par mois et journellement aux amateurs et aux étrangers. (...) maintenant le plus ancien Cabinet d'Histoire naturelle de France se situe à l'entrée du Jardin des Plantes de La Rochelle (...) où il est visible au public tous les jours" (Jean Torlais, *Un cabinet d'histoire naturelle français datant du XVIIIe siècle*, 1961, pp. 87-88).



Monet, chevalier de Lamark (1744-1829), produzia um juízo severíssimo já em tempo de Revolução: "On voit en effet des collections d'histoire naturelle dont l'objet, en quelque sorte, est de former spectacle et peut-être d'offrir une idée de la richesse ou du luxe du propriétaire. Tout s'y montre dans l'état et dans l'ordre les plus convenables pour la décoration et l'agrément. On n'y met en évidence que les objets bien décorés ou d'une forme agréable. On les range symétriquement, et on forme partout des contrastes propres à produire de l'efet. Les individus d'une même espèce sont répétés et souvent considérablement multipliés, si par leur beauté ils peuvent concourir à l'embéllissement du cabinet. On va même jusqu'à mutiler les objets, lorsque par ce moyen on peut les rendre plus propes à flatter la vue, ce que prouve le détestable usage de dépouiller les coquilles. Dans ces sortes de collections on n'a nullement en vue les progrès de l'histoire naturelle; aussi les objets n'y sont connus qu'empyriquement et sous des noms vulgaires ou barbares. Or, je dis que des collections telles que celles que je viens de mentionner, ne sont utiles à rien; qu'elles constituent de simples *cabinets de curiosité*, et non de vrais *cabinets d'histoire naturelle* avantageux aux progrès des sciences et propres à répandre des connoissances utiles" <sup>10</sup>.

Avaliação, dir-se-á, demasiado generalizadora já que engloba numa mesma categoria os gabinetes puramente diletantes e os que se organizaram de modo científico, com o apoio de sábios e de naturalistas profissionais <sup>11</sup>. Nesta perspectiva, talvez fosse útil proceder ao exame cuidado dos catálogos que chegaram até nós e que apresentam, certamente, um indiscutível interesse para a história das ciências, "sinon de la science elle-même" <sup>12</sup>.

<sup>10</sup> *Mémoire sur les cabinets d'histoire naturelle et particulièrement sur celui di Jardin des plantes...*, s/l, s/d, p. 2, apud Yves Laissus, *Les cabinets d'histoire naturelle*, 1986, p. 669.

<sup>11</sup> Ponto de vista semelhante é o que D. Diderot apresenta no artigo "Cabinet d'Histoire naturelle" da *Encyclopédie*: "La science de l'histoire naturelle fait des progrès à proportion que les cabinets se completent; l'édifice ne s'élève que par les matériaux que l'on y employe, et l'on ne peut avoir un tout que lorsqu'on a mis ensemble toutes les parties dont il doit être composé. Ce n'a guère été que dans ce siècle que l'on s'est appliqué à l'étude de l'histoire naturelle avec assez d'ardeur et de succès pour marcher à grands pas dans cette carrière. C'est ausso à notre siècle que l'on rapportera le commencement des établissements les plus dignes du nom de cabinet d'histoire naturelle" (1751, t. II, p. 489).

<sup>12</sup> Yves Laissus, *Les cabinets d'histoire naturelle*, 1986, p. 669.

## 2. O gabinete de história natural e o jardim botânico do marquês de Angeja

As iniciativas museológicas de D. Pedro José de Noronha (1716-1788), 3º marquês de Angeja, destoando do rápido esquecimento em que caíram outros gabinetes e jardins setecentistas, são de há muito conhecidas e estudadas pelos especialistas. As razões são múltiplas e prendem-se, desde logo, com a sobrevivência de valiosos testemunhos materiais desta actividade: o palácio que pertenceu à família, na Junqueira, e que albergava as colecções<sup>13</sup>; os projectos de arquitectura que encomendou para um edifício-museu; o Jardim Botânico no Parque do Monteiro Mor, ao Lumiar; a múmia e a máscara funerária ptolemaicas que fazem hoje parte do acervo do Museu Nacional de Arqueologia; além do próprio retrato do protagonista, excepcional representação pictórica de aristocrata-coleccionador surpreendido no seu gabinete, investido dos atributos devidos à *philosophia natural*<sup>14</sup>. Testemunhos de viajantes estrangeiros admitidos à visita demorada dos seus espaços museais também têm permitido um registo muito fiel das colecções e dos lugares de exposição, merecendo especial referência o relato circunstanciado do Bibliotecário Maior da Real Biblioteca de Madrid, Francisco Pérez Bayer (1782)<sup>15</sup>.

A maneira como Angeja terá desempenhado importantes cargos públicos depois da queda de Pombal não merecerá aos seus contemporâneos um elogio muito rasgado tanto mais que lhe couberam, nos ministérios da

---

<sup>13</sup> "O Largo dos Marqueses de Angeja encontra-se nos terrenos que pertenciam ao quintal dessa casa. O edifício foi construído por Pedro António de Noronha e Albuquerque, amigo do rei José I. Supõe-se que o lado sul do solar assentava sobre parte do Forte de S. João, cujos vestígios ainda são visíveis" (Francisco José Magalhães, *John Cam Hobhouse e Portugal. Diário de viagem - 1809*, 1993, p. 145).

<sup>14</sup> Cfr. *Gravura de Gaspar Fróis Machado (1790)*, Museu Nacional de Arte Antiga. Existe um exemplar na secção de Iconografia da Biblioteca Nacional (BN).

<sup>15</sup> Trata-se de um manuscrito da Biblioteca Nacional publicado por José Leite de Vasconcelos no *O Archeologo Português*, em 1920, com o título "Diario das primeiras viagens que fez pelas terras de Portugal. 1782"

*Viradeira*, algumas das áreas mais críticas da governação <sup>16</sup>. Por isso, a justa consagração historiográfica do nosso personagem tem vivido mais à custa das suas actividades de cultor da *philosophia natural*. Foi todavia, na linha de nunca interrompida tradição familiar, um fiel colaborador da Coroa prestando serviços que lhe haveriam de merecer o reconhecimento real, assim patenteado no periódico oficial <sup>17</sup>: "(...) uteis e importantes serviços, que por mais de 58 annos lhe tem feito até o presente o Marquez d' Angeja, D. Pedro José de Noronha, assim nos Postos Militares até o de Tenente General dos seus Exercitos, e Capitão General da sua Armada Real, como nos Empregos Politicos de Deputado da Junta dos Tres Estados, de Vedor da sua Real Fazenda na Repartição dos Armazens, D'Inspector Geral da Marinha e das Obras Publicas, de Gentil-homem da sua Camara, havendo-o sido d'El Rei seu Pai, de Presidente do seu Real Erario, e de seu Ministro assistente ao Despacho do Gabinete" <sup>18</sup>.

<sup>16</sup> "Posto que o Senhor Rei D. Joze fosse pessoalmente amigo do Marquez de Angeja (...) com tudo não me lembro que fosse occupado em cousa alguma do Ministerio, durante a vida daquelle soberano, sendo unicamente Gentilhomem da Camara. Porem logo que a Rainha Nossa Senhora subio ao trono o nomeou Presidente do Real Erario, percebendo os 24 000 cruzados, que o Marquez de Pombal não recebia occupando o mesmo lugar com o nome de Inspector. (...). Não me consta, que durante a administração do Marquez de Angeja houvesse melhoramento algum na arrecadação das rendas Reaes, antes foi vóz publica, que depois do seu falecimento, o Erario se achava bem desfalcado nas somas, que deixara o seu antecessor" (Jacome Ratton, *Recordações sobre ocorrências do seu tempo, de Maio de 1747 a Setembro de 1810*, 1920 [1ª edição, 1813]).

<sup>17</sup> A tradição colecionista da família Angeja também poderá ser comprovada pela seguinte notícia inserta no periódico oficial: "Na Quinta feira da semana passada pegou fogo no bairro da Ribeira, na caza de hum particular, e sem embargo da prontidam com que se lhe acudiu, e auxilio de 20 bombas, que se applicaram, arderam bastante numero de cazas de outros moradores, e comunicando-se as chamas ao nobilissimo Palacio do Illustrissimo e Excelentissimo Marquez de Angeja fez nelle hum lamentavel estrago com a inreparavel perda das Excelentes pinturas da sua torre" (*Gazeta de Lisboa*, n.º 42, 17 de Outubro de 1754, p. 336). "Descendente de vice-reis da Índia, governadores do Brasil e embaixadores de Portugal em várias cortes da Europa (...). O ambiente familiar da sua Casa incutiu-lhe o gosto pela erudição, consolidada pela experiência e oportunidades proporcionadas pelos sucessivos cargos que ocupou" (Natália Correia Guedes, *A múmia ptolomaica do Museu Nacional de Arqueologia, memória do Museu de História Natural do Marquês de Angeja*, 1993-1994, pp. 369-370).

<sup>18</sup> *Gazeta de Lisboa*, 20 de Maio de 1786, 2º Suplemento.

Tem sido dito que D. Pedro de Noronha teria já iniciado na década de cinquenta a instituição do Jardim Botânico na Quinta que a Casa adquirira, na geração anterior, aos Beja Noronha e Almeida, no Lumiar<sup>19</sup>. Tal facto, a poder ser comprovado, faria dele o criador do mais antigo espaço museal existente hoje em Portugal, já que anterior ao Jardim da Ajuda (1768) e ao Jardim universitário (1772).

Mais seguro, porém, é que a permanência de Domingos Vandelli em Lisboa - a partir de 1764 - proporcionará um relacionamento que não se reduziu à sociabilidade diletante de dois amantes de história natural mas que passará pela contratação do italiano para funções que irão desde o traçado do Jardim e a escolha das espécies arbóreas com interesse ornamental e botânico<sup>20</sup>, até ao aconselhamento científico na organização das colecções naturais do Gabinete da Junqueira.

Duas cartas - na correspondência vandelliana com personalidades de prestígio do mundo da história natural - confirmam o empenho do naturalista italiano em introduzir Angeja no convívio do coleccionismo europeu. A primeira deve-se ao famoso Joseph Banks que, já o sabemos, tinha permanecido seis meses em Lisboa durante o ano de 1766 e aqui travara conhecimento com Vandelli e com o pequeno meio de naturalistas-amadores, nomeadamente com

---

<sup>19</sup> O palácio do Monteiro-Mor foi adquirido por Fernão Teles da Silva a D. António de Noronha em 1741 (Cfr. Livro nº1/C 74, Arquivo da Casa Palmela, *apud Luís Filipe de Albuquerque Sousa Lara, Parque do Monteiro-Mor*, 1978, p. 27). "O Palácio do Lumiar, do marquês de Angeja, que era presidente do Erário de D. Maria I, e que nisso dizem ter enriquecido, foi construído também nos fins do século e sobretudo foi famoso pelo jardim botânico que o rodeava, dedicação erudita do marquês; grande 'mas exteriormente sem magnificência, (com as suas) fachadas de arquitectura regular e nobre', é mais um casarão na tradição seiscentista, em atraso de gosto." (José-Augusto França, *A arte em Portugal no séc. XIX*, 1966, vol. I, p. 167).

<sup>20</sup> "O Parque foi iniciado na década de 1750 por (...) 3º M. de Angeja (...). O jardim botânico mereceu-lhe especiais cuidados, tendo escolhido a orientação do botânico italiano Domenico Vandelli, para o organizar" (L. F. Sousa Lara, *ob. cit.*, 1978). O reconhecimento da participação técnica de Vandelli no Jardim encontra-se hoje devidamente assinalada em placa com o seu nome, bem como o de outros botânicos que ali trabalharam. Esta justa homenagem é bem anterior à menção que ao seu nome é feita actualmente em placa existente no tabuleiro inferior do Jardim da Ajuda, junto à estátua do Príncipe D. José atribuída a Machado de Castro.

o capitão José Rollem Van-Deck<sup>21</sup>. Dois anos depois, prestes a embarcar com o explorador James Cook rumo aos mares do sul, o futuro secretário da Royal Society escreverá uma carta ao botânico da Corte portuguesa referindo-se expressamente ao marquês de Angeja, associando-o deste modo às actividades naturalistas de Vandelli e deixando supor que o britânico travara conhecimento com ele durante a estada em Lisboa<sup>22</sup>.

O segundo caso é ainda mais esclarecedor do papel desempenhado pelo paduano no programa museológico de D. Pedro de Noronha já que (assim o interpretamos) surpreende Domingos Vandelli no cargo formal de *consiglieri* - função tão comum no coleccionismo aristocrático setecentista<sup>23</sup> - propondo, em nome do patrono, permuta de espécimens naturais ao todo poderoso Abée Nolin, 'Directeur general des pepinières et jardins de S. M. tres chretiene'.

A resposta do eclesiástico francês não parece ter sido muito animadora para a prossecução do intercâmbio científico, já que visivelmente se mostra descrente na qualidade das colecções de Angeja, mas a própria iniciativa epistolar (e é essa que importa neste contexto sublinhar) permite bem evidenciar a prestação de um serviço formal do naturalista profissional ao aristocrata coleccionador: "Mr. Leger ma remis la petite caisse d'objects d'histoire naturelle que vous m'avez envoyé de la part de S. E. M. le Marquis D'Angeja. Comme ma collection est nombreuse et choisi les objets que vous m'avez envoyé ne sont pas de nature a l'augmenter. (...) Je proffiterai du retour de Mr. Leger pour envoyer à Son Excellence une belle suite de nos mines et les Coquilles que j'ai doublés (...) mais si Son Excelence daigne m'envoyer des objets pour mon Cabinet, permettez moy de vous observer que je suis un peu difficile dans le choix de ce que s'y place. (...) Comme independemment de mon goût pour l'histoire naturelle je suis occupé par etat a la Culture des

---

<sup>21</sup> Cfr. *supra* Cap. IV e W. J. Simon, *Sir Joseph Banks's Lisbon Journal of 1766: an introduction to the text*, 1997.

<sup>22</sup> Cfr. *Carta de Joseph Banks a Domingos Vandelli (Londres, 26 de Fevereiro de 1768)*, AHMB, CE/B -75 [Latim].

<sup>23</sup> Recorde-se um caso que ilustrámos, *supra* Cap. IV, de um dos correspondentes de Vandelli, o naturalista pisano, Filippo Fabrizzi, ao serviço do Príncipe Eleitor do Palatinado, em Florença.

Jardins et plantations de Sa magesté, si vous desiréz des graines de nos paiz pour vos jardins, je vous les enverray avec plaisir" <sup>24</sup>.

Esta proximidade entre os dois homens encontra-se igualmente cimentada por reveladores actos de homenagem cortesã, o primeiro dos quais na forma do *táxone* botânico 'Angeja' atribuído a uma nova espécie da flora brasileira e descrita por Vandelli no Catálogo manuscrito, *Hortus Olisiponensis*, <sup>25</sup> e no opúsculo impresso, *Fasciculus plantarum*, ambos de 1771 <sup>26</sup>.

Finalmente, não se pode ignorar o sentido de gratidão contido na passagem de carta que o professor universitário oficialmente dirige ao já então governante influente. Nela julgamos ver referência ao decisivo impulso que D. Pedro terá dado à resolução régia de criar um Jardim Botânico junto ao Paço e, deste modo, ajudado a justificar plenamente a ocupação naturalista do paduano <sup>27</sup> : "V. Ex.<sup>a</sup>, (...) em Portugal foi o primeiro que estimou e protegeo a

---

<sup>24</sup> Carta do Abade Nolin a Domingos Vandelli (Paris, 26 de Junho de 1779), AHMB (Arquivo Histórico do Museu Bocage), CE/N -4. As colecções de Nolin são assim descritas por Desallier d'Argenville (*ob. cit.*, 1780, t. I, p. 247): "M. l'abbé Nolin, Contrôleur général des Pepiniers de France, a fait un choix sur diverses parties d'histoire naturelle, mais principalement en très-beaux madrépores, en un grand nombre de belles coquilles, & en minéraux".

<sup>25</sup> BN, Códice n.º 3750, p. 4. A 'Tabua' 4 continha o desenho da planta, mas foi arrancado neste exemplar.

<sup>26</sup> Um estudioso de A. N. Ribeiro Sanches encontrou uma interessante referência do médico *estangeirado* a esta homenagem de Vandelli a Angeja: "Ao receber esta obra [*Fasciculus plantarum*] Ribeiro Sanches escreveu uma carta ao Marquês de Angeja lançada no seu *Journal* (manuscrito existente na Biblioteca da Faculdade de Medicina de Paris) com data de 25 de Dezembro de 1775, de que reproduzimos esta passagem: 'recebi aqui o Fasciculus Plantarum de Domingos Vandelli impresso em Lisboa 1771 em pequeno 4.º, e vi nele pág. 13 com a maior alegria a denominação da planta Angeja que nasce no Brasil naturalmente: ainda que o D.º Vandelli me seja desconhecido o considero não com vulgar estimação não somente pelo verdadeiro e acertado obséquio ao Ilustre Nome de V. Exa.<sup>a</sup> que durará certamente tanto tempo enquanto a Natureza produzir plantas, mas porque foi ele o primeiro que [se] declarou em Portugal a Protector da História Natural e da Botânica, e que servirá de exemplo aos vindouros para cultivar estas Ciências tão necessárias à sociedade Civil como são a Agricultura, as Artes e o Comércio, e por consequência o aumento da Povoação e da riqueza do Estado" (António Rosa Mendes, *O naturalista Domingos Vandelli. Novos elementos para a sua biografia*, 1984-85, p. 105).

<sup>27</sup> Recorde-se a análise mais circunstanciada que a este propósito fizemos *supra* Cap. IV.

História Natural; o primeiro que tão benignamente tomou o patrocínio da *Philosophia Natural*"<sup>28</sup>.

Mas, se de reconhecimento pessoal se trata, certo é que outros naturalistas deixaram expresso semelhante leitura de pioneirismo nas actividades museológicas de Angeja sublinhando aquilo que constituirá o melhor da sua herança no meio naturalista português, ou seja, o exemplo de aristocrata coleccionador. Na verdade, ao recolher produções naturais no seu Gabinete e ao criar um arquivo vivo da natureza, na forma de Jardim Botânico, contribuíra poderosamente para alterar um gosto pouco sensível aos estudos de índole científica - dominante entre os Grandes do Reino - característica peninsular que um viajante de outras paragens e de outras tradições, como J. Banks, fustigará nas suas apreciações à juvenil estada lusitana<sup>29</sup>.

É assim que um dos primeiros alunos formados pela reforma pombalina da Universidade, José Martins da Cunha Pessoa - discípulo de Vandelli e por ele certamente influenciado no estudo do termalismo - dedica justamente o seu texto intitulado *Analyse das agoas thermais das Caldas da Rainha* ao Marquês de Angeja, considerando que: "A Chymica, e a Historia da Natureza presentemente tão prezadas, e promovidas na Europa póde ser se achassem ainda hoje neste Paiz infelizmente escurecidas, se o bom gosto, e grandes luzes de Vossa Excellencia não as acolhesse, e animasse. Todos sabem que nestes Reynos foi V. Ex.cia o primeiro que fez plantar Jardim Botânico e que estabeleceu um rico Muzeo, por ajudar a indústria dos seus Compatriotas e excitá-los a cultivar humas Faculdades, que tanto conhece e podem fazer

---

<sup>28</sup> "Cartas de Domingos Vandelli ao Marquês de Angeja e ao Visconde de Vila Nova de Cerveira (3 de Novembro de 1777)", 1818, *Jornal de Coimbra*, vol. XIII, Parte I, pp. 47-50.

<sup>29</sup> "I hear the customs of Lisbon, the nation in general not being much addicted to learning and the scarcity of Books wick I noticed was there in 1766 will make your publications more difficult as well as less useful if effected there" (*Carta de J. Banks ao Padre João de Loureiro (24 de Dezembro de 1782)*, Biblioteca do Muséum d'Histoire Naturelle, Mss 2443 apud W. J. Simon, *Scientific expeditions in the Portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the Intellectual-Scientific Community of the late Eighteen Century*, 1983, p. 113).

florescer a Medicina, a Agricultura, o Comércio e as Manufacturas neste Estado" <sup>30</sup>.

Também nesta linha se manifesta outro prestigiado médico, Manuel Joaquim Henriques de Paiva <sup>31</sup>, que ao pioneirismo e exemplaridade das iniciativas museológicas de Angeja acrescenta um dado de grande significado sobre a sua personalidade ao divulgar que D. Pedro de Noronha terá escrito para o Brasil incentivando a investigação sobre as propriedades da *cochonilha*, fazendo-o em data muito anterior a qualquer responsabilidade governamental: "V. Ex.<sup>a</sup> foi o primeiro que neste Reino acolheu benignamente o estudo da Historia natural, applicando-se a elle, não superficial, mas fundamentadamente e como quem cuidava já então de receber todas as vantagens, que os nossos nacionaes podião delle tirar. Não necessito de dar mais provas disto do que fazer ver o precioso gabinete de V. Ex.<sup>a</sup> onde se achão não só as produções mais raras, e preciosas, mas tambem, e principalmente as mais uteis, e interessantes da Natureza. Esta razão da utilidade que deve guiar em todos os trabalhos os homens de genio, e de talento, visto que a humanidade necessita ainda de tantas couzas, fez com que V. Ex.<sup>a</sup> se dignace de escrever no anno de 1773 ao author desta Dessertação sobre a importante descoberta da cochonilha do Brazil, animando-o a continuar o trabalho que principiara nesta materia (....)" <sup>32</sup>.

---

<sup>30</sup> A obra é datada de 1778 e foi impressa em Coimbra. Nela o autor apresenta-se como "Bacharel em Medicina, Cirurgia, e Filosofia pela nova Reforma da Universidade de Coimbra". Mais tarde veio a ser Médico da Casa Real e sócio da Academia Real das Ciências.

<sup>31</sup> Vide referências bio-bibliográficas a este autor *supra* Cap. VI, nota 303.

<sup>32</sup> José Henriques Ferreira, *Historia Do Descobrimento da Cochonilha no Brazil, da Sua Natureza, Geração, Criação, Colheita e Utilidades, etc. s/d.* [Emendado e anotado por Manuel Joaquim Henriques de Paiva], ANTT, Manuscritos da Livraria, n.º 758. Paiva preparou a edição desta obra de Ferreira, seu irmão mais velho, sendo por isso o autor da 'Dedicatória' a Angeja. Vide, também, sobre esta obra Augusto da Silva Carvalho, *As academias científicas do Brasil no século XVIII*, 1939, p. 17. Outra referência às suas coleções naturais é feita por outro ex-discípulo de Vandelli: "Falo sim no [Gabinete] do Excellentissimo Marques de Angeja" (Baltazar da Silva Lisboa, *Discurso historico, politico, e economico dos progressos, e estado actual da Filozofia Natural Portugueza, acompanhado de algumas reflexoens sobre o estado do Brazil*, 1786, p. 17)



Não estranha, por isso, que o seu nome apareça entre os primeiros sócios honorários da Academia Real das Ciências <sup>33</sup> bem como associado a actividades de carácter naturalista desenvolvidas por membros destacados da agremiação. Sirva de exemplo o caso da publicação dos trabalhos botânicos do padre João de Loureiro <sup>34</sup> de quem, com base em relato do visconde de Barbacena a Domingos Vandelli, foi depositário dos textos fitológicos: "e creio que também algumas das suas observações escriptas tinhaõ ficado na maõ do Snr. Marquez de Angeja" <sup>35</sup>.

O ecletismo coleccionista de Angeja - que iremos ver repetir-se em quase todos os gabinetes deste período - está bem patente nas referências ao seu numofilácio o qual, apesar de não ter merecido uma avaliação superlativa ao viajante espanhol Pérez Bayer - "El museo de medallas, si quitamos la colección de varones ilustres en que abunda, y entre los que hai muchissimas medallas de oro y plata, y medallones, no és cosa particular" - alimentaria, todavia, alguma da correspondência trocada entre o arabista franciscano João de Sousa Damasceno (1734-1812) <sup>36</sup> e frei Manuel do Cenáculo. De facto, em várias cartas datadas dos anos oitenta, o companheiro de congregação do bispo de Beja dar-lhe-á conta do valor da colecção de medalhas do Marquês, sobretudo as de origem árabe, assegurando "que não são poucas" e podendo até (associadas a outras, como as do duque de Lafões <sup>37</sup>) dar corpo ao seu

<sup>33</sup> Eleito a 16 de Janeiro de 1780, isto é poucos dias depois da sua fundação oficial (Cfr. *Pasta do sócio Marquês de Angeja*, Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa (BACL), Arquivo da Secretaria). A sua morte ocasionou um rasgado elogio público em sessão académica: "O mesmo Secretario [Abade José Correia da Serra] annunciou o Programma para o anno de 1790, o qual se publicará com esta Gazeta; e depois recitou hum bem tecido elogio do Excellentissimo Marquez d'Angeja defunto, dirigido principalmente ás qualidades literarias que o fazião digno socio da Academia" (*Gazeta de Lisboa, 16 de Maio de 1788, Suplemento*).

<sup>34</sup> Vide *supra* Cap. VI, nota 157.

<sup>35</sup> *Carta do Visconde de Barbacena a Domingos Vandelli (23 de Março de 1782)*, apud Cristóvão Aires, *Para a história da Academia das Ciências de Lisboa*, 1927, p. 85

<sup>36</sup> Sobre este personagem vide *supra* Cap. IV e Inocência F. da Silva, *Diccionario bbibliographico portuguez*, t. IV, 1860, pp. 41-42.

<sup>37</sup> O facto de Lafões possuir uma colecção de medalhas 'árabicas' é confirmado por notícia inserta no periódico oficial: "No dia 27 do passado teve a Academia das Sciencias a sua Sessão Ordinaria, na qual (...) lêu-se também huma Explicação de duas Medalhas Arabes da maior antiguidade, achadas em Portugal, e pertencentes ao

projecto de compor "huã abreviada historia do tempo e Paizes em que governáraõ; Guerras e Conquistas que fizeraõ" <sup>38</sup>.

Já depois da morte de D. Pedro de Noronha, frei João de Sousa noticia a intenção da Academia das Ciências de adquirir à família algumas das espécies mais importantes do numofilácio do Palácio da Junqueira e de, a partir do seu estudo, publicar uma obra sobre o medalhismo arábico: "Elle [o Abade Correia da Serra] quer comprar as Medalhas Arabicas do Marquez de Angeja, porem as que lhe fizerem conta para a Academia para se imprimir huma pequena obra como aquelle Livrito que dei a V. Ex.<sup>a</sup> das Medalhas Arabicas" <sup>39</sup>.

O relatório da visita efectuada por Pérez Bayer às salas do Gabinete da Junqueira constitui, no desconhecimento actual de qualquer Catálogo, a mais antiga e detalhada fonte relativa às colecções Angeja. O anfitrião recebeu pessoalmente o bibliotecário valenciano e fez questão que ele fosse guiado, com vagar e sem restrições, por todos os espaços de exibição já que - como sublinha Bayer - "llamó al sugeto que tiene á cargo el museo, y le previno que nada dexase de enseñarme de lo más precioso y reservado" <sup>40</sup>.

Uma das passagens certamente mais citadas deste manuscrito, publicado em 1920 pelo museólogo José Leite de Vasconcelos, é a que dedica à múmia ptolemaica - verdadeira *pièce de resistance* do universo coleccionista do

---

Gabinete do Duque Presidente [Lafões], mandada pelo R. Fr. João de Sousa" (*Gazeta de Lisboa*, 1 de Fevereiro de 1782 (Suplemento).

<sup>38</sup> *Carta de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (8 de Maio de 1782)*, BPE (Biblioteca Pública de Évora), CXXVIII/1-4, Doc. n.º 31, p. 47. Deste projecto nasceria o texto manuscrito existente na BPE (Cod. CXII/1-5) intitulado *Numismalogia ou breve recopilção de algumas medalhas de ouro e de prata dos califas, e dos reis arabes da Asia, Africa e Hespanha; as quaes foram achadas neste reino de Portugal e se conservam em varios gabinetes desta corte de Lisboa. E de outras, que ultimamente se acharam no termo da villa de Alagôa no reino do Algarve, em 19 de Fevereiro de 1781....., 1782*. Noutra carta, datada de 2 de Setembro deste mesmo ano, Sousa assevera a Cenáculo que o Marquês "me convidou para lá hir hum dia e dar-lhe volta às suas Medalhas Arábicas e outras raridades do seu Gabinete; se entre ellas achar alguma couza de utilidade o participarei a V. Ex. <sup>am</sup>" (BPE, CXXVIII/1-4, Doc. 34, p. 51).

<sup>39</sup> *Carta de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (3 de Outubro de 1788)*, BPE, CXXVIII/1-4, Doc. n.º 56, p. 84.

<sup>40</sup> F. Pérez Bayer, *Diario das primeiras viagens que fez pelas terras de Portugal. 1782, 1920*, pp. 152 e sgs.

aristocrata - hoje incorporada no património museológico nacional juntamente com uma máscara funerária do mesmo período da história egípcia <sup>41</sup>: "Vi una Mumia Egypcia mui bien conservada después talvez de algunos millares de años (quatro decia nuestro conductor á lo que yo ni contradixe, ni assenti) com muchas letras ó geroglyphucas Egypcias. Ninguno havia asta entonces visto tan bien conservado" <sup>42</sup>.

Mas, o Gabinete da Junqueira vivia sobretudo do acervo de produtos dos três reinos da natureza sendo essa a sua característica mais distintiva e a que conduziria o proprietário a projectar, como veremos, uma 'Casa da Historia Natural' construída de raiz junto ao palácio de campo, ao Lumiar. Na verdade, o viajante espanhol confirma que o núcleo dedicado à "Historia natural és seguramente cosa mui grande. El ramo de minerales tiene piezas, una de oro como lo crió el Autor de la Naturaleza de una libra y más, y otras menores" <sup>43</sup>.

<sup>41</sup> A múmia e a máscara funerária encontram-se estudadas pelo especialista em estudos orientais Luís Manuel de Araújo, no Catálogo da Exposição *Antiguidades egípcias*, realizada em 1993 pelo Museu Nacional de Arqueologia. São assim tecnicamente identificadas: "Sarcófago de Pabasa: Madeira, gesso pintado e envernizado. Akhmim. Período ptolomaico, séculos III-I a. C.; Comp.: 185 cm; Larg.: 48 cm. Proveniência: Coleção Palmela. MNA, n.º inv. E 136" (pp. 295-301); "Máscara funerária: Linho e gesso pintado; origem desconhecida; Período ptolomaico, séculos IV-I a. C.; Alt: 41 cm; Larg: 28 cm; Proveniência: Coleção Palmela. MNA, n.º inv. E-132" (p. 314). Na segunda metade do séc. XIX passaram a integrar as coleções do duque de Palmela no palácio do Cathariz, em Lisboa. Foram depois oferecidos à secção de arqueologia do Museu das Janelas Verdes e dali passaram ao acervo do Museu Nacional de Arqueologia.

<sup>42</sup> F. Pérez Bayer, *ob. cit.*, 1920, pp. 152 e sgs. Anos depois, outro viajante referir-se-á (sem identificar, porém, o seu proprietário) à múmia ptolemaica: "Near Lisbon is another choice collection of natural curiosities, in the possession of a private gentleman, in which is an Egyptian mummy, in a high state of preservation, although it is supposed to have been embalmed near 3000 years ago. It lies in a case made in the form of an human body, with apertures; the author was allowed to introduce his finger, and withdrew it without the least offensive smell" (Francis Collins, *Voyages to Portugal, Spain, Sicily, Malta, Asia Minor, Egypt, etc., from 1796 to 1801*, 1809 p. 15).

<sup>43</sup> F. Pérez Bayer, *ob. cit.*, 1920, pp. 152 e sgs. Já depois da morte do 3º marquês de Angeja, outros célebres viajantes, o arquitecto irlandês Murphy e o botânico prussiano Link, referir-se-ão a estes objectos preciosos da sua colecção: "The diamonds of Brazil are naturally fet in a matrix of iron mineral, like those (...) which are in the rich museum of the Marquis de Angeja (...) Its colour [alumen] is yellow, as may be seen by a sample which is in the museum of the Marquis d'Angeja" (James Murphy, 1798, *A general view of the state of Portugal*, p. 103); "Outre le Cabinet Royal, on trouve celui du marquis de Angeja, qui mérite d'être vu, à cause de quelques pièces, principalement pour les diamans du Brésil, enfermés dans une mine de fer." (Heinrich Friedrich Link, *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799*, 1803, t. I, pp. 297-302).

---

Núcleo sempre muito estimado das colecções naturais (por razões que a seu tempo enunciaremos) a conchiologia concitava a invulgar paixão de coleccionadores, de *marchands* e de curiosos e servia quase sempre de barómetro de avaliação global da qualidade e interesse do gabinete, na linha de doutrinação museológica de um Desallier d'Argenville. Os amadores de *conchas* (subespécie muito particular de coleccionadores naturalistas, reconhecível pelos seus códigos e valores idiossincráticos) empenhavam-se, até ao limite do razoável, na identificação e aquisição de novos espécimens em circulação no mercado (muitas vezes especulativo), ou na troca de duplicatas com outros coleccionadores.

Não deve surpreender, pois, o tom de confidencialidade negocial utilizado na correspondência trocada entre dois dos mais aguerridos cultores *conchiológicos* (o mercador-livreiro francês Jorge Rey e o bispo de Beja) a propósito do lote pertencente ao marquês de Angeja<sup>44</sup>. É que Rey visitara Angeja na qualidade não confessada de agente comercial de Cenáculo, preparando o terreno para futuras transacções, de acordo com as minuciosas instruções recebidas, e anotando dados relevantes sobre a organização das colecções e a escrita dos catálogos do aristocrata: "Estive Domingo com o sr. Marqués d 'Angeja m.to tempo (...) Depois desta larga conversa que durou mais de duas horas o sr. Marques me foi mostrar as suas novas aquisições em historia natural ellas não são como eu esperava excepto os camafeos que excederaõ pois cinco delles são impagaveis, a mayor parte veyo do Leylao do Desembargador Bacalhao. Eu tambem levava os meus conforme me tinha mandado dizer, de cujos se agradou de quatro e logo me offereceo troca por outros, eu que naturalm.te não havia ser indiscreto na escolha dos seus metti o albarque à burra e isto foi levado com feição. (...) Causou-lhe admiração a aquisição do Marmore de Florença que fica sendo o recreio d'outra tarde. Não

---

<sup>44</sup> Bem sintomático do lugar de relevo que também Angeja transmitia às suas 'conchas' é o facto de ambos os projectos que encomendará para uma 'Casa da Historia Natural' (a construir junto ao Palácio e Jardim Botânico do Lumiar) contemplarem como espaço autónomo "a grande ferradura de cavalo para a Coquilhagem" ou "A grande ferradura para as Conchas" e "Mezas com seus vãos para conxas" (Cfr. Natália Correia Guedes, *ob. cit.*, 1993-1994, pp. 387-388).

se reduzio nem huma conxa nem se bulio no Catalogo desde que daqui me tinha sahido" <sup>45</sup>.

O Gabinete Angeja ocupava, pela variedade e qualidade dos objectos ali depositados, um lugar de destaque no quadro do coleccionismo setecentista, mas as condicionantes do espaço - exiguidade e deficientes condições de conservação - não eram de molde a satisfazer as exigências do próprio proprietário. Na Junqueira - sabemos-lo bem pela descrição de Bayer - as colecções distribuíam-se por cinco salas principais, além de vários "escondites" (aproveitamento de recantos e compartimentos discretos). A primeira das salas continha pequena mas escolhida biblioteca, a segunda cumpria a função de galeria de pinturas <sup>46</sup>, a terceira expunha as peças da 'industria humana' e, finalmente, as duas últimas salas abrigavam todas as produções da natureza, numa amálgama tal que levava o visitante a considerar que "no cabe, antes está todo embutido que no luce tanto como pudira en una pieza más capaz" <sup>47</sup>. Donde, a justificação para a encomenda de dois projectos alternativos de edificio a construir como anexo ao palácio da quinta do Lumiar e em diálogo disciplinar e ambiental com o Jardim Botânico existente no parque.

O caderno, datável entre 1782-1785, contém plantas e alçados e foi recentemente divulgado e estudado por Natália Correia Guedes <sup>48</sup>, depois de uma primeira apresentação pública no Museu Nacional do Traje, no dia da

---

<sup>45</sup> *Carta de Jorge Manuel Rey a Frei Manuel do Cenáculo (12 de Setembro de 1780)*, BPE, CXXVII/2-1, Carta 2581.

<sup>46</sup> Bayer considerava pequena e sem especial interesse esta galeria. Anos depois, já ao tempo do sucessor de D. Pedro de Noronha, outro viajante espanhol encontrará no palácio do Lumiar uma colecção mais considerável: "Numerosa colección de pinturas que enriquecen la casa y que recuerdan el gusto y los conocimientos de su fundador, el viejo Marqués de Angeja, Ministro de la Marina y de las Colonias en tiempo de la señora Doña María I" (José Comide y Saavedra, *Estado de Portugal en el Año de 1800*, 1893, 2.º vol., p. 103). "Em [18]44, ao visitar as colecções lisboetas, Raczyński (...) A dos Angejas (...) não lhe chamam a atenção - mas a verdade é que sabemos terem os Pombeiro-Belas levado para o Brasil em 1808 alguns quadros - e provavelmente também os Angejas (...) que acompanharam então a Corte na sua fuga, assim se perdendo obras do património cultural português" (José-Augusto França, *ob. cit.*, 1966, vol. I, p. 187).

<sup>47</sup> F. Pérez Bayer, *ob. cit.*, 1920, pp. 152 e sgs.

<sup>48</sup> *A múmia ptolemaica do Museu Nacional de Arqueologia, memória do Museu de História Natural do Marquês de Angeja*, 1993-1994.

inauguração daquela instituição, a 26 de Julho de 1977, como complemento dos trabalhos de recuperação do Jardim Botânico<sup>49</sup>. Como sublinha a autora deste estudo, estes são dos primeiros e raros projectos concebidos propositadamente para um museu e, na nossa opinião, constituem também um interessante exercício de arquitectura de interiores, traçado de acordo com um programa museológico adequado à natureza dos objectos a expor e às condicionantes museográficas (técnicas e estéticas) tal como eram equacionadas na época<sup>50</sup>.

A morte de D. Pedro José de Noronha, em 1788, interromperia definitivamente a construção da 'Casa de Historia Natural' (que não passou do primeiro pavimento) e, por essa razão, a mudança das colecções do Gabinete da Junqueira para o Palácio do Lumiar nunca se chegará a cumprir. Neste mesmo local permanecerá, contudo, o espírito setecentista do coleccionador aristocrata materializado no magnífico parque e no complexo museológico que hoje se podem ali usufruir<sup>51</sup>.

### **3. O gabinete de história natural e o jardim botânico de Gerard de Visme**

Em missão apresentada vagamente como diplomática - mas, na realidade, cumprindo objectivos políticos e utilizando típicos métodos de espionagem - o duque de Choiseul, Ministro dos Negócios Estrangeiros de Luís XV, desejoso de conhecer melhor os desígnios da política externa pombalina, enviará a Portugal o capitão de infantaria Charles François Dumouriez (1735-1823)<sup>52</sup>.

---

<sup>49</sup> Cfr. Madalena Bráz Teixeira, *Os primeiros museus criados em Portugal*, 1985, pp. 185 e sgs.

<sup>50</sup> Vide no citado trabalho de N. C. Guedes, a transcrição das legendas insertas nas plantas (Doc. 5, pp. 386-388).

<sup>51</sup> Constituído pelos museus do Traje e do Teatro.

<sup>52</sup> "Dumouriez atravessou a Espanha e veio a Portugal: vinha em missão de espionagem, tal como ela se praticava então, na Europa do século XVIII. (...) Embora,

Desta viagem nascerá um livro, publicado anónimo em Lausanne no ano de 1775, com o título de *État présent du royaume de Portugal, en l'année 1766*, e invocamo-lo aqui porque nele se lê o mais antigo testemunho das iniciativas naturalistas e museológicas do negociante inglês Gerard de Visme (1725-1798) em Lisboa.

Na ausência de passeios públicos o convívio das gentes de sociedade fazia-se nas inúmeras quintas de recreio que orlavam a capital, entre as quais a mais bela e a mais curiosa - em razão das águas e das plantas raras - seria a que pertencia ao britânico, personagem que o militar francês retrata como "homme aimable, instruit et passionné pour la botanique et l'histoire naturelle, autant que soigneux pour la recherche et la culture des plantes les plus singulières de toutes les parties du monde: la beauté de sa 'quinta', son goût et sa politesse lui attirent beaucoup de visites des étrangers, qui en sortent aussi satisfaits de ses moeurs et de son esprit, qu'étonnés du choix et de la variété des plantes qu'il a rassemblées"<sup>53</sup>.

Nesse mesmo ano de 1766 - recordemo-lo - outro inglês se mantivera em Lisboa durante seis meses, em afazeres comerciais, e aqui convivera com os raros (e quase todos de origem estrangeira) cultores de história natural. Falamos de Joseph Banks e não custa crer que justamente alguns dos conhecimentos que então travou, nomeadamente com José Rollen Van-Deck e com Domingos Vandelli tenham tido como palco o sugestivo ambiente do Jardim Botânico de Gerard de Visme, a Benfica. Aliás, quase três décadas depois, regressado a Londres, o velho negociante da praça de Lisboa recordava ainda com nostalgia esses tempos de convívio com o jovem Banks e com o naturalista italiano: "M. de Visme se rapelle au bon souvenir de son

---

porém, tivesse praticado uma espionagem 'en dentelles', o marquês de Pombal, então apenas conde de Oeiras, pô-lo fora do país (...). Dumouriez estanciou em Portugal durante mais de um ano, treze meses à justa; e, dada a missão que desempenhava, frou por toda a parte em busca de informes" (Castelo Branco Chaves, *Os livros de viagem em Portugal no século XVIII e a sua projecção europeia*, 1987, pp. 16-17).

<sup>53</sup> Charles François Dumouriez, *État présent du royaume de Portugal, en l'année 1766*, 1775, p. 178.

---

respectable ami monsieur Le Docteur Vandeli (...) Mr. de Visme s'entretient souvent avec Le Chevalier Banks du Docteur Vandelli, et du Portugal" <sup>54</sup>.

Esta amizade entre os dois homens (apenas interrompida com a morte de de Visme, em 1798) terá como alicerce uma estreita colaboração científica que poderá não ter assumido a natureza de trato formal - como parece ter sucedido com o marquês de Angeja - mas foi certamente duradoura e vantajosa para ambos. Desde 1768 que o botânico régio está envolvido no desenho e execução do Jardim do Palácio da Ajuda e um dos seus mais conhecidos textos, a *Memoria sobre a utilidade dos jardins botânicos (1770)*, reflecte a absorvente actividade de obter uma rica e variada cobertura vegetal e, por isso, invoca como bem sucedida aclimação de plantas tropicais em Portugal o Jardim de Benfica: "Deixo de falar de tantas árvores, plantas da Ásia, África e América que estão já introduzidas na Europa, ou para ornato dos jardins, ou para outra utilidade, porque faria um dilatado catálogo, principalmente se juntasse todas as plantas de outros países, que neste Real Jardim Botânico tenho experimentado serem adequadas, e próprias para este feliz clima. Basta que se saiba, que muitas delas úteis à economia, às artes e ao comércio se dão felizmente, e que são raríssimas as plantas da América setentrional, que aqui se não dão bem, e de uma parte delas pode servir de prova o jardim de Mr. De Wisme".

O conhecimento que Vandelli mostrava ter das experiências botânicas do inglês passava afinal pela parceria na obtenção de plantas exóticas de origem americana através dos bons ofícios da administração colonial, tal como é comprovado pela correspondência trocada com o 3º Governador de Mato Grosso, Luís Pinto de Balsemão: "Acabo de saber que de varios caixoens de plantas q. remetia (...) para o Sr. De Wisme, tudo chegou quebrado, e destruido; (...) porem sempre avylo ainda huns caixotinhos de plantas, e algumas sementes q.e constarão da notta adjunta, que espero vmcê. repartira com o dto. Sr. Devisme, na forma q. lhe avizo" <sup>55</sup>.

---

<sup>54</sup> *Carta de Gerard de Visme a Domingos Vandelli (Londres, 8 de Maio de 1792)*, AHMB, CE/V - 43.

<sup>55</sup> *Carta de Luís Pinto de Balsemão a Domingos Vandelli (Vila Bella, 1 de Dezembro de 1771)*, AHMB, CN/B-93. Vide análise mais circunstanciada do conteúdo desta carta *supra* Cap. IV. Significativo da ligação de G. de Visme à flora brasileira é o facto de



Depois, já na década de oitenta, continuaremos a vê-los associados, ainda que em questões menores - como no caso que a seguir mencionamos - mas igualmente reveladoras de um espírito de entreajuda que podia passar pela tradução de uma carta escrita em inglês (língua que aparentemente Vandelli não dominava bem) para o português, deste modo facilitando a sociabilidade com um prestigiado divulgador botanista: "Muito sinto não poder escrever a VM. no Idioma Portuguez, mas pedi ao Sr. De Visme de lhe explicar a minha precisão, e de receber de VM. as listas acima mencionadas"<sup>56</sup>.

É que - na linha que já detectámos na correspondência botânica vandelliana - também o proprietário do Jardim de Benfica apostaria na internacionalização dos seus contactos propondo permuta de sementes com outros jardins. Gerard de Visme jogava no tabuleiro da diplomacia internacional, decerto não perdendo as excelentes oportunidades oferecidas pelas reuniões sociais nas suas quintas e palácios, tal como resulta da carta enviada pelo embaixador de Espanha na Corte de Lisboa, conde Fernan Nunez, ao Director do Jardim Botânico de Madrid, Casimiro Gomez Ortega: "Mr. de Visme negociante Ingles en esta corte muy inteligente en la botanica, y que tiene en su Jardin una coleccion numerosa de varios generos de arboles y plantas raras, me há dado las adjuntas semillas de que cree puedan faltan algunas en esse Jardim botanico, y tendre particular satisfaccion en que sean e nel de alguna utilidad, a cuyo fin las dirijo por la secretaria de Estado (...)"<sup>57</sup>.

Finalmente, no mesmo ano em que Gerard de Visme - já a viver em Inglaterra - fecha negócio com o 3º marquês de Abrantes para a venda do palácio, gabinete e quinta, Domingos Vandelli encontra-se envolvido na reestruturação administrativa dos estabelecimentos museológicos da Ajuda. Sintomático da sua identificação com os métodos de gestão utilizados pelo

---

Frei José Mariano da Conceição Veloso lhe ter dedicado uma planta, designando-a 'Vismia' (Cfr. Miguel Colmeiro, *La botánica y los botánicos de la península hispano-lusitana. Estudios bibliográficos y biográficos*, 1858, p. 216; e Sousa Viterbo, *A jardinagem em Portugal. Apontamentos para a sua história*, 1908, p. 120).

<sup>56</sup> *Carta de Thomas Pennant a Domingos Vandelli (Londres, 29 de Março de 1787)*, AHMB, CE/P -37.

<sup>57</sup> *Carta do Embaixador Conde Fernan Nunez a Casimiro Ortega (12 de Janeiro de 1786)*, Arquivo do Real Jardim Botânico de Madrid (ARJBM), I, 20, 3, 19.

milionário britânico no Jardim Botânico de Benfica, o naturalista italiano invocava o exemplo de racionalidade deste particular para criticar os desperdícios cometidos no Jardim régio enquanto estivera ausente em Coimbra: "Mr. de Visme gastava no seu Jardim som.te quattro, em cinco mil cruzados cada anno"<sup>58</sup>.

Na verdade, a Gerard de Visme nunca faltara tacto para fazer fortuna, muito embora seja de estranhar a maneira precipitada (e nunca completamente esclarecida) como deixará o nosso país, vendendo ao desbarato as suas duas quintas, a de Monserrate<sup>59</sup> e a de Benfica<sup>60</sup>. Tinha chegado a Lisboa depois do Terramoto, atraído como tantos ingleses pelos negócios de privilégio que a partir daqui (somente a partir daqui) poderiam manter com os portos de um Brasil colonial fechado ao comércio internacional<sup>61</sup>.

Mal chegado teve artes de se insinuar junto de Sebastião José, dele obtendo o contrato exclusivo do pau-brasil e alugando (parece que a preço

<sup>58</sup> [Domingos Vandelli], *Relação da origem, e estado prezente do Real Jardim Botanico, Laboratorio Chymico, Museo de Historia Natural, e Caza do Risco, s/d*, [1795] ANTT, Ministério do Reino, Maço 444.

<sup>59</sup> A Monserate chama José-Augusto França "castelo neogótico" (*ob. cit.*, 1966, vol. I, p. 173). Nela também habitará W. Beckford e Byron.

<sup>60</sup> "Sem dúvida nenhuma que o reinado de D. Maria I foi para ele o início de uma tempestade muito grande. Seria maçom ? Íntimo do marquês de Pombal isso com certeza que era. Por isso mesmo não sabemos por que razões teve graves pendências com o governo português até que, desgostoso ou obrigado, liquidou os seus bens e saiu de Portugal. O marquês de Marialva comprou-lhe a propriedade de Seteais [?] enquanto o de Abrantes lhe adquiriu a de Benfica" (Álvaro Proença, *Benfica através dos tempos*, 1964, p. 394). [O autor confunde Seteais com Monserrate. A primeira pertenceu a outro estrangeiro, o holandês - contratador de diamantes - Gildemeester] "Ao retirar-se para Inglaterra vendeu-a ao referido Marquês [de Abrantes] por 30 000 cruzados mas, segundo ele dizia, o que recebeu era apenas uma bagatela em comparação com o dinheiro que nela tinha gasto" (Carl Israel Ruders, *Viagem em Portugal (1798-1802)*, 1981, pp. 48-49).

<sup>61</sup> "É de crer que a sua actividade se repartisse por diversos ramos, auferido assim avultados lucros, que lhe permitiam não só uma vida cómoda, mas luxuosa. Um dos seus rendimentos principais proviria do contracto para a importação e venda do pau-brasil (...). Este contracto seria válido por nove anos, a principiar em 20 de Setembro de 1766. Os contractadores ficavam obrigados a extrair trinta mil quintais, procedentes unicamente de Pernambuco, ao preço de quatro mil e oitocentos cada um, prefazendo a soma de cento e quarenta e quatro contos de réis por ano, pagos aos quartéis" (Sousa Viterbo, *ob. cit.*, 1908, pp. 29-30).

escandalosamente elevado)<sup>62</sup> a própria casa que o ministro deixara desabitada, na Rua Formosa, quando fora viver para a residência 'abarracada' da Calçada da Ajuda, bem junto do Palácio de Madeira régio<sup>63</sup>.

O negócio da Firma Purry, Mellish, & de Visme prosperara e os vultuosos investimentos nas quintas de recreio, em Sintra e em Benfica, reflectiam bem as aspirações nobilitantes do seu proprietário<sup>64</sup>. O traçado do palácio fora encomendado ao arquitecto Inácio de Oliveira Bernardes (1695-1786) que o projectou em 1770, estando já concluído sete anos depois<sup>65</sup>. O recheio denunciava um gosto (para alguns, pesadamente ostentatório) pelas obras de

<sup>62</sup> "Deixando Sebastião Joze de Carvalho a sua casa da rua Formosa, para hir viver na barraca da Ajuda, foi a dita casa arrendada por 4 000 cruzados annuaes a huma casa de commercio Ingleza, a qual corria debaixo da firma de Purry, Mellish, e de Vismes: excessivo aluguel para aquelle tempo; mas que os ditos commerciantes pagavaõ de mui boa vontade, pela conservaçaõ do contracto do *Páó-Brazil*, que julgo pagavaõ a 6 000 reis o quintal; e com que adquiriraõ huma immensa fortuna, que toda sahio do Reino" (J. Ratton, *ob. cit.*, 1920 [1813], p. 142).

<sup>63</sup> Esta a razão que explica a observação de um viajante inglês que visitara de Visme na residência da Firma, na Rua Formosa, hoje Rua do Século: "At the house of Messrs. Purry and De Visme, is a picture painted by Van Loo, representing the marquis of Pombal (Who is prime minister) sitting, of natural size, at a table covered with plans and elevations of buildings intend for Lisbon" (Richard Twiss, *Travels through Portugal and Spain in 1772 and 1773*, 1775, p. 12)

<sup>64</sup> "Gerard Devisme não era um negociante vulgar, parecendo que tinha suas prosápias de fidalguia, pois além de se intitular *esquire* usava de brazão no seu *ex-libris*. As colecções por ele reunidas na sua principesca residência de Benfica, denunciam o seu gosto artístico e porventura o seu amor à ciência, embora numa e noutra coisa entrasse o quer que fosse de ostentação. Era um daqueles homens de negócio semelhante aos que floresceram nas repúblicas italianas dos séculos XV e XVI, ou, guardadas as devidas proporções, um Rotschild em miniatura" (Sousa Viterbo, *ob. cit.*, pp. 29-30). Talvez se situe neste quadro de valores a iniciativa de G. de Visme relatada por um viajante francês: "L'hospice anglais a été fondé par M. Gerard de Visme, très-riche négociant de la factorerie anglaise, et originaire de Suisse, en faveur des matelots de la marine marchand" (H. Ranque, *Lettres sur le Portugal*, 1798, p. 71).

<sup>65</sup> "Cyrillo Volkmar Machado, a pág. 93 da sua *Collecção de memorias*, diz muito laconicamente que Ignacio de Oliveira Bernardes fizera os desenhos da casa e Quinta de Gerardo Devisme" (Sousa Viterbo, *ob. cit.*, 1908, p. 26); "Inácio de Oliveira Bernardes (...) também projectou e construiu o lindo palácio da Quinta de Gerardo Devisme, em Benfica" (Luís Xavier da Costa, *As Belas-Artes em Portugal durante o séc. XVIII. Resumo histórico*, 1935, p. 33). "Herdeiro de uma família famosa de pintores de azulejo, estudante de pintura em Roma, mandado por D. João V (...) [desenhou] nos anos 60-70, o palácio de Benfica para Devisme, primeiro e raro exemplo na capital duma estrutura franco-inglesa moderna" (José-Augusto França, *ob. cit.*, 1966, vol. I, p. 30)

arte clássicas e orientais, apresentando-se rico em quadros a óleo - de que era particular amador - esculturas e faianças. As decorações de Jean-Baptiste Pillement (1728-1808) figuravam no edifício (pelo menos em dois salões) e em várias composições nos jardins <sup>66</sup>. Possuía igualmente uma avultada livraria cujos exemplares, com o competente *ex-libris* brasonado, Sousa Viterbo diz ter visto em abundância <sup>67</sup>. A tendência para as produções da natureza estava representada numa colecção que era acompanhada também por antiguidades, curiosidades e artefactos, característica de uma sensibilidade compósita que já detectámos noutros coleccionadores setecentistas.

Mas - do ponto de vista museológico - o espaço de maior interesse e o que perdurará mais tempo na memória e na paisagem dos arredores de Lisboa é, indiscutivelmente, o Jardim Botânico. Material vegetal, figuras escultóricas, grutas e as mais diversas edificações constituíam um todo harmónico e acolhedor, conjugando ideais estéticos e *philosophicos* do proprietário <sup>68</sup>. A ideia de jardim de recreio e ornamento continuava presente na Quinta de Benfica mas confrontando-se com a concepção de jardim como natureza organizada, o que implicava a sua consideração em sentido autónomo e não como a mera continuação do espaço interior de um edifício, que se destinaria a prolongar <sup>69</sup>.

A experiência única da sua visita emerge em tantos testemunhos de viajantes estrangeiros, quer na forma de referência a roteiro obrigatório e eminentemente social - "A party being formed to visit the celebrated Mr. De

---

<sup>66</sup> Cfr. José-Augusto França, *ob. cit.*, 1966, vol. I, p. 172; e Francisco José Magalhães, *John Cam Hobhouse e Portugal. Diário de viagem - 1809*, 1993, pp. 159-160.

<sup>67</sup> Cfr. Sousa Viterbo, *ob. cit.*, 1908, p. 26.

<sup>68</sup> "(...) uma colecção de sete grandes e belas gravuras a água tinta, algumas das quais, mais do que a pena, nos dão uma ideia do gosto e liberalidade do opulento súbdito de sua magestade britânica" (Sousa Viterbo, *ob. cit.*, 1908, p. 23).

<sup>69</sup> "Este sentimento faz-se acompanhar de uma intensa experiência estética da natureza, que encontra na descoberta da paisagem um dos seus elementos mais reveladores, no sentido em que a pretendida harmonia entre o homem e a natureza, traduz um sentimento de comunhão, bem mais intenso do que a mera presença física, presa esta à concepção do jardim como espaço destinado ao mero 'uso' ou 'utilização'" (Pedro Calafate, *Teoria e arte dos jardins no século XVIII em Portugal*, 1994, pp. 127, 130).

Vime's chateau and gardens (...). The botanic garden is deservedly renowned" <sup>70</sup> - ou em tom crítico e irónico, no olhar mais exigente e educado do aristocrata W. Beckford, - "Mr. Devisme, whose garden at Benfica about a league from Lisbon eclipses all the glories of Bagnigge Wells, White Conduit House and Marylebone in leaden statues, Chinese temples, serpentine rivers and dusty hermitages" <sup>71</sup>. Há também lugar para o fascínio, na pena competente e equilibrada do capelão da legação sueca, Carl Israel Ruders <sup>72</sup>: "A cada passo se deparam aos meus olhos objectos que ultrapassam tudo quanto eu podia conceber e que me não deixam outro sentimento senão o da mais completa admiração. E no entanto esses objectos compõe-se apenas de casas, árvores, plantas, flores, grutas, lagos, arroios, vales, colinas, estátuas" <sup>73</sup>.

Depois, ao extinguir-se o ano de 1791, o começo do fim. Sob a forma de aviso na *Gazeta de Lisboa*, publicitava-se a venda - em 'Loteria' a realizar na Casa do Senado da Câmara de Lisboa - de "huma Quinta no sitio de S. Domingos de Benfica, suburbio desta Capital, livre de todo o Foro, consistindo em Casas mobiladas completamente de tudo no estado actual em que se achão, com huma Baixella de prata, Porcelanas, Chrystaes, roupa de Meza, Museo, Livraria, etc. a Quinta com abundancia de agua nativa, Cascatas, Pomares, huma grande Collecção de Plantas Exoticas, etc. facultada por Sua Magestade, pelo seu Real Decreto, e Plano de 30 de Junho de 1791 a Gerardo de Visme" <sup>74</sup>.

Em 1795 o *Almanach de Lisboa* anunciava, pela primeira vez, o Gabinete de História Natural do Marquês de Abrantes, em Benfica, na "Quinta chamada de Devisme" <sup>75</sup>. Porém, poucos anos volvidos, um viajante estrangeiro dava já

<sup>70</sup> Jens Wolff, *Sketches and observations taken on a tour of the south of Europe*, 1801, p. 5.

<sup>71</sup> William Beckford, *The journal of W. B. in Portugal and Spain. 1787-1788*, 1954, p. 47.

<sup>72</sup> Sobre as qualidades de bom narrador e de observador atento e imparcial da sociedade portuguesa de finais de século, vide o estudo introdutório de Castelo Branco Chaves à edição da obra em português, 1981.

<sup>73</sup> *Viagem em Portugal (1798-1802)*, 1981, pp. 48-49.

<sup>74</sup> *Gazeta de Lisboa*, 27 de Dezembro de 1791.

<sup>75</sup> *Almanach de Lisboa para o anno de 1795*, Parte VI, pp. 28-29.

conta de um lento declinar no estado de conservação daqueles magníficos espaços <sup>76</sup>. Apesar de aparecerem ainda nomeados nos roteiros patrimoniais da Lisboa da segunda metade de oitocentos, o 'Museo' e 'Jardim' da Quinta de de Visme/Abrantes/Princesa Regente não eram então mais do que eco distante de um tempo perdido <sup>77</sup>.

Por uma vez mais (como já víramos com Angeja) se consumava o presságio que pendia sobre o coleccionismo dos particulares e que fazia associar a morte dos 'fundadores' à perda de sentido dos seus projectos museais, tal como já aparecia anunciado na fórmula feliz dos *Estatutos* pombalinos argumentando a passagem dos acervos privados a propriedade pública: "muitas Collecções deste genero (...) ficam pela maior parte na mão de herdeiros destituídos do mesmo gosto; os quaes não sómente as não sabem conservar, mas também as dissipam, e destroem" <sup>78</sup>.

---

<sup>76</sup> Cfr. Carl Israel Ruders, *ob. cit.*, 1981, p. 49. Pelos mesmos anos, Link dirá que "Si le jardin du marquis d'Abrantes pouvait mériter le nom d'un jardin botanique, plusieurs des plus petites villes d'Allemagne seraient en droit de se vanter d'un pareil avantage" (*Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799*, 1803, t. I, pp. 297-302). "Este fidalgo [D. Pedro de Lencastre, terceiro marquez de Abrantes] conservou por muito tempo a quinta no melhor estado possível; porém nos últimos annos da sua longa vida deixou-a cair em decadencia. Cinco annos depois da sua morte, seu neto, também D. Pedro de Lencastre, 5.º marquez de Abrantes, fez venda d'esta propriedade em 1834 a sua alteza real a infanta D. Isabel Maria. (...) Encerra também este palacio um curioso museo, principiado por mr. Devisme, e augmentado pelo terceiro marquez de Abrantes, e por sua alteza" (l. de Vilhena Barbosa, *Fragmentos de um roteiro de Lisboa (Inedito)*. Arrabaldes de Lisboa, 1863, p. 98)

<sup>77</sup> "The present residence of the princess Dona Isabel, who was regent till the arrival of her brother Don Miguel, is also in this neighbourhood. It was formerly known as the Quinta of the Marquis of Abrantes, also of De Visme, by whom it was laid out 'in the English taste'. It is famous for its botanical rarities. Here are two of the finest cedars of Lebanon in the kingdom; two South American pepper trees, of rare beauty and height; two Japan Salisburys (Salisburias de Japan'), the only specimens in Portugal, and an avenue of magnolias" (Dora Quillinam Wordsworth, *Journal of a few month's residence in Portugal and glimpses of the south of Spain*, 1847, p. 34).

<sup>78</sup> *Estatutos da Universidade de Coimbra*, Livro III, Tít. VI, Cap. I, p. 389.

#### **4. Os gabinetes de história natural de Luís Pinto de Balsemão, de Luís de Vasconcelos e Sousa e de Luís de Albuquerque Cáceres**

Nos três proprietários de gabinetes de história natural que a seguir introduzimos padroniza-se uma atitude colecionista relacionada, antes do mais, com a forte ligação ao mundo natural do Brasil. Depois do regresso ao Reino - cumpridos os mais altos cargos na administração colonial - estabelecem gabinetes para acondicionarem os frutos das suas recolhas americanas, bem como os espécimens entretanto obtidos por compra ou permuta com outros colecionadores nacionais (incluindo o Museu régio da Ajuda) e - pelo menos no caso de Cáceres - através da correspondência com amadores europeus.

O que verdadeiramente se sabe sobre a organização e o acervo destes gabinetes é muito pouco. Quase nada, para além da personalidade de quem os fundou, da localização e do curto período em que existiram. Provavelmente por isso - por terem durado pouco e serem, afinal, insignificantes as colecções - as fontes são tão escassas que até os viajantes estrangeiros, sempre tão ávidos de curiosidades e sempre tão bem acolhidos pelos nossos colecionadores, os ignoram nos prolixos relatos lusitanos.

A existência mesma destes três gabinetes quase só se deixa surpreender porque os seus proprietários não souberam (ou não quiseram) resistir à feira de vaidades publicitada anualmente no *Almanach de Lisboa*. Mas a um universitário experiente e viajado como Link não escapará a dimensão aparentemente doméstica deste - como o classifica ele - naturalismo diletante cultivado por alguma nobreza de Corte: "A entendre l'Almanach Royal, il existe à Lisbonne une grande quantité de collections d'histoire naturelle, des laboratoires chimiques et des jardins botaniques; mais il ne faut pas trop s'y fier. Plusieurs de ces établissements ne méritent pas la moindre attention. (...) Assurément ce ne peut être que par plaisanterie que le fils du ministre de la guerre, Don Luiz Pinto Maximo [Balsemão] <sup>79</sup>, a laissé citer, dans l'Almanach Royal, ses collections et son laboratoire" <sup>80</sup>.

<sup>79</sup> Refere-se ao filho do 1º visconde de Balsemão que também foi colecionador e que, como relata Link, aparece citado durante vários anos no *Almanach de Lisboa* como

E, no entanto, não consideramos de todo destituída de interesse a atitude naturalista destes fugazes coleccionadores. Porque, olhando de perto estes homens - as suas ocupações e as suas carreiras, as suas leituras e os seus parceiros intelectuais - os gabinetes, que em certo momento entenderam esboçar nos recantos discretos das suas nobilitadas residências, iluminam-se com o sentido da coerência erudita de uma vida, para alguns mesmo a serôdia confirmação de uma obsessão e de uma paixão juvenis.

O primeiro deles, D. Luís Máximo Pinto de Sousa Coutinho (1735-1804) - investido com o título de 1º visconde de Balsemão, e honras de Grande do Reino <sup>81</sup> - já o encontramos a participar no universo colector das colecções de um Vandelli, de um Rollen Van-Deck e de um de Visme. Em 1769 ocupa o cargo de Governador e Capitão-General de Mato Grosso, e logo de Vila Bela (cidade fundada em 1759, a 2000 quilómetros da costa) faz chegar à Ajuda uma longa lista de produções naturais <sup>82</sup>.

Dá-se muito mal com o clima tropical e pede insistentemente para ser substituído, chegando a suplicar a interferência privilegiada de Vandelli junto do marquês de Angeja <sup>83</sup>. Mesmo assim, ainda se entusiasma com os progressos

---

possuidor de um gabinete de história natural, no Porto, onde ocupava funções militares. Facto para nós por enquanto inexplicável é o de no único ano em que aparece citado o gabinete do pai (1803) não aparecer o do filho. Tratar-se-á apenas de confusão ou gralha da redacção do periódico? Anos depois, A. Balbi referir-se-á a este gabinete (do 2º visconde de Balsemão) nos seguintes termos: "On ne trouve à Porto que la collection [de história natural] du vicomte de Balsemão, qui avant le pillage qui eut lieu lors de la première invasion des Français, était assez bien assortie, surtout dans la partie des minéraux et des coquillages. (...) [Gabinete de Medalhas] Celle du vicomte de Balsemão dans la même ville comptait, avant le pillage qui eut lieu lors de la première invasion des Français, plus de 1000 pièces, parmi lesquelles on en remarquait plusieurs très-rares de familles romaines, et quelques-unes du temps de la domination des Maures; elle est maintenant réduite à la moitié" (*Essais statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*, 1822, t. II, pp. 92-94).

<sup>80</sup> H. F. Link, *ob. cit.*, 1803, t. I, pp. 297-302.

<sup>81</sup> Obteve o título nobiliárquico por Decreto de 14 de Agosto de 1801 (Cfr. *Gazeta de Lisboa*, 28 de Agosto de 1801).

<sup>82</sup> *Carta de Luís Pinto de Balsemão a Domingos Vandelli (Vila Bela, 8 de Fevereiro de 1769)*, AHMB, CN/B-92.

<sup>83</sup> "Eu escrevo a S. Ex. <sup>a</sup> o Marquez de Angeija; e a vmcê. rogo lhe queira suplicar a sua protecção, para q. sua Magestade se digne resgatar-me deste cruel clima, aonde; he impossivel que heu possa resistir mto. tempo, suposto o deploravel estado de



da história natural no Reino, com a criação do Jardim Botânico da Ajuda, com a contratação de um botânico régio e com os seus escritos naturalistas: "Sr. D.or Domingos Vandelli. Recebi com a maior satisfação a ultima carta com q. se dignou favorecer-me, e li com especial gosto a memorea sobre a utilidade dos jardins botanicos, a respeito das Artes, e Agricultura: dando a V.mercê os parabens, de ser o primeiro que depois de muitos anos mostrou aos Portugueses, o que verdadeiramente convem aos seus interesses; e o que lhe he inseparavel da gloria das Naçoins. Os grandes progreços do Jardim Bottanico, e do Gabinete Regeo, anunciam a Portugal, huma fermentação consideravel, nos espiritos: e a Protecção que Sua Magde. dá ás artes mais proveitosas á Sociedade, completarão a nossa fortuna (...)"<sup>84</sup>.

O próprio Balsemão se assumia como protagonista da comunidade de naturalistas alimentando a esperança de ver publicados um dia os seus estudos, conduzidos de acordo com a moderna sistemática linneana: "a ver se me achava com forças para descrever a m.<sup>a</sup> obra bottanica, que intregarei á correção apenas chegar a Lx.<sup>a</sup>; e he tudo quanto pode fazer hum homem que se tem visto quasi sego neste paiz; e que tem quebrado o fio de m. <sup>a</sup> s curiosidades: (...) muitas plantas, Aves, Animaes, peixes (...) exactamente desenhados, qdo. ahí chegar; com (...) descrição, sytemattica, na forma do methodo do Sr. Lyneu"<sup>85</sup>.

Será certamente como recompensa deste esforço pioneiro (porque anterior às *viagens philosophicas* da década de oitenta) de fazer recolher produtos naturais exóticos nos sertões do Pará e Mato Grosso, com destino aos naturalistas metropolitanos, que Vandelli lhe estampará a justa homenagem naturalista no Catálogo *Hortus Olisiponensis (1771)* fazendo desenhar, e descrevendo, uma nova planta com o táxone de *Balsamona Pinto*.

---

saude em que me acho" (*Carta de Luís Pinto de Balsemão a Domingos Vandelli (Vila Bela, 1 de Dezembro de 1771)*, AHMB, CN/B-93. Jacome Rattton confirmará, nas suas *Recordações...*, que "foi attacado de optalmia, que o obrigou a pedir a sua demissão, e voltar para o Reino" (pp. 251-253).

<sup>84</sup> *Carta de Luís Pinto de Balsemão a Domingos Vandelli (Vila Bela, 1 de Dezembro de 1771)*, AHMB, CN/B-93.

<sup>85</sup> *Idem, ibidem.*

Regressado a Lisboa, continua a carreira de serviço público que o há-de levar a ocupar, primeiro, o lugar de ministro extraordinário em Londres (de onde parte em 1788<sup>86</sup>) e, depois, sucessivos cargos ministeriais na marinha, nos negócios estrangeiros e guerra, nos negócios do reino e mercês. E é já nesta destacada condição governamental - em 1803, no ano anterior à da morte - que dá a conhecer ao público (pela primeira e última vez) a existência do seu gabinete de história natural, localizado em Belém<sup>87</sup>.

Em paralelo com a actividade política tinha mantido uma forte ligação à Academia das Ciências, assinalada não só pelo facto de pertencer à classe muito restrita dos sócios honorários como, sobretudo, pelo notável estudo publicado pela agremiação com o título de *Memoria sobre a descrição physica e economica do logar da Marinha Grande*<sup>88</sup>, além de outros trabalhos de carácter naturalista que sabemos ter apresentado em assembleias académicas<sup>89</sup>. Aliás, a julgar por uma significativa passagem de carta endereçada por Barbacena a Vandelli, em 1782, este elo seria datável dos anos de fundação da Academia e passava pelo apadrinhamento de novos sócios, tal como é referido no caso do botanista João de Loureiro: "Chegou a Lisboa hum ex-Jezuista Portuguez da Conchichina chamado Fr. Loureiro, que a Academia tinha já há muitos mezes eleito Correspondente (...) dizem-me que he grande Botanico e muito Observador, e por tal tinha sido lembrado, e recommendado pelo Balsemão, que foi quem nolo deu a conhecer"<sup>90</sup>.

---

<sup>86</sup> Poderá ter origem nesta sua estada em Londres a condição de sócio da Royal Society (Cfr. *Almanach de Lisboa para o anno de 1802*, p. 517)

<sup>87</sup> *Almanach de Lisboa para o anno de 1803*, p. 543.

<sup>88</sup> M. B. Amzalak, (*A economia política em Portugal. O fisiocratismo. As memórias económicas da Academia e os seus colaboradores*, p. 73) considera este texto, publicado no t. V das *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências*, "um estudo notável".

<sup>89</sup> A *Gazeta de Lisboa* dá conta de que numa assembleia pública da Academia "leo huma Memoria sobre a cultura da mesma planta [batata]" (11 de Julho de 1795, 2º Suplemento).

<sup>90</sup> *Carta do visconde de Barbacena a Domingos Vandelli (23 de Março de 1782)*, apud Cristóvão Aires, *ob. cit.*, 1927, p. 85.

5. O segundo dos proprietários referidos, Luís José de Vasconcelos e Sousa (1740-1807), aristocrata da Casa dos Castelo Melhor, *gentleman naturalist*, seguiu na capital fluminense, como vice-rei, os avatares da moda europeia possuindo gabinete privado, rico de colecções naturais e artificiais, entregue aos cuidados do zelador Francisco Xavier Cardoso Caldeira, o 'Xavier dos Pássaros'<sup>91</sup>.

Enquanto homem público demonstraria igual tipo de preocupações quando - aparentemente relacionado com o facto de ele próprio ter adoecido com a epidemia conhecida por 'Lamparina'<sup>92</sup> e animado por preocupações de higiene pública - ordenou o aterro de uma lagoa e em seu lugar fez construir um parque (o Passeio Público) para onde ideou, em 1784, o primeiro museu de história natural do Brasil, a Casa de História Natural. Popularmente conhecida como Casa dos Pássaros, por mais de vinte anos aqui se coleccionaram, armazenaram e prepararam produtos naturais e adornos indígenas para enviar a Lisboa<sup>93</sup>.

Pela correspondência trocada com a Corte é possível comprovar como a sua acção governativa prosseguia com diligência as tarefas de colector de espécimens naturais requeridos pela Secretaria de Estado dos Negócios Ultramarinos e pelo Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda<sup>94</sup>. Sirva de

---

<sup>91</sup> Para obter elementos mais circunstanciados sobre Francisco Xavier e a sua actividade museológica, veja-se Maria Margaret Lopes, *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*, 1997, pp. 26-27. Em panegírico que lhe dedica, José Acúrsio das Neves faz referência à actividade governativa de Vasconcelos e Sousa no Rio de Janeiro, escrevendo que: "Huma nobre Academia foi illustrada, e honrada com a assistencia de Vossa Excellencia, cujos bem merecidos louvores se ouvirão muitas vezes repetir nas suas Sessões: nella tomarão as Sciencias hum novo lustre, e em toda a parte se promoverão as Artes, a industria, e as manufacturas" (*Ao Ill.mo e Ex.mo Senhor Luiz de Vasconcellos e Souza*, 1794, p. 12).

<sup>92</sup> (...) epidemia reinante que o povo batisou de 'Lamparina', corrompendo o nome da cantora Zamperini, que por volta de 1770, em Lisboa, era coqueluche de damas e senhoras; tudo, então, era a 'Zamperini': vestidos, penteados, adereços" (*Flora Fluminensis de Frei José Mariano da Conceição Vellozo. Documentos*, 1961, pp. 354-355).

<sup>93</sup> Cfr. Maria Margaret Lopes, *ob. cit.*, 1997, pp. 25-26.

<sup>94</sup> Cfr. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Secção de Manuscritos - *Correspondência com a Côrte 1779-1790*, de Luís de Vasconcelos e Sousa, Livro 4, 4,

exemplo a carta de 17 de Junho de 1783, enviada ao ministro Martinho de Melo e Castro, na qual manifestava merecido orgulho por as remessas enviadas para Lisboa serem apreciadas pelos naturalistas régios - "a variedade das espécies, a beleza das formas, a naturalidade dos gestos, tudo imita exactamente a natureza"<sup>95</sup> - e informava que as operações de recolha e preparação de pássaros, quadrúpedes, insectos e peixes eram da autoria do zelador do seu gabinete privado, enviando na ocasião uma caixa com borboletas e outros insectos preparados pelo dito Francisco Xavier<sup>96</sup>.

É este homem, cujas especiais responsabilidades no labor fitológico de frei José Mariano da Conceição Veloso já devidamente registámos, que regressará ao Reino em 1790 para ocupar os mais altos postos da hierarquia do Estado, naturalmente acompanhado das suas colecções até então acondicionadas no Palácio do Vice-Rei, no Rio de Janeiro<sup>97</sup>.

Cinco anos volvidos, o *Almanach* começa a divulgar a existência de um gabinete de história natural na residência do sócio honorário da Academia Real das Ciências e presidente do Senado da Câmara de Lisboa, Luís José de Vasconcelos e Sousa, na Calçada da Glória, junto ao 'Passeio Publico'<sup>98</sup>. O

---

9, apud Gilberto Ferrez, *Colonização de Teresópolis à sombra do dedo de Deus (1700-1900)*, 1970, p. 13; e Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, *Correspondência dos Vice-Reis para a Corte, 1783-1785. Luís de Vasconcelos*, Cód. 68, vol. 6, apud Maria Margaret Lopes, *ob. cit.*, 1997, p. 26.

<sup>95</sup> Apud Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha, *Notícia histórica da Oficina Tipográfica, Calcográfica e Literária do Arco do Cego*, 1976, p. 17.

<sup>96</sup> Cfr. Maria Margaret Lopes, *ob. cit.*, 1997, p. 26. Esta carta respondia à que, de Lisboa, o governo lhe expedira com data de 21 de Maio de 1782: "As remessas que V. Ex.<sup>a</sup> tem feito por diferentes navios que têm chegado do porto dessa cidade, assim dos pássaros como das outras curiosidades, têm merecido a Real aprovação de Sua Magestade que mandou louvar a V. Ex.<sup>a</sup> o zelo com que tem feito empregar nesta diligência as pessoas que foram encarregadas dela. Todas as ditas curiosidades foram remetidas imediatamente para o Gabinete de História Natural, e para que V. Ex.<sup>a</sup> fique na inteligência da aprovação que ali tiveram remeto a V. Ex.<sup>a</sup> a original carta que me dirigiram os naturalistas que se ocupam no sobredito Gabinete" (AHU, Reino, Maço 1961, apud Rómulo de Carvalho, *A história natural em Portugal no séc. XVIII*, 1987, p. 70).

<sup>97</sup> Vide *supra* Cap. VI.

<sup>98</sup> "Compulsando o *Livro da Décima da Cidade*, podemos saber que já no ano de 1776 residia na Calçada da Glória o conde da Calheta, com um número largo de escravos, acompanhado de seus irmãos José e Luís de Vasconcelos e Sousa, com dois criados

aristocrata coleccionador ali viveria - "no quarto baixo" do Palácio Castelo Melhor, mais "6 criados e 3 parelhas"<sup>99</sup> - até 1807, data em que faleceria "novo conde de Figueiró sem geração"<sup>100</sup>.

6. O último dos três coleccionadores conectados com o Brasil, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, fidalgo beirão da Casa da Ínsua, exerceu o cargo de 4º Governador e Capitão-General da Capitania de Mato Grosso e Cuiabá desde o ano de 1771<sup>101</sup> - substituindo o debilitado Luís Pinto de Balsemão, ameaçado de cegueira - até lhe suceder o próprio irmão, João de Albuquerque, em 1790<sup>102</sup>.

É no centro administrativo da capitania, Vila Bela da Santíssima Trindade, que Alexandre Rodrigues Ferreira o irá encontrar durante o percurso

---

cada um, sendo a propriedade avaliada em 200 000 réis para efeitos de pagamento do imposto. O conde, chefe da casa, era António de Vasconcelos e Sousa da Câmara Caminha de Faro e Veiga, 2º Marquês de Castelo Melhor e 6º Conde da Calheta (1738/1801), figura de relevo na corte do seu tempo e a quem habitualmente se atribui a construção do palácio [Foz]" (José Sarmento de Matos, *O Palácio de Castelo Melhor*, 1999, p. 15). Consulte-se igualmente: Carlos Schneeberger Ataíde, *Palácio Foz*, 1984, pp. 5-10.

<sup>99</sup> *Livros da Décima da Cidade (freguesia de S. José)*, apud Raquel Henriques da Silva, *O Palácio Castelo Melhor: contexto e projecto inicial*, 1999, p. 23.

<sup>100</sup> José-Augusto França, *O Palácio Castelo-Melhor ao Passeio Público*, 1999, p. 11.

<sup>101</sup> Vide *Instruções que levou Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres quando foi nomeado governador e capitão-general da Capitania de Mato Grosso (13 de Agosto de 1771)*, AHU, Cod. 614, fls. 1-8 vº, apud Gilberto Freyre, *Contribuição para uma sociologia da biografia. O exemplo de Luiz de Albuquerque, governador de Mato Grosso no fim do século XVIII*, 1968, vol. II, pp. 167-175. Tomou posse do governo a 13 de Dezembro de 1772 (Cfr, *idem, ibidem*, p. 194).

<sup>102</sup> "S.M. foi servida ordenar que (...) o actual Governador de Mato Grosso, Luiz de' Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, fosse rendido por seu irmão, João d' Albuquerque de Mello" (*Gazeta de Lisboa*, 29 de Agosto de 1788, Suplemento). Contudo, Cáceres permanecerá no seu posto até 1790, aguardando a chegada do irmão, para quem redigiu uns *Apontamentos (...) acerca de vários assuntos da Capitania de Mato Grosso (1790-1791)* destinados a facilitar-lhe o governo daquele território (Cfr. Gilberto Freyre, *ob. cit.*, 1968, vol. II, pp. 143-158). Existe no Arquivo da família Albuquerque (Casa da Ínsua, em Castendo, Viseu), citado por G. Freyre (*ob. cit.*, 1968, vol. II., p. 194) um documento manuscrito intitulado *Várias memórias e advertências importantes, feitas para meu irmão João na minha partida de Vila Bela, 1790*. Fez a viagem de regresso a Portugal, desde Belém do Pará, entre 15 de Maio e 4 de Julho de 1791.

*philosophico* pela Amazônia, chegando ali a utilizar os préstimos da especializada biblioteca particular do Governador <sup>103</sup>.

De Balsemão, Cáceres herdará o epistolário e a colaboração naturalistas com o botânico régio paduano, o qual continuava a expedir para a capitania amazônica as suas publicações científicas e a solicitar produtos tropicais para enriquecer as coleções da Ajuda <sup>104</sup>. Em duas cartas dirigidas a Domingos Vandelli, ambas de 1773, o novo Governador assumia nutrir "curiosidade" e "amor" pela história natural e abordava genericamente questões relacionadas com as tarefas de recolha e remessa de produtos naturais das capitanias de Mato Grosso, Góias e Minas Gerais que se pudessem revelar úteis ao Jardim, Museu e Laboratório da Coroa, quer como objecto de observação e experiência, quer para servirem de divulgação científica devido à sua raridade: "Por via do meu correspondente nessa Corte (...) V.mcê. (...) me pede alguma quantia de todas aquelas produçoens deste Paiz, q. podem constituir nos tres diverços Reinos Quimicos, huma grande parte da Historia Natutal dele, para sobre cada clace d'Especies, e de Drogas, fazer as convenientes observações, e experiencias de q. he tão capaz o seu Talento; (...) solicitando adequirir as amostras daquilo, que possa parecer huma raridade na Europa: p. Lizongear o gosto de V. mcê. pela hutil aplicação da Historia Natural; a q. tambem profeço alguma curiozidade; e algum amor. Agradeço a V.mcê o Compendio das novas descobertas, com q. tem ultimame. enrrequecido os proveitozos conhecimentos da Botanica: e as belas estampas, q. o acompanhão. E me não descuidarey a enviar-lhe tudo q. possa descobrir a minha deligencia, para poder servir de emprego aos seus profundos Estudos da Natureza. (...) Tenho a honra de remeter a V.m o piqqeno paquete adjunto, que contem varias amostras de Borboletas que mandey colher no meu grande trajecto do Certam; em varias paragens das Capitancias de Minas Geraes, Goyaz e Mato Grosso; e ainda q. hão de chegar muito prejudicadas com os incomodos do transporte, me persuado que sempre poderão servir, quando não para se notar toda a sua beleza, ao menos para contemplar a sua variedade; e V.mcê poderá fazer as

<sup>103</sup> Cfr. Gilberto Freyre, *ob. cit.*, 1968, vol. I, pp. 149-184.

<sup>104</sup> Cfr. *supra* Cap. IV.

suas observações físicas; e o estudo da Natureza de que ellas ainda forem susceptíveis " 105.

Durante a longa e celebrada permanência no Brasil <sup>106</sup>, onde deixou o nome associado à construção do Forte do Príncipe da Beira, em plena selva amazónica, e à fundação das povoações de Albuquerque e Viseu, nas margens dos rios Paraguai e Guaporé, o Governador exercitou o gosto pelo estudo da natureza tendo encomendado a ilustração de exemplares exóticos da fauna e flora do Brasil central, com os quais organizou uns magníficos *Livro com desenhos coloridos de borboletas e outros insectos e animais de Mato Grosso*, um *Album com 215 desenhos coloridos de pássaros e 2 do cajueiro* e ainda outro *Album com 100 desenhos de animais e 50 de plantas* <sup>107</sup>.

No regresso ao Reino será portador da "mais escolhida e mais rica colecção que se pode desejar [de minerais]" bem como de "alguns animais preparados e não poucos desenhos de todo o género de produções dos três reinos e prospectos" - fruto da expedição científica de Alexandre Rodrigues Ferreira - com destino ao Real Museu de História Natural da Ajuda <sup>108</sup>.

A partir de 1792 integrará o Conselho Ultramarino de Capa e Espada <sup>109</sup> e, pouco depois, organizará com as suas próprias colecções um gabinete de

<sup>105</sup> *Cartas de Luís de Albuquerque Pereira e Cáceres a Domingos Vandelli (Vila Bela, 25 de Maio e 27 de Julho de 1773)*, AHMB, CN/C-111, 112.

<sup>106</sup> "(...) Luiz de Albuquerque (...) fidalgo, bom e sábio homem de governo. (...) à nobreza - nobreza ética - que caracterizou seu comportamento como homem de governo, durante dezassete anos, em região ainda agreste do Brasil, juntou (...) o critério científico do seu modo de ser administrador, político, diplomata" (G. Freyre, *ob. cit.*, 1968, vol. I, pp. 43-44).

<sup>107</sup> Os livros encontram-se depositados no Arquivo da Casa da Ínsua. G. Freyre reproduz no vol. I da sua obra de 1968 alguns destes desenhos (coloridos no original).

<sup>108</sup> *Carta de Alexandre Rodrigues Ferreira a Martinho de Melo e Castro (Vila Bela, 2 de Fevereiro de 1790)*, *apud* G. Freyre, *ob. cit.*, 1968, vol. I, p. 202.

<sup>109</sup> Por notícias insertas no periódico oficial, sabemos ter ocupado os cargos de Conselheiro de Estado, membro do Conselho Ultramarino, e de ter herdado de seu pai a Comenda de S. Martinho das Chãs, da Ordem de Cristo. "Por Decreto de 17 de Dezembro de 1792: Ao Illustrissimo Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, hum lugar de Conselheiro Ultramarino de Capa e Espada" (*Gazeta de Lisboa, 21 de Dezembro de 1792, Suplemento*); "(...)e desejando elle [Francisco de Albuquerque e Castro Pereira] desistir da mesma Commenda a favor de seu filho Luiz d'Albuquerque de Mello Pereira Casseres e Castro, do Conselho de Sua Magestade, actual Coronel de Cavallaria, e Conselheiro do Ultramar" (*Gazeta de Lisboa, 19 de Outubro de 1793, 2º Suplemento*).

história natural - na residência de S. Sebastião da Pedreira - anunciado pela primeira vez no *Almanach de Lisboa* de 1795<sup>110</sup>. Entretanto, no ano anterior, é provável que tenha aumentado o acervo inicial através da aquisição de colecção privada, particularmente bem fornida de conchas, por "700\$000 réis". Na verdade, uma nota inserta em texto manuscrito atribuído a F. Lesidenberg e intitulado *Description de Lisbonne 1789-1792*<sup>111</sup> confronta-nos com a hipótese de ser a ele que se refere - "L. Albuquerque" - como o comprador da colecção naturalista do advogado Francisco Martins Sampaio, vendida em leilão anunciado na *Gazeta de Lisboa*<sup>112</sup>.

O ex-governador - que um dia confessara a Ferreira "o muito que sou demasiado e talvez insaciável nas minhas pretensões quando se trata de com efeito adquirir alguns novos monumentos que enriqueçam as minhas diferentes colecções"<sup>113</sup> - enriquecerá o seu Gabinete particular estabelecendo permutas com coleccionadores europeus e retomará a correspondência científica com o director do Jardim e Museu da Ajuda<sup>114</sup>.

---

<sup>110</sup> Cfr. *Almanach de Lisboa para o anno de 1795*, Parte VI, pp. 28-29. Alguns testemunhos desta actividade colecionista ainda podem ser hoje encontrados na Casa da família Albuquerque: "Não consta das tradições de família da Casa da Ínsua que o tivesse acompanhado cunhã [índia] devotada ao seu quase mazombo; ou escrava negra de quem o senhor branco não se soubesse separar no fim da vida: o caso de tanto 'brasileiro' daqueles dias e do século XIX. Nem se sabe de sacos de farinha de mandioca ou de caixas de doce de goiaba que o tivessem seguido. Nem sequer de arara ou de saguim. Apenas bichos empalhados, além de álbuns com pinturas de plantas e de animais, de mapas, de papéis: estes em profusão. E plantas do trópico brasileiro que é tradição da Ínsua terem-se acrescentado às europeias nos jardins do solar, pelo gosto de Luiz" (G. Freyre, *ob. cit.*, 1968, vol. I, p. 207).

<sup>111</sup> BN, Cod. 13036, fl. 171.

<sup>112</sup> Vide *infra* Gabinetes de História Natural de Jorge Rey e de Francisco Martins Sampaio.

<sup>113</sup> *Carta de Alexandre Rodrigues Ferreira a Martinho de Melo e Castro (Vila Bela, 5 de Maio de 1789)*, apud G. Freyre, *ob. cit.*, 1968, vol. I, pp. 201-202.

<sup>114</sup> No desconhecimento deste epistolário - que revela um Cáceres ainda activo, cultivando interesses e amizades - Gilberto Freyre não lhe conseguiu captar a faceta de ex-governador, assegurando que "A verdade, porém, é que Luiz só regressou a Portugal para morrer: muito breve foi a sua vida de 'brasileiro' em terras portuguesas. Não há documento pessoal que nos permita reconstituir esses seus dias de ex-governador. Um ex-governador que governou capitania durante vinte anos é uma figura inevitavelmente melancólica. Mais do que um bispo resignatário que volta a ser simples padre. Ou um embaixador de carreira que deixa a última embaixada para



Em carta datada de 1796, revela-se fiel colaborador dos estabelecimentos régios combinando com Vandelli mútuas visitas às respectivas colecções e assegurando a vantajosa permuta de duplicatas de espécimens naturais, alguns dos quais lhe continuavam a chegar do Brasil e outros, ainda, provenientes de encomendas que tratava com coleccionadores ingleses: "Sem embargo de menos terem chegado as Pedras Easticas, ou para melhor dizer flexiveis deferida Meia Ponte na Capitania de Goyas, em que V. Senhoria faley. Comtudo por satisfazer no possivel modo ao cumprimento de SAR na expedição dessa remessa de productos naturais do Brasil de maior raridade, e as recomendo tambem se V. S<sup>a</sup> a quem sempre desejo dar gosto; lhe remeto pelo fiel do Real Museo, Custodio, hum único bocado, menos urgentemente preciso q. apenas conservava (alem de outro maior q. se acha no meu Gabinete) bem que se achasse destinado para huma encomenda da Inglaterra, que se tem feito; e dezejarey que assim mesmo não g.da como he ainda que bem caracterizado encha o fim proposto. Ficando eu de conseito aproveitar a permutação ofrecida por V. S<sup>a</sup> de algum outro producto duplicado que eu escolha dos m.tos que existirão no dito Real Museo, quando effectuarmos a nossa já convencionada visita aquele Sitio, penso deva ser brevemente segunda participarey com alguma anticipação. Lembrando tambem a V. S.<sup>a</sup> já succedeu que em reciproca vantagem e melhoramento; possamos então mesmo verificar mais algumas trocas oportunas e que para ambas as partes poderão ser convenientes (...)"<sup>115</sup>.

A efémera existência deste Gabinete encerra-se com a incorporação, em 1799, das suas colecções no Museu régio - "No Gabinete, e Museu de S. Mag.

---

tronar-se simples diplomata jubilado. Ou do que um general que é obrigado substituir as botas pelos chinelos, a farda pelo pijama. (...) Homem de ciência, porém, devem-lhe ter servido de consolo a tais tristezas os álbuns de desenhos e de pinturas científicas que levou do Brasil para a Casa da Ínsua. (...) Voltando de Mato Grosso para Portugal deixou praticamente de existir, quer como homem público quer como particular" (*ob. cit.*, 1968, vol. I, pp. 57-58).

<sup>115</sup> *Carta de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres a Domingos Vandelli (28 de Junho de 1796), apud W. J. Simon, ob. cit., 1983, p. 172.* Esta carta fazia parte do lote de documentos desaparecidos durante o incêndio do Museu Bocage, em Março de 1978. A sua transcrição, em apêndice documental na obra de Simon, constitui por isso uma fonte primária. O autor americano dá a entender existirem, dos dois homens, outras cartas que, contudo, não transcreve.

se tem ajuntado o de Luiz de Albuquerque Pereira Cáceres (...)”<sup>116</sup>. Na ausência de documentação complementar, não poderemos senão especular sobre as verdadeiras motivações da generosa atitude do proprietário, tanto mais que este não constituiria um gesto isolado no âmbito do coleccionismo privado finisecular. De facto, desde o ano anterior que o *Almanach de Lisboa* registava a incorporação na Ajuda de outro Gabinete particular, do qual damos notícia nas páginas que se seguem.

### **7. O gabinete de história natural de António Jacinto de Araújo**

Ao proprietário deste Gabinete já o surpreendemos associado a um projecto de recorte fisiocrático saído do inesgotável alfofre de ideias naturalistas de Domingos Vandelli<sup>117</sup>. E esta ligação pessoal e intelectual poderá ser, tal como no caso de Cáceres, a explicação mais plausível para o destino anunciado das suas colecções.

Terá Vandelli convocado tão só a arte de persuasão para inculcar nos seus dois interlocutores a precaridade (e a inutilidade) de gabinetes particulares sorvidos na voragem das heranças familiares? A favor desta hipótese pesará o esclarecedor facto de Luís de Albuquerque Cáceres ter morrido solteiro e sem geração<sup>118</sup>. Ou, para não perder a oportunidade de dilatar as colecções da Ajuda, terá sido constrangido a invocar a gratidão régia, tal como acontecera com as doações às colecções universitárias?

Poderá, finalmente, ter pesado na 'generosidade' dos dois proprietários a figura tutelar do Inspector D. Rodrigo de Sousa Coutinho, transmitindo por

---

<sup>116</sup> *Almanach de Lisboa para o anno de 1799*, pp. 463-465.

<sup>117</sup> Tratava-se de um inquérito, publicado pela Academia das Ciências, em 1787, com o título de *Perguntas de agricultura dirigidas aos lavradores de Portugal*. A partir da recolha das respostas visava-se redigir umas *Instruções Agrárias*, consagradas à ilustração técnica dos agricultores. A este projecto Vandelli associava, além de Araújo, José António de Sá (Cfr. *supra* Cap. V; e *Carta de Domingos Vandelli a frei Manuel do Cenáculo* (6 de Maio de 1787), BPE, CXXVII/1-7, Carta 1414).

<sup>118</sup> Cfr. Manuel Rosado Marques de Camões e Vasconcelos, *Albuquerque da Beira. Subsídios para a sua genealogia*, 1948, p. 47.

esses anos um acrescido prestígio e credibilidade aos estabelecimentos da Ajuda, tal como é possível surpreender em caso documentado no *Livro de Registo dos Decretos* ? - "O Principe Regente Nosso Senhor he Servido que V.M.ce mande a Caza do Mestre Fabricante de meias Manoel Lourenço Ferreira, morador na Praça da Alegria N. 44 receber hua raridade, que offereceo para se collocar com o seu nome no Moseo de Sua Alteza Real o que participo a V. M.ce para assim o executar" <sup>119</sup>.

Seja como for, importa reter o poder de atracção exercido, no universo dos coleccionadores privados, pela cativante personalidade de Domingos Vandelli cuja imagem pública era, sabemo-lo bem, inseparável da condução do complexo museológico e científico da Coroa <sup>120</sup>.

O nome de António Jacinto de Araújo, ainda que quase desconhecido nas referências de museologia histórica <sup>121</sup>, tem comparecido no campo das Belas-Artes setecentistas dado como habilíssimo calígrafo e ornamentador à pena <sup>122</sup>. Atributos patentes na obra que - na linha do tratadista joanino Manuel de Andrade de Figueiredo <sup>123</sup> - publicará com o título *Nova arte de escrever, para instrucção da mocidade (1794)* <sup>124</sup>.

Porque a profissão que exercia na Ribeira Nova, na casa defronte à Igreja de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Conceição, era justamente a de professor de escrita e de

---

<sup>119</sup> *Ofício de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a Domingos Vandelli (29 de Abril de 1803), apud Livro de Registo dos Decretos, MCUL.*

<sup>120</sup> Semelhante acção junto dos coleccionadores privados é detectável em França, onde o responsável pelo Cabinet du roi, Buffon, conseguiu o legado de várias colecções, ficando famoso o caso do espólio mineralógico de Pajot d'Onsenbray avaliado no ano de 1742 em 13 375 libras, inicialmente doado à Academia das Ciências (Cfr. Yves Laissus, *Les cabinets d'histoire naturelle*, 1986, p. 661).

<sup>121</sup> Rómulo de Carvalho é o único dos autores que se debruçou sobre o colecionismo setecentista a referir-se ao Gabinete de Araújo, identificando o seu proprietário como sendo "certo professor de escrita e de aritmética, em Lisboa" (*A história natural em Portugal no séc. XVIII*, 1987).

<sup>122</sup> Cfr. Luís Xavier da Costa, *As Belas-Artes em Portugal durante o séc. XVIII. Resumo histórico*, 1935, p. 67.

<sup>123</sup> *Nova escola para aprender a ler, escrever, & contar*, Lisboa, Na Officina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1719.

<sup>124</sup> Lisboa, Na Officina de Antonio Gomes.

aritmética (título que honrosamente aporá nas suas obras, juntamente com o de 'correspondente da Academia Imperial das Sciencias de S. Petersburgo'), já antes se tinha dado a empreendimentos didácticos com a edição da obra *Arithmetica pratica, e especulativa para uso dos principiantes, que prettenderem frequentar as Aulas de Mathematicas, e Commercio (1788)* <sup>125</sup>.

Na sua residência reunirá entretanto uma considerável colecção de produtos da Natureza e da Arte, existência divulgada durante uma década no *Almanach de Lisboa (1789-1798)*. E será com base nesse registo, e não certamente por conhecimento pessoal e directo, que alguns relatos de viajantes o nomeiam entre outros gabinetes privados existentes na capital, caso de Carrère que o encerra na classe de "colecções (...) muito restritas e unicamente destinadas ao deleite dos seus possuidores", servindo apenas "para satisfazer uma curiosidade gratuita - são como cavalos de parada, destinados apenas a serem exibidos, sem qualquer utilidade" <sup>126</sup>. Com esta apreciação nos teríamos de contentar não fora o caso excepcional de se terem conservado duas cópias do documento que oficializa a doação do Gabinete de António Jacinto de Araújo ao Real Museu de História Natural da Ajuda, intitulado *Relação das peças conteúdas no Gabinete que tenho a honra de ter oferecido a Sua Magestade (25 de Maio de 1798)* <sup>127</sup>.

Trata-se de um extenso inventário que nos introduz eloquentemente na atmosfera coleccionista de um Gabinete cujo proprietário, ao labor profissional de mestre de bem ler, escrever e contar, somava o gosto erudito pela *philosophia natural* e o desprendimento material que o terá induzido a investir verbas consideráveis na aquisição não só de produtos como de contentores

---

<sup>125</sup> Lisboa, Na Oficina de Lino da Silva Godinho.

<sup>126</sup> J. B. F. Carrère, *Panorama de Lisboa no ano de 1796, 1989*, pp. 108-109. Outros dois testemunhos limitam-se a citar extemporaneamente o Gabinete de Araújo, já que quando o fazem já ele tinha sido incorporado, havia muito, no Museu da Ajuda (Cfr. Heinrich August Ottokar Reichard, *An itinery of Spain and Portugal*, Londres, Samuel Leigh, 1820, [5ª ed., 1809] p. 275; e *A picture of Lisbon; taken on the spot: being a description, moral, civil, political, physical, and religious, of that capital, with sketches of the government, character, and manners of the portuguese in general*, 1809, pp. 182-183).

<sup>127</sup> ANTT, Ministério do Reino, Maço 444; e AHMB, Rem. 442.

apropriados ao seu acondicionamento. Ele próprio o deixa expresso ao referir-se à aquisição de "106 minas diferentes acompanhadas de um Catalogo feito por Mr. Foster [sic] a quem comprei esta colecção" <sup>128</sup>, lote mineralógico bastante completo a que não faltavam exemplares de ouro nativo <sup>129</sup>.

Ora, este Catálogo remete-nos para uma inesperada ligação às actividades naturalistas de dois alemães, tio e sobrinho, nos países ibéricos. Em Espanha é história de há muito divulgada, mas no desconhecimento do recorte lusitano que - cremos - lhe dará sentido mais alargado e maior densidade narrativa. É preciso recuar ao ano de 1783 para encontrarmos as primeiras referências, em Madrid e em Lisboa, aos personagens - Jacob Forster, o tio, e Christian Heuland, o sobrinho. Entre ambos parece haver uma simbiose perfeita: o tio é o proprietário, o coleccionador; o sobrinho faz-lhe os catálogos científicos, é seu procurador comercial, é o naturalista-amador, o perito.

Que a dado momento das suas vidas tenham decidido deixar a Alemanha e se tenham dirigido para a Península ibérica é, em si mesmo, um dado que importa equacionar na história do coleccionismo europeu de setecentos, tanto mais que não se tratava, longe disso, de caso isolado: "El entusiasmo de nuestros Reyes por el Museo y la esplendidez con que procedían cuanto se trataba de fomentar su enriquecimiento, traspasaron las fronteras españolas y atrajeron gran número de colectores, de Alemania y Francia especialmente, que ofrecían en venta rocas y minerales, moluscos, insectos, etc. brindando además sus servicios al Gobierno español dentro o fuera de la Península. Uno de ellos fué Cristiano Heuland" <sup>130</sup>.

Nesse ano de 1783, José Clavijo y Fajardo - três anos depois nomeado Vice-Director do Gabinete de História Natural madrileno <sup>131</sup> - trava com Heuland

---

<sup>128</sup> Relação das peças conteúdas no Gabinete que tenho a honra de ter oferecido a Sua Magestade (25 de Maio de 1798), ANTT, Ministério do Reino, Maço 444.

<sup>129</sup> Cfr. *Catalogue des mineraux fait par Mr. Foster [sic], que j'ai l'honneur d'offrir à Sa Magesté*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 444.

<sup>130</sup> Agustin J. Barreiro, *El Museo Nacional de Ciencias Naturales (1771-1935)*, 1992 [1ª ed. 1944], p. 89.

<sup>131</sup> Apesar de o Director ser oficialmente Eugenio Izquierdo, o homem forte do Gabinete será, até 1806, Clavijo (Cfr. Agustin J. Barreiro, *ob. cit.*, 1992, p. 105.

um estreito relacionamento pessoal e científico que justificará, decorrida uma década <sup>132</sup>, o parecer laudatório sobre a nomeação do alemão como naturalista em *viagem philosophica* à América espanhola <sup>133</sup>: "Heuland es sujeto muy versado en la mineralogía, como que há sido este el estudio y las ocupaciones de toda su vida, y há dado prueba de pericia en esta parte en el catálogo científico de la colección de su tío Jacobo Forster, el cual (catálogo) existe en la Biblioteca de este Real Gabinete. Igual conocimiento tiene en la conchología, a que se há dedicado con esmero y cuya parte es bastante esencial para este Real Museo, pues al paso que hay en él una repetición fastidiosa de conchas de una misma especie, son muchas las especies de conchas raras que faltan, especialmente de América y del mar del Sur" <sup>134</sup>.

Em Maio, está Christian Heuland em Portugal hospedado na Casa de Pasto Inglesa, a Buenos Aires, apostado em vender a coleção mineralógica do tio Forster, pedindo "500 monais d'or" pelos "522 morceaux " <sup>135</sup>. Tarefa tão difícil que chega a ser desesperante, deixando-lhe como última alternativa aquela que o duque de Lafões e o abade Correia da Serra lhe tinham já sugerido, a venda em lotaria. Parece que de origem inglesa e muito em voga na época, este processo consistia em dividir a coleção em lotes, dos quais se vendiam bilhetes numerados, fazendo-se depois em local e data previamente anunciados o sorteio público dos números premiados.

---

<sup>132</sup> "Por el conocimiento que tengo de Heuland de diez años a esta parte" (*Carta de J. Clavijo ao Primeiro Secretário de Estado, Duque de Alcudia (12 de Maio de 1793)*, apud Agustin J. Barreiro, *ob. cit.*, 1992, pp. 89-90).

<sup>133</sup> Christian, e o seu irmão Konrad, partiram em 1794 para as colónias espanholas da América do Sul, levando "la comisión de hacer colecciones de minerales y conchas, y además de trabajar la Geografía Física de aquellos reinos" (Cfr. Agustin J. Barreiro, *ob. cit.*, 1992, pp. 98 e sgs.). Desta missão resultaria, além de imensos espécimens naturais exóticos enviados ao Gabinete Real, a obra *Relación Histórica y de Geografía Física...* apresentada em 1803. Permaneceu inédita até 1944, quando foi publicada pela Sociedade Geográfica de Madrid.

<sup>134</sup> *Idem, ibidem*, p. 89.

<sup>135</sup> *Carta de Christian Heuland a Domingos Vandelli (Lisboa, 31 de Maio de 1783)*, AHMB, CE/H -29.

Heuland necessita, contudo, de assegurar um conjunto de potenciais compradores que lhe garantam o êxito da operação comercial. Por isso recorre a Domingos Vandelli, Lente em Coimbra, sensibilizando-o para que a colecção permaneça em Portugal e, se possível, incorporada no museu universitário: "J'ai l'honneur de vous écrire celle-ci de Lisbonne; vous serez peut-être surpris de mon long séjour ici (...) pour mon malheur avec fort peu de succès dans mes affaires. Après avoir essayé tous les moyens de réussir, et même de tous côtés, il a fallu adopter la dernière ressource, qui eut le projet d'abord proposé par Monsieur le Duc Delafoens et Mons. l'abbé Correa (...) j'ai fait le catalogue de ma collection qui est imprimé et dont on en a tiré 500 exemplaires (...) Le plan de la loterie a été fait par Mons. l'abbé Correa (...) Vous avés vû, Monsieur, les objects; vous êtes connaisseur aussi bien qu'amateur, cela suffit, jugés donc (...) Je sais d'ailleurs que vous souhaitez que ces choses restent dans ce pays-ci, permettés moi donc de vous prier très humblement de contribuer á cela, et de faire prendre á l'Université autant des billets que (...) convenables" <sup>136</sup>.

Não podemos assegurar que tenha sido nesta ocasião que António Jacinto de Araújo adquiriu o lote das "106 minas" do Sr. Forster ou se o fez - mais provavelmente - em resposta ao anúncio publicado na *Gazeta de Lisboa*, a 13 de Maio de 1788 <sup>137</sup>: "Na Casa de Pasto Ingleza de Buenos Aires se acha presentemente a mais completa collecção d'objectos de Mineralogia que se possa desejar. Toda a pessoa dada ao estudo d'Historia Natural ahi a poderá ver de hoje até 24 do corrente, desde as 9 da manhã até á huma da tarde" <sup>138</sup>.

<sup>136</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>137</sup> Dá consistência a esta hipótese o facto de o seu Gabinete aparecer citado pela primeira vez no *Almanach* de 1789, ou seja, no ano seguinte a esta aquisição.

<sup>138</sup> A *Gazeta de Lisboa* voltará a falar da família Heuland, desta vez de um terceiro irmão, Enrique, estabelecido na Rússia: "Henrique Heuland, Mineralogista de S. Petersburgo, offerece aos curiosos de Mineralogia huma collecção das melhores e mais-escolhidas producções de minearaes da Siberia, para vender ou trocar por outras producções de Historia Natural. Assiste na rua de S. Francisco da Cidade, na propriedade n.º 30, em 1.º andar, e alli se poderá achar desde as 8 horas da manhã, até a huma da tarde" (*Gazeta de Lisboa*, 19 de Junho e 4 de Agosto de 1804). Dois anos depois, está em Madrid onde: "Con fecha 19 de octubre (...) fueron entregados por D. Cástor González, bibliotecário del Real Gabinete, a Enrique Heuland, establecido en San Petersburgo, cuatro cajones de minerales de la Expedición de Cristiano y Conrado a Chile y Perú. El citado Enrique, hermano de éstos, se presentó

---

Certo é que, por interposta pessoa e aparentemente sem despesa adicional para o Erário Régio, Vandelli conseguirá que um lote importante da colecção mineralógica Forster venha a incorporar, em 1798, o Real Museu da Ajuda <sup>139</sup>.

De volta à *Relação* de António Jacinto de Araújo, importa ainda referir que nela figuram mais de sete mil espécimens distribuídos por 103 classes de objectos, entre os quais se encontram exemplares de animais e de minerais, provenientes do Brasil, de África, e de Timor; amostras de madeiras exóticas; objectos manufacturados como adornos de penas de aves usadas pelos índios, pratos e colheres de tartaruga. A parte mineral, muito rica, incluía ágatas, ametistas, topázios, esmeraldas, safiras, opalas, etc. António Jacinto de Araújo não se limitará a oferecer ao Real Museu a sua valiosa colecção já que entregou também os armários "guarnecidos de grandes vidros" uma cómoda e uma banca de vinhático, ambas envidraçadas, e mais cem dúzias de tabuleiros de folha de Flandres.

### **8. Os gabinetes de história natural de Jorge Rey e de Francisco Martins Sampaio**

Estabeleceram-se entre estes dois coleccionadores laços tão intensos - o gosto especializado pelos espécimens conchiológicos e a convivência intelectual com frei Manuel do Cenáculo - que justificam um tratamento comum

---

como heredeiro de su tío D. Jacobo Forster, recibiendo dichos minerales a cambio de 30 conchas marítimas, cedidas por éste al Gabinete y valuadas en 20 doblones. (...) El mismo D. Enrique Heuland regaló al Rey, en esta ocasión, tres ejemplares de plomo rojo de Siberia y uno de fosfato de estrociiana" (Agustin J. Barreiro, *ob. cit.*, 1992, p. 126).

<sup>139</sup> Em Espanha, Carlos IV adquiriu a colecção mineralógica de Forster por 150 000 libras tomesas, em 1791. "En noviembre de 1787 ofreció al Conde de Floridablanca, el ya citado Cristiano Heuland una espléndida colección de minerales, hecha por su tío Jacobo Forster. Se pedía por ella 600 000 reales y con semejante motivo ordenó Floridablanca el examen del Catálogo de la misma y de los del Gabinete y la comparación de aquél com éstos" (Cfr. Agustin J. Barreiro, *ob. cit.*, 1992, pp. 92-93).



<sup>140</sup>. Provém, aliás, desta dupla circunstância a cópia maior de material que se conseguiu recolher sobre ambos os gabinetes.

O primeiro, Jorge Rey, tinha nascido francês, em Monestier de Briançon, nos Altos Alpes. Viera para Lisboa em 1752, com apenas doze anos, acompanhando a irmã recém casada com o 'mercador de livros' João José Bertrand <sup>141</sup>. Introduzido nos segredos deste comércio de família, ele próprio se lançará no negócio de livraria nos inícios dos anos sessenta, aparecendo associado como Borel & Rey a partir de 1762-63 e, mais tarde, serão os sobrinhos Pedro José Rey e, depois, Jorge (II) Rey, a continuar com a Casa estabelecida ao Chiado <sup>142</sup>.

É ali, de resto, que aparece situado o seu Gabinete, logo no primeiro número do *Almanach de Lisboa (1787)* <sup>143</sup>, embora seja de supor que se

<sup>140</sup> Numa das cartas, mais do que em qualquer outra, J. Rey enfatiza o papel tutelar e intelectualmente marcante da figura de Cenáculo: " (...) Tive a gloria collocar o Retrato de V. Ex.<sup>a</sup> no Logar onde estava o deste seu indigno criado, elle domina sobre as minhas pinturas assim como V. Ex.<sup>a</sup> Impera no meu coração! Não mando novidades porque não vou fora emq.to não examinar as conchas das remessas, ellas não são como eu as tinha pintado na minha ideia o Marmore de Florença sendo especioso ainda não hé como eu o esperava. Não me aparece outra Caixa de que tinha há m.to tempo aviso e continha outros marmores e conxas. Os mineraes são curiosos. Agora acabo de comprar hum magnifico camafeo de agata ardonica de duas cores do tamanho de hum crusado novo em prata de forma oblonga. Tudo isto me recreya mas cousa alguma já agora me pudera suavisar as intensas saudades que tenho de V. Ex.<sup>a</sup> (...) " (*Carta de Jorge Manuel Rey a Frei Manuel do Cenáculo (s/d)*, BPE, CXXVII/2-1, Carta 2592).

<sup>141</sup> Vide Manuela D. Domingos, *Mercado livreiro no séc. XVIII: mecanismos e agentes*, 1995.

<sup>142</sup> Devemos estes dados biográficos à amável colaboração da Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Manuela Domingos, investigadora principal da Biblioteca Nacional e reputada especialista de estudos do livro e da leitura, que nos disponibilizou a sua investigação ainda inédita sobre *Livreiros setecentistas*, nela dedicando um capítulo à personalidade e obra de Jorge Rey. Sobre a intensa actividade política praticada pelos seus sobrinhos, Pedro e Jorge, consulte-se Maria Alexandre Lousada, *Espaços de sociabilidade em Lisboa: finais do século XVIII a 1834*, 1995, p. 370: "(...) tinham lugar [reuniões políticas] na livraria de Jorge Rey ao Chiado. Desde o início do séc. XIX que a livraria de Pedro e Jorge Rey era apontada como local de reunião de 'clubes políticos' (...) Em Fevereiro de 1809, os Livreiros Rey, acusados de reunirem em sua casa 'um clube de partidistas franceses', foram presos pelos 'ajuntamentos populares' e tiveram os seus bens sequestrados. Obrigados a sair de Portugal, regressaram em 1814.(...)Em 1823, após a Vilafrancada, foram presos e objecto de um longo processo judicial, sob a acusação de albergarem na sua loja 'clubes suspeitosos' ou 'maçónicos'".

<sup>143</sup> Cfr. pp. 257-258. A partir de 1796 surge localizado nos Mártires.

encontrasse organizado antes dessa data, dado que Baltazar da Silva Lisboa já se refere, no ano anterior, aos "Conchiológicos de Mr. Rey"<sup>144</sup>. Será, de facto, por essa idiosincrasia de amador de *conchas* que Rey se distinguirá (de par com Francisco Martins Sampaio) entre os gabinetes de história natural da capital: "Es notable en Lisboa, por la rareza de los artículos de que se compone, el de conchas del librero Jorge Rey"<sup>145</sup>.

A propósito da influência da obra de Desallier d'Argenville<sup>146</sup>, do texto de Alexandre R. Ferreira *Abuzo da Conchyologia em Lisboa (1781)*<sup>147</sup> e da carta de Rey a Cenáculo relatando uma visita ao Gabinete de Angeja<sup>148</sup>, já deixámos expressa a força específica do núcleo conchiológico numa colecção de história natural setecentista. As razões que fundamentam esta voga cultural são múltiplas, podendo ser de certo modo traduzidas - para explicar a mudança de paradigma na evolução do gosto setecentista - na estimulante fórmula de Krziysztof Pomian: *médailles/coquilles = érudition/philosophie*<sup>149</sup>.

Ou seja, segundo este modelo explicativo, concentravam-se nas *conchas* (enquanto objectos científicos submetidos a formas metódicas de classificação)

<sup>144</sup> Baltazar da Silva Lisboa, *Discurso historico, politico, e economico dos progressos, e estado actual da Filozofia Natural Portugueza, acompanhado de algumas reflexoens sobre o estado do Brazil*, 1786, p. 17.

<sup>145</sup> José Cornide y Saavedra, *Estado de Portugal en el Año de 1800*, 1893, 2.º vol., p. 85.

<sup>146</sup> *Conchyologie, ou histoire naturelle des coquilles de mer, d'eau douce, terrestres et fossiles (1742)*.

<sup>147</sup> Cfr. *supra* Cap. V.

<sup>148</sup> Cfr. *Carta de Jorge Manuel Rey a Frei Manuel do Cenáculo (12 de Setembro de 1780)*, BPE, CXXVII/2-1, Carta 2581, citada neste Cap. VII quando se aborda a actividade museológica de Angeja.

<sup>149</sup> Cfr. *Collectionneurs, amateurs et curieux. Paris, Venise: XVIe - XVIIIe siècle*, 1987. "Estos cambios se hicieron sentir en el ámbito del coleccionismo, fenómeno del que, una vez más, podemos constatar su facilidad para acrisolar los valores culturales y las aspiraciones colectivas. (...) Así, se aprecian cambios en las preferencias por determinados objetos, algunos de los cuales caen en descrédito frente al ascenso de otros más meritorios en el nuevo palmarés cultural. Lo más llamativo es el ocaso de las medallas, un declive que ilustra bien la aparición de interrogaciones científicas de una nueva especie" (María Bolános, *Historia de los museos en España. Memoria, cultura, sociedad*, 1997, p. 107).

algumas das linhas de fractura *philosophique* que o enciclopedismo arduamente esgrimia contra o que estigmatizava de estéril erudição das gerações anteriores, simbolizada na pretensa frivolidade do coleccionismo numismático <sup>150</sup>. Na realidade, o fácil sucesso destes novos objectos de culto entre os coleccionadores 'modernos' ficava-se a dever a um complexo de factores de ordem económica, estética, científica e simbólica. Desde logo, a sugestiva beleza natural (ou artificial) de muitas espécies <sup>151</sup>, o elevado preço atingido no mercado internacional pelos exemplares mais raros, bem assim a relativa facilidade de conservação (decisivo predicado museológico), mercê da consistência e dureza devidas ao carbonato de cálcio, elemento principal da sua constituição <sup>152</sup>.

Haverá que invocar igualmente uma razão de tipo científico que jogará papel relevante no novo paradigma conchiológico, participando dos acesos debates então travados entre naturalistas e teólogos. A questão prendia-se com a possibilidade de aproximação mais precisa à idade da Terra recorrendo, os que questionavam a datação muito recente proposta pelos teólogos <sup>153</sup>, à

<sup>150</sup> Cfr. D. Diderot, *Cabinet d'Histoire Naturelle*, 1751; e *Histoire naturelle*, 1765. "Il fallait cependant la marque des philosophes pour que la satire s'attaque plus particulièrement à ce qui n'était plus seulement un tic, un excès, une étrangeté, mais une perturbation profonde du fonctionnement intellectuel et psychique: en un mot, une manie, qui s'accolait de manière quasi indissociable à un type de comportement, de curiosité. (...) Il faut bien comprendre que ne sont pas les centres d'intérêt qui font la distinction entre les érudites et les philosophes, entre les 'pays de la raison' et le 'pays de l'érudition'. La différence passe entre les types d'esprit: 'la mémoire est le talent des premiers, la sagacité appartient aux seconds'" (Annie-France Laurens, *Les collections et les collectionneurs*, 1992, p. 16).

<sup>151</sup> "Voici, Monsieur, une curiosité toute des plus naturelles, ce sont les coquilles. Je vous avouerai que j'ai les yeux satisfaits quand je les jette sur un tiroir de coquilles bien émaillées: j'ai admire plus qu'en tout autre chose l'Auteur de la nature. Quelle variété dans les couleurs! Il semble que la nature s'y soit jouée de même que dans les formes différentes des coquilles" (Desallier d'Argenville, "Lettre sur le choix et l'arrangement d'un cabinet curieux...", *Mercur de France*, Junho de 1727, p. 1325, *apud* Y. Laissus, *Les cabinets d'histoire naturelle*, 1986, p. 664). Era também corrente gravarem-se ou pintarem-se conchas (as 'conchas lavradas'), como é ainda hoje possível encontrar nas colecções de Cenáculo no Museu de Évora.

<sup>152</sup> Cfr. J. Fraga de Azevedo, *Malacologia: uma ciência quase ignorada em Portugal*, 1976/77, pp. 317-337; Luís Pisani Burnay e António A. Monteiro, *História da malacologia em Portugal*, 1988; e Carlos Almaça, *As colecções de conchas em gabinetes e museus de história natural portuguesas*, 1989, pp. 17-24.

<sup>153</sup> "Le cadre chronologique traditionnel, avec ses 6 000 ans censés s'être écoulés depuis la Création, exerçait une telle pression sur les esprits qu'au départ on ne se

distante origem geológica insinuada pelos fósseis de conchas. De facto - ensinam os paleontólogos - remonta ao período cambriano, há cerca de 600 milhões de anos, o aparecimento no globo terrestre dos moluscos, contando-se estes seres como um dos grupos zoológicos que há mais tempo é conhecido no nosso planeta <sup>154</sup>. Era com base nesta concepção que cientistas como Buffon (1707-1788) afiançavam que as conchas fossilizadas comprovavam efectivamente a enorme antiguidade do nosso planeta <sup>155</sup>.

Há, por isso, entre os coleccionadores mais envolvidos nesta quase escatologia explicativa do mundo, uma sensibilidade obsessiva, raiando o fanatismo, na busca de novos exemplares e na codificação lexical de espécies novas, excessos que já vimos o jovem Rodrigues Ferreira exorcizar na comunicação de 1781 à Academia das Ciências <sup>156</sup>.

Jorge Rey - a crermos na descrição caricatural que dele faz, ao bispo de Beja, o companheiro de aventuras malacológicas - parecia padecer desse estado de alma que costuma caracterizar as grandes paixões, alienado da vida mundana, reduzido a uma doentia monomania: "Em fim chegou o Rey, elle póde entrar na Classe dos buzios denominados buzinoa, porq. todo se emprega em fallar na Caridade, hospitalidade, e virtudes de V. Ex.º (...): gastamos mtas. horas em fallar á respto. de V. Ex.º, e mtas em observar a m.a Collecção, e hé tal a paixão q. repetimos as observações: (...) Está finalmente o nosso Rey com húa canastra de conxas q. lhe dei, em q. vieraõ 6 arrobas de

---

rendait même pas compte que parmi ces monuments et ces objets il y en avait d'incoparablement plus anciens que les plus anciennes reliques de l'Egypte" (Kriysztof Pomian, *Les deux pôles de la curiosité antiquaire*, 1992, p. 63).

<sup>154</sup> Cfr. J. Fraga de Azevedo, *Malacologia: uma ciência quase ignorada em Portugal*, 1976/77, pp. 317-337.

<sup>155</sup> "The study of shells during the eighteenth century was of interest to both naturalists and geologists. Linneaus at one time agreed with those who maintained that fossil shells were not necessarily the same species as contemporary shells; Buffon, however, asserted that the fossil shells proved the great antiquity of the earth. The debate over the antiquity of the earth was often fuelled with explosive theological issues" (W. J. Simon, *ob. cit.*, 1983, p. 16).

<sup>156</sup> *Abuzo da Conchyologia em Lisboa. Para servir de introdução á minha Theologia dos Vermes (1781)*, AHMB, ARF -39 a (Cfr. *supra* Cap. V).

prezuntos <sup>157</sup> (...) e submergido no abismo quer tirar do caos sociedades dissolutas; considere V. Ex.<sup>a</sup> o amavel Rey em combinações, e compadeça-se delle (...)" <sup>158</sup>.

O epistolário que nos primeiros anos da década de oitenta o mercador-livreiro francês manteve com Cenáculo não desmente esta imagem, deixando perceber, bem pelo contrário, um coleccionador lucidamente ciente das fixações que chegam mesmo a afectar-lhe a saúde. Através desta rara introspecção conseguimos apreender as profundas motivações do gesto coleccionador e surpreender uma fina sensibilidade estética atenta, contudo, aos mecanismos do mercado: "(...) Quero agora falar em cousa alegres, dis o sr. Marqez [de Angeja] que ainda doente não paro assim hé, nesta molestia tenho experimentado os bons desejos q.e V. Ex.<sup>a</sup> me fás porque tenho adquirido vinte e tantas pedras, Agatas onix, cornalinas e sardonicas, gravadas dos antigos, representaõ Altares, Sacrificios etc. Sobretudo há hua infinitam.te rara que hé hum insecto em vulto da familia dos coleopteros de Linnai e por baixo hum emblema gravado, a pedra hé furada ao meio como conta, a dita servio algum dia de amuleto, e presumo seria para trazer a modo de anel porq.e lhe falta o aro. Domingo adquiri hum busto de meyo relevo de marfim m.to bem feito, ainda não sei quem hé o heroe que elle representa. Suspeito já enfadar a V. Ex.<sup>a</sup> com o meu fanatismo (...)" <sup>159</sup>. Mas este seu confessado fanatismo affectava-lhe igualmente a bolsa, como revelará ao interlocutor: "(...) O Museo vai progressivamente florecendo, e a minha bolça minguando! (...)" <sup>160</sup>.

<sup>157</sup> "XII. As Pinnulas, ou Prezuntinhos (Pinna) Les Jambonneaux: Tem duas valvas em forma de leque, ou de sectores de circulo, unidas huma com outra pelo angulo, e por conseguinte não se podem mover, nem apartar, ficando entre ellas hum intervallo, para a passagem do pé e das feveras, as quaes são mui finas; e por isso se empregão em rendas, e se misturaõ nos pannos, e outros tecidos, aos quaes daõ hum lustro particular. As especies de pinnulas são pouco distinctas" (Georges Cuvier, *Quadro elementar da historia natural dos animaes*, 1815, t. II, p. 69).

<sup>158</sup> *Carta de Francisco Martins Sampaio a Frei Manuel do Cenáculo (19 de Setembro de 1780)*, BPE, Cod. CXXVII/1-9, Carta nº 1694.

<sup>159</sup> *Carta de Jorge Manuel Rey a Frei Manuel do Cenáculo (12 de Outubro de 1780)*, BPE, CXXVII/2-1, Carta 2591.

<sup>160</sup> *Carta de Jorge Manuel Rey a Frei Manuel do Cenáculo (23 de Março de 1781)*, CXXVII/2-1, Carta 2585.

O coleccionador amador tinha, apesar de tudo, consciência de caminhar nas margens da indagação científica, isto é, de carecer da legitimação intelectual de naturalistas profissionais que lhe reconhecessem a valia das colecções. Jorge Rey obtém-na justamente da fonte mais autorizada - do Director dos museus régio e universitário que lhe visita o Gabinete em demorada inspecção científica - apressando-se a ufanar-se dessa suprema consagração ao bispo de Beja: "Aqui tive hontem o d.or Vandelli, toda a manhã gastou em dar revista ao gabinete e me disse que eu não devia ter m.ta inveja ao museo da Universidade em q.to conxas e Petrificaçoens mas que o meu levava vantage em pedras preciosas, julge V. Ex.<sup>a</sup> que assumpto para a minha vaidade.(...)"<sup>161</sup>.

De Francisco Martins Sampaio sabe-se apenas que era advogado da Casa da Suplicação e que em 1780 - a julgar pela referida carta a Cenáculo - já era possuidor de colecção conchiológica, percorrida frequentemente pelo comerciante francês com quem estabelecera estreitas relações intelectuais<sup>162</sup>. Por isso, não surpreende ver também o seu Gabinete anunciado logo no *Almanach de Lisboa para o anno de 1787*, no local da residência ao Largo do Calhariz<sup>163</sup>.

Contudo, em Dezembro de 1793, o advogado colocava à venda as suas colecções, publicitando na *Gazeta de Lisboa* pretender "vender o seu Gabinete Conchiliologico, e juntamente a collecção de Arvores Marinhas, e Petreficações". Este gesto, aparentemente surpreendente, correspondia afinal

---

<sup>161</sup> *Carta de Jorge Manuel Rey a Frei Manuel do Cenáculo (17 de Outubro de 1780)*, BPE, CXXVII/2-1, Carta 2582. "Un collectionneur cherche toujours la reconnaissance de son goût, la confirmation de ses choix par d'autres, mais de ceux seulement dont il admet qu'ils sont compétents pour porter un jugement sur sa collection du fait de leur place dans la hiérarchie sociale, de leur savoir, du goût qu'ils ont déjà manifesté, de leurs liens avec l'invisible, etc. Une telle reconnaissance est conférée par les commentaires parlés et écrits des visiteurs (...)" (Philippe (Piguet, *De la collection en général, et de l'oeil du collectionneur en particulier. Entretien avec Krzysztof Pomian*, 1995, p. 51).

<sup>162</sup> *Carta de Francisco Martins Sampaio a Frei Manuel do Cenáculo (19 de Setembro de 1780)*, BPE, Cod. CXXVII/1-9, Carta nº 1694.

<sup>163</sup> Tal como no caso do Gabinete de Rey, o seu também é referido em 1786 por Baltazar da Silva Lisboa, *ob. cit.*, p. 17.

à normal atitude de quem, sabendo-se próximo do fim da vida, quereria ajustar contas patrimoniais através de disposições testamentárias. Por isso Sampaio revelava pressa na venda do Gabinete como um todo (e não de forma fragmentada), advertindo os potenciais interessados de que: "quem o quizer comprar por junto, sendo pessoa em quem se não presuma mais curiosidade de ver, que vontade de comprar, póde ir vello" <sup>164</sup>.

Mas o advogado morreria decorrido pouco tempo, sem que o Gabinete tivesse encontrado comprador obrigando, por isso, o testamenteiro legal a voltar a anunciar a intenção de venda no periódico da capital. Desta vez, o anúncio era muito mais pródigo em pormenores e, tornando mais tentadora a aquisição, discriminava um acervo rico e variado em história natural (conchas e mineralogia), contemplando por igual objectos numismáticos em metais nobres, além de produções artísticas, comprovando-se por uma vez mais o hibridismo tipológico do coleccionismo privado finisecular: "Por falecimento do Doutor Francisco Martins Sampaio se põe em venda, por seu Testamenteiro Manoel Rodrigues de Sá Viana, o seu precioso Gabinete de Historia Natural, bem conhecido pelas raras producções que contém dos Reinos da Natureza. A parte da Conchiologia he a mais completa, por nella haver as cousas mais raras e mais escolhidas. Tambem compreende Coraes, Madreporos, e Coralleiras igualmente raras, e varios Bezoartes Orientaes e Ocidentaes de diversos animaes. Na Mineralogia contém varias producções muito raras, e finalmente huma numerosa Collecção de Medalhas de ouro, prata, etc. e varias pinturas em Mosaico, com outras curiosidades da Arte" <sup>165</sup>.

A *Gazeta de Lisboa* continuará - durante alguns meses, até finais de Maio de 1794 - a fornecer pormenores sobre o leilão, sem que seja possível apurar o destino final destes objectos, servindo-nos apenas de hipótese o que anunciámos a propósito de a compra ter sido efectuada por Luís de Albuquerque Pereira Cáceres <sup>166</sup>.

<sup>164</sup> *Gazeta de Lisboa*, 24 de Dezembro de 1793.

<sup>165</sup> *Gazeta de Lisboa*, 7 de Março de 1794, Suplemento.

<sup>166</sup> Cfr. F. Lesidenberg, *Description de Lisbonne 1789-1792*, BN, Cod. 13036, fl. 171. "Sesta feira 28 e sabbado 29 do corrente mez se há de dar principio ao leilão dos móveis, que ficáraõ por falecimento do Doutor Francisco Martins de Sampaio, nas casas onde assistio defronte ao Calhariz" (*Gazeta de Lisboa*, 25 de Março de 1794);

Parece todavia crível que aqueles com quem o advogado-coleccionador entretivera em vida uma sociabilidade de cunho naturalista, Cenáculo e Rey, tenham adquirido em leilão (se é que os não tinham recebido antes por oferta) alguns dos objectos de especial raridade, beleza, ou estima do proprietário. Donde, julgarmos pertinente associar a concha gigante existente no actual Museu de Évora (herdeiro das colecções do arcebispo) <sup>167</sup> à que Sampaio possuía no Calhariz e que serve de mote ao gracejo lançado sobre as obsessões conchiológicas de Jorge Rey: "queria Mons.Rey hir em hua Conxa p<sup>a</sup>. o jazigo; e se elle morresse lá perdia a admiravel tumba da m<sup>a</sup>. Conxa gigant. em q. cabe bem a vontade" <sup>168</sup>.

### 9. O gabinete de medalhas e antiguidades dos padres teatinos

A adesão aos valores sócio-culturais do coleccionismo manifestada por eclesiásticos e congregações regulares setecentistas já foi por nós devidamente assinalada a propósito da colaboração de frei José Mariano da Conceição Veloso com os estabelecimentos museológicos régios, tendo-se elencado então um conjunto de notáveis personalidades que desenvolveram actividades científicas e museológicas, no Reino e no Brasil, algumas das quais (como José Mayne e Manuel do Cenáculo) merecerão ainda uma atenção particular ao longo deste texto <sup>169</sup>.

Remontava ao período joanino a ligação de eruditos da Igreja católica às actividades de estudo, salvaguarda e entesouramento bibliófilo, artístico,

---

"Nos dias 27 e 28 do corrente mez de Maio continúa o Leilão do resto dos moveis do doutor Francisco Martins Sampaio, em que se há de vender o Gabinete da Historia Natural" (*Gazeta de Lisboa*, 24 de Maio de 1794, 2º Suplemento).

<sup>167</sup> Para uma identificação dos núcleos existentes actualmente no Museu de Évora provenientes da colecção de Cenáculo, consulte-se António M. Alegria, *Colecção, coleccionadores. A colecção de Cenáculo*, 1998.

<sup>168</sup> *Carta de Francisco Martins Sampaio a Frei Manuel do Cenáculo (19 de Setembro de 1780)*, BPE, Cod. CXXVII/1-9, Carta nº 1694.

<sup>169</sup> José da Costa Azevedo, Joaquim Veloso de Miranda, Leandro do Sacramento, José Mayne, Manuel do Cenáculo, João de Loureiro (Cfr. *supra* Cap. VI).



epigráfico, numismático e arqueológico <sup>170</sup>, numa tradição que - apesar da devastação de Bibliotecas e Gabinetes ocorrida em 1755 - manteve os seus cultores nesta segunda metade do século, agora também atentos aos objectos dos três reinos da natureza. Contudo, não foi possível captar senão esparsas referências, sem consistência documental, de algumas destas colecções tais como as que existiriam no convento de S. Vicente de Fora, dos cónegos regulares de Santo Agostinho, vindos de Mafra em 1792 <sup>171</sup>; as da Casa das Necessidades, dos Oratorianos de S. Filipe Nery; e as do Cónego da Sé de Évora, Dr. José Joaquim Nunes de Melo (1740-1820), localizadas na Casa Nobre da Rua de Burgos <sup>172</sup>, todas de cunho naturalista; ou as de medalhas e antiguidades pertencentes, uma, ao abade Carlos Francisco Garnier, bibliófilo e numismata, professor de língua francesa no Colégio dos Nobres e capelão da igreja de S. Luís dos Franceses, correspondente de Cenáculo <sup>173</sup>, outra, ao

<sup>170</sup> Cfr. *supra* Cap. III

<sup>171</sup> "Por carta régia de 24 de Setembro de 1792 foram criadas, em Lisboa, as reais Escolas de São Vicente de Fora, em substituição das de Mafra, cujos professores foram transferidos para Lisboa, e aqui continuaram a sua leccionação." (Rómulo de Carvalho, *A física experimental em Portugal no séc. XVIII*, 1982, p. 86).

<sup>172</sup> "Construída no século XVI por fidalgo ignorado, confinante com o Paço dos Ferreiras de Carvalho e sobre parte da Cerca Velha, nos fins de setecentos estava na posse do cónego secretário capitular da Sé, Dr. José Joaquim Nunes de Melo (1740-1820), escritor, poeta e pintor, antigo colega do artista Joaquim Manuel da Rocha, ambos discípulos do pai deste último, pintor Domingos Nunes, bolseiro da Coroa em Roma. O ilustre sacerdote instalou nas suas casas precioso e raro Museu de História Natural, certamente dos primeiros do país, malbaratado em grande parte pelas hordas francesas no saque de Julho de 1808, cujos despojos, pertenceram ulteriormente ao Marquês de Tomar e a D. Pedro V, que ofereceu a colecção à Biblioteca Pública de Évora" (Túlio Espanca, *Inventário artístico de Portugal. Concelho de Évora*, 1966, vol. I, p. 109). Esta informação não condiz, no entanto, com a que o mesmo autor tinha fornecido anos antes: "cónego José Joaquim Nunes de Melo (1740-1820), filho do artista Domingos Nunes; cónego magistral José Joaquim Pôças, que possuiu um museu conchológico na Rua de Burgos e que veio a parar às mãos do Rei D. Pedro V" (*Idem*, *As antigas colecções de pintura da livraria de D. frei Manuel do Cenáculo e dos extintos conventos de Évora*, 1949, p. 445).

<sup>173</sup> "Recebi do excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Beja, Don frey Manoel do Cenaculo, a quantia de Cento quinze mil e quatro centos reis, procedido da venda de cento e duas Medalhas, saber, por trinta e nove peças da Historia Metallica da Caza Soberana de Lorena; sincoenta e outo peças da Historia metallica do Imperio da Russia principiando pelo Duque Ruric até a Imperatriz Isabel primeira; o Medalhão d'El rey Stanislaio primeira; o Medalhão do grande Heroe duque de Duas Pontes; tudo isso em bronze; o medalhão com prata sobre o Ferro (...) pelas mãos do ver. Snr. Lozé Lourenço do Valle" (*Carta do Abade Carlos Francisco Garnier a Frei Manuel do Cenáculo (9 de Janeiro de 1790)*, BPE, CXXVII/1-6 (1), Carta 1055); "(...) Dieu gagne

monge beneditino Francisco Bernardo da Esperança, no mosteiro de S. Bento da Saúde <sup>174</sup>, além do numofilácio conimbricense de João de Magalhães e Avelar (1754-1833), futuro bispo do Porto <sup>175</sup>.

Do Gabinete de medalhas e antiguidades dos padres teatinos, em Lisboa, foi porém possível recolher documentos mais relevantes do que a mera menção no anuário editado pela Academia Real das Ciências. Dispomos até de importantes fontes manuscritas divulgadas por Manuela Domingos nos seus estudos sobre a história da Real Biblioteca Pública da Corte <sup>176</sup>, dada a

---

vous conserver, monseigneur, pour le bonheur de vos ouailles, et pour la gloire de votre et paisible Patrie! C'est pour elle que Votre Excellence travaille, en formant les nobles collections qu'Elle rassemble dans tous les genres de Sciences, de Litterature, de Beaux-Arts, d'Antiquités et de chefs d'ouvre modernes, ainsi que d'Histoire naturelle. Ô, Monsigneur, je je m'apperçois que cette Lettre-ci devient trop longue! Pardonnez-moi, s'il vous plait, si j'abuse de votre indulgence. J'allois vous parler de Medailles; Les malheurs de notre pays en fait sortir quantité, dont les propriétaires sont contraints de se défaire, en s'expatriant. On m'en a fait passer tout récemment une vasissante suite formant le Règne de Loius XV, elle est en bronze, á bon marché, et dans le goût de celle de Loius XIV. Je l'ai fait voir a monsieur Sens, porteur de la présante, qui est en état d'en rendre compte à Votre Excellence (...)" (*Carta do Abade Carlos Francisco Garnier a Frei Manuel do Cenáculo (3 de Maio de 1792)*, BPE, CXXVIII/1-6 (1), Carta 1056). O seu gabinete começou a ser publicitado no *Almanach* de 1798 e deixou de o ser no de 1805. Ver igualmente A. C. Teixeira de Aragão, *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, 1º vol., 1966 [1875], p. 110.

<sup>174</sup> Depois da extinção do mosteiro não se identificou no espólio mais do que "(...) Bens móveis. Hum Painel de Nossa Senhora das Dores, de muita estima, e vallô.r. Dezassete Paineis de diferentes quantidades, e tamanhos (...)" (*Auttos de Inventario do Mosteiro de S. Bento da Saude (1833)*, ANTT, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Caixa 2224, Inv. 201, fls. 13, 13 v). "Possuía um numofilácio em 1788-1797. Nada mais sei" (J. Leite de Vasconcelos, *ob. cit.*, 1923, p. 182)

<sup>175</sup> Sagrado bispo em 1816. "Esta colecção datava do séc. XVIII, e tinha umas 200 moedas de ouro, umas 2700 de prata (algumas delas consulares), umas 2000 de bronze e cobre (algumas d'elas arabes)" (J. Leite de Vasconcelos, *Da numismática em Portugal*, 1923, p. 186). "O bispo possuía igualmente um precioso monetário, que os ditos seus herdeiros fizeram vender em Inglaterra por uma quantia considerável, segundo ouvi" (Inocêncio F. da Silva, *ob. cit.*, t. III, 1859, p. 404). Vide também: *Carta de João de Magalhães e Avelar para António Ribeiro dos Santos (15 de Abril de 1803)*, BN, Arquivo Histórico, DGA/03/01/Cx.01-20, referenciando como locais prováveis da descoberta das medalhas romanas uma localidade situada entre a Mealhada e o Buçaco ou o termo da Vila do Carvalho ou Mortágua. O monetário vem citado nos *Almanachs* desde 1788.

<sup>176</sup> *Biblioteca Nacional (Portugal)*, 1995; e *Subsídios para a história da biblioteca nacional*, 1995.

circunstância de o organizador das colecções recolhidas no Convento dos clérigos regulares de S. Caetano, D. Tomás Caetano do Bem (1718-1797), ter sido um dos doadores mais importantes do acervo inicial (bibliográfico e numismático) da Livraria aberta ao público no Terreiro do Paço - em Maio de 1797 - e que daria origem à actual Biblioteca Nacional.

Nesta segunda metade de setecentos, a Casa de Nossa Senhora da Divina Providência, ao Bairro Alto, era herdeira da profícua actividade de erudição histórica e de coleccionismo de 'antiguidades', de padres cujos nomes mais ilustres tinham sido D. António Caetano de Sousa (1674-1759)<sup>177</sup> e D. Manuel Caetano de Sousa (1658-1734). Traçando a biografia deste último confrade, Tomás do Bem dá relevo nas suas *Memorias historicas e chronologicas da sagrada religião dos Clerigos Regulares em Portugal e suas conquistas, na India Oriental (1792)* à viagem que ele "empreendeu à Itália, indo assistir ao capítulo geral da Ordem", aproveitando para sublinhar a relação entre as visitas aos sítios arqueológicos e aos equipamentos culturais de Roma e a existência na Livraria da Casa de "muitas antiguidades preciosas, de muitos livros e manuscritos raros" fazendo desta província dos padres teatinos a "mais rica da Europa neste género de preciosidades"<sup>178</sup>.

Ora, o Terramoto de 1755 terá abalado mas não destruído esta riquíssima Biblioteca e o seu Gabinete, situação que permitiu à congregação solução de continuidade, manter-se assim - apesar da decadência humana e financeira registada a partir dessa data<sup>179</sup> - vinculada aos valores intelectuais que sempre cultivara. Do punho de D. Tomás Caetano do Bem, membro da joanina Academia Real da História Portuguesa, saíra entretanto - com interesse para a história do coleccionismo - uma *Carta a um seu amigo, ácerca de uns monumentos romanos, descobertos no sitio das Pedras-negras (1754)* e, já na condição de sócio da Academia Real das Ciências, aqui recitará uma utilíssima

---

<sup>177</sup> Cfr. *supra* Cap. III.

<sup>178</sup> Inocêncio F. da Silva, *Diccionario bibliographico portuguez*, t. VII, 1862, p. 339.

<sup>179</sup> "Porque esta Comunidade se acha quasi extinta, dezejaria eu poder remetter à religião huma copiosa colecção de Medalhas Romanas, Gregas, Arabes, e Portuguesas antigas, que tinha juncto" (*Carta autografa de D. Tomás Caetano do Bem ao Prepósito Geral (Lisboa s/d [1783?])*, BN, Res. Mss 26, nº 19 *apud* Manuela D. Domingos, *Subsídios para a história da biblioteca nacional*, 1995, p. 102).

*Notícia das Thermas ou Banhos Cassianos e outros Monumentos Romanos descobertos na cidade de Lisboa* <sup>180</sup>.

Não surpreende portanto que o teatino, também Cronista da Real Casa de Bragança, detivesse no seu 'Estudo' um Gabinete de medalhas e antiguidades - anunciado no *Almanach de Lisboa para o anno de 1787* e considerado "a sorry cabinet of medals" por W. Beckford que o visitara nessa mesma data <sup>181</sup>. E pouco tempo depois, apesar de considerável roubo ocorrido em 1791 <sup>182</sup>, propunha a sua doação à Coroa argumentando estar em preparação um Gabinete régio inteiramente dedicado a este tipo de objectos, à semelhança do que sucedera em Espanha, no regresso de Carlos III depois de ter abdicado do reino de Nápoles <sup>183</sup>. "Offereço a V. Ex<sup>a</sup> a memoria do Gabinete Erudito, que conservo. Este pode servir de principio ao que Sua Magfestade quizer juntar. Bem sabe V. Ex<sup>a</sup> que todos os Monarchas da Europa estimão estas Collecçoens. Em Madrid, desde Carlos III que trouxe este gosto de Italia, se cuida muito nesta materia. Assim o vemos, pela

<sup>180</sup> Cfr. Inocência F. da Silva, *ob. cit.*, t. VII, 1862.

<sup>181</sup> "We went to the Theatine Convent (...) a sorry cabinet of medals he pretended to have been at much pains and expense in collecting. I have seldom seen coins which give finer scope to the imagination, as scarce on in fifty can boast above a letter and a half of inscription, and the greatest number none at all" (*The journal of W. B. in Portugal and Spain. 1787-1788*, 1954, p. 267). Em nota de rodapé o aristocrata inglês ironiza, de resto, com o destaque dado a esta colecção pelo anuário: "*Almanacs mention this collection as one of the curious and interesting things to be seen in Lisbon ....*"

<sup>182</sup> "Sinto infinito a noticia com que me instrue a Carta de V. Rm<sup>a</sup> do roubo que acaba de experimentar, principalmente na sua excellente collecção de Medalhas, de que só lhe restaram as Romanas em cobre; esta perda assaz custosa de recuperar ...." (*Carta de Luís Pinto de Balsemão a D. Tomás Caetano do Bem (Lisboa, 17 de Novembro de 1791)*, BN, Res. Mss. 63, n.º 11, Doc. 34, *apud* Manuela D. Domingos, *ob. cit.*, 1995, p. 106).

<sup>183</sup> Um testemunho directo desta experiência museológica madrilena tinha sido colhido por frei Manuel do Cenáculo quando, em 1750, se deslocara a Roma para participar no Capítulo Geral da Terceira Ordem da Penitência de S. Francisco, e registada no *Diário do R.mo P. D. Fr. Joaquim de S. José na jornada q.e fez ao Cap.º G.al de Roma em 1750 (12 de Fevereiro a 19 de Julho de 1750)*, BPE, CV/1-10 d., fl. 6: "(...) Vi a Biblioteca Regia publica de Madrid; e nella a gr.de casa do Monetario, q. tem cousas boas, e preciosas (...)". Sobre as iniciativas coleccionistas de Carlos III no Reino das Duas Sicílias e, depois de ali ter abdicado a favor de seu filho, em Espanha, consulte-se María Bolaños, *ob. cit.*, 1997, pp. 111-112.

Geografia do P. Florez e há pouco tempo o deo a entender o Bibliothecario Mayor d'El rey de Hespanha, Francisco Pérez Bayer, que aqui esteve (...)"<sup>184</sup>.

No mesmo documento, o Padre Teatino da Divina Providência sugeria a acomodação das colecções em salas do Colégio dos Nobres e oferecia-se para assegurar a direcção científica do Gabinete: "No Colegio dos Nobres pode haver Caza, para estabelecer hum Regio gabinete: eu estimarei muito que Sua Magestade me queira honrar, e favorecer com o cargo de Director de Seo Regio Gabinete: e tambem no mesmo Collegio, tão proximo da Impressão viverei com muito commodo"<sup>185</sup>. Em anexo, D. Tomás Caetano do Bem identificava as classes de espécimens deste 'Gabinete Erudito' o qual, além dos inúmeros e preciosos livros e documentos manuscritos, muitos deles relativos aos trabalhos da Academia da História, contava com "1. Medalhas Romanas, Gregas, Gothicas, Arabes. Antiguas, e Modernas. Serie de Medalhas de Papas. Começão em Martinho V. Fora de Roma he rarissima; (...) 8. Huma grande Collecção de Estampas, e retratos de varoens Portuguezes.(...) 9. Estampas, em que tem o modo de vestir das Naçoens, pertencentes à Coroa Portugueza, &"<sup>186</sup>.

Todavia o acto oficial de doação só virá a ter lugar em 1795, em conjuntura de organização do espólio inicial da Real Biblioteca Pública da Corte<sup>187</sup>, tendo por esse motivo desempenhado papel de seu interlocutor o primeiro Director da instituição, António Ribeiro dos Santos (1745-1818), com quem trocará toda a correspondência oficial<sup>188</sup>. O bibliotecário-mor deixará expresso,

<sup>184</sup> *Carta de D. Tomás Caetano do Bem (Lisboa, 10 de Dezembro de 1791)*, BN, Res. Mss 28, nº 113, *apud* Manuela D. Domingos, *ob. cit.*, 1995, p. 109.

<sup>185</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>186</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>187</sup> No entanto, só pelo Alvará de 29 de Fevereiro de 1796 é que o primeiro bibliotecário-mor seria chamado a organizar a Biblioteca (Cfr. José Esteves Pereira, *O pensamento político em Portugal no séc. XVIII. António Ribeiro dos Santos*, 1983, p. 75)

<sup>188</sup> "A offerta que fazem a Sua Magestade os Clerigos Regulares da Divina Providencia desta Corte, da Collecção de Medalhas, Manuscriptos, Livros raros, e outras Antiguidades, que elles tem na Livraria, e Museo de seu Convento, consta em geral das seguintes Peças. 1º De huma numeroza Collecção de medalhas Romanas, quasi todas do Alto Imperio, e de algumas Portugueza; que ajuntou o Pe. D. Tomás Caetano de Bem (...) pede a Sua Magestade a singular Mercê de o contemplar assim, e da

mais tarde, significativo elogio ao perfil intelectual do coleccionador Tomás Caetano do Bem, tanto mais que dele terá recebido - como oferta pessoal - um conjunto de pinturas de que se conhece o inventário <sup>189</sup>: "(...) o riquíssimo Muzeo de Antiguidades Romanas, que tinha junto em que havia huma copiosissima Collecção de Medalhas Consulares, e Imperatoriais de lapidas, Cippos, e utensilios dos Romanos e muitas Inscricções tiradas dos monumentos romanos da antiga Lusitania (...) despojando-se em vida do proprio Muzeo de Antiguidades, que tinha em muita estima, o doou, e entregou à mesma Bibliotheca, antepondo generosamente o bem do Publico ao seu proprio gosto, e utilidade" <sup>190</sup>.

O *Almanch de Lisboa* continuará todavia a mencionar, até 1814, o 'Gabinete de Medalhas e Antiguidades' dos padres teatinos, o que levará Teixeira de Aragão, em 1875, a considerar tratar-se de engano <sup>191</sup>. José Leite

---

maneira que sua Magestade bem parecer, sendo o mayor beneficio, que dezejava receber de sua Real grandeza a Honra de servir a Sua Magestade na arrumação, conservação, e guarda do Gabinete destas Medalhas e Antiguidades, visto ter ate agora cuidado dellas, e haver feito particulares estudos Numismaticos, que o habilitão para bem servir a Sua Magestade neste Emprego" (*Carta de António Ribeiro dos Santos ao marquês Mordomo-Mor (7 de Novembro de 1795)*, BN, Res. Cod. 4680, f. 187 v-189 v, *apud* Manuela D. Domingos, *ob. cit.*, 1995, pp. 115-118).

<sup>189</sup> "Ainda poderemos compulsar a 'Lista dos Quadros que estão nas casas da Quinta de Calhariz que deu D. Thomaz Caetano de Bem Theatino ao Dr. Antonio Ribeiro dos Santos' manuscrito da Biblioteca Nacional publicado também por Sousa Viterbo" (Luís Xavier da Costa, *As Belas-Artes em Portugal durante o séc. XVIII. Resumo histórico*, 1935, p. 40)

<sup>190</sup> *Apontamentos para a vida e elogio do P. D. Thomaz Caetano do Bem, collegidos pelo D.º r Antonio Ribeiro*, BN, Res. Cod. 272 *apud* Manuela D. Domingos, *ob. cit.*, 1995, pp. 129-131. Igual elogio lhe será traçado pelo matemático e académico Francisco de Borja Garção Stokler "De si não tinha ele outra que deixar senão os seus preciosos manuscritos, uma Collecção de Livros escolhidos analogos á natureza de seus estudos, e um Museu de antiguidades rico principalmente na parte numismática, em que possuía diversas séries completas de medalhas, tão estimáveis pelo seu número, como pela extrema raridade de algumas delas. De todas estas científicas possessões fez o Senhor D. Tomás voluntária doação á Real Biblioteca da Corte, despojando-se de parte delas, ainda em sua vida, a beneficio do público, cuja utilidade bem mostrou ter sempre tido em vista, quem depois de lhe haver dedicado o melhor de seus dias, e todos os seus trabalhos, lhe sacrificou assim a primeira, talvez a única, das suas paixões (...)" (*Elogio de D. Thomaz Caetano de Bem*, 1826, t. II, p. 24).

<sup>191</sup> *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, 1.º vol., 1966, [1.ª ed., 1875], p. 121.

de Vasconcelos apresenta outra explicação, baseado na ideia de que D. Tomás Caetano do Bem não se teria despojado de todas as colecções que possuía no seu 'Estudo', mas apenas de parte delas legando o remanescente do monetário à Livraria do Convento dos Caetanos da Divina Providência <sup>192</sup>. Do que se conhece, todavia, do estado de geral decadência da Casa custa a crer na existência de um Gabinete visitável até data tão tardia.

### 10. O gabinete e a aula de história natural de frei José Mayne

Quem lesse a *Gazeta de Lisboa* do dia 11 de Abril de 1780 poderia ter reparado numa notícia igual a tantas outra do mesmo jaez, mas que se revelaria decisiva no âmbito da história do coleccionismo setecentista: "Sabado 8 do corrente mes celebrarão o seu Capitulo os Religiosos da Congregação da Terceira Ordem da Penitencia de S. Francisco, no qual foi eleito Ministro Geral da mesma Congregação o reverendissimo P. M. Fr. José Mayne, Confessor d'El Rei N. S."

De facto, a singular personalidade de frei João José de Jesus Maria Mayne (1728-1792), haveria de marcar não só a vida cultural da sua instituição religiosa como a da própria Academia Real das Ciências, influenciando igualmente o ensino e o coleccionismo naturalistas, na capital, ao longo da centúria seguinte <sup>193</sup>.

É possível que - tal como sucedera no caso dos padres teatinos - também no Convento de Jesus estas características distintivas se tenham ficado a dever em grande medida à herança intelectual de figuras de prestígio da

---

<sup>192</sup> "Stockler não diz, como Aragão inculca, que D. Tomás se despojasse de todas as suas colecções em benefício da Biblioteca Pública, diz apenas: 'de parte delas'" (J. Leite de Vasconcelos, *Da numismática em Portugal*, 1923, p. 137). Em 1833, o *Inventário* do espólio do Convento não se refere a colecções numismáticas, apenas a 'cinquenta paineis de pintura muito velhas' entregues, depois do decreto de extinção, no Depósito do Convento de S. Francisco da Cidade (*Inventario do Convento de Sam Caetano dos Padres da Devina Providencia (1833)*, ANTT, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Caixa 2234, Inv. 230).

<sup>193</sup> A melhor síntese sobre esta actividade didáctica é a que publicou Rómulo da Carvalho, *O material didáctico dos séculos XVIII e XIX do Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa*, 1993.

geração anterior. Na verdade, aqui tinha residido frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas <sup>194</sup> sabendo-se com segurança que, além de vultuosa biblioteca, formara um gabinete com produções da natureza e das artes mencionado pelo frade andaluz, Sebastián Sánchez, quando em 1773 visitou o Convento e ali estudou as suas medalhas: "Asimismo en el Museo del Ex.mo Señor Obispo de Beja, que aun no há trasladado del Convento de su Orden, existe un Medallon com este epigrafe (...)" <sup>195</sup>. No elogio fúnebre do arcebispo de Évora, da autoria do académico e canonista Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato (1777-1838), assegura-se mesmo que essa colecção de medalhas era constituída por 403 exemplares, dos quais 23 em ouro, 233 em prata, 43 em 'metal corinthio' e 100 em cobre <sup>196</sup>.

Dois anos depois da eleição do novo Geral da Congregação (que vimos anunciada na *Gazeta*), o Convento de Nossa Senhora de Jesus será percorrido pelo nosso já conhecido Director da Biblioteca Real de Madrid, Francisco Pérez Bayer, a quem será insinuado por frades especialistas em matéria de 'antiguidades' - João de Sousa Damasceno e Vicente Salgado (1732-1802) - algum interesse em examinar as colecções ali entretanto reunidas por frei José Mayne. O arcepeste valenciano não produzirá na verdade uma avaliação muito entusiasmada, deixando a ideia de que o acervo era ainda de origem

<sup>194</sup> "Frei Manuel do Cenáculo deixa o professorado no colégio coimbrão e vem fixar residência, em 1755, no Convento de Jesus, de Lisboa. (...) a nomeação para o seu primeiro grande cargo de influência política - Provincial da Ordem Terceira de Portugal - data de 1768" (F. da Gama Caeiro, *Frei Manuel do Cenáculo. Aspectos da sua actuação filosófica*, 1959, p. 55)

<sup>195</sup> Com o pseudónimo de Anasthasio Franco Y Bebrinsaez escreveu uma carta no ano seguinte a um amigo, publicada em Espanha em 1793 com o título de *Viaje topografico desde Granada a Lisboa*. Também o viajante galego José Comide y Saavedra acentuará esta perspectiva de filiação da tradição coleccionista em Cenáculo: "(...) se agrega una galería de medallas y medianas pinturas y un gabinete de Historia Natural [no Convento de Jesus], distribuído sistemáticamente, y de varias otras curiosidades; de modo que en esta casa se halla reunido quanto puede desear la curiosidad literaria, como son libros, profesores de las lenguas sabias, antiguedades y objetos de Historia Natural, debido en gran parte al ardiente celo por el fomento de las letras del actual Obispo de Beja, Fr. Manuel del Cenáculo Villas Boas, General que há sido de esta religión" (*Estado de Portugal en el Año de 1800*, 1893, 2.º vol., pp. 82-83).

<sup>196</sup> *Elogio historico do excellentissimo e reverendissimo D. Frei Manoel do Cenáculo*, 1815, pp. XCIV-XCV.



demasiado recente para poder ser apreciável: "Comenzamos por el museo de madallas, cosa pobrissima á excepción de un monton de Eypcias de Hadriano y Antonino Pio, todas de gran bronze halladas segun parece todas de una vez y en un sitio, por las quales se podrá formar la serie chronologica del reynado de este Principe (....). Tambien lo de Historia Natural está mui á los principios. Pinturas si tiene algunas que me parecieron buenas. Libros algo modernos. Poco mas" <sup>197</sup>.

Indiscutível virtude desta descrição é, todavia, a de nos permitir captar o universo colecionista de Mayne, caracterizado logo nos seus inícios pela atenção aos objectos de história natural, ao medalhismo e à pintura sobre tela. Esta última área pareceu a Bayer possuir alguns exemplares de mediana qualidade - retratos, naturezas-mortas, quadros religiosos, de 'género', paisagens - e, de facto, outros autores atentos à dimensão artística das colecções do franciscano têm salientado os consideráveis investimentos em aquisições, apesar de nem sempre feitas com tacto e gosto <sup>198</sup>. Esta actividade de colecionador de pintura remontaria já à década de sessenta - comprovável pela encomenda de onze quadros animalistas ao pintor Bernardino da Costa Lemos <sup>199</sup> - conhecendo-se também, de 1784, uma sua longa, minuciosa e sistemática crítica plástica aos painéis da capela-mor da Basílica da Estrela, da autoria do romano Pomeo Batoni <sup>200</sup>.

O *Jornal de Bellas Artes, ou Mnémosine Lusitana* publicará em 1816 um interessante texto sobre a pinacoteca existente no Convento - da autoria do

<sup>197</sup> *Diario das primeiras viagens que fez pelas terras de Portugal, 1782*, pp. 156-157.

<sup>198</sup> Cfr. José-Augusto França, *ob. cit.*, 1966, vol. I, p. 190.

<sup>199</sup> "O padre frei José Mayne - que fora confessor do rei D. Pedro e amigo do mestre Manuel da Rocha, - lhe encomendou [ a Bernardino da Costa Lemos] uma série de quadros para a colecção de curiosidades de ciências naturais que era instituidor. (...) Estes quadros deveriam ter sido executados entre 1760 e 1792: a primeira das datas marca o início da grande actividade intelectual de fr. José de Jesus Maria Mayne, e a segunda, o ano da sua morte" (Júlio Jesus, *Pintura portuguesa do século XVIII. Notícia de alguns quadros animalistas de Bernardino da Costa Lemos, existentes no Museu Zoológico de Lisboa*, 1928, pp. 628 e sgs.).

<sup>200</sup> Cfr. José-Augusto França, *ob. cit.*, 1966, vol. I, p. 75.

'publicista curioso de arquitectura' Pedro Alexandre Cravoé<sup>201</sup> - testemunhando que "o gabinete de Pinturas compõe-se de mais de quatrocentos quadros, entre os quaes algumas Paisagens de Pillement, retratos de Batoni, Fogos de Diogo Pereira, e varias cópias de objectos naturaes de Joaquim Manoel da Rocha, e muitos Desenhos deste, e de Francisco Vieira Lusitano, dispertão a attenção dos Curiosos: porém a Pintura, que mais enobrece, pela sua posse, este Convento he o grande quadro do Senhor Ressuscitado, original de Rubens, que está no Coro. Na Casa dos Geraes há hum Retrato da Senhora Rainha D. Marianna, da composição de Francisco Vieira Lusitano"<sup>202</sup>.

Esta apreciação - ao menos do ponto de vista quantitativo - parece merecer alguma credibilidade já que pela "Relação das Pinturas existentes em a respectiva Galleria do extincto Convento de Jesus, extrahida dos Autos de Inventario que das mesmas se fez no presente anno de mil oitocentos e trinta e quatro (....)" se fica a saber que o total de peças ascendia a quinhentas e vinte e uma, além de noventa e seis livros especializados em arte, nove pastas e cento e quatro estampas avulsas, constantes na "Descrição dos Livros d'estampas, cadernos de desenhos, esboços, e debuchos, e mais Livros existentes na Casa das Pinturas", passando tudo à posse da Academia das Ciências<sup>203</sup> que, por sua vez, venderá algumas das telas (nos anos sessenta) à Academia de Belas Artes<sup>204</sup>.

<sup>201</sup> Assim o apelida José-Augusto França, *ob. cit.*, 1966, vol. I, p. 85. Cravoé era marceneiro ('proprietário de loja de trastes ao Loreto'). Aderiu aos ideais liberais, chegando a ser preso. Inocêncio F. da Silva dedicou-lhe um estudo bio-bibliográfico (Vide João Carlos Brigola, *Ciência e política. Do pombalismo ao liberalismo*, 1990, p. 194). O *Jornal de Belas-Artes* publicou 52 números em 1816-1817, fazendo descrições de edifícios e monumentos, com gravuras, falando de artes e ofícios, etc.

<sup>202</sup> n.º XXII, pp. 360-361. Anos depois, um padre da Colegiada de Santarém produzirá a seguinte apreciação: "O Padre Frei José Mayne, da Congregação da Terceira Ordem da Penitência, e Confessor do Senhor rei D. Pedro III. Este religioso cultivou as ciências, prezou as artes; além do precioso Museu que deixou, com Beneplácito Régio, à administração da Academia, arranjou uma colecção de quadros dos pintores de melhor nota, que floresceram no seu tempo, sobressaindo entre estes os de natureza morta, como búzios, conchas, etc. que este insigne artista soube pintar com a maior verdade, composição e toque magistral" (Luís Duarte Vilela da Silva, *Observações críticas sobre alguns artigos do Ensaio Estatístico do Reino de Portugal e Algarves publicado em Paris por Adriano Balbi*, 1828, p. 109).

<sup>203</sup> "(...) os quadros que formão a Galleria de Pinturas se achão descriptos no sobredito Inventario a que proximamente se procedeu por ordem da Junta de

11. Logo no ano em que é eleito para o lugar de Geral do Convento de Jesus, frei José Mayne anuncia generosamente aos confrades que parte dos seus bens pessoais (provenientes de herança familiar e de serviços que prestava, como o de confessor do rei-consorte Pedro III) passaria a ser utilizada na compra de maior número de livros para a Livraria e na aquisição de "instrumentos phisicos" e "coisas raras de Historia Natural" destinados a - conforme ficou registado em acta da congregação - "milhor aperfeiçoar o nosso Museu" <sup>205</sup>.

O esforço de enriquecimento das colecções de medalhas, telas e espécimens naturais pode ser documentado ao longo de mais de uma década (1780-1792), passando até por encomendas no mercado internacional, tal como a que foi obtida da Rússia por intermédio de Nicolau Kopke - homem de negócios de origem hamburguesa, radicado no Porto - amigo e correspondente de José Mayne. Assim é que, em 1788, o coleccionador recebe uma carta do negociante informando-o de que lhe iria remeter "as coriozidades que me vieraõ da Russia", consistindo a remessa em três caixões, um com "Passaros e Animais Seccos", outro com uma "Colluna de Minerais do Caucaze", e o terceiro com oitenta nove embrulhos de "Minerais da Siberia, e hua boceta de Caramujos e Conxas da Russia" <sup>206</sup>.

Da qualidade das colecções asssim reunidas por Mayne dão conta dois testemunhos de personalidades estrangeiras. O primeiro deve-se ao

---

Melhoramentos, pelo que ordenou elle Provedor se extrahisse a relação ao diante, que fica como parte integrante deste Auto" (*Copia da Certidão do Auto de Cofre dada á Academia Real das Sciencias de Lisboa da Livraria, Muzeu, Medalhas, e Pinturas do extinto Convento de N. S. de Jesus (19 de Novembro de 1834)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, "Academia Real das Ciências. Requerimentos e officios. 1835-1843").

<sup>204</sup> Cfr. José-Augusto França, *ob. cit.*, 1966, vol. I, p. 417.

<sup>205</sup> BACL, Ms. 1931, Série Azul, fls. 11 v -12, 157 v -159 v.

<sup>206</sup> Cfr. Rómulo de Carvalho, *Relações entre Portugal e a Rússia no século XVIII*, 1979, pp. 167-168. Também já em 1786, Baltazar da Silva Lisboa se referia a este esforço coleccionista "Falo no [Gabinete] do Confessor de El-Rei Nosso Senhor, que para acreditar o seu amor patriotico enriqueceo o seu Convento das grandes preciosidades, que unem os conhecimentos da Religiaõ ás necessidades do Estado" (*ob. cit.*, p. 17).

académico galego José Cornide y Saavedra que descreve - em carta de 12 de Janeiro de 1799, dirigida ao amigo Joseph Lòpez de La Torre Ayllón y Gallo - os espaços museológicos pertencentes a uma Casa religiosa onde (como dirá na sua memória à Academia da História madrilena) se tinha reunido tudo quanto podia desejar-se da curiosidade humana, livros, professores de línguas eruditas, antiguidades e objectos de história natural <sup>207</sup>: "Ayer he visto el Gavinete de historia natural, y curiosidades del Convento de Jesus, (...) tiene tres ô quatro salas, y aunque no esta colocado sistematicamente tiene de todo, y los individuos de historia natural tienen los nombres linneanos, (...) y enquanto a minerales, y piedras preciosas no esta escaso" <sup>208</sup>.

O segundo texto é da autoria do comissário napoleónico Geoffroy Saint Hilaire e consta de um inventário das peças seleccionadas no Convento de Jesus <sup>209</sup> - com vista ao seu embarque para o *Muséum d'Histoire Naturelle* de Paris - apresentado à aprovação de Junot em Agosto de 1808, mas inviabilizado pela derrota militar francesa e consequente assinatura da Convenção de Sintra <sup>210</sup>. Tratando-se de avaliação produzida por naturalista

<sup>207</sup> *Estado de Portugal en el ano de 1800*, 1893, 2.º vol., pp. 82-83.

<sup>208</sup> *Cartas inéditas de Joseph Andrés Cornide y Saavedra a Joseph Lòpez de La Torre Ayllón y Gallo (1799)*, 1947, pp. 39-40.

<sup>209</sup> Conserva-se actualmente na Biblioteca Central do Muséum national d'Histoire naturelle nos manuscritos de Saint Hilaire, com a designação de "II. Collections rapportées du Portugal. Rapport aux Professeurs-administrateurs du Muséum (novembre 1808), 5+10 p. - Divers catalogues (32 p.) énumérant les minéraux, fossiles, plantes sèches, racines et bois, coquilles, insectes, crustacés, poissons, reptiles, oiseaux, mammifères provenant en particulier du Musée royal d'Ajuda et du Couvent de Notre-Dame de Jésus" (Cfr. Y. Laissus, *Catalogue des manuscrits d'Etienne Geoffroy Saint-Hilaire*, 1972, p. 371).

<sup>210</sup> O Geral do Convento passará uma declaração com data de 8 de Setembro, confirmando que Saint-Hilaire devolvera estes objectos: "Nous frère Antoine dos Prazeres Bartelotte, Religieux du troisième ordre de la Pénitence, Professeur Emérite de Théologie & Ministre du Couvent de Notre Dame de Jésus de Lisbonne, certifions que M. Geoffroy St Hilaire qui d'après les ordres de Son Exc. M. le duc d'Abrantès, avait extrait du cabinet d'histoire naturelle de ce couvent, trente un objets, en produits minéraux, nous les a tous rendus dans le même état. En témoignage de quoi nous lui avons délivré le certificat suivant" (*apud* E.-T. Hamy, *La mission de Geoffroy Saint-Hilaire en Espagne et en Portugal (1808). Histoire et documents*, 1908, pp. 1 e sgs.). O facto de Saint Hilaire ter sido forçado a repor alguns dos objectos retirados da Ajuda e do convento de Jesus, será assim satirizado em jornal coetâneo: "Seria razão enviar esta raridade [a águia napoleónica] em algum dos caixotes que estavam destinados para transportar o Museo Régio e o Mainense. (...) Mandou [Junot] que o Depósito

preparado e exigente nas suas escolhas (das colecções da Academia das Ciências dirá, por exemplo, que "ont été négligées et ne m'ont offert aucun intérêt" <sup>211</sup>) este documento apresenta o indiscutível interesse de validar os critérios de selecção adoptados por frei José Mayne, considerando-os genericamente de acordo com os parâmetros científicos da sua época <sup>212</sup>: "1º) Fossiles art. nº 1 - 1 dent de Mastodonte; 2 - 3 dents de divers cétaçés; 3 - 1 dent de poisson; 4 - 7 poissons entiers de Verone; 5 - 2 vertèbres de poisson; 6 - 4 échantillond de cabre; 7 - 3 échantillons de coquille; 8 - 1 coquille de grande dimension dans du marbre; 9 - 3 fuseaux représentant un méroin; 2º) Minéraux art. nº 10 - marbre lumachelle avec spath calcaire; 11 - Géode d'améthiste mêlée à du spath calcaire; 12 - 2 échantillons de spath fluor; 13 - cristal roulé, présumé, la pierre de mine nouvelle; 14 - roche opaline; 15 - deux échantillons de Labrador; 16 - Basalte de Bellas; 17 - cristaux de roches roulés; 18 - cristaux de cymophane, idem, olivâtres; 19 - autres, présumés cymophanes blanches,

---

Público, o qual se tinha mandado para bordo da nau Vasco da Gama tornasse para a sua antiga Casa ao Largo do Pelourinho; assim como o Real Museo para a Quinta de Belém donde tinha saído, havia poucos dias" (João Braz d' Oliveira, *Uma recordação dos tempos de Junot - a Gazeta d'Almada*, 1907 [1808, 15 e 19 de Setembro]).

<sup>211</sup> *Rapport de M. Geoffroy Saint-Hilaire sur sa mission en Portugal, présenté à son Excellence, Monseigneur le Ministre de l'Intérieur, comte d'Empire, apud E.-T. Hamy, La mission de Geoffroy Saint-Hilaire en Espagne et en Portugal (1808). Histoire et documents*, 1908, pp. 1 e sgs.

<sup>212</sup> No ano seguinte, um viajante inglês visita o Convento de Jesus não tendo ficado particularmente impressionado com o Gabinete de história natural: "15 de Julho. Sexta-Feira. De deligência com B. para a Praça do Comércio, à procura de uma caleche. Daí para o Convento de Jesus. Havia antigamente 80 frades, agora 50, um dos quais, o P. Sousa, lê e compreende sete línguas orientais. Um frade que falava um pouco de francês acompanhou-nos e mostrou-nos o que há de interesse, a igreja e a magnífica biblioteca, que contém uma admirável colecção de livros, dos quais apenas dois são em inglês: *Travels in Portugal* e as obras de Sir Isaac Newton, cujo busto, juntamente com o de John Locke, figura entre outros que decoram a sala. Aí vimos uma pequena estante fechada à chave cheia de 'livres défendus' entre os quais *Refutation of the Talmud*, o *Dictionnaire* de Bayle e algumas obras de Voltaire. A *Encyclopédia Française* estava todavia disponível na sala. As gravuras não eram numerosas nem belas, excepto uma ou duas. A colecção de objectos naturais não tinha nada de extraordinário. O frade que me acompanhou era bonacheirão e liberal, mas interrogado sobre a batalha com canhões e armas de fogo numa gravura, respondeu que se tratava de qualquer antiga batalha romana. A biblioteca, que estava aberta ao público antes das invasões francesas, de cuja devastação vimos várias marcas, está agora fechada" (*Diário de viagem - 1809*, British Library, Add.Ms. 56527, apud Francisco José Magalhães, *John Cam Hobhouse e Portugal. Diário de viagem - 1809*, 1993, pp. 197-198).

roulés; 20 - cristal de gypse; 3º) Végétaux art. nº 21 - 2 boites contenant des échantillons des divers bois du Brésil, tous étiquetés dans la nomenclature du pays" <sup>213</sup>.

Em Dezembro de 1792 os leitores da *Gazeta de Lisboa* eram confrontados uma vez mais com notícias provenientes do Convento de Nossa Senhora de Jesus, divulgando-se então uma iniciativa de alcance didáctico inserida na escala de valores aceites e praticados, entre nós, pelo Iluminismo Católico e informada pelos princípios científicos da voga naturalista: "Proximamente há de principiar a Aula de Historia Natural, que por beneplacito de S. M. se tem estabelecido no Museo do Convento de Nossa Senhora de Jesus, debaixo da direcção da Academia Real das Sciencias. As pessoas, que a quizerem frequentar, se apresentarão ao Secretario da Academia, ou ao Professor da Aula (...)" <sup>214</sup>.

Duas semanas depois, o periódico voltava a referir-se ao assunto relatando a inauguração do curso e dando mais pormenores sobre o corpo docente, matérias leccionadas e horário de funcionamento. Pela sua leitura se fica a saber que a 'oração erudita' na abertura desta Aula de História Natural fora recitada por José da Costa Azevedo (1763-1822), um franciscano natural do Rio de Janeiro que, em Coimbra, se tinha formado em Teologia. Anos depois, regressará ao Brasil ali desempenhando cargos de grande relevo científico e museológico, nomeadamente a leccionação da cadeira de mineralogia e a direcção do Gabinete de história natural da Academia Militar,

---

<sup>213</sup> *Etat des objets choisis pour le Muséum d'Histoire naturelle de Paris, parmi ceux du Cabinet de Notre Dame de Jésus, apud E.-T. Hamy, ob. cit., 1908, pp. 1 e sgs.* Em Relatório apresentado ao Ministro do Interior, o Comissário dirá também destas colecções que: "Celles de N. Senhora de Jesus vous procureront quelques pétrifications, quelques minéraux et surtout un meuble où est disposé avec élégance un échantillon des divers espèces de bois du Brésil. Chaque objet porte son nom de pays. (...) Trinte et un objets de moindre valeur et pour la plupart produits fossiles des environs de Lisbonne, tels que Crabes, dents de poisson, coquillages, échantillons de marbre, pierre à plâtre ou gypse, Ganges d'hyacinthe du village de Bellas, etc." (*Rapport de M. Geoffroy Saint-Hilaire sur sa mission en Portugal, présenté à son Excellence, Monseigneur le Ministre de l'Intérieur, comte d'Empire, apud idem, ibidem*).

<sup>214</sup> *Gazeta de Lisboa*, 7 de Dezembro de 1792.

vindo a ser nomeado - pelo decreto real de 6 de Junho de 1818 - primeiro director do Museu Nacional do Rio de Janeiro <sup>215</sup>.

Visto a direcção científica da Aula - instituída por frei José Mayne - competir à Academia das Ciências, a agremiação preocupara-se em fazer coincidir o acto oficial e solene com a abertura da sua própria Aula de Minerologia, leccionada no Palácio do Poço dos Negros pelo 'Guarda-mór dos estabelecimentos litterarios da Academia', Alexandre António das Neves Portugal (1763-1822) <sup>216</sup>. O que significa que, doravante, o público da capital passava a dispor de um curso de história natural e de mineralogia, com as respectivas 'demonstrações' em dois gabinetes naturalistas (o do Convento de Jesus e o da Academia) <sup>217</sup>, com um horário semanal assim organizado: "A dita Academia, em razão de serem as suas Sessões ás quartas feiras, e as Demonstrações no seu Gabinete ás terças e sextas, tem destinado interinamente que as Demonstrações no Gabinete do Convento de N. Senhora

<sup>215</sup> Cfr. *Flora Fluminensis de Frei José Mariano da Conceição Vellozo. Documentos*, 1961, pp. 343-346. Foi também dele que Domingos Vandelli se lembrou para leccionar História Natural no Real Museu da Ajuda, em projecto que não chegou a realizar-se: "Já o Reverendo Padre Mestre Fr. Jozé Mayne além de ter formado um copioso, e rico museu de História Natural no convento de Nossa Senhora de Jesus determinou rendas para o aumento do mesmo, e do religioso inteligente de história natural a quem fica incumbida a direcção, ao qual Sua Magestade poderia determinar uma cadeira de História Natural debaixo da inspecção, que determinar. Para esta cadeira pode servir Fr. Jozé da Costa Azevedo.(...)" (*Memoria sobre a Faculdade Filosofica da Universidade de Coimbra, s/d ANTT, Ministério do Reino, Maço 519, Cx. 646, "Universidade de Coimbra. Negócios diversos"*).

<sup>216</sup> Na mesma *Memoria* Vandelli proporá também este professor para um Curso a leccionar na Ajuda: "A Real Academia das Ciências tem um sufficiente laboratório químico para o qual se deveria estabelecer uma cadeira de Quimica a qual seria bem regida pelo Bacharel Alexandre António das Neves".

<sup>217</sup> 1. "No Gabinete de Historia Natural e Fysica da Real Academia das Sciencias ao Poço dos Negros continuam as Demonstrações alli instituidas" (*Gazeta de Lisboa*, 10 de Outubro de 1794, Suplemento); 2. "Gabinetes de Medalhas, e Antiguidades: O Museo Maynense, no qual há Aula pública de Historia Natural, e Botanica, instituida pelo P. Fr. José Mayne, e por elle deixada a Administração á Academia Real das Sciencias com Beneplácito Regio, no Convento de N. S. de Jesus." (*Almanach de Lisboa para o anno de 1794*, pp. 512-513). Só a partir de 1834, por feliz coincidência, se reunirão no mesmo espaço físico - o Convento de Jesus - os gabinetes da Academia e o da Aula maynense.

de Jesus, que a mesma Academia dirige, e que já principiárão, continuem nas terças, e sabbados" <sup>218</sup>.

Da fundamentação intelectual da iniciativa de José Mayne fala um documento, a todos os títulos notável, intitulado *Requerimento a S. M. concernente á doação do Gabinete de História Natural, Pintura e Artefactos, assim como de bens para instituir uma escola publica e, desenvolver a Livraria do Convento de N. S. de Jesus de Lisboa (1792)* <sup>219</sup>. Certamente impressionado com os acontecimentos revolucionários em França, o frade revelava-se preocupado com a força das ideias "Atheistas, e Polyteistas" que, no seu entender, deveriam ser combatidas - comprovando-se a "Existencia de Deos, a sua Sabedoria, Providencia, Bondade, e mais Atributos" - através do "Estabelecimento de huma Escola publica com huma Cadeira de Historia Natural Theologica, em que se ensine a Sciencia da Historia Natural" <sup>220</sup>.

Por isso, pela via da doutrinação religiosa e dos métodos pedagógicos baseados na observação e na experimentação - as 'demonstrações' no Gabinete -, deveriam os professores evidenciar a conciliação entre Fé e conhecimento científico da Natureza. Contudo, Mayne sabia bem que um convento não era o local mais vocacionado para cumprir tal programa, já que - como admitia - "parece moralmente impossivel que todos os Padres Geraes tenhaõ a necessaria efficacia, e propençaõ para perpetuar huma Sciencia, cujo ensino não está em uso dentro dos claustros" <sup>221</sup>. Donde, a atribuição da administração científica e pedagógica da Aula e dos seus estabelecimentos museológicos à Academia das Ciências de Lisboa, de que era sócio.

Está presente neste 'Plano' - traçado com rara presciência - a intenção do autor em ultrapassar as condicionantes do coleccionismo privado, visível na maneira como destina o seu património museológico à fruição colectiva,

---

<sup>218</sup> *Gazeta de Lisboa*, 22 de Dezembro de 1792 "A ambos estes actos assistio o corpo da dita Academia com o seu Presidente, o Excellentissimo Duque de Lafões, e hum numerozo, e luzido concurso".

<sup>219</sup> BACL, Ms. 791, Série Azul.

<sup>220</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>221</sup> *Idem, ibidem*.



doando-o no ano da morte "com o destino, que isto service para huma Escolla publica, pela razão de ser não somente huma applicação Pia; mas tambem interessante ao Estado. Para que esta applicação Pia tenha o seu fim, e se conserve de hum modo fixo, e permanente para o futuro " <sup>222</sup>.

## 12. A actividade museológica de frei Manuel do Cenáculo (Beja e Évora)

O conteúdo de uma carta recebida por frei Manuel do Cenáculo em 1771, e remetida por frei Bernardo de Lima e Melo Bacelar <sup>223</sup> - agindo como seu procurador na aquisição de espécimes numismáticos na região minhota -, bem que poderia resumir o sentido de boa parte da correspondência que lhe era dirigida e que documenta, quase até à exaustão, a paixão colecionista pelas 'antiguidades': "(....) andei por estas vilas vizinhas, [de Caminha e de Valença do Minho] e procurei com toda a eficacia as 150 medalhas de cobre, e 10 de prata, q. a V. Ex.<sup>a</sup> por meu Mestre remeto. Perdoe-me V. Ex.<sup>a</sup> a pouquidade, q. eu prometo demandar mais; o q. me seria mais facil senão ouvesse Caldeireiros <sup>224</sup> e mais (....) como v.g. o muzeu do Arcb.<sup>o</sup> de Braga <sup>225</sup>. Muitas

<sup>222</sup> *Idem, ibidem*. Do estado de conservação do que resta deste espólio museológico dá conta o estudo de Rómulo de Carvalho (que foi Director do Museu Maynense) *O material didáctico dos séculos XVIII e XIX do Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa*, 1993.

<sup>223</sup> Inocência F. da Silva (*ob. cit.*, t. I, 1858, pp. 378-379) diz tratar-se do pseudónimo literário de frei Bernardo de Jesus Maria, franciscano observante e Prior no Alentejo.

<sup>224</sup> Referência ao costume de se fundirem as moedas antigas encontradas casualmente e que o *Alvará* de 1721 expressamente proibia (Cfr. *supra* Cap. III).

<sup>225</sup> Não conseguimos reunir informações bem documentadas sobre esta colecção de medalhas do arcebispo de Braga, além das elogiosas referências de um especialista numismata: "Há dias recebi o Indez das Medalhas q. hum Am.<sup>o</sup> meu tinha dado no espaço de dous annos a S.A. o Serenissimo S.r Arcebispo de Braga, cuja collecção he sem duvida a melhor q. há em Portugal" (*Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (Aveiro, 3 de Setembro de 1775)*, BPE, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 17); " Bem quizera eu ter o gosto de ver a Collecção de V. Ex.<sup>a</sup> assim como fui ver a de S. A. o Sr. Arcebispo de Braga, que me mostrou toda pela sua mão, honrando-me com o offerecimento de todas, q. eu não tivesse (...)" (*Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (10 de Janeiro de 1782)*, BPE, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 19).

se podem ler sem microscópio, e alguas de nenhua sorte, por estarem rosadas; motivo porq. as não quis limpar mais (...)" <sup>226</sup>.

Apesar da figura de Cenáculo se apresentar hoje aos nossos olhos como um dos coleccionadores setecentistas mais mencionados certo é que dele fica ainda por fazer um estudo de conjunto - estribado na rara circunstância de sobraem as fontes documentais de forte ressonância museológica - que contribuisse para o melhor entendimento de uma actividade que Francis Haskell apelidou de "un des traits majeurs de la civilisation au sens plus large" <sup>227</sup>. Por isso, nesta sedutora perspectiva, encontra-se em aberto um programa de investigação que - adoptando como tema o estudo-caso de personagens que reuniram, amaram, e estudaram antiguidades - nos esclareça sobre as imensas e complexas implicações da actividade colecionista na história da cultura ocidental <sup>228</sup>.

Porque o arcebispo de Évora foi antes do mais - como nenhum outro coleccionador português do seu tempo - o *anticómano* erudito cuja formação intelectual e prática pedagógica como hebraísta, orientalista, numismata, paleógrafo, exegeta <sup>229</sup> o habilitava a cultivar com igual empenho e competência os dois pólos da curiosidade antiquária e arqueológica <sup>230</sup>. O

<sup>226</sup> Carta de Frei Bernardo de Lima e Melo Bacelar a Frei Manuel do Cenáculo (Valença do Minho, 30 de Julho de 1771), BPE, CXXVII/1-4, Carta 625.

<sup>227</sup> "Introduction" a *L' anticomanie. La collection d' antiquités aux XVIIIe et XIXe siècles*, 1992, p. 11.

<sup>228</sup> Cfr. *idem*, *ibidem*.

<sup>229</sup> José V. de Pina Martins, "Apresentação" a Nuno Daupias d'Alcochete, *Humanismo e diplomacia. Correspondência literária de Francisco José Maria de Brito com D. Frei Manuel do Cenáculo (1789-1804)*, 1976, p. IX. "Este homem invulgar exerceu, por vezes simultaneamente, as mais variadas actividades como historiador, político, eclesiástico, reformador, pedagogo e filósofo, distinguindo-se como humanista, arqueólogo e bibliófilo, cultivando a Numismática, a Paleografia, o Árabe, o Síriaco, o Aramaico, a Teologia, a Exegese, a Hermenêutica e a Liturgia" (Francisco da Gama Caeiro, *Frei Manuel do Cenáculo. Aspectos da sua actuação filosófica*, 1959, p. 115).

<sup>230</sup> Utilizamos aqui a conceptualização e os seus desenvolvimentos propostos por Krzysztof Pomian, *Les deux pôles de la curiosité antique*, 1992. Não por acaso uma das mais interessantes fontes documentais do labor colecionista de Cenáculo tem por título *Album de antiguidades lusitanas e luso-romanas, etc. de Fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas*, BPE, CXXIX/1-14, "Lapides do Museo Sesinando Cenaculano Pacence". Contudo, como já notara J. Leite de Vasconcelos (*A arqueologia do Baixo Alentejo na*

primeiro, o pólo *nacional*, radicava numa tradição historiográfica - já presente no *Alvará sobre a conservação de monumentos antigos (1721)* e na actividade da joanina Academia Real da História Portuguesa<sup>231</sup> - que buscava a memória antiga do 'Reyno de Portugal' documentada nos vestígios epigráficos, arquitectónicos, escultóricos, medalhísticos e numismáticos dos povos 'antepassados' e dos tempos medievo e renascentista.

O outro pólo - o *clássico* - inseria-se numa tendência cultural que começara a despontar na primeira metade do século e a que não terão sido estranhas as escavações nas necrópoles etruscas, e nas cidades romanas de Herculano e Pompeia. O alemão Winckelmann (1717-1761), na sequência da observação das colecções do Eleitor do Saxe que incluíam estátuas de Agripina e três vestais provenientes de Herculano, publicara em 1755 as suas *Reflexões sobre a imitação dos artistas gregos na pintura e na escultura*. Já em Itália, contratado como 'prefeito das antiguidades do Vaticano', visita assiduamente as duas cidades vesuvianas e consegue reunir as provas que fundamentavam as suas teorias sobre a influência grega na arte romana, publicando em 1764 a *História das Artes na Antiguidade*<sup>232</sup>. A obra de Winckelmann marca uma ruptura em todo o sentido colecionista europeu, demonstrando que a perfeição original de beleza artística era proveniente da civilização grega.

Irrompe assim, como uma 'mania', o culto da Antiguidade, legitimando as pesquisas dos sábios (bem como a imitação dos seus testemunhos pelos artistas) e conduzindo as gentes de fortuna a visitar a Itália e a Grécia, e a despender imensas somas para formar colecções de estátuas antigas, bustos, lápides, moedas, vasos etc. Esta voga, também alargada ao espólio egípcio<sup>233</sup>,

---

*obra do bispo pacense, D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, 1946, p. 119) nem todas as estampas originais ali se encontram.*

<sup>231</sup> Vide *supra* Cap. III.

<sup>232</sup> J. J. Winckelmann, *Historia del arte en la antiguidad*, 1994; e Udo Kultermann, *Historia de la historia del arte. El camino de una ciencia*, 1996.

<sup>233</sup> Curiosa é a notícia transmitida de Londres a Cenáculo, pelo seu sobrinho, a propósito da 'pedra de Roseta': (...) hê a maior novidade literaria do momento que contem as inscriçoens de huma lapide trazida de rozetta pellos Ingleses e de que os Francezes sô tiraraõ copia. Sobre ela já publicou Mr. Ameilhon huma Dissertação anunciada no ultimo Correio de Londres, e hê curioza lapide por ser a inscripção

enformou a atitude das elites europeias em relação ao passado, passando-se a partilhar à escala do continente - graças a esta tendência classizante - uma mesma representação da história e um mesmo gosto - "À ce titre, il est une composante essentielle de la seconde unification culturelle européenne que parachève notamment la diffusion dans tous les pays de l'art néo-classique et la sécularisation de la morale des élites qui semblent attacher aux exemples des vertus romaines une valeur bien plus grande qu'à ceux, chrétiens, de la santeté" <sup>234</sup>.

Que Cenáculo tenha dado guarida nas suas colecções - ainda que em menor grau - a outras tipologias (de história natural e de arte, principalmente) não pode questionar esta linha de interpretação mas, isso sim, sublinhar a dimensão compósita que se encontra em qualquer outro coleccionador privado seu coetâneo e que correspondia, aliás, à visão do *Museo* como local ideal de (re)unificação dos saberes, 'microcosmos, espelho da criatividade divina' <sup>235</sup>. Conceção presente na *Oração (1791)*, texto atribuído a frei José de São Lourenço do Vale mas que - revisto e anotado pelo bispo - expressa bem o pensamento museológico cenaculano: "Todas estas grandezas se comprehendem no Museo, e não direi q.e o seo estudo he som.te o conhecim.to da Fisica natural, dos saes, sucos oleosos, pedras, petrificações, christaes, mineraes, metaes, plantas e todas as mais producções maravilhosas da natureza: eu me esqueço de todos estes magnificos objectos, ou melhor eu

---

concebida na lingua sagrada, e vulgar dos Egipcios, com huma versaõ em Grego por onde se exercitarã a sagacidade dos antiquarios para achar a chave da lingua yeroglifica" (*Carta de Francisco José Maria de Brito a Frei Manuel do Cenáculo (5 de Julho de 1803)*, BPE, CXXVII/1-8, Carta 1663). "O gosto pela colecção de objectos egípcios ou egipcizantes desenvolveu-se no séc. XVIII e ganharia incremento depois da expedição francesa do general Bonaparte ao Egipto (1798-1799), continuando os típicos *gabinetes* dos coleccionadores e dos antiquários a reunir antiguidades egípcias (com muitas falsificações à mistura) ao longo do séc. XIX" (Luís Manuel de Araújo, "O núcleo egípcio da colecção de antiguidades da Biblioteca Nacional", *Leituras. Revista da Biblioteca Nacional*, n.º 2, Primavera de 1998, p. 164).

<sup>234</sup> Krzysztof Pomian, *ob. cit.*, 1992, p. 65.

<sup>235</sup> Expressão utilizada para caracterizar as colecções de sir Hans Sloane, com as quais o Parlamento britânico instituiu o British Museum (Cfr. Wolfgang Emst, *La transition des galeries privées au musée public et l'imagination muséale: l'exemple du British Museum*, 1992, p. 157).

os ajunto todos num. O estudo do Museo he o estudo de todas as sciencias, para conhecermos a Deos e sua religião. (...) Em hum Museo há hua sciencia q.e encerra todas as outras. (...) He hum labyrintho de encanto em que a rezão se acha e a alma se ilustra, e a religião triunfa" <sup>236</sup>.

Fora um jovem de vinte e seis anos aquele que ao dobrar do século viajara até Roma, recolhendo dessa experiência primordial a marca duradoura das suas opções intelectuais, de sensibilidade, de gosto e de filosofia. Em digressão pelos grandes monumentos da cultura setecentista de Espanha, França e Itália - universidades, bibliotecas e museus - elaborará o núcleo fundamental do seu ideário <sup>237</sup>, como muitos anos depois ainda recordará: "A viagem a Roma em o anno de cincoenta [...] me fará sempre apregoar em quaesquer ramos de litteratura, que foi uma disposição efficacissima para o bem das lettras na Provincia. As famosas Bibliothecas, que se representarão à nossa curiosidade nas cidades eruditas da nossa passagem, levantarão milhares de idéas que se começarão a produzir, como o tempo hia permittindo" <sup>238</sup>.

<sup>236</sup> [Frei José de São Lourenço do Valle], *Oração do Museo dita a 15 de Março de 1791*, BPE, Manisola, Cód. 75, n.º 19. "Ce remarquable document est connu grâce à J. Leite de Vasconcelos [*Discurso de inauguração do Museu de Cenáculo em Beja em 1791*, 1896], qui en a publié quelques extraits (...) Depuis lors, le 'Discours' n'a plus été étudié, ce qui est étonnant, étant donné la rareté des textes et des documents sur l'histoire de la formation de collections et de la muséologie dans le Portugal du XVIIIe siècle. Le fait qu'il se trouvait à l'origine dans la bibliothèque d'un particulier [visconde da Esperança, na Quinta da Manisola], où a pu le lire Leite de Vasconcelos, et que ce fonds n'est entré que tardivement à la bibliothèque publique d'Évora, explique peut-être l'absence presque complète d'allusions à ce texte dans la bibliographie sur l'histoire de la muséologie au Portugal. (...) Nous préparons l'édition intégrale annoté de ce très important document." (F. A. Baptista Pereira, *Le rôle de l'Église dans la formation des premiers musées au Portugal à la fin du XVIIIe siècle*, 1995, Nota n.º 20).

<sup>237</sup> "O espírito de Cenáculo actualiza-se com as perspectivas rasgadas da mentalidade europeia dos meados de Setecentos (...) Roma era então, a meio do século XVIII, um centro activo de nova cultura, de intenso frémio intelectual; representava uma das mais acabadas expressões do Iluminismo Católico. A presença do Iluminismo no pensamento de Cenáculo verifica-se sobretudo a partir desta data, pela admissão daquelas grandes coordenadas de cultura, consideradas como as mais 'esclarecidas' e 'ilustradas' pelos reformadores de Setecentos" (F. Gama Caeiro, *ob. cit.*, 1959, pp. 35, 38)

<sup>238</sup> *Memórias históricas e Appêndix*, 1794, vol. 2, p. 200, *apud* F. da Gama Caeiro, *ob. cit.*, 1959, pp. 35-36. Desta viagem existe, do punho de Cenáculo, o *Diário do R. mo P. D. Fr. Joaquim de S. José na jornada q.e fez ao Cap.º G.al de Roma em 1750 (12 de Fevereiro a 19 de Julho de 1750)*, BPE, CVI/1-10 d.

Depois, durante mais de duas décadas - entre 1755 e 1777 - enquanto vai ocupando os mais elevados cargos na burocracia de Estado pombalina e na hierarquia eclesiástica <sup>239</sup>, reúne no Convento de Nossa Senhora de Jesus objectos de predilecção predominantemente antiquária (entre eles o já referido medalheiro catalogado por frei Vicente Salgado e frei Sebastián Sánchez <sup>240</sup>), e as primeiras telas de pinacoteca abundante mas de valor intrínseco muito variável <sup>241</sup>.

13. Já na Diocese de Beja - a ocupar finalmente a cadeira episcopal criada em 1770 - alargará o afã coleccionista aos espécimens dos três reinos da natureza, alimentando um hibridismo de gosto que deixará perplexos alguns dos seus colectores menos tocados pela dominante *philosophia natural*, como é perceptível em carta do arabista frei João de Sousa Damasceno: "Restame saber, se V. Ex.<sup>a</sup> faz Collecção de Conchas e outros mariscos; Cobras, peixes conservados na mesma pelle, e outros animaes; como tambem huma pequena criança conservada em spirito de vinho, para os remeter com o mais, que são alguns mineraes, petrificações, cristalizações, e Medalhas: Estas com os mineraes, e petreficações veem cada couza embrulhada em seu papel e explicada. (...)" <sup>242</sup>. Estende mesmo ao Real Museu de História Natural da Ajuda o seu interesse por este tipo de aquisições obtendo, através do empenho do sobrinho Francisco José Maria de Brito <sup>243</sup> junto de Vandelli, "nove

---

<sup>239</sup> Jacques Marcadé, *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas évêque de Beja, archevêque d'Evora (1770-1814)*, 1978.

<sup>240</sup> *Catalogo das medalhas que havia no Museo do Snr. Bispo de Beja em 1772*, BACL, Gab. 5, Est. 8, n.º 54.

<sup>241</sup> Cfr. Túlio Espanca, *As antigas colecções de pintura da livraria de D. frei Manuel do Cenáculo e dos extintos conventos de Évora*, 1949; *Idem*, *Espólio artístico de Cenáculo*, 1955-1956; e José Alberto Machado, *Um coleccionador português do século das luzes: D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, Arcebispo de Évora*, 1985.

<sup>242</sup> *Carta de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (1 de Julho de 1788)*, BPE, CXXVIII/1-4, Doc. n.º 50, p. 73.

<sup>243</sup> A abundante correspondência entre ambos encontra-se apresentada e publicada por Nuno Daupias D'Alcochete, *Humanismo e diplomacia. Correspondência literária de Francisco José Maria de Brito com D. Frei Manuel do Cenáculo (1789-1804)*, 1976. As

caixoens" com duplicados de "produções naturais", incluindo alguns diamantes  
244

O relacionamento com naturalistas estrangeiros também se encontra bem documentado no epistolário cenaculano <sup>245</sup>, chegando a receber no Alentejo - a pedido do aristocrata Alexandre de Sousa Holstein <sup>246</sup> - a visita do famoso mineralogista dinamarquês Abildgaard, hospitalidade que será recompensada com a oferta de "hum Pacote de Livros" q. o Professor Abilgaard [sic] (...) enviou de Copenhague para V. Ex.<sup>a</sup> <sup>247</sup>.

Há ainda o curioso caso de um alemão - de nome André Frederico - apresentado por João de Sousa como "naturalista", mas cujo perfil o situa entre o viajante-aventureiro, o mineralogista-amador e o *marchand* de 'produções da Natureza e da Arte', comercializando uma miscelânea de objectos que podia ir da escolhida colecção de 'pedras' às 'sagradas relíquias'. Já em tempos tinha sido fornecedor de Cenáculo, no convento lisboeta <sup>248</sup>, e esperava retomar um

---

cartas que se encontram na BPE e que respeitam ao coleccionismo, nomeadamente as que relatam as visitas de Brito ao British Museum e a outras colecções europeias encontram-se identificadas *infra* "Fontes e Obras de Consulta" e no vol. II, Anexo I, Ficha de Registo M15b'.

<sup>244</sup> Cfr. *Livro De Registo dos Decretos, Portarias, Avisos, e outras Regias Determinaçoes, que baixão ao Real Jardim Botanico, Laboratorio Chimico, Musêo, e Casa do Risco (1796)*, MCUL (Museu de Ciência da Universidade de Lisboa), Inv. N.º 55.

<sup>245</sup> Cfr. *Carta do Barão de Hupsch a Frei Manuel do Cenáculo (17 de Julho de 1771)*, BPE, CXXVII/1-4, Carta 566, à qual fazemos referência *supra* Cap. IV; e *Carta de Frederic North a Frei Manuel do Cenáculo (1 de Abril de 1788)*, BPE, CXXVII/1-10, Carta 1866. North era também correspondente de Vandelli, nomeadamente em matérias botânicas (Cfr. *supra* Cap. VI).

<sup>246</sup> "(...) me animo a hir à prez.<sup>a</sup> de V. Ex.<sup>a</sup> ao fim de apresentar nella o Portador desta Carta Sr. D.tor Abilgaard medico Dinamarq.s e meu particular Am.º He este sug.to tão erudito em todas as Sciencias Naturais cuja paixão he o objecto da sua actual viagem; e he por todas as demais qualid.s tão digno da estimação de todos os q. o conhecem q. espero V. Ex.<sup>a</sup> me desculpe tão bem por esse lado, antes approve, a libar.de q. eu tenho em lho apresentar" (*Carta de Alexandre de Sousa Holstein a Frei Manuel do Cenáculo (22 de Março de 1794)*, BPE, CXXVII/1-1, Carta 19).

<sup>247</sup> *Carta de Alexandre de Sousa Holstein a Frei Manuel do Cenáculo (14 de Julho de 1795)*, BPE, CXXVII/1-1, Carta 20.

<sup>248</sup> "Elle por ora esta de assistencia neste Conv.to de cama e meza; porem não tem experimentado aquelle agazalho que recebera de V. Ex.<sup>a</sup> em outro tempo, e não sessa de lamentar a auzencia de V. Ex.<sup>a</sup>" (*Carta de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (28 de Novembro de 1780)*, BPE, CXXVIII/1-4, Doc. n.º 35).

frutuoso comércio oferecendo agora ao bispo de Beja: "Alem dos Mineraes, Pedras presiozas, Caixas p.<sup>a</sup> tabaco de pedras, m.tas Medalhas antigas, e maior parte do Egipto, tras huma reliquia da Varonica do Senhor, p.<sup>a</sup> V. Ex.<sup>a</sup> e diz que a elle custara outenta sequinos que fazem 130 000 reis, e que faz gosto que V. Ex.<sup>a</sup> fique com ella, e pelo mesmo custo, e que para outra pessoa não a dava por este preço (...)" <sup>249</sup>.

Pese embora o tributo assim pago à retórica museológica naturalista (para além dos nunca interrompidos investimentos em espécies pictóricas), o melhor da energia criativa de Cenáculo dirigir-se-á - durante os quase trinta anos em que pastoreou a Diocese pacense (1777-1802) - para a descoberta e estudo da cultura material 'antiga'. E, se não publicou coisa alguma sobre epigrafia, o seu contributo científico não terá sido despiciendo já que - como fez notar o arqueólogo alemão Emílio Hubner <sup>250</sup> - coligiu as antiguidades dispersas e esquecidas nesta parte do território nacional <sup>251</sup>, deixando úteis referências e informações nos *Cuidados Literários* (1791) e no caderno com desenhos e notas intitulado *Santo Sizenando. Beja Sua Patria* (1800) <sup>252</sup>, ainda selectivamente utilizados em finais de oitocentos por Estácio da Veiga <sup>253</sup>.

<sup>249</sup> *Idem, ibidem*. Sabemos que também tentou, aparentemente sem sucesso, vender a colecção mineralógica ao rei "para se repartirem pelo Muzêo da Universidade, e Academia das Sciencias" (*Carta de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (s/d)*, BPE, CXXVIII/1-4, Doc. n.º 16, p. 26). Mas, por outro lado, comprova-se que as colecções do convento de Jesus, de que falámos a propósito de José Mayne, foram enriquecidas com alguns destes objectos: "O P.e G.al depois de lhe escolher 260 peças de Mineraes entre grandes e pequenas, quinze caixas p.<sup>a</sup> tabaco de pedras excellentes, hum Saquinho de Medalhas, e outra pedras Lapidadas grandes, e pequenas, e fazendo o homem a Sua conta pelo groço montava perto de 80 moedas lhe deu doze moedas, dizendo-lhe que recebe aquillo por ora, e que o depois fallarião" (*Carta de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (12 de Novembro de 1780)*, BPE, CXXVIII/1-4, Doc. n.º 18, p. 29).

<sup>250</sup> *Noticias archeologicas de Portugal*, 1871.

<sup>251</sup> Abordando esta temática, existe um manuscrito intitulado *Livro das Antiguidades da cidade de Beja, e de outras particulares dependentes dellas*, composto por Vasco Freire em data compreendida entre 1612 e 1621 e depositado nos Reservados da Biblioteca Nacional, Cod. 885.

<sup>252</sup> Depositado nos Reservados da BPE, com a cota CXXIX/1-10 e transcrito na íntegra por Manuel Joaquim Delgado, *Sizenando Mártir e Beja sua Pátria*, 1946-1949. Também fazem parte deste acervo dois albuns de consulta obrigatória: *Inscrições do Museu Sizenando Cenaculano Pacense*, CXXIX/1-13; e *Album de antiguidades*



Datam da década de oitenta alguns testemunhos de eruditos nacionais e estrangeiros que visitavam o Gabinete do Paço episcopal - local onde, até 1791, se iam acumulando os objectos provenientes desta incessante actividade arqueológica e colecionista - e se compraziam com as 'notícias' prometidas pelas recolhas cenaculanas. Frei Vicente Salgado ao compor as *Memorias ecclesiasticas do Reino do Algarve* dedica-as justamente ao labor intelectual do bispo de Beja e recorda que vira no gabinete pacense uma "Medalha da Ossobona (....) Entre as muitas curiosidades, que [Cenáculo] tem ajuntado das vizinhanças daquela Cidade [Beja]". Aproveita a referência para ajuntar, em nota, um rasgado elogio ao seu Mestre inspirador: "Nunca será assás louvado o zelo, e affecto deste sabio, e erudito Prelado ás Antiguidades, e bellas Artes. Os seus vigilantes cuidados nesta illustração scientifica não tem sido infructiferos. Além de muitas preciosidades Romanas, de que sujeito habil fará a descripção, eu vou sómente lembrar os dignos monumentos, que este anno de 1783, lhe descubrio o mero acaso"<sup>254</sup>.

Nesse mesmo, ano coligindo textos sobre as antiguidades de Évora da autoria de eruditos quinhentistas e seiscentistas, o professor de *philosophia racional* Bento José de Sousa Farinha (m. 1820) estabelece significativa afinidade de interesses entre o humanista André de Resende (1500-1573) - que recolhera nas "suas cazas" vestígios materiais 'antigos' - e o bispo setecentista que ostentava uma das 'pedras' deste espólio renascentista no seu

---

*lusitanas e luso-romanas, etc. de Fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas, CXXIX/1-14, "Lapides do Museo Sesinando Cenaculano Pacense". "Cenáculo tinha (....) reunido no palácio episcopal de Beja uma colecção de perto de cento e sessenta lápides de toda a sorte, incluindo alguns fragmentos de escultura e de architectura, assim como uma série de inscrições da Idade Média e Modemas. Na Biblioteca Pública por ele fundada e doada à cidade de Évora existem, (....) com o título de Museu Sisenando Cenaculano Pacense, desenhos exactos de todas as ditas inscrições, feitos, ao que parece, por Felix Caetano da Silva, e acompanhados das absurdas explicações de José Lourenço do Vale, antigo monge de Cister" (E. Hubner, ob. cit., 1871, pp. 37-38).*

<sup>253</sup> *Antiguidades monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*, vol. IV, 1891, pp. 195- 210. Vide também A. Filipe Simões, *Introdução á Archeologia da Peninsula Iberica*, 1878, pp. 5, 119, 162; Gabriel Pereira, *Notas d'Arqueologia*, 1879, pp. 8-13, e o texto de J. Leite de Vasconcelos, (editado no *Archeologo Português* e republicado no *Arquivo de Beja* por Abel Viana, em 1946) *A arqueologia do Baixo Alentejo na obra do bispo pacense, D. frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas*.

<sup>254</sup> 1786, pp. 129-130.

Gabinete, assim acentuando a pertença comum à tradição clássica: "Vi já nos Paços do Excellentissimo e Reverendissimo Bispo de Beja esta pedra [do séc. VI ] servindose este muy sabio Prelado por sua muita humanidade de me mostrar outros letreiros, moimentos, Idolos, architecturas, alvanarias, urnas, medalhas, e muitas outras peças Romanas de seu Gabinete e Galeria" <sup>255</sup>.

De dois viajantes estrangeiros - o eclesiástico espanhol, F. Pérez Bayer (1782) <sup>256</sup> e o arquitecto irlandês James Murphy (1790) <sup>257</sup> - chegaram-nos também descrições e desenhos das colecções pacenses que, mais do que carream dados novos, servem sobretudo como ilustração dos laços culturais mantidos por Cenáculo com sábios e coleccionadores europeus <sup>258</sup>.

<sup>255</sup> *Colleçam das antiguidades de Evora escriptas por Andre de Rezende, Diogo Mendes de Vasconcellos, Gapar Estaço, Frei Bernardo de Brito e Manoel Severim de Faria, 1785, p. 100.*

<sup>256</sup> *Diario das primeiras viagens que fez pelas terras de Portugal. 1782, 1920, pp. 123-127.*

<sup>257</sup> *Travels in Portugal; through The Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem - Tejo, in the years 1789 and 1790. Consisting of observations on the manners, customs, trade, public buildings, arts, antiquities, etc, of that Kingdom, 1795, pp. 297-302. "O célebre escritor irlandês James Murphy está actualmente em Lisboa. Não há muito tempo ainda que travei relações com ele numa casa de pasto onde costume ir jantar. É homem de cerca de 40 anos, ao que parece, e de maneiras naturais, alegre, polido e amável" (C. I. Ruders, *Viagem em Portugal (1798-1802)*, 1981, pp. 174-175).*

<sup>258</sup> É a este propósito muito revelador o comentário que o sobrinho de Cenáculo faz, a partir de Paris, da tradução francesa da obra de Murphy e da importância que ela poderia ter na divulgação do património histórico-cultural da diocese "(...)Tomo a liberdade de oferecer a Viagem de Murphy traduzida, e com tanto mais gosto que nela se achão inculpadas algumas antiguidades da colleção de V. Ex.<sup>a</sup>; bom serà que este exemplo desperte a curiosidade, e o dezejo de buscar, de colligir, e de estampar as preciozidades literarias. Em Pariz conheci, e tratei hum homem mui erudito chamado Millin, o conservador da Bibliotheca Nacional que se propoz colligir, e publicar a colleção de todos os monumentos da arte antiga e moderna que escaparaõ ao vandalismo revolucionário, e se achão agora dispersos (...)" (*Carta de Francisco José Maria de Brito a Frei Manuel do Cenáculo (19 de Setembro de 1797)*, CXXVII/1-8, Carta 1648); "(...) Sinto que Murphy omitisse, ou não houvesse noticia de boas couzas que podia retirar dessa Cidade, e da dioceze de V. Ex.<sup>a</sup>, mas em quanto v. Ex.<sup>a</sup> não publica a sua colleção, podiaõse ao menos inserir pequenos extractos, e ainda reflexoens sobre o que Murphy escreveu, as quaes de boa vontade Millin publicaria no seu Jomal literario, de que remeto a V. Ex.<sup>a</sup> hum caderno. Parece-me este meio não sò facil, mas conveniente para capacitarmos os estrangeiros que sendo reaes suas obras, hà em Portugal quem as avalie, e que o silencio dos nossos prelos não provem da falta de applicação, ou de aproveitamento literario (...)" (*Carta de*

Quando no final do ano de 1800, depois de ter visitado o Alentejo, o académico galego José Cornide y Saavedra escreve ao bispo de Beja deixando simpáticas referências ao emblemático 'Templo de Diana' eborense e ao "precioso Museo de V. Ex.<sup>a</sup> " <sup>259</sup>, já o acervo cenaculano tinha saído do Gabinete da Sé para se expor publicamente na vizinha igreja de S. Sisenando, com inauguração solene a 15 de Março de 1791.

Que o pretexto próximo para a deslocação física dos objectos (colecção numismática de cerca de sete mil exemplares <sup>260</sup>, cento e sessenta lápides, cipos, colunas e fragmentos de escultura e de arquitectura, assim como uma série de inscrições da Idade Média e Moderna, além de espécimens naturais) <sup>261</sup> tenha sido a circunstância de, volumosos e pesados, exigirem depósito mais espaçoso, não pode questionar a dimensão sentimental, histórica e didáctica que o bispo de Beja quis transmitir ao novel *Museu Sisenando Cenaculano Pacense*: "O estudo do Museo he hua disposição para qualquer homem ser completamente Sabio. Hua raridade deve preparar o animo p.<sup>a</sup> outra raridade. Hera perciso q.e o Ex.mo Sr. Bispo de Beja, de quem somos fortunados subditos, preparasse hum Museo p.<sup>a</sup> ver nascer ingenhos raros deste fecundo paiz. (...) Ele he quem primeiro faz com groças despezas transportar das trez partes do mundo desconhecidas curiosidades, busca raridades da natureza nas entranhas da terra, e ajunta toda a antiguidade dos mais remotos seculos (...) «Eu vos offreço hum rico Museo p.a q.e tambem estudeis nelle, meo disvello merece o vosso reconhecimento». Eis aqui aquellas coizas que estavam no meio de vós, e q.e vós não conhecieis, he hua luz de conhecimentos e de saber. Essas pedras quebradas, dinheiros pizados, letras

---

*Francisco José Maria de Brito a Frei Manuel do Cenáculo (23 de Novembro de 1797), CXXVII/1-8, Carta 1649).*

<sup>259</sup> *Carta de José Cornide y Saavedra a Frei Manuel do Cenáculo (30 de Dezembro de 1800), BPE, CXXVII/2-3, Carta 2851.*

<sup>260</sup> Baltazar da Silva Lisboa, *ob. cit.*, 1786, p. 17; e José Leite de Vasconcelos, *Da numismática em Portugal*, 1923, pp. 115-119.

<sup>261</sup> A. Filipe Simões, *O museu do bispo de Beja*, 1868, pp. 76 e sgs.; e E. Hubner, *ob. cit.*, 1871, pp. 37-38.

desconhecidas, e peças desenterradas são preciosos meios q.e conhecendo-os vós sabereis o muito q.e se ignora" <sup>262</sup> .

O epistolário continua entretanto a testemunhar uma intensa actividade colecionista durante os últimos anos passados na diocese alentejana, podendo servir de exemplo as cartas que lhe são endereçadas uma, em 1792, por João José Pinto Vasconcelos <sup>263</sup> - sugerindo-lhe a compra de uma colecção de cento e vinte e seis medalhas grega e romanas, além de "hua concha do Malabar q. levará bons dois barriz de agoa, de cor cinzento azulado" <sup>264</sup> - e, outra, em 1796, de Manuel de Vilhena Mouzinho que, de Madrid, lhe envia raridades artísticas e antiguidades: "un caxoncinho, que levava huma fermoza Bacanta y tres cabezas de Imperadores de marmol antiguas, un canudo de folha de Flandrez com pa.te de hua carta de S. Fran.co Xavier" <sup>265</sup> .

14. A morte do arcebispo de Évora, D. Joaquim Xavier Botelho de Lima, ocasionará a eleição de D. Manuel do Cenáculo Vilas Boas como seu sucessor, em Março de 1802. Ao ocupar o Paço arquiiepiscopal, trará consigo os tesouros mais valiosos do seu universo colecionista, não só os que mantinha no Gabinete particular na Sé de Beja, como igualmente tudo o que conseguiu deslocar da igreja de S. Sisenando <sup>266</sup> . O que é forçoso concluir deste facto é que a natureza 'pública' do *Museu Sisenando* - tão incensada na

<sup>262</sup> [Frei José de São Lourenço do Valle], *Oração do Museo dita a 15 de Março de 1791*, BPE, Manisola, Cód. 75, n.º 19.

<sup>263</sup> Foi Secretário do governo de Angola e cônsul na Dinamarca (Cfr. Inocêncio F. da Silva, *ob. cit.*, t. III, 1859, pp. 393-394).

<sup>264</sup> *Carta de João José Pinto Vasconcelos a Frei Manuel do Cenáculo (25 de Junho de 1792)*, BPE, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 6.

<sup>265</sup> *Carta de Manuel de Vilhena Mouzinho a Frei Manuel do Cenáculo (16 de Agosto de 1796)*, BPE, CXXVII/2-9, Carta 3821.

<sup>266</sup> "Malheureusement, le musée Sésinando pacense ne survécut pas au départ de son fondateur, bien que quelques tableaux et une partie de la collection lapidaire se trouvent aujourd'hui au musée régional de Beja" (F. A. Baptista Pereira, *ob. cit.*, 1995).

*Oração*<sup>267</sup> - não implicara afinal a propriedade plena por parte da diocese (ou de qualquer outra instituição da cidade), mas tão só a permissão episcopal à fruição colectiva dos objectos exibidos enquanto ali durasse a presença do bispo<sup>268</sup>.

Três anos depois, em Évora, Cenáculo tinha já concluído a tarefa de reorganização da livraria e do museu, acomodados em edifício vizinho do Paço, no primitivo Colégio dos Meninos do Coro da Sé<sup>269</sup>. Quais seriam as colecções depositadas neste novo espaço museal, inaugurado em Março de 1805<sup>270</sup>, sabemos-lo pela pena do secretário da Academia das Ciências, Aragão Morato, ao traçar o elogio póstumo do ilustre consócio: "uma Colecção de muitas pinturas (...) sendo muitas de grande estimação, por serem veras effigies de personagens ilustres; uma Colecção de raridades históricas, naturais e artificiais; uma numerosa e rica colecção de medalhas de todos os metais, romanas, portuguesas, e de outras nações: a qual seria mais copiosa, se não houvesse sido em grande parte roubada pelo exercício inimigo na invasão de Évora"<sup>271</sup>.

<sup>267</sup> "Eu busco desde os primeiros dias do mundo hum homem que em Portugal offrecesse hum publico Museo: busco-o entre os Monarcas, entre os Prelados, entre os Nobres e ricos. Porem inutilmente o busco. O Ex.mo Snr. Bispo de Beja he o primeiro q. e o conhece, e o primeiro que o faz conhecer" ([Frei José de São Lourenço do Valle], *Oração do Museo dita a 15 de Março de 1791*, BPE, Manisola, Cód. 75, n.º 19).

<sup>268</sup> Donde, ser difícil aceitar em toda a sua extensão a parte do elogio, na Academia das Ciências, que assegura que: "Com que outro fim trabalhou o Sr. Bispo de Beja por desentranhar da terra um grande número de lápides, cipos, sarcófagos, lanternas sepulcrais, e outros monumentos da antiguidade, entre eles uma elegante estátua de Cibeles, senão para enriquecer em benefício público o Museu da sua Igreja, e para ilustrar a antiga história do território a que presidia?" (F. M. Trigoso de Aragão Morato, *ob. cit.*, 1815, pp. XCIV-XCVII).

<sup>269</sup> Cfr. Gabriel Pereira, *Bibliotheca Publica*, 1947 [1886]; e Túlio Espanca, *O antigo paço arquiiepiscopal de Évora*, 1951.

<sup>270</sup> "7 de Dezembro de 1804. Fui levar o painel do Senhor entre os doutores no templo e colocá-lo na frontaria da Biblioteca. Por ser o orago da casa e museu, e festegei assim o aniversário da minha saída de Lisboa. (...) 6 de Março de 1805, meu aniversário, se abriram na livraria os primeiros caixotes de livros" (Frei M. do Cenáculo, *Diário*, apud G. Pereira, *Bibliotheca Pública*, 1947 [1886], p. 113).

<sup>271</sup> *Ob. cit.*, 1815, pp. XCIV-XCVII.

Também na cidade alentejana se fez sentir a violência dos exércitos invasores quando - nos três últimos dias de Julho de 1808 - do saque generalizado perpetrado pelas tropas do general Loison foi vítima maior o Paço arquiiepiscopal, tendo sido roubados ou destruídos alguns dos objectos mais valiosos do Museu, incluindo grande parte do monetário <sup>272</sup>.

No termo de um vida longa de quase noventa anos, Cenáculo terá ainda o fulgor de uma decisão notável ao fazer perpétua doacção da Livraria Eclesiástica Pública, e do seu Museu, à Igreja Metropolitana de Évora. Deste modo, a provisão e estatutos da nova instituição cultural eborense (dados a 21 de Setembro de 1811 <sup>273</sup>) ao disporem o espólio cenaculano ao "uso e ilustração do seu Clero e dos povos daquela Diocese e Província", asseguravam a continuidade patrimonial das colecções e garantiam o carácter público e permanente do seu usufruto <sup>274</sup>.

---

<sup>272</sup> "Fiquei sem (...) todo o copioso Monetario que a tanto custo tinha juntado, para deixar juntamente com a grande Livraria que tenho edificado (...), tudo quanto era ouro e prata foi saqueado, como também rasgados os livros e feitos em pedaços os manuscritos, quebrando as mais pequenas e delicadas peças do museu natural e artificial, unicamente para levarem alguns pequenos remates de prata e oiro, fazendo em pedaços imagens de Cristo e Santos, enfim, reduzindo tudo a um estado de fazer lástima ainda a quem não é curioso" (Frei Manuel do Cenáculo, *Memoria descritiva do assalto, entrada e saque da cidade de Évora pelos franceses em 1808*, 1887, p. 15). Sobre os acontecimentos relacionados com a presença francesa na cidade, veja-se (apesar de testemunho inflamado e pouco isento) José Joaquim da Silva, *Evora Lastimosa pela Deploravel catastrophe do Fatal Triduo de 29, 30 e 31 de Julho de 1808*.

<sup>273</sup> "Cenáculo avaliava a sua biblioteca e museu em 300 00 cruzados: diz ele que não podia deixar á cidade e á sua diocese jóia nem mais útil nem de maior valor" (G. Pereira, *ob. cit.*, 1947, p. 121)

<sup>274</sup> Contributos para o esclarecimento (por enquanto incompleto) do lugar dos objectos originariamente cenaculanos nas colecções actuais do Museu de Évora podem ser encontrados em José Alberto Machado, *Um coleccionador português do século das luzes: D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, Arcebispo de Évora*, 1985 e António Alegria, *Colecção, coleccionadores. A colecção de Cenáculo*, 1998.

### 15. Os gabinetes de medalhas e antiguidades de João Vidal da Costa e Sousa e da Livraria Pública

A vida pública de João Vidal da Costa e Sousa, colecionador e celebrado *connaisseur* da "sciencia numismatica", encontra-se largamente documentada nos periódicos da capital e na correspondência com Cenáculo, sendo assim possível seguir-lhe o rasto profissional - depois de formado em Leis - que o conduzirá sucessivamente a ocupar os cargos de secretário da Real Mesa Censória <sup>275</sup>, Juiz de Fora, na Golegã (1771) <sup>276</sup>, Corregedor, em Portalegre (até 1786) <sup>277</sup>; Superintendente dos Tabacos no Algarve e Juiz da Alfandega, em Faro (1786) <sup>278</sup>; Desembargador da Relação do Porto (1796) <sup>279</sup>; Intendente

<sup>275</sup> "Logo depois que o supp.e chegou da Universidade, teve a honra de ser aprovado por V. Ex.º para Official da Secretaria da Real Meza Censoria, entendendo em tudo o que diz respeito à Bibliotheca, e Cartorio do mesmo Tribunal em cujo exercicio se persuade ter enchido perfeitam.te as suas obrigações" (*Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Fei Manuel do Cenáculo (s/d)*, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 55).

<sup>276</sup> Cfr. *Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Fei Manuel do Cenáculo(s/d)*, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 55. Sabe-se que também serviu em Aveiro, provavelmente como Juiz de Fora e antes de 1782: "Devo tambem participar a V. Ex.ª que nos annos, em q. servi em Aveiro alcancei pelas Provincias do Norte mais de 400 Medalhas diversas bem conservadas, Consulares a maior p.te; muitas, alem destas de cobre, e algumas de ouro. Há pouco fiz presente á Academia de hua Arabe de ouro, grande (...) era das mais raras, e antigas das descubertas em Portugal" (Cfr. *Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (10 de Janeiro de 1782)*, BPE, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 19).

<sup>277</sup> Cfr. *Almanach de Lisboa para o anno de 1786*.

<sup>278</sup> "S.M. attendendo ao bem que a tem servido o Bacharel João Vidal da Costa Sousa, houve por bem, por Decreto de 11 do corrente, fazer-lhe mercê do lugar de Superintendente dos Tabacos do Reino do Algarve, com predicamento do primeiro Banco, para o servir por tempo de 3 annos, e o mais que decorrer, em quanto não mandar o contrario. E por outro Decreto da mesma data foi a mesma Senhora servida que o dito Bacharel, em quanto servir o referido lugar, sirva tambem o de Juiz d' Alfandega da cidade de Faro (...) (*Gazeta de Lisboa*, 21 de Janeiro de 1786, 2º suplemento); "Gabinetes de Medalhas ou Antiguidades. De Joaõ Vidal de Sousa, Juiz da alfandega em Faro." (*Almanach de Lisboa para o anno de 1788*, p. 328); "De Joaõ Vidal Costa de Sousa, Superintendente do Tabaco no Algarve e Juiz da Alfandega em Faro." (*Almanach de Lisboa para o anno de 1789*, p. 326-367).

<sup>279</sup> Cfr. *Almanach de Lisboa para o anno de 1796*. Nesse mesmo anno recebe a Ordem de Cristo: "Por decreto de 23 de Dezembro de 1796 S. M. tendo consideração aos muitos e distintos serviços, que lhe tem feito o Desembargador João Vidal da Costa e Sousa nas diferentes Commissões, de que pública e particularmente o tem

Geral da Polícia do Exército e Superintendente Geral dos Víveres do Exército (1797)<sup>280</sup>; Juiz das Dívidas Reais (1802)<sup>281</sup>.

O convívio do jovem Vidal com Cenáculo - então Presidente da Real Mesa Censória - revelar-se-ia decisivo no gosto pelos *monumentos materiais da Antiguidade*, especialmente em matéria de moedas de que se tornaria um dos peritos mais respeitados do seu tempo ombreando com os nomes de António Ribeiro dos Santos, João de Magalhães e Avelar, João de Sousa Damasceno e João Pedro Ribeiro (m. 1839)<sup>282</sup>.

O reconhecimento desta influência intelectual estará sempre presente num abundante epistolário onde circulam inumeráveis informações, pareceres, propostas de aquisição de novos espécimens numismáticos, envio de catálogos e oferta de antiguidades para os museus do eclesiástico coleccionador: "(...) se eu oferecesse a V. Ex.<sup>a</sup> alguma moeda antiga q.do me encarreguei de as descobrir m.to pouco teria V. Ex.<sup>a</sup> q. agradecer-me: Agora porem q. me acho bastantem.te instruido na materia numismatica tenho a satisfação de conhecer perfeitam.te todo o valor de qualq.er q. o tempo, e a m.<sup>a</sup> incansavel delig.<sup>a</sup> me der occasiaõ de offerecer a V. Ex.<sup>a</sup> . Por esta razaõ, naõ posso vencer a impaciencia com q. estou de fazer passar as maõs de V. Ex.<sup>a</sup> a medalha mais preciosa, q. tenho descoberto. (...)"<sup>283</sup>.

---

encarregado, tendo muito na lembrança a boa, fiel e zelosa Administração da Commenda de Mertola, foi servida gratificallo com a Mercê do Habito da Ordem de Cristo" (*Gazeta de Lisboa*, 14 de Fevereiro de 1797).

<sup>280</sup> "S. M., por Carta Régia, dirigida ao Desembargador da Relação do Porto João Vidal da Costa e Sousa, na data de 5 de Janeiro de 1797, houve por bem nomeallo Intendente Geral da Policia do seu Exercito, e Superintendente Geral dos viveres do mesmo (...). (*Gazeta de Lisboa*, 30 de Maio de 1797).

<sup>281</sup> "Juizo das Dividas Reaes preteridas (...) em casa do Juiz Executor o Desembargador João Vidal da Costa e Sousa, na rua da Fabrica da Seda" (*Gazeta de Lisboa*, 10 de Agosto de 1802).

<sup>282</sup> "(...) que unicamente devia a V. Ex.<sup>a</sup> a applicaçã á Ciencia Numismatica" (*Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo* (10 de Janeiro de 1782), BPE, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 19).

<sup>283</sup> *Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo* (s/d), BPE, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 13.



O Gabinete de Medalhas e Antiguidades de João Vidal aparece citado pela primeira vez no *Almanach de Lisboa* em 1788<sup>284</sup>, mas a posse de numofilácio é seguramente anterior justificando a elaboração de um "Catalogo das Medalhas, que adquiri no anno de 1782, todas bem conservadas (...)" e que remete ao bispo de Beja<sup>285</sup>. Ainda que a dominante tipológica neste colecionador seja distintamente a medalhística, é possível comprovar que se interessou por outros testemunhos materiais antigos não tendo sequer descurado a actividade arqueológica a ponto de contribuir com alguns achados romanos para as colecções pacenses: "Tambem offereço a V. Ex.<sup>a</sup> os pequenos pedaços de bellos Marmores verde antigo, e roxo achados por mim nas ruinas do Templo de Milreu, de que fez menção o P.e M.e Fr. Vicente Salgado a pag. 86 do seu 1º tomo da s. Memorias Ecclesiaticas, assim como doze pedaços do xadrez de pedrinhas (...)"<sup>286</sup>.

Surge, desde os primeiros anos da fundação, associado à Academia das Ciências de Lisboa - para onde entrara pela mão do próprio presidente, João Carlos de Bragança<sup>287</sup> - sabendo-se que aqui apresentou comunicações eruditas e ajudou a enriquecer o espólio numismático do Museu académico<sup>288</sup>. Contudo, a sua maior reputação numismática advem-lhe do protagonismo desempenhado - como veremos - na aquisição do monetário Fontenelle (1802-

<sup>284</sup> Em 1802 o Gabinete situa-se na sua residência, Rua da Fábrica das Sedas. Cinco anos depois, o desembargador João Vidal habita a Rua de S. Bento (Cfr. Gustavo de Matos Sequeira, *Depois do terramoto*, 1916, vol. II, p. 107).

<sup>285</sup> *Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (15 de Março de 1788)*, BPE, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 29.

<sup>286</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>287</sup> " (...) Procurando ali [Lisboa] ao Sr. Duque de Lafões, que antes me havia escolhido para Academico" (*Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (10 de Janeiro de 1782)*), BPE, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 19).

<sup>288</sup> "[Sessão da Academia das Ciências de 4 de Julho de 1798] O Desembargador João Vidal da Costa e Sousa leu a traducção das Legendas de duas moedas Arabes; e da Inscriçãõ de hum anel tambem Arabe, que fora achado com huma das ditas moedas na elevaçãõ já mencionada" (*Gazeta de Lisboa*, 7 de Julho de 1798, 2º suplemento); Existem na BPE, citado por J. Leite de Vaconcelos, *ob. cit.*, 1923, p. 184, umas *Observaciones sobre una moneda de ouro (arabe) remetida desde Sevilla al Desembargador João Vidal da Costa e Souza, y presenteada por este en la Real Academia de las ciencias de Lisboa en 14 de mayo de 1800*. O *Almanach* começa a referir-se a um Gabinete de Medalhas da Academia apenas a partir de 1814.

1803) para o Gabinete de Medalhas e Antiguidades da Real Biblioteca Pública da Corte <sup>289</sup>.

16. A conclusão do longo e atribulado processo de compra do valioso monetário - propriedade do gravador de pedras preciosas da Casa Real de Espanha, José Fontenelle - destinado a ser exibido no 'Museo de Antiguidades' da Livraria Pública, sela um ciclo percorrido pela ideia de biblioteca/museu cuja filiação intelectual radicava numa proposta cenaculana da década de setenta.

Foi Manuela Domingos a primeira, cremos, a chamar justamente a atenção para a novidade conceptual patente no *Projecto sobre o Estabelecimento dos Estudos Menores (3 de Agosto de 1772)*, apresentado por frei Manuel do Cenáculo à Mesa da Comissão Geral do Exame e Censura dos Livros, a que presidia <sup>290</sup>.

Idealizando a edificação de uma Biblioteca Pública a partir do riquíssimo acervo da Real Mesa Censória <sup>291</sup>, o franciscano defendia - na parte relativa às aplicações do financiamento proveniente do Subsídio Literário - que se perfilhasse uma política de aquisições capaz de "formar não somente huma das Primeiras Bibliothecas da Europa, mas tambem que seja decorada de preciosos Manuscriptos, e dos Livros mais raros, e escolhidos" <sup>292</sup>. Mas a originalidade da proposta residia no ponto seguinte, ao dispor parte das verbas

---

<sup>289</sup> *Carta de João Vidal da Costa e Sousa a António Ribeiro dos Santos (10 de Abril de 1803)*, BN, Arquivo Histórico, Cx. 01, Doc. 18; e *Carta de José Fontenelle para João Vidal da Costa e Sousa (3 de Janeiro de 1804)*, Arquivo Histórico, Cx. 02, Doc. 24.

<sup>290</sup> ANTT, Ministério do Reino, Mesa da Comissão Geral do Exame e Censura dos Livros, Livro 362, fls. 109 v - 116 v.

<sup>291</sup> "Foi (...) na Biblioteca da Real Mesa Censória que convergiram todos os seus planos [de Cenáculo] - conceptuais e funcionais - para a edificação da Biblioteca Pública que ansiava para o país, mais ainda porque quase todas as grandes bibliotecas particulares e conventuais - incluídas as que abriam as portas aos estudiosos - tinham desaparecido com o terramoto, tal como a Biblioteca Real, depois de atingido o auge da sua grandeza com D. João V" (Manuela Domingos, *Para a história da biblioteca da Real Mesa Censória*, 1992, pp. 138-139).

<sup>292</sup> ANTT, Ministério do Reino, Mesa da Comissão Geral do Exame e Censura dos Livros, Livro 362, fls. 114-114 v.

do imposto público para assegurar a dimensão museológica que o novo equipamento cultural também haveria de cumprir: "Segunda Applicaçãõ: A compozição de hum *Muzeo de Raridades*, para o que daõ hoje Exemplos, e estímulos de Sciencia e de Paixão as Nações Cultas; mas que brevemente hajaõ de receber os mesmos, e mais significantes exemplos desta Capital" <sup>293</sup>.

Até que ponto o poder político pombalino chegou a considerar seriamente a construção em Lisboa de um edifício dedicado a albergar espécimens *documentais e monumentais* <sup>294</sup> dá conta o testemunho do Provincial andaluz da Ordem Terceira de S. Francisco, Rafael Rodríguez Mohedano. Escrevendo de Lisboa, a 13 de Julho de 1773, informava um amigo, Fernando José de Velasco, que "ahora se va á construir un sobervio edificio para Biblioteca Real y Museo. En todo el Reyno domina ya un mismo espiritu en punto de letras" <sup>295</sup>.

Já se acentuou anteriormente que o núcleo mais inovador do ideário cultural de Cenáculo - que o induzirá à condição de "semeador de bibliotecas" <sup>296</sup> - era tributário da indelével experiência intelectual colhida na digressão a Itália. Bibliotecas que - já o vimos no Convento de Jesus, em Beja e em Évora - contemplavam invariavelmente um espaço museal, em coerência aliás com o pensamento pedagógico bem expresso nos *Cuidados Literarios* (1791), ao aconselhar na formação da mocidade: "assistência frequente em Livrarias e Museus, onde concorrão sábios a quem se escute; pois estas casas são na verdade feliz escola de aprender costumes e erudição, e de se convencerem os homens ser-lhes necessário ter olhos bem ajustados aos objectos, seja nas Faculdades Maiores, seja nas Boas Letras, seja nas ocasiões de verem

<sup>293</sup> *Idem, ibidem*. É igualmente significativo do gosto naturalista que se ia insinuando junto das elites cultas, que destine uma outra aplicação de verbas para "a cultura de hum Hôrto Botanico".

<sup>294</sup> Projecto abandonado por dificuldades financeiras, no princípio do reinado de D. Maria I - aliás gerais - que se reflectiram em todos os planos de reconstrução da Baixa Pombalina.

<sup>295</sup> Carta transcrita por Marie-Hélène Piwnik in *Quatre religieuses espagnoles au Portugal*, 1978-1979, p. 70.

<sup>296</sup> "«O maior semeador de bibliotecas que ainda houve neste país», como dele disse algures Fialho d'Almeida" (Raúl Proença, *A Biblioteca Nacional. Breves noções históricas e descritivas*, 1918, p. 7).

pinturas, obras de escultor e quaesquer outros objectos da Ordem Física de engenho e de imaginação" <sup>297</sup>.

Quando, na década de noventa, se conjugarem finalmente as condições para a criação da Real Biblioteca Pública da Corte <sup>298</sup> o bispo de Beja não só será considerado o verdadeiro 'fundador' da instituição <sup>299</sup>, como contribuirá ele próprio para o acervo inicial de um *Muzeo de Raridades* <sup>300</sup> a que o primeiro Bibliotecário-Mor, António Ribeiro dos Santos (1796-1816), - incorporando como seu o ideal cenaculano - dará permanente atenção, comprovável em inúmeros actos de gestão. Preocupação visível nos mais pequenos pormenores do administrador, atento às questões de segurança e ao acondicionamento adequado dos objectos exibidos, pedindo medidas ao governo para mandar fazer "quatro grades de ferro para quatro janellas do

<sup>297</sup> Frei Manuel do Cenáculo, *Cuidados literarios do prelado de Beja*, 1791, p. 166.

<sup>298</sup> "Alvará de 29 de Fevereiro de 1796, pelo qual S. M. he servida, e manda que na Corte e Cidade de Lisboa se estabeleça huma Livraria Pública com o nome de Real Biblioteca Pública da Corte, que terá interinamente lugar nas mesmas casas em que estava a Livraria commetida á inspecção da extincta Meza da Comissão, servindo-lhe de primeiro fundo a mesma Collecção de Livros que alli se acha, e isso para que sirva de perenne socorro aos Estudiosos, e applicados ás Sciencias, e Artes: dando nelle as regras para este util estabelecimento; determinando os Officiaes, e mais pessoas, que nella devão occupar-se; e prescrevendo o modo com que devem ser providos, com as mais providencias, que ora se fazem necessarias" (*Gazeta de Lisboa*, 11 de Junho de 1796, 2.º Suplemento).

<sup>299</sup> "V. Ex.<sup>a</sup> lançou os primeiros fundamentos da Biblioteca da Capital" (*Carta de A. Ribeiro dos Santos a frei Manuel do Cenáculo* (% de Dezembro de 1796), BN, Cód 8549 *apud* Raúl Preonça, *ob. cit.*, 1918, p. 8); "A Real Bibliotheca Lisbonense que tem devido ao zelo patriotico de Vossa Excelencia tantos fundos, e aquisições Literarias, que a tem posto à nivel dos mais famozas Bibliothecas" (*Carta de António Ribeiro dos Santos a Frei Manuel do Cenáculo* (12 de Janeiro de 1798), BPE, CXXVII/1-2, Carta 371).

<sup>300</sup> "O Ex.mo e R.mo D. Fr. Manoel do Cenaculo Biapo de Beja dõou em Março de 1799 á Real Bibliotheca de Lisbõa huma grande Collecção de preciosos Livros, e Mss. E o seu rico Monetario de cobre, prata e oiro, de mais de cinco mil medalhas com outras varias peças de Antiguidade, e raridade, que com immensos trabalhos, e despezas havia collegido por espaço de muitos annos: do que tudo se fizeraõ tres Catalogos em tres Livros de folio" (*Cópia do despacho de agradecimento a Cenáculo* (26 de Dezembro de 1801), BPE, CXXVII/1-2, Carta 373, Anexo). Vide também *Cartas de António Ribeiro dos Santos a Frei Manuel do Cenáculo* (24 de Maio e 15 de Junho de 1797; 12 de Janeiro de 1798), BPE, CXXVII/1-2, Cartas 366, 367, 371; e *Carta do Marquês Mordomo-Mor a Frei Manuel do Cenáculo* (15 de Julho de 1797), BPE, CXXVII/2-10, Carta 3941.

gabinete Monetario, e Casa contigua dos Mss. que muito convem resguardar, e defender, e outro sim ordem ao mesmo Fiscal, ou Architecto Manoel Caetano para mandar apromptar a madeira, e obra necessaria das estantes, e almarias do Gabinete Monetario"<sup>301</sup>, e encomendendo ao architecto genovês Francesco Saveri Fabri (m. 1807) o desenho do armário numismático<sup>302</sup>.

Ciente de que era imprescindível dotar o Gabinete de Medalhas e Antiguidades de uma verba fixa anual destinada ao enriquecimento das colecções, Ribeiro dos Santos obterá essa garantia - ao fim de incontáveis officios dirigidos ao marquês Mordomo-Mor - através da consignação de "hum conto e seiscentos mil reis do Cofre do Subsidio Literario, pagos em quatro quartos, e destinados somente para a compra de Livros, Mss., e peças de Antiguidades"<sup>303</sup>.

Instalada na ala ocidental do Terreiro do Paço até 1837, a Livraria Pública dispunha de dez salas onde se ordenavam os livros de acordo com o sistema de classificação temático, e de um compartimento destinado exclusivamente a manuscritos, a que se seguia a "Sala XII - Museo de Antiguidades. I. Monetario; II. Peças de Varias Artes"<sup>304</sup>. Por documento assinado pelo Director sabe-se mesmo que, nos seus inícios, o mobiliário seria

<sup>301</sup> *Offício de António Ribeiro dos Santos ao marquês Mordomo Mor sobre o mobiliário e a segurança do gabinete de medalhas (28 de Junho de 1798)*, BN, Arquivo Histórico, DGA/04/Lv. 01

<sup>302</sup> "Cavidades para as Medalhas que projectei conforme o que se tinha consultado com V. Ex.<sup>a</sup> Se over alguma duvida sobre o numero das Cavidades estamos com tempo para se diminuir ou acrescentar..." (*Carta de Francisco Xavier Fabri para António Ribeiro dos Santos sobre a construção de armário para as medalhas (7 de Setembro de 1803)*), BN, Arquivo Histórico, Cx. 03, Doc. 38).

<sup>303</sup> Obtida pelo Decreto de 30 de Dezembro de 1801 (Cfr. António Ribeiro dos Santos, *Resumo da constituição e estado da Real Biblioteca Pública da Corte (1816)*, BN, Arquivo Histórico, CR/01/Cx 01-006). Entre as várias cartas do Director relativas à consignação, veja-se *Carta de António Ribeiro dos Santos para o Inspector da Real Biblioteca Pública da Corte propondo consignação anual para compra de livros, medalhas e outros raros e úteis monumentos de antiguidade (3 de Janeiro de 1799)*, BN, Arquivo Histórico, Cx. 03, doc. 09.

<sup>304</sup> António Ribeiro dos Santos, *Resumo da constituição e estado da Real Biblioteca Pública da Corte (1816)*, BN, Arquivo Histórico, CR/01/Cx 01-006.

assim composto: "Mesas guarnecidas de paños - 2; Cadeiras razas - 5; Tinteiro - 1" <sup>305</sup>.

Durante o mandato de Ribeiro dos Santos (provavelmente nos primeiros anos) houve a intenção governamental de construir um edifício de raiz. O parecer técnico solicitado ao Bibliotecário-Mor aborda questões que vão desde a linguagem arquitectónica a adoptar até ao ornamento artístico dos espaços interiores, aconselhando magnificência e sumptuosidade no estilo e nos materiais por se tratar de monumento público destinado "para o deposito de todos os conhecimentos humanos e hua como habitação e aposento das Letras, das Sciencias e das Artes" <sup>306</sup>.

Importa sublinhar neste texto - que apresenta como modelo a Biblioteca dos Medicis, em Florença, traçada e decorada por Miguel Ângelo - a marca muito forte de um gosto neo-clássico que vingará por toda a Europa, e América do Norte, ao longo de oitocentos, sempre que se projectarem edificios-monumentos aptos a receberem livros ou outros objectos de colecção <sup>307</sup>. Também revelava aqui o seu apego ao conceito cenaculano de biblioteca/museu ao sublinhar a necessidade de "hua Sala para Gabinete ou Museo que devera enriquecer-se de Baixos relevos e Estatuas dos antigos Filósofos e Artistas" <sup>308</sup>.

Depois das doações das antiguidades e dos monetários de Tomás Caetano do Bem e de frei Manuel do Cenáculo, a componente numismática do Gabinete será reforçada com a aquisição da colecção madrilena de José

---

<sup>305</sup> António Ribeiro dos Santos, *Relação dos moveis que existem na Real Bibliotheca da Corte de Lisboa*, BN, Arquivo Histórico, GPA/01/Cx. 01-01.

<sup>306</sup> *Carta de António Ribeiro dos Santos para o Inspector da Real Biblioteca Pública da Corte sobre a arquitectura de uma casa de biblioteca, incluindo museu (s/d)*, BN, Arquivo Histórico, Cx. 03, Doc. 66.

<sup>307</sup> Cfr. Marcin Fabianski, *Iconography of the architecture of ideal museae in the fifteenth to eighteen centuries*, 1990; e Alessandra Mottola Molfino, *Il libro dei musei*, 1991, pp. 11-42.

<sup>308</sup> *Carta de António Ribeiro dos Santos para o Inspector da Real Biblioteca Pública da Corte sobre a arquitectura de uma casa de biblioteca, incluindo museu (s/d)*, BN, Arquivo Histórico, Cx. 03, Doc. 66.

Fontenelle <sup>309</sup>, constituída por 10021 peças entre medalhas, medalhões e moedas, além das setecentas e oitenta e cinco oferecidas pelo vendedor <sup>310</sup>. Dificuldades várias - nomeadamente o elevado valor envolvido que acabou por ser fixado em "vinte mil pesos duros" a pagar pelo Erário Público em quatro anos <sup>311</sup> - fizeram arrastar o processo de negociação durante mais de dois anos. Já com o monetário em Lisboa (em resultado da autorização de compra decretada a 9 de Maio de 1803), parte da comissão de peritos <sup>312</sup> argumentaria a falsidade das moedas de prata da Macedónia <sup>313</sup>, obrigando o procurador do proprietário em Portugal - o desembargador João Vidal da Costa e Sousa - e,

<sup>309</sup> As colecções de Fontenelle também incluíam produtos de história natural que não interessaram à Biblioteca Pública: "La Collection d'Histoire naturelle fossile mineralogique passe de 1500 pices. Celle de Conciologie, et productions de mer à 2000 piéces choisies, et prises en vivant" (*Détail en gros des Medaillons, Medailles, et Monnoies anciennes, et modernes de Joseph Fontenelle (s/d) [1803]*, BPE, CX/2-18, "Colecção Numismática Fontenelle").

<sup>310</sup> "Esta Collecção de 67 pequenas medalhas de prata, e outra de 43 de bronze pertenceraõ ao Museo de Joze Fontenelle rezidente em Madrid, e Gravador de Pedras finas da Camara de Sua Magestade Catholica, que as vendeo em 1802 para o Gabinete Numismatico da Real Bibliotheca de Lisboa com outras collecções de Medalhas Gregas, Romanas, e modernas de diversos Povos, que fizeraõ o total de 10021 alem da somma de mais setecentas e oitenta e cinco, que elle gratuitamente offereceo a mesma Bibliotheca" (António Ribeiro dos Santos, *Catalogo da Collecção de sessenta e sete Medalhas de Prata dos Reys de Macedonia que há no Monetario da Real Bibliotheca de Lisboa*, BN, Arquivo Histórico).

<sup>311</sup> Cfr. António Ribeiro dos Santos, *Descrição do monetário de J. Fontenelle, condições de venda e transporte (1 de Novembro de 1802)*, BN, Arquivo Histórico, Cx. 03, Doc. 24; e *Avisos de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a António Ribeiro dos Santos sobre as condições de aquisição do monetário de J. Fontenelle (21 de Janeiro, 21 de Abril, 17 de Junho de 1803)*, BN, Arquivo Histórico, CR/03/Cx 01.

<sup>312</sup> "Manuel de Magalhães e Avelar (Desembargador da Realção do Porto com exercício na Casa da Suplicação e Deputado da Junta do Comércio); João de Magalhães e Avelar (Lente de Cânones em Coimbra); Abade Garnier (Professor de Língua Francesa do Real Colégio dos Nobres); João Pedro Ribeiro (Lente de Diplomática em Lisboa e Desembargador da Relação); João Guilherme Cristiano Muller (Oficial de Línguas da Secretaria do Conselho do Almirantado e Deputado da Junta Económica e Literatura da régia Oficina Tipográfica); Pde. Joaquim de Santo Agostinho Brito França Galvão (sócio da A. Real das Ciências); Frei João de Sousa (Professor e intérprete de Sua Alteza Real para a Língua Árabe, sócio da Academia das Ciências)" (*Carta de António Ribeiro dos Santos para D. Rodrigo de Sousa Coutinho propondo o nome dos examinadores do monetário Fontenelle (19 de Junho de 1803)*, BN, Arquivo Histórico, Cx. 03, Doc. 34).

<sup>313</sup> Cfr. *Processo de aquisição do monetário de José Fontenelle para a Real Biblioteca Pública da Corte (1802-1804)*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 443.

sobretudo, o Director da Bibliotéca Pública (enquanto Presidente e Fiscal da Junta do Exame e Revisão do Monetário) a uma aturada fundamentação científica que acabaria por fazer vingar o ponto de vista da autenticidade<sup>314</sup>.

Para concluir a arquitectura museológica que António Ribeiro dos Santos, com paciência e eficácia, vinha traçando desde a instalação da Livraria Pública - o Gabinete dotado de instalações seguras, mobiliário adequado, acervo de qualidade e dotação orçamental para aquisição de novas espécies - faltava agora determinar-lhe uma missão pública. A via encontrada foi a de convencer o Poder a retomar a filosofia de salvaguarda e conservação dos bens culturais móveis, considerando em vigor as disposições legais do *Alvará* joanino de Agosto de 1721<sup>315</sup> cuja inoperância era, nos finais do século, lamentada pelo arquitecto irlandês James Murphy, particularmente bem informado sobre o nosso património edificado<sup>316</sup>.

Assim, a 4 de Fevereiro de 1802, o Príncipe Regente fazia saber que - "por Me representar o Bibliothecario Maior da Real Bibliotheca de Lisboa a importancia de que seria não só para o conhecimento das Antiguidades Sagradas e Politicas, e para illustração das Artes e das Sciencias, mas para ornamento da mesma Bibliotheca, formar-se nella huma grande Collecção de Peças de Antiguidade e raridade, que possa servir aos indicados fins; e

<sup>314</sup> "Houve de se applainar a dificuldade e embaraço q. rezultou da oppozição dos Juizos de quatro dos Examinadores, que houverão por falsas todos os pequenos Medalhões de prata da Macedónia, alem de outras Medalhas das outras classes. Foi necessario tomar sobre mim a refutação de quinze objecções que se oppozerão (.....) O Senhor Vidal, e o Senhor D. Damaso fizerão todas as diligencias possiveis para apressarem a concluzão de tudo; e eu fui muitas vezes testemunha da sua actividade e energia" (*Carta de António Ribeiro dos Santos a José Fontenelle (c. 30 de Outubro de 1803)*, BN, Arquivo Histórico, Cx. 02, Doc. 21).

<sup>315</sup> Cfr. *supra* Cap. III.

<sup>316</sup> Foi autor de *Plans, elevations, sections and views of the Church of Batalha (1792-1795)*. "The admirers of antiquity cannot contemplate, without indignation, the ravages committed by ignorance and fanaticism, in former ages, on the venerable remains of ancient Lusitania; even at the time when the cultivated nations of Europe eagerly fought to preserve every fragment of Greek and Roman art, the Portuguese, with religious zeal, continued to demolish every stone distinguished by the sacred hoare of time. At length John V in the year 1721, at the instance of the Royal Academy of Portuguese History, issued an edict interdicting, under severe penalty, however, the Sovereign's protection came at a time when nearly every monuments of its former pride was buried in oblivion" (*A general view of the state of Portugal, 1798*, p. 129).



querendo que com effeito se forme em utilidade pública a referida collecção"<sup>317</sup>  
 - determinava que as funções outrora atribuídas à Academia Real da História Portuguesa ("conservação e integridade das Estatuas, Marmores, Cippos, Laminas, e outras peças de antiguidade, em que se achassem figuras, letreiros, ou caracteres") coubessem agora ao Bibliotecário Mor.

Com base neste expediente administrativo que investia as autoridades locais em colectores de 'monumentos antigos', decerto se terão enriquecido as colecções do *Museo de Antiguidades*, particularmente em espécimens numismáticos<sup>318</sup>. Importa lembrar que a Biblioteca Pública estava nesta matéria a cumprir uma missão que anos antes, em Janeiro de 1777, fora atribuída - sem realização prática - à Casa da Moeda<sup>319</sup>.

O Gabinete de Medalhas e Antiguidades da Real Biblioteca Pública da Corte é anunciado ao público no *Almanch de Lisboa para o anno de 1805*. Dois

<sup>317</sup> *Colecção da Legislação Portuguesa. Desde a ultima compilação das ordenações (1800-1807)*, 1807.

<sup>318</sup> Por exemplo, o Corregedor António Luís Coelho comunicava ao Inspector da Biblioteca que : "quatro medalhas, ou moedas de prata, que há-de haver-seis annos apparecerão (...) com estas apparecerão outras em hum vazo de barro, sendo algumas de ouro, pello que dizem no valor de tres mil e duzentos reis: foraõ inuteis todas as minhas diligencias para alcançar huma destas, com a escuza de serem remettidas humas a Lisboa, outras ao Porto e mais sitios. Na indagação de moedas antigas remetto as incluzas que tenho adquerido, incluindo algumas de cobre. Quando aconteça o descobrimento de outras terei a honra de o participar a V. Ex.<sup>a</sup>" (*Aviso de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a António Ribeiro dos Santos sobre a remessa de uma boceta de moedas do Corregedor de Vila Real para o Monetário da Real Biblioteca Pública (9 de Julho de 1803)*, BN, Arquivo Histórico, CR/03/Cx. 01).

<sup>319</sup> "EIRey Meu senhor He servido ordenar, que na casa da moeda se estabeleça logo hum cofre, no qual se guardem, e vão guardando: Huma moeda de cada cunho e qualidade de metal, que se poderem hir achando, não só d'este Reino, mas geralmente de todas as partes do mundo: E semelhantemente uma medalha tambem de todas as qualidades de metaes, que for possivel alcançar-se, assim antigas, como modernas, para com o decurso do tempo se poder formar uma collecção d'ellas, que hajam de servir á utilidade publica e noticia geral" (25 de Janeiro de 1777, Arquivo da Casa da Moeda de Lisboa, Registo Geral, Liv. X, fl. 55 *apud* A.C. Teixeira de Aragão, *ob. cit.*, 1966, p. 102). "O Museu Numismático Português só viria a ser criado século e meio mais tarde (14-VI-1933) devido a diligências de Pedro Batalha Reis e incorporando quatro núcleos fundamentais: o que, desde o Aviso de Pombal, constituía o Museu da Casa da Moeda, a colecção de moedas e medalhas do Palácio da Ajuda - assumindo-se como uma secção especial que se denominará Secção Numismática de D. Luiz I -, parte do Gabinete Numismático da Biblioteca Nacional e o medalheiro da Academia das Ciências" (Paulo Oliveira Ramos, *Breve história dos museus em Portugal*, 1993, p. 27).

anos depois, sob a pressão das Invasões Francesas, encaixotaram-se com destino ao Brasil os maiores tesouros bibliográficos e o Monetário<sup>320</sup>, mas não chegaram a partir e Geoffroy Saint Hilaire relatará para Paris que: "je ne rapporte aucune médaille, ce n'est pas que Lisbonne ne possède un riche médailler, mais il fait, comme le nôtre, partie de la Grande Bibliothèque publique. Il est seulement à regretter que depuis 6 ans qu'on en a fait l'acquisition, on ne l'ait point rangé pour en faire jouir le public"<sup>321</sup>.

Ao aproximar-se o fim do ciclo fundacional da instituição - depois de vinte anos de construção interna, intelectual e material<sup>322</sup> - o seu primeiro Director deixava ao juízo dos vindouros um *Resumo da constituição e estado da Real Biblioteca Pública da Corte*: "Gabinete de Antiguidades. Contem peças e monumentos antigos das Artes; a saber: 1º de Numismática, isto he medalhões, medalhas e dinheiros de oiro, prata, e de outros metaes, q. sobem acima de 23663; 2º de Estatuaria e Esculptura e Torno, como estatuas, bustos e figuras relevadas em bronze, cobre, pedra, barro, marmore, marfim, e madeira, etc; 3º de Instrumentos varios, como Espelho-Ustorio, ballestras, espóras, estoques, anzoos, cornetas, maçãs, e outra peças de raridade, e antiguidade em sua maneira e forma; 4º de varios utensis, como lanteras, amphoras, tinteiros, taças, vasos, etc.; 5º de peças de ornato, como Aneis, Camafeos; varias chapas de floreio, quadros de Mosaico, figuras traçadas á pena, Massas de Impromptos; 6º de Estamparia de retratos, de ornatos, e floreios; e de vistas e prospectos etc. Estes fundos vierão da doação da Casa dos Theatinos desta Corte; 2º da Doação do Ex.mo Bispo de Beja, hoje Arcebispo de Evora; 3º das compras que Sua Alteza Real mandou fazer do Monetario, e Collecção de Bronzes de Jozé Fontenelle, Gravador de pedras preciosas da Camara de Sua Magestade Catholica"<sup>323</sup>.

<sup>320</sup> Cfr. Manuela Domingos, *Bibliotec Nacional (Portugal)*, 1995, pp. 440 e sgs.

<sup>321</sup> *Rapport de M. Geoffroy Saint-Hilaire sur sa mission en Portugal, présenté à son Excellence, Monseigneur le Ministre de l'Intérieur, comte d'Empire*, 1808, apud E.-T. Hamy, *La mission de Geoffroy Saint-Hilaire en Espagne et en Portugal (1808). Histoire et documents*, 1908, pp. 43 e sgs.

<sup>322</sup> Cfr. Manuela Domingos, *ob. cit.*, 1995, pp. 10-11.

<sup>323</sup> António Ribeiro dos Santos, *Resumo da constituição e estado da Real Biblioteca Pública da Corte (1816)*, BN, Arquivo Histórico, CR/01/Cx 01-006.

Por este documento - bem como pelo diligente labor de catalogação numismática<sup>324</sup> e pelo inventário circunstanciado que mantinha actualizado em dois exemplares<sup>325</sup> - é possível conhecer a herança colecionista de António Ribeiro dos Santos e confrontá-la com a ausência quase total, material e simbólica, dessa memória primordial, na actual Biblioteca Nacional<sup>326</sup>.

---

<sup>324</sup> Cfr. *Catalogo da Collecção de sessenta e sete Medalhas de Prata dos Reis de Macedonia que há no Monetario da Real Bibliotheca de Lisboa; Catalogo das Medalhas dos Reis da Grã Bretanha; Catalogo de Medalhas Modernas; Serie das personagens que figuraõ nas Medalhas do Alto Imperio*, BN, Arquivo Histórico.

<sup>325</sup> Os dois livros de inventário elencam exaustivamente (mas não são coincidentes em algumas rubricas) todos os objectos depositados no Museu, assim ordenados tematicamente: Medalhas Romanas; sacco com 224 medalhas de colonias; 39 medalhas relativas à Casa de Lorena; medalhas da Russia athe Isabel I inclusivamente; Mappas e Plantas; Estatuas fundidas em bronze; Estatuas em cobre; Estatuas gregas em barro; Estatuas egipcias em barro; Estatuas em barro; Figuras relevadas em marmore e barro; Figuras em madre pérola; Cabeças de relevo em marmore; Cabeças de relevo em pedra; Cabeças em madre pérola; Gravados e Camafeos Antigos da Meia Idade e do Tempo da Reformação das Artes; Catalogo dos Cem Impromptos ou Impressoens de varias pedras preciosas gravadas por Nathaniel Marchant; Anneis; Esporas; Lanternas ou candeias sepulchraes; Amphoras ou Talhas; Estoque; Peças miudas (Cfr. *Muzeo de Antiguidades (A e B)*, BN, Arquivo Histórico).

<sup>326</sup> Em 1969, o então Director da BNL, Manuel dos Santos Estevens em prefácio à obra de Jorge Alarcão e Manuela Delgado, *Catálogo do gabinete de numismática e antiguidades. 1ª Parte. Antiguidades ibéricas e romanas*, ainda assumia a importância de manter e alimentar a memória colecionista da instituição. De resto, em coerência com essa posição, ao ser inaugurado o actual edificio exhibia-se uma Sala (actual Área de Empréstimo Interbibliotecas) que era um espaço museológico com objectos originários do *Muzeo de Antiguidades*.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Depois de termos longamente alimentado o projecto de ir acompanhando as diferentes partes que compõem a dissertação com conclusões parciais às quais se seguiriam, como cúpula final do edifício, as imprescindíveis *conclusões finais*, entendemos arrepiar caminho, sendo nisto ajudados por avisadas opiniões.

Porque, na verdade, o texto que se vai desenrolando perante o leitor deve ser capaz de falar por si só, na coerência interna de cada um dos capítulos e na estrutura conceptual do discurso adoptado. Em lugar de se elaborarem *conclusões* quase sempre de difícil relação significativa com o corpo do texto e, por isso mesmo, de duvidosa eficácia narrativa, julgamos agora mais adequado proceder a uma reflexão global sobre as condições de produção (e sobre os resultados) da investigação que deu fundamento e base à dissertação.

Há uma evidência imediata ao primeiro contacto visual com o texto, que é a densidade da sua escrita. O aparato erudito é pesado, a leitura é lenta e difícil. Mas a questão está, a nosso ver, em saber-se se poderia, ou se deveria, ser doutro modo. A resposta a esta interrogação passa, cremos, pela definição da natureza do texto, dos seus objectivos e dos seus públicos.

Ora, não é possível contornar o facto de ele se destinar, em primeiro lugar, à avaliação científica de um júri universitário. A este cabe compor um *sistema de refutação* da tese, capaz de evidenciar as insuficiências historiográficas, tanto técnicas como de problemática interpretativa. Por isso, neste contexto, a solidez das fontes e a coerência metodológica da sua utilização revela-se naturalmente decisiva impelindo-nos à construção de um consistente *sistema de comprovação*, corporizado em citações, notas críticas, anexos e apêndice documental. Em Ciências Sociais e Humanas são estes os instrumentos e não se inventaram ainda outros para sinalizar os conhecimentos disciplinares adquiridos e para anunciar as novas áreas de pesquisa.

Depois - se julgado apto a prosseguir um rumo próprio - o texto dar-se-á à leitura pública. Ou, mais propriamente, aos especialistas, à comunidade científica. Desta virá (e do tempo, esse grande escultor) a mais descomprometida das críticas, o mais exigente e definitivo dos julgamentos. Se

alguma utilidade for entretanto declarada a este estudo de museologia histórica, arriscaríamos prever que a componente documental revelada será a principal responsável. É que - tendo-se embora a noção de serem virtualmente inesgotáveis as fontes arquivísticas - parece indiscutível que um núcleo significativo destes documentos originais poderá ser utilizado com vantagem em novas investigações. Procurou-se, contudo, que a sua inserção no texto fosse guiada pelo duplo critério de se apresentarem, sempre que possível, inéditos e de ser a sua citação tempestiva e relevante para a compreensão global da narrativa.

Conseguiu-se congregar um conjunto de fontes documentais que desempenharam um papel estruturante em quase todos os momentos da redacção - os testemunhos dos viajantes estrangeiros, a correspondência científica com a Ajuda, o epistolário de Cenáculo, as instruções de viagem naturalistas e o *Livro de Registo dos Decretos*. Foram eles o cimento agregador que transmitiu sentido e coerência às representações *museológicas* que fomos captando no pensamento e nas práticas sociais e culturais setecentistas. Contudo, porque de território novo se tratava, houve que alargar o campo documental a áreas tradicionalmente pouco concorridas pelos historiadores, como seja a dos estudos de cientistas (em publicações especializadas ou em monografias), os catálogos de colecções, ou os textos setecentistas e oitocentistas de naturalistas, numismatas e arqueólogos.

Procedeu-se igualmente à recolha de fontes iconográficas, afinal bem mais abundantes e interessantes do que se poderia imaginar. Apesar de termos utilizado, de forma fragmentária, alguns dos seus elementos documentais, esta tipologia mereceria no futuro um demorado olhar pluridisciplinar e a reprodução gráfica dos espécimens mais emblemáticos: retratos de protagonistas das actividades museais (Vandelli<sup>1</sup>, Angeja, Brotero, Cenáculo, Sousa Coutinho, João Rodrigues Ribeiro), riscos de jardins e de estufas (Ajuda e Coimbra), imagens de residências e de jardins

---

<sup>1</sup> O seu retrato, absolutamente desconhecido em Portugal, encontra-se na 'Aula' do Horto Botânico da cidade italiana de Modena, em homenagem ao seu labor naturalista ao serviço do ducado, antes de ser contratado por Pombal.

(Angeja/Junqueira, de Visme, Castelo Melhor, Ajuda, Coimbra), projectos de arquitectura para edifício/museu (Angeja/Lumiar), e objectos de colecção ainda identificáveis em instituições actuais (Museu Nacional de Arqueologia, Museu Nacional de História Natural, Museus universitários de Coimbra, Museu de Évora, Museu Regional de Beja, Biblioteca Nacional, Academia das Ciências de Lisboa (Museu Maynense), Muséum national d'Histoire naturelle, em Paris).

O estudo que desenvolvemos ao longo do texto não é mais do que um ensaio em torno do conceito setecentista de *Museu*. Acompanhámos a evolução das suas representações mentais (as ideias e os projectos) e materiais (as realizações) ao longo de um século, identificando os sinais diacrónicos de alteração de paradigma no gosto, nas sensibilidades, nas ideias culturais e científicas. E, em cada época, registámos - na sincronia de um tempo - os modelos dominantes, as variantes tipológicas detectáveis nas diferentes colecções, bem como o quadro de relações, a rede de contactos pessoais e científicos que entre si entreteceram.

Foi até possível surpreender um esforço teorizador em alguns textos que propõem uma reflexão sobre a organização e as funções da instituição museal. Vimo-lo em elaborações tão interessantes - mas praticamente desconhecidas - quanto as de Domingos Vandelli, *Memorias sobre a utilidade dos Jardins Botanicos, e Muzeos d'Historia Natural (1770-1788)*, as dos seus discípulos Agostinho José Martins Vidigal, *Methodo De fazer Observaçoes, e Exames necessarios para augmento da Historia Natural, com os meios de preparar, conservar, e dispor nos Museos os diversos productos da Natureza (1783)*, e José António de Sá, *Compendio de Observaçoes, Que fórmaõ o plano da Viagem Política, e Filosófica, que se deve fazer dentro da Patria (1783)* e as *Instrucções geraes para se formar o cadastro, ou o mappa arithmetico-político do reino (1801)*, além do discurso pronunciado na inauguração pública do Museu Sisenando Cenaculano Pacense por frei José de São Lourenço do Vale (mas que reflecte bem as concepções de frei Manuel do Cenáculo), a *Oração do Museo dita a 15 de Março de 1791*.

Estes autores constroem um discurso sobre a ideia de *Museu* e, nesse sentido, poder-se-á apropriadamente falar de um pensamento museológico setecentista em Portugal, cujos referentes intelectuais se encontram



claramente sintonizados com as propostas europeias, tal como resulta da leitura da epistolografia científica e das memórias dos viajantes. A história comparativa a que constantemente recorremos autoriza esta interpretação, situando-se as diferenças nacionais nos ritmos de pragmatização dos projectos, na hierarquia de prioridades governamentais e nas opções estratégicas sobre o lugar ocupado pelo saber científico. Quadro que traçámos com minúcia no capítulo dedicado às relações entre viagem, ciência e administração.

Finalmente, impõe-se assumir o carácter irremediavelmente inacabado de alguns dos assuntos deste estudo. Ou fosse pela economia narrativa do texto, ou por dificuldades na recolha documental ou, ainda, pela ausência de vocação (e de preparação) em matérias mais especializadas, certo é que neles o nosso olhar se quedou pelas margens e requer agora uma investigação mais cuidada de fontes e uma problemática de interpretação.

Aludiremos em particular a quatro temas a incluir em programa de indagação em história da museologia setecentista. O primeiro tem que ver com a componente artística do coleccionismo ao tempo de D. João V (e até das colecções particulares do próprio Pombal, no período seguinte <sup>2</sup>), já que pensamos haver aqui alguma matéria a desbravar. Sobretudo se se confirmarem as suspeitas provenientes da história das ideias estéticas, que julga poder vir a comprovar documentalmente os parâmetros de uma actividade colecionista tradicionalmente pouco valorizada. Contudo, a nosso ver, implicaria também a revisão do conceito de objecto de colecção, comumente confundido - em estudos de história de arte aplicados aos museus - com quaisquer objectos de ostentação e de utilidade doméstica nas residências aristocráticas e nas de religiosos, ou seja, claramente imbuídos de valor de uso

3

---

<sup>2</sup> Cfr. *Catálogo da colecção de quadros, gravuras, estampas, moveis, esculturas, adornos e outros objectos de arte do Palácio do Senhor Marquez de Pombal em Oeiras*, 1939.

<sup>3</sup> Muito presente, por exemplo, em estudos apresentados no âmbito do curso de conservadores do MNAA.

---

Dois dos protagonistas maiores da museologia portuguesa do séc. XVIII - Domingos Vandelli e frei Manuel do Cenáculo - apesar de citados com bastante pormenor mereceriam, mesmo assim, monografias específicas de incidência biográfica. Na realidade, embora Domingos Vandelli seja entre nós o mais citado dos naturalistas setecentistas, apenas lhe foram dedicados estudos parcelares, alguns já muito envelhecidos e, por vezes, divulgando dados que carecem de correcção. As facetas de cientista e de museólogo justificariam, só por si, uma monografia que os recentes desenvolvimentos registados no ensino e investigação em museologia poderão incentivar.

Da faceta de coleccionador de Cenáculo faz-se sentir a ausência de um estudo de conjunto que, por um lado, integre e dê unidade aos contributos dispersos e, pelo outro, utilize novos dados ainda por explorar (exigindo colaboração pluridisciplinar) na imensa documentação depositada nos Reservados da Biblioteca Pública de Évora. Alguma deixámos elencada, nomeadamente as cartas que - identificadas a partir dos resumos publicados por Armando Nobre de Gusmão - se referem expressamente a actividades coleccionistas<sup>4</sup>.

Por último, carece-se de um texto - de maior fôlego narrativo - que tome como tema nuclear as expedições científicas ao Brasil e a África. Adivinhamos quase inesgotáveis as fontes disponíveis nos arquivos nacionais e brasileiros. Documentação certamente inédita, ou nunca lida na perspectiva do *museal*, já que a *viagem* tem convocado estudos numerosos e competentes nos dois lados do Atlântico.

Cumprido que fosse este programa de investigação, talvez se pudesse declarar o fim de imerecida marginalidade historiográfica de um território que é, ainda hoje, *terra incognita*. Nunca antes disso.

---

<sup>4</sup> Vide vol. II, Anexo I - "Instituições museológicas setecentistas - fichas de registo" - M15b.



# FONTES E OBRAS DE CONSULTA

## I

### FONTES MANUSCRITAS

#### 1. ARQUIVO HISTÓRICO DO MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS (AHMOP)

- Domingos Vandelli, *Memoria sobre huma publica instrução agraria [1788]*, Ministério do Reino, Maço 36/37, (1777-1794)
- *Planta do Jardim Botânico da Ajuda (séc. XVIII)*, D 5C
- *Planta do Real Palacio d' Ajuda e das suas cercanias (1869)*, D 103A

#### 2. ARQUIVO HISTÓRICO DO MUSEU BOCAGE (AHMB)

- *Cartas de J. C. Schaeffer a Domingos Vandelli (25 de Outubro e 9 de Novembro de 1764; Novembro de 1767, Maio e Julho de 1768)*, CE/S -60, 61, 62, 62 a, 56, 57, 58
- *Cartas de Ferdinando Bassi a Domingos Vandelli (1765, 1766, 1767, 1768, 1769)*, CE/B -66, 67, 68, 70, 71 e 72
- *Carta de Ludovico Bellardi a Domingos Vandelli (14 de Novembro de 1767)*, CE/B -73
- *Cartas de Antonio Turva a Domingos Vandelli (s/d, 6 de Fevereiro, 15 de Novembro de 1768, 16 de Novembro de 1769, 26 de Novembro de 1771)*, CE/I -1, 2, 3, 4 e 5
- *Carta de Schreber a Domingos Vandelli (10 de Dez. de 1768)*, CE/S -59
- *Cartas de Joseph Banks a Domingos Vandelli (1768, 1772)*, CE/B -75, -76
- *Carta de Carlo Allione a Domingos Vandelli (12 de Fevereiro de 1769)*, CE/B -7
- *Carta de Filippo Fabrizzi a Domingos Vandelli (29 de Junho de 1769)*, CE/F -59
- *Carta de Antonio Giuseppe Landi a Domingos Vandelli (20 de Janeiro de 1770)*, CN/K -1

- *Carta de Gianfrancesco Seguiet a Domingos Vandelli (8 de Abril de 1770), CE/S - 63*
- *Carta de P. Miller a D. Vandelli (10 de Maio de 1770), CE/M -39).*
- *Carta de Jacob Gordon a Domingos Vandelli (13 de Maio de 1770), CE/G -100*
- *Cartas de Pierre Cusson (23 de Setembro de 1770; 5 de Fevereiro de 1772; 10 de Junho de 1776), CE/C -25, -26, -27*
- *Relaçã das produçoens da natureza que Francisco Luis de Menezes ajuntou de Goa, e remete para Lisboa para o Muzeu do Senhor Jozé Roland van Deck (12 de Fevereiro de 1771), Rem. -382 e 382 a*
- *Cartas de Heinrich Crantz (13 de Maio de 1771; 30 de Novembro de 1771), CE/C - 28, -29*
- *Carta de Luís Pinto de Balsemão a Domingos Vandelli (1 de Dezembro de 1771), CN/B-93*
- *Carta de João Jacinto de Magalhães a Domingos Vandelli (24 de Abril de 1772), CE/M -40*
- *Cartas de J. Hill a Domingos Vandelli (12 de Outubro de 1772 e 27 de Fevereiro de 1773), CE/H -28 e 28 a*
- *Carta do Barão de Hupsch a Domingos Vandelli (15 de Abril de 1773), CE/B 77*
- *Cartas de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres a Domingos Vandelli (25 de Maio e 27 de Julho de 1773), CN/C -111 e 112*
- *Carta de Carlo Allione a Domingos Vandelli (22 de Outubro de 1773), CE/A -8*
- *Carta de Adolphe Medeêr a Domingos Vandelli (6 de Fevereiro de 1775), CE/M - 41*
- *Carta de Frei Manuel do Cenáculo a Domingos Vandelli (22 de Março de 1775), CN/B-94*
- *Carta de Paul Diter Giesche a Domingos Vandelli (18 de Abril de 1776), CE/G - 101*
- *Carta de E. W. Gray a Domingos Vandelli (15 de Fevereiro de 1777), CE/G -102*
- *Carta de Casimiro Gomez Ortega a Domingos Vandelli (12 de Julho de 1777), CE/O -3*
- *Carta de Joannes Burmanno a Domingos Vandelli (16 de Outubro de 1777), CE/B - 74*

- *Carta de Antoine Thouin a Domingos Vandelli (14 de Outubro de 1778)*, CE/G - 103
- *Carta de Rottboll a Domingos Vandelli (24 de Outubro de 1778)*, CE/R -29
- *Carta de Casimiro Gomez Ortega a Domingos Vandelli (8 de Dezembro de 1778)*, CE/O -4
- *Carta de Fathergill a Domingos Vandelli( 17 de Março de 1779)*, CE/F -60
- *Carta do Abade Nolin a Domingos Vandelli (26 de Junho de 1779)*, CE/N -4
- *Carta de Pedro Simão Pallas a Domingos Vandelli (21 de Setembro de 1781)*, CE/P -34
- Alexandre Rodrigues Ferreira, *Abuzo da Conchyologia em Lisboa. Para servir de introdução á minha Theologia dos Vermes (1781)*, ARF -39<sup>a</sup>
- *Methodo de Recolher, Preparar, Remeter, e Conservar os Productos Naturais. Segundo o Plano, que tem concebido, e publicado alguns Naturalistas, para o uzo dos Curiozos que visitaõ os Certoins, e Costas do Mar (1781)*, Res. -17
- *Relaçã das Produçoens da Natureza que Francisco Luis de Menezes de Goa, remete para Lisboa como socio Correspondente da Real Academia das Sciencias, para nela serem apresentadas (Fevereiro de 1783, 1784, 13 de Março de 1785, Março de 1787 e 1 de Abril de 1790)*, Rem. - 383, 384, 385, 385 a, 385 b, 385 c, 385 d, 385 e
- *Carta de G. G. Renault a Domingos Vandelli (7 de Abril de 1783)*, CE/R -30
- *Carta de A. Thouin a Domingos Vandelli (8 de Abril de 1783)*, CE/G -104
- *Carta de Hermenegildo Pini a Domingos Vandelli (9 de Maio de 1783)*, CE/P -35
- *Carta de Christian Heuland a Domingos Vandelli (31 de Maio de 1783)*, CE/H -29
- *Carta de Angelo Donati a Júlio Mattiazzi (10 de Setembro de 1783)*, CN/D-6
- *Cartas de Manuel Galvão da Silva a Júlio Mattiazzi (16 de Junho de 1783; 28 de Janeiro e 18 de Agosto de 1784; 15 de Dezembro de 1786; 28 de Agosto de 1790)*, CN/S -26, 27, 28, 30 e 31
- *Roteiro Das Viagens, que fez Alexandre Rodrigues Ferreira Pelas Capitancias Do Pará, Rio Negro, Mato-Grosso e Cuiabá, (1783-1791)*, ARF -1.
- *Carta de Júlio Mattiazzi a Joaquim José da Silva (5 de Janeiro de 1785)*, CN/M -59
- *Carta de [Júlio Mattiazzi] a Joaquim José da Silva [1785]*, CN/M -62
- *Carta de João da Silva Feijó a Martinho de Melo e Castro (21 de Agosto de 1785)*, CN/F -11

- *Carta de A. Broussonet a Domingos Vandelli (31 de Agosto de 1785), CE/B -78*
- *Cartas de Thomas Pennant a Domingos Vandelli (5 de Junho de 1786; 29 de Março de 1787), CE/P -36, -37*
- *Cartas de Heritier a Domingos Vandelli (21 de Junho de 1786 e 31 de Outubro de 1787), CE/H 30 e 31*
- *Carta de Antoine Laurent de Jussieu a Domingos Vandelli(30 de Junho de 1786), CE/D -22*
- *Cartas de Joaquim José da Silva a Júlio Mattiazzi (24 de Maio e 9 de Julho de 1787), CN/S -22 e 23*
- *Carta de A. Bertraud a Domingos Vandelli (16 de Fevereiro de 1788), CE/B -79*
- *Carta de L. Gerard ( 20 de Abril de 1788), CE/G -106*
- *Carta de Frederic North a Domingos Vandelli (4 de Junho de 1788), CE/N -5*
- *Carta de C. P. Thunberg a Domingos Vandelli (16 de Julho de 1789), CE/T -22*
- *Carta de André Christoffersson a Júlio Mattiazzi [Domingos Vandelli] (24 de Novembro de 1789), CE/C -24*
- *Carta de Frederic North a Domingos Vandelli (6 de Fevereiro de 1790), CE/N -6*
- *Carta de Casimiro Gomez Ortega a Domingos Vandelli (15 de Março de 1791), CE/O -5*
- *Carta de Joaquim de Amorim Castro a Martinho de Melo e Castro (16 de Março de 1791), Rem. 588*
- *Carta de A. Thouin a Domingos Vandelli (25 de Março de 1791), CE/G -105*
- *Carta de Attilio Zuccagni a Domingos Vandelli (Fevereiro de 1792), CE/L -25*
- *Carta de Gerard de Visme a Domingos Vandelli (8 de Maio de 1792), CE/V - 43*
- *Ordens régias para Júlio Mattiazzi, (Julho e Novembro de 1792),CN/C. 82 e 83*
- *Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazzi (26 de Janeiro de 1794), CN/F -20*
- *Carta de D. João de Almeida de Melo e Castro a Domingos Vandelli (2 de Agosto de 1795), CN/C -113*
- *Exposição feita por Alexandre Rodrigues Ferreira sobre a administração económica do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda (incompleta), [1795], ARF - 25.*
- *Lista das Produções zoologicas Recebidas Por ordem de S. Mag.e Do Real Muzeu d'Ajuda Em Junho, Julho, Setembro, e Outubro de 1795 Apresentadas A Academia Real das Sciencias Dispostas conforme o Sistema de Carlos Lineu, Rem. - 435*

- *Relação das Pessoas occupadas no Real Gabinete de Historia Natural, e Jardim Botânico. Seus Nomes, Empregos, Ordenados, ou Jornaes que vencem, e Repartiçoens por onde os vencem. Tudo como nella se declara (Julho de 1796), ARF - 24.*
- *Carta de João da Silva Feijó a Domingos Vandelli (23 de Setembro de 1796), CN/F -21*
- *António Jacinto de Araújo, Relacção das pessas conteudas no Gabinete, q. tive a honra offerecer a S. Mag.e (25 de Maio de 1798), Rem. 442*
- *Folha das Despezas do Real Jardim Botânico, e Museo, em Novembro e Dezembro do prezente ano de 1798, Div. -567*
- *Requerimento de Pedro Villiot para pagamento de pedras de mesa vendidas, em 1769, ao Real Museu (Março de 1802), CN/C-90 e 90a*
- *Ordens régias sobre a plantação de árvores nas estradas para Queluz (22 de Dezembro de 1802), CN/C -97*
- *Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a Domingos Vandelli (3 de Janeiro de 1803), Rem -609*
- *Relações Dos Productos naturaes que por Ordem Regia se remetterão deste Real Museu ao General Lasnes, Embaixador da Republica Franceza nesta Corte, (Agosto de 1803 - Maio de 1804), Geoffroy de Saint-Hilaire, Div.- 16 a., n.º 22*
- *João da Silva Feijó, Relaçã das sementes das plantas agrestes da Capitania do Ceara destinadas ao Real Jardim Botânico de Berlim recebidas em 5 de Setembro de 1803, Rem. -609*
- *Carta da Mesa da Inspecção da Capitania da Baía ao Principe Regente (16 de Setembro de 1803), Rem. -604*
- *Ordem do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli (9 de Agosto de 1804), CN/V - 50*
- *Registo de productos naturais enviados da Capitania da Baía para o Real Museu da Ajuda (18 de Setembro de 1805 a 8 de Maio de 1806), Rem. -621*
- *Ordem de Domingos Vandelli ao Fiel do Real Museu (11 de Março de 1806), CN/V -10*
- *Relação Dos Productos naturaes e industriaes que deste Real Museu se remetterão para a Universidade de Coimbra em 1806, ARF, -26 e -26.a.*



- *Minuta, assinada por Junot, autorizando o transporte, para Paris, dos objectos retirados por Geoffroy de Saint-Hilaire do Real Museu da Ajuda (3 de Junho de 1808), Geoffroy de Saint-Hilaire, Div. 1*
- *Relação dos Productos naturaes que por ordem do General Junot levou deste Real Museu Mr. Geoffroy de St. Hilaire em Junho e Agosto de 1808, Geoffroy de Saint-Hilaire, Div. 16 b.*
- *Carta de José António de Sá a Domingos Vandelli (13 de Janeiro de 1810), CN/S - 53*
- *Livro De Registo das Ordens da Academia respectivas ao Museu Nacional. Desde 6 de Outubro de 1836 em diante, Div. - 23.*
- *Armario LXV (s/d)[1836], Rem. 436*
- *Informação acerca dos serviços prestados à sciencia e ao paiz por Alexandre Rodrigues Ferreira, assinada por José Vicente Barboza du Bocage (17 de Maio de 1878), ARF, - 28.*

### 3. ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO (AHU)

- *Domingos Vandelli, Relazione di quanto contenevano le otto cassette che V. E. mandò pel Laboratorio Chimico del Real Giardino Botanico (6 Aprile 1774), Reino, Maço 2701, "Jardim Botânico"*
- *Museo da Universidade de Coimbra, que foi de Domingos Vandelli. Se acha distribuido em tres Casas (s/d), Reino, Maço 2695 -A*
- *Carta de Domingos Vandelli ao Marquês de Pombal pedindo mercê pela doacção de uma colecção ao Museu da Universidade (s/), Reino, "Papéis Avulsos. Séc. XVIII"*
- *Cartas de D. Francisco de Lemos a Martinho de Melo e Castro pedindo a promoção das ciências e protecção para a Universidade (27 de Fevereiro e 14 de Março de 1777), Reino, Maço 2695, "Universidade de Coimbra"*
- *Relaçãõ de alguns animaes q. particularm.e se recomenda ao S.or Mart.º de Souza e Albuquerque faça remeter p.ª esta Corte [1783], Reino, Maço 2695, Universidade de Coimbra*

- *Rellação dos materiaes, que se remetem do Arsenal Real do Exercito p.<sup>a</sup> o Jardim Botanico (14 de Março de 1783)*, Reino, Maço 2701, "Jardim Botanico"
- *Rellação do que tem hido p.<sup>a</sup> o Jardim Botanico dez de 14 de Março de 1783 e a data deste (26 de Março de 1783)*, Reino, Maço 2701, "Jardim Botanico"
- *Relação dos productos naturaes, e do que se quer para o Rial Gabinete d' Ajuda dos Continente de Goa, Macao, e das Ilhas de Timor [1789]*, Reino, Maço 2701, "Jardim Botânico"

#### 4. ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO (ANTT)

- Domingos Vandelli, *Conspectus Musei Dominici Vandelli, Pádua, 1763 (Breve catalogo do Muséo, que veyo de Italia, e foi remettido a esta Universidade)*, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628 (1778-1781)
- *Carta do Consul em Génova, Nicolao Piaggio, para o Conde de Oeiras (16 de Maio de 1764)*, Ministério dos Negócios Eclesiásticos e Justiça, Caixa 66, Maço 77, 1.º Macete
- *Carta do Consul em Veneza, Francisco de Cattaneo, para D. Luís da Cunha (12 de Junho de 1773)*, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Caixa 326.
- Frei Manuel do Cenáculo, *Projecto sobre o Estabelecimento dos Estudos Menores (3 de Agosto de 1772)*, Mesa da Comissão Geral do Exame e Censura dos Livros, Livro 362, fols. 109 v - 116 v
- *Carta de D. Francisco de Lemos ao Marquês de Pombal (2 de Novembro de 1772)*, ANTT, Ministério do Reino, *Colecção Geral das Ordens e Providências para a Nova Fundação da Universidade*, vol. 436 (Microfilme 1720)
- *Carta de D. Francisco de Lemos ao Marquês de Pombal (2 de Agosto de 1773)*, Ministério do Reino, Maço 519, Cx. 645 "Negócios diversos"
- Guilherme Elsdén, *Continuação do Jornal das Obras Publicas da Universidade de Coimbra: desde o dia 25 de Julho do presente anno de 1773 (27 de Setembro de 1773)*, Ministério do Reino, Maço 519, Cx. 645 "Universidade de Coimbra"
- *Carta de D. Francisco de Lemos ao Marquês de Pombal (10 de Junho de 1774)*, Ministério do Reino, Maço 519, Cx. 645

- Domingos Vandelli, *Requerimento para que lhe sejam pagas as colecções de História Natural que enviou para a Universidade [1777]*, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628 (1778-1781)
- Domingos Vandelli, *Memoria sobre o Museo de (...), que foi mandado vir d'Italia p.<sup>a</sup> a Universidade de Coimbra [1777]*, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628 (1778-1781)
- Domingos Vandelli, *Breve relação do Musêo da Historia Natural, que o Doutor Domingos Vandelli tinha na Ajuda, no Real Jardim Botânico; e de que no anno de 1772, fez presente a esta Universidade, do qual se tem servido até agora, para as Lições de Historia Natural (15 de Março de 1777)*, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628 (1778-1781)
- Domingos Vandelli, *Representação sobre o projecto de estabelecimento de huma Fabrica de porcelana (1781)*, Ministério do Reino, Maço 504, Cx. 628 (1778-1781)
- José Henriques Ferreira, *Historia Do Descobrimento da Cochonilha no Brazil, da Sua Natureza, Geração, Creação, Colheita e Utilidades, etc. s/d.* [Emendado e anotado por Manuel Joaquim Henriques de Paiva], Manuscritos da Livraria, n.º 758
- [Domingos Vandelli], *Memoria sobre a Faculdade Filosofica da Universidade de Coimbra, s/d [1791]*, Ministério do Reino, Maço 519, Cx. 646, "Universidade de Coimbra. Negócios diversos"
- [Domingos Vandelli], *Relação da origem, e estado prezente do Real Jardim Botânico, Laboratorio Chymico, Museo de Historia Natural, e Caza do Risco, [1795]* Ministério do Reino, Maço 444
- *Estabelecimentos do Real Museu e Jardim Botânico (1795-1823)*, Núcleos extraídos do Conselho da Fazenda e do Real Erário, Livros 94 a 106, "Casa das Obras e Paços Reais"
- *Processo de aquisição do monetário de José Fontenelle para a Real Biblioteca Pública da Corte (1802-1804)*, Ministério do Reino, Maço 443
- *Oficio do Escrivão da Fazenda do Real Museu a Domingos Vandelli (29 de Dezembro de 1804)*, Ministério do Reino, Maço 281, Cx. 375 (1804-1827)
- *Oficio de Domingos Vandelli sobre o viveiro de árvores do Campo Grande, [1805-1806]* Ministério do Reino, Maço 281, Cx. 375 (1804-1827)
- *Requerimento de Domingos Vandelli para obtenção de sege, [1808]* Ministério do Reino, Maço 279, Cx. 372 (1801-1818)

- *Carta de Domingos Vandelli ao Príncipe Regente D. João (17 de Setembro de 1808)*, Ministério do Reino, Maço 279
- *Atestado de José Bonifácio de Andrada e Silva apenso a requerimento de João Francisco Peres (27 de Março de 1811)*, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, (1821-1833)
- *Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro (16 de Novembro de 1822)*, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555 (1821-1833)
- *Ofício de Félix de Avelar Brotero ao ministro Joaquim Pedro Gomes de Oliveira (22 de Setembro de 1823)*, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555 (1821-1833)
- *Resposta de Félix de Avelar Brotero a um ofício do Marquês de Palmela (10 de Novembro de 1824)*, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, (1821-1833)
- *Representação de Félix de Avelar Brotero ao Bispo de Viseu (17 de Março de 1827)*, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, (1821-1833)
- *Resposta de Félix de Avelar Brotero a um ofício do Visconde de Vila Nova da Rainha (3 de Maio de 1827)*, Ministério do Reino, Maço 281, Cx. 375 (1804-1827)
- *Requerimento de António José das Neves Melo pedindo o lugar de Director do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda [Novembro de 1828]*, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555, (1821-1833)
- *Ofícios do Escrivão da Fazenda do Real Museu ao Conde de Basto (7 de Setembro e 9 de Novembro de 1830; 8 de Agosto de 1831; 2 de Março e 25 de Junho de 1832)*, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555 (1821-1833)
- *Inventario do Convento de Sam Caetano dos Padres da Devina Providencia (1833)*, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Caixa 2234, Inv. 230
- *Cópia da Certidão do Auto de Cofre dada á Academia Real das Sciencias de Lisboa da Livraria, Muzeu, Medalhas, e Pinturas do extinto Convento de N. S. de Jesus (19 de Novembro de 1834)*, Ministério do Reino, Maço 2123, "Academia Real das Ciências. Requerimentos e ofícios. 1835-1843"
- *Inventario do Convento de Sam Caetano dos Padres da Devina Providencia (1833)*, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Caixa 2234, Inv. 230
- *Autos de Inventario do Mosteiro de S. Bento da Saude (1833)*, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Caixa 2224, Inv. 201

- *Relação do Numero de Pessoas, que durante o anno de 1835, visitarão o Museu e Jardim Botânico (20 de Fevereiro de 1836)*, Ministério do Reino, Maço 2122, "Academias. Jardim Botânico"
- *Autos do Inventario a que procedeu a Comissão encarregada da Inspeção scientifica e economica do Jardim Botânico da Ajuda, quando foi tomar conta da Bibliotheca e Cartorio do mesmo Jardim (2 e 16 de Dezembro de 1837)*, Ministério do Reino, Maço 2123, "Academia Real das Ciências. Officios. 1837-1843"

#### 5. ARQUIVO DO REAL JARDIM BOTÂNICO DE MADRID (ARJBM)

- *Carta de Júlio Mattiazzi a Casimiro Ortega [1783]*, I, 20, 3, 16
- *Carta do Embaixador Conde Fernan Nunez a Casimiro Ortega (12 de Janeiro de 1786)*, I, 20, 3, 19
- *Carta de Domingos Vandelli a Casimiro Ortega (26 de Dezembro de 1792)*, I, 20, 7, 2

#### 6. ARQUIVO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (AUC)

- [Domingos Vandelli], *Rol das couzas precisas para o gavinete da Istória natural que se tem comprado (1773)*, Museu de História Natural (Gabinete de História Natural)
- *Despesas com o desentulho*, Livro 1 (1773-1774), Jardim Botânico
- *Despesas com as obras (1774)*, Jardim Botânico
- *Despesas com o desentulho*, Livro 2 (1775), Jardim Botânico
- *Breve Relaçã do Museo d'Historia Natural, que o Dr. Domingos Vandelli tinha na Ajuda no Real Jardim Botânico (15 de Março de 1777)*, Processo do Professor Domingos Vandelli, n.º 372
- Domingos Vandelli, *Despeza q. se fez no Muzeo Aula de Historia Natural 2º Anno do Curso Filosofico (6 de Fevereiro de 1779)*, Museu de História Natural (Sécs. XVIII-XIX)

- Domingos Vandelli, *Lembrança da despeza que se fez na cultura das Plantas do Jardim Botânico no mez de Fevereiro de 1779*, Museu de História Natural (Sécs. XVIII-XIX)
- *Auto de Exame e Avaliação dos Varios Generos, e productos de que se compoem dous Gabinetes do Museu da Historia Natural, que se achão nesta Universidade (20 de Julho de 1779)*, Museu de História Natural (Gabinete de História Natural)
- *Representação de Domingos Vandelli à Junta da Fazenda da Universidade para se construirem armários no Museu de História Natural (1780)*, Processo do Professor Domingos Vandelli, n.º 372
- *Representação de João Luis Rodrigues, jardineiro vindo da Ajuda para o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, pretendendo obter aumento de ordenado, com certificações de D. Vandelli e Dalla Bella (Julho de 1780)*, Jardim Botânico, (Docs. para organizar)
- *Folhas de Obras (1781, 1783, 1793, 1794)*, Jardim Botânico
- *Representação de Manuel Dias Baptista (1783), para que lhe sejam pagas ajudas de custo por uma colecção de produtos que coligiu nos arredores de Coimbra e que ofereceu ao Museu de História Natural, com parecer de D. Vandelli (1783)*, Museu de História Natural (Sécs. XVIII-XIX)
- *Nota dos livros vendidos pela Firma Borel, Borel & C.<sup>a</sup> ao Dr. Domingos Vandelli (1784)*, Museu de História Natural (Sécs. XVIII-XIX)
- *Representação de José Álvares Maciel pedindo ajudas de custo para prosseguir a 'viagem philosophica' à Serra da Estrela (Agosto de 1784)*, Museu de História Natural (Sécs. XVIII-XIX)
- Alexandre Rodrigues Ferreira, *Relação das despesas feitas com as plantas que vieram deste Real Jardim Botânico da Ajuda p. o de Coimbra (4 de Fevereiro de 1795)*, Jardim Botânico (Plantas)
- *Folhas de Obras (1795, 1796)*, Jardim Botânico
- *Aviso Régio determinando reciprocidade no envio de plantas duplicadas entre o Real Jardim Botânico da Ajuda e o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (14 de Novembro de 1801)*, Jardim Botânico (Plantas)
- *Folhas da Obra do Jardim Botânico (18 de Julho de 1807- 8 de Fevereiro de 1808)*
- *Folhas de Obras (1804, 1807, 1808, 1814)*, Jardim Botânico

## 7. BIBLIOTECA DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (BACL)

- Domingos Vandelli, *Breve descrizione dell'Istituto delle Scienze di Bologna (1758)*, Ms. 1205/1, Série Azul
- Domingos Vandelli, *Descrizione della Galleria di Firenze (1759)*, Ms. 1205/2, Série Azul
- Domingos Vandelli, *Museo dell' Università di Pisa (s/d)*, Ms. 1205/3, Série Azul
- Domingos Vandelli, *Descriptio Musei Patavini Universitatis (s/d)*, Ms. 1205/4, Série Azul
- Domingos Vandelli, *Saggio del Museo di Domenico Vandelli. Padova (1763)*, Ms. 1205/5, Série Azul
- Domingos Vandelli, *Viagens Filosoficas ou Dissertação Sobre as importantes regras que o Filosofo Naturalista, nas suas peregrinações deve principalmente observar (1779)*, Ms. 405, Série Vermelha
- *Actas da Congregação dos Frades da Terceira Ordem da Penitência de S. Francisco (Convento de Jesus)*, Ms. 1931, série azul, fls. 11 v -12, 157 v -159 v
- Alexandre Rodrigues Ferreira, *Carta ao Abade Correia da Serra (1789)*, Pasta do Sócio, Arquivo da Secretaria
- Frei José Mayne, *Requerimento a S. M. concernente á doação do Gabinete de História Natural, Pintura e Artefactos, assim como de bens para instituir uma escola publica e, desenvolver a Livraria do Convento de N. S. de Jesus de Lisboa [1792]*, Ms. 791, Série Azul
- Domingos Vandelli, *Memorias sobre a utilidade dos Jardins Botanicos, e Muzeos d'Historia Natural (s/d)*, Ms. 143/2, Série Vermelha
- Félix de Avelar Brotero, *Reflexões sobre a Representação que o Ex.mo Marquez de Abrantes, D. Jose, fez immediatamente a S. A. R. a bem da Agricultura e Industria nacional [1815/1820]*, Ms. 1122, Série Azul
- Félix de Avelar Brotero, *Catálogo geral de todas as plantas do Real Jardim Botânico*, Ms. 1835, Série Azul

## 8. BIBLIOTECA DA AJUDA (BA)

- *Correspondência de João Baptista Carbonne para Manuel Pereira de Sampaio (1741- 1743)*, 49-VIII-40
- *Decreto de nomeação do Marquês de Angeja como Presidente do Erário Régio (14 de Março de 1777)*, 54-VI-14, 10 a

## 9. BIBLIOTECA DO DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA DA FAC. DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (BDBUC)

- *Risco do Jardim Bottonico da Universidade de Coimbra (séc. XVIII)*
- *Risco das Estufas do Real Jardim Bottonico da Universidade de Coimbra (séc. XVIII)*
- Bernardino António Gomes, *Observações sobre a Canella do Rio de Janeiro escritas a rogo do Senado da Camara da mesma cidade. Em 8 de maio de 1798*
- *Planta do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (1807)*
- F. A. Brotero, *Horti Regi. Olisiponense ad Aulam Regiam in Ajuda siti, novarum, rariorum minus cognitarum stirpium descriptiones iconibus illustrate (s/d)*
- *Planta do Jardim Botânico em Coimbra e suas Dependencias (30 de Julho de 1878)*

## 10. BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (BGUC)

- *Projecto de Jacob de Castro Sarmiento para a construção de um Jardim Botânico e 'Bibliotheca Botanica' na Universidade desenhado pelo Arq. E. Oakley (1731)*, Ms. 3180, Planta n.º 30
- *Mappa Topografico do arcoducto que se hade fazer para se introduzir a Agoa no Jardim Botânico (27 de Fevereiro de 1781)*, Ms. 3180, Planta n.º 6



## 11. BIBLIOTECA DO MUSEU DE CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (BMCUL)

- *Cópia da representação, enviada a Sua Magestade por intermédio do Ministério da Guerra, que o Conselho da Escola fez, pedindo a incorporação na mesma Escola do Jardim Botânico e Museu de História Natural (11.12.1838)*
- *Mudança do Museu de História Natural da Academia Real das Ciências para a Escola Polytenica (1858)*

## 12. BIBLIOTECA DO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA (BMNAA)

- Maria Matilde Pessoa de Magalhães Figueiredo, *Dos museus e colecções de Lisboa. Estudos-Teses. Elementos inéditos. Bibliografia*, CICM, 1980

## 13. BIBLIOTECA NACIONAL (BN)

- Domenici Vandelli, *Hortus Olisiponensis Exhibens Plantas Exoticas Horti Regii specimenque Historie Naturalis Lusitaniae Cum novis generibus et Specibus (15 de Janeiro de 1771)*, Cod. 3750
- Agostinho Joze Martins Vidigal, *Methodo De fazer Observações, e Exames necessarios para augmento da Historia Natural, com os meios de preparar, conservar, e dispor nos Museos os diversos productos da Natureza, s/d*, Mss. 8520
- João da Silva Feijó, *Itinerario Filosofico que contem a Rellação das Ilhas de cabo Verde disposto pelo methodo epistolar dirigidas ao Ill.mo e Ex.mo Senhor Martinho de Mello e Castro pello Naturalista regio das mesmas Ilhas (1783)*, FR 436
- F. Lesidenberg, *Description de Lisbonne 1789-1792 [Inclui: Mémoire ou Note de divers articles d'Histoire Naturelle qu'on peut rassembler en Portugal]*, Cod. 13036
- *Oficio de António Ribeiro dos Santos ao marquês Mordomo Mor sobre o mobiliário e a segurança do gabinete de medalhas (28 de Junho de 1798)*, Arquivo Histórico, DGA/04/Lv. 01

- *Carta de António Ribeiro dos Santos para o Inspector da Real Biblioteca Pública da Corte sobre a arquitectura de uma casa de biblioteca, incluindo museu (s/d), Arquivo Histórico, Cx. 03, Doc. 66*
- *António Ribeiro dos Santos, Descrição do monetário de J. Fontenelle, condições de venda e transporte (1 de Novembro de 1802), Arquivo Histórico, Cx. 03, Doc. 24*
- *Avisos de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a António Ribeiro dos Santos sobre as condições de aquisição do monetário de J. Fontenelle (21 de Janeiro, 21 de Abril, 17 de Junho de 1803), Arquivo Histórico, CR/03/Cx 01*
- *Carta de João Vidal da Costa e Sousa a António Ribeiro dos Santos (10 de Abril de 1803), BN, Arquivo Histórico, Cx. 01, Doc. 18*
- *Aviso de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a António Ribeiro dos Santos sobre a remessa de uma boceta de moedas do Corregedor de Vila Real para o Monetário da Real Biblioteca Pública (9 de Julho de 1803), Arquivo Histórico, CR/03/Cx. 01*
- *Carta de António Ribeiro dos Santos para D. Rodrigo de Sousa Coutinho propondo o nome dos examinadores do monetário Fontenelle (19 de Junho de 1803), Arquivo Histórico, Cx. 03, Doc. 34*
- *Carta de Francisco Xavier Fabri para António Ribeiro dos Santos sobre a construção de armário para as medalhas (7 de Setembro de 1803), Arquivo Histórico, Cx. 03, Doc. 38*
- *Carta de João de Magalhães e Avelar para António Ribeiro dos Santos (15 de Abril de 1803), Arquivo Histórico, DGA/03/01/Cx.01 Doc. 20*
- *Carta de José Fontenelle para António Ribeiro dos Santos (20 de Setembro de 1803), Arquivo Histórico, Cx. 01, Doc. 53*
- *Carta de António Ribeiro dos Santos para José Fontenelle (c. 30 de Outubro de 1803), Arquivo Histórico, Cx. 02, Doc. 21*
- *Carta de José Fontenelle para António Ribeiro dos Santos (25 de Novembro de 1803), Arquivo Histórico, Cx. 02, Doc. 14*
- *Carta de António Ribeiro dos Santos a João Vidal da Costa e Sousa [1803], Arquivo Histórico, Cx. 02, Doc. 22*
- *Carta de José Fontenelle para João Vidal da Costa e Sousa (3 de Janeiro de 1804), Arquivo Histórico, Cx. 02, Doc. 24*
- *António Ribeiro dos Santos, Da Diferença, e diversa Natureza dos Bens Reaes Do Património da Corôa E dos Bens Reaes do Património do Principe, Cod. 4677*

- *Museo de Antiguidades (A e B)*, Arquivo Histórico
- António Ribeiro dos Santos, *Catalogo da Collecção de sessenta e sete Medalhas de Prata dos Reys de Macedonia que há no Monetario da Real Bibliotheca de Lisboa*, Arquivo Histórico
- António Ribeiro dos Santos, *Catalogo das Medalhas dos Reys da Grã Bretanha*, Arquivo Histórico
- António Ribeiro dos Santos, *Catalogo de Medalhas Modernas*, Arquivo Histórico
- António Ribeiro dos Santos, *Serie das personagens que figuraõ nas Medalhas do Alto Imperio*, Arquivo Histórico
- António Ribeiro dos Santos, *Resumo da constituição e estado da Real Bibliotheca Pública da Corte (1816)*, Arquivo Histórico, CR/01/Cx 01-006
- António Ribeiro dos Santos, *Relação dos moveis que existem na Real Bibliotheca da Corte de Lisboa*, BN, Arquivo Histórico, GPA/01/Cx. 01-01
- *Relação dos Productos naturaes que deste Real Museu tem levado a Serenissima Snr.ª Infanta D. Ana de Jesus Maria em Janeiro de 1827*, Cx. 236, n.º 159

#### 14. BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO (BNRJ)

- [Domingos Vandelli], *Instruções para os membros da Expedição Filosófica*, Divisão de Manuscritos, 21, 2, 2, n.º 22
- Alexandre Rodrigues Ferreira, *Inventário Geral e Particular de todos os Productos Naturaes, e Artificiaes, Instrumentos, Livros, Utensiz e Moveis pertencentes ao Real Gabinete de História Natural, Jardim Botânico, e suas Cazas annexas (...) Tudo como nelle se declara (8 de Novembro de 1794)*, Divisão de Manuscritos, I-21, 10/49-8-13

#### 15. BIBLIOTECA NACIONAL DA RÚSSIA (BNR)

- *Carta de António Nunes Ribeiro Sanches a P. S. Pallas (16 de Junho de 1770)*, Secção de Manuscritos, Fundo Stelkin, "Correspondência com Ribeiro Sanches"

## 16. BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA (BPE)

- *Alvará em fôrma de Ley (20 de Agosto de 1721)*, CXVI/2-20, fls. 161 v.º-164
- [Frei Manuel do Cenáculo], *Diario do R. mo P. D. Fr. Joaquim de S. José na jornada q.e fez ao Cap.º G.al de Roma em 1750 (12 de Fevereiro a 19 de Julho)*, CV/1-10 d.
- *Inscrições do Museu Sisenando Cenaculano Pacense*, CXXIX/1-13
- *Album de antiguidades lusitanas e luso-romanas, etc. de Fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas*, CXXIX/1-14, "Lapides do Museo Sesinando Cenaculano Pacence"
- *Carta do Barão de Hupsch a Frei Manuel do Cenáculo (17 de Julho de 1771)*, CXXVII/1-4, Carta 566
- *Carta de Frei Bernardo de Lima e Melo Bacelar a Frei Manuel do Cenáculo (30 de Julho de 1771)*, CXXVII/1-4, Carta 625
- *Gabinetto d'Istoria Naturale presentato all'Illustre e Celebre Università di Coimbra dal Dr. Domenico Vandelli. 1772*, CX/2-18, fls. 191-194 v.
- *Relação da Jornada que á cidade de Marrocos fez Jozé Rolem Wan Dek (30 de Setembro de 1773)*, Manizola, Cód. 265
- *Carta de Nicolao Pagliarini a Frei Manuel do Cenáculo (7 de Janeiro de 1775)*, CXXVIII/1-13, Carta 4215
- *Carta de Domingos Vandelli a Frei Manuel do Cenáculo (22 de Janeiro de 1775)*, CXXVII/1-7, Carta 1413
- *Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo(s/d)*, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 55
- *Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo(s/d)*, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 13
- *Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (3 de Setembro de 1775)*, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 17
- *Carta de Diogo de Melo a Frei Manuel do Cenáculo (14 de Março de 1778)*, CXXVII/1-7, Carta 1371
- *Carta do Abade José Correia da Serra a Frei Manuel do Cenáculo [1779]*, CXXVII/2-3, Carta 2874
- *Carta de Francisco Martins Sampaio a Frei Manuel do Cenáculo (19 de Setembro de 1780)*, CXXVII/1-9, Carta 1694

- *Cartas de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (1780)*, BPE, CXXVIII/1-4, Docs. n.º s 16, 18 e 21, pp. 26, 29 e 35
- *Cartas de Jorge Manuel Rey a Frei Manuel do Cenáculo (12 de Setembro, 12 e 17 de Outubro de 1780, 23 de Março de 1781, s/d)*, CXXVII/2-1, Cartas 2581, 2591, 2582, 2585, 2592
- *Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (10 de Janeiro de 1782)*, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 19
- *Carta de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (8 de Maio de 1782)*, CXXVIII/1-4, Doc. n.º 31, p. 47
- *Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (23 de Janeiro de 1783)*, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 21
- *Carta de Francisco Perez Bayer a Frei Manuel do Cenáculo (10 de Julho de 1783)*, CXXVII/1-9, Carta 1775
- *Carta do Duque de Lafões a Frei Manuel do Cenáculo (1 de Janeiro de 1786)*, CXXVII/1-7, Carta 1428
- *Carta de Domingos Vandelli a Frei Manuel do Cenáculo (6 de Maio de 1787)*, CXXVII/1-7, Carta 1414
- *Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (15 de Março de 1788)*, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 29
- *Carta de Frederic North a Frei Manuel do Cenáculo (1 de Abril de 1788)*, CXXVII/1-10, Carta 1866
- *Cartas de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (1 de Julho, 3 de Outubro de 1788)*, CXXVIII/1-4, Docs. n.º s 50 e 56, pp. 73 e 84
- *Carta de Francisco José Maria de Brito a Frei Manuel do Cenáculo (6 de Março de 1790)*, CXXVII/1-8, Carta 1640
- *Cartas do Abade Carlos Francisco Garnier a Frei Manuel do Cenáculo (2 de Novembro de 1788; 3 de Maio de 1792)*, CXXVII/1-6 (1), Cartas 1055, 1056
- *[Frei José de São Lourenço do Valle], Oração do Museo dita a 15 de Março de 1791*, Manizola, Cód. 75, n.º 19
- *Carta de Frei José de Santo António Moura a Frei Manuel do Cenáculo (22 de Julho de 1791)*, CXXVII/2-5, Carta 3217
- *Carta de João José Pinto Vasconcelos a Frei Manuel do Cenáculo (25 de Junho de 1792)*, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 6

- Frei Manuel do Cenáculo, *Santo Sizenando. Beja Sua Patria [desenhos e notas da mão de Cenáculo referentes a escavações realizadas enquanto Bispo de Beja, s/d.]*, CXXIX/1-10
- *Cartas de Alexandre de Sousa Holstein a Frei Manuel do Cenáculo (22 de Março de 1794; 14 de Julho de 1795)*, CXXVII/1-1, Cartas 19, 20
- *Carta de Manuel de Vilhena Mouzinho a Frei Manuel do Cenáculo (16 de Agosto de 1796)*, CXXVII/2-9, Carta 3821
- *Cartas de António Ribeiro dos Santos a Frei Manuel do Cenáculo (24 de Maio e 15 de Junho de 1797; 12 de Janeiro de 1798)*, CXXVII/1-2, Cartas 366, 367, 371
- *Carta do Marquês Mordomo-Mor a Frei Manuel do Cenáculo (15 de Julho de 1797)*, CXXVII/2-10, Carta 3941
- *Cartas de Francisco José Maria de Brito a Frei Manuel do Cenáculo (19 de Setembro e 23 de Novembro de 1797)*, CXXVII/1-8, Cartas 1648 e 1649
- *Carta do Duque de la Roca a Frei Manuel do Cenáculo (28 de Setembro de 1798)*, CXXVII/1-7, Carta 1439
- *Carta de José Cornide y Saavedra a Frei Manuel do Cenáculo (30 de Dezembro de 1800)*, CXXVII/2-3, Carta 2851
- *Carta de Francisco José Maria de Brito a Frei Manuel do Cenáculo (6 de Janeiro de 1801)*, CXXVII/1-8, Carta 1658
- *Cópia do despacho de agradecimento a Cenáculo pela sua doacção à Real Biblioteca de Lisboa, em 7 de Março de 1797 de uma grande e preciosa colecção de livros e manuscritos, e um monetário de cobre, prata e ouro de mais de 5 mil medalhas (26 de Dezembro de 1801)*, CXXVII/1-2, Carta 373, Anexo
- *Détail en gros des Medaillons, Medailles, et Monnoies anciennes, et modernes de Joseph Fontenelle (s/d) [1802]*, CX/2-18, "Colecção Numismática Fontenelle"
- *Dois panfletos anónimos contra Brotero (27 de Abril e 3 de Maio de 1803)*, Cod. CIX /1-18, P. 35, fls. 158 a 177
- *Carta de Francisco José Maria de Brito a Frei Manuel do Cenáculo (5 de Julho de 1803)*, CXXVII/1-8, Carta 1663
- *Parecer de João Vidal da Costa e Sousa sobre o monetário de José Fontenelle (20 de Agosto de 1803)*, CX/2-18, "Colecção Numismática Fontenelle"

## 17. BRITISH LIBRARY (BL)

- *Carta de Rollem Van Deck a Joseph Banks (Dezembro de 1766)*, Add. Ms. 8094
- *Cartas de Domingos Vandelli a Joseph Banks (Julho de 1767, Novembro de 1768, Agosto e Outubro de 1771, Fevereiro de 1772, Março de 1785, Fevereiro e Dezembro de 1810, Maio e Julho de 1811)*, Add. Ms. 8094, 8100 e 33982

## 18. MUSEU DE CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (MCUL)

- *Livro De Registo dos Decretos, Portarias, Avisos, e outras Regias Determinações, que baixão ao Real Jardim Botânico, Laboratorio Chimico, Musêo, e Casa do Risco*, Inv. N.º 55

## II

## FONTES IMPRESSAS E OBRAS DE CONSULTA

**ABILDGAARD** - "Lettre d'un naturaliste danois en passage à Lisbonne au siècle dernier", in *Comunicações da Direcção dos Trabalhos Geológicos de Portugal*, t. III, fasc. I, 1895-96, pp. 27-128

**ABRANTES**, Laura Permont, Duquesa de - *Mémoires de madame la duchesse d'Abrantes. Souvenirs historiques sur Napoléon, la Révolution, le Directoire, le Consulat, l'Empire et la Restauration*, Paris, Garnier Frères, s/d, 10 vols.

---- - *Souvenirs d'une ambassade et d'un séjour en Espagne et en Portugal de 1808 a 1811*, Paris, Olivier, 1837

*Actas das Congregações da Faculdade de Filosofia (1772-1820)*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1978

**AIRES**, Cristóvão - *Para a história da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Imprensa da Universidade, 1927

**ALARCÃO**, Jorge e **DELGADO**, Manuela - *Catálogo do gabinete de numismática e antiguidades. 1ª Parte. Antiguidades ibéricas e romanas*, Lisboa Biblioteca Nacional de Lisboa, 1969

**ALBUQUERQUE**, Luís de - "O ensino da Matemática na reforma pombalina", in *Estudos de História*, vol. VI, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1978, pp. 1-13

**ALEGRIA**, António Miguel - *Colecção, coleccionadores. A colecção de Cenáculo*, Texto apresentado ao Mestrado em 'Museologia e Património' da F.C.S.H da U.N. de Lisboa (Polic.), 1998

**ALEXANDRE**, Valentim - *Os sentidos do Império. Questão nacional e questão colonial na crise do antigo regime português*, Lisboa, Dissertação de Doutoramento (dactilog.), 1988

**ALMAÇA**, Carlos - *Museus de zoologia e investigação científica*, Lisboa, Associação Portuguesa de Museologia, 1985

----- - "A zoologia e a antropologia na escola politécnica e na faculdade de ciências da universidade de Lisboa (até 1983)", *Faculdade de ciências da universidade de Lisboa. Passado/Presente. Perspectivas futuras*, Lisboa, Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, 1987, pp. 293-312

----- - "As colecções de conchas em gabinetes e museus de história natural portugueses", *Açoreana*, nº 7, 1989, pp. 17-24

----- - "Alexandre Rodrigues Ferreira e a exploração histórico - natural do Brasil", *Oceanos*, n.º 9, Janeiro 1992, pp. 54-57

----- - "A expedição filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira no contexto histórico-natural da sua época", in *Viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. Ciclo de conferências*, Academia de Marinha, 1992, pp. 3-15

----- - *Bosquejo histórico da Zoologia em Portugal*, Lisboa, Museu Bocage, 1993

----- - *A natural history museum of the 18th century: the royal museum and botanical garden of Ajuda*, Lisboa, Museu Nacional de História Natural, 1996

----- - *Baleias, focas e peixes-bois na história natural portuguesa*, Lisboa, Museu Nacional de História Nacional, 1998



*Almanach de Lisboa*, Lisboa Na Officina da Academia Real das Sciencias, 1787, pp. 257-258; 1788, p. 328; 1789, pp. 365-366; 1790, p. 426; 1791, pp. 460-462; 1792, p. 486; 1793, pp. 497-498; 1794, pp. 512-513; 1795, Parte VI, pp. 28-29; 1796, pp. 121-124; 1797, pp. 393-395; 1798, p. 451-453; 1799, pp. 463-465; 1800, pp. 509-512; 1802, p. 535-536; 1803, pp. 542-545; 1805, pp. 580-583; 1807, pp. 628-631; 1812, pp. 530-533; 1814, Parte V, pp. 42-45; 1817, Parte V, pp. 44-47; 1820, pp. 822-825; 1823, pp. 180-181

**ALMEIDA**, Francisco Augusto Xavier de - *Noticia das collecções da secção mineralogica do Museu Nacional de Lisboa*, Lisboa, Typografia Lisbonense, 1868

**ALMEIDA**, Luís Ferrand de - "Aclimação de plantas do Oriente no Brasil durante os séculos XVII e XVIII", *Revista Portuguesa de História*, t. XV, Coimbra, 1975, pp. 339-481

**ALMEIDA**, M. Lopes de - *Documentos da reforma pombalina*, vol. I, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1937

**ALONSO FERNANDEZ**, Luis - *Museologia. Introduccion a la teoria y práctica del museo*, Madrid, Ediciones Istmo, 1993

"**Alvará com força de Lei (4 de Fevereiro de 1802)**", in *Colecção da Legislação Portuguesa. Desde a ultima compilação das ordenações (1800-1807)*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1807

**ALVAREZ DE COLMENAR**, Juan - *Les delices de l'Espagne et du Portugal*, Leide, Pierre Vander, 1715, t. V

**AMZALAK**, Moses Bensabat - *A economia política em Portugal. O fisiocratismo. As memórias económicas da Academia e os seus colaboradores*, Lisboa, Edição do autor, 1922

**ANDRADE**, A.A. Banha de, *Contributos para a história da mentalidade pedagógica portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1982.

*Annaes da Sociedade Promotora da Indústria Nacional*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1822-1854

*Annuncios ruraes a favor da agricultura do reino, e colonias*, Lisboa, 1802

AÑÓN, Carmen - *Real Jardín Botánico de Madrid, 1755-1781. Sus origenes*, Madrid, RJB/CSIC, 1987

*L'anticomanie. La collection d'antiquités aux 18 e et 19e siècles*, (dir. de Annie-France Laurens e Krysztof Pomian), Actas do Colóquio, Paris, Éditons de L'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1992

ANTUNES, M. Telles - "Sobre a história da paleontologia em Portugal", in *História e desenvolvimento da ciência em Portugal*, ob. cit., vol. II, pp. 773-814

----- - "Sobre a história do ensino da geologia em Portugal", *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, t. 75, 1989, pp. 127-160

A.P.D.G. - *Sketches of portuguese life, manners, costume, and character*, Londres, B. Whittaker, 1826 [estada em Portugal: 1793-1804, 1809-?; p. 85: Museu da Ajuda; "the autor entered the Portuguese civil service" UNL CEC FOT 43]

ARAGÃO, A. C. Teixeira de - *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, 1.º vol., Porto, Livraria Fernando Machado, 1966, 2ª ed. [1.ª ed., 1875]

----- - "Catalogo dos objectos de arte e industria dos indigenas da America que pelas festas comemorativas do 4.º Centenário da sua descoberta a Academia Real das Sciencias de Lisboa envia á Exposição de Madrid", in *Centenario do descobrimento da America. Memorias da comissão portugueza*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1892.

ARAÚJO, F. D. d' Almeida - "Museus, gabinetes de medalhas, gabinetes de fisica, jardins botânicos", *O Panorama*, t. 14, 1857, p. 392

**ARAÚJO**, Luís Manuel de - *Antiguidades egípcias*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 1993

----- - "O núcleo egípcio da colecção de antiguidades da Biblioteca Nacional", *Leituras. Revista da Biblioteca Nacional*, n.º 2, Primavera de 1998, pp. 161-167

**AREIA**, M. L. Rodrigues de, **ROCHA**, M. A. Tavares da, e **MIRANDA**, Maria Arminda - "O museu e laboratório antropológico da universidade de Coimbra", *Universidade(s). História. Memória. Perspectivas. Actas do congresso 'história da universidade'*, vol. 2, Coimbra, 1991, pp. 87-105

**AREIA**, Manuel Larangeira Rodrigues, e **MIRANDA**, Maria Arminda Pereira - "Perfil de um naturalista", in *Memória da Amazônia, ob. cit.*, 1991, pp. 15-75

----- - "A philosophical journey to the Amazon, 1783-92. The story of the gathering and dispersal of a collection", *Journal of the History of Collections*, vol. 7, n.º 1, 1995, pp. 59-71

**ARGENVILLE**, Desallier d' - *Conchyologie, ou histoire naturelle des coquilles de mer, d'eau douce, terrestres et fossiles*, Paris, Guillaume de Bure, 1780, 3ª ed. [1ª ed. 1742; 2ª ed. 1757]

**ARMADA**, Juan e **CASTROVIEJO**, Santiago - *Real Jardín Botánico de Madrid*, Madrid, Editorial El Avapiés, 1994

**ATAÍDE**, Carlos Schneeberger - *Palácio Foz*, Lisboa, Direcção-Geral da Divulgação, 1984

"Aviso Régio que manda o Naturalista João da Silva Feijó ás Ilhas de Cabo Verde (1783)", *Jornal de Coimbra*, 1819, vol. XIV, n.º LXXV, p. 90

"Aviso Régio ao Governador das Ilhas de Cabo Verde para remetter para Lisboa Producções Naturaes, e da arte das mesmas Ilhas (1797)", *Jornal de Coimbra*, 1819, vol. XIV, n.º LXXV, p. 91

**"Aviso Régio para que das Ilhas de Cabo Verde se concorra com remessas de sementes e informações para a Flora geral de todos os Dominios de S.M.F. (1801)", *Jornal de Coimbra*, 1819, vol. XIV, n.º LXXV, p. 92**

**AZEVEDO, J. Fraga de - "Malacologia: uma ciência quase ignorada em Portugal", *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*, t. XXI, 1976/77, pp. 317-337**

**AZEVEDO, Moreira de - "Sociedades fundadas no Brazil desde os tempos coloniaes até o começo do actual reinado", *Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brazil*, t. XLVIII, Parte II, 1885, p. 269**

**AZEVEDO, Pedro de - "Geoffroy Saint-Hilaire em Lisboa", *Boletim de Segunda Classe*, vol. XIV, Academia das Ciências de Lisboa, 1919-1920, pp. 93-121**

**BAIÃO, António - *A infância da Academia (1788-1794)*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1934**

**BALBI, Adrien - *Essais statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*, 2 vols, Paris, Ed. Rey et Gravier, 1822**

**BARATAY, Éric, e HARDOUIN-FUGIER, Élisabeth - *Zoos. Histoire des jardins zoologiques en occident (XVI e-Xxe siècle)*, Paris, Éditions La Découverte, 1998**

**BARBOSA, Inácio de Vilhena - "Jardim Botânico da Ajuda", *Archivo Pittoresco*, vol. V, 1862, pp. 220-222**

----- - "Fragmentos de um roteiro de Lisboa (Inedito). Arrabaldes de Lisboa", *Archivo Pittoresco*, vol. VI, 1863, pp. 98, 306

----- - "Museus da Universidade de Coimbra", *Archivo Pittoresco*, vol. IX, 1866, pp. 17-18

----- - *Apontamentos para a historia das colecções e dos estudos de zoologia em Portugal*, Lisboa, Typ. de Christovão Augusto Rodrigues, 1885

----- - "Museus criados em Portugal até ao fim do século XVIII", *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 4.ª série, t. IX, vol. 10, 1903, pp. 26-35

**BARBOSA**, D. José - *Elogio do illustrissim. e excellent. senhor D. Francisco Xavier Jozé de Menezes. IV Conde da Ericeira*, Lisboa, Na Officina de Ignacio Rodrigues, 1745

**BARREIRO**, Agustin J. - *El Museo Nacional de Ciencias Naturales (1771-1935)*, Madrid, Ediciones Doce Calles, 1992 [1ª ed. 1944]

**BATTELLI**, Guido - *Domenico Vandelli e il Giardino Botanico di Coimbra*, Coimbra, Sep. da Revista *Biblos*, 1929

**BAZIN**, Germain - *Le temps des musées*, Liège-Bruxelas, Desoer Éditions, 1967

**BECKFORD**, William - *Italy; with sketches of Spain and Portugal*, Londres, Richard Bentley, 1834

----- - *The journal of W. B. in Portugal and Spain. 1787-1788*, Londres, Rupert-Davis, 1954

**BENOIST**, Luc - *Musées et muséologie*, Paris, P.U.F., 1960

*Bibliotheca do Povo e das Escolas*, 9.ª série, n.º 65, 'Historia da Botanica em Portugal', 1884, pp. 3-63

**BLAKE**, Augusto Victorino Alves Sacramento - "Frei José Mariano da Conceição Veloso", *Diccionario bibliographico brasileiro*, 5º vol., 1899, p. 64.

**BLANCO**, Francisco Cordeiro - "Uma carta inédita de Vieira Portuense", *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, vol. I, n.º 3, 1948, pp. 147-151

----- - *Álbum do Palácio de Arroios. Desenhos de Domingos António de Sequeira*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1956

**BLUTEAU**, Rafael - *Vocabulario portuguez & latino*, Lisboa/Coimbra, 10 ts., 1712-1728

**BOCAGE**, J. V. Barbosa du - *Instrucções praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoologicos para o Museu de Lisboa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862

**BOCK**, Henning - "Collections privées et publiques. Les prémices du musée public en Allemagne", in *Les musées en Europe...*, ob. cit., pp. 59-77

**BOLAÑOS**, María - *Historia de los museos en España. Memoria, cultura, sociedad*, Gijón, Ediciones Trea, 1997

**BOMBELLES**, Marquês de - *Journal d'un Ambassadeur de France au Portugal. 1786-1788*, Paris, Presse Universitaire de France, 1979

**BOTELHO**, Teixeira - "Subsídios para a história das sciências naturais em Portugal. O naturalista Manuel Galvão da Silva e as suas excursões científicas em Moçambique nos fins do século XVIII", *Boletim da Segunda Classe*, vol. XVIII, Academia das Ciências de Lisboa, 1923-1924, pp. 161-183

**BOYER**, Ferdinand - "Le Muséum d'Histoire naturelle à Paris et l'Europe des sciences sous la Convention", *Revue d'Histoire des Sciences et de leurs applications*, t. XXVI, n.º 3, 1973, pp. 251-257

**BRAGA**, Teófilo - *Historia da universidade de Coimbra nas suas relações com a instrução publica portugueza*, Lisboa, Academia Real das Ciências, ts. III-IV, 1898-1902

**BRANDÃO**, Raúl - *El-Rei Junot*, Lisboa, I.N.C.M., 1982

**BRELIN**, Johan - *De passagem pelo Brasil e Portugal em 1756*, Lisboa, Casa Portuguesa, 1955

*Breves instrucções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos productos, e noticias pertencentes à historia da natureza, para formar hum museo nacional*, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1781

**BRIGOLA**, João Carlos - *Ciência e Política. Do Pombalismo ao Liberalismo. Francisco Simões Margiochi*, Lisboa, Dissertação de Mestrado apresentada à F.C.S.H. da U.N.L., (Policopiada), 1990

----- - "Colecções, gabinetes, jardins botânicos e museus em Portugal - o testemunho dos viajantes estrangeiros (1750-1900)", *Leituras. Revista da Biblioteca Nacional*, n.º 3, Outono de 1998, pp. 153-164

----- - "José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811) - um frade no universo da natureza" (em colab. com M. F. Nunes), in *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801)*, *ob. cit.*, 1999, pp. 51-75

**BROCA**, Numa - "Voyages et géographie au XVIIIe siècle", *Revue d'Histoire des Sciences et de leurs applications*, t. XXII, n.º 2, 1969, pp. 137-154

**BROTERO**, Félix de Avelar - "Sobre a distribuição e applicação do terreno que actualmente possui a Universidade destinado para o seu Jardim Botânico. 5 de Março de 1807", *O Conimbricense*, n.ºs 5737, 5739, 5741, 5742, 5744, 5745, 5746, Coimbra, 1902

----- - "Prefacção do nomenclador portuguez", in Cuvier, *Quadro elementar da historia natural dos animaes*, Londres, H. Bryer, 1815, t. I, pp. X-XI

----- - "Reflexões sobre a agricultura de Portugal, sobre o seu antigo e presente estado, e se por meio de escolas ruraes praticas, ou por outros, ella pode melhorar-se, e tornar-se florente", in *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, t. IV, Parte I, 1815, pp. 75-92

----- - "Noções historicas das phocas em geral e particular. Com as descripções das que se conservão no Real Museu do Paço de Nossa Senhora da Ajuda", *Jornal de Coimbra*, 1817, vol. XI, n.º LVII, Parte I, pp. 151-172

----- - "Carta a D. Francisco de Lemos. 27 de Fevereiro de 1815", *O Instituto. Revista scientifica e litteraria*, vol. XXXVII, 2.ª série, n.º 6, Dezembro de 1889, pp. 358-359

----- - "Catalogo Geral de todas as Plantas do Nacional e Real Jardim Botanico d'Ajuda", *Jornal da Sociedade Pharmaceutica de Lisboa*, t. I, 1836, pp. 233-241; 283-289; 338-346; 445-452; 492-496; 613-620; t. II, 1838, pp. 46-52; 184-191; 257-265

**BURNAY**, Luís Pisani e **MONTEIRO**, António A. - *História da malacologia em Portugal*, Lisboa, Publicações Ocasionais da Sociedade Portuguesa de Malacologia, 1988

**CAEIRO**, Francisco da Gama - *Fr. Manuel do Cenáculo. Aspectos da sua actuação filosófica*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1959

**CALAFATE**, Pedro - "Teoria e arte dos jardins no século XVIII em Portugal", *Philosofica*, n.º 4, Novembro de 1994, pp. 127-140

**CALVO SERRALLER**, Francisco - *Breve historia del museo del Prado*, Madrid, Alianza Editorial, 1994

**CÂMARA**, Benedita Cardoso - *Do agrarismo ao liberalismo. Francisco Soares Franco - um pensamento crítico*, Lisboa, INIC, 1989

**CÂMARA**, Manuel Arruda da - *Discurso sobre a utilidade da instituição de jardins nas principaes provincias do Brazil*, Rio de Janeiro, Impressão Regia, 1810

**CANÊLHAS**, Maria da Graça Salvado - *Museus portugueses de história natural. Perspectiva histórica*, Lisboa, Associação Portuguesa de Museologia, 1983

**CAPEL**, Horacio - "El público y la circulación de obras de Geografía en la España del siglo XVIII", in *La ciencia y su público: perspectivas históricas*, in *ob. cit.*, pp. 225-310

**CARDOSO**, José Luís - "Os escritos económicos e financeiros de Domingos Vandelli", *Ler História*, n.º 13, 1988, pp. 31-51

----- - *O pensamento económico em Portugal nos finais do século XVIII. 1780-1808*, Lisboa, Editorial Estampa, 1989



**CARITA, Helder, e CARDOSO, Homem** - *Tratado da grandeza dos jardins em Portugal ou da originalidade e desaires desta arte*, Lisboa, Edição de autores, 1987

**CARRÈRE, J. B-F.** - *Panorama de Lisboa no ano de 1796*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1989

**"Carta do Marquez de Pombal ao Bispo de Coimbra Reitor da Universidade, D. Francisco de Lemos, em resposta sôbre o plano do Jardim Botânico da Universidade, oferecido, e traçado pelos Lentes de Philosophia Italianos"**, *Jornal de Coimbra*, n.º LXXXIX, vol. XVI, 1820, Parte II, pp. 193-194

**CARTAILHAC, Emile** - *Congrès d'antropologie et d'archéologie préhistorique, IX session. Compte-rendu de M. Emile Cartailhac* [folheto especial que não faz parte do *Compte-rendu* impresso em Lisboa no mesmo ano], 1880

**CARVALHO, A. Ayres de** - *Documentário artístico do primeiro quartel de setecentos, exarado nas notas dos tabeliães de Lisboa*, Braga, Sep. da Revista *Bracara Augusta*, 1973

----- - *Palácio da Ajuda*, Lisboa, Secretaria de Estado da Informação e Turismo, 1973

----- - *Os três arquitectos da Ajuda. Do 'Rocaille' ao 'Neoclássico'*, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1979

**CARVALHO, A. M. Galopim de, e LOPES, César Lino** - "Geociências na universidade de Lisboa - investigação científica e museologia", *Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Passado/Presente. Perspectivas futuras*, Lisboa, Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, 1987, pp. 247-268

**CARVALHO, Augusto da Silva** - "A vinda de Geoffroy Saint-Hilaire a Lisboa", *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. II, 1930, pp. 900-903

----- - *As academias científicas do Brasil no século XVIII*, Lisboa, Sep. de Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências, t. II, 1939

----- - *O abade Correia da Serra*, Lisboa, Sep. do t. VI, Classe de Ciências das Memórias, Academia das Ciências de Lisboa, 1948

**CARVALHO**, Joaquim Augusto Simões de - *Memoria historica da faculdade de Philosophia*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872

**CARVALHO**, Rómulo de - *História da fundação do Colégio Real dos Nobres*, Coimbra, Atlântida, 1959

---- - *História do Gabinete de Física da Universidade de Coimbra*, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1978

---- - *Relações entre Portugal e a Rússia no século XVIII*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1979

---- - "A actividade pedagógica da academia das ciências de Lisboa", in *As actividades científicas em Portugal no século XVIII*, Évora, Universidade de Évora, 1996, pp. 435-602

---- - *A física experimental em Portugal no séc. XVIII*, Lisboa, ICALP, 1982

---- - "O recurso a pessoal estrangeiro no tempo de Pombal", *Revista de História das Ideias*, n.º IV (*O Marquês de Pombal e o seu tempo*, t. I), 1982, pp. 91-115

---- - "As ciências exactas no tempo de Pombal", in *Como interpretar Pombal ?*, Lisboa, Edições Brotéria, 1983, pp. 215-232

---- - *A história natural em Portugal no século XVIII*, Lisboa, ICALP, 1987

---- - *O material didáctico dos séculos XVIII e XIX do Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1993

*A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801). Bicentenário. 'Sem livros não há instrução'*, Lisboa, BN/INCM, 1999

**CASTILHO**, Júlio de - *Lisboa Antiga*, t. V, Lisboa, Livraria Ferreira, 1887

**CASTRO**, Augusto Mendes Simões de - "O Jardim Botânico da Universidade", *Archivo Pittoresco*, vol. X, 1867, pp. 361-362; 405-407

*Catálogo da colecção de quadros, gravuras, estampas, moveis, esculturas, adornos e outros objectos de arte do Palácio do Senhor Marquez de Pombal em Oeiras*, Lisboa, Editorial Império, 1939

**CENÁCULO**, Frei Manuel do - *Cuidados literarios do prelado de Beja*, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1791

----- - "As artes, as letras, e as ciências em tempo de el-rei D. João V", *O Panorama*, vol. 7, 1843, pp. 266-278

----- - *Memoria descritiva do assalto, entrada e saque da cidade de Évora pelos franceses em 1808*, Évora, Minerva Eborensis, 1887

**CHANTAL**, Suzanne - *A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d

**CHATELET**, Duque de - *Voyage du ci-devant ... en Portugal*, 2 t s., Paris, F. Buisson, 1798

**CHAVES**, Castelo Branco - *Os livros de viagem em Portugal no século XVIII e a sua projecção europeia*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987

*La ciencia y su público: perspectivas históricas* (coord. de Javier Ordóñez e Alberto Elena), Madrid, CSIC, 1990

**CHINO**, Elisabetta - "Musei Numismatici", in *Dizionario. L'arte (critica e conservazione)*, *ob. cit.*, pp. 213-219

**CHOFFAT**, Paul - "Esquisse de la marche de l' étude géologique du Portugal", *Revista de Portugal*, vol. IV, 1892, pp. 622-639

----- - "Biographie de géologues portugais", *Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal*, t. XI, 1915-1916, pp. 124-131

"**Classificação das plantas do Jardim Botânico da Ajuda**", *Revista Universal Lisbonense*, n. 29, Janeiro de 1853

**COCKBURN**, Henry-Thomas - *A voyage to Cadiz and Gibraltar up the Mediterranean to Sicily and Malta in 1810 and 1811, including a description of Sicily and the Lipari Islands and an excursion in Portugal*, Londres, T. Harding, [1815], 2 vols.

**COELHO**, José Maria Latino - *Elogio historico de José Bonifacio de Andrada e Silva*, Lisboa, Livraria de A. M. Pereira, 1877

*Collecçam dos documentos, estatutos, e memorias da Academia Real da Historia Portugueza*, Lisboa, Na Officina de Pascoal da Sylva, 1721-1734

**COLLINS**, Francis - *Voyages to Portugal, Spain, Sicily, Malta, Asia Minor, Egypt, etc., from 1796 to 1801*, Londres, Richard Phillips, 1809

**COLMEIRO**, Miguel - *La botánica y los botánicos de la península hispano-lusitana. Estudios bibliográficos y biográficos*, Madrid, M. Rivadeneyra, 1858

**CORNIDE Y SAAVEDRA**, José - *Estado de Portugal en el Año de 1800*, Madrid, Real Academia de la História, 1893, 3 vols.

----- - "Cartas inéditas de Joseph Andrés Cornide y Saavedra a Joseph Lòpez de La Torre Ayllón y Gallo (1799)", in Fidelino de Figueiredo - *Viajantes espanhoes em Portugal. Textos do séc. XVIII*, Separata do Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, LXXXIV, São Paulo, 1947, pp. 31-105

**COSTA**, Pe. António Carvalho da - *Corografia Portugueza, eDescripçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal*, Lisboa, Na Officina Real Deslandesiana, , t. III, 1712

**COSTA**, Alfredo Augusto de Oliveira Machado e - *Mestres italianos em Portugal. O inicio vestigiário dos museus portugueses de história natural*, Lisboa, Sep. do Petrus Nonius, vol. VII, fasc. 1-2, 1949

**COSTA**, Aloísio José de Carvalho Fernandes - "A introdução da cultura das quininas nas nossas províncias ultramarinas e a comparticipação dos portugueses no seu estudo químico", in *Congresso do mundo português*, Lisboa, Comissão Executiva dos Centenários, 1940, vol. XIII, pp. 327-351

**COSTA**, Luís Xavier da - *As belas-artes plásticas em Portugal durante o séc. XVIII. Resumo histórico*, Lisboa, J. Rodrigues & C.<sup>a</sup> Editores, 1935

**COUTINHO**, António Xavier Pereira - "Plantas portuguesas dos herbários de Brotero e de Valorado existentes na Universidade de Lisboa", *Arquivo da Universidade de Lisboa*, vol. III, 1916, pp. 333-379

**COUTINHO**, Manuel Sobral de Campos de Albuquerque de Azevedo - *O Jardim Botânico da Ajuda. História da sua evolução. Estado presente do jardim. Projecto de remodelação* (Relatório final do curso de engenheiro agrónomo e arquitecto paisagista), Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1948

**CRUZ**, Lígia - *Domingos Vandelli - alguns aspectos da sua actividade em Coimbra*, Coimbra, Sep. do Arquivo da Universidade de Coimbra, 1976

**CUNHA**, Lygia da Fonseca Fernandes da - *Notícia histórica da Oficina Tipográfica, Calcográfica e Literária do Arco do Cego*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1976

**CUNHA**, Norberto - "A desdivinização do mundo histórico no século XVIII. A Academia Real da História Portuguesa (1720-1737)", *Diacrítica*, n.º 6, 1991, pp. 249-290

**CURTO**, Diogo Ramada - "D. Rodrigo de Sousa Coutinho e a Casa Literária do Arco do Cego", in *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801). Bicentenário...., ob. cit.*, 1999, pp. 15-49

**D'ALCOCHETE**, Nuno Daupias - *Humanismo e diplomacia. Correspondência literária de Francisco José Maria de Brito com D. Frei Manuel do Cenáculo (1789-1804)*, Paris, Centro Cultural Português da F.C.G., 1976

**DAGET**, Jacques e **SALDANHA**, Luiz - *Histoires naturelles franco-portugaises du XIXe siècle*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação das Pescas, 1989

**DALRYMPLE**, William - *Travels through Spain and Portugal in 1774*, Londres, J. Almon, 1777

**DAWSON**, Warren R. (edição de) - *The Banks Letters. A callendar of the manuscript correspondence of Sir Joseph Banks preserved in the British Museum*, Londres, 1958

**DELGADO**, Manuel Joaquim - "Sisenando Mártir e Beja sua Pátria", *Arquivo de Beja*, vol. III, 1946; vol. IV, 1947; vol. V, 1948; vol. VI, 1949

**DESVALLEES**, André - "Le défi muséologique", Postface a *La Muséologie selon Georges Henri Rivière*, *ob. cit.*, 1989, pp. 345-367

*Diario das cortes geraes, extraordinarias, e constituintes da nação portugueza*, Sessões de 23 de Fevereiro e 10 de Março; 14 e 21 de Julho de 1821; 23 de Fevereiro e 7 de Outubro de 1822

*Diario das cortes da nação portugueza. Segunda legislatura*, t. I, 1823, Sessões de 11 e 16 de Janeiro, pp.426-427; 437-439; 490-496

*Diario das cortes da nação portugueza. Segunda legislatura*, t. II, 1823, p. 209

*Diario do governo*, n.º 209, 3 de Setembro de 1836, p. 1015

**DIAS**, José Sebastião da Silva - "Portugal e a cultura europeia (séc.s XVI a XVIII)", *Biblos*, vol. XXVIII, 1952, pp. 203-498

---- - "Pombalismo e teoria política", in *Cultura. História e Filosofia*, vol. I, 1982, pp. 45-114

---- - "Cultura e obstáculo epistemológico. Do Renascimento ao Iluminismo em Portugal", in *A abertura do mundo. Estudos de história dos descobrimentos portugueses*, vol. I, Lisboa, Editorial Presença, 1987, pp. 41-52

**DIAS**, Graça e J. S. da Silva - *Os primórdios da maçonaria em Portugal*, vol. I, t. II, Lisboa, I.N.I.C., 1980, pp. 421-568

*Dictionary of Scientific Biography*, New York, Charles Scribner's Sons, 1981, 16 vols.

**DIDEROT, D.** - "Cabinet d'Histoire naturelle", in *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, 1751, t. II, pp. 489-492

----- - "Histoire naturelle", *ibidem*, 1765, t. VIII, pp. 225-230

*Dizionario. L'arte (critica e conservazione)*, Milão, Jaca Book, 1996

*Do Terreiro do Paço ao Campo Grande. 200 anos da biblioteca nacional. Exposição*, Lisboa, B.N., 1997

**DOMINGOS, Manuela D.** - "A caminho da real biblioteca pública: dois documentos, 1775-1795", *Revista da Biblioteca Nacional*, 2.ª série, vol. 5, n.º 1, 1990, pp. 139-160

----- - "Para a história da biblioteca da real mesa censória", *Revista da Biblioteca Nacional*, 2.ª série, vol. 7, n.º 1, Janeiro/Junho 1992

----- - "Biblioteca Nacional (Portugal)", in *Historia de las Bibliotecas Nacionales de Iberoamerica: pasado y presente* - ABINIA, México, Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2ª ed.. 1995, pp. 440-497

----- - *Subsídios para a história da biblioteca nacional*, Lisboa, IBL, 1995

----- - "Mercado livreiro no séc. XVIII: mecanismos e agentes", *Barata*, n.º 35, Agosto/Setembro 1995, pp. 29-43

----- - *Livreiros setecentistas*, Lisboa, B. N., 1999 [inédito]

**DOMINGUES, Ângela** - "Viagens científicas de exploração à Amazónia de finais do século XVIII", *Ler História*, n.º 19, 1990, pp.

----- - *Viagens de exploração geográfica na Amazónia em finais do século XVIII: política, ciência e aventura*, Lisboa, Região Autónoma da Madeira, 1991

----- - "As remessas das expedições científicas no norte brasileiro na segunda metade do século XVIII", in *Brasil. Nas vésperas do mundo moderno*, Lisboa, C.N.P.C.D.P., 1992, pp. 87-93

----- - "Um novo conceito de ciência ao serviço da razão de estado: a viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira ao norte brasileiro", in *Viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. Ciclo de conferências*, Lisboa, Academia de Marinha, 1992, pp. 17-32

----- - "Viagens científicas", in *Dicionário de história da colonização portuguesa no Brasil*, (coord. de M. Beatriz Nizza da Silva), Ed. Verbo, 1994, pp. 824-827

**DUMOURIEZ**, Charles François - *État présent du royaume de Portugal, en l'année 1766*, Lausanne, François Grasset, 1775

**DUPUIGRENET-DESROUSSILLES**, François - "Regards et savoirs: images du jardin botanique de l'Université de Padoue au XVI e siècle", *Revue d'Histoire des Sciences et de leurs applications*, t. XLII, n.º3, 1989, pp. 281-291

**DURIS**, Pascal - "L'enseignement de l'histoire naturelle dans les écoles centrales (1795-1802)", *Revue d'Histoire des Sciences et de leurs applications*, t. XLIX, n.º 1, pp. 23-52

**ELIOT**, William Granville - *A treatise on the defence of Portugal*, Londres, T. Egerton, 1811, 2.ª ed.

*Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*, Roma, Istituto Della Enciclopedia Italiana, 1929-1945, 35 vols.

**ERNST**, Wolfgang - "La transition des galeries privées au musée public et l'imagination muséale: l'exemple du British Museum", in *L'anticomanie...*, *ob. cit.*, pp. 155-167

**ESPANCA**, Túlio - "As antigas colecções de pintura da livraria de D. frei Manuel do Cenáculo e dos extintos conventos de Évora", *A Cidade de Évora*, n.º 17-18, 1949, pp. 443-498

----- - "O antigo paço arquiépiscopal de Évora", *A Cidade de Évora*, n.º 25-26, 1951

----- - "Espólio artístico de Cenáculo", *A Cidade de Évora*, n.º 37-38, 1955-1956

----- - *Inventário artístico de Portugal. Concelho de Évora*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1966, vol. I

*Estatutos da Universidade de Coimbra do anno de MDCCLXXII. Livro III que contém os cursos das sciencias naturaes e filosoficas*, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1773

**ESTEVENS**, Manuel dos Santos - *Sinopse cronológica da legislação portuguesa sobre bibliotecas e arquivos (1796-1948)*, Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1949



**FABBRI**, Maurizio - "Literatura de viajes", in Francisco Aguilar Piñal (edição de), *Historia literaria de España en el siglo XVIII*, Madrid, Editorial Trotta/CSIC, s/d, pp. 407-423

**FABIANSKI**, Marcin - "Iconography of the architecture of ideal *museae* in the fifteenth to eighteen centuries", *Journal of the History of Collections*, n.º 2, 1990, pp. 95-134

**FARBER**, P. - "The development of taxidermy and the history of ornithology", *Isis. An international review devoted to the history of science and its cultural influence*, 244/68, 1977, pp. 550-566

**FARIA**, Miguel - "O desenho em viagem", *Oceanos*, n.º 9, Janeiro 1992, pp. 65-73

----- - "Os estabelecimentos artísticos do museu de história natural do palácio real da Ajuda e a viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira", in *Viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. Ciclo de conferências*, Lisboa, Academia de Marinha, 1992

----- - *José Joaquim Freire (1760-1847) desenhador militar e de história natural. Arte, ciência e 'razão de estado' no final do antigo regime*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, (Policopiada), 1996

**FARINELLI**, Arturo - *Viajes por España y Portugal desde la Edad Media hasta el siglo XX*, Roma, Reale Academia d'Italia, 1942-1944, 3 vols.

**FARINHA**, Bento de Sousa - *Colleçam das antiguidades de Evora escriptas por Andre de Rezende, Diogo Mendes de Vasconcellos, Gaspar Estaço, Frei Bernardo de Brito e Manoel Severim de Faria*, Lisboa, Officina de Filippe da Silva e Azev., 1785

**FEEST**, Christian F. - "The Collecting of American Indian Artifacts in Europe, 1493-1750", in *America in European Consciousness, 1493-1750* (Edição de Karen Ordahl Kupperman), Williamsburg, Institute of Early American History and Culture, 1995, pp. 324-360

**FEIJÓ**, João da Silva - "Ensaio económico sobre as ilhas de Cabo Verde em 1797", in *Memórias económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, para o adiantamento*

- da agricultura, das artes, e da indústria em Portugal, e suas conquistas (1789-1815)*, t. V, Lisboa, Banco de Portugal, 1991, pp. 131-147
- - "Memória sobre a fábrica real do anil da ilha de Santo Antão", in *ob. cit.*, t. I, 1990, pp. 293-303
- - "Ensaio politico sobre as ilhas de Cabo Verde para servir de plano á historia filosofica das mesmas. Por João da Silva Feijó, naturalista encarregado por Sua Magestade do exame physico das ditas ilhas", *O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, & do Rio de Janeiro*, n.º 3, Maio e Junho de 1814, pp. 29-54
- - "Memoria sobre a ultima irrupção volcanica do Pico da Ilha do Fogo, succedida em 24 de Janeiro do anno de 1785, observada e escripta, por João da Silva Feijó, naturalista, que foi encarregado, por Sua Magestade, do exame phisico das Ilhas de Cabo Verde", *O Patriota, Jornal Litterario, Politico, Mercantil, & do Rio de Janeiro*, n.º 5, Novembro de 1813, pp. 23-32

**FELNER**, Alfredo de Albuquerque - *Angola. Apontamentos sobre a colonização dos planaltos e litoral do sul de Angola*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1940, ts.I e II

**FERNANDES**, Abílio - "Felix de Avelar Brotero e a sua obra", *Boletim da Sociedade Broteriana*, vol. XIX (2.ª série), 1.ª parte, pp. LIII-LXXVI, Coimbra, 1944

---- - "Desavenças e desditas de Brotero", in *Revista da Faculdade de Ciências*, vol. XIV, pp. 51-91, Coimbra, 1945

----- - "Quatro cartas inéditas de Brotero para o conde da Barca", *Revista da Faculdade de Ciências*, vol. XVI, pp. 90-120, Coimbra, 1947

----- - "O conflito entre Brotero e Monteiro da Rocha", *Anuário da Sociedade Broteriana*, ano XV, 1949, pp. 35-54

----- - "Novos dados sobre os conflitos de Brotero", *Anuário da Sociedade Broteriana*, ano XVI, 1950, pp. 25-51

----- - "Uma carta de Brotero", *Anuário da Sociedade Broteriana*, ano XIX, 1953, pp. 41-48

----- - "Uma carta inédita de Brotero para Correia da Serra", *Anuário da Sociedade Broteriana*, ano XLII, 1976, pp. 37-52

----- - "José Francisco Corrêa da Serra como naturalista", *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*, t. XVIII, 1976, pp. 79-101

----- - "Carta de jubilação de Brotero na cadeira de botânica e agricultura da faculdade de filosofia da universidade de Coimbra", *Anuário da Sociedade Broteriana*, ano XLVI, 1980, pp.19-26

----- - "História do ensino da botânica em Portugal", *Memórias da Academia das Ciências. Classe de Ciências*, t. XXIII, 1980, pp. 203-253

----- - "História da botânica em Portugal até finais do séc. XIX", in *História e desenvolvimento da ciência em Portugal*, ob. cit., vol. II, pp. 851-916

----- - *A Universidade de Coimbra e o estudo da flora e da vegetação dos países africanos de língua oficial portuguesa*, Coimbra, Departamento de Botânica da FCT, 1993

**FERNANDES**, Rogério - *O pensamento pedagógico em Portugal*, Lisboa, Instituto de cultura Portuguesa, 1978

**FERREIRA**, Alexandre Rodrigues - *Viagem filosófica pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Iconografia. Geografia. Antropologia. Zoologia*, 2 vols., Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1971

----- - *Viagem filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias. Zoologia. Botânica*, Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1972

----- - *Viagem filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro e Cuiabá. Memórias. Antropologia*, Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1974

**FERREIRA**, H. Amorim - *Relações científicas entre Portugal e a Grã-Bretanha*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1943

**FERREIRA**, J. Bethencourt - "O museu de historia natural de Lisboa", *Revista de Educação e Ensino*, 1892, nº 6, pp. 261-272 ; nº 8, pp. 342-351; nº 9, pp. 420-427; nº 10, pp.476-480; nº 12, pp. 561-564

----- - "Museu de historia natural. A invasão francesa e Geoffroy Saint-Hilaire. (A propósito dum artigo do professor R. Blanchard)", *Polytechnia*, vol. III, 1907, pp. 189-199

----- - "O Museu da Ajuda e a invasão francesa", *Boletim de Segunda Classe*, vol. V, Academia das Ciências de Lisboa, 1911, pp. 376-380

----- - "A missão de Geoffroy Saint-Hilaire em Espanha e Portugal, durante a invasão francesa, em 1808. Documentos para a história do Museu Nacional de Lisboa", *Boletim de Segunda Classe*, vol. XVII, Academia das Ciências de Lisboa, 1923, pp. 208-227

----- - "Contribuição de estudo sobre a 'Viagem Filosófica' do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira", in *Congresso do mundo português*, vol. XI, Lisboa, Comissão Executiva dos Centenários, 1940, pp. 303-309

**FERREIRA**, João Pedro Rosa - *O jornalismo na emigração. Ideologia e política no 'Correio Braziliense' (1808-1822)*, Lisboa, I.N.I.C., 1992

**FERREIRA**, Maria Teresa de Andrade e Sousa Gomes - *O Palácio do Marquês de Abrantes*, Lisboa, Dissertação do Curso de Conservadores, 1955 (dact.)

**FERREIRA**, Martim Portugal V. - "A mineralogia em Portugal no séc. XIX", in *História e desenvolvimento da ciência em Portugal*, ob. cit., vol. II, pp. 665-709

----- - "O museu de história natural da universidade de Coimbra (gabinete ou secção de mineralogia) desde a reforma pombalina (1772) até à república (1910)", *Universidade(s). História. Memória. Perspectivas. Actas do congresso 'história da universidade'*, vol. 2, Coimbra, 1991, pp. 69-85

**FERREZ**, Gilberto - *Colonização de Teresópolis à sombra do dedo de Deus (1700-1900)*, Rio de Janeiro, Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional, 1970

**FERRO**, Maria José Pimenta - *Catálogo de moedas portuguesas do Gabinete de Numismática da Biblioteca Nacional de Lisboa*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1978

**FIGUEIRÔA**, Silvia F. de M. - "Mundialização da ciência e respostas locais: sobre a institucionalização das Ciências Naturais no Brasil (de fins do séc. XVIII à transição ao séc. XX)", *Asclepio (Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia)*, Madrid, vol. L, Fasc. 2, 1998, pp. 107-123

**FILHO**, V. Correa - *Alexandre Rodrigues Ferreira. Vida e obra do grande naturalista brasileiro*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1939

**FINDLEN**, Paula - *Possessing Nature. Museums, collecting and scientific culture in Early Modern Italy*, Berkley, California University Press, 1996

**FISCHER**, J.-L. - "Chronologie sommaire de la vie et des travaux d'Etienne Geoffroy Saint-Hilaire", *Revue d'Histoire des Sciences*, t. XXV, n° 4, 1972, p. 296

*Florae Fluminensis de Frei José Mariano da Conceição Vellozo. Documentos*, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1961

**FONTES**, Glória Marly - *Alexandre Rodrigues Ferreira (aspectos da sua vida e obra)*, Manaus, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1966

**FOOTE**, George A. - "Joseph Banks (1743-1820)", in *Dictionary of Scientific Biography*, New York, Charles Scribner's Sons, 1981, vol. 1, pp. 433-437

**FOULCHÉ-DELBOSC**, R. - *Bibliographie des voyages en Espagne et en Portugal*, Paris, H. Welter, 1896

**FRANÇA**, Carlos - "Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815). História de um uma missão científica ao Brasil no século XVIII", *Boletim da Sociedade Broteriana*, vol. I, II.ª série, 1922, pp. 65-123

**FRANÇA**, José-Augusto - *Lisboa pombalina e o iluminismo*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1965

---- - *A arte em Portugal no séc. XIX*, vol. I, Lisboa, Livraria Bertrand, 1966

----- - "O Palácio Castelo-Melhor ao Passeio Público", *Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, n.º 11, Setembro 1999, pp. 9-13

**FRANCO**, Matilde Pessoa de Figueiredo Sousa - '*Riscos das obras da Universidade de Coimbra*'. *O valioso álbum da reforma pombalina*, Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro, 1983

**FRANCO Y BEBRINSAEZ**, Anasthasio - "Viaje topografico desde Granada a Lisboa" in Marie-Hélène Piwinik, "Quatre religieux espagnols au Portugal", *Bulletin des*

*Etudes Portugaises et Bresiliennes*, Nouvelle Série, t. 39-40, Institut Français de Lisbonne, 1978-1979, pp. 25-84

**FREYRE**, Gilberto - *Contribuição para uma sociologia da biografia. O exemplo de Luiz de Albuquerque, governador de Mato Grosso no fim do século XVIII*, Lisboa, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1968, 2 vols.

**GAMA**, José Saldanha da - "Biographia do botânico brasileiro José Mariano da Conceição Velloso", *Revista do Instituto Historico, Geographico, e Ethnographico do Brasil*, t. XXXI, 1868, pp. 138-305

**GAMA**, Manuel Jacinto Nogueira da - *Memoria sobre o loureiro cinnamomo vulgo caneleira de Ceylaõ. Para acompanhar a remessa das plantas, que pelas reaes ordens vão ser transportadas ao Brasil*, Lisboa, Na Officina Patriarcal, 1797

**GARCIA**, Maria Madalena A. de Moura, e **MARTINS**, Lígia de Azevedo - *Inventário do Arquivo Histórico da Biblioteca Nacional*, Lisboa, BN, 1996

*Gazeta de Lisboa*, 1715- 1762; 1778-1807

**GERSTNER**, Patsy A. - "John Hill", in *Dictionary of Scientific Biography*, New York, Charles Scribner's Sons, 1981, vol. 5, pp. 400-401

**GIL**, Fernando Bragança - *Museus de ciência - preparação do futuro, memória do passado*, Separata da Revista Colóquio/Ciências, n.º 3, 1988

—— - *Museologia: ciência ou apenas prática do Museu?*, Aula inaugural do Curso de Mestrado em Museologia da F.C.S.H. da Universidade de Lisboa, Texto policopiado, 1993

----- - "Museus de ciência e técnica", in *Iniciação à museologia*, Lisboa, Universidade Aberta, 1993, pp. 247-256

—— - *Museu de Ciência da Universidade de Lisboa. Sua caracterização à luz da museologia das ciências*, Lisboa, Museu de Ciência, 1994

- GIRALDES**, José Firmino da Silva - *Panegyrico historico ao illustrissimo, e excellentissimo senhor D. Rodrigo de Sousa Coutinho, conde de Linhares*, Lisboa, Impressão Regia, 1812
- GOLDSTEIN**, Carl - "Le musée imaginaire de l'Académie aux XVIIe et XVIIIe siècles", in *Les musées en Europe...*, *ob. cit.*, pp. 37-53
- GOMES**, Bernardino António - *Elogio historico do P.e João de Loureiro*, Lisboa, Typographia da Academia, 1865
- GÓMEZ ORTEGA**, Casimiro - *Instrucción sobre el modo más seguro y económico de transportar plantas vivas (1779)*, Madrid, CSIC, 1992
- GORANI**, José - *Portugal. A corte e o país nos anos de 1765 a 1767*, Lisboa, Editorial Ática, 1945
- GOUEIA**, Henrique Coutinho - *Aspectos das relações entre Portugal e Angola no domínio museológico - as viagens de exploração científica setecentistas*, Ed. do Autor, Policopiada, 1991
- - "A evolução dos museus nacionais portugueses. Tentativa de caracterização", *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*, vol. II, Lisboa, I.I.C.T., 1993, pp. 177-198
- - *Museologia e etnologia em Portugal. Instituições e personalidades*, 2 vols, Dissertação de Doutoramento, U. N. Lisboa, 1997
- GRANDE**, José Maria - "Passeios ao Jardim Botânico da Ajuda", *Ilustração. Jornal Universal*, n.º 5 e sgs., Agosto de 1845
- GUEDES**, Maria Estela - "Domingos Vandelli & Agostinho de Macedo", *Sol XXI. Revista Literária*, n.º 12, Março 1995, pp. 3-10
- - "João da Silva Feijó - viagem filosófica a Cabo Verde", *ASCLEPIO. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, vol. XLIX, Fasc. 1, 1997, pp. 131-138
- GUEDES**, Maria Natália Correia - *Museologia e comunicação*, (Dissertação de Doutoramento apresentada à F.C. S.H, da U. N. de Lisboa), 1994, 1.º vol.

----- - " A múmia ptolomaica do Museu Nacional de Arqueologia, memória do Museu de História Natural do Marquês de Angeja", *O Arqueólogo Português*, Série IV, vol. 11/12, 1993-1994 [1999], pp. 367-390

**GUERRA**, Luís de Bivar - *Inventário e sequestro da casa de Aveiro em 1759*, Lisboa, Edições do Arquivo do Tribunal de Contas, 1952

----- - *Inventários e sequestros das casas de Távora e Atouguia em 1759*, Lisboa, Edições do Arquivo do Tribunal de Contas, 1954

**GUSMÃO**, Armando Nobre de - *Catálogo da correspondência dirigida a Fr. Manuel do Cenáculo Vilas-Boas*, 6 vols., Évora, Publicações da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, 1944-1956

**HAMY**, E.-T. - "La mission de Geoffroy Saint-Hilaire en Espagne et en Portugal (1808). Histoire et documents", *Nouvelles Archives du Museum National d'Histoire Naturelle*, 4.<sup>a</sup> série, t. X, pp.1-66, 1908

**HARTMANN**, Claude - "La révolution verte du Siècle des lumières: les deux sociétés savantes orléanaises de la fin de l'Ancien Régime", *Revue d'Histoire des Sciences et de leurs applications*, t. XLIX, n.º 1, 1966, pp. 5-21

**HARTMANN**, Tekla - "Testemunhos etnográficos", in *Memória da Amazônia, ob. cit.*, pp. 107-217

**HASKELL**, Francis - "Introduction" , in *L' anticomanie. La collection d' antiquités aux XVIIIe et XIXe siècles, ob. cit.*, 1992, pp. 11-12

**HAWKER**, Peter - *Journal of a regimental officer during the recent campaign in Portugal and Spain under Lord Viscount Wellington*, Londres, J. Johnson, 1810



**HENRIQUES**, Júlio Augusto - "O jardim botânico da universidade de Coimbra", *O Instituto*, vol. XXIII, 2ª série, Julho/Dezembro 1876, pp. 14-22; 55-64; 107-113  
----- - "José Francisco Correia da Serra. (Apontamentos biográficos e correspondência)", *Boletim da Sociedade Broteriana*, vol. II, II.ª Série, Coimbra, 1923, pp. 83-125

**HERAS PERZ**, Patxi - "El Jardín Botánico: un museo viviente. Una aproximación a la Museología de los jardines botánicos", in *Miscelánea museológica*, Bilbao, Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 1994, pp. 77- 97

*História e desenvolvimento da ciência em Portugal*, 2 vols., Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1986-1987

**HOOYKAAS**, R. - "Introdução à história das ciências", *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra*, vol. XXXII, 1963, pp. 203-389

**HUBNER**, Emílio - *Noticias archeologicas de Portugal*, Lisboa, Tipographia da Academia, 1871

*Instrucção para os viajantes e empregados nas colonias sôbre a maneira de colher, conservar, e remeter os objectos de historia natural arranjada pela administração do R. Museu de Historia Natural de Paris.(...) Augmentada, em notas, de muitas das instruções aos correspondentes da Academia R. das Sciencias de Lisboa, impressas em 1781; e precedida de algumas reflexões sôbre a historia natural do Brazil, e estabelecimento do museu e jardim botânico em a Côte do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Impressão Regia, 1819

**JACKSON**, Patrick N. Wyse - "Geological Museums and their collections: Rich Sources for Historians of Geology", *Annals of Science. The History of Science and Technology*, vol. 56, nº 4, Outubro 1999, pp. 417-431

**JESUS**, Júlio - "Pintura portuguesa do século XVIII. Notícia de alguns quadros animalistas de Bernardino da Costa Lemos, existentes no Museu Zoológico de Lisboa", *O Instituto*, vol. 75, 4ª série, 1928, pp. 628-641

----- - "De alguns artistas do Real Museu da Ajuda", *O Instituto*, vol. 78, 4ª série, 1929, pp. 80-93

**JOBIM**, Leopoldo Collor - "Os jardins botânicos no Brasil colonial", *Bibliotecas, Arquivos e Museus*, vol. 2, n.º 1, Janeiro/Junho 1986, pp. 53-120

----- - "Domingos Vandelli e a revolução francesa", *Revista de História das Ideias*, n.º 10, 1988, pp. 249-264

**JORGE**, Artur Ricardo - "Museus de história natural. Relatório apresentado ao I.º congresso nacional de ciências naturais na sua VIª sessão plenária, em 11 de Junho de 1941", *Arquivos do Museu Bocage*, n.º 12, 1941, pp. 79-112

----- - "A dupla missão - científica e cultural - dos museus de história natural, à luz da biologia e da museologia modernas", *Arquivos do Museu Bocage*, n.º 23, 1952, pp. 125-144

*Jornal de Bellas Artes, ou Mnemosine Lusitana*, n.º X, 1816, pp. 164-166; n.º XXII, 1816, pp. 360-361

*Jornal Encyclopedico*, n.º1, 1779, p. 79

**JOVET**, J. e **MALLET**, M. - "André Thouin", in *Dictionary of Scientific Biography*, 1981, vol. 13, p. 390

**KANT**, Emmanuel - *Le conflit des Facultés (1798)*, Paris, Jean Vrin, 1973

**KOERNER**, Lisbet - "Goeth's botany. Lessons of a feminine science", *Isis. An international review devoted to the history of science and its cultural influence*, vol. 84, n.º 3, Setembro 1993, pp. 470-495

**KULTERMANN**, Udo - *Historia de la historia del arte. El camino de una ciencia*, Madrid, Ediciones Akal, 1996.

**KURY**, Lorelai - "Les instructions de voyage dans les expéditions scientifiques françaises (1750-1830)", *Revue d'Histoire des Sciences*, t. 51, 1998, pp. 65-91

**LA VERGATA**, Antonello - "La storia naturale e le classificazioni", in *Storia della scienza moderna e contemporanea. Dalla rivoluzione scientifica all'età dei lumi*, Turim, UTET, 1988, pp. 779-841

**LAGOS**, Manuel Ferreira - "Elogio historico de Frei J. M. da C. Veloso", *Revista do Instituto Historico, Geographico, e Ethnographico do Brasil*, t. II, 1858, pp. 596-614

**LAISSUS**, Yves - "Catalogue des manuscrits d'Etienne Geoffroy Saint-Hilaire", *Revue d'Histoire des Sciences*, t. XXV, n° 4, P.U.F., 1972, pp. 365-390

---- - "Les voyageurs naturalistes du Jardin du roi et du Muséum d'histoire naturelle: essai de portrait-robot", *Revue d'Histoire des Sciences et de leurs applications*, t. XXXIV, n.°s 3-4, 1981, pp. 259-317

---- - "Les cabinets d'histoire naturelle", in René Taton (dir. de), *Enseignement et diffusion des sciences en France au dix-huitième siècle*, Lisboa, Hermann, 1986

**LAMAS**, Artur - "Medalha commemorativa da instituição da Academia Real da Historia Portuguesa", *O Archeologo Português*, vol. XII, 1907, pp. 52-70

**LAPA**, José Roberto do Amaral - "O tabaco brasileiro no século XVIII. (Anotações aos estudos sobre o tabaco de Joaquim de Amorim Castro)", *Studia*, n.° 29, Abril 1970, pp. 57-144

**LARA**, Luís Filipe de Albuquerque de Sousa - *Parque do Monteiro-Mor*, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, 1978

**LAURENS**, Annie-France - "Les collections et les collectionneurs", in *L'anticomanie. La collection d'antiquités aux 18 e et 19e siècles*, ob. cit., 1992, pp. 16-17

**LE GOFF**, Jacques - "Memória", in *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1 (Memória-História), Lisboa, I.N/C.M., 1984, pp. 11-50

**LEMOS**, D. Francisco de - "Relação geral do estado da Universidade de Coimbra (1777)", in *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa (Classe de Sciencias Moraes, Politicas, e Bellas-Lettras)*, t. VII, Parte I, 1895

**LIMA**, Américo Pires de - *O jardim botânico da Faculdade de Ciências*, Porto, Sep. do Jornal do Centro Universitário, 1949

----- - *O doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1953

----- - "Ainda o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira", *Anuário da Sociedade Broteriana*, ano XX, 1954, pp. 9- 14

**LIMA**, Américo Pires de, e **JÚNIOR**, J. R. Santos - *Cartas inéditas de e para Brotero*, Porto, Instituto de Botânica Dr. Gonçalo Sampaio, 1944

**LINDROTH**, Sten - "Linnaeus", in *Dictionary of Scientific Biography*, 1981, vol.7, pp. 374-381

**LINK**, Heinrich Friedrich - *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799*, Paris, Levrault, Schoell e C.<sup>a</sup>, 1º e 2º ts., 1803, 3º t., 1805

----- - *Flore Portugaise ou description de toutes les plantes qui croissent naturellement en Portugal avec figures coloriées, cinq planches de terminologie et une carte par J. C. de Hoffmanssegg ancien officier aux gardes du corps de Sa Magesté le Roi de Saxe*, Berlim, t. I, 1809, t. II, 1820

**LISBOA**, Baltazar da Silva - *Discurso historico, politico, e economico dos progressos, e estado actual da Filozofia Natural Portugueza, acompanhado de algumas reflexoens sobre o estado do Brazil*, Lisboa, Officina de Antonio Gomes, 1786

**LOLLINI**, Fabrizio - "Gusto", in *Dizionario. L'arte (critica e conservazione)*, ob. cit., pp. 126-127

**LONGO**, Biagio - "Domenico Vandelli e la fondazione del primo orto botanico nel Portogallo", in *Relazione storiche fra l' Italia e il Portogallo - Memorie e documenti*, Roma, Reale Accademia d' Italia, 1940, pp. 403-408

**LOPES**, Maria Margaret - *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*, São Paulo, Editora Hucitec, 1997

**LOUREIRO**, Padre João de - "Memoria sobre huma especie de petrificação animal", in *Memorias de Mathematica e Phisica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, 1799, t. II, pp. 47-55

**LOUSADA**, Maria Alexandre - *Espaços de sociabilidade em Lisboa: finais do século XVIII a 1834*, Lisboa, F.L.Lisboa, Dissertação de doutoramento (Texto policopiado), 1995

**LUCENA**, Armando de - "As quintas dos arredores", *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, nºs 32 e 33, vol. 6º, 1947

**LUGLI**, Adalgisa - *Naturalia et mirabilia. Il collezionismo enciclopedico nelle Wunderkamern d'Europa*, Milão, Mazzotta, 1990

----- *Museologia*, Milão, Editoriale Jaca Book, 1996

**LUSITANO**, Francisco Vieira - *Inventário das pinturas, que em 1758 possuía a casa dos marqueses de Penalva*, Lisboa, Instituto Para A Alta Cultura, 1945

----- *O insigne pintor e leal esposo*, Lisboa, Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1780

**MACAULAY**, Rose - *They went to Portugal*, Harmondsworth, Penguin Books, 1985

----- *They went to Portugal too*, Manchester, Carcanet Press Limited, 1990

**MACEDO**, José Agostinho de - *Os burros ou o reinado da sandice; poema heroico-comico-satyrico en seis cantos*, Paris, Officina de Rignoux, 1827

**MACGREGOR**, Arthur - "Les Lumières et la curiosité. Utilité et divertissement dans les musées de Grande-Bretagne à la fin du XVIIIe siècle", in *Les musées en Europe...*, *ob. cit.*, pp. 493-518

**MACGREGOR**, Neil - "Les problèmes de la création d'un musée national au XVIII<sup>e</sup> siècle en Angleterre", in *Les musées en Europe...*, *ob. cit.*, pp. 415-429

**MACHADO**, José Alberto - *Um colecionador português do século das luzes: D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, Arcebispo de Évora*, Universidade de Évora, Provas de Capacidade Científica e Aptidão Pedagógica (Texto policopiado), 1985

**MAGALHÃES**, Francisco José - *John Cam Hobhouse e Portugal. Diário de viagem - 1809*, Lisboa, Livros Horizonte, 1993

**MALRAUX**, André - "O museu imaginário", in *As vozes do silêncio*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d, pp. 9-124

**MANDROUX-FRANÇA**, Marie-Therese - "La politique artistique européenne du roi Jean V de Portugal en direction de Paris. Sources raisonnées", in *Histoire du Portugal. Histoire européenne* (Actes du Colóque, 1986), Paris, Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural de Paris, 1987, pp. 111-145

**MARCADÉ**, J. - *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas évêque de Beja, archevêque d'Evora (1770-1814)*, Paris, Centro Cultural Português, 1978

**MARCHETTI**, Giuseppe - "Domenico Vandelli e le scienze della terra", in *Domenico Vandelli. Saggio d'istoria naturale del Lago di Como...*, *ob. cit.*, 1989, pp. 63-66

**MARQUÊS DO FUNCHAL**, *O Conde de Linhares. D. Rodrigo de Sousa Coutinho*, Lisboa, Edição do Autor, 1908

**MATOS**, José Sarmiento de - "O Palácio de Castelo Melhor", *Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, n.º 11, Setembro 1999, pp. 15-19

**MELLI**, Gianna - "Un italiano in Portogallo - Domenico Vandelli", *Estudos italianos em Portugal*, pp. 47-52, Lisboa, 1966

**MELO**, Ireneia - "A evolução da Botânica no Museu Nacional de História Natural", *Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Passado/Presente. Perspectivas futuras*, Lisboa, Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, 1987, pp. 271-289

**MELO**, Manuel Pedro de - "Carta e nota do importante donativo de máquinas que fez á Universidade", *Jornal de Coimbra*, vol. XI, n.º LV, Part. I, 1817, pp. 59-61

*Memória da Amazónia. Alexandre Rodrigues Ferreira e a Viagem Philosophica pelas Capitánias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá. 1783-1792 (Catálogo da Exposição)*, Coimbra, Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra, 1991

**MENDES**, António Rosa - "O naturalista Domingos Vandelli. Novos elementos para a sua biografia", *Clio*, vol. 5, 1984-85, pp. 99-105

**MENDES**, João Ribeiro - *Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira - geógrafo. (Ensaio de síntese)*, Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1945

**MENEZES**, D. Francisco Xavier de - *Henriqueida. Poema heróico*, Lisboa, Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741

*Mercurio historico, politico e litterario de Lisboa*, vol. 6, Maio de 1795, pp. 134-135

**MERIGGI**, Marco - "Domenico Vandelli. Vita ed opere", in *Domenico Vandelli. Saggio d' istoria naturale del Lago di Como, della Valsasina e altri luoghi lombardi (1763)*, Milão, Jaca Book, 1989, pp. 13-56

**MOLFINO**, Alessandra Mottola - *Il libro dei musei*, Turim, Umberto Allemandi & C., 1991

**MÓNICA**, Maria Filomena - *O tabaco e o poder*, Lisboa, Cotapo/Quetzal Editores, 1992

- MONTEIRO**, Nuno Gonçalo - *A casa e o património dos grandes portugueses (1750-1832)*, F.C.S.H./U. Nova de Lisboa, Dissertação de doutoramento (Texto policopiado), 1995
- MONTEIRO**, Ofélia Paiva - "No alvorecer do 'Iluminismo' em Portugal: D. Francisco Xavier de Menezes, 4.º Conde da Ericeira", *Revista de História Literária de Portugal*, vol. I, 1962, pp. 191-233
- MORÁN**, J. M. e **CHECA**, F. - *El coleccionismo en España. De la camera de maravillas a la galeria de pinturas*, Madrid, Cátedra, 1985
- MORATO**, Francisco Manuel Trigozo de Aragão - "Elogio historico do excellentissimo e reverendissimo D. Frei Manoel do Cenáculo", in *Historia e memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 1815, t. IV, Parte I, pp. LXII-CVII
- MORAVIA**, Sergio - *Il tramonto dell' Illuminismo. Filosofia e politica nella società francese (1770-1810)*, Roma-Bari, Editori Laterza, 1986
- MOREIRA**, Isabel M. Martins - *Museus e monumentos em Portugal. 1772.1974*, Lisboa, Universidade Aberta, 1989
- MORGANTI**, Bento - *Dissertação historica, e critica*, Lisboa, Na Reg. Offic. Sylviana, 1742
- MOTTE**, Jean - "Pierre-Marie-Auguste Broussonet" in *Dictionary of scientific biography, ob. cit.*, 1981, vol. I, pp. 509-511.
- MURPHY**, James - *Travels in Portugal; through The Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem - Tejo, in the years 1789 and 1790. Consisting of observations on the manners, customs, trade, public buildings, arts, antiquities, etc, of that Kingdom*, Londres, A. Strahan, and T. Cadell Jun. and W. Davies, 1795
- - *A general view of the state of Portugal*, Londres, T. Cadell Jun, 1798



*Les Musées en Europe à la veille de l'ouverture du Louvre*, (dir. de Édouard Pommier), Actas do Colóquio, Paris, Klincksieck, 1995

*La Muséologie selon Georges Henri Rivière*, Paris, Bordas, 1989

NEALE, Adam - *Letters from Portugal and Spain*, Londres, Richard Phillips, 1809

NEVES, José Acúrsio das - *Ao Ill.mo e Ex.mo Senhor Luiz de Vasconcellos e Souza*, Lisboa, Typografia Nunesiana, 1794

----- - *Historia geral da invasão dos francezes em Portugal, e da restauração deste reino*, t. I, Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1810

----- - *Memoria sobre alguns acontecimentos mais notaveis da administração da Real Fabrica das Sedas desde o anno de 1810, e sobre os meios do seu restabelecimento*, Lisboa, Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1821

----- - *Noções historicas, economicas, e administrativas sobre a produção, e manufactura das sedas em Portugal, e particularmente sobre a Real Fabrica do Rato, e suas annexas*, Lisboa, Na Impressão Regia, 1827

NORONHA, D. Francisco de Almeida Beja e - *Analyze das agoas hepithizadas marciaes do lugar de Falla*, Coimbra, Na Real Offic. Da Universidade, 1789

*Noticia biographica do doutor Felix de Avellar Brotéro*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1847

**"Notícia da pelle de uma Phoca offerecida ao Museu da Universidade de Coimbra pelo Conselheiro e Commendador Antonio Fernando Pereira Pinto de Araujo, Abade de Lobrigos, *Jornal de Coimbra*, 1816, vol. IX, n.º XLV, Parte II, pp. 163-165**

NUNES, Maria de Fátima - *Leitura e agricultura. A imprensa periódica científica em Portugal (1772-1852)*, 2 vols., Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Évora, 1994 (Texto policopiado)

**OECHSLIN**, Werner - "Le goût et les nations: débats, polémiques et jalousies au moment de la création des musées au XVIIIe siècle", in *Les musées en europe...*, *ob. cit.*, pp. 365-414

**OLIVEIRA**, João Braz d' - *Uma recordação dos tempos de Junot - a Gazeta d'Almada*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1907

**ORLANDINI**, Attilio Zuccagni - "Delle Scienze fisiche in Portogallo", *Gionale di Scienze ed Arti di Firenze*, t. VI, n.º 16, Maio 1817, pp. 17-48

**OSÓRIO**, Balthazar - "Algumas notas inéditas e pouco conhecidas acerca da vida e obra de Félix d'Avelar Brotero", *Arquivo da Universidade de Lisboa*, vol. V, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1918

----- - "Um capítulo do cerco de Paris. Com uma nota prefácio relativa aos portugueseas, que no século XIX, pelas suas obras científicas se notabilizaram em países estrangeiros", *Jornal de ciencias matemáticas, físicas e naturais*, 3.ª série, t. I, 1918, pp. 161-194

**PAÇO**, Afonso do - "A academia real da história portuguesa e a sua lei de protecção a monumentos arqueológicos", *Anais da Academia Portuguesa Portuguesa da História*, IIª série, vol. 8, 1958, pp. 29- 40

**PAIVA**, Jorge - *Jardins Botânicos. Sua origem e importância*, Coimbra, Sep. de *Munda*, 1981

**PAIVA**, Jorge e **PEREIRA**, Joaquim Thomaz M. - *Um projecto (rejeitado) de Vandelli para o Jardim Botânico de Coimbra*, Sep. do "Encontro sobre o Jardim Português (séc. s. XV a XIX)", Lisboa, Palácio Fronteira, 1989

**PALHINHA**, Ruy Telles - *Domingos Vandelli*, Coimbra, 1945, Sep. da Revista da Universidade de Coimbra, vol. XV

----- - "Obra e vida de Felix de Avelar Brotero", *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*, t. v, 1947, pp. 351-358

*O Panorama. Jornal Litterario e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*, 18 vols., 1837-1868

**PEREIRA**, Joaquim Tomaz Miguel - "A livraria do jardim botânico. Breve percurso da fundação de uma biblioteca universitária", *Universidade(s). História. Memória. Perspectivas. Actas do congresso 'história da universidade'*, vol. 2, Coimbra, 1991, pp. 165-181

**PEREIRA**, Fernando António Baptista - "Le rôle de l'Église dans la formation des premiers musées au Portugal à la fin du XVIII siècle", in *Les musées en Europe à la veille de l'ouverture du Louvre*, Paris, Klincksieck, 1995

**PEREIRA**, Gabriel - "Museus", *O Universo Illustrado*, t. I, 1877, pp. 309-311

----- - *Notas d'Arqueologia*, Évora, Typ. Da Francisco da Cunha Bravo, 1879

----- - *Bibliotheca Publica*, Évora, Minerva Eborensis, 1886 [in *Estudos Eborenses. História e Arqueologia*, 1º vol., Évora, Edições Nazareth, 1947, pp. 107-141]

**PEREIRA**, Hipólito José da Costa - "Memoria sobre a viagem aos Estados-Unidos (1798-1801)", *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, t. XXI, 1858, pp. 351-365

**PEREIRA**, Rui - "Amazónia redescoberta", *Oceanos*, n.º 9, Janeiro 1992, pp. 80-83

**PÉREZ BAYER**, Francisco - "Diario das primeiras viagens que fez pelas terras de Portugal. 1782", *O Archeologo Português*, vol. XXIV, 1920, pp. 108-176

**PESSOA**, José Martins da Cunha - *Analyze das agoas thermais das Caldas da Rainha*, Coimbra, Na Real Officina da Universidade, 1778

**PIGUET**, Philippe - "De la collection en général, et de l'oeil du collectionneur en particulier. Entretien avec Krysztof Pomian", *L'oeil. Magazine international d'art*, n.º 468, 1995, pp. 50-51

PINNA, Giovanni - *Fondamenti teorici per un museo di storia naturale*, Milão, Jaka Book, 1997

*Plano de Estatutos em que convieram os primeiros sócios da Academia das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1780

*Plano dos Estudos para a Congregação dos Religiosos da Ordem Terceira De S. Francisco do Reino de Portugal*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1769

POMIAN, Kriysztof - "Colecção", in *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1 (Memória-História), Lisboa, I.N/C.M., 1984, pp. 51-86

---- - *Collectioneurs, amateurs et curieux. Paris, Venise: XVIe - XVIIIe siècle*, Paris, Galimard, 1987

----- - "Les deux pôles de la curiosité antiquaire", in *L'anticomanie...*, *ob. cit.*, pp. 59-68

----- - "Leçons italiennes: les musées vus par les voyageurs français au XVIIIe siècle", in *Les musées en Europe...*, *ob. cit.*, pp. 335-361

*O Portugal de D. João V visto por três forasteiros* - Lisboa, Biblioteca Nacional, 1989

POULOT, Dominique - "L'invention du musée en France et ses justifications dans la littérature artistique", in *Les musés en Europe...*, *ob. cit.*, pp. 79-110

----- - *Musée, Nation, Patrimoine. 1789-1815*, Paris, Éditions Galimard, 1997

PRATES, Maria Cristina Costa Simões - "Biblioteca Nacional. Evolução de um conceito", *Revista da Biblioteca Nacional*, 2ª série, vol. 1, nº 1, 1985, pp. 251-264

PROENÇA, Álvaro - *Benfica através dos tempos*, Lisboa, União Gráfica, 1964

PROENÇA, Martinho de Mendonça de Pina e - *Apontamentos para a educação de hum menino nobre*, Lisboa, Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734

PROENÇA, Raúl - *A Biblioteca Nacional. Breves noções históricas e descritivas*, Lisboa, Publicações da Biblioteca Naconal, 1918

----- - "Antecedentes e origens da biblioteca nacional de Lisboa", *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vol. III, n.º 11, Julho-Setembro 1922, pp. 154-165

----- - *Guia de Portugal. I Generalidades. Lisboa e arredores*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1924 (edição fac-simile da Fundação C. Gulbenkian, 1979)

**PUERTO SARMIENTO**, Francisco Javier - *La ilusión quebrada. Botánica, sanidad y política científica en la España ilustrada*, Madrid, Serbal/CSIC, 1988

----- - *Ciencia de cámara. Casimiro Gómez Ortega (1741-1818) el científico cortesano*, Madrid, CSIC, 1992

**PUERTO SARMIENTO**, Francisco Javier e **GONZÁLEZ BUENO**, A. - "Política científica y expediciones botánicas en el programa colonial español ilustrado", in *Mundialización de la ciencia y cultura nacional (Actas del Congreso Internacional 'Ciencia, descubrimiento y mundo colonial)*, Madrid, Ediciones Doce Calles, 1993, pp. 331-339

**QUEIRÓS**, Francisco Fortunato - *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras* (Paris, 1818-1822), Porto, Centro de História da Universidade do Porto, 1983

**RACZYNSKI**, A. - *Les arts en Portugal. Lettres adressées a la Société, Artistique et Scientifique de Berlin, et accompagnées de documents*, Paris, Jules Denouard, 1846

**RAMINELLI**, Ronald - "Ciência e colonização - viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira", *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 3, n.º 6, Dez. 1998, pp. 157-182

**RAMOS**, Luís A. de Oliveira - *Para a história do ensino em Portugal. Frei Francisco de S. Luís, professor de matemática*, Sep. da Revista *Bracara Augusta*, t. XXX, Braga, 1976

**RAMOS**, Paulo Oliveira - "Breve história dos museus em Portugal", in *Iniciação à museologia*, Universidade Aberta, 1993, pp. 21-62

**RAMOS**, Rui - "Nas origens da 'lenda negra': as viagens filosóficas do século XVIII português", *Penélope. Fazer e desfazer a história*, n.º 4, 1990, pp. 60-80

RANQUE, H. - *Lettres sur le Portugal*, Paris, Chez Desenne, 1798

RATTON, Jacome - *Recordações sobre ocorrências do seu tempo, de Maio de 1747 a Setembro de 1810*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1920

*O Redactor, ou ensaios periodicos de litteratura, e conhecimentos scientificos destinados para ilustrar a nação portuguesa*, 3 vols., Setembro, Outubro, Novembro, 1803, Lisboa, Na Impressão Regia

REICHARD, Heinrich August Ottokar - *An itinery of Spain and Portugal*, Londres, Samuel Leigh, 1820

*Relatorio e mappas ácerca dos edificios que devem ser classificados monumentos nacionaes apresentados ao Governo pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em conformidade da Portaria do Ministério das Obras Públicas de 24 de Outubro de 1880*, Lisboa, O Panorama, 1881

REMÉDIOS, Mendes dos - "Moedas romanas da Bibliotheca da Universidade de Coimbra", *Archivo Bibliographico da Universidade de Coimbra*, vol. V, 1905, pp. 45 e ss.

"Representação de Domingos Vandelli (...) pedindo um regulamento para o Jardim Botânico", in *Flora Fluminensis. Documentos, ob. cit.*, 1961, pp. 277-278

*Revista Universal Lisbonense. Jornal dos Interesses Physicos, Moraes, e Litterarios por uma Sociedade Estudiosa*, 1841-1859, 13 ts.

REZENDE, Marquês de - "Descrição e recordações históricas do Paço e Quinta de Queluz", *O Panorama*, vol.12, pp. 77-79; 210-214; vol. 14, pp. 1-8

RIBEIRO, José Silvestre - *Historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarchia*, 18 vols., Lisboa, Academia Real das Ciências, 1871-1893

**RIZZI**, Alessandra - "Iconografia del Museo", in *Dizionario. L'arte (critica e conservazione)*, *ob. cit.*, pp. 132-136

**ROCHA**, José Monteiro da - "Apontamentos sobre a viagem litteraria do doutor Manuel Pedro de Mello", *O Instituto. Revista scientifica e litteraria*, vol. XXXVII, 2.<sup>a</sup> série, n.º 4, 1889, pp. 268-271

**RODRÍGUEZ MOHEDANO**, Rafael - "Carta a Fernando José de Velasco" in Marie-Hélène Piwnik, "Quatre religieux espagnols au Portugal", *Bulletin des Etudes Portugaises et Bresiliennes*, Nouvelle Série, t. 39-40, Institut Français de Lisbonne, 1978-1979, pp. 25-84

**ROUSSEAU**, G. S. - "Los libros científicos y sus lectores en el siglo XVIII", in *La ciencia y su público: perspectivas históricas*, *ob. cit.*, pp. 147-224

**RUDERS**, Carl Israel - *Viagem em Portugal (1798-1802)*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981

**SÁ**, José António de - *Compendio de Observações, Que fórmaõ o plano da Viagem Politica, e Filosofica, que se deve fazer dentro da Patria*, Lisboa, Na Officina de Francisco Borges de Sousa, 1783

----- - *Dissertações philosophico-politicas sobre o trato das sedas na Comarca de Moncorvo*, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1787

----- - *Instrucções geraes para se formar o cadastro, ou o mappa arithmetico-politico do reino*, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1801

**SÁ**, Manuel José Maria da Costa e - *Elogio do Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1818

**SACARRÃO**, G. F. - "As origens dos estudos zoológicos portugueses", *Naturália. Revista de divulgação de biologia e história natural*, n.º 1 da 2.ª série, vol. IV, Setembro 1953, pp. 34-51; n.º 2, vol. IV, Dezembro 1953, pp. 78-99

----- - *Museus de história natural - significado nos domínios da investigação e da cultura*, Lisboa, Arquivos do Museu Bocage, 1972

----- - "Pedagogia da evolução e museus de história natural", *Prelo*, n.º 16, Julho/Setembro 1987, pp. 17-37

**SACCARDO**, Pierandrea - "Di Domenico Vandelli e della parte ch' ebbe lo Studio Padovano nella riforma dell'Istruzione Superiore nel Portogallo nel Settecento", in *Atti e Memorie da Real Accademia di Scienze, Lettere et Arti in Padova*, Pádua, vol. XVI, 1899-1900, pp. 71-85

----- - "Della parte ch'ebbe la scienza italiana nella riforma dell'istruzione superiore del Portogallo nel Settecento", in *Atti e Memorie da Real Accademia di Scienze, Lettere et Arti in Padova*, Pádua, vol. XVII, 1900-1901, pp. 35-47

**SAINT-HILAIRE**, Etienne Geoffroy - "Note sur les objects d'Histoire naturelle recuillis en Portugal", *Annales du Muséum d'Histoire Naturelle*, Paris, 1808, pp. 434-438

**SAINT-HILAIRE**, Isidore Geoffroy - *Vie, travaux et doctrine scientifique d' Étienne Geoffroy Saint-Hilaire*, Paris, P. Bertrand, 1847

**SALDAÑA**, Juan José - "Ilustración, ciencia y técnica en América", in *La Ilustración en América Colonial. Bibliografía crítica*, Madrid, CSIC, 1995, pp. 19-53

**SALDANHA**, Nuno - "A pintura em Portugal ao tempo de D. João V (1706-1750)", in *Joanni V Magnifico*, Lisboa, IPPAR, 1994, pp. 21-43

----- - *Poéticas da imagem. A pintura nas ideias estéticas da Idade Moderna*, Lisboa, Caminho, 1995



**SALGADO**, Frei Vicente - *Memorias ecclesiasticas do Reino do Algarve*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1786

**SANCHES**, António Nunes Ribeiro - *Cartas sobre a educação da mocidade*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922

----- - *Metodo para aprender e estudar a medicina, illustrado com os apontamentos para estabelecerse huma universidade real na qual deviam aprender-se as sciencias humanas de que necessita o estado civil e politico*, Paris, 1763, s/e.

**SANTOS**, Maria Emília Madeira - *Viagens de exploração terrestre dos portugueses em África*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1988, 2.<sup>a</sup> ed.

**SANTOS**, Paula Maria Mesquita Leite - *João Allen (1781-1848) - coleccionador e fundador de um museu*, 2 vols., Dissertação de Mestrado na Universidade Nova de Lisboa (Polic.), 1996

**SANTOS**, Piedade Braga, e outros - *Lisboa setecentista vista por estrangeiros*, Lisboa, Livros Horizonte, 1996

**SARMENTO**, Jacob de Castro - *Materia medica. Physico-historico-mechanica. Reino mineral*, Londres, 1735

**SCHAER**, Roland - *L'invention des musées*, Paris, Gallimard/Réunion des Musées nationaux, 1993

**SCHELLER**, Robert W. - "La notion de patrimoine artistique et la formation du musée au XVIIIe siècle", in *Les musées en Europe...*, *ob.cit.*, pp. 111-124

**SCHAW**, Janet - *Journal of a Lady of quality...in the years 1774 to 1776*, New Haven, Yale University Press, 1939

**SCHIEBINGER**, Londa - "Cuando la ciencia era mujer", in *La ciencia y su público: perspectivas históricas*, *ob. cit.*, pp. 71-111

**SEQUEIRA**, Gustavo de Matos - *Depois do terramoto*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1916, 2 vols.

**SERRA**, Abade José Francisco Correia da - "Coup d'oeil sur l'état des sciences et les lettres parmi les Portugais pendant la seconde moitié du siècle dernier", *Archives littéraires de l'Europe*, Paris, 1º vol, 1804, transc. por A. Balbi, *ob. cit.*, t. II, 1822, pp. CCCXXXIII- CCCLVIII

**SERRA**, J. A. - "Acerca de museus de história natural", *Revista Portuguesa de Zoologia e Biologia Geral*, vol. 3, n.º 1/2, 1961, pp. 25-61

**SERRÃO**, J. Veríssimo - *A historiografia portuguesa*, IIIº vol., Lisboa, Verbo, 1974

**SERRÃO**, José Vicente (Introd. e dir. de)- *Domingos Vandelli - Aritmética política, economia e finanças*, Lisboa, Banco de Portugal, 1994

**SILVA**, Andréa Mansuy Diniz (Introd. e dir. de) - *D. Rodrigo de Souza Coutinho. Textos políticos, económicos e financeiros. 1783-1811*, 2 ts., Lisboa, Banco de Portugal, 1993

**SILVA**, D. A. Tavares da - "O cientista luso-brasileiro Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (Notas para o seu estudo)", *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.ºs 3-4 e 5-6, 1947, p. 117-188; 279-357

**SILVA**, Luís Duarte Vilela da - *Observações críticas sobre alguns artigos do Ensaio Estatístico do Reino de Portugal e Algarves publicado em Paris por Adriano Balbi*, Lisboa, Imprensa Régia, 1828

**SILVA**, Manuel Galvão da - *Observações sobre a historia natural de Goa, feitas no anno de 1784*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862

----- - "Relação da viagem feita pelas terras da Manica em 1788", *Boletim e Annaes do Conselho Ultramarino*, n.º 23, Abril 1856, pp. 242-248

**SILVA**, Manuel Teles da - *Historia da academia real da historia portuguesa*, Lisboa, Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727

**SILVA**, Maria Beatriz Nizza da - "A cultura", in *O império luso-brasileiro. 1750-1822*, Lisboa, Editorial Estampa, 1986, pp. 445-498

----- - "A história natural no Brasil antes das viagens do Príncipe Maximiliano", *Oceanos*, n.º 24, 1995, pp. 13-24

**SILVA**, Raquel Henriques da - "O Palácio Castelo Melhor: contexto e projecto inicial", *Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, n.º 11, Setembro 1999, pp. 21-25

**SIMÕES**, Augusto Filipe - "O museu do bispo de Beja", *Archivo Pittoresco*, vol. XI, 1868, pp. 76-78, 108; 168; 237-238; 404

----- - *Introdução á Archeologia da Peninsula Iberica*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1878

**SIMON**, William Joel - *Scientific expeditions in the Portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the Intellectual-Scientific Community of the late Eighteen Century*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1983

----- - "Sir Joseph Banks's Lisbon Journal of 1766: an introduction to the text", *Camões Center Quarterly (Columbia University, New York)*, vols. 6/7, n.ºs 1&2, 1997, pp. 9-20

**SINGERMAN**, Howard - "Storia Culturale", in *Dizionario. L'arte (critica e conservazione)*, *ob. cit.*, pp. 319-322

**SNELDERS**, H. A. - "Heinrich Friedrich Link", in *Dictionay of Scientific Biography*, 1981, vol. 7, pp. 373-374

**SOARES**, Ana Luísa Brito dos Santos de Sousa, e **CHAMBEL**, Teresa Maria Pires Fevereiro - *Jardim Botânico da Ajuda. História/Inventariação/Proposta de Recuperação do Material Vegetal* (Relatório do Trabalho de Fim de Curso de Arquitectura Paisagista), Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1995, vol. 1

- SOARES**, Ernesto - *História da gravura artística em Portugal. Os artistas e as suas obras*, 2 vols., Lisboa, Livraria SamCarlos, 1971
- SOLA**, Tomislav - "What is museology?", *Papers in Museology*, Umea, Umea University, 1992, pp. 10- 19
- SORIANO**, Simão José da Luz - *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal*, 1.<sup>a</sup> época, t. II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1867
- SOUSA**, D. António Caetano de - *Historia genealogica da casa real portugueza*, Lisboa, Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1735-1748, 13 volumes, com mais 6 de *Provas*
- SOUSA**, Luís e **FONSECA**, Nuno - *Estufa. Jardim Botânico. Universidade de Coimbra*, Coimbra, Cadeira de História da Arquitectura Contemporânea da FCTUC, 1993 (dact.)
- SOUTHEY**, Robert - *Journals of a residence in Portugal 1800-1801*, Oxford, Claredon Press, 1960
- Letters written during a journey in Spain and a short residence in Portugal*, Londres, Longman, 1808, 2 vols.
- SPARY**, Emma - "Le Muséum de Paris. Le scapel et l'état. En France, la zoologie devient scientifique en devenant institutionnelle", *La Recherche*, n.º 300, Julho/Agosto 1997, pp. 50-53
- STELLFELD**, Carlos - *Os dois Vellozo: biografias de Frei José Mariano da Conceição Vellozo e Padre doutor Joaquim Vellozo de Miranda*, Rio de Janeiro, 1952
- STOKLER**, Francisco de Borja Garção - "Elogio de Martinho de Mello e Castro", in *Obras de...*, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1805, t. I, pp. 248-282
- "Elogio de D. Thomaz Caetano de Bem", in *Obras de ...*, Lisboa, Academia Real das Sciencias, Lisboa, Na Typographia Silviana, 1826, t. II, pp. 1-25

**STOTHERT**, William - *A narrative of the principal events of the campaigns of 1809, 1810 and 1811, in Spain and Portugal*, Londres, Cathell & Martin, 1812

**SUMMAVIELLE**, Isabel Maria de Araújo Lima Cluny - *D. Luís da Cunha e a ideia de diplomacia em Portugal*, Lisboa, Dissertação de Mestrado apresentada à F.C.S.H. da U.N.L., (Policopiada), 1996

**TEIXEIRA**, António José - "Apontamentos para a biographia de José Monteiro da Rocha", *O Instituto*, vol. XXXVII, 1890, pp. 65-98

**TEIXEIRA**, Dante Martins, **BORNSCHEIN**, Marcos R., e **PORTO**, Marcovan - "Comentários sobre as aves descritas e figuradas durante a 'Viagem Philosophica' de Alexandre Rodrigues Ferreira ao Brasil", *Historia Naturalis*, vol. 1, Julho 1998, pp. 1-56

**TEIXEIRA**, Madalena Bráz - "Os primeiros museus criados em Portugal", in *Bibliotecas, Arquivos e Museus*, 1985, vol. 1, n.º 1, p. 185- 239

----- - *Primórdios da investigação e da actividade museológica em Portugal*, Madrid, Sep. da *Revista de Museología*, 2000

**TERRALL**, Mary - "Les sciences naturelles dans le boudoir", *La Recherche*, n.º 294, Janeiro 1997, pp. 78-82

**TOLLENARE**, Louis-François de - *Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818*, Paris, P.U.F., 1971, 3 ts.

**TORGAL**, Luís Reis - *Universidade, conservadorismo e dinâmica de mudança nos primórdios do liberalismo em Portugal*, (dactilografado), 1986

----- - "Universidade, política, ciência e conflito de faculdades nos primórdios do liberalismo em Portugal", *Estudios de historia social*, n.º s 36-37, madrid, 1986, pp. 39-43

**TORLAIS**, Jean - "Un cabinet d'histoire naturelle français datant du XVIIIe siècle", *Revue d'histoire des Sciences et de leurs applications*, t. XIV, 1961, pp. 87-88

**TRIGOSO**, Sebastião Francisco de Mendo - "Projecto de hum estabelecimento de escolas de agricultura pratica", in *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, T. IV, Parte I, 1815, pp. 58-74

**TWISS**, Richard - *Travels through Portugal and Spain in 1772 and 1773*, Londres, G. Robinson, T. Becket and J. Robson, 1775

**URNESS**, Carol - "Thomas Pennant" in *Dictionary of Scientific Biography*, *ob. cit.*, 1981, vol. 9, pp. 509-510

**VALE**, José de Sá Ferreira Santos do - "Resumo Historico dos Estabelecimentos Scientificos anexos ao Real Palacio de Nossa Senhora da Ajuda. 11 de Agosto de 1834", in Manuel Sobral de Campos de Albuquerque de Azevedo Coutinho, *ob. cit.*, pp. 43-46

**VAN MENSCH**, Peter - *Towards a methodology of museology*, Zagreb, University of Zagreb, 1992 [Endereço do 'Site' na Internet: [www.xs4all.nl](http://www.xs4all.nl)]

**VANDELLI**, Domingos - *Dissertatio de arbore draconis seu dracaena. Accessit Dissertatio de studio historiae naturalis necessario in medicina, economia, agricultura, artibus, & commercio*, Lisboa, Antonium Rodericium Galiardum, 1768

----- - *Fasciculus plantarum cum novis generibus, et speciebus*, Lisboa, Typographia Regia, 1771

----- - *Dissertatio de Monstris*, Coimbra, Typographia Academica Regia, 1776

----- - "Cartas ao Marquês de Angeja e ao Visconde de Vila Nova de Cerveira (3 de Novembro de 1777)", 1818, *Jornal de Coimbra*, vol. XIII, Parte I, pp. 47-50

----- - *Diccionario dos termos technicos de Historia Natural e a Memoria sobre a utilidade dos jardins botanicos*, Coimbra, Na Real Officina da Universidade, 1788

----- - *Florae Lusitanicae et Brasiliensis Specimen et Epistolae ab Eruditis Viris Carolo A. Linné, Antonio de Haen ad Dominicum Vandelli*, Coimbra, Typographia Academica Regia, 1788

----- - "Memória sobre algumas produções naturais deste reino, das quais se poderia tirar utilidade", in *Memórias económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Na Officina da Academia Real das Sciencias, 1789, pp. 135-142

----- - "Memória sobre algumas produções naturais das conquistas, as quais ou são pouco conhecidas, ou não se aproveitam", in *Memórias económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Na Officina da Academia Real das Sciencias, 1789, pp. 187-206

----- - "Memória sobre a necessidade de uma viagem filosófica feita no reino, e depois nos seus domínios" [1796], in *Memórias económicas inéditas (1780-1808)*, (Introd. e notas de José Luís Cardoso), Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1987, pp. 33-36

----- - "Florae, et Faune Lusitanicae Specimen" in *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, t. I, 1797, pp. 37- 84

----- - "Varias Observações de Chimica, e Historia natural", in *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, t. I, 1797, pp. 259-285

**VARALLO**, Franca - "Collezionismo e museo", in *Dizionario. L'arte (critica e conservazione)*, *ob. cit.*, pp. 58-62

----- - "Musei di storia naturale", in *Dizionario. L'arte (critica e conservazione)*, *ob. cit.*, pp. 200-203

----- - "Musei scientifici", *Dizionario. L'arte (critica e conservazione)*, *ob. cit.*, pp. 219-223

**VASCONCELOS**, José Leite de - "Discurso de inauguração do Museu de Cenáculo em Beja em 1791", *O Archeologo Português*, vol. IV, 1896, pp. 283-287

----- - "Da numismática em Portugal", *Arquivo da Universidade de Lisboa*, vol. IX, 1923

----- - "Moedas de ouro de D. João V celebradas em poesia", *O Archeologo Português*, vol. XXVI, 1924, pp. 14-20

----- - "A arqueologia do Baixo Alentejo na obra do bispo pacense, D. frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas", *Arquivo de Beja*, 1946, vol. III, fasc. I e II, pp. 118-127

**VASCONCELOS**, Manuel Rosado Marques de Camões e - *Albuquerque da Beira. Subsídios para a sua genealogia*, Lisboa, s/ed., 1948

VEIGA, Sebastião P. Martins Estácio da - *Antiguidades monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*, vol. IV, Lisboa, Imprensa Nacional, 1891

VELOSO, José Mariano da Conceição - *Memoria sobre a cultura do Loureiro Cinamono, vulgo, Caneleira de Ceilão, que acompanhou a remessa das plantas da mesma feita de Goa para o Brazil pelo Illustrissimo Francisco da Cunha Menezes*, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1798

----- - *Memoria sobre a cultura, e preparação do Girofeiro Aromatico vulgo Cravo da India*, Lisboa, Officina de João Procopio Correa da Silva, 1798

----- - *Naturalista instruido nos diversos methodos antigos e modernos a ajuntar, preparar e conservar as produções dos tres reinos da natureza, colligidos de differentes authores*, Reino Animal I Tomo, Lisboa, 1800

----- - *Instrucções para o transporte por mar de arvores, plantas vivas, sementes, e de outras diversas curiosidades naturaes*, Lisboa, Impressão Regia, 1805

VERNEY, Luís António - *Verdadeiro metodo de estudar para ser util à republica, e à igreja*, Valença, Na Oficina de Antonio Balle, 1746, 2 ts.

"Viagem minerologico-botanica, & de Coimbra a Coja", *Jornal Enciclopedico*, Agosto, Setembro, Outubro e Novembro de 1789, pp. 163-186; 297-328; 3-25; 115-132

VIANA, Abel - "Museu Regional de Beja. Secção Lapidar", *Arquivo de Beja*, vol. I, 1944

----- - "As pedras de Cenáculo", *Arquivo de Beja*, vol. IX, 1952

*Visions of Empire: voyages, botany, and representations of nature*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996

VITERBO, Sousa - *A jardinagem em Portugal. Apontamentos para a sua história*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1908

WINCKELMANN, J. J. - *Historia del arte en la antiguidad*, Barcelona, Editorial Iberia, 1994



WOLFF, Jens - *Sketches and observations taken on a tour of the south of Europe*,  
Londres, W. Wilson, 1801

XAVIER, Cândido José - "Do Conservatório das Artes e Offícios de Paris, e da  
possibilidade de hum Estabelecimento semelhante em Portugal", *Annaes das Sicencias,  
das Artes e das Letras*, Paris, A. Bobée, t. VI, 1819, 1.<sup>a</sup> Parte, pp. 87-107

